

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**JÉSSICA MONTEIRO DA SILVA TAVARES**

**MOBILIDADE ESPACIAL PARA ESTUDO E MUDANÇAS NO  
ESPAÇO DE VIDA DOS ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR DA  
REGIÃO NORTE FLUMINENSE**

VITÓRIA/ES  
2022

**JÉSSICA MONTEIRO DA SILVA TAVARES**

**MOBILIDADE ESPACIAL PARA ESTUDO E MUDANÇAS NO  
ESPAÇO DE VIDA DOS ESTUDANTES DE ENSINO SUPERIOR DA  
REGIÃO NORTE FLUMINENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Geografia, na área de concentração em Estudos Urbanos e Regionais, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aurélio Hermínia Castiglioni.

VITÓRIA/ES  
2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

T231m Tavares, Jéssica Monteiro da Silva, 1991-  
Mobilidade espacial para estudo e mudanças no espaço de vida dos estudantes de ensino superior da Região Norte Fluminense / Jéssica Monteiro da Silva Tavares. - 2022.  
342 f. : il.

Orientadora: Aurélia Hermínia Castiglioni.  
Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Geografia da população. 2. Migração pendular. 3. Migração interna. 4. Mobilidade residencial. 5. Estudantes. 6. Ensino Superior. I. Castiglioni, Aurélia Hermínia. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

---

JÉSSICA MONTEIRO DA SILVA TAVARES

**“MOBILIDADE ESPACIAL PARA ESTUDO E MUDANÇAS  
NO ESPAÇO DE VIDA DOS ESTUDANTES DE ENSINO  
SUPERIOR DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Centro de Ciências Humanas e Naturais, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em Geografia.

Aprovada em 25 de agosto de 2022.

Comissão Examinadora:

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Aurélia Hermínia Castiglioni (UFES)**  
Orientadora e Presidente da Sessão

**Prof. Dr. Ednelson Mariano Dota (UFES)**  
Examinador Interno

**Prof. Dr. Wilson Fusco (FUNDAJ)**  
Examinador Externo

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Érica Tavares da Silva Rocha (UFF)**  
Examinadora Externa

**Prof. Dr. Pablo Silva Lira (IJSN)**  
Examinador Externo



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
AURELIA HERMINIA CASTIGLIONI - SIAPE 99992023  
Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG/CCHN  
Em 26/08/2022 às 14:48

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/549663?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
EDNELSON MARIANO DOTA - SIAPE 2265606  
Departamento de Geografia - DG/CCHN  
Em 31/08/2022 às 07:27

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/552174?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
RAFAEL DE CASTRO CATÃO - SIAPE 1416049  
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGG/CCHN  
Em 12/09/2022 às 16:21

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/558304?tipoArquivo=O>

## AGRADECIMENTOS

Mesmo não sendo usual, gostaria de agradecer a mim mesma, por nunca ter desistido, mesmo naqueles momentos mais difíceis, em que a angústia parecia tomar conta de mim. Decidir erguer a cabeça e seguir adiante foi a melhor escolha. Agora, é só comemorar o resultado. Não foi fácil, mas eu consegui! Sou a primeira da família a cursar o doutorado. Ao mesmo tempo em que me sinto honrada, lamento saber que outros familiares não tiveram acesso a uma educação pública de qualidade como eu tive. Vou lutar para que a realidade de outras famílias seja melhor que essa.

Agradeço à Deus, que me sustentou em todos os momentos, principalmente naqueles dias em que lágrimas caíam e Ele vinha em meu socorro, aquietar meu coração. Toda honra seja dada a Ele, meu auxílio e Deus meu.

À minha filha, Liz, por me mostrar que sou muito mais forte do que pensava e que posso ser muito melhor do que sou.

Luciano, meu marido e melhor amigo, pela paciência e compreensão nos inúmeros momentos de ausência, por se alegrar, sofrer e sonhar junto comigo.

Minha mãe, Gracinha, que me ensinou o valor das pessoas e, apesar de não entender bem o que eu faço, sei tem muito orgulho de mim.

À minha orientadora, Aurélia. Sempre solícita e amorosa, mostrando que eficiência e afeto podem andar juntos. Não sei como seria se não fosse seu apoio.

Érica, pelo apoio direto e indireto com palavras, ações e própria história de vida e trajetória acadêmica. Sem dúvida, é um exemplo para mim.

As títias e vovós, de sangue ou de coração, que cuidaram da minha Liz sempre que eu pedia, para conseguir produzir: Aline, Elza, Grazi, Maria, muito obrigada!

Izadora Ramos, eterna secretária do PPGG, sempre prestativa e dedicada. Você fez e faz muita falta.

Samira, pela ajuda com a Língua Inglesa e pelo carinho de sempre.

Aos colegas e professores que enviaram textos por e-mail mesmo sem me conhecer. Essa solidariedade dentro da academia é revigorante. Entre eles estão: Igor Robaina, José Marcos P. Cunha, Virginia Holanda e Nayana Silva, William Lima, Michel Poulain, Rodrigo Lira, Ricardo Castillo, Gustavo Bastos Braga, Andrea César da Silveira. Cada um de vocês contribuiu com a discussão apresentada neste trabalho.

Às Universidades que contribuíram com o fornecimento de dados e divulgação da pesquisa.



Aos estudantes que responderam ao questionário e a todos que ajudaram com a divulgação on-line. Agradecimento especial aos estudantes que participaram da segunda fase.

Ao professor Gutemberg Hespanha Brasil, do Departamento de Estatística da UFES, pela ajuda com a construção do plano amostral inicial.

À banca de qualificação (Ednelson Dota, Érica Tavares e Pablo Lira) que trouxe contribuições significativas para a melhoria do trabalho, e ao professor Wilson Fusco, que completou com maestria a banca de defesa final. Muito obrigada pela disponibilidade e troca.

Ao grupo de orientandos da professora Aurélia que sempre contribuiu com sugestões durante nossos seminários. Especialmente ao Helio Carreço, pelo auxílio com os mapas e dados na segunda fase da pesquisa.

À UFES, pela possibilidade de estudar e me aprimorar com o curso de doutorado. E também às instituições anteriores pelas quais passei que ajudaram a construir minha trajetória (IFF, UFF, UENF). E viva a Educação Pública!

À direção das escolas em que trabalho, pela tolerância e flexibilidade que tiveram, na medida do possível, em nome do objetivo maior.

À Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC/RJ) pela liberação da licença para estudo pelo período de 12 meses.

À Secretaria de Educação de São João da Barra, por permitir a concentração da carga horária de modo que diminuísse meu deslocamento pendular diário. E pela liberação da licença capacitação no último semestre do curso. Sem dúvidas, ajudou muito.

Minhas grandes amigas Bianca e Meire, pela disponibilidade, cuidado, carinho e torcida de sempre.

Preciso também agradecer as minhas amigas e suas famílias que gentilmente me receberam em suas casas, para que eu pudesse estudar, já que minha casa ficava no interior, com pouca oferta de transporte. Desde o ensino fundamental pude contar com esses anjos: Daiana Pourbaix, Keyth Dutra, Josemeri Gonçalves, Grazieli Monteiro, e principalmente Bianca, Neide e toda a família Duncan que me acolheu como se fosse da família mesmo, como me sinto até hoje. Muito obrigada! Todos vocês fazem parte dessa vitória!

## RESUMO

A mobilidade espacial da população apresenta grande relevância nos espaços urbanos e na dinâmica das cidades. Entre os tipos de mobilidade, destacam-se as migrações e os deslocamentos pendulares. Em que pese a predominância dos movimentos por motivo de trabalho, deslocamentos populacionais para fins de estudo também são relevantes e merecem ser investigados. Nesse sentido, o objetivo geral é analisar de que forma a mobilidade espacial transforma ou provoca alterações no conjunto de lugares que o estudante vivencia e na sua própria experiência, à luz do conceito de espaço de vida. Trata-se da busca por enriquecer o estudo da mobilidade populacional, que resulta em mudanças no espaço de vida dos indivíduos. A partir da criação de tipologias e mapeamento do espaço de vida dos estudantes que se deslocam pelo espaço, a tese pretende contribuir com esforços teóricos e metodológicos para a compreensão do fenômeno e seus reflexos nos indivíduos e no espaço, privilegiando o indivíduo sobre o fluxo. Visto que a geografia de oportunidades varia de uma região a outra e a mobilidade espacial é relevante na composição do espaço de vida dos indivíduos, a partir das relações espaciais desenvolvidas cotidianamente, propõe-se uma abordagem quanti-qualitativa na análise dos deslocamentos populacionais para estudo em áreas não-metropolitanas, analisando quais causas, atores, implicações e significados constroem a mobilidade espacial para estudo. Além dos dados secundários, foi realizada uma pesquisa primária com questionário on-line, devido às restrições impostas pela pandemia, endereçada aos estudantes de graduação do município. Posteriormente, alguns perfis foram selecionados para participar da segunda fase, onde foi feita a descrição, mapeamento e análise de seus espaços de vida. Os resultados foram apresentados por meio de gráficos, tabelas e mapas. O perfil da maioria dos participantes é o seguinte: mulheres (63,6%), com predominância da faixa de 20 a 24 anos (55%), da cor branca (55%), solteiros e sem filhos (77%), com renda mensal familiar de mais de um a três salários mínimos (45,5%), oriundos de escola pública na educação básica (70%). A maioria dos pais não possui ensino superior completo. A residência secundária é utilizada por 20% dos participantes, sendo a maioria de aluguel, contribuindo com a economia do município. O principal motivo do deslocamento entre residência principal e secundária é o estudo para 75% dos participantes. Foram identificados os principais lugares frequentados pelos estudantes em Campos e, para o grupo específico da segunda etapa, foi feito o mapeamento do espaço de vida individual, que refletiu como cada espaço de vida é configurado de acordo com as relações espaciais e vivências atuais e cotidianas dos indivíduos, com seus aspectos particulares, circunstanciais e experienciais. Face às condições objetivas e subjetivas de oportunidades disponíveis, a mobilidade espacial pode ser acionada como uma das estratégias adotadas para acessar essas oportunidades. Além disso, foi possível observar a mobilidade enquanto projeto de vida dos estudantes, envolvendo o desejo de retorno ao local de origem ou uma continuação da situação de mobilidade no futuro. Ou seja, além das questões individuais, deve ser levado em consideração também os aspectos conjunturais, uma vez que há grande relevância da Geografia de Oportunidades para o acesso ao ensino superior.

**Palavras-chave:** Geografia da População. Mobilidade Pendular. Migração. Espaço de Vida. Deslocamentos para estudo. Estudantes de Graduação.

## ABSTRACT

The spatial mobility of the population has great relevance in urban spaces and in the dynamics of cities. Among the types of mobility, migration and commuting stand out. Despite the predominance of movements for work reasons, population displacements for study purposes are also relevant and deserve to be investigated. In this sense, the general objective is to analyze how spatial mobility transforms or causes changes in the set of places that the student experiences and in his own experience, in the light of the concept of living space. It is the search to enrich the study of population mobility, which results in changes in the living space of individuals. From the creation of typologies and mapping of the life space of students who move through space, the thesis intends to contribute with theoretical and methodological efforts to understand the phenomenon and its reflexes in individuals and in space, privileging the individual over the flow. Since the geography of opportunities varies from one region to another and spatial mobility is relevant in the composition of individuals' living space, based on the spatial relationships developed daily, a quantitative-qualitative approach is proposed in the analysis of population displacements for study in non-metropolitan areas, analyzing which causes, actors, implications and meanings build spatial mobility for study. In addition to the secondary data, a primary survey was carried out with an online questionnaire, due to the restrictions imposed by the pandemic, addressed to undergraduate students in the municipality. Subsequently, some profiles were selected to participate in the second phase, where the description, mapping and analysis of their living spaces were carried out. The results were presented through graphs, tables and maps. The profile of most participants is as follows: women (63.6%), with a predominance of the 20 to 24 years old group (55%), white (55%), single and without children (77%), with monthly family income of more than one to three minimum wages (45.5%), coming from public schools in basic education (70%). Most parents do not have completed higher education. The secondary residence is used by 20% of the participants, most of which are rented, contributing to the municipality's economy. The main reason for moving between primary and secondary residence is the study for 75% of the participants. The main places frequented by students in Campos were identified and, for the specific group of the second stage, the mapping of the individual living space was carried out, which reflected how each living space is configured according to spatial relationships and current and daily experiences of individuals, with their particular, circumstantial and experiential aspects. Given the objective and subjective conditions of available opportunities, spatial mobility can be activated as one of the strategies adopted to access these opportunities. In addition, it was possible to observe mobility as a life project of students, involving the desire to return to the place of origin or a continuation of the mobility situation in the future. In other words, in addition to individual issues, conjunctural aspects must also be taken into account, since the Geography of Opportunities is highly relevant for access to higher education.

**Keywords:** Population Geography. Commuting. Migration. Life Space. Study trips. Undergraduate student.

## RÉSUMÉ

La mobilité spatiale de la population gagne *de l'importance* dans les espaces urbains et dans la dynamique des villes. Parmi les types de mobilité, la migration et les déplacements domicile-travail se distinguent. Malgré la prédominance des déplacements professionnels, les déplacements de population à des fins d'études sont également importants et méritent d'être investigués. Ainsi, l'objectif général de ce travail est d'analyser comment la mobilité spatiale transforme ou provoque des changements dans l'ensemble des lieux vécus par l'étudiant et dans sa propre expérience, à la lumière du concept d'espace de vie. Il s'agit d'une recherche pour contribuer à l'étude de la mobilité de la population, qui se traduit par des changements dans l'espace de vie des individus. À partir de la création de typologies et de la *cartographie* de l'espace de vie des étudiants qui se déplacent dans l'espace, la thèse vise à contribuer aux efforts théoriques et méthodologiques pour la compréhension du phénomène et ses effets sur l'individu et sur l'espace, en privilégiant l'individuel par rapport au flux. Étant donné que la géographie des opportunités varie d'une région à l'autre et que la mobilité spatiale est pertinente dans la composition de l'espace de vie des individus, une approche quantitative-qualitative pour l'analyse des déplacements de population dans les zones non métropolitaines est proposée à partir des relations spatiales développées quotidiennement et en analysant quelles causes, acteurs, implications et significations construisent la mobilité spatiale pour l'étude. Une enquête primaire avec questionnaire en ligne a été réalisée à cause des restrictions imposées par la pandémie, adressée aux étudiants de premier cycle universitaire de la municipalité. Par la suite, certains profils ont été sélectionnés pour participer à la deuxième phase, où la description, la cartographie et l'analyse de leurs espaces de vie ont été effectuées. Les résultats ont été présentés sous forme de graphiques, de tableaux et de cartes. Le profil de la plupart des participants est le suivant: femmes (63,6%), âgées de 20 à 24 ans (55%), de couleur blanche (55%), célibataires et sans enfants (77%), avec un revenu familial mensuel de plus d'un à trois *salaires minimum* (45,5 %), provenant des écoles publiques de l'enseignement fondamental (70 %). La plupart des parents n'a pas d'enseignement supérieur complet. La résidence secondaire est utilisée par 20% des participants, la plupart d'entre eux étant locataires, contribuant à l'économie de la municipalité. Le principal motif du déplacement entre résidence principale et résidence secondaire est l'étude pour 75% des participants. Les principaux lieux fréquentés par les étudiants à Campos ont été identifiés et, pour le groupe spécifique de la deuxième étape, la cartographie de l'espace de vie individuel a été effectuée, qui a reflété comment chaque espace de vie est configuré en fonction des relations spatiales et des expériences actuelles et quotidiennes des individus, avec leurs aspects particuliers, circonstanciels et expérientiels. Face aux conditions objectives et subjectives des opportunités disponibles, la mobilité spatiale peut être activée comme une des stratégies adoptées pour accéder à ces opportunités. En outre, il a été possible d'observer la mobilité en tant que projet de vie des étudiants, impliquant le désir de retour au lieu d'origine ou une poursuite de la situation de mobilité à l'avenir. En d'autres termes, en plus des questions individuelles, il faut également tenir compte des aspects conjoncturels, car la géographie des opportunités s'avère très pertinente pour l'accès à l'enseignement supérieur.

**Mots-clés:** Géographie de la population. Mobilité pendulaire. Migration. Espace de vie. Déplacements pour étudier. Étudiants de premier cycle universitaire.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Posição da População na geografia segundo Glenn Trewartha .....	29
Figura 2 - Tipologia dos fenômenos da mobilidade de Gould (2009) .....	47
Figura 3 - O efeito túnel nos sistemas urbanos.....	62
Figura 4 - Esquema de espaço de vida individual .....	77
Figura 5 - Exemplo de esquema detalhado de espaço de vida individual atual .....	78
Figura 6 - Esquema de espaço de vida da metrópole industrial .....	80
Figura 7 - Número de matrículas na educação superior (Graduação e Sequencial) - Brasil - 2007 a 2017 .....	124
Figura 8 - Número de Matrículas em cursos de graduação, por modalidade de ensino (presencial e a distância) - Brasil - 2007 a 2017 .....	124
Figura 9 - Percentual da população com educação superior, por faixa etária - Brasil e OCDE - 2018 .....	127
Figura 10 - Evolução dos indicadores de trajetória dos estudantes no curso de ingresso em 2010 - Brasil - 2019 .....	134
Figura 11 - Pirâmide etária - Região Norte Fluminense - 2000 e 2010.....	136
Figura 12 - Remuneração média nominal (R\$) dos trabalhadores por setor de atividade (IBGE) - Campos dos Goytacazes - 31/12/2019 .....	142
Figura 13 - Cidades com centralidade definida especificamente por deslocamentos para cursar ensino superior - Brasil - 2018 .....	145
Figura 14 - Divisão Regional do estado do Rio de Janeiro em Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas - 2017 .....	147
Figura 15 - Instituto de Educação Superior Aldo Muylaert - Campos dos Goytacazes, RJ - 1967 .....	149
Figura 16 - Colégio Nossa Senhora Auxiliadora - Campos dos Goytacazes, RJ - 1948.....	150
Figura 17 - Distribuição espacial da população de 19 a 29 anos e das instituições de ensino superior na Região Norte Fluminense - 2010/2015.....	154
Figura 18 - Ônibus estudantis estacionados em frente à UENF (vista aérea) – Campos dos Goytacazes - 2019 .....	155
Figura 19 - Ônibus que transportam estudantes estacionados em frente à UENF (vista terrestre) - Campos dos Goytacazes - 2022 .....	156
Figura 20 - Categoria administrativa das IES dos estudantes móveis de nível superior na Região Norte Fluminense - 2010.....	159
Figura 21 - Estudantes móveis de nível superior na Região Norte Fluminense segundo idade e sexo - 2010 .....	160
Figura 22 - Estudantes móveis de nível superior na Região Norte Fluminense segundo cor ou raça - 2010 .....	161
Figura 23 - Estado civil e sexo dos estudantes móveis de nível superior na Região Norte Fluminense - 2010 .....	161
Figura 24 - Rendimento domiciliar <i>per capita</i> em nº de salários mínimos dos estudantes móveis, estudantes residentes e da população total da RNF em julho de 2010 (%) .....	162
Figura 25 - Rendimento domiciliar <i>per capita</i> em nº de salários mínimos dos estudantes de graduação da Região Norte Fluminense por rede de ensino (%) – julho/2010 .....	164
figura 26 - Situação de ocupação por rede de ensino dos estudantes de graduação da Região Norte Fluminense (%) - 2010 .....	164
Figura 27 - Linha do tempo: Ano de criação e IES que ofertou o primeiro curso de cada área - Campos dos Goytacazes/RJ - 2018 .....	172
Figura 28 - IES de estudo - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	177
Figura 29 - Faixa de idade e sexo dos estudantes - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	178

Figura 30 - Cor ou raça dos estudantes - Campos dos Goytacazes - 2021.....	179
Figura 31 - Estado civil e número de filhos - Campos dos Goytacazes - 2021.....	179
Figura 32 - Nuvem de palavras: ocupações dos estudantes de graduação - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	180
Figura 33 - Renda média familiar mensal por IES públicas ou privadas (%) - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	181
Figura 34 - Escolaridade do pai e da mãe dos estudantes - Campos dos Goytacazes - 2021 ..	183
Figura 35 - Tipo de instituição do ensino médio - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	184
Figura 36 - Recebe algum apoio da IES para estudar? - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	185
Figura 37 - Recebe algum tipo de bolsa ou desconto para pagar a mensalidade? - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	186
Figura 38 - Participa de algum programa de financiamento? - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	187
Figura 39 - Três principais motivações para estudar no atual curso superior - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	188
Figura 40 - Meio de transporte diário até a faculdade - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	190
Figura 41 - Tempo gasto até a faculdade diariamente (%) - Campos dos Goytacazes - 2021 ..	191
Figura 42 - Vive em duas ou mais residências (principal e secundária)? (%) - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	192
Figura 43 - Tipo de residência secundária em Campos (%) - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	193
Figura 44 - Tipo de residência principal em Campos (%) - Campos dos Goytacazes - 2021 ..	197
Figura 45 - Frequência de retorno à residência principal - 2021 .....	198
Figura 46 - Principal meio de transporte entre residência principal e faculdade (%) - 2021 ..	200
Figura 47 - Principal responsável pelo custo com transporte (res. principal-IES) - 2021.....	201
Figura 48 - Finalidade principal do deslocamento entre residência principal e área central de Campos - 2021 .....	201
Figura 49 - Três atividades mais realizadas no trajeto casa-faculdade - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	203
Figura 50 - Lugares de campos mais frequentados - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	204
Figura 51 - Serviços mais utilizados em Campos - Campos dos Goytacazes - 2021.....	205
Figura 52 - Serviços que comprometem maior parte da renda mensal - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	206
Figura 53 - Deixou de praticar alguma atividade social após ingressar na faculdade - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	208
Figura 54 - Atividades realizados no período em que o aluno não está na faculdade - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	209
Figura 55 - Dificuldades enfrentadas ao longo do curso - Campos dos Goytacazes - 2021 ..	212
Figura 56 - Diagrama de caixa das distâncias de deslocamento - Categoria diário - abr./2022 .....	229
Figura 57 - Diagrama de caixa das distâncias de deslocamento - Categoria semanal - abr./2022 .....	239
Figura 58 - Diagrama de caixa das distâncias de deslocamento - Categoria quinzenal - abr./2022.....	249
Figura 59 - Diagrama de caixa das distâncias de deslocamento - Categoria mensal - abr./2022 .....	260
Figura 60 - Diagrama de caixa das distâncias de deslocamento - Categoria anual - abr./2022 .....	269
Figura 61 - Diagrama de caixa das distâncias de deslocamento - Categoria especial - abr./2022 .....	278

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização da Região Norte Fluminense e seus municípios - 2019.....	23
Mapa 2 - Localização das universidades públicas e privadas com cursos de graduação presenciais em Campos dos Goytacazes - 2019 .....	25
Mapa 3 - Mapeamento do espaço de vida individual - Jéssica Monteiro - 2018 .....	107
Mapa 4 - Distribuição percentual de pessoas de 25 anos ou mais de idade com ensino superior completo, por Unidade da Federação - Brasil - 2018.....	126
Mapa 5 - Deslocamento para estudo (graduação) na Região Norte Fluminense em direção à Campos dos Goytacazes - 2010.....	157
Mapa 6 - Distribuição espacial do ensino de graduação por níveis de centralidade - Brasil - 2008 .....	175
Mapa 7 - Espaço de vida individual atual registrado - Rouxinol - abr./2022.....	220
Mapa 8 - Espaço de vida individual atual registrado - Sabiá - abr./2022.....	226
Mapa 9 - Espaço de vida individual atual registrado - Curió - abr./2022.....	232
Mapa 10 - Espaço de vida individual atual registrado - Pardal - abr./2022 .....	236
Mapa 11 - Espaço de vida individual atual registrado - Sanhaço - abr./2022 .....	242
Mapa 12 - Espaço de vida individual atual registrado - Trinca-ferro - abr./2022 .....	246
Mapa 13 - Espaço de vida individual atual registrado - Coleiro - abr./2022.....	252
Mapa 14 - Espaço de vida individual atual registrado - João-de-barro - abr./2022 .....	256
Mapa 15 - Espaço de vida individual atual registrado - Canário - abr./2022 .....	262
Mapa 16 - Espaço de vida individual atual registrado - Andorinha - abr./2022.....	266
Mapa 17 - Espaço de vida individual atual registrado - Bem-te-vi - abr./2022 .....	271
Mapa 18 - Espaço de vida individual atual registrado - Beija-flor - abr./2022 .....	275

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Variáveis educacionais e suas possíveis respostas no Censo Demográfico 2010..	93
Quadro 2 - Variáveis referentes à mobilidade e suas possíveis respostas - Censo demográfico 2010 .....	95
Quadro 3 - Quesitos referentes à mobilidade espacial da população, por referências espacial ou temporal nos Censos demográficos brasileiros (1940-2010) .....	98
Quadro 4 - Quantitativo de matrículas por IES (absoluto e percentual) e distribuição da amostra - Campos dos Goytacazes/RJ - 2018 .....	105
Quadro 5 - Distribuição do pré-teste segundo IES, categoria, curso e período - 2020 .....	111
Quadro 6 - Sugestões, ações e observações acerca da elaboração e distribuição dos questionários on-line - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	115
Quadro 7 - Instituições de ensino superior - início de funcionamento (geral e graduação em Campos), por local de origem e fonte das informações .....	152
Quadro 8 - Instituições de ensino superior - início de funcionamento na graduação (geral e em Campos) e cursos iniciais .....	153
Quadro 9 - Cursos de graduação ofertados no município de Campos dos Goytacazes/RJ - 2018 .....	170
Quadro 10 - Dados gerais dos participantes da segunda etapa (mapeamento do espaço de vida) - Campos dos Goytacazes - abril/2022 .....	217
Quadro 11 - Quadro comparativo - Espaço de vida dos participantes - abr./2022.....	284



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Ajustes por sexo - 2022 .....	117
Tabela 2 - Ajustes por instituição - 2022.....	117
Tabela 3 - Ajustes por grupos de idade - 2022 .....	118
Tabela 4 - Pessoas de 25 anos ou mais de idade, por nível de instrução e sexo - Brasil - 2010 .....	127
Tabela 5 - População e área territorial da Região Norte Fluminense e seus municípios - 2010/2019 .....	135
Tabela 6 - População e taxa média geométrica de crescimento anual - Brasil, Região Sudeste, estado do Rio de Janeiro e suas regiões e municípios selecionados - 2000/2010 .....	138
Tabela 7 - Emprego formal por setores de atividade na Região Norte Fluminense - dezembro de 2019 .....	141
Tabela 8 - Percentual da população das concentrações urbanas por tipo intraurbano - Região Norte Fluminense - 2010 .....	148
Tabela 9 - Total de estudantes do ensino superior e deslocamento de estudantes - Região Norte Fluminense e seus municípios - 2010.....	157
Tabela 10 - Estudantes móveis de nível superior da Região Norte Fluminense, segundo ocupação por setor de atividade - 2010 .....	163
Tabela 11 - Financiamento da graduação e tipo de escola de conclusão do ensino médio dos estudantes de graduação de Campos dos Goytacazes - 2018 .....	165
Tabela 12 - Tipo de curso dos estudantes de graduação de Campos dos Goytacazes - 2018 .....	166
Tabela 13 - Turno dos estudantes de graduação de Campos dos Goytacazes (absoluto e percentual) e cursos mais buscados por turno - 2018.....	167
Tabela 14 - Local de nascimento dos estudantes de graduação de Campos dos Goytacazes - 2018 .....	168
Tabela 15 - Quantitativo de matrículas por IES e categoria administrativa (pública e privada) - Campos dos Goytacazes - 2018.....	173
Tabela 16 - Municípios por nº de matrículas no ensino superior – Estado do Rio de Janeiro - 2018 .....	174
Tabela 17 - Estudantes ocupados e não ocupados por localização de residência principal e uso de residência secundária - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	180
Tabela 18 - Faixa de renda por uso de residência secundária - Campos dos Goytacazes - 2021 .....	182
Tabela 19 - Local de nascimento dos respondentes - Campos dos Goytacazes - 2021.....	189
Tabela 20 - Distância aproximada percorrida entre residência principal e faculdade (absoluto e percentual) - 2021 .....	195
Tabela 21- Intervalo de deslocamento por localização da residência principal - 2021 .....	196
Tabela 22 - Permanência aproximada de Rouxinol nos locais de seu espaço de vida - abr./2022 .....	222
Tabela 23 - Matriz de distâncias percorridas entre os pontos do espaço de vida de Rouxinol (km) - abr./2022.....	222
Tabela 24 - Permanência aproximada de Sabiá nos locais de seu espaço de vida - abr./2022 .....	227
Tabela 25 - Permanência aproximada de Curió nos locais de seu espaço de vida - abr./2022 .....	233
Tabela 26 - Permanência aproximada de Pardal nos locais do espaço de vida - abr./2022 ...	237
Tabela 27 - Permanência aproximada de Sanhaço nos locais de seu espaço de vida - abr./2022 .....	243

Tabela 28 - Permanência aproximada de Trinca-ferro nos locais de seu espaço de vida - abr./2022 .....	247
Tabela 29 - Permanência aproximada de Coleiro nos locais de seu espaço de vida - abr./2022 .....	253
Tabela 30 - Permanência aproximada de João-de-barro nos locais de seu espaço de vida durante o mapeamento - abr./2022 .....	258
Tabela 31 - Permanência aproximada de Canário nos locais de seu espaço de vida durante o mapeamento - abr./2022 .....	263
Tabela 32 - Permanência aproximada de Andorinha nos locais de seu espaço de vida durante o mapeamento - abr./2022 .....	267
Tabela 33 - Permanência aproximada de Bem-te-vi nos locais de seu espaço de vida durante o mapeamento - abr./2022 .....	272
Tabela 34 - Permanência aproximada de Beija-flor nos locais de seu espaço de vida durante o mapeamento - abr./2022 .....	276
Tabela 35 - Medidas de tendência central e de dispersão de cada participante - abr./2022 ...	280
Tabela 36 - Número de lugares citados em cada classe (abs. e percentual) - abr./2022 .....	282

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais  
ABI - Área Básica de Ingresso  
AJA - Alfabetização de Jovens e Adultos  
ALAP - Associação Latino-Americana de População  
BID - Banco Interamericano de Desenvolvimento  
CA - Classe de Alfabetização  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CIPD - Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento  
CPC - Conceito Preliminar de Curso  
CREDUC - Programa de Crédito Educativo  
DF - Distrito Federal  
EAD - Educação a Distância  
EGAL - Encontro de Geógrafos da América Latina  
EJA - Educação de Jovens e Adultos  
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio  
ESR - Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional  
FABERJ - Faculdade Batista do Estado do Rio de Janeiro  
FIES - Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior  
FMC - Faculdade de Medicina de Campos  
GPS - Sistema de Posicionamento Global  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IES - Instituição de Ensino Superior  
IFF - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense  
IGC - Índice Geral de Cursos  
INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira  
INSS - Instituto Nacional do Seguro Social  
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada  
ISECENSA - Institutos Superiores de Ensino do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora  
ISEPAM - Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert  
IUSSP - União Internacional para o Estudo Científico da População  
LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
MEC - Ministério da Educação

MP - Medida Provisória  
NEET - *Neither Employed nor in Education or Training*  
NF - Norte Fluminense  
OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico  
ODS - Objetivo de Desenvolvimento Sustentável  
OMS - Organização Mundial da Saúde  
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios  
PNE - Plano Nacional de Educação  
POF - Pesquisa de Orçamentos Familiares  
PROUNI - Programa Universidade para Todos  
REDENTOR - Sociedade Universitária Redentor  
REGIC - Região de Influência das Cidades  
REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais  
RJ - Rio de Janeiro  
RMSP - Região Metropolitana de São Paulo  
RN - Rio Grande do Norte  
SIDRA - Sistema IBGE de Recuperação Automática  
SISU - Sistema de Seleção Unificada  
SM - Salário Mínimo  
SPSS - *Statistical Package for the Social Sciences*  
STF - Supremo Tribunal Federal  
UCAM - Universidade Cândido Mendes  
UENF - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro  
UF - Unidade da Federação  
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo  
UFF - Universidade Federal Fluminense  
UFERJ - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
UNESA - Universidade Estácio de Sá  
UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas  
UNIFLU - Centro Universitário Fluminense  
UNIVERSO - Universidade Salgado de Oliveira

## SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	18
1 INTRODUÇÃO.....	21
2 ASPECTOS CONCEITUAIS .....	28
2.1 Inter-relações entre geografia da população e demografia.....	28
2.2 Mobilidade Espacial da População: Migrações e Deslocamentos Pendulares.....	37
2.3 Espaço de Vida.....	70
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	88
3.1 Fonte de dados: O Censo da Educação Superior (INEP).....	89
3.2 Fonte de dados: O Censo Demográfico (IBGE).....	90
3.3 Pesquisa primária.....	99
3.3.1 Pesquisas por amostragem.....	100
3.3.2 Amostragem por Conglomerados.....	102
3.3.3 Tamanho mínimo da amostra e visão geral.....	104
3.3.4 Pesquisa on-line.....	108
3.3.5 Pré-teste.....	110
3.3.6 Aplicação do questionário.....	113
3.3.7 Ajustes amostrais.....	116
3.3.8 Mapeamento do Espaço de Vida.....	118
4 EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL E AS ESPECIFICIDADES DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE.....	121
4.1 Educação Superior no Brasil.....	121
4.2 Caracterização da área de estudo.....	134
4.2.1 Aspectos econômicos: breves apontamentos.....	138
4.2.2 Centralidade, Deslocamentos e Tipologias: Classificações do IBGE.....	143
4.3 Oportunidades Educacionais.....	148
4.3.1 Histórico de instalação das IES.....	149
4.3.2 Deslocamento para estudo.....	153
4.3.3 Perfil dos estudantes (dados secundários).....	158
4.3.4 Tipos de cursos oferecidos.....	168
4.3.5 Matrículas, centralidade e especialização.....	173
5 DESLOCAMENTO DOS ESTUDANTES E SEUS ESPAÇOS DE VIDA.....	177
5.1 Primeira etapa: Análise dos questionários.....	177
5.1.1 Perfil dos participantes.....	177
5.1.2 Trajetória familiar e escolar.....	182
5.1.3 Naturalidade, local de residência e deslocamentos.....	189
5.1.4 Relação com a cidade e a vida social.....	203
5.2 Segunda etapa: mapeando os espaços de vida individuais.....	213
5.2.1 Categoria diária.....	217
5.2.1.1 Espaço de vida de Rouxinol.....	217
5.2.1.2 Espaço de vida de Sabiá.....	223
5.2.1.3 Comparações (participantes diários).....	228
5.2.2 Categoria semanal.....	229
5.2.2.1 Espaço de vida de Curió.....	229
5.2.2.2 Espaço de vida de Pardal.....	234
5.2.2.3 Comparações (participantes semanais).....	238
5.2.3 Categoria quinzenal.....	239
5.2.3.1 Espaço de vida de Sanhaço.....	239

5.2.3.2 Espaço de vida de Trinca-ferro.....	244
5.2.3.3 Comparações (participantes quinzenais) .....	248
5.2.4 Categoria mensal .....	249
5.2.4.1 Espaço de vida de Coleiro .....	249
5.2.4.2 Espaço de vida de João-de-barro .....	254
5.2.4.3 Comparações (participantes mensais) .....	258
5.2.5 Categoria anual .....	260
5.2.5.1 Espaço de vida de Canário.....	260
5.2.5.2 Espaço de vida de Andorinha .....	264
5.2.5.3 Comparações (participantes anuais) .....	268
5.2.6 Categoria especial.....	269
5.2.6.1 Espaço de vida de Bem-te-vi .....	269
5.2.6.2 Espaço de vida de Beija-flor.....	273
5.2.6.3 Comparações (participantes especiais).....	277
5.2.7 Análise comparativa geral .....	278
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	285
REFERÊNCIAS .....	293
APÊNDICE .....	314

## PREFÁCIO

Chegar ao final desse longo caminho que foi o doutorado merece não somente a entrega do texto que segue. Cabe um breve relato sobre a motivação para o desenvolvimento do tema, uma reflexão do ponto de vista de quem escreve, afinal, saber qual é meu lugar de fala contribui para a compreensão de meu ponto de vista. Desse modo, é com muita alegria, orgulho e gratidão que compartilho brevemente minha trajetória acadêmica e pessoal, ciente de que, o que sou e estou me tornando hoje, é fruto dos caminhos trilhados ao longo da vida.

Nasci na zona rural do município de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro, onde morei com minha família até os 19 anos. Minha mãe, pessoa humilde, que estudou somente até a antiga 3ª série, me criou praticamente sozinha. Meu pai faleceu vítima de derrame cerebral quando eu tinha dois anos de idade. Meus irmãos tinham 19, 15, 11 e 5 anos. Foi uma infância difícil, mesmo assim, nunca deixei de ir à escola e agradeço muito a minha família por isso. Via minhas irmãs saindo cedo para estudar e queria ir também. Sabia que a educação poderia transformar minha vida. E transformou.

Aos 15 anos comecei a cursar o ensino médio no então CEFET (atual Instituto Federal Fluminense), no centro da cidade. Começou aí minha relação com a mobilidade para estudo. Fui incentivada por minha irmã e por amigos, mesmo diante do receio da minha mãe em me deixar estudar tão longe de casa (40 km). Ela não entendia o porquê de eu querer estudar naquela escola distante, não conhecia as oportunidades que eu poderia ter lá, mas apesar disso, nunca me limitou. Nessa Instituição cursei ensino médio, ensino técnico, cursos de idiomas, participei de projetos de pesquisa e extensão, trabalhei em diversos tipos de bolsas e cursei minha graduação (Licenciatura em Geografia) entre 2009 e 2013. Sempre estudei em instituições públicas e tenho muito orgulho disso. Fez diferença em minha vida. Por essa razão, luto e defendo a manutenção e ampliação da educação pública e de qualidade, sempre.

A vivência em residência principal e secundária se fazia presente desde minha adolescência, já que, para conseguir estudar e trabalhar, optei pelo curso noturno e tive que morar durante a semana na cidade, pois o último ônibus para minha localidade saía da rodoviária às 18h. Durante o curso técnico e a faculdade, morei um tempo de aluguel com minha irmã e passei outro bom tempo dormindo na casa de uma grande amiga. Voltava para casa, no interior, aos finais de semana. Casei-me em 2010, aos 19 anos com quem sou casada até hoje, meu companheiro de vida, Luciano, com quem moro em um bairro próximo à área central, desde então.

Antes mesmo de concluir a graduação, fui convocada no concurso público de um município da região para atuar como professora. Percorria os 180 km entre o local de trabalho e minha residência (ida e volta) três vezes por semana. Assumi a vaga em 2013, me afastei em 2014 já que havia conseguido bolsa de estudos da CAPES para me dedicar ao Mestrado em Geografia que havia começado na UFF. Foram dois anos intensos e de muito aprendizado. Em 2015, voltei ao IFF, mas dessa vez para atuar como professora substituta no município de Quissamã, distante cerca de 80 km de casa. No mesmo ano assumi cargo por meio de concurso na Secretaria de Estado de Educação, como professora de geografia no ensino fundamental e médio, com uma carga horária de 30h semanais, em Campos mesmo. Em 2016, assumi cargo em outro concurso, agora da Prefeitura Municipal de São João da Barra (município vizinho), como professora de geografia do ensino fundamental, com carga horária de 18h semanais, percorrendo 74 km, três vezes na semana. Os deslocamentos, portanto, sempre foram necessários em minha vida, seja para trabalho ou para estudo.

O interesse pelo estudo do tema surgiu durante a faculdade, a partir do 5º período, durante as aulas da disciplina Dinâmica da População Mundial, que abordava temas da Geografia da População. Senti uma grande afinidade com essa área da geografia, que se intensificou no 6º período com aulas de Dinâmica da População Brasileira. Decidi que meu TCC seria sobre algum aspecto das migrações.

Em determinado momento tive acesso a um trabalho sobre desenvolvimento regional e movimento pendular na Região Norte Fluminense, que abordou aspectos da mobilidade para trabalho e estudo, usando microdados da amostra do censo. Encantei-me com a abordagem e a maneira de usar dados para analisar os fenômenos da vida cotidiana e percebi que havia uma certa carência de estudos específicos sobre mobilidade para estudo. Além disso, diante das dificuldades que meus colegas de turma de outros municípios enfrentavam para estudar e da minha própria dificuldade que, mesmo estando dentro dos limites do município, sentia fortemente os efeitos da mobilidade para estudo no meu espaço de vida, resolvi estudar a mobilidade, investigando especificamente os deslocamentos para fins de estudo.

Ingressei no curso de Doutorado em Geografia na UFES em março/2017. Desde então, tenho me dedicado às atividades acadêmicas inerentes ao curso e ao título que almejo. A UFES, localizada em Vitória/ES, dista aproximadamente 260 km do meu município de residência. Durante os três primeiros semestres as viagens eram semanais, às vezes fazia o movimento pendular diário, às vezes pernoitava em Vitória. Foi um período difícil, pois além de conciliar o curso e suas demandas com a grande carga horária de trabalho, ainda precisava lidar com o cansaço e tempo perdido durante as viagens de cerca de 4h por trajeto, o que me



fazia vivenciar diretamente o “efeito túnel”. Digo tempo perdido pois assim o era, já que sinto náuseas quando tento estudar em movimento. Não consigo nem usar o celular como “ferramenta para aproveitar o tempo perdido”, temas que são discutidos no capítulo dois da tese. De certa maneira isso foi bom, pois me obrigava a descansar, o que era necessário também já que na grande maioria das vezes as viagens eram de madrugada, impossibilitando o sono em casa. Portanto, assim era utilizado o meu “tempo imposto”, improdutivo, mas benéfico, diante das circunstâncias.

O grande ponto negativo de todo o processo foi a conciliação com a carga horária semanal de trabalho, que me impedia de dedicar mais tempo à pesquisa, como gostaria. A literatura em idioma até então nunca estudado (francês) foi outro desafio. Além disso, meu próprio objeto de estudo, a mobilidade espacial para fins educacionais, foi outro fator dificultador, uma vez que resido em outra UF, fato que, por questões de tempo e custo, impedem minha participação em disciplinas, grupos de estudos, eventos, cursos e minicursos oferecidos pela UFES, além de diminuir a frequência de contato com os professores e laboratórios. Porém, essa lacuna é suprida, de certa maneira, pelas instituições presentes na minha cidade, que dispõem de laboratórios, bibliotecas, eventos e professores de qualidade.

Outra grande dificuldade foi a necessidade de alteração da metodologia às vésperas de iniciar a pesquisa de campo. Devido às condições de isolamento impostas pela pandemia, não foi possível realizar as entrevistas presenciais, como estava previsto, sendo necessário substituí-las por questionários on-line. Sempre quis fazer uma pesquisa primária presencial de porte, representativa, mas ainda não foi possível. Quando tudo parou, em março/2020, ficamos um tempo aguardando para saber quando as aulas retornariam, mas depois percebemos que seria necessária uma adequação na metodologia para realizar a pesquisa. Essa necessidade de mudança de planos me deixou paralisada por um período, já que toda a metodologia para a pesquisa presencial estava pronta e com grande expectativa. Porém, com as leituras sobre o assunto e o apoio da orientadora, foi possível buscar alternativas viáveis.

Em meados do ano de 2020, diante de toda apreensão e incerteza causadas pela pandemia, uma notícia trouxe ao mesmo tempo preocupação e alegria: um bebê estava a caminho! Esse foi o último e o maior desafio que enfrentei para concluir o doutorado. Escrever uma tese e cuidar de uma bebê que demanda atenção e presença a todo momento não é uma tarefa fácil, principalmente para quem, como eu, gosta tanto de se dedicar ao que se propõe. Agora, tenho outro grande motivo e tema para minhas leituras: o mundo materno-infantil. Minha Liz chegou para evidenciar que nem sempre as coisas vão sair como o planejado, mas que o imprevisível pode ser incrível.

## 1 INTRODUÇÃO

A mobilidade espacial da população é de fundamental relevância na compreensão do espaço urbano atual, envolvendo tanto mudanças na localização da residência, entendidas como migração, quanto os deslocamentos frequentes pelo espaço, chamados de deslocamentos pendulares, que são influenciados por diversos elementos da estrutura urbana. A maior parte dos enfoques teórico-metodológicos vinculados ao estudo das migrações é centrada na questão econômica e laboral, porém, os deslocamentos temporários para estudo, ou seja, aqueles que ocorrem cotidianamente ou com certa frequência, com retorno ao local de origem, também merecem destaque na dinâmica populacional.

A temática da mobilidade desperta o interesse tanto de pesquisadores quanto de não especialistas, uma vez que retrata fenômenos extremamente relevantes para a estrutura e dinâmica urbana das cidades e, ao mesmo tempo, é vivenciada diariamente pela população, de maneira direta ou indireta. A distribuição espacial da população cada vez mais ganha papel de destaque nos estudos populacionais, não somente na geografia, mas também em outras áreas. Marandola JR. (2011) trabalha com a aproximação entre geografia e demografia a partir do conceito de espaço de vida (COURGEAU, 1988), associando dados quantitativos e qualitativos na mensuração do fenômeno. Robette (2012) também afirma que o conceito de espaço de vida é comum entre geografia e demografia. Sou geógrafa, mas tenho grande apreço pela demografia e seus métodos. Sendo assim, este trabalho não poderia deixar de trazer uma abordagem que aproximasse essas duas grandes ciências.

Apesar do assunto básico do campo de conhecimento da geografia da população (e da demografia) ser tão antigo quanto a própria humanidade, como expressou Zelinsky (1974, p.10), “os fatos e as técnicas indispensáveis ao seu estudo só recentemente se tornaram acessíveis”. O presente trabalho, portanto, visa, utilizando dados, técnicas e aporte teórico, analisar a mobilidade espacial de estudantes do ensino superior a partir das modificações de seu espaço de vida, compostos pelo conjunto de lugares com os quais o indivíduo se relaciona. O recorte espacial analisado é a Região Norte Fluminense, principalmente o município de Campos dos Goytacazes<sup>1</sup>, a partir de 2010, período em que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou informações específicas sobre o fenômeno, o que facilitou sua mensuração e análise.

---

<sup>1</sup> Ao longo do trabalho podemos nos referir ao município de Campos dos Goytacazes apenas pelo seu primeiro nome: Campos.

O conceito de espaço de vida, que envolve todos os lugares onde os indivíduos realizam suas atividades cotidianas, articulando população e espaço, apresenta-se enquanto uma alternativa para repensar modelos teóricos tradicionais que analisam a mobilidade da população. Sendo assim, todo deslocamento que envolve mudança de espaço de vida, deve ser considerado. No nosso caso, os deslocamentos para estudo, mesmo que intramunicipais, envolvem múltiplas dimensões do cotidiano dos indivíduos e acabam alterando o espaço de vida individual, portanto, são analisados.

Nesse sentido, a perspectiva teórica do espaço de vida no contexto da mobilidade populacional para estudo será abordada nesse trabalho, indo além das tradicionais análises de origem-destino, identificando nas atividades cotidianas dos estudantes a conformação de seus espaços de vida, a partir de uma pesquisa primária. O conceito de geografia de oportunidades também será acionado para analisar os aspectos objetivos e subjetivos do processo de tomada de decisão dos estudantes. Nessa perspectiva, o trabalho se constitui a partir dos aportes teóricos e metodológicos da geografia da população e da demografia.

O objetivo geral é analisar de que forma a mobilidade espacial transforma ou provoca alterações no conjunto de lugares que o estudante vivencia e na sua própria experiência, à luz do conceito de espaço de vida. Trata-se da busca por enriquecer o estudo da mobilidade populacional, que resulta em mudanças no espaço de vida dos indivíduos.

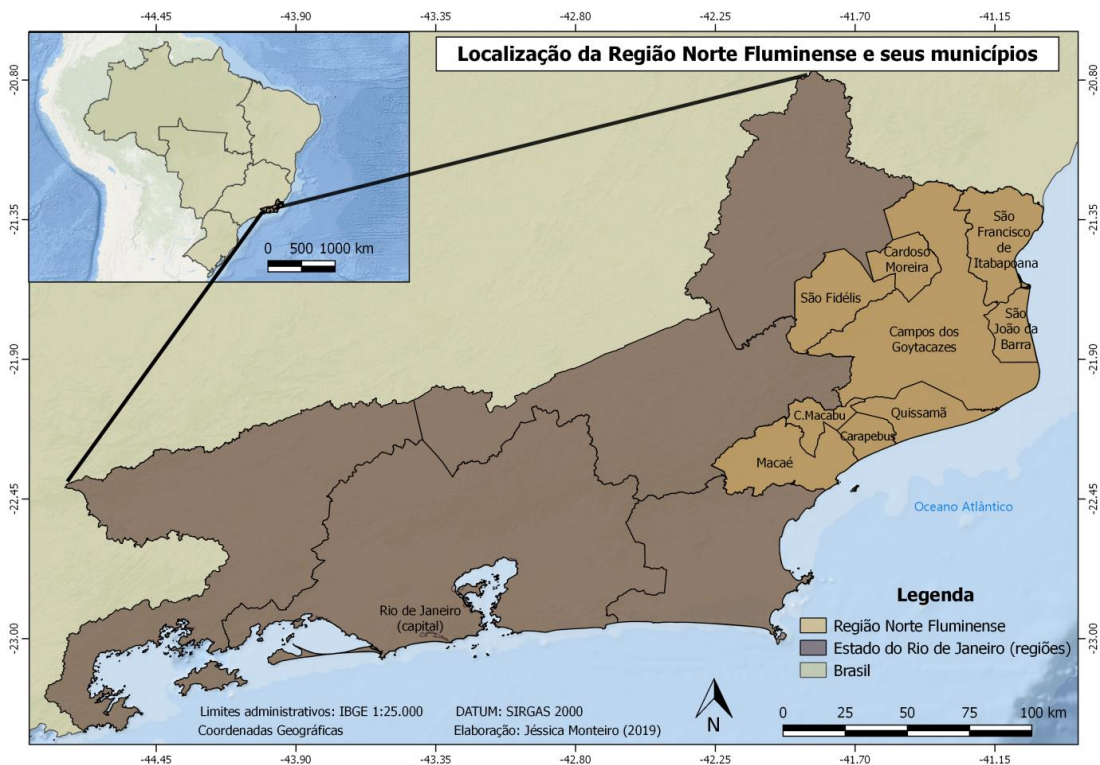
Como objetivos específicos decorrentes desse objetivo geral e contribuindo para sua problematização, pretende-se também: I. Quantificar os fluxos de estudantes; II. Identificar o perfil sociodemográfico atual dos estudantes; III. Caracterizar o espaço de vida dos estudantes (tipos de residências, frequência e tempo de deslocamento, tipo de transporte utilizado, atividade laboral, influência da família, utilização de restaurante e/ou alojamento universitários, utilização do espaço urbano); IV. Identificar as repercussões da mobilidade impressas no espaço de vida dos estudantes; V. Criar uma tipologia dos espaços de vida a partir da perspectiva temporal do deslocamento, categorizando-os em: diário, semanal, quinzenal, mensal, anual, especial; VI. Mapear o espaço de vida individual atual de alguns estudantes selecionados.

Entre questões levantadas a respeito do objeto, destacam-se: I. Quais aspectos objetivos e subjetivos estão relacionados à mobilidade espacial para estudo? II. Quais as repercussões da mobilidade impressas no espaço de vida dos estudantes? III. Qual é o perfil desses estudantes? IV. Existe seletividade socioeconômica nos fluxos pendulares e migratórios? V. O que mais interfere na tomada de decisão é a geografia objetiva ou subjetiva

de oportunidades? VI. É possível elaborar uma tipologia para o espaço de vida desses estudantes? VII. É possível identificar reflexos da mobilidade na cidade de destino?

O recorte espacial deste trabalho, a Região Norte Fluminense (Mapa 1), tem experimentado intensas modificações socioeconômicas e demográficas nas últimas décadas, principalmente após a década de 1970, com a descoberta e exploração de petróleo na bacia de Campos, que é responsável por grande parte da produção nacional de petróleo. A atividade petrolífera dinamizou a região, modificando sua estrutura, gerando oferta e demanda de empregos e serviços, gerando riquezas, em grande parte devido ao recebimento de recursos financeiros advindos de *royalties* e participações especiais que os municípios impactados direta e indiretamente pela produção e exploração de petróleo e gás recebem.

MAPA 1 - LOCALIZAÇÃO DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE E SEUS MUNICÍPIOS - 2019



FONTE: BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

O município de Campos dos Goytacazes historicamente era considerado o centro de maior relevância na região, no entanto perde importância a partir da instalação da sede oficial do setor petrolífero a 113 km (entre as sedes), no município de Macaé, onde está localizada a base operacional da Petrobrás. Para se ter uma dimensão, a população residente em Macaé em 1970, de acordo com o IBGE [s.d.] era de 65.318 moradores, sendo que 60,9% deles residiam na área urbana. Em 2010, o número de habitantes saltou para 206.728, com 98,1% deles

residindo na área urbana do município. Cabe também ressaltar o crescimento exponencial do município de Rio das Ostras, limítrofe a Macaé, que de acordo com o IBGE foi a cidade que mais cresceu no Brasil, de 2000 para 2010, com uma taxa de crescimento de 11,24% ao ano, muito influenciada pela dinâmica do setor petrolífero.

Portanto, o adensamento populacional de Macaé, com a conseqüente valorização do solo urbano tem estendido os efeitos da indústria petrolífera para os municípios limítrofes, produzindo intensos fluxos populacionais entre os municípios da região, principalmente em virtude da oferta de trabalho e das possibilidades de qualificação para suprir essa demanda. O IBGE identificou esse intenso deslocamento populacional, para trabalho e estudo, destacando que os Arranjos Populacionais Campos dos Goytacazes/RJ e Macaé - Rio das Ostras/RJ são casos especiais a serem observados, diante do grande volume de deslocamentos. O fluxo diário de deslocamentos entre esses arranjos foi de 9.010 pessoas, menor apenas que os arranjos entre Rio de Janeiro/RJ e São Paulo/SP (13.530), Macaé - Rio das Ostras/RJ e Rio de Janeiro/RJ (13.239), Resende/RJ e Volta Redonda – Barra Mansa/RJ (9.808) e Cabo Frio/RJ e Macaé - Rio das Ostras/RJ com fluxo diário de 9.548 pessoas (IBGE, 2016).

Os fluxos são, em sua maioria para trabalho, porém, a busca por qualificação também gera deslocamentos pelo espaço. Neste contexto, Campos dos Goytacazes assume centralidade na oferta de serviços educacionais com vistas principalmente à qualificação de mão de obra para a indústria petrolífera, já que tradicionalmente mantém uma oferta regular de ensino técnico e superior, por meio de instituições públicas e privadas.

A mobilidade para estudo foi acentuada nas últimas décadas, principalmente em virtude da expansão do ensino superior que ocorreu em todo o país. Em Campos dos Goytacazes, em particular, a oferta de ensino de graduação e pós-graduação é variada. Além das inúmeras instituições que ofertam cursos à distância, o município conta atualmente com doze Instituições de Ensino Superior (IES) que oferecem cursos presenciais, sendo quatro públicas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense (IFF), Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM); e oito privadas: Universidade Estácio de Sá (UNESA ou simplesmente Estácio), Universidade Cândido Mendes (UCAM), Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO), Faculdade de Medicina de Campos (FMC), Centro Universitário Fluminense (UNIFLU), Faculdade Batista do Estado do Rio de Janeiro (FABERJ), Institutos Superiores de Ensino do Centro Educacional Nossa Senhora Auxiliadora (ISECENSA), Universidade Redentor



sua qualidade de vida e de estudo, com intensificação das dificuldades à medida que aumentam as distâncias dos deslocamentos. Além disso, considera-se a mobilidade como estratégica adotada pelos estudantes para cursar o ensino superior, baseado em aspectos objetivos e subjetivos.

A proposta metodológica dessa pesquisa está organizada da seguinte forma: a parte teórico-conceitual se baseia em uma revisão de literatura nacional e internacional sobre a mobilidade populacional, no âmbito das migrações e deslocamentos pendulares, à luz dos conceitos de espaço de vida e geografia de oportunidades. Para operacionalizar o trabalho, é utilizada uma abordagem quantitativa e descritiva por meio de dados secundários de órgãos oficiais e pesquisa primária do tipo *survey* que permite também, a realização de uma abordagem qualitativa. A intenção é não somente descrever e medir a mobilidade, mas também compreender as causas, as implicações e os atores que constroem esse fenômeno, assim como as possíveis consequências para o local de destino dos deslocamentos. Como fontes de dados secundários são utilizados o Censo da Educação Superior, organizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e dados do último Censo Demográfico do IBGE (2010).

A pesquisa se justifica pela carência de estudos que explorem de maneira exclusiva a mobilidade espacial para fins educacionais, principalmente no aspecto qualitativo. Os motivos dessa carência são variados, vão desde o interesse do pesquisador, passando pela ausência de dados disponíveis<sup>3</sup> até as particularidades metodológicas dos Censos Demográficos, que são a principal fonte de dados sobre mobilidade espacial da população no Brasil. Nesse sentido, devem-se buscar fontes alternativas para medir a mobilidade espacial da população.

Além disso, o grande volume de deslocamentos diários identificado pelo IBGE (2016) entre os municípios da região justifica a realização de esforços teóricos e metodológicos para a compreensão do fenômeno e seus reflexos no espaço e nos indivíduos. O interesse pela temática se dá também diante das observações em campo e vivência pessoal da mobilidade para estudo e seus efeitos. Adiciona-se ainda que a mobilidade espacial, especialmente os deslocamentos pendulares são mais analisados no espaço das regiões metropolitanas (vide as pesquisas de origem e destino), sendo assim, a contribuição desse trabalho na análise dos deslocamentos em áreas não metropolitanas também justifica sua realização. Espera-se que a análise da dinâmica do Norte Fluminense indique tendências gerais para outras áreas do país.

---

<sup>3</sup> A pergunta sobre deslocamento, separada por motivo de trabalho e estudo, esteve presente somente no censo de 2010.

Esse estudo poderá auxiliar ainda na discussão sobre a necessidade de formulação de políticas públicas que amparem e auxiliem os estudantes de graduação em suas dificuldades cotidianas.

A partir da criação de tipologias para os espaços de vida dos estudantes que se deslocam pelo espaço, este trabalho pretende, por meio da pesquisa realizada, contribuir com esforços teóricos e metodológicos para a compreensão do fenômeno. Visto que a geografia de oportunidades varia de uma região a outra e a mobilidade espacial é relevante na composição do espaço de vida dos indivíduos, a partir das relações espaciais desenvolvidas cotidianamente, propõe-se uma abordagem quanti-qualitativa na análise dos deslocamentos populacionais para estudo em áreas não metropolitanas, identificando quais as causas, atores, implicações e significados contribuem para a composição da mobilidade espacial para estudo.

A relevância dos estudos sobre a mobilidade populacional atual, principalmente das migrações e movimentos pendulares, é destacada também por Braga e Matos (2017, p. 61), quando afirmam que “As teorias sobre migração elaboradas no contexto do processo de modernização do século XX dialogam cada vez menos com os processos mais atuais, o que justifica o contínuo esforço de interpretar o que vem ocorrendo com a mobilidade populacional no país”. Rodríguez Vignoli (2011, p. 68) acrescenta que: “si quieren cubrir esta creciente complejidad, deben ampliar sus categorías conceptuales, sus marcos de referencia y también sus dispositivos de medición y fuentes de datos”<sup>4</sup>. Essa é a intenção deste trabalho, contribuir com os estudos sobre mobilidade espacial da população, abordando novos aspectos conceituais e explorando fontes de dados secundárias e primárias.

Nesse esforço de interpretação e investigação, esta tese está estruturada em seis capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se a introdução do trabalho, que aqui se encerra. No segundo capítulo, é realizada uma revisão teórica que discute questões centrais acerca da Geografia da População e da Demografia; da mobilidade espacial da população (migrações e deslocamentos pendulares) e do espaço de vida dos indivíduos, entre outros aspectos que permeiam essas discussões. No terceiro capítulo, busca-se identificar e explicitar os procedimentos metodológicos que são utilizados ao longo do trabalho. No quarto capítulo, é abordada a identificação da área de estudo, com a caracterização da Região Norte Fluminense, sua dinâmica populacional recente e as oportunidades educacionais locais e nacionais. No quinto capítulo, os resultados encontrados são expostos e analisados e, a título de conclusão, são apresentadas as considerações finais no último capítulo, juntamente com a agenda de pesquisa.

---

<sup>4</sup> Se quiserem cobrir essa complexidade crescente, devem expandir suas categorias conceituais, seus quadros de referência e também seus dispositivos de medição e fontes de dados. (Tradução nossa).



## 2 ASPECTOS CONCEITUAIS

### 2.1 Inter-relações entre geografia da população e demografia

Estudos que têm a disciplina geografia como base, em seus variados campos, permitem analisar diversos aspectos da vida humana em associação com a sociedade e suas conexões com o espaço. Entendendo que a geografia deve ser definida, como fez Santos, (2017, p. 62) ao considerar que "a essa disciplina cabe estudar o conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações que formam o espaço", analisamos esses sistemas de objetos e sistemas de ações conjuntamente, a partir do campo específico da geografia chamado de **Geografia da População**, tendo como pano de fundo, a abordagem da mobilidade espacial da população, que, como afirma George (1955, p. 215), é um campo "especificamente geográfico".

Os trabalhos sobre mobilidade espacial na área da geografia comumente apresentam uma abordagem teórica baseada nos conceitos geográficos de Espaço, Lugar, Território e seus processos de (des)(re)territorialização discutidos por autores clássicos da área. Em que pese a importância desses conceitos-chave nessa discussão, para esse trabalho, a mobilidade espacial é abordada a partir da geografia da população à luz do conceito de espaço de vida. Para uma abordagem que explore os subsídios teóricos-metodológicos da mobilidade populacional e sua relação com o território na geografia, recomenda-se consultar Sousa (2019).

Sendo a população "a base e o sujeito de toda atividade humana" (DAMIANI, 2008, p. 8), os diversos aspectos de seus componentes sempre foram objeto de análise de estudiosos e administradores. No contexto da mobilidade populacional, por exemplo, internacionalmente se reconhece que "La migración humana es un fenómeno de larga data que se remonta a los primeros períodos de la historia de la humanidad"<sup>5</sup> (NACIONES UNIDAS, 2018, p. 15). Na atualidade, investigações sobre as novas nuances que envolvem a dinâmica populacional são realizadas continuamente. Para a geografia, trata-se de um campo de conhecimento muito rico, diversificado e relevante, uma vez que "A população é o ponto de referência do qual todos os outros elementos geográficos são observados e é desse ponto que eles todos, singular e coletivamente, obtêm significação e entendimento" (TREWARTHA, 1974, p. 12-13).

Bailey (2005) afirma que, da mesma forma que o uso do termo "geografia" tem se expandido, o termo "população" também pode ser estendido para se referir a: grupos e os

---

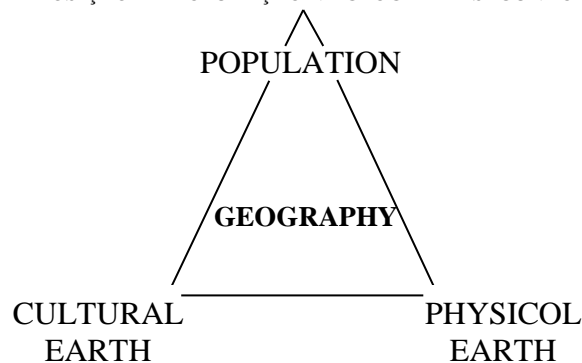
<sup>5</sup> A migração humana é um fenômeno de longa data que remonta aos primeiros períodos da história da humanidade. (Tradução nossa).

eventos demográficos que os formam; às instituições sociais e aos discursos que afetam os indivíduos; e "to the acts and performances of individuals in groups that help constitute and give meaning to populations (including childhood, parenthood, retirement, being a student, being internally displaced and so on)"<sup>6</sup> (BAILEY, 2005, p. 9). Para ele, a geografia da população tem uma grande contribuição para a compreensão da sociedade.

Glenn Trewartha, um dos precursores mundiais dos estudos sobre geografia da população, já salientava desde o início da década de 1950 que os estudos populacionais deveriam receber um maior destaque na geografia, uma vez que eles eram "neglected, to the injury of geography in general"<sup>7</sup> (TREWARTHA, 1953, p. 71). Segundo ele, a população deve ser trabalhada com o valor que possui, sendo entendida como "the pivotal element in geography, and the one around which all the others are oriented, and the one from which they all derive their meaning, population cannot be neglected without doing serious injury to geographic science in general"<sup>8</sup> (TREWARTHA, 1953, p. 97).

O autor chegou a propor que a geografia da população fosse classificada não como um subcampo ou subárea, mas como mais uma das grandes dimensões da geografia, no mesmo patamar da comum segmentação entre geografia física e humana. Para ele, se a disciplina fosse colocada em um triângulo (Figura 1), a população estaria no topo, e as demais áreas estariam nas extremidades, demonstrando a posição privilegiada da população para a estrutura geográfica, formando a "triad of elemental groupings"<sup>9</sup> (TREWARTHA, 1953, p. 81).

FIGURA 1 - POSIÇÃO DA POPULAÇÃO NA GEOGRAFIA SEGUNDO GLENN TREWARTHA



FONTE: TREWARTHA (1953, P. 81). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

<sup>6</sup> aos atos e desempenhos de indivíduos em grupos que ajudam a constituir e dar significado às populações (incluindo infância, paternidade, aposentadoria, ser estudante, ser internamente deslocado e assim por diante). (Tradução nossa).

<sup>7</sup> Negligenciados, em prejuízo da geografia em geral. (Tradução nossa).

<sup>8</sup> o elemento central na geografia, e aquele em torno do qual todos os outros estão orientados, e aquele do qual todos eles derivam seu significado, a população não pode ser negligenciada sem causar sérios danos à ciência geográfica em geral. (Tradução nossa).

<sup>9</sup> tríade de agrupamentos elementares. (Tradução nossa).

Essa visão de organização tripla dos elementos que compõem a geografia, colocando a população ao lado da cultura e do meio físico, não foi bem aceita entre os estudiosos (FREITAS, 2014). Até hoje alguns geógrafos buscam superar a dicotomia entre geografia física e geografia humana, o que torna a inclusão de outra dimensão, como propôs Trewartha, ainda mais delicada. Com efeito, a população pode ser considerada como o elemento que vincula as dimensões física e cultural, estabelecendo a conexão entre essas grandes dimensões.

Raffestin (1993, p. 26) também atribui relevância aos estudos populacionais, afirmando que "a população é tomada como um recurso", um fator de potência, que de acordo com seus signos: "número, distribuição, estrutura, composição, para citar apenas os mais representativos" (RAFFESTIN, 1993, p. 26), pode fazer com que os demais elementos se movimentem ou sejam movimentados, uma vez que a população é "a fonte primeira de energia" (RAFFESTIN, 1993, p. 70). Como o território, por exemplo, cujo desempenho é promovido pela dinâmica da população.

Chama-se de geografia da população, a área da geografia que estuda os componentes da dinâmica populacional. Derruau (1973, p. 13) afirma que geografia da população "É, no entanto, uma geografia, o que quer dizer que, depois de estudar os números, relaciona-os com outros elementos do complexo geográfico". O autor relata ainda que "o estudo dos fenômenos respeitantes à população integram-se num feixe de explicações: explicam a geografia e por ela são explicados" (DERRUAU, 1973, p. 18).

Nesse sentido, entende-se como a população e suas práticas são valiosas à geografia populacional que, no entender de Zelinsky (1974), tem por finalidade "compreender as características variáveis da população dos diferentes lugares, suas causas, conseqüências e, acima de tudo, suas inter-relações com outros elementos culturais e físicos, que dão uma personalidade geográfica distinta a cada região habitada do mundo" (ZELINSKY, 1974, p. 100), ou seja, trabalha a geografia da população em articulação com a noção de espaço.

De acordo com Pierre George, a geografia da população é "um dos problemas de mais dramática abordagem da realidade humana hodierna" (GEORGE, 1971, p. 10). Quando o autor escreveu essas linhas, na década de 1960, as dinâmicas referentes aos estudos populacionais eram outras. Porém, ainda hoje, as atividades humanas necessitam de amplas discussões, que são da competência da geografia da população sim, mas não somente, já que a população, no sentido do campo de conhecimento, não é estritamente geográfica.

Dada a abrangência de sua abordagem, outras áreas também têm a população como seu objeto de estudo, tais como: demografia, estatística, sociologia, economia, psicologia,

história, antropologia, ciência política, ciências médicas, planejamento urbano e regional, entre outras. Em outro trabalho, George (1955, p. 278) destaca que “pelos suas relações com a demografia, a sociologia, a história e as ciências econômicas, o estudo geográfico da população exige o conhecimento de problemas particulares e o recurso a métodos originais, que se inspiram nas outras ciências humanas”.

Nesse sentido, Beaujeu-Garnier (1980) salienta a particularidade da geografia:

Se o demógrafo mede e analisa os fatos demográficos, se o historiador traça sua evolução, se o sociólogo procura suas causas e sua repercussão através de observação da sociedade humana, é função do geógrafo descrever os fatos no contexto de seu ambiente atual, estudando também suas causas, suas características originais e suas possíveis consequências. Ao fazê-lo, o geógrafo recorre a várias disciplinas da sociologia, se bem que reagrupe o material à luz do seu objetivo declarado, isto é, ligar todos os fenômenos a determinada situação, conforme é revelada pela superfície da terra, perspectiva fascinante mas operação delicada e complexa (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 03).

Os principais componentes da dinâmica da população são a natalidade, a mortalidade e a migração. Essa última, assumida mais amplamente como mobilidade, pano de fundo deste trabalho, também não é exclusividade da geografia. Cresswell (2006, p. 45) falou sobre a mobilidade e sua inter-relação com outras ciências, afirmando que “As with sociology, anthropology, and cultural studies, geography has started to take a keen interest in the way mobility has changed both the world and our ways of knowing it”<sup>10</sup>. Urry (2007) também ressaltou as discussões da mobilidade relacionadas a várias disciplinas e campos do conhecimento, como uma maneira diferente de pensar o caráter das relações econômicas, sociais e políticas. Por isso mesmo, ele afirmou que “The mobility turn is post-disciplinary”<sup>11</sup> (URRY, 2007, p. 06). Apesar disso, como diz Módenes (2008, p. 177), “La movilidad espacial permite replantear la definición territorial de población y la delimitación de los contextos geográficos que influyen en los procesos sociodemográficos”<sup>12</sup>, sendo, portanto, muito estudada também entre os geógrafos.

Zelinsky (1974), afirma que uma geografia completa da população é resultante do esforço em explicar o número e a localização espacial da população em associação com as

---

<sup>10</sup> Tal como acontece com a sociologia, a antropologia e os estudos culturais, a geografia começou a ter um grande interesse na forma como a mobilidade mudou tanto o mundo como as nossas maneiras de conhecê-lo. (Tradução nossa).

<sup>11</sup> A virada da mobilidade é pós-disciplinar. (Tradução nossa).

<sup>12</sup> A mobilidade espacial permite repensar a definição territorial da população e a delimitação de contextos geográficos que influenciam os processos sociodemográficos. (Tradução nossa).

demais características demográficas. Esse trabalho se enquadra, portanto, nos estudos da geografia da população, com relação direta aos estudos demográficos.

Marandola Jr. aproxima a geografia da demografia, em diversos trabalhos (MARANDOLA JR., 2006; 2011; MARANDOLA JR. e HOGAN, 2005; 2009; MARANDOLA JR. e MELLO, 2005), a partir do conceito de vulnerabilidade e espaço de vida. No presente estudo, por sua vez, a aproximação será feita a partir do ponto de análise básico em comum entre as duas ciências, ou melhor, do objeto de estudo que elas compartilham: a **população**, a partir de seus deslocamentos pelo espaço. Para isso, utilizaremos o conceito de espaço de vida, que, como afirmam Marandola JR. (2011) e Robette (2012), é um conceito comum entre geografia e demografia.

Damiani (2008) introduz nas análises da geografia da população, a ideia do social, articulando os aspectos quanti e qualitativo em suas abordagens. A geografia da população é entendida como "primeira aproximação dos fenômenos urbanos, políticos e econômicos", de acordo com a autora (DAMIANI, 2008, p. 10). O que interessa à geografia da população é "a configuração espacial diferenciada da situação e da dinâmica populacionais" (DAMIANI, 2008, p. 51).

A geografia, em sua complexidade, ao refletir sobre população e sua configuração no espaço, reflete diretamente sobre questões humanas e sociais. O presente trabalho, portanto, se apresenta como uma contribuição à produção geográfica no âmbito da geografia da população, disciplina cujo objetivo final é a "compreensão da realidade", como afirma Zelinsky (1974, p. 42).

Pierre George já afirmava que a aproximação com a demografia favoreceu a sofisticação da geografia com recursos técnico-quantitativos. Para ele, o geógrafo deve "saber aplicar ao estudo de um grupo de população as técnicas elaboradas pela demografia" (GEORGE, 1955, p. 173). Mas, além disso, a demografia trouxe contribuições também de cunho qualitativo:

Na análise geográfica da população, a demografia, além de contribuir nos procedimentos de quantificação dos dados brutos de população, definiu material estatístico de cunho mais qualitativo, que teria auxiliado a geografia na caracterização econômica, e no esclarecimento de tensões decorrentes das questões econômicas, no interior de marcos espaciais específicos (DAMIANI, 2008, p. 57).

Ainda segundo Damiani (2008, p. 61), "A demografia, no interior da geografia, embora reflita uma sofisticação estatística maior, portanto, maior controle sobre os dados qualitativos das populações, significa um comprometimento metodológico da análise. Ela é apresentada na geografia como auxiliar da geografia da população [...]".

Derruau, (1973, p. 17) afirma que, devemos sim quantificar os fluxos, falar de números, mas nunca "dissociado das causas, das ligações com o meio geográfico. [...] O número deve ater-se a uma determinada realidade que é necessário interpretar previamente". Ou seja, os dados demográficos não devem ser usados de modo meramente ilustrativo.

Marques (2012, p. 04) reconhece que a geografia é uma disciplina "intensamente relacionada" com a demografia. Não obstante, apesar de estarem próximas a ponto de serem consideradas disciplinas afins, Derruau (1973) afirma que a geografia da população difere da ciência demográfica. E continua:

Ainda que a demografia procure explicar e por isso penetre no complexo geográfico, interessa-se menos do que a geografia pelas consequências da distribuição do homem no meio físico e mais pela distribuição quantitativa. A demografia é indispensável a qualquer estudo de geografia humana, mas fornece apenas uma introdução. De resto, a própria geografia da população representa apenas uma introdução para melhor compreensão da actividade do homem no espaço habitado (DERRUAU, 1973, p. 13).

Trewartha (1974, p. 12) também relaciona geografia da população com demografia, uma vez que esta última "vem-se tornando cada vez mais um sinônimo de estudo geral da população", enquanto a geografia populacional se associa a uma determinada concepção do estudo da população: "sua distribuição espacial e composição. Naturalmente, de forma descritiva e explanatória. E embora os demógrafos não tenham renunciado a esse estudo de variação espacial, esta não é a sua principal área de concentração" (TREWARTHA, 1974, p. 12).

Beaujeu-Garnier (1972), em seu livro de título deveras sugestivo – *Demogeografía* –, aproxima as duas disciplinas, salientando que "Para tratar cumplidamente los actuales y apasionantes problemas de la demografía con su necesario rigor científico deben abordarse en su concatenación con la geografía, tanto física como económica y humana"<sup>13</sup> (BEAUJEU-GARNIER, 1972, v. 15). Pierre George (1955) também escreveu um livro com o mesmo

---

<sup>13</sup> Para lidar adequadamente com os problemas atuais e empolgantes da demografia, com seu necessário rigor científico, deve-se abordá-los em sua concatenação com a geografia, tanto física quanto econômica e humana. (Tradução nossa).

título (Demogeografia), nesse caso, como parte de uma obra maior, uma coletânea que discute o panorama da geografia mundial. Para o autor, a geografia e a demografia podem e devem estabelecer uma relação de ajuda mútua, para uma melhor análise e compreensão de seu objeto em comum: a população: “Portanto, uma bibliografia dos estudos de população é uma bibliografia com dupla entrada: geográfica [...] e demográfica” (GEORGE, 1955, p. 279).

Módenes (2008) usa os termos "geodemografia" e "demografia geográfica", além da geografia da população, ao se referir sobre os desafios conceituais e metodológicos que envolvem essas áreas. O autor afirma que "Aplicar enfoques demográficos nos permite aproveitar las metodologías de proyección demográfica para imaginar cómo puede evolucionar la relación entre poblaciones y territorios"<sup>14</sup> (MÓDENES, 2008, p. 160). Lamas (1994, p. 03) faz uma análise mais simplista, ao dizer que geodemografia "Es el análisis de las personas de acuerdo a la localización de su residencia. [...] Como su nombre indica, la técnica a utilizar conlleva la fusión o combinación de la geografía y la demografía"<sup>15</sup>.

Em alguns trabalhos, porém, o termo "geodemografia" é utilizado apenas para apresentar a distribuição espacial de determinado fenômeno, como em Gomes (2014) e Cardoso (2015), sem relacionar diretamente os aspectos que unem as duas disciplinas. Esse é também um termo muito utilizado na área de marketing, se referindo à identificação das características econômicas e demográficas da população com vistas ao aumento do consumo individual e coletivo (JAKOB; YOUNG, 2006; LAMAS, 1994). Nos trabalhos de demógrafos e geógrafos, "geodemografia" geralmente se refere a um método, ou a um sistema de classificação que utiliza estratégias de interpolação de dados em suas análises espaciais e sociais, os chamados métodos geodemográficos ou sistemas geodemográficos:

A geodemographic system is considered here as comprising a general-purpose classification designed by one party for multiple users and uses, whereas a geodemographic method would focus on the creation of bespoke multivariate typology of geolocated individuals or administrative units for a specific case study area<sup>16</sup> (SINGLETON; SPIELMAN, 2014, p. 561).

---

<sup>14</sup> A aplicação de abordagens demográficas nos permite aproveitar as metodologias de projeção demográfica para imaginar como a relação entre populações e territórios pode evoluir. (Tradução nossa).

<sup>15</sup> É a análise das pessoas de acordo com a localização da sua residência. [...] Como o próprio nome sugere, a técnica a ser usada envolve a fusão ou combinação de geografia e demografia. (Tradução nossa).

<sup>16</sup> Um sistema geodemográfico é considerado como compreendendo uma classificação de propósito geral projetada por uma parte para vários usuários e usos, enquanto um método geodemográfico se concentraria na criação de tipologia multivariada de indivíduos geolocalizados ou unidades administrativas para uma área de estudo de caso específica. (Tradução nossa).

Apesar da diferença, os autores também salientam que a aplicação do método e a utilização do sistema geodemográfico podem ser realizadas de maneira concomitante: "It should also be noted, however, that there is often overlap between the application of methods and the use of a system and, as such, they cannot be considered to be entirely mutually exclusive"<sup>17</sup> (SINGLETON; SPIELMAN, 2014, p. 561).

Outro termo utilizado nas análises espaciais da população, do ponto de vista da demografia e da geografia é "demografia espacial", que seria definido como "as the formal demographic study of areal aggregates, i.e., of demographic attributes aggregated to some level within a geographic hierarchy"<sup>18</sup> (VOSS, 2007, p. 458), ou seja, o estudo de unidades de área, também chamada de macro demografia. De acordo com Voss (2007), até meados do século XX, grande parte da demografia quantitativa usava áreas geográficas como unidade de análise, ou seja, usavam demografia espacial. À medida que os microdados das pesquisas que davam acesso às informações individuais foram sendo disponibilizados, a demografia espacial deu lugar à micro demografia e as pesquisas com modelagens. Nos dias atuais, a demografia espacial ainda suscita debate, como aponta Marques (2012), ao discutir os desafios teóricos e tendências recentes na demografia espacial brasileira, sugerindo novas temáticas de pesquisa para a área.

Voss (2007) destaca a relação da demografia espacial com a geografia, comentando inclusive que a própria criação do termo foi feita por um geógrafo, com a finalidade de atribuir aos estudos migratórios a importância que era dada aos temas natalidade e mortalidade. Sabe-se que atualmente, natalidade, mortalidade e migração são os componentes que criam, dão volume, forma e estrutura às populações que são estudadas no âmbito da geografia da população.

Entre as maiores contribuições da demografia para a academia e a sociedade estão a "capacidade de produzir diagnósticos, projetar cenários, identificar as forças que estão forjando o futuro da população e subsidiar o planejamento que leve ao melhor enfrentamento de problemas sociais" (UNICAMP, acesso em 10 dez. 2018). Esses aspectos são muito bem interpretados pelos demógrafos. Porém, "os fatos sociais e culturais não-demográficos podem ser muito interessantes aos olhos do geógrafo especialista em população [...]" (ZELINSKY, 1974, p. 22-23).

---

<sup>17</sup> Deve também ser notado, no entanto, que existe frequentemente sobreposição entre a aplicação de métodos e o uso de um sistema e, como tal, não podem ser considerados como mutuamente exclusivos. (Tradução nossa).

<sup>18</sup> o estudo demográfico formal de agregados de área, ou seja, de atributos demográficos agregados a algum nível dentro de uma hierarquia geográfica. (Tradução nossa).



Entre esses fatos não demográficos que a geografia da população explora, é possível mencionar a concepção de deslocamento pendular, um fenômeno muito complexo que associa diferentes conhecimentos. Barbary e Dureau (1993) enfatizam a importância desse tipo de mobilidade, que é por vezes excluída da análise demográfica por não indicar mudança de residência. Wunsh e Termote (1978, p. 196) afirmam que esse tipo de deslocamento não é, na essência, um fenômeno demográfico: "Since commuting does not directly affect the level and the structure of the population of a given territory, it is not, strictly speaking, a demographic phenomenon"<sup>19</sup>. Derruau (1973, p. 67) também observa que "nem todos os deslocamentos temporários de uma certa população constituem fenômenos demográficos", que segundo ele, merecem ser estudados pela geografia. O demógrafo Cunha está de acordo com os autores, ao afirmar reiteradas vezes que a pendularidade é um tipo de mobilidade espacial "nada demográfico" (CUNHA, 2011, p. 34; CUNHA, 2012, p. 11; CUNHA, 2018<sup>20</sup>).

Berger (2004, p. 277) afirma que um dos objetos da geografia é "S'intéresser à l'expérience spatiale des groupes sociaux, aux territoires de leur vie quotidienne"<sup>21</sup>. Experiência essa que se materializa, entre outros, nas práticas de mobilidade, que por sua vez, permitem identificar e compreender a organização dos centros urbanos e suas hierarquias: "l'analyse des pratiques de mobilité des citoyens et de leurs échelles spatiales permet de repérer les formes et les échelles de structuration locale des tissus urbains"<sup>22</sup> (BERGER, 2004, p. 277). Mostra-se, portanto, a relevância dos estudos de mobilidade para os geógrafos.

Quando se fala sobre o campo de atuação dos profissionais da geografia da população, Bailey (2005, p. 10), afirma que "Scholars continue to contribute to research agendas on the causes and consequences of migration, racial and ethnic segregation and the relationship between economic modernization and birth and death rates, for example"<sup>23</sup>. Nesse sentido, de acordo com o autor, um geógrafo populacional deve contribuir para esses resultados. Pérez (2010) complementa:

Quizá el principal reto de la geografía de la población sea pasar de explicar los componentes de una población en un territorio a un debate más complejo

<sup>19</sup> Uma vez que o deslocamento pendular não afeta diretamente o nível e a estrutura da população de um dado território, não é estritamente falando, um fenômeno demográfico. (Tradução nossa).

<sup>20</sup> Em 2018 trata-se de informação verbal apresentada pelo autor na Sessão Temática 11, do XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP, em Poços de Caldas/MG, no dia 25/09/2018.

<sup>21</sup> Interessar-se pela experiência espacial dos grupos sociais, aos territórios de seu cotidiano. (Tradução nossa).

<sup>22</sup> a análise das práticas de mobilidade dos moradores da cidade e suas escalas espaciais permite identificar as formas e escalas de estruturação local dos tecidos urbanos. (Tradução nossa).

<sup>23</sup> Os estudiosos continuam a contribuir para as agendas de pesquisa sobre as causas e consequências da migração, a segregação racial e étnica e a relação entre a modernização econômica e as taxas de natalidade e mortalidade, por exemplo. (Tradução nossa).

sobre lo que significa el espacio, sobre cómo los espacios se viven, construyen y representan, dependiendo de las características sociodemográficas de poblaciones o subpoblaciones diferenciadas<sup>24</sup> (PÉREZ, 2010, p. 17).

Essa é a intenção deste trabalho, contribuir com as reflexões sobre a mobilidade espacial da população, na tentativa de compreender qual o reflexo dessa mobilidade no espaço e nos indivíduos que a realizam.

## **2.2 Mobilidade Espacial da População: Migrações e Deslocamentos Pendulares**

Ao se estudar a população, Damiani (2008) orienta que é preciso introduzir a análise pelos elementos de sua atividade e não pela população em si, sob o risco de produzir uma sequência ilimitada de explicações.

É preciso, então, em termos de análise, destruir o objeto real, em sua complexidade; portanto, não iniciá-la pela população. Começar por decifrá-lo a partir de elementos mais simples, abstratos, no sentido de parciais, mas que garantam a possibilidade de continuar o movimento analítico e criar como necessidade categorias cada vez mais concretas. Isto é, categorias mais próximas da complexidade do real, no intuito de desvendar o fenômeno tratado, nas suas múltiplas determinações e movimento, concluindo, então, pelo conhecimento da população (DAMIANI, 2008, p. 9).

É preciso, portanto, sair do empírico para o abstrato, a fim de produzir categorias de análises mais concretas. Szmrecsányi (1991) também adotou essa abordagem, parafraseando Marx e sua “crítica metodológica às teorias econômico-demográficas do seu tempo” (SZMRECSÁNYI, 1991, p. 268). De acordo com Marx (2008), a população é uma abstração, não devendo, portanto, ser ponto de partida das análises:

Se começasse, portanto, pela população, elaboraria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais estrita, chegaria analiticamente, cada vez mais, a conceitos mais simples; do concreto representado chegaria a abstrações cada vez mais tênues, até alcançar as determinações mais simples. Chegado a esse ponto, teria que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas dessa vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas (MARX, 2008, p. 258).

---

<sup>24</sup> Talvez o principal desafio da geografia da população seja passar da explicação dos componentes de uma população em um território para um debate mais complexo sobre o que significa espaço, sobre como os espaços são vividos, construídos e representados, dependendo das características sociodemográficas de populações ou subpopulações diferenciadas. (Tradução nossa).

Ao analisar em primeiro plano os elementos explicativos, ou fenômenos de um dado momento histórico e de um determinado local, é possível alcançar uma melhor compreensão dos aspectos da população na prática. Essa visão também está em Freitas (2014) e Bailey (2005):

Rather than view population groups as the end products of individual demographic events, population geography examines the two-ways relationships between the acts, performances, social institutions and discourses that make up these groups and their geographic organization. These enlarged views augment the traditional assumption that population groups are the best understood when they are studied as the aggregate outcomes of individual population events, including fertility, mortality and migration. What this has meant in practice is that geography no longer just contains or reflects populations, it also helps create them<sup>25</sup> (BAILEY, 2005, p. 2).

As análises populacionais, portanto, necessitam de reflexões anteriores, a fim de que seu conteúdo seja examinado de maneira mais completa e mais complexa. Nesse sentido, no presente trabalho, os aspectos da dinâmica populacional são explorados a partir da categoria de **mobilidade espacial**.

Estudos sobre mobilidade da população pelo espaço, principalmente na forma das migrações, são realizados há muito tempo, como é possível constatar ao analisar os temas apresentados em congressos específicos sobre estudos populacionais de forma geral, e sobre geografia da população, em particular. Solana (2002), Pérez (2010) e Silva e Fernandes (2016) destacam alguns desses congressos, informando que o primeiro evento específico de geografia da população chamado de *International Conference on Population Geographies (ICPG)*, aconteceu no ano de 2002, na Escócia, com a presença de 120 pesquisadores de 24 países. Na ocasião foram apresentadas 79 comunicações, sendo que quatro discutiram o tema fecundidade, três debateram sobre mortalidade e todos os demais (72) abordaram o tema da mobilidade populacional. De acordo com Solana (2002), os temas abordados no evento não foram pré-definidos, o que dá ainda mais destaque ao grande interesse dos pesquisadores sobre a temática da mobilidade. Esse congresso internacional específico da área de geografia

---

<sup>25</sup> Em vez de considerar os grupos populacionais como produtos finais de eventos demográficos individuais, a geografia populacional examina as relações de duas vias entre os atos, performances, instituições sociais e discursos que compõem esses grupos e sua organização geográfica. Essas visões ampliadas aumentam a suposição tradicional de que os grupos populacionais são mais bem compreendidos quando são estudados como os resultados agregados de eventos populacionais individuais, incluindo fecundidade, mortalidade e migração. O que isso significa na prática é que a geografia não mais apenas contém ou reflete populações, também ajuda a criá-las. (Tradução nossa).

da população apresentou sua 9ª edição em 2017, nos Estados Unidos, com 51 trabalhos distribuídos em 15 Sessões Temáticas (STs), sendo que, 11 delas tinham como temário a mobilidade populacional e suas variações (ICPG, 2017). Esse fato demonstra como a mobilidade da população pelo espaço continua despertando interesse e produzindo relevantes contribuições entre os pesquisadores internacionais.

Destaca-se também a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD), mais conhecida como Conferência do Cairo, realizada pelas Nações Unidas em 1994, considerada “o maior evento de porte internacional sobre temas populacionais jamais realizado” (UNFPA, 2007, p. 34). Nesta conferência, foi estabelecido um programa de ação com recomendações para os países, com o objetivo de “melhoria da qualidade de vida dos povos do mundo” (UNFPA, 2007, p. 42). Entre os capítulos temáticos, destaca-se o IX - *Distribuição da população, urbanização e migração interna* e o X - *Migração Internacional*, com análises e propostas de ações para a distribuição espacial da população, além de outros capítulos em que a temática da mobilidade também aparece.

Outro grande evento que reúne pesquisadores de diversos países é a Conferência Internacional de População, organizado pelo IUSSP (União Internacional para o Estudo Científico da População) uma vez a cada quatro anos em um país diferente. Em 2021, a XXIX Conferência aconteceu virtualmente, devido à pandemia de Covid-19, com mais de 1.300 inscritos (IPC, 2021). Das 207 sessões temáticas do evento, 19 tinham a mobilidade ou migração em seus títulos, incluindo discussões que envolvem mobilidade durante e após a pandemia, além dos trabalhos sobre a temática distribuídos em outras STs e dos pôsteres sobre o tema. O evento foi gravado e disponibilizado on-line. Quatro dessas STs foram classificadas, junto com outras 25, como sessões altamente recomendadas para assistir em vídeo, devido à qualidade da pesquisa das pesquisas e riqueza das discussões realizadas.

O Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL) é outro grande evento que reúne geógrafos de diversas nacionalidades para discussão de trabalhos sobre a produção de conhecimento geográfico. A primeira edição do evento foi idealizada por um grupo de geógrafos do Brasil e realizada no estado de São Paulo, em 1987, reunindo 138 pesquisadores, sendo 109 deles brasileiros (ARROYO, 2005). O número de participantes, assim como sua abrangência e relevância foi crescendo a cada edição do evento, realizado a cada dois anos. Em 2019 o XVII EGAL foi realizado na cidade de Quito, no Equador, com 15 eixos temáticos, sendo um deles com a temática da migração no título. Na agenda de apresentações, constam 176 trabalhos entre sessões, mesas temáticas e conferências magistrais. Desses, 23 discutem a temática da mobilidade espacial, em seus diversos aspectos.

Entre os 96 pôsteres propostos, dois destacaram a temática da mobilidade (migração) em seus títulos (EGAL, 2019). Porém, de acordo com a coordenação do encontro<sup>26</sup>, “alrededor de 800 personas presentaron ponencia oral o póster para el evento. [...] hubo aproximadamente 51 propuestas (exposición oral y póster científico) que se enmarcaron el eje temático denominado: Integración, migración y procesos fronterizos”<sup>27</sup>.

No Brasil, eventos sobre estudos populacionais são realizados desde 1978, quando foi organizado o primeiro Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP). Apesar de não ser específico da geografia da população, esse evento reúne pesquisadores de várias áreas (principalmente da demografia), interessados em apresentar seus trabalhos e compartilhar conhecimento sobre questões que envolvem as dinâmicas populacionais. Na primeira edição, em 1978, das 21 comunicações apresentadas, sete versaram sobre aspectos da mobilidade populacional (ABEP, s.d.). O encontro teve sua 21ª edição, realizada no ano de 2018<sup>28</sup>, que contou com 105 comunicações orais distribuídas em 48 Sessões Temáticas. 12 dessas STs, ou seja, 25% tinham como tema central a distribuição espacial da população e suas variáveis explicativas e analíticas (ABEP, 2018). Em 2020 o evento foi cancelado devido à pandemia, porém, o debate continuou através de encontros virtuais dos Grupos de Trabalho e da publicação de um livro com os trabalhos submetidos para o evento.

No ano de 2016 o Brasil também sediou, juntamente com o XX Encontro da ABEP, o VII Congresso da Associação Latino-Americana de População (ALAP). O primeiro congresso da ALAP ocorreu em 2004, quando foram apresentados 75 trabalhos separados em 19 Sessões Temáticas. Dessas, três sessões versaram sobre mobilidade espacial da população (ALAP, 2004). No ano de 2018, a 8ª edição do evento foi realizada no México, e contou com 240 trabalhos aprovados em 62 Sessões Temáticas diferentes. A questão da mobilidade foi objeto de 11 Sessões Temáticas, sendo que alguns trabalhos sobre deslocamentos populacionais também apareceram em duas STs com outros temas (ALAP, 2018). Em 2020 o evento foi realizado virtualmente, e também contou com discussões sobre a temática da mobilidade.

Este é, portanto, um tema que não é novo, mas ainda suscita grandes debates, principalmente por sua dinamicidade e importância na compreensão do espaço urbano e sua organização. Essa é a visão de Cardoso e Lobo (2016, p. 478), que apresentam a mobilidade

<sup>26</sup> Informação obtida a partir de questionamento enviado por e-mail (congresoegal2019@gmail.com) em 22 de abril de 2019.

<sup>27</sup> Cerca de 800 pessoas apresentaram apresentações orais ou em pôster para o evento. [...] foram aproximadamente 51 propostas (apresentação oral e pôster científico) se que enquadraram no eixo temático denominado: Integração, migração e processos de fronteira. (Tradução nossa).

<sup>28</sup> Em 2020 foi cancelado devido à pandemia.

da população "como um elemento dinamizador na organização de espacialidades". Baeninger (2015) também comenta sobre a importância das migrações na dinâmica espacial: "O fenômeno migratório atual apresenta especificidades que indicam tanto sua complexidade, advinda do processo de reestruturação urbana e econômica, quanto seu importante papel na conformação de espaços regionais e locais" (BAENINGER, 2015, p. 15).

Damiani (2008, p. 51) afirma que "a mobilidade é a lei que rege todos os grupos humanos, portanto, o estudo da circulação ocupa um lugar importante na geografia humana". Vários são os autores que consideram a mobilidade populacional como um fenômeno altamente relevante para a sociedade atual (LÉVY, 2001; CRESSWELL, 2006; URRY, 2007; MARANDOLA JR., 2008; 2011). A mobilidade é, para Marandola JR (2008, p. 200), "um dos fenômenos sociais mais importantes e complexos do nosso tempo". Enquanto Urry (2007) considera que "[...] mobility issues would seem to be evidently centre-stage"<sup>29</sup> (URRY, 2007 p. 18), merecendo, portanto, maiores reflexões.

Como mencionado, a mobilidade é um dos três componentes da dinâmica demográfica, juntamente com a natalidade e a mortalidade. Essas últimas são mais fáceis de mensurar, por serem mais precisas, uma vez que os indivíduos nascem e morrem apenas uma vez ao longo do seu ciclo de vida. Já a mobilidade, pode acontecer diversas vezes, com possibilidade de reincidência, e para diversos lugares, envolvendo causas e consequências distintas. Paraphrasing Peixoto (2007, p. 450), "as dinâmicas naturais são mais contínuas e estáveis no tempo", o que resulta em maior facilidade de definição e mensuração destas em relação à mobilidade (SILVA, 2013). O próprio conteúdo *per se* de cada componente facilita ou dificulta sua definição, como reflete Livi-Bacci (1993, p. 311) "Los otros fenómenos demográficos son, de hecho, fácilmente definibles. Un nacimiento, una defunción, un matrimonio son sucesos lo suficientemente reconocibles cuya naturaleza está definida de manera inequívoca por su contenido biológico o social"<sup>30</sup>.

Além disso, há também diferenças quanto ao registro desses eventos. Geralmente, não há registro oficial periódico dos deslocamentos realizados pela população no Brasil, diferente dos nascimentos e das mortes, que são registrados individualmente, em sua maioria, o que facilita a coleta e a análise dos dados desses eventos. Pesquisas sobre mobilidade no Brasil, portanto, ficam restritas aos dados secundários dos Censos Demográficos e até certo ponto

---

<sup>29</sup> questões sobre mobilidade parecem estar evidentemente no centro do palco. (Tradução nossa).

<sup>30</sup> Os outros fenômenos demográficos são, de fato, facilmente definíveis. Um nascimento, uma morte, um casamento são eventos suficientemente reconhecíveis, cuja natureza é inequivocamente definida por seu conteúdo biológico ou social. (Tradução nossa).

das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs), além de alguns registros administrativos.

Nessa perspectiva, Castiglioni (2009) elencou alguns fatores responsáveis pela dificuldade de compreensão e mensuração do fenômeno migratório, assim como da mobilidade espacial como um todo, quais sejam: a) a própria definição do tema que envolve fatores conceituais e operacionais de limitação; b) dificuldade na obtenção de dados; c) migração é um fenômeno que reflete outros fenômenos; d) é condicionada por fatores macro (estruturais) e micro (individuais); e) é um fenômeno que afeta tanto as regiões de origem quanto as regiões de destino dos fluxos; f) natureza multidisciplinar, com abordagens heterogêneas.

Mesmo diante das dificuldades expostas, reflexões sobre mobilidade espacial são indispensáveis, principalmente devido à intensidade cada vez maior dos fluxos. Em tempos atuais de tecnologia e inovação, em que as transformações ocorrem em grande velocidade, onde tudo se interliga e as distâncias físicas parecem não ser mais um grande empecilho, Santos considera que "a mobilidade se tornou praticamente uma regra. O movimento se sobrepõe ao repouso" (SANTOS, 2017, p. 327), onde pessoas, mas também produtos, mercadorias, ideias, informações, circulam com grande rapidez. Esse movimento, cada vez mais faz parte da vida cotidiana da população.

A mobilidade é um fenômeno chamado de bipolar por Wunsh e Termote (1978, p. 242), pois "contrary to the other components of demographic growth, it affects two populations, the population of origin and the population of destination"<sup>31</sup>, estabelecendo relações espaciais, sendo, por conseguinte, difícil de definir, cuja análise se diferencia dos demais componentes já citados: "Migration analysis is therefore fundamentally different from that of natality or mortality, as one takes both time and space into account"<sup>32</sup> (WUNSH; TERMOTE, 1978, p. 195). Essa diferença entre os componentes também aparece em Bilsborrow (2011, p. 18) ao citar que "en varios aspectos la migración es más compleja y no tiene un componente biológico como en el caso de la fecundidad. Así, la migración es compleja de definir, habiendo mucha variación e inconsistencias"<sup>33</sup>.

Cresswell (2006) trabalha com a diferenciação da noção de mobilidade da de movimento. Para ele, movimento seria aquele ligado a localização, propriamente dita, ou seja,

<sup>31</sup> ao contrário dos outros componentes do crescimento demográfico, afeta duas populações, a população de origem e a população de destino. (Tradução nossa).

<sup>32</sup> A análise da migração é, portanto, fundamentalmente diferente daquela da natalidade ou da mortalidade, uma vez que se leva em consideração tempo e espaço. (Tradução nossa).

<sup>33</sup> Em vários aspectos, a migração é mais complexa e não tem componente biológico, como no caso da fecundidade. Assim, a migração é complexa de definir, tendo muita variação e inconsistências. (Tradução nossa).

aquele que liga corpos de A a B. Já a mobilidade estaria relacionada ao lugar, à experiência da vida cotidiana, com a maior presença de simbolismos e significados. A noção proposta por ele é a de "mobility as socially produced motion"<sup>34</sup> (CRESSWELL, 2006, p. 03), ou seja, um movimento coletivo.

Já Urry (2007), bebendo da fonte de Kaufmann (2002), diferencia motilidade de mobilidade. Motilidade seria o caminho para alcançar a mobilidade, ou seja, se trata da mobilidade em potencial. Seus determinantes envolvem: "physical aptitude, aspirations, accessibility to transportation and communications, space-time constraints, knowledge, licenses and so on"<sup>35</sup> (URRY, 2007, p. 38). São, portanto, categorizados em estruturas de acessibilidade e oportunidade. A mobilidade, por sua vez, seria o "observable movement"<sup>36</sup>, que assume várias formas como: movimentos residenciais, migração, viagem e mobilidade diária. Porém, o autor salienta que, os determinantes da motilidade, acabam por produzir o que ele chama de formas *híbridas*, quando há uma junção entre elas como "dual residence, very long-distance commuting combined with some working from home, households with separate homes, and short term tourism"<sup>37</sup> (KAUFMANN, 2002, p. 40 apud URRY, 2007, p. 39). São novas formas de mobilidade sendo criadas a partir da estrutura de oportunidades existente.

O termo mobilidade pode ser considerado polissêmico, uma vez que não possui um sentido único. Em publicação recente das Nações Unidas, reconheceu-se mais uma vez a dificuldade de conceitualização dos termos relacionados à mobilidade, apresentando fatores que podem contribuir com os processos migratórios:

no existe un acuerdo universal sobre la definición de migración o migrante [...]. Las definiciones técnicas, los conceptos y las categorías de migrantes y migraciones se fundamentan necesariamente en factores geográficos, políticos, metodológicos, temporales y de otra índole. Por ejemplo, los procesos migratorios pueden definirse de diversas maneras, entre otras cosas, en función del lugar de nacimiento, la ciudadanía, el lugar de residencia y la duración de la estancia del migrante<sup>38</sup> (NACIONES UNIDAS, 2018, p. 16).

<sup>34</sup> mobilidade como movimento socialmente produzido. (Tradução nossa).

<sup>35</sup> aptidão física, aspirações, acessibilidade ao transporte e comunicações, restrições de espaço-tempo, conhecimento, licenças e assim por diante. (Tradução nossa).

<sup>36</sup> movimento observável. (Tradução nossa).

<sup>37</sup> residência dupla, transporte de longa distância combinado com alguns que trabalham em casa, domicílios com residências separadas e turismo de curta duração. (Tradução nossa).

<sup>38</sup> não há acordo universal sobre a definição de migração ou migrante [...]. As definições técnicas, conceitos e categorias de migrantes e migrações são necessariamente baseadas em fatores geográficos, políticos, metodológicos, temporais e outros. Por exemplo, os processos de migração podem ser definidos de várias



A publicação também aponta que as discussões sobre mobilidade se enquadram como dimensão fundamental da geografia da população e dos estudos populacionais geográficos e afirmam que a migração não deve ser entendida apenas como fenômeno individual e isolado, mas como integrante de um conjunto de comportamentos e ações que são reflexo e refletem a dinâmica da sociedade, sendo todas as formas de mobilidades humanas, relacionáveis entre si. A partir disso, surgem dois pontos fundamentais:

El primero de ellos es que los conocimientos sobre movilidad deben basarse en el reconocimiento de la migración como una práctica relacional, y el segundo, que la migración debe entenderse como un mecanismo fundamental que configura inevitablemente todas las geografías humanas, tanto las de las personas que se desplazan como las de quienes no lo hacen migrante<sup>39</sup> (NACIONES UNIDAS, 2018, p. 16).

Isto posto, cabe ressaltar porque estamos nos referindo sempre ao deslocamento realizado pela população como "mobilidade espacial" e não como migração ou outra designação usual. Sabe-se que a nomenclatura referente ao fenômeno é variada e que o ato de se deslocar pelo espaço é amplamente conhecido como migração. Porém, as palavras não são sinônimas e o que elas representam também não. Além disso, Castillo (2017) destaca a necessária utilização do adjetivo "espacial" quando se referir a esse tipo de mobilidade geográfica, para diferir das outras categorias existentes, como a mobilidade social, econômica ou do trabalho. Assim como Castillo (2017), Balbim (2016) também se refere à mobilidade geográfica como sinônimo de mobilidade espacial.

Esses deslocamentos são compostos por ritmos e durações e ocorrem em algum espaço físico. Nesse sentido, Robaina (2015) faz uma síntese acerca dos aspectos que constituem a dimensão da mobilidade espacial:

A complexidade que envolve a mobilidade pode ser pensada a partir de três aspectos. O primeiro deles se relaciona à extensão dos movimentos, que pode variar desde poucos metros em uma escala local, até milhares de quilômetros e romper com as noções de fronteiras internacionais. O segundo se relaciona à dimensão temporal, ou seja, aos diferentes ritmos e frequências com que ocorrem no espaço, desde a repetição cotidiana, cíclica

---

maneiras, entre outros, em função do local de nascimento, da cidadania, do local de residência e do tempo de permanência do migrante. (Tradução nossa).

<sup>39</sup> O primeiro é que o conhecimento sobre a mobilidade deve ser baseado no reconhecimento da migração como uma prática relacional, e o segundo, que a migração deve ser entendida como um mecanismo fundamental que molda inevitavelmente todas as geografias humanas, tanto as pessoas que se movem como as que não migram. (Tradução nossa).

ou processos de longa duração. O terceiro atua concomitantemente com as duas dimensões anteriores e está relacionado com os significados envolvidos nos possíveis processos de mudança (ROBAINA, 2015, p. 100).

As principais dimensões responsáveis pela caracterização da mobilidade populacional, portanto, são a noção de tempo<sup>40</sup> e espaço, como explicam Cardoso e Lobo (2016):

O espaço é representado pelas categorias de lugar de origem e destino, ou seja, o deslocamento é definido pelo movimento que pode ser realizado entre duas ou mais localidades. O tempo é explicitado na forma do tempo cronológico em dias, meses ou anos. As dimensões espaciais e temporais sustentam tipificações sobre os deslocamentos populacionais, que não podem ser amplamente reduzidos ao termo migração, devido à complexidade de fatores, processos e dinâmicas implícitos ao fenômeno migratório (CARDOSO; LOBO, 2016, p. 478).

Lelièvre (1999) salienta que, seja qual for o tipo de deslocamento, ele tem um ritmo (que nem sempre é o mesmo), associando a uma duração (tempo), e ocorre em um espaço físico, sendo as diferentes categorias de mobilidade compostas pela variação e composição desses critérios.

Cabe ressaltar a atenção dada por Harvey (1992) às noções de tempo e espaço, salientando a necessidade de reconhecer suas qualidades e o papel das práticas humanas em sua construção.

O espaço e o tempo são categorias básicas da existência humana. E, no entanto, raramente discutimos o seu sentido; tendemos a tê-los por certos e lhes damos atribuições do senso comum ou auto-evidentes. Registramos a passagem do tempo em segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, décadas, séculos e eras, como se tudo tivesse o seu lugar numa única escala temporal objetiva. [...] O espaço também é tratado como um fato da natureza, “naturalizado” através da atribuição de sentidos cotidianos comuns. Sob certos aspectos mais complexo do que o tempo – tem direção, área, forma, padrão e volume como principais atributos, bem como distância –, o espaço é tratado tipicamente como um atributo objetivo das coisas que pode ser medido e, portanto, apreendido. [...] Considero importante contestar a ideia de um sentido único e objetivo de tempo e de espaço com base no qual possamos medir a diversidade de concepções e percepções humanas. (HARVEY, 1992, p.187-189).

---

<sup>40</sup> Para levantamento criterioso sobre a questão do tempo na geografia, com a visão de autores renomados sobre aspectos conceituais, metodológicos e limites disciplinares, ver Vasconcelos (1999).

As variações de tempo e espaço, portanto, definem as diferenças entre as categorias de mobilidade. Livi-Bacci (1993, p. 311) se refere à mobilidade como um conceito abrangente: "Por movilidad, concepto más general y más global, se entiende la capacidad de la población de desplazarse en el territorio"<sup>41</sup>. Essa visão geral também é posta por Wunsh e Termote (1978), incluindo também as migrações e movimentos pendulares: "Spatial mobility is defined as the ability to move in space. This phenomenon is revealed either by migration, which involves a change in the place of residence, or by commuting between a given place of residence and some other point in space"<sup>42</sup> (WUNSH; TERMOTE, 1978, p. 196).

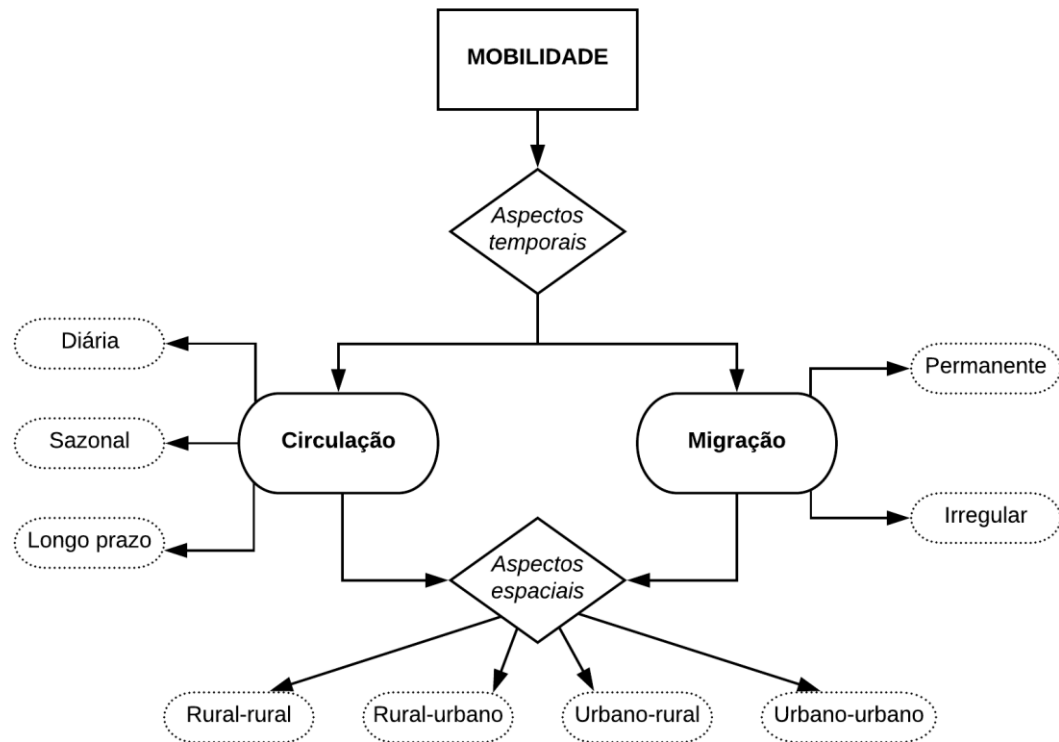
Também entendendo a mobilidade como primeira categoria, Gould (2009) propôs uma tipologia dos fenômenos da mobilidade, dividindo-os entre os aspectos temporais e espaciais. Com relação aos aspectos temporais, o autor distingue a mobilidade entre *circulação* e *migração*. A circulação pode ser diária, sazonal ou de longo prazo, sem período pré-determinado. Assemelha-se à noção de pendularidade. Já a migração, para o autor, pode ser de caráter permanente, quando existe finalidade de estabelecer estadia fixa, ou irregular, sem permanência definida. Quanto aos aspectos espaciais, o autor sinaliza que os movimentos podem ser feitos entre áreas rurais e urbanas, da seguinte forma: rural-rural, rural-urbana, urbana-rural ou urbana-urbana. A seguir (Figura 2), apresenta-se um fluxograma com a síntese da proposta de tipologia da mobilidade de Gould (2009).

---

<sup>41</sup> Por mobilidade, um conceito mais geral e mais global, entende-se a capacidade da população de se deslocar no território. (Tradução nossa).

<sup>42</sup> A mobilidade espacial é definida como a capacidade de se mover no espaço. Este fenômeno é revelado ou pela migração, que envolve uma mudança no local de residência, ou pelo deslocamento pendular entre um determinado local de residência e algum outro ponto no espaço. (Tradução nossa).

FIGURA 2 - TIPOLOGIA DOS FENÔMENOS DA MOBILIDADE DE GOULD (2009)



FONTE: GOULD (2009, P. 158). ELABORAÇÃO PRÓPRIA .

Cabe ressaltar que essa categorização dos aspectos espaciais, limita a análise às características rural e urbana, sem levar em consideração as escalas interna ou intermunicipal, regional, nacional ou internacional, por exemplo. É necessário, portanto, refinar a análise, como asseguram Siqueira *et al.* (2015):

Los marcos teóricos clásicos, que privilegian formas como urbano-rural, rural-urbano, urbanourbano y rural-rural, adolecen de significativas limitaciones a la hora de explicar un hecho social complejo como la movilidad poblacional y es necesario revisarlos y encuadrarlos em soluciones más refinadas de calificación del espacio<sup>43</sup> (SIQUEIRA *et al.*, 2015, p. 137).

Na busca por uma conceitualização oportuna, sem a intenção de ser definitiva ou exclusiva, a mobilidade espacial é assumida neste trabalho como: qualquer deslocamento feito pela população, que altere seu espaço de vida, com a intenção de mudar de residência,

<sup>43</sup> Os referenciais teóricos clássicos, que privilegiam formas como urbano-rural, rural-urbano, urbano-urbano e rural-rural, sofrem limitações significativas na explicação de um evento social complexo como a mobilidade populacional e é necessário revisá-los e enquadrá-los em soluções mais refinadas de qualificação espacial. (Tradução nossa).

estudar, trabalhar, buscar serviços de saúde ou outra finalidade no local de destino, independente do intervalo de duração e dos limites territoriais. Ou seja, deslocamentos intramunicipais também são considerados. Esse recorte analítico, portanto, engloba tanto os movimentos migratórios quanto os pendulares e cotidianos, que geram mudança no espaço de vida dos indivíduos.

Sendo assim, a mobilidade espacial da população está associada aos movimentos de caráter permanente (geralmente tratados como migração) e temporário ou cotidiano (geralmente tratados como pendulares, apesar de nem sempre serem diários). Independentemente de ambos os movimentos desencadearem fluxos de pessoas, o sentido desses movimentos não é o mesmo, como afirma Robette (2009, p. 125): “En effet, la mobilité quotidienne et la mobilité résidentielle sont de nature très différente”<sup>44</sup>. Em relação à complexidade das definições, Patarra e Cunha (1987) salientam:

sob um conceito amplo e mal definido, mesclam-se processos complexos e diversificados, que emergem na resultante redistribuição da população no espaço. Desde mudanças de residência relacionadas a momentos do ciclo vital até movimentos que significam etapas de ascensão na escala social, diversos e complexos são os fatores subjacentes aos deslocamentos populacionais de uma área a outra (PATARRA; CUNHA, 1987, p. 32).

Concorda-se com a distinção feita por Cunha (2013), ao considerar que a ideia de migração está contida na noção mais ampla de mobilidade espacial.

Temos utilizado o termo "mobilidade espacial" ou "territorial" com uma noção mais ampla que migração, e que portanto englobaria esta última. Entendemos que o primeiro termo evita o que consideramos ser um engessamento conceitual imposto pela definição de migração, que envolve mudanças entre unidades administrativas oficialmente constituídas (como municípios, estados e países) limitando, assim, no nosso entender, a compreensão e visualização das diversas escalas espaciais em que ocorrem as mudanças residenciais (CUNHA, 2013, p. 212).

Outrossim, Cunha (2012) comenta sobre a definição do fenômeno: "Sendo a migração, ou mais genericamente, a mobilidade espacial da população um fenômeno multifacetado e, principalmente, multiescalar, sua definição nem sempre é imediata e óbvia" (CUNHA, 2012, p. 47). O que envolve, portanto, a inexistência de uma definição única.

---

<sup>44</sup> De fato, a mobilidade diária e a mobilidade residencial são de natureza muito diferentes. (Tradução nossa).

A definição de migração para a organização internacional que trabalha com produção e divulgação de dados populacionais é a de que "La migración es el movimiento geográfico de personas a través de una frontera específica con fines de establecer una residencia permanente o semipermanente"<sup>45</sup> (POPULATION REFERENCE BUREAU, 2003, p. 35). O clássico texto de Lee (1980, p. 99), também define migração como "uma mudança permanente ou semipermanente de residência", porém de forma mais abrangente, uma vez que não delimita a distância do deslocamento, nem a natureza espontânea ou forçada, nem diferencia os fluxos internos dos externos.

Quando se fala em residência, implicitamente podemos ser levados ao descuido de assumir que ela é única e permanente. Entretanto, cabe ressaltar que a noção de mudança permanente de residência é melindrosa, uma vez que as atividades humanas são dinâmicas e mutáveis, levando o que outrora tinha intenção de ser permanente, a se tornar instável após algum novo acontecimento, por exemplo. Essa também é a interpretação de Bilborrow (1998, p. 05): "In fact, the use of the term permanent should be avoided, as neither the migration is permanent - not even for nomads - nor is the residence; indeed, the lack of permanence is inherent in the definition of migration itself"<sup>46</sup>. Domenach e Picouet (1990) ressaltam que essa noção de residência única, permanente, se destaca nos estudos sobre migração, pois há alguns anos, o modelo socioeconômico predominante era o de manter-se em uma única residência. O número de deslocamentos era limitado, onde, "salvo ciertas excepciones, toda nueva instalación estaba considerada como definitiva"<sup>47</sup> (DOMENACH; PICOUE, 1990, p. 51). Nesse sentido, concorda-se com Robette (2012, p. 03), quando afirma que "Associer un individu à un lieu unique apparaît donc insuffisant pour identifier les diverses formes de mobilité spatiale"<sup>48</sup>.

No contexto do movimento de estudantes, essa consideração sobre o local de residência é ainda mais complexa, uma vez que os alunos podem passar a semana em uma residência para estudar, chamada neste trabalho de residência secundária, sem considerá-la como sua moradia, já que retornam com frequência para outra casa (geralmente onde moram os familiares), chamada de residência principal.

---

<sup>45</sup> A migração é o movimento geográfico de pessoas através de uma fronteira específica, a fim de estabelecer uma residência permanente ou semi-permanente. (Tradução nossa).

<sup>46</sup> De fato, o uso do termo permanente deve ser evitado, uma vez que nem a migração é permanente - nem mesmo para os nômades - nem a residência; na verdade, a falta de permanência é inerente à própria definição de migração. (Tradução nossa).

<sup>47</sup> Com algumas exceções, cada nova instalação foi considerada definitiva. (Tradução nossa).

<sup>48</sup> Associar um indivíduo a um único lugar parece, portanto, insuficiente para identificar as várias formas de mobilidade espacial. (Tradução nossa).

A mudança de residência é o fator que consta na definição tradicional, reconhecida pelo renomado manual sobre migração das Nações Unidas, ao atestar que "La migración se define como un traslado de una zona definitoria de la migración a otra (o un traslado a una distancia mínima especificada) que se ha hecho durante un intervalo de migración determinado y que ha implicado un cambio de residencia"<sup>49</sup> (NACIONES UNIDAS, 1972, p. 02). Esse seria, portanto, o atributo considerado como fundamental desse tipo de deslocamento: "La característica esencial de la migración es, pues, el hecho de que implica un cambio de lugar de residencia, o de lugar de residencia 'habitual', es decir, ir a vivir en un lugar nuevo o distinto"<sup>50</sup> (NACIONES UNIDAS, 1972, p. 01). Essa é, inclusive, a definição utilizada no Brasil, pelo IBGE, que conceitua migração como o ato de deixar uma circunscrição territorial (município, para migração interna e país, para imigração internacional) para ir morar em outra (IBGE, 2010). Assim também acontece em vários países que utilizam essa conceituação operacional das Nações Unidas para planejar suas pesquisas sobre migrações.

A definição clássica de migração como mudança de residência, está presente em Gould (2009), que também associa a mobilidade a aspectos temporais e espaciais. Para o autor, "Migration is an intrinsically spatial phenomenon involving movement of individuals and groups across space into and out of an area. The process of movement is therefore about flows, how they are measured and described"<sup>51</sup> (GOULD, 2009, p. 155). Porém, o autor salienta que, apesar da conceituação de migração envolver a ideia de fluxo, os migrantes são analisados geralmente como estoque, ou seja, o número acumulado de pessoas que se mudaram para determinada região.

De acordo com o *Dictionnaire de la Géographie et de l'espace des sociétés*<sup>52</sup>, migração é definida como o "Déplacement d'un individu ou d'un groupe d'individus, suffisamment durable pour nécessiter un changement de résidence principale et d'habitat, et impliquant une modification significative de l'existence sociale quotidienne du (des)

---

<sup>49</sup> A migração é definida como uma transferência de uma área de origem da migração para outra (ou uma transferência para uma distância mínima especificada) que foi feita durante um determinado intervalo de migração e que envolveu uma mudança de residência. (Tradução nossa).

<sup>50</sup> A característica essencial da migração é, portanto, o fato de implicar uma mudança de local de residência, ou um lugar de residência "habitual", ou seja, ir morar em um lugar novo ou diferente. (Tradução nossa).

<sup>51</sup> A migração é um fenômeno intrinsecamente espacial que envolve o movimento de indivíduos e grupos através do espaço dentro e fora de uma área. O processo de movimento é, portanto, sobre fluxos, como eles são medidos e descritos. (Tradução nossa).

<sup>52</sup> Dicionário de Geografia e Espaço das Sociedades. (Tradução nossa).

migrant(s)"<sup>53</sup> (LÉVY; LUSSAULT, 2003, p. 615). Os autores, portanto, não trabalham diretamente com a ideia de permanência, mas ressaltam o aspecto subjetivo do fenômeno, com relação às implicações na vida dos indivíduos.

Convém observar o destaque feito por Cunha (2013), às mudanças residenciais. Nota-se que, para o autor, os deslocamentos em menores distâncias, para realizar mudanças residenciais, por exemplo, mesmo dentro do limite de fronteiras politicamente constituídas, também seriam considerados como migração. Ou seja, a migração contemplaria tanto os deslocamentos intermunicipais como os intramunicipais. Essa visão também está em Cunha *et al.* (2006), Pereira (2006) e Lima (2015).

A definição do fenômeno da migração, portanto, pode variar de acordo com o interesse do pesquisador, como destaca Cunha (2011, p. 08): "rotular determinado movimento como migração ou algum outro tipo de mobilidade espacial dependeria muito menos de conceitos herméticos predefinidos, do que a real definição do fenômeno como objeto de estudo". O autor ainda salienta que definições de caráter normativo são usadas, geralmente, para satisfazer uma necessidade de padronização, ou a uma justificativa de acordo com a disponibilidade dos dados para a análise. Bilsborrow (1998) ratifica a referência de que as definições de migração são feitas, em geral, para tornar o fenômeno mensurável:

For a movement to be considered a migration, it must (1) it across a political and administrative boundary, and (2) involve a change of "usual residence." This very specific, limited definition of migration was developed to make it measurable from standart data sources - basically from population censures. Evidently there are many types of population mobility not considered migration movements, including some that satisfy onde but not both of the requirements above. Thus, a change of residence within the smallest administrative unit used in a country, and movements across administrative borders which do not involve an official or declared "change of residence," are not considered migration<sup>54</sup> (BILSBORROW, 1998, p. 03).

---

<sup>53</sup> Deslocamento de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos, suficientemente durável por demandar uma mudança de residência principal e de habitat, implicando em uma modificação significativa da existência social quotidiana do(s) migrante(s). (Tradução nossa).

<sup>54</sup> Para que um movimento seja considerado uma migração, ele deve (1) atravessar uma fronteira política e administrativa e (2) envolver uma mudança de "residência habitual". Essa definição muito específica e limitada de migração foi desenvolvida para torná-la mensurável a partir de fontes de dados padrão - basicamente de censos populacionais. Evidentemente, existem muitos tipos de mobilidade populacional que não são considerados movimentos migratórios, incluindo alguns que satisfazem os requisitos acima, mas não os dois. Assim, uma mudança de residência dentro da menor unidade administrativa usada em um país, e as movimentações além das fronteiras administrativas que não envolvem uma "mudança de residência" oficial ou declarada, não são consideradas migração. (Tradução nossa).



A dinâmica migratória brasileira vem se modificando nos últimos anos, com mudanças na intensidade e direção dos fluxos de pessoas pelo território, passando da concepção clássica de migração rural-urbana, como aconteceu em meados do século XX, com grandes fluxos de migrantes principalmente originários da Região Nordeste com destino às áreas de expansão das Regiões Sudeste e Sul, para os deslocamentos do tipo urbano-urbano, com ascensão da mobilidade cotidiana, com intensas trocas populacionais também no interior dos estados. Como demonstram Braga e Matos (2017, p. 60), a partir da segunda metade do século XX, a maior parte dos movimentos que "era de tipo rural-urbano, perdeu expressão no cômputo geral das migrações internas, dando lugar aos fluxos de tipo urbano-urbano dentro e fora das regiões metropolitanas". Essas alterações não são exclusivas no cenário brasileiro, mas sim de toda América Latina, como salienta Rodríguez Vignoli (2013):

el escenario actual sobre redistribución espacial de la población es diferente al del siglo pasado, cuando la región reconfiguró su patrón de asentamiento territorial poblacional dados los masivos desplazamientos migratorios internos. La urbanización, impulsada por la migración rural-urbana, fue uno de ellos; los otros, también de gran envergadura, fueron el éxodo de áreas de poblamiento histórico y rezago económico y social, las oleadas inmigratorias hacia regiones metropolitanas y los flujos hacia áreas de baja densidad demográfica. Los dos primeros persisten, si bien atenuados; el tercero ya no es generalizado debido a la pérdida de atractivo de algunas áreas metropolitanas; y el cuarto continúa, aunque de forma menos masiva, con intermitencias y sin el apoyo oficial del pasado<sup>55</sup> (RODRÍGUEZ VIGNOLI (2013, p. 89).

Dota e Queiroz (2019, p. 425) destacam que os fluxos de longa e média distância no Brasil foram reduzidos nas últimas décadas, sob efeito da crise econômica vivenciada pelo país. Porém, “o estudo em escala espacial menor, mais desagregada, como, por exemplo, em nível estadual, pode apontar particularidades e resultados diferentes do observado para a dinâmica migratória de longa e média distância”, com a intensificação dos fluxos de curta distância.

---

<sup>55</sup> o cenário atual sobre a redistribuição espacial da população é diferente ao do século passado, quando a região reconfigurou seu padrão de assentamento territorial populacional devido aos massivos movimentos migratórios internos. A urbanização, impulsionada pela migração rural-urbana, foi um desses; os outros, também de grande envergadura, foram o êxodo de áreas de povoamento histórico e retardo econômico e social, as ondas migratórias em direção a regiões metropolitanas e os fluxos a áreas de baixa densidade demográfica. Os dois primeiros persistem, se bem que atenuados; o terceiro já não se encontra generalizado dada a perda de atrativo de algumas áreas metropolitanas; e o quarto continua, ainda que de forma menos massiva, com intermitências e sem o apoio oficial do passado. (Tradução nossa).

Estas alterações na dinâmica migratória produzem diferentes tipos de deslocamentos pelo espaço. Bilborrow (1998) faz uma identificação de vários tipos de deslocamentos populacionais a partir da noção de tempo-espaço, definindo as migrações temporárias, sazonais e sugerindo uma modalidade de deslocamento cotidiano diferente da pendularidade, o que ele chama de circulação:

Circulation is probably more difficult to define, but in the interest of stimulating debate towards a common definition, I suggest that it be defined as movement within a 30-day period, whether for work or other reasons, that involves sleeping a series of consecutive nights away from home, and is repeated on a more-or-less regular basis in consecutive months, but without changing one's perceived place of usual residence. Circulation can involve a person's actually spending most nights sleeping away from "home." In that sense it differs from commuting, or daily travel to a place of work or study<sup>56</sup> (BILSBORROW, 1998, p. 05).

Cunha *et al.* (2013, p. 434) afirmam que existe um movimento que "se caracteriza por sua regularidade (embora possa ser ou não cotidiano)", chamado de **mobilidade pendular**. Ou seja, sua característica é a de um deslocamento sem o caráter permanente de mudança. Nesse sentido, Oliveira (2011) aponta que este tipo de deslocamento, apesar de sua regularidade, não deve ser restrito ao movimento diário, pois, "É sabido que, em períodos um pouco maiores, são observados deslocamentos pendulares para acesso aos serviços de lazer, saúde e comércio, entre outros." (OLIVEIRA, 2011, p. 18).

A pendularidade, de acordo com Marandola e Ojima (2014, p. 186), se tornou um estilo de vida, "fruto de escolhas e, enquanto tal, indissociável da mobilidade", merecendo, portanto, ser também esmiuçada. Acrescenta-se ainda que a pendularidade possa decorrer não somente de escolhas, como também de constrangimentos que são por vezes, impostos às populações, como salientou Silva (2013).

Essa mobilidade cotidiana em busca de trabalho, estudo, lazer, entre outras finalidades, intensifica o fluxo populacional, alterando a dinâmica e o funcionamento dos espaços urbanos. Courgeau salienta a importância desses movimentos, ao dizer que eles "ont souvent un effet aussi important sur l'équilibre économique d'une région, voire d'un Etat, que

---

<sup>56</sup> A circulação é provavelmente mais difícil de definir, mas no interesse de estimular o debate em direção a uma definição comum, sugiro que seja definida como movimento dentro de um período de 30 dias, seja por trabalho ou por outros motivos, que envolva dormir uma série de noites consecutivas fora de casa, e é repetido de forma mais ou menos regular em meses consecutivos, mas sem mudar a percepção do lugar de residência habitual. A circulação pode envolver uma pessoa que passa a maioria das noites dormindo longe de "casa". Nesse sentido, difere do deslocamento diário ou da viagem diária para um local de trabalho ou estudo. (Tradução nossa).

les déplacements dits définitifs”<sup>57</sup> (COURGEAU, 1975, p. 29). Pereira (2006) destaca que a pendularidade se enquadra em um deslocamento funcional, ou seja, que tem um objetivo, uma finalidade, e não como um deslocamento residencial, diferente da migração. Sendo assim, tendo um local intermediário como objetivo do deslocamento, o local de origem e de destino dos deslocamentos pendulares são os mesmos.

Vale ressaltar a grande diversidade de uso do termo que aparece nos trabalhos acadêmicos com diferentes nomenclaturas, ora como *migração pendular*, ora como *movimento pendular*, *deslocamento pendular* e até *comutação*, palavra derivada do termo americano *commuting*, que é muito utilizado na literatura para se referir ao fenômeno. Ravenstein (1885) designa de "migrantes temporários"; Beaujeu-Garnier (1980) reconhece como “migrações oscilatórias”; Castells (1972), por sua vez, denominou de "migrações alternantes"; enquanto os franceses intitulam de *navettes*. Especificamente com relação aos deslocamentos de estudantes, Rosario (2012) os denominou de "nômades do saber", que realizam "migrações estudantis"; Tavares (2016), por sua vez, intitulou de "estudantes pendulares". Esses termos são associados aos deslocamentos cotidianos realizados pela população. Nota-se, portanto, que não há uma denominação única para esse tipo de deslocamento, “embora as definições sejam respaldadas pelo consenso dos utilizadores”, como afirmam Lira *et al.* (2017, p. 58).

A partir da constatação da relevância dos deslocamentos da população para a compreensão da dinâmica dos espaços urbanos, Moura, Castello Branco e Firkowski (2005), em prestigiado trabalho sobre movimentos pendulares, fazem uma discussão conceitual sobre a temática a partir de estudos teóricos e empíricos e constatam que não é possível separar a discussão do movimento da de mobilidade. Diante da grande quantidade de definições e termos utilizados para se referir ao fenômeno, as autoras optaram por usar os termos “movimento” ou “deslocamento” pendular e não migração pendular, "por se entender que tal dinâmica envolve um deslocamento diário e que, portanto, não implica transferência para ou fixação definitiva em outro lugar" (MOURA *et al.*, 2005, p. 123). Ou seja, migração é diferente de pendularidade.

Concorda-se com as autoras e, neste trabalho, além de "movimento” ou “deslocamento”, poderá ser utilizado também o termo "mobilidade pendular", para se referir a esse fenômeno. Cabe ressaltar que, apesar da noção mais ampla de mobilidade estar recebendo maior destaque em alguns trabalhos acadêmicos, em outros, o fenômeno da

---

<sup>57</sup> muitas vezes têm um efeito tão significativo sobre o equilíbrio econômico de uma região, ou mesmo de um Estado, quanto os chamados deslocamentos permanentes (Tradução nossa).

pendularidade ainda é denominado de *migração pendular*. A nosso ver, o uso desse termo é inadequado, uma vez que, apesar da complexidade de conceituação, a migração é comumente delineada pela mudança de residência, enquanto a pendularidade, como o próprio nome já diz, se refere a deslocamentos de ida e volta (como um pêndulo), sendo, portanto, frequentes, usualmente cotidianos, não implicando necessariamente em mudança de residência. Sendo assim, falar em uma migração que seja pendular não faz sentido, torna-se vago.

Vários estudos realizados observam que os movimentos pendulares se enquadram nas novas modalidades de deslocamentos da população, que deixam de ser realizadas quase exclusivamente nos grandes centros urbanos e passam a ganhar vulto também em cidades de menor nível na hierarquia urbana, como as cidades de porte médio (STAMM; STADUTO, 2008, BAENINGER, 1996). Adams (1995, p.13) já salientava que após a década de 1950, "Defining functional regions through commuting studies became a standard approach"<sup>58</sup>, onde os deslocamentos cotidianos entre casa e trabalho, por exemplo, definiram as áreas geográficas (ADAMS, 1995).

O trabalho de Cunha *et al.* (2013) deixou claro a relação existente entre o fluxo populacional e a estrutura dos centros urbanos, a partir das ligações estabelecidas entre as cidades, considerando que "a mobilidade pendular, se não totalmente, ao menos parcialmente revela ou reflete de maneira eloquente o grau de complementariedade e/ou integração existente entre distintos territórios" (CUNHA *et al.*, 2013, p. 454). Os autores concluem afirmando ainda que, além de ser um fenômeno social, a análise da mobilidade pendular pode identificar: "grau de permeabilidade, interação, contiguidade ou complementariedade existentes entre os subespaços, elementos centrais para se ter em conta quando realmente se pensa em um planejamento regional realista e não excludente" (CUNHA *et al.*, 2013, p. 455).

Importantes contribuições acerca da complexidade da mobilidade pendular estão em Jardim (2011). De acordo com o autor, esse tipo de deslocamento envolve diversas dimensões, com motivações econômicas, mas também sociais, psicológicas, políticas e culturais. Buscando fazer um recorte, o autor afirma que os movimentos pendulares se referem:

aos percursos entre o domicílio e o lugar de trabalho, medidos em termos de tempo e espaço, que pode variar de uma hora ou mais, um dia de trabalho, uma semana ou um mês [...] funciona como uma proxy dos movimentos da

---

<sup>58</sup> Definir as regiões funcionais através de estudos de comutação tornou-se uma abordagem padrão. (Tradução nossa).

economia e da sociedade contemporâneas, responsáveis pela criação de novos espaços e dinâmicas social e territorial (JARDIM, 2011, p. 62).

Tavares (2016) considera a pendularidade como "uma das formas que a mobilidade pode adquirir, possibilitando, impedindo, estimulando ou transformando a realização de todas as outras formas de mobilidade" (TAVARES, 2016, p. 21). É possível resumir sua relevância usando as palavras de Moura *et al.* (2005) quando afirmam que, ao serem espacializados, os dados sobre mobilidade pendular permitem

definir ou redefinir a extensão de aglomerados urbanos; confirmar ou apontar centralidades; identificar áreas alimentadoras, como as "cidades-dormitórios"; e vislumbrar novas configurações espaciais. Associados a indicadores de densidade, crescimento, ocupação, entre outros, podem ainda subsidiar a construção de tipologias do grau de integração dos municípios na dinâmica das aglomerações (MOURA *et al.*, 2005, p.131-132).

Nesse sentido, vale destacar também os objetivos da coleta de informações sobre deslocamento para trabalho e estudo no censo demográfico. De acordo com o IBGE (2010), a finalidade do levantamento sobre deslocamento para estudo é "Levantar informações sobre o deslocamento de pessoas entre diferentes municípios e/ou países estrangeiros para a frequência a escola ou a creche" (IBGE, 2010, p. 225). Já as perguntas sobre deslocamento para trabalho, visam atender aos seguintes objetivos:

- identificar as ligações entre municípios que constituem aglomerações urbanas, permitindo o planejamento integrado das redes de transporte disponíveis para atender diferentes pontos das aglomerações urbanas;
- dimensionar a oferta de transporte público adequado à flutuação da demanda (IBGE, 2010, p. 278).

Sobre a dimensão do fenômeno, Cresswell (2006) aponta que a mobilidade se refere ao ato de mover-se entre localidades que podem ser cidades ou lugares distantes apenas por poucos centímetros. Porém, não somente. O autor dissocia a ideia da mobilidade como mero movimento ou mero componente quantitativo utilizado para medir fluxos. De acordo com Cresswell, a mobilidade é mais ampla; não envolve somente deslocamentos físicos, e sim estruturas, culturas, significados, sendo, portanto, um fenômeno social.

Essa perspectiva de Cresswell para a análise da mobilidade vai ao encontro do ponto de vista de Lévy:

Pode-se definir a mobilidade como a relação social ligada à mudança de lugar, isto é, como o conjunto de modalidades pelas quais os membros de uma sociedade tratam a possibilidade de eles próprios ou outros ocuparem sucessivamente vários lugares. Por esta definição, excluimos duas outras opções: aquela que reduziria a mobilidade ao mero deslocamento (...), eliminando assim as suas dimensões ideais e virtuais, e aquela que daria um sentido muito geral a este termo, jogando com as metáforas (tal como a «mobilidade» social) ou com extensões incontroladas (a comunicação, por exemplo) (LÉVY, 2001, p. 7).

Haesbaert (2016) segue esse "ponto de vista geográfico de Jacques Lévy" ao trabalhar com a mobilidade além do mero deslocamento: "não focalizamos mobilidade nem no sentido estrito de mero deslocamento "objetivo" e genérico de um local para outro, nem, no seu extremo oposto, como abstração e mesmo como simples metáfora onde tudo é passível de 'mobilidade'" (HAESBAERT, 2016, p. 237). Urry (2007) também segue essa linha ao afirmar que a mobilidade é um fenômeno social que ultrapassa as dimensões físicas e econômicas, envolvendo também os aspectos culturais, afetivos, individuais além, é claro, da dimensão espacial. Por isso mesmo o autor se refere ao fenômeno como *mobilidades (mobilities)*, no plural, uma vez que sua natureza é múltipla de significados e sentidos e propõe a análise dessas mobilidades como um novo paradigma para pensar a sociedade atual. Essa também é a direção proposta por Balbim (2016), ao conceituar mobilidade:

a noção de mobilidade supera a ideia de deslocamento físico, pois traz para a análise suas causas e consequências – ou seja, a mobilidade não se resume a uma ação. Em vez de separar o ato de deslocamento dos diversos comportamentos individuais e de grupo – presentes tanto no cotidiano quanto no tempo histórico –, o conceito de mobilidade tenta integrar a ação de deslocar, quer seja uma ação física, virtual ou simbólica, às condições e às posições dos indivíduos e da sociedade (BALBIM, 2016, p. 27).

Bourdieu (2013) entende que cada ser humano, chamado por ele de agente social, se caracteriza por uma série de fatores: pelo lugar onde está inserido; pela posição relativa que sua localização ocupa (privilegiada ou não); pela posição que ocupa no espaço (por meio de suas propriedades), compondo assim uma espécie de hierarquia, uma ordem de coexistência entre os agentes e as propriedades, que ele denomina de *espaço físico apropriado*. Entendendo *lugar* como posição nessa ordem e *local* como uma extensão ocupada, o autor afirma que, "o lugar e o local ocupados por um agente no espaço físico apropriado constituem excelentes indicadores de sua posição no espaço social", ou, na sociedade (BOURDIEU, 2013, p. 134). Se o lugar e o local indicam a posição no espaço social, a mobilidade pode

indicar a possibilidade de ascensão nessa ordem. Essa é finalidade de Kaufmann (2002, p. 01), ao trabalhar com a mobilidade como "a possible new factor of social differentiation"<sup>59</sup>.

Fazendo a ressalva de que a possibilidade de mobilidade espacial não significa, necessariamente, mobilidade social, Haesbaert (2016) lembra que:

[...] o simples fato de o pobre 'desterritorializado' ter a opção da mobilidade, ou, em outras palavras, de migrar, pode lhe garantir uma espécie de 'capital espacial' frente àquele que permanece lá onde foi desterritorializado, tamanho o valor dado pela sociedade contemporânea ao movimento, à fluidez, à ideia ou perspectiva de mudança e, mais do que isto, à possibilidade de acessar e/ou de acionar/recriar diferentes territórios (HAESBAERT, 2016, p. 251).

Partindo do ponto de vista de Bourdieu para demonstrar a necessária compreensão de que há uma interdependência entre os processos sociais e espaciais nas abordagens sobre mobilidade, Dota (2015) destaca o papel do espaço como "condição para a realização da sociedade e não a de receptáculo" (DOTA, 2015, p. 16). Ou seja, o espaço como agente ativo, dinâmico e não apenas passivo, reflexo das ações humanas. A crítica ao espaço como receptáculo também está presente em Pereira (2008), Robaina (2015) e Santos (2017), que afirma: "o espaço não é apenas um receptáculo da história, mas condição de sua realização qualificada" (SANTOS, 2017, p. 126).

Da mesma maneira, o clássico trabalho de Gottdiener (1993) traz essa abordagem espacial. O autor se refere à natureza multifacetada do espaço a partir da noção de Lefebvre, da concepção de produção social, em que:

O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação. Isto é, num plano individual, por exemplo, ele não só representa o local onde ocorrem os eventos (a função receptáculo), mas também significa a permissão social de engajar-se nesses eventos (a função ordem social) (GOTTDIENER, 1993, p. 127).

A mobilidade faz parte da vida humana, porém, ela não é contínua. As permanências também são necessárias (HAGERSTRAND, 1991; ROBAINA, 2015). É preciso dispor de um espaço de permanência, de estadia e repouso, para que a vida se organize até o próximo movimento. Esse local seria a residência. Portanto, com a finalidade de auxiliar o

---

<sup>59</sup> um possível novo fator de diferenciação social. (Tradução nossa).

entendimento dos deslocamentos e da relevância do local de fixidez, faz-se necessário definir o que será considerado como residência dos indivíduos.

A visão internacional sobre o que seria residência, foi sugerida pelas Nações Unidas da seguinte maneira: "The 'place of usual residence' is the geographic place where the enumerated person usually spends their daily rest, assessed over a defined period [...]"<sup>60</sup> (UNITED NATIONS, 2015, p. 78). Esse período citado refere-se a no mínimo 12 meses. Ou seja, se o estudante (ou outro indivíduo em situação de mobilidade) se ausentar de sua residência por um período inferior a 12 meses, ele ainda é contabilizado como morador desta. Essa definição, inclusive, é a utilizada pelo IBGE para definir quem é ou não morador do domicílio durante as pesquisas de Censo Demográfico (IBGE, 2022).

Outro autor que tem seus trabalhos entre os clássicos, com relação à mobilidade, é Wilbur Zelinsky, ao constatar em seus estudos que as características da mobilidade espacial mudam ao longo do tempo, relacionadas ao processo de desenvolvimento e à noção de transição demográfica, elaborando assim a Teoria da Transição da Mobilidade, integrando as perspectivas temporal e espacial, afirmando que "There are major, orderly changes in the form as well as in the intensity of spatial mobility at various stages of the transition-changes in function, frequency, duration, periodicity, distance, routing, categories of migrants and classes of origin and destination"<sup>61</sup> (ZELINSKY, 1971, p. 222). De acordo com o autor, a mobilidade espacial é dividida em duas categorias distintas: as migrações, que envolvem mudança de residência e a circulação que compreende aqueles movimentos de curta duração, sem intenção de mudança de residência, que chamamos aqui de deslocamentos pendulares. À medida que o processo de urbanização avança, esses movimentos temporários aumentam.

A transição da mobilidade foi ocorrendo de forma gradual, por etapas de transição, passando da *sociedade tradicional pré-moderna* até chegar a uma *futura sociedade super-avançada*, em que a pendularidade tem caráter expressivo. À luz da teoria de Zelinsky, Roca (1998, p. 256) afirma que "as migrações em potencial podem ser absorvidas pela circulação, com a melhoria cada vez maior dos transportes ao mesmo tempo em que algumas formas de circulação podem ser absorvidas por sistemas avançados de comunicações em expansão".

A contribuição da teoria de Zelinsky pode ser observada a partir das grandes alterações na dinâmica da mobilidade espacial brasileira ao longo do tempo, em que os

---

<sup>60</sup> O «local de residência habitual» é o local geográfico em que a pessoa enumerada costuma passar o seu descanso diário, avaliado ao longo de um período definido [...]. (Tradução nossa).

<sup>61</sup> Há grandes mudanças ordenadas na forma, bem como na intensidade da mobilidade espacial em vários estágios da transição - mudanças na função, frequência, duração, periodicidade, distância, percurso, categorias de migrantes e classes de origem e destino. (Tradução nossa).



grandes fluxos migratórios foram diminuindo de intensidade, enquanto os deslocamentos temporários crescem em número e relevância. A transição da mobilidade também pode ser notada entre o grupo de indivíduos que se deslocam para estudar, já que a pendularidade tem sido cada vez mais acionada como estratégia para acesso a esse nível de ensino, podendo posteriormente transitar entre outras categorias de mobilidade (Tavares; Tavares, 2018).

Não obstante, vale ressaltar que essa Transição da Mobilidade de Zelinsky recebeu, e ainda recebe algumas críticas, relacionadas ao “evolucionismo simples da sua teoria” (PEIXOTO, 2007, p. 449), já que a mobilidade populacional não apresenta uma evolução linear, mas sim imprevisível, com características e progressos diferentes de acordo com o nível de desenvolvimento dos países e regiões, de modo que as especificidades condicionam a história migratória de cada realidade. Além disso, devido à irregularidade dos movimentos migratórios e suas variáveis contextuais, a construção um modelo universal que contemple os fatores complexos do fenômeno da mobilidade se mostra inviável (PEIXOTO, 2007; CASTIGLIONI, 2019; CAMPOS, 2019). Como aponta Castiglioni (2009, p. 41): “a construção de uma teoria geral para explicar a natureza e as forças que provocam a migração apresenta-se como um objetivo considerado impossível”.

O desenvolvimento do setor de transportes é fator crucial para as transformações no padrão de mobilidade citados por Zelinsky, com intensificação dos deslocamentos cotidianos. Beaujeu-Garnier (1980, p. 293) expõe que "com a melhoria dos transportes, a distância do 'commuting' aumenta". De fato, como consta em Moura *et al.* (2005), o desenvolvimento cada vez maior dos sistemas de transportes, principalmente do automóvel, possibilitou o aumento das distâncias percorridas diariamente pela população. O papel essencial dos transportes para a mobilidade é facilmente perceptível e amplamente mencionado por diversos trabalhos, em décadas passadas e na atualidade, como Beaujeu-Garnier (1972), Urry (2007), Módenes (2008), Gould (2009), Silva (2013), Tavares (2016), Barbosa (2016), Nações Unidas (2018), além dos supracitados e certamente de inúmeros outros que reconhecem essa relação.

Nessa perspectiva, um destaque merece ser dado à questão do *tempo imposto*, que se refere ao tempo que é despendido durante as viagens, nos transportes, o que impossibilita a realização de outras atividades como estudo, trabalho, lazer e momentos com a família (BARBOSA, 2016). Esse "tiempo malgastado"<sup>62</sup>, de acordo com Beaujeu-Garnier (1972, p. 304), pode influenciar negativamente a saúde da população, intensificando a sensação de cansaço e distração, podendo inclusive gerar acidentes.

---

<sup>62</sup> tempo perdido. (tradução nossa).

No entanto, Urry (2007) comenta que esse tempo gasto nas viagens não é necessariamente improdutivo, podendo ser usado para atividades mais agradáveis, que promovam o bem-estar, como relaxar, refletir, aproveitar a paisagem, entre outros. Essas ações foram denominadas pelo autor de *anti-activity* (URRY, 2007, p. 11), por se desenvolverem no intervalo de tempo entre atividades concretas da vida cotidiana. Além disso, o autor apresenta também a ideia de *interspaces*, que seriam os espaços ocupados ao longo da viagem pela comunicação, com troca de informações usando dispositivos eletrônicos:

[...] new social routines are engendering spaces that are 'in-between' home, work and social life, forming 'interspaces'. These are places of intermittent movement where groups come together, involving the use of phones, mobiles, laptops, SMS messaging, wireless communications and so on, often to make arrangements 'on the move'<sup>63</sup> (URRY, 2007, p. 12).

Há que se considerar também a visão de Balbim (2016), que aponta o papel do *smartphone* como ferramenta para *aproveitar o tempo perdido*, literalmente. De acordo com ele, na contemporaneidade é possível falar "em contextos espaço-temporais de atividades múltiplas, com qualidades específicas [...]. Criando um conjunto denso de temporalidades" (BALBIM, 2016, p. 39-40), onde esse tempo de deslocamento pode ser utilizado para o consumo, por exemplo, a partir do uso de dispositivos eletrônicos, como computadores, *tablets* e os populares *smartphones*.

Outra relação semelhante que pode ser estabelecida entre a questão dos transportes e o tempo é o chamado "efeito de túnel" (ASCHER, 1998, p. 17), que se refere ao espaço de passagem que é percorrido pelas pessoas quando estão em movimento, sem que seja estabelecida qualquer tipo de relação com esse espaço. Quanto mais veloz o movimento, mais intenso é o efeito túnel.

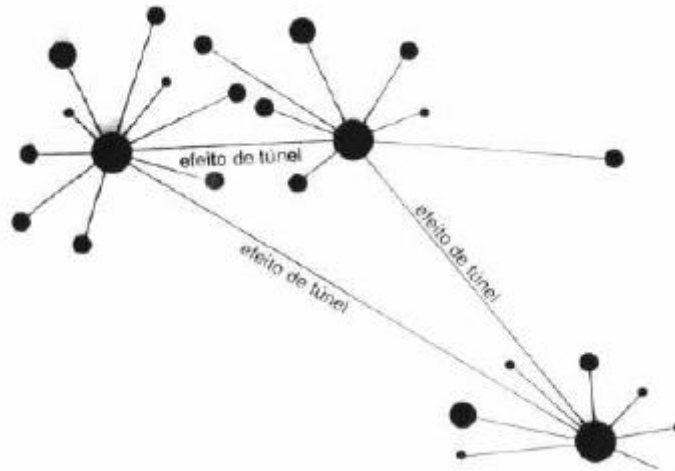
Mesmo sem se referir à designação túnel, Barbosa (2016) reflete que os fluxos velozes que reduzem as distâncias, muitas vezes limitam a vivência da cidade em sua plenitude: "Passamos pelos lugares – e pelas pessoas – como se fossem cenários paisagísticos" (BARBOSA, 2016, p. 52). Frequentemente, nem mesmo o contato visual com o espaço é estabelecido, devido ao cansaço ou fadiga que gera sonolência durante as viagens, como

---

<sup>63</sup> [...] novas rotinas sociais estão gerando espaços que estão "no meio" do lar, do trabalho e da vida social, formando "interspaces". Estes são locais de movimento intermitente onde os grupos se reúnem, envolvendo o uso de telefones, celulares, laptops, mensagens SMS, comunicações sem fio e assim por diante, muitas vezes para fazer arranjos 'em movimento'. (Tradução nossa).

salienta Marandola Jr. (2006; 2008). A Figura 3 ilustra um sistema urbano com sua hierarquia de cidades e a ação do efeito de túnel entre elas, como proposto por Ascher (1998).

FIGURA 3 - O EFEITO TÚNEL NOS SISTEMAS URBANOS.



FONTE: ASCHER (1998, P. 18).

Algumas contribuições empíricas nacionais e internacionais sobre o papel dos transportes e outros diversos aspectos das migrações e movimentos pendulares foram levantadas em trabalho anterior (TAVARES, 2016), que apresentou uma Revisão Bibliográfica Sistemática sobre mobilidade populacional, no contexto das migrações e deslocamentos pendulares, com busca de trabalhos nas bases de dados *Demography*, *JStor*, *Scielo* e *Scopus*. Os descritores utilizados foram *mobilidade populacional*, *deslocamento pendular*, *movimento pendular*, e *migração pendular*. Os filtros utilizados para a identificação dos trabalhos foram: 1) leitura do título, resumo e palavras-chave; 2) leitura da introdução e da conclusão; 3) análise completa dos artigos. Como resultado, foram encontrados inicialmente nas bases de dados *Scielo*, *Scopus*, *JStor* e *Demography*, respectivamente, 28, 169, 37 e 53 artigos. A partir da aplicação dos critérios, foram selecionados seis, quatro, nove e dois respectivamente, totalizando 20 estudos distintos sobre a temática. Muitos desses trabalhos citam a importância do desenvolvimento do sistema de transportes para a mobilidade da população.

Conquanto os transportes tenham um papel relevante para os deslocamentos populacionais, há que se destacar a importância das **redes migratórias** para a mobilidade de estudantes, como também para os deslocamentos com outras finalidades. Esse tipo de rede se enquadra em outra mais abrangente, as redes sociais. Matos e Braga (2004, p. 05), definem redes sociais como "o conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação, podendo inclusive se sobrepor inúmeras vezes dentro

de um sistema de relações". E continuam: "As redes migratórias seriam, então, uma espécie de rede social, precedida por outras redes que se adaptam ao objetivo de migrar, como as relações de parentesco, amizade, trabalho, etc" (MATOS; BRAGA, 2004, p. 05).

Interessante ponderar a diferenciação de redes sociais, redes pessoais e redes migratórias feita por Soares (2002):

- i. rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. Uma rede social, em virtude do processo em torno do qual ela se organiza, pode abrigar várias redes sociais;
- ii. rede pessoal representa, então, um tipo de rede social que se funda em relações sociais de amizade, parentesco etc.;
- iii. rede migratória não se confunde com redes pessoais; estas redes precedem a migração e são adaptadas a um fim específico: a ação de migrar;
- iv. rede migratória, cujas singularidades dependem da natureza dos contextos sociais que ela articula, é, também, um tipo específico de rede social que agrega redes sociais existentes e enseja a criação de outras, [...] consiste, portanto, em rede de redes sociais (SOARES, 2002, p. 24).

A rede migratória, portanto, se estabelece quando é feito contato com outro migrante, em busca de informações. Essas conexões geradas pelos deslocamentos populacionais, por meio das redes, criam novos padrões de sociabilidade, produzindo vínculos entre os locais de origem e destino, através das redes migratórias, o que pode proporcionar mais segurança para realização do deslocamento, influenciando na decisão de migrar (BILSBORROW, 2011). Esse tipo de ligação mostra sua especial importância nas migrações internacionais, mas também contribuem com os fluxos internos e com os deslocamentos de estudantes.

As redes migratórias são consideradas por Rodríguez Vignoli (2011) como mecanismos sociais que podem influenciar nos deslocamentos, ao fornecer informações, reduzir os custos e aumentar as possibilidades de êxito no local de destino, criando expectativas simbólicas e objetivas. Ele enfatiza que as redes podem ter um papel decisivo "para sustentar flujos migratorios que no habrían ocurrido de otra manera porque, incluso existiendo un diferencial objetivo marcado entre origen y destino, no era probable que el destino apareciera en el horizonte de posibilidades de los residentes en el origen"<sup>64</sup> (RODRÍGUEZ VIGNOLI, 2011, p. 57). Aumentando as possibilidades, é possível aumentar também o fluxo. Ou seja, as redes potencializam as expectativas e horizontes de destino.

---

<sup>64</sup> para apoiar fluxos migratórios que de outra forma não teriam ocorrido porque, mesmo que houvesse um objetivo diferenciado entre origem e destino, não era provável que o destino aparecesse no horizonte de possibilidades dos moradores na origem. (Tradução nossa).

Cunha (2011) mostra como as redes sociais podem ser usadas como ativos para acesso a oportunidades, podendo gerar "impactos positivos sobre a vida das pessoas e suas famílias, particularmente para a população de mais baixa renda que tem muito mais dificuldades de acesso à estrutura de oportunidades" (CUNHA, 2011, p. 128). Fusco (2000) também destaca a importância das redes para aqueles que têm menor capital humano e financeiro. Outros trabalhos também discutem o vínculo existente entre as redes migratórias e os fluxos populacionais, como Beaujeu-Garnier (1972), Berger (2004), Matos (2005), Courgeau e Lelièvre (2006), Peixoto (2007), Truzzi (2008), Oliveira (2011), Silva (2015), Nações Unidas (2018), entre outros.

Dota (2015, p. 38) aponta para a pertinência das redes migratórias no curso das decisões sobre ir ou ficar: "redes migratórias compoariam o processo de tomada de decisão devido ao entendimento de que relativizariam condições objetivas relacionadas às condicionantes e aos incentivos e constrangimentos", contribuindo assim para a estruturação e realização (ou não) dos fluxos.

Os estudantes aprovados para cursar universidade fora de seu município de residência, se informam com os veteranos que já passaram pelo mesmo processo de *aprovação-dúvida-decisão-(i)mobilidade*, tirando dúvidas sobre como funciona a universidade, qual a sua estrutura, sua localização, qualidade do curso, existência de repúblicas, alojamentos, alimentação (o famoso bandejão), oportunidade de bolsas, possibilidade de estágio, custo de vida na cidade de destino, como valores dos alugueis, alimentação e tarifa do transporte público, e até mesmo sobre as possibilidades de cultura e lazer. Informações como essas auxiliam no processo de tomada de decisão mostrando as vantagens e as limitações de se engendrar o deslocamento antes mesmo de fazê-lo. Essa é uma decisão importante uma vez que envolve mudança do espaço de vida individual e suas implicações, como veremos mais adiante.

Com efeito, há peculiaridades relativas à mobilidade para estudo, relacionadas ao momento do ciclo de vida, às políticas educacionais e aos processos seletivos vigentes. No caso dos estudantes, o papel das redes pode não ser essencial, já que muitos escolhem a cidade de destino no momento da inscrição no sistema de seleção, por exemplo. Em muitos casos, a escolha da universidade supera a escolha da cidade, ou seja, muitos decidem primeiro qual universidade e/ou curso escolher (diante de fatores como nota de corte e desejo pessoal, por exemplo), depois podem acionar as redes para buscar informações sobre ela e a cidade onde está localizada.

Cabe ressaltar que a noção de rede migratória envolve a ideia de que, à luz da sociologia, aqueles que realizam deslocamentos (cotidianos ou permanentes), não devem ser considerados individualmente e sim como integrantes de estruturas sociais mais abrangentes, com aspectos coletivos. Como afirma Oliveira (2011), o fenômeno migratório deve ser observado como processo que envolva os indivíduos e a sociedade. Nesse sentido, Castiglioni (2009) argumenta que:

O processo migratório não se restringe a uma decisão individual, mas de uma estratégia que envolve outros atores sociais, como a família ou grupos mais extensos que compreendem amigos e conhecidos [...]. Segundo essa abordagem, os integrantes do grupo participam em conjunto das diversas fases do processo de tomada de decisão: na busca da informação, na análise dos custos e benefícios do movimento, na realização da migração e, também, no processo de integração que ocorre na região de destino, buscando as melhores alternativas para melhorar a renda, minimizar os riscos e superar os problemas que podem ocorrer durante a migração e no processo de inserção na região de destino. As várias etapas do processo migratório são consideradas no âmbito das relações que ocorrem nos grupos étnicos, e redes sociais, o que favorece o entendimento da complexidade do processo migratório [...] (CASTIGLIONI, 2009, p. 48).

Como apresentado, as redes migratórias de contatos pessoais podem ser significativas para o processo de tomada de decisão sobre os deslocamentos. Entretanto, diante das novas tecnologias de informação e comunicação, percebe-se que o peso relativo das informações prestadas por pessoas de sua teia direta de relações pode diminuir, uma vez que aplicativos, sites, mapas interativos e outros produtos tecnológicos, oferecem uma gama de informações muito maior, com direito a depoimentos, imagens e vídeos. Informações sobre onde ficar, onde comer, qual ônibus pegar, estão facilmente acessíveis a partir dos dispositivos móveis conectados à rede mundial de computadores, que instantaneamente podem sanar muitas dúvidas. Cria-se assim, as redes migratórias virtuais, com plataformas coletivas de colaboração mútua, principalmente por meio de grupos formados em páginas de redes sociais on-line, como o *facebook* por exemplo. Como ressalta Wellman (2001), com a internet, é possível constituir uma rede de relações sem que haja contato físico.

Matos e Braga (2004, p. 05), ponderam que "as redes sociais presentes na migração integram o conjunto das interações espaciais que compõem os sistemas de cidades". Corrêa (1997) trabalha com a concepção de interações espaciais para se referir aos deslocamentos pelo espaço, definindo como:

[...] um amplo e complexo conjunto de deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação sobre o espaço geográfico. Podem apresentar maior ou menor intensidade, variar segundo a frequência de ocorrência e, conforme a distância e a direção, caracterizar-se por diversos propósitos e se realizar através de diversos meios e velocidades (CORRÊA, 1997, p. 279).

Os diferentes padrões de interações espaciais resultam em ofertas e demandas de produtos e serviços que variam conforme o tempo, podendo gerar interações de curta ou de longa distância. Os centros universitários, tipo de interação relevante para este trabalho, enquadram-se nas interações espaciais definidas por Corrêa como fortemente extra-regionais, pois apresentam uma “relativamente limitada centralidade, pequena face ao tamanho demográfico que apresentam, inserindo-se na rede urbana como centros especializados e, secundariamente, como lugares centrais” (CORRÊA, 1997, p. 300). Em trabalho mais recente, Corrêa (2016, p.132) aponta que "distância percorrida, intensidade e direção das interações espaciais são elementos que contribuem para a compreensão da espacialidade humana".

Apesar das diferenças em torno da dimensão espaço-temporal no que tange os deslocamentos pendulares e as migrações, formando as interações espaciais, essas duas categorias se inter-relacionam a ponto de uma funcionar como alternativa à outra. É possível que a migração funcione como alternativa à pendularidade, e vice-versa, ou seja, aqueles que não possuem as condições necessárias para realizar deslocamentos "permanentes" podem optar pela pendularidade, que poderá reter a população potencialmente migrante. Essa visão é compartilhada também por Golgher (2004), Pereira (2008), Oliveira e Givisiez (2015) e por Tavares (2016) que disserta acerca dos estudantes pendulares:

Diante das opções de migrar ou da possibilidade de realizar movimento diário (viabilizada por circunstâncias favoráveis como boas condições de infraestrutura, acesso aos meios de transporte e custos aceitáveis de deslocamento) esses indivíduos optam por realizar o movimento cotidiano a mudar de forma definitiva de local de residência, diminuindo assim os fluxos migratórios (TAVARES, 2016, p. 25).

Em trabalho recente, Tavares e Tavares (2018) discutem sobre a existência de uma transição entre categorias de mobilidade realizada pelos estudantes de ensino superior. Os resultados indicam que os estudantes podem ser classificados entre as categorias de (i)mobilidade como residentes, pendulares e migrantes, podendo transitar entre elas durante o

curso, já que ao ingressar na universidade, muitos deles ainda não definiram sua estratégia de mobilidade ou permanência para conseguir concluir o curso.

Balhim (2016) também considera que os diferentes tipos de mobilidade estão associados, fato que vai ao encontro do estudo de Delgado *et al.* (2016) sobre as regiões metropolitanas brasileiras, constatando entre os resultados que "a história migratória das pessoas parece associar-se a alguns padrões identificados de mobilidade pendular. Os imigrantes apresentam taxa de pendularidade maior que a dos não migrantes" (DELGADO *et al.*, 2016, p. 243). Essa direção também é proposta por Ramalho e Brito (2016), que ao investigar a relação entre deslocamento pendular e migração intrametropolitana utilizando um modelo econométrico, identificaram que "um trabalhador com histórico recente de migração [...] tem, em média, 47,6 p.p. a mais de probabilidade de efetuar a mobilidade pendular quando comparado a um não migrante" (RAMALHO; BRITO, 2016, p. 823).

Ainda que os anos recentes tenham sido produtivos em relação a esse tipo de estudo que relaciona as diferentes categorias de mobilidade, Pierre George, desde a década de 1970, já observava essa questão, ao ponderar que "A discriminação entre migrações definitivas e migrações temporárias só é possível *a posteriori*" (GEORGE, 1971, p. 109), uma vez que algumas pessoas que inicialmente fazem deslocamentos temporários acabam se fixando no local de destino. Santos (2014, p. 63), por sua vez salienta que "A migração, em última instância, é, sem paradoxo, consequência também da imobilidade", pois aqueles que não podem se locomover com frequência para consumir ou usufruir o conteúdo desejado, seja ele material ou abstrato, convertem-se em migrantes, caso as condições sejam favoráveis.

Muito dessa lógica está associada à questão da renda, já que sua posse, ausência ou contenção pode possibilitar ou frustrar um deslocamento, uma vez que envolve custos para sua realização, como afirma Gould (2009, p. 164) "indeed, the poorest are usually the least mobile, as they may have neither the means (in cash terms) nor the transferable skills to benefit from a move"<sup>65</sup>. A associação entre o acesso aos meios de transporte, a maior ou menor mobilidade e as oportunidades a isso relacionadas, também é feita em Módenes (2008, p. 08): "El análisis diferencial del acceso a determinadas infraestructuras o medios de transporte en función de la posición geográfica, social y demográfica permite identificar desigualdades de acceso a la movilidad normativa y a las oportunidades que se le asocian"<sup>66</sup>.

---

<sup>65</sup> de fato, os mais pobres são geralmente os menos móveis, pois podem não ter os meios (em termos de dinheiro) nem as habilidades transferíveis para se beneficiar de um movimento. (Tradução nossa).

<sup>66</sup> A análise diferencial do acesso a determinadas infraestruturas ou meios de transporte com base na posição geográfica, social e demográfica permite identificar desigualdades no acesso à mobilidade normativa e as oportunidades associadas a ela. (Tradução nossa).



O custo com transporte para o deslocamento é alto. De acordo com a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do IBGE, divulgada recentemente, (IBGE, 2019d), o gasto com transporte representa 18,1% dos gastos das famílias brasileiras, superando pela primeira vez desde o início da pesquisa, na década de 1970, as despesas com alimentação (17,5%), em relação ao total dos gastos mensais por tipo de despesa de consumo, perdendo apenas para habitação (36,6%). Percebe-se, portanto, que o deslocamento pelo espaço, que em geral requer meios de transporte para se realizar, exerce grande influência na renda mensal dos brasileiros. Como afirma Matos (2005, p. 42), "Mesmo nos dias de hoje, os custos de transporte são decisivos, viabilizam relações econômicas e associam fortemente população, espaço e economia".

Ainda com relação à falta ou abundância de recursos financeiros e sua associação com os que são móveis ou imóveis, Bourdieu (2013, p. 137) pondera que "A ausência de capital leva ao seu paroxismo a experiência da finitude: ela acorrenta a um lugar", ou seja, sem recursos econômicos à disposição, a prática da mobilidade fica comprometida.

Contudo, vale destacar que esse paradigma tem se alterado nos dias atuais, principalmente com relação aos grandes fluxos populacionais de refugiados que, sem condições mínimas de sobrevivência em seu local de origem, buscam refúgio, abrigo e proteção em locais que consideram mais seguros. Esse tipo de mobilidade forçada com grande fluxo de refugiados pode ser frequentemente observado em países da Ásia e África em direção à Europa, que acontece em condições degradantes, na maior parte das vezes ilegais, impostas pela condição econômica das famílias e pelas políticas internas dos países europeus. Ou seja, em condições expulsoras extremas de pobreza e guerras, por exemplo, com fatores altamente repulsivos, a migração deixa de ser seletiva.

Sabe-se desde os estudos clássicos de migração, que os motivos que levam os indivíduos a se deslocarem são majoritariamente - mas não exclusivamente – econômicos. Singer (1998) já declarava que a dimensão econômica estava entre as principais causas estruturais que condicionavam os fluxos populacionais pelo espaço. Rosario (2012) aponta que os estudos migratórios em geral, baseiam-se no que ela chama de "econocentrismo", em detrimento da mobilidade para estudo, por exemplo, e expõe a "necessidade da produção de dados que promovam a visibilidade dos brasileiros e brasileiras que fazem parte deste aspecto do fenômeno migratório eclipsado pelo monólogo argumentativo da motivação econômico-laboral" (ROSARIO, 2012, p. 01), isto é, daqueles que se deslocam por outros motivos.

Nesse sentido, com relação às causas dos movimentos, tanto a migração quanto a mobilidade pendular podem ser realizadas por motivo de: trabalho, estudo, acesso à saúde,

compras, lazer, custo da moradia, visita a familiares, necessidade de acompanhar a família, busca por melhores condições de vida, entre outros motivos.

Rodríguez Vignoli (2011) destaca quatro tipos de fatores explicativos para os fluxos entre cidades: trabalho clássico, buscando oportunidades de ocupação no mercado de trabalho; o socioeconômico clássico, em busca de melhores condições de vida, de maneira geral; o educacional, quando se busca oportunidades de formação, principalmente de nível superior; e o residencial, estimulado pela expectativa de melhor qualidade de vida em geral e de moradia, em particular.

Cabe salientar o grande fluxo de refugiados em todo mundo, que são forçados a se mudar por motivos como causas políticas, questões ambientais, miséria, guerras, entre outros. Ou seja, os deslocamentos nem sempre são realizados pela livre escolha dos indivíduos, mas também por causas externas que lhes são impostas. Em outras palavras, é possível sinalizar que a automobilização é diferente da mobilidade forçada.

Sobre os indicadores explicativos dos movimentos, Jardim (2011) enfatiza a necessidade de relacionar aspectos como: "a distância/aproximação, duração, frequência, as condições do deslocamento (transporte) cujos parâmetros são importantes para medir os custos social e econômico das condições da pendularidade, além das condições político-administrativas" (JARDIM, 2011, p. 70). Corrêa (2016) também fala sobre essas dimensões variáveis no tempo e no espaço, que compõem as interações espaciais. "No espaço, a distância, a intensidade e a direção desempenham importante papel de diferenciação. [...] No que diz respeito ao tempo, as interações espaciais variam segundo a duração, a velocidade, a frequência, o ritmo e o período de ocorrência" (CORRÊA, 2016, p. 132).

A respeito dos modelos explicativos tradicionais da mobilidade, Becker (1997, p. 323) afirma que "a mobilidade tem sido objeto de diferentes interpretações ao longo do tempo, expressando-se, entre outros, através dos enfoques neoclássico e neomarxista". A abordagem neoclássica adota uma visão individualista, descritiva, onde a decisão favorável ao deslocamento, por exemplo, seria decorrente apenas de decisão particular de cada indivíduo, não sendo produzida por forças socioeconômicas externas. Já na perspectiva neomarxista, os deslocamentos são considerados como forçados, para atender as exigências do capital, formando um exército reserva de trabalhadores, sujeitando o trabalhador ao capital (BECKER, 1997; MARANDOLA JR, 2011; MELLO *et al.*, 2004; OLIVEIRA, 2011).

Esses níveis de explicação sobre a mobilidade espacial da população (neoclássico e neomarxista) podem ser considerados limitados uma vez que ambos interpretam os fatos de maneira geral.

Desta forma, parece essencial que se considere com maior cuidado as abstrações e que se trabalhe com um montante maior de dados empíricos em espaços diferenciados. Assim, estar-se-ia considerando o ‘particular’ juntamente com o ‘geral’ na análise dos deslocamentos espaciais da população (BECKER, 1997, p. 358).

Destarte, concordamos com Marandola Jr. ao afirmar que tanto o modelo neoclássico quanto o neomarxista mostram-se, "insuficientes para compreender as novas formas de mobilidade, conectividade e formas urbanas, condicionantes e condicionados pelos novos modos de vida" (MARANDOLA JR, 2011, p. 102). O autor propõe então, uma abordagem da mobilidade espacial da população a partir do conceito de espaço de vida, buscando uma concepção mais complexa da mobilidade populacional, em sua riqueza de durações, direções, motivos e consequências.

Diante do exposto sobre a necessidade de uma maior compreensão das novas formas de mobilidade, além da complexidade de conceitualização dos limites e definição dos termos sobre mobilidade temporária e mobilidade permanente, Courgeau (1988) também propõe que essas duas categorias sejam compreendidas conjuntamente, a partir do ponto de vista do espaço onde são realizadas todas as atividades dos indivíduos, ou seja, do **espaço de vida**. Assim o faremos.

### 2.3 Espaço de Vida

A teoria do espaço de vida apresenta uma grande contribuição à compreensão das diversas mobilidades contemporâneas e suas especificidades, como constatou A. Cunha (2015, p. 267), ao afirmar que o espaço de vida é uma “uma ótima ferramenta conceitual para compreender a mobilidade espacial da população”. Apesar de sua aplicação ser relativamente recente, apresenta certa tradição na literatura francesa. Poulain (1980) destaca a origem e desenvolvimento do conceito em Brunet (1975) e Courgeau (1975, 1980, 1988). Robette (2012) também afirma que a noção foi proposta pela primeira vez por geógrafos, em especial Brunet (1975), apesar de ter se destacado e aprofundado a partir da obra do demógrafo Daniel Courgeau (1975, 1980 e outras), que define espaço de vida como “[...] la portion d'espace où l'individu effectue ses activités. Cette notion englobe non seulement les lieux de passage et de séjour, mais également tous les autres lieux avec lesquels l'individu est en rapport”<sup>67</sup> (COURGEAU, 1988, p. 17). A partir desse ponto de vista, a mobilidade é composta por um

---

<sup>67</sup> A porção do espaço onde o indivíduo realiza suas atividades. Este conceito inclui não apenas lugares de passagem e permanência, mas também todos os outros lugares com os quais o indivíduo está relacionado. (Tradução nossa).

conjunto de lugares e não mais dependente de um único lugar, como aparecia nas definições clássicas de migração.

Inicialmente, a construção desse conceito, considerado qualitativo e quantitativo ao mesmo tempo (MARANDOLA JR; MELLO, 2005), associava as concepções de *espaço de vida* e de *espaço vivido*. Convém, portanto, fazer uma breve diferenciação entre elas, pois, apesar de semelhantes, possuem suas particularidades<sup>68</sup>. Chevalier (1974) fez essa diferenciação, afirmando que "l'espace de vie appartient pleinement à l'espace vécu, mais constitue une vision réductrice de la totalité des rapports entretenus par l'homme-habitant avec son espace"<sup>69</sup> (CHEVALIER, 1974, p. 68). Ou seja, o espaço vivido envolve as percepções, é mais subjetivo, ideológico, enquanto o espaço de vida permite registrar espacialmente as atividades humanas, sendo, portanto, mais realista, mais objetivo. Para ilustrar essa diferenciação, Robette (2012)<sup>70</sup> mostrou que, o que importa para os estudiosos do espaço de vida é saber como a população *vive* nesse espaço; enquanto aos pesquisadores do espaço vivido, interessa saber como a população *vê* esse espaço.

No Brasil, alguns trabalhos já foram realizados, relacionando as diferentes formas de mobilidade e as mudanças no espaço de vida dos migrantes. Cunha (2011, p. 10) e Lima (2015, p. 14) também definem espaço de vida baseados em Courgeau, como “porção do espaço no qual o indivíduo realiza todas suas atividades”. Marandola JR (2011, p. 103), por sua vez, afirma que "o espaço de vida é composto por todos os lugares e itinerários que a pessoa percorre diariamente", sendo, portanto, aquele espaço por onde o indivíduo desenvolve seu cotidiano.

Robette (2012, p. 03) afirma que o espaço de vida "permet d'inscrire spatialement les activités humaines"<sup>71</sup>, ou seja, se refere ao espaço em que as atividades da população ocorrem, incluindo as relações pessoais. Nesse tipo de análise, o campo de observação é amplificado para além do indivíduo, colocando-o em seu contexto espacial, sendo o espaço de vida considerado como "cadre spatial le plus vaste à l'intérieur duquel s'effectuent la plupart des actes d'une population"<sup>72</sup> (BRUNET, 1975 apud ROBETTE, 2012, p. 03).

---

<sup>68</sup> Para uma diferenciação mais detalhada entre espaço de vida e espaço vivido no contexto da mobilidade, ver Lira (2017).

<sup>69</sup> o espaço de vida pertence integralmente ao espaço vivido, mas constitui uma visão redutora da totalidade das relações mantidas pelo homem-habitante com o seu espaço. (Tradução nossa).

<sup>70</sup> O trabalho de Robette (2012) traz importantes contribuições conceituais e metodológicas acerca da construção dos espaços de vida individuais. Sendo assim, o autor será citado reiteradas vezes, como forma de explorar seus apontamentos teóricos e práticos.

<sup>71</sup> permite registrar espacialmente as atividades humanas. (Tradução nossa).

<sup>72</sup> maior estrutura espacial dentro da qual a maioria dos atos de uma população ocorre. (Tradução nossa).

Do ponto de vista geográfico de Di Méo (1990), o espaço de vida se refere à área das práticas espaciais dos indivíduos: "C'est l'espace fréquenté par chacun de nous, avec ses lieux attractifs, ses noeuds autour desquels se construit l'existence individuelle: le logis, la maison, les lieux de travail et de loisir... C'est l'espace concret du quotidien"<sup>73</sup> (DI MÉO, 1990, p. 362). Essas práticas espaciais construtoras da existência individual formada pelo espaço de vida acabam por criar “um novo protagonismo, onde o local de residência agora divide a atenção e importância com as localizações das atividades cotidianas realizadas pela população, como se fossem um único território” (A. CUNHA, 2015, p. 268).

Livi-Bacci (1993) observa que os lugares onde as pessoas têm vínculos afetivos, onde desenvolvem atividades como comer, dormir, trabalhar, consumir, entre outros, geralmente não são os mesmos, o que leva à possibilidade de fazer análises com raciocínio simplificado, levando em consideração somente o lugar de residência, ou complexificar a análise, "haciendo referencia explícita al más comprensivo, y complejo, concepto de 'espacio de vida'"<sup>74</sup> (LIVI-BACCI, 1993, p. 312). Assim será feito neste trabalho, em que será investigada a conformação e mudanças no espaço de vida dos estudantes de graduação.

Para Domenach e Picouet (1990, p. 54), o espaço de vida "corresponde a la red de sus relaciones o eventos de su vida familiar, económica, política, etc"<sup>75</sup>. Desse modo, para eles, a mudança de residência, que seria definidora da migração, só se concretizará se houver mudança no espaço de vida: "el cambio de residencia sería diferente del cambio de vivienda. Si el cambio de vivienda no cambia el espacio de vida, no será realmente un cambio de residencia"<sup>76</sup> (DOMENACH; PICOUE, 1990, p. 54), diferenciando, portanto, os movimentos realizados no interior do espaço de vida (mais constantes e regulares), os movimentos temporários fora do espaço de vida e os movimentos que mudam totalmente o espaço de vida, com a mudança de residência.

Courgeau (1988) classifica os espaços de vida a partir de quatro processos, que posteriormente foram destacados também por Robette (2012): a) *extensão* ou *difusão*: quando um novo local é adicionado, mantendo a estrutura anterior; b) *contração*: algum local deixa de constar no espaço de vida; c) *deslizamento*: quando alguns locais são preservados e conjuntamente ocorre extensão e contração, ou seja, parte dos locais é mantida enquanto

<sup>73</sup> É o espaço frequentado por cada um de nós, com seus lugares atraentes, seus nós em torno dos quais se constrói a existência individual: o lar, a casa, o trabalho e as áreas de lazer... É o espaço concreto da vida cotidiana. (Tradução nossa).

<sup>74</sup> fazendo referência explícita ao conceito mais abrangente e complexo de 'espaço de vida'. (Tradução nossa).

<sup>75</sup> corresponde à rede de seus relacionamentos ou eventos de sua família, vida econômica, política, etc. (Tradução nossa).

<sup>76</sup> a mudança de residência seria diferente da mudança de habitação. Se a mudança de habitação não mudar o espaço de vida, não será realmente uma mudança de residência. (Tradução nossa).

ganha novas posições e perde algumas antigas; e d) *transplante*: mudança completa do registro espacial, "avec occupation d'un nouveau territoire"<sup>77</sup> (COURGEAU, 1988, p. 18). Com efeito, é possível comparar o espaço de vida do tipo transplante à definição clássica de migração, e os outros tipos, às demais formas de mobilidade espacial (ROBETTE, 2012).

Cabe ressaltar os critérios estabelecidos por Brunet (1975) para mudança de espaço de vida. De acordo com o autor, se o deslocamento com mudança de residência não englobar os critérios de relações econômicas, trabalho ou relações sociais, terá ocorrido apenas um deslocamento dentro do espaço de vida e não uma mudança de espaço de vida em nenhum dos seus tipos (BRUNET, 1975 apud ROBETTE, 2012). Como cursar o ensino superior e, inclusive, a necessidade de se deslocar para esse curso, alteram de forma significativa as relações sociais do indivíduo, os movimentos de estudantes poderiam efetivar mudança no espaço de vida, de acordo com os parâmetros do autor.

Com relação à caracterização segundo o tamanho do espaço de vida, Robette (2012) afirma que este pode ser medido a partir do número de lugares que o compõe; perímetro ou superfície que o desenho do espaço de vida vai formar (geometria); ou a natureza da própria forma, podendo ser alongado, circular, retangular, entre outros. Para uma descrição mais completa do espaço de vida, é interessante mostrar a natureza dos lugares que o formam, ou seja, se aqueles lugares estão relacionados à família, ao trabalho, ao estudo e assim por diante.

Ao observar os desenhos do espaço de vida dos estudantes, é possível refletir sobre os padrões e tendências de mobilidade observadas nos dados (primários ou secundários). Além disso, os espaços de vida podem revelar também:

Aspectos particulares e circunstanciais (ligados ao lugar, à comunidade, às características demográficas, ou a outros círculos coletivos que a pessoa está inserida) [...]. Assim, fenômenos apreendidos na escala regional ou da cidade são complementados com um olhar da escala micro, permitindo incrementar as informações quantitativas com dados qualitativos, um dos maiores desafios que se apresenta para os pesquisadores atualmente (MARANDOLA JR, 2011, p. 97).

Lelièvre (1999) afirma que, levar em consideração os espaços de vida nos estudos sobre mobilidade, "est un premier moyen de dépasser la notion de résidence et d'inclure dans l'étude de la mobilité la pluralité des lieux avec lesquels un individu est en rapport. Toute

---

<sup>77</sup> com a ocupação de um novo território. (Tradução nossa).

modification de cet ensemble de lieux constitue alors un changement d'espace de vie"<sup>78</sup> (LELIÈVRE, 1999, p. 198). A autora comenta ainda sobre as inúmeras possibilidades de análise que podem ser feitas a partir do conceito de espaço de vida: "les possibilités offertes par ce concept sont innombrables, sa souplesse d'application permet en effet de l'adapter à des problématiques assez diverses qui, dans le domaine des migrations, couvrent l'éventail des types de mobilité et d'immobilité"<sup>79</sup> (LELIÈVRE, 1999, p. 199). Sabe-se que metodologicamente é difícil de mensurar o espaço de vida, mas, no caso da mobilidade de estudantes, seu uso faz sentido e apresenta ricas possibilidades.

Entre essas possibilidades, está a de complexificar e complementar a definição clássica de migração, passando do contexto de uma mudança de residência, para uma mudança no espaço de vida, potencializando novas formas de análise. A utilização do conceito de espaço de vida permite, segundo Courgeau (1988), superar o conceito de migração, para mensurar com maior precisão a mobilidade das populações humanas. Ou seja, ao trabalhar com a noção de espaço de vida, é possível ir além do tradicional origem-destino.

Durante as pesquisas, é importante buscar os polos dos deslocamentos – como os locais de residência, trabalho ou estudo, por exemplo – e possivelmente outros polos constituintes, ou seja, outros locais de referência do espaço de vida dos indivíduos, como casa de amigos, parceiros, instituições religiosas, áreas de lazer, entre outros. Com essa estratégia, é possível: a) perceber a influência combinada dos diferentes locais; b) considerar a possibilidade de reversibilidade dos deslocamentos a partir das preferências dos indivíduos; c) levar em consideração os locais múltiplos de residência e emprego (LELIÈVRE, 1999).

O espaço de vida chamado por Lelièvre (1999) de "mínimo", é aquele básico entre o local de residência e o trabalho, que geralmente produz deslocamentos diários, quando o trabalho é em local diferente da residência. Porém, o espaço de vida de um indivíduo é composto por elementos de outras naturezas, com outras finalidades, envolvendo múltiplas dimensões do cotidiano dos indivíduos. Neste trabalho, o espaço de vida dos estudantes de graduação será analisado, com seus pontos, polos e classes.

Vale ressaltar que, apesar do conceito de espaço de vida ir além do engessamento decorrente das definições de residência, esta é um dos principais pontos de ancoragem dos indivíduos, e deve, portanto, ser debatida.

---

<sup>78</sup> É um primeiro caminho para ir além da noção de residência e incluir no estudo da mobilidade a pluralidade de lugares com os quais um indivíduo está relacionado. Qualquer modificação desse conjunto de lugares constitui uma mudança de espaço de vida. (Tradução nossa).

<sup>79</sup> As possibilidades oferecidas por este conceito são inúmeras, sua flexibilidade de aplicação permite adaptá-lo a problemas bastante diversos que, no campo das migrações, cobrem a gama dos tipos de mobilidade e imobilidade. (Tradução nossa).

Destaca-se a ideia de **residência-base**, trabalhada por Domenach e Picouet (1990) e Hägerstrand (1991). Vale ressaltar que a perspectiva do que seja “base” depende de aspectos subjetivos e das perspectivas de mobilidade futuras, que também não significam que vão concretizar-se. Significa dizer que a noção de residência para um estudante envolve diversos aspectos que precisam ser considerados com atenção.

Sob o olhar geográfico de Hägerstrand (1991), a concepção de residência-base é trabalhada como o local onde as pessoas possam estabelecer estadia, associando a ideia de movimento e fixidez: “Las personas necesitan tener algún tipo de residencia-base, aunque sólo sea temporal, en la cual puedan descansar a intervalos regulares, guardar los objetos personales y poder ser localizados para recibir mensajes”<sup>80</sup> (HÄGERSTRAND, 1991, p. 99).

O conceito de residência-base empregado por Domenach e Picouet (1990) nos parece ser mais adequado, sendo definido como: "el lugar o el conjunto de lugares a partir del cual (o los cuales) los desplazamientos tienen una probabilidad de retorno más elevada, cualquiera sea la duración de la estadía en otro lugar, todo ello durante la vida de un individuo"<sup>81</sup> (DOMENACH; PICOUE, 1990, p. 55). Ou seja, geralmente se trata daquele lugar onde estão os maiores vínculos. Cabe salientar o que Domenach e Picouet (1990, p. 55) afirmam: "cuando la probabilidad de retorno sea muy débil podríamos hablar de la creación de una nueva residencia base en otro lugar"<sup>82</sup>, ou seja, pode-se falar que ocorreu a migração, nesse caso.

A partir da residência-base, Domenach e Picouet (1990) realizam a diferenciação entre três tipos de deslocamentos:

- Los que se ejercen entre los diferentes lugares u hogares que constituyen la residencia base: lugar familiar, lugar de trabajo, lugares para otras actividades [...];
- Los que se realizan fuera de la residencia base y concluyen en un retorno, cualquiera sea la duración de la ausencia [...];
- Los que no concluyen en retorno, ya sea por la constitución de una nueva residencia base (que a su vez podrá ser un punto de partida de nuevos desplazamientos), o bien porque son movimientos sucesivos ambulantes sin

---

<sup>80</sup> As pessoas necessitam possuir algum tipo de residência-base, ainda que seja temporal, na qual possam descansar em intervalos regulares, guardar os objetos pessoais e poder ser localizados para receber mensagens. (Tradução nossa).

<sup>81</sup> O lugar ou o conjunto de lugares a partir do qual (ou dos quais) os deslocamentos têm maior probabilidade de retorno, independentemente da duração da permanência em outro local, durante a vida de um indivíduo. (Tradução nossa).

<sup>82</sup> quando a probabilidade de retorno é muito fraca, poderíamos falar sobre a criação de uma nova residência-base em outro lugar. (Tradução nossa).



referencia a ninguna residencia base [...]”<sup>83</sup> (DOMENACH; PICOUET, 1990, p. 55).

Como tentativa de superar a dicotomia entre deslocamentos definitivos e temporários, Domenach e Picouet (1990) introduzem também a concepção de **reversibilidade dos fluxos**, ou seja, os fluxos podem ser reversíveis, ou irreversíveis. Como o próprio nome já demonstra, os fluxos reversíveis se referem aos deslocamentos com retorno à residência-base, mesmo se houver estadia fora por um longo período, chegando a estabelecer uma 'residência exterior', já que o retorno sempre ocorrerá. Por sua vez, os fluxos são considerados irreversíveis, quando houver uma transferência da residência-base. Nesse sentido, os indivíduos podem ter uma residência-base (sede); uma residência-base e várias residências exteriores ou residências-base sucessivas. Para os autores, "A partir de esta noción de reversibilidad podemos clasificar, según los criterios de duración y periodicidad del traslado y de las razones de los desplazamientos, varios tipos de movimientos que se presentan en el mundo"<sup>84</sup> (DOMENACH; PICOUET, 1990, p. 56).

Neste trabalho, e no questionário destinado ao público alvo, optamos por utilizar uma nomenclatura mais simples, de modo que os estudantes pudessem distinguir melhor os diferentes tipos de residência a que estão expostos. O que os autores chamam de “residência-base”, foi chamado de residência principal e o que eles chamam de “residência exterior”, foi denominado de residência secundária.

Vale ainda ressaltar a noção de *centro de gravidade*, proposta por Robette (2012) e Poulain (1983), que se assemelha ao conceito de residência-base. O centro de gravidade seria o local central do espaço de vida dos indivíduos, de onde parte a maioria dos deslocamentos e para onde eles retornam ao final. Seria, portanto, o local articulador entre os deslocamentos.

A partir da realização de uma pesquisa primária, Robette (2012) apresenta um esquema do espaço de vida atual de um indivíduo (Figura 4), tendo a residência principal como centro de gravidade (residência-base), com ligações entre a residência secundária, o

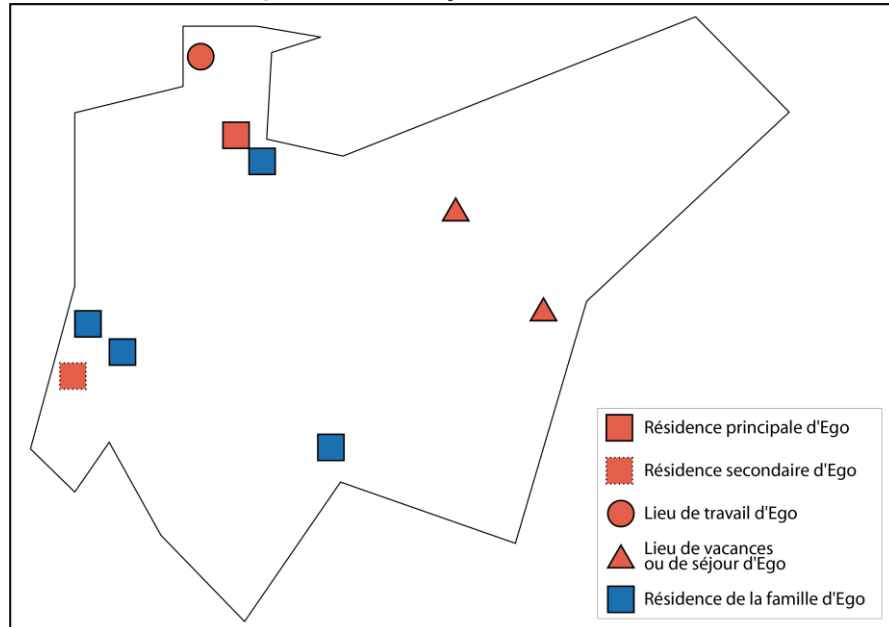
---

<sup>83</sup> - Aqueles que são exercidos entre os diferentes lugares ou casas que constituem a residência base: lugar da família, local de trabalho, locais para outras atividades [...]; - Aqueles que são realizados fora da residência base e terminam com um retorno, seja qual for a duração da ausência [...]; - Aqueles que não se completam com um retorno, seja pela constituição de uma nova residência base (que por sua vez pode ser um ponto de partida para novos deslocamentos), ou porque são sucessivos movimentos itinerantes sem referência a qualquer residência de base. [...]. (Tradução nossa).

<sup>84</sup> A partir dessa noção de reversibilidade, podemos classificar, de acordo com os critérios de duração e periodicidade da transferência e as razões para os deslocamentos, vários tipos de movimentos que ocorrem no mundo. (tradução nossa).

local de trabalho, local de férias e de residência de familiares, formando assim o espaço de vida individual do entrevistado, com lugares de naturezas diversas e dispersos pelo espaço.

FIGURA 4 - ESQUEMA DE ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL



FONTE: ROBETTE (2012, p. 08).

Robette (2012) continua sua demonstração de como montar, descrever e analisar o espaço de vida dos indivíduos a partir de pesquisas primárias. Para se construir a medida de um espaço de vida, portanto, é preciso levar em consideração: tamanho (número de lugares); localização; natureza e dispersão. A partir desses aspectos é possível observar a concentração dos conjuntos espaciais. De acordo com o autor, "Le nombre médian de lieux composant l'espace de vie « à un moment donné » est de 7"<sup>85</sup> (ROBETTE, 2012, p. 09)<sup>86</sup>, ou seja, em geral o espaço de vida de um indivíduo é composto por sete lugares que comumente variam entre local de trabalho, local de estudo, casa de familiares, centros espirituais, entre outros, além da residência, logicamente. Além disso, o autor aponta que podem existir algumas áreas onde o espaço de vida fica concentrado, os chamados *polos*, tendo a distância e a concentração como critérios definidores.

Poulain (1983) propõe associar uma intensidade aos lugares, de acordo com a frequência de visitas ou a duração da presença. Ainda sobre a caracterização do espaço de vida, Lelièvre e Robette (2005) ressaltam algumas dimensões que precisam ser mensuradas como: localização geográfica, frequência, natureza, forma, dispersão. É possível identificar

<sup>85</sup> O número médio de lugares no espaço "em um momento dado" é 7. (Tradução nossa).

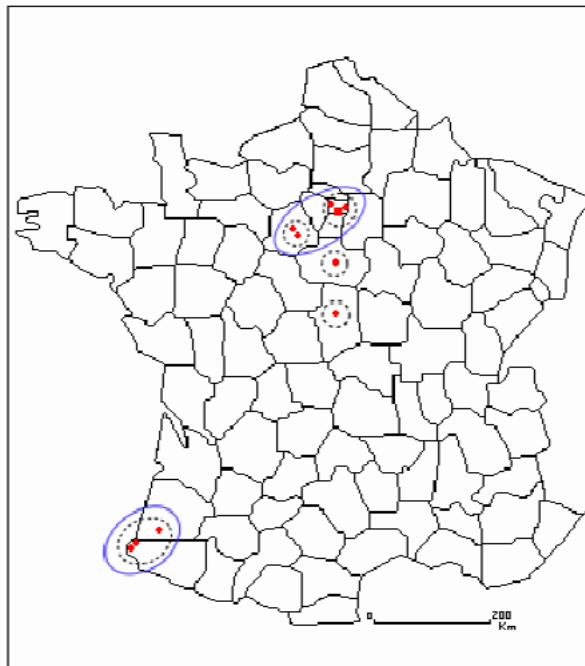
<sup>86</sup> Em trabalho anterior (LELIÈVRE; ROBETTE, 2005), o tamanho médio do espaço de vida havia sido determinado como sendo de oito lugares.

também, além dos polos, algumas classes de lugares, ou seja, lugares frequentados pelo mesmo motivo ou a mesma natureza.

Lelièvre e Robette (2005) destacam, a partir da localização geográfica, três tipos de espaços que podem ser analisados nas pesquisas: a) o espaço de origem, que corresponde ao local de nascimento dos pais e avós dos indivíduos; b) o espaço fundador, onde o indivíduo nasceu e cresceu até a adolescência e c) o espaço atual, composto pelos lugares de naturezas diversas que são frequentados pelos indivíduos. Esse espaço atual corresponde ao espaço de vida proposto por Courgeau (1988) e será, portanto, o tipo analisado nesse trabalho. Não são feitas aqui análises históricas, sobre o espaço de vida da memória remota dos indivíduos e sim sobre os espaços do momento atual, da vivência cotidiana dos sujeitos.

Para facilitar a compreensão, cabe demonstrar outro exemplo de espaço de vida individual atual, mais detalhado, como propõem Lelièvre e Robette (2005). Na figura 5 é apresentado um exemplo de espaço de vida de um indivíduo, onde as linhas pontilhadas distinguem as classes e as linhas completas indicam os polos. É um espaço de vida disperso sob o mapa da França, que contém dez lugares, dois polos e cinco classes, formadas por conjuntos compostos por: 1) residência-base, local de trabalho, residência do filho; 2) residência das irmãs; 3) residência da filha; 4) residência do irmão; e 5) residência da mãe e residência do pai.

FIGURA 5 - EXEMPLO DE ESQUEMA DETALHADO DE ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL



FONTE: LELIÈVRE E ROBETTE (2005, p. 16).

Um entendimento aproximado à noção de residência-base e espaço de vida seria a ideia de *ilha*, proposta por Hagerstrand (1991). De acordo com o autor, as pessoas necessitam de algum período de tempo, por mínimo que seja, para estar em sua residência com a finalidade de dormir, organizar seus pertences, receber correspondências, entre outros. Esse fato leva a pensar "cómo el tiempo se mezcla con el espacio en una entidad espacio-temporal indivisible"<sup>87</sup> (HAGERSTRAND, 1991, p. 99), uma vez que quando se sai da residência para executar atos da vida cotidiana, existe um limite até onde é possível ir, até que seja preciso retornar para a residência-base.

Por lo tanto, en su vida diaria, todas las personas tienen que existir espacialmente en una isla. Por supuesto, el tamaño real de la isla depende de los medios de transporte disponibles, pero esto no altera el principio. Los avances en la tecnología de los transportes han ampliado el tamaño de la isla a través de los siglos [...]. La mayoría de los días, el tamaño efectivo de una isla individual es mucho más pequeño que el tamaño potencial definido por su capacidad de moverse<sup>88</sup> (HAGERSTRAND, 1991, p. 99).

Um esquema sobre espaço de vida também foi proposto por Marandola Jr. (2008), utilizando quatro estágios definidos a partir da faixa etária dos indivíduos (infância, juventude, idade adulta e velhice) (Figura 6). Na infância o espaço de vida é limitado espacialmente, devido às relações de dependência. Na juventude, o espaço de vida do indivíduo começa a se expandir. Os tipos de espaço de vida nesse período podem ser tanto *extensão* quanto *deslizamento*, como proposto por Courgeau (1988). Nessa fase pode ocorrer o deslocamento para estudar em outra cidade, por exemplo. Na idade adulta, aumenta o nível de complexidade, expandindo ainda mais o espaço de vida, características do tipo *deslizamento*, quando "l'espace de vie gagne de nouvelles positions, en perd d'anciennes, tout en gardant certaines"<sup>89</sup> (COURGEAU, 1988, p. 18), e até mesmo como *transplante*, ou seja, uma mudança efetiva.

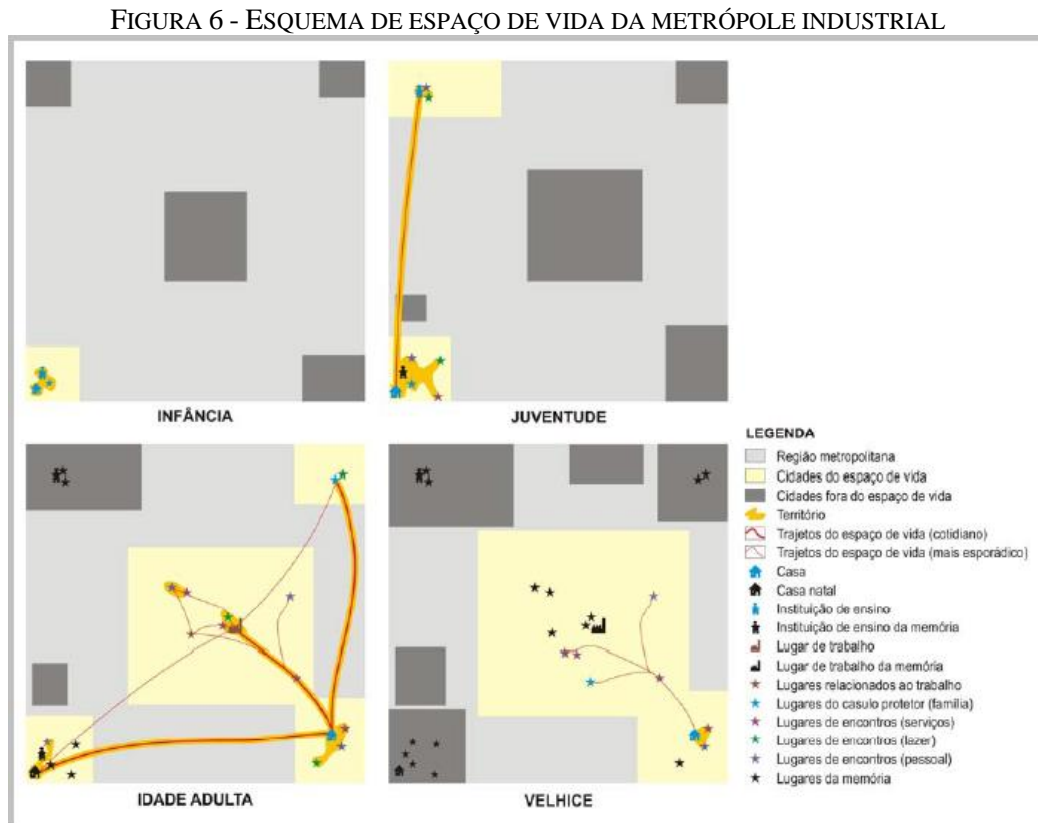
Na velhice o tamanho do espaço de vida diminui, apresentando mais lugares de memória do que de ação. Como afirma Courgeau (1988, p. 18), "L'espace de vie peut connaître une contraction ou un repli dans l'espace, en perdant des implantations antérieures.

<sup>87</sup> como o tempo se mistura com o espaço em uma entidade espaço-temporal indivisível. (Tradução nossa).

<sup>88</sup> Portanto, em sua vida cotidiana, todas as pessoas precisam existir espacialmente em uma ilha. É claro que o tamanho real da ilha depende dos meios de transposição disponíveis, mas isso não altera o princípio. Os avanços na tecnologia de transporte expandiram o tamanho da ilha ao longo dos séculos [...]. Na maioria dos dias, o tamanho efetivo de uma ilha individual é muito menor que o tamanho potencial definido por sua capacidade de se mover. (Tradução nossa).

<sup>89</sup> o espaço de vida ganha novas posições, perde as antigas, enquanto mantém algumas. (Tradução nossa).

C'est souvent ce qui se produit lorsqu'un individu prend sa retraite et s'éloigne de son milieu de travail antérieur, tout en gardant ses autres positions"<sup>90</sup>. O espaço de vida varia, portanto, de acordo com cada faixa etária e suas consequentes atividades realizadas e relações estabelecidas em cada fase da vida.



FONTE: MARANDOLA JR. (2008, P. 182).

A partir das discussões levantadas, nos parece interessante indicar alguns estudos de caso sobre mobilidade e espaço de vida que foram feitos no Brasil nos últimos anos. Os trabalhos de Marandola Jr. (2011; 2014), além do supracitado (2008) e outros, contribuem com a análise da mobilidade associada aos espaços de vida, "visando uma perspectiva mais complexa da mobilidade populacional" (MARANDOLA Jr., 2011, p. 97), buscando a partir disso, a combinação entre dados quantitativos e qualitativos nas pesquisas sobre mobilidade humana.

Análises sobre a mobilidade populacional para fins de estudo, foram encontradas nos trabalhos de Pereira (2006) e Lima (2015), que trazem contribuições acerca dos estudantes pendulares da educação básica, das redes públicas de ensino em Brasília (DF) e Natal (RN),

<sup>90</sup> O espaço de vida pode experimentar uma contração ou recuo no espaço, perdendo implantações anteriores. Frequentemente, é o que acontece quando um indivíduo se aposenta e se afasta de seu ambiente de trabalho anterior, mantendo suas outras posições. (Tradução nossa).

respectivamente. Lima (2015) também aborda a mobilidade a partir do conceito de espaço de vida, como propomos nesta pesquisa. Em trabalho mais recente, Lima, Freire e Ojima (2018) analisaram a relação entre deslocamento para estudo e desempenho escolar, identificando que a distância entre escola e residência, com ampliação do espaço de vida, tem relação positiva com o rendimento escolar dos alunos. Ojima *et al.* (2015) discutiram sobre o novo padrão de urbanização disperso e fragmentado nas regiões metropolitanas, a partir da mobilidade da população e da ampliação dos espaços de vida. Cunha (2011) destaca que o espaço de vida se apresenta como proposta de desafio conceitual e operacional para pesquisadores.

O conceito de espaço de vida foi acionado por A. Cunha (2015) para discutir a migração na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), fazendo uma análise do espaço de vida coletivo a partir das informações sobre deslocamento para trabalho e estudo nos censos demográficos para a população da RMSP.

O trabalho de Lira (2017) sobre migração internacional e mobilidade na fronteira da Amazônia Legal brasileira, se assemelha a nossa proposta teórico-metodológica, uma vez que utiliza o conceito de espaço de vida como plano conceitual e operacional para integrar abordagens quantitativas e qualitativas e as abordagens macro e micro, em escalas regional e local, respectivamente. Mais recentemente, Maciel e Almeida (2018), utilizaram o espaço de vida como uma das novas perspectivas teóricas para se estudar os contextos migratórios atuais, que estão cada vez mais complexos, buscando contribuir com o entendimento da mobilidade humana.

Com a descrição e análise do registro espacial dos indivíduos, a partir dos seus espaços de vida, é possível também obter uma *proxy* dos determinantes de sua mobilidade. Os espaços de vida dos estudantes, por exemplo, são modificados a partir da necessidade de deslocamento para frequentar seus cursos. Com relação a isso, pode-se dizer que os espaços de vida geralmente se desenvolvem no âmbito regional, podendo gerar riscos e vulnerabilidades (MARANDOLA JR, 2011), e revelar elementos essenciais para pensar como se desenham os padrões de mobilidade. Vale ressaltar que, como afirmam Courgeau e Lelièvre (1989):

Les événements qui surviennent au cours de la vie d'un individu ne sont pas les seuls constituants de sa trajectoire personnelle. De nombreuses autres caractéristiques que l'individu a dès sa naissance ou acquiert au cours de son

enfance, sont des éléments importants qui peuvent agir sur le cours de son existence<sup>91</sup> (COUGEAU; LELIÈVRE, 1989, p. 1236).

Essas características pessoais devem ser levadas em consideração nas análises sobre a mobilidade individual, uma vez que podem influenciá-la ou dissuadi-la.

Os espaços de vida equiparam-se a uma rede de relações que se formam, relacionadas às dimensões familiar, econômica, cultural, política e social. A possibilidade de mudança do espaço de vida leva à busca de redes de sociabilidades sólidas para engendrar o deslocamento, que pode modificar os processos de tomada de decisão.

Essa tomada de decisão, por sua vez, envolve algumas particularidades. Não se pode desconsiderar os processos decisórios que envolvem a resistência e adaptação inicial dos estudantes móveis. Nesse sentido, utiliza-se o conceito de **Geografia de Oportunidades** (GALSTER; KILLEN, 1995) para pesquisar os aspectos objetivos e subjetivos relacionados aos deslocamentos. Esse conceito busca relacionar a tomada de decisões ao contexto geográfico dos indivíduos. De acordo com os autores, "Decision making and its geographic context have objective and subjective aspects"<sup>92</sup> (GALSTER; KILLEN, 1995, p. 07). Alves *et al.* (2010, p. 69) resumiram o conceito:

A Geografia Objetiva de Oportunidades, isto é, a estrutura, qualidade e o acesso às oportunidades (sistemas sociais, mercados e instituições), variam entre uma região e outra. Ao mesmo tempo, a Geografia Subjetiva de Oportunidades (os valores, anseios, preferências e percepções subjetivas acerca das oportunidades e dos potenciais resultados da tomada de decisões) também varia geograficamente. A Geografia Subjetiva limita as oportunidades que, de fato, estão acessíveis aos indivíduos (ALVES *et al.*, 2010, p. 69).

Essa limitação ocorre uma vez que nem sempre é possível acessar as oportunidades existentes, por motivos individuais ou coletivos.

Gould (2009) aponta que as decisões individuais se ocultam diante dos processos decisórios que envolvem a coletividade, principalmente a familiar: "Increasingly, it is becoming apparent that decision-making is not necessarily at the individual scale, though it may appear to be at first sight, but more a matter of household management and of life course

---

<sup>91</sup> Os eventos que ocorrem durante a vida de um indivíduo não são os únicos constituintes em sua trajetória pessoal. Muitas outras características que o indivíduo tem desde o nascimento ou adquire durante a infância, são elementos importantes que podem atuar no curso de sua existência. (Tradução nossa).

<sup>92</sup> A tomada de decisões e o seu contexto geográfico têm aspectos objetivos e subjetivos. (Tradução nossa).

decisions about individuals on behalf of their immediate family group"<sup>93</sup> (GOULD, 2009, p. 189). Rosario (2012) concorda com essa visão, ao considerar que o fenômeno relativo à escolarização, como é o caso do deslocamento para estudo, por exemplo, "envolve decisões, tomadas no seio da família, com desdobramentos de caráter social, econômico, cultural e afetivo - se a análise incluir os grupos de pertença o quantitativo de pessoas e o impacto social tomam proporções bem maiores" (ROSARIO, 2012, p. 05).

Galindo *et al.* (2017) também sinalizam que a escolha das estratégias adotadas pela população em situação de mobilidade envolve fatores coletivos (resultantes de fatores culturais) e individuais (resultantes das subjetividades dos sujeitos), identificando os instrumentos que os indivíduos dispõem para lidar com a mobilidade. Esses instrumentos variam de acordo com o conjunto de possibilidades existentes, que dependem, por sua vez, "das oportunidades oferecidas pelos lugares" (SANTOS, 2017, p. 337).

Existem, portanto, fatores micro-sociais e causas macro-estruturais (OLIVEIRA; JANNUZZI, 2004), conjunturais e estruturais (BAENINGER, 2015), ligadas à questão de escolha/incentivos ou constrangimentos (SILVA, 2013; DOTA, 2015), com oportunidades objetivas e subjetivas (GALSTER; KILLEN, 1995). Tudo isso envolve e influencia o processo decisório pela mobilidade ou permanência.

Nesta concepção, as oportunidades de acesso às unidades de ensino de qualidade por famílias de classes mais populares podem ser limitadas tanto pela indisponibilidade de escolas e universidades, como também por não estarem no horizonte de possibilidades, já que os valores e as expectativas são diferenciados em cada família, que apresentam características econômicas, culturais e sociais distintas. Ou seja: a educação é percebida, vivenciada e experimentada de maneira diferente em cada família e contexto social.

Nesse sentido, o lugar exerce efeito sobre o comportamento dos indivíduos a partir da (in)existência de estrutura física de oportunidades como instituições de ensino, que correspondem aos aspectos objetivos das oportunidades, assim como as relações interpessoais, desejos pessoais e familiares, redes de sociabilidade entre outros que se referem aos aspectos subjetivos, podendo exercer efeitos significativos nas tomadas de decisões.

Ainda relacionado à questão das oportunidades e de seu aproveitamento, os trabalhos sobre mobilidade populacional para fins educacionais são importantes, sobretudo no momento em que ganha cada vez mais destaque no Brasil a geração de jovens conhecida como "nem-

---

<sup>93</sup> Cada vez mais, está se tornando evidente que a tomada de decisões não é necessariamente em escala individual, embora possa parecer à primeira vista, mas mais uma questão de gestão doméstica e de decisões sobre o curso da vida de indivíduos em nome de seu grupo familiar imediato (Tradução nossa).



nem", que não estão nem na escola, nem no mercado de trabalho. De acordo com o IBGE (2015), em 2014, um em cada cinco jovens de 15 a 29 anos de idade, não frequentava escola e não trabalhava na semana de referência de coleta dos dados. O grupo de jovens na mesma faixa etária que, além de não frequentar escola e não trabalhar, também não procurava emprego, ou seja, estava fora da população economicamente ativa, correspondia a 13,9% do total de jovens de 15 a 29 anos de idade. Em 2017, esse percentual de pessoas que não trabalhavam nem estudavam ou se qualificavam subiu para 23%, de acordo com IBGE (2018), que relatou: “Em relação a 2016, verifica-se um aumento de 1,2p.p. no grupo de pessoas que não estava ocupada, nem estudando, em detrimento dos grupos onde as pessoas se encontravam ocupadas. Essa trajetória pode estar relacionada ao momento econômico vivido pelo país.” (IBGE, 2018, p.12).

A existência de jovens nessa situação de inatividade não é exclusividade do Brasil. Em países de língua inglesa, eles são chamados de NEET (Neither Employed nor in Education or Training)<sup>94</sup>. Entre os países membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)<sup>95</sup>, 13% dos jovens nativos entre 15 e 29 anos eram NEETs em 2017. Para os jovens na mesma faixa etária nascidos no exterior, esse percentual sobe para 18% (OECD, 2018, p. 62). Já em países de língua espanhola, eles são conhecidos como “nini”. Uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e parceiros como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com jovens entre 15 e 24 anos identificou que, entre os jovens nini, “los porcentajes en países latinoamericanos son mucho mayores a los promedios de países de la OCDE”<sup>96</sup> (NOVELLA *et al.*, 2018, p. 78).

Esses dados merecem destaque, pois alguém pode ser "nem-nem" não por escolha ou acaso, mas "por morar num município desprovido de recursos econômicos e institucionais, isto é, escola ou emprego para todos os que queiram estudar ou trabalhar" (CARDOSO, 2013, p. 301) e por não ter acesso às condições mínimas para engendrar um deslocamento pelo território para essa finalidade. Nesse sentido, as trajetórias dos integrantes da geração "nem-nem" se assemelham a dos estudantes móveis, uma vez que cada condição é fruto tanto de escolhas individuais e familiares quanto de constrangimentos impostos pelo contexto no qual as pessoas tomam suas decisões, condicionando suas oportunidades de vida. Parte deles se

<sup>94</sup> Nem empregado nem em educação ou treinamento. (Tradução nossa).

<sup>95</sup> Ao todo são 36 países membros que abrangem da América do Norte e do Sul à Europa e Ásia-Pacífico. Eles incluem muitos dos países mais avançados do mundo, mas também países emergentes como México, Chile e Turquia. Alguns países são considerados parceiros, como as economias emergentes da República Popular da China, Índia e Brasil e economias em desenvolvimento na África, Ásia, América Latina e Caribe (OECD, 2018).

<sup>96</sup> as porcentagens nos países latino-americanos são muito mais altas que as médias dos países da OCDE. (Tradução nossa).

torna "nem-nem" por não ter condições de acesso ao ensino superior, por exemplo. A imobilidade dessa geração contrasta com os mais de quatro milhões de pessoas que declararam frequentar escola ou creche fora do município de residência no Brasil, segundo os resultados da amostra do censo demográfico 2010.

Vale ressaltar também a combinação positiva e necessária entre estudos populacionais e políticas públicas. Lira (2018, p. 86) afirma que entender a complexidade dos movimentos populacionais é essencial para “subsidiar a elaboração e a implementação de políticas públicas efetivas de mobilidade”. Cunha (2013, p. 212) concorda ao afirmar que a "redistribuição e mobilidade espacial da população pode ter grande impacto sobre a formulação e proposição de certas políticas públicas", servindo de base para estudos e planejamentos de programas e ações específicos para cada segmento da sociedade.

Seja para pensar temas mais amplos [...], seja para questões mais focalizadas social e regionalmente, como a estruturação de um programa de saúde da família, do sistema de transportes municipal, ou localização de escolas e outros equipamentos sociais, é fundamental conhecer e, sempre que possível, ter mecanismos para projetar a forma como a população se redistribui no espaço (CUNHA, 2013, p. 213).

Nesse sentido, destaca-se a importância da análise dos dados de mobilidade espacial de estudantes para formulação de políticas específicas para área educacional, principalmente em tempos atuais em que a mobilidade é frequentemente acionada como estratégia em busca de oportunidades. Faz-se necessário o desenvolvimento de políticas que amparem esses estudantes nas suas dificuldades cotidianas, seja na migração, seja na pendularidade. Esse foi um dos resultados que o clássico trabalho de Sjaastad (1962, p. 92) apresentou: "My main conclusion remains that migration cannot be viewed in isolation; complementary investments in the human agent are probably as important or more important than the migration process itself"<sup>97</sup>.

A combinação entre distâncias físicas e sociais gera desigualdade no acesso às oportunidades, sejam elas de estudo, de trabalho, consumo, serviços de saúde, ou outras. Nesse sentido, "a mobilidade é decisiva para tornar concretas as possibilidades que a cidade oferece como espaço de realização da vida social" (BARBOSA, 2016, p. 48). Além de gerar possibilidades, Tavares e Tavares (2018) também destacam que a mobilidade altera

---

<sup>97</sup> Minha principal conclusão é que a migração não pode ser vista isoladamente; investimentos complementares no agente humano são provavelmente tão importantes ou mais importantes do que o próprio processo de migração. (Tradução nossa).

significativamente as condições de reprodução social dos sujeitos e de suas famílias, com relação à disponibilidade de recursos, desgaste físico, mental e emocional, acesso a itens básicos de sobrevivência e adaptação a nova dinâmica a que se submetem. Dessa maneira, as políticas precisam ser pensadas em prol do bem estar e acesso aos direitos do sujeito migrante (ou móvel).

Balbin (2016) propõe que sejam criadas novas centralidades nas hierarquias urbanas, de modo que diminua a mobilidade espacial e amplie a mobilidade social. Entretanto, essa é uma visão que deve ser problematizada. Concorde-se com Ojima *et al.* (2015), ao defenderem a importância da mobilidade espacial, que faz parte do novo padrão de urbanização (disperso e fragmentado), e vai além dos limites do tecido urbano, expandindo também o espaço de vida da população. Os autores seguem o ponto de vista de Urry (2007), ao falar sobre a “incorporação da mobilidade intermunicipal enquanto estratégia de vida da sociedade móvel” (OJIMA *et al.*, 2015, p. 12). Ou seja, considerar a diminuição da mobilidade espacial com a criação de novas centralidades, no contexto atual de uma sociedade altamente móvel e fluida, não nos parece suficiente para garantir a mobilidade social ou a melhor qualidade de vida dos indivíduos.

No contexto da mobilidade para estudo, a criação de novas centralidades proposta por Balbin estaria associada à novos centros educacionais também, com homogeneização da oferta, descentralizando e expandindo muito as IES, o que não é cabível nem necessário, uma vez que não há lógica em instalar uma instituição de ensino superior em cada um dos mais de cinco mil municípios brasileiros. Construir uma IES em cada cidade facilitaria o acesso de seus munícipes ao ensino superior, diminuindo a necessidade de deslocamento, por exemplo, porém, os estudantes que moram nos extremos dos municípios de grande extensão territorial, continuariam tendo que realizar os deslocamentos e enfrentar as dificuldades relacionadas a ele. A descontinuidade da oferta de IES pelo território é compensada pela possibilidade de deslocamento entre municípios conectados por fluxos. É possível fragmentar e facilitar a vida cotidiana desses estudantes, ampliando seus espaços de vida, se houver o apoio necessário para tal.

Com relação aos níveis de explicação da mobilidade espacial, Becker (1997) relata a importância da busca por escalas adequadas para as análises: "Enquanto o processo geral pode ser explicado tanto a nível internacional, nacional ou até mesmo macrorregional, as especificidades que caracterizam tal realidade, precisariam ser pesquisadas nas escalas microrregional e local" (BECKER, 1997, p. 358-359). Marandola Jr. (2011, p. 96) também enfatiza a "necessidade de abordagens em pequenas áreas e em diferentes escalas, visando à

apreensão multidimensional dos fenômenos". Nesse sentido, a proposta do presente estudo é analisar a mobilidade espacial para estudo no município de Campos dos Goytacazes, na Região Norte Fluminense, apontando suas especificidades e buscando, ao mesmo tempo, tendências gerais.

No capítulo a seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos para operacionalização da pesquisa.

### 3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Em 2020 muitos países, inclusive o Brasil, foram surpreendidos com medidas severas de isolamento social, impostas devido à propagação do novo coronavírus, um vírus facilmente transmissível que gera uma doença infecciosa chamada Covid-19, que já tirou a vida de milhares de brasileiros e milhões de pessoas pelo mundo, sendo classificada como pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) devido a sua rápida disseminação e pela abrangência mundial.

A humanidade já passou por outras pandemias, mas essa é a primeira em um mundo globalizado. O próprio ritmo da mobilidade espacial contemporânea, com grande circulação de pessoas, contribuiu com essa difusão espacial acelerada, seguindo, no Brasil, o modelo relacionado a interações espaciais na rede urbana, como mencionam Sposito e Guimarães (2020)<sup>98</sup>.

Diante desse cenário, muitas adaptações tiveram que ser feitas em todos os aspectos da vida social cotidiana. Não foi diferente com as pesquisas acadêmicas. Silveira e Bastos (2020) escreveram sobre como a pandemia afetou as pesquisas e seus trabalhos de campo, identificando que a maioria das pesquisas de pós-graduação em geografia foi prejudicada de alguma maneira com as medidas de isolamento social impostas na tentativa de diminuir o risco de contágio e conter a Covid-19.

Em virtude na pandemia, houve suspensão das aulas presenciais nas instituições de ensino superior do município de Campos dos Goytacazes desde o dia 16 de março de 2020, sem uma data prevista para o retorno, até então, o que impossibilitou realizar entrevistas presenciais com os estudantes, mesmo se fossem adotados os cuidados sanitários. Elaborar, compartilhar e analisar questionários on-line se tornou condição essencial para a realização de pesquisa com coleta de dados primários, já que assim, não é estabelecido contato direto entre pessoas. Nesse sentido, uma ferramenta de gerenciamento de pesquisas on-line, com a adequação e aplicação do questionário de maneira virtual, foi adotada como estratégia de pesquisa, realizando assim um necessário ajuste do método pensado inicialmente, diante das condições encontradas. Nosso trabalho segue a tendência nacional identificada por Silveira e Bastos (2020), em que 82,8% dos pesquisadores participantes relataram interrupção no trabalho de campo de suas teses de doutorado no ano de 2020.

---

<sup>98</sup> Para ter acesso a um conjunto de reflexões sobre a pandemia de Covid-19 do ponto de vista da geografia, visitar o Observatório Geográfico sobre os impactos da Covid-19, lançado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB): <https://www.agb.org.br/covid19>.

Por conseguinte, a proposta metodológica dessa pesquisa está organizada da seguinte forma: a parte teórico-conceitual se baseia em uma revisão de literatura e revisão bibliográfica sistemática nacional e internacional sobre a mobilidade populacional, no âmbito das migrações e deslocamentos pendulares, a luz do conceito de espaço de vida. Para se operacionalizar o trabalho, é utilizada uma abordagem quantitativa e descritiva por meio de dados secundários de órgãos oficiais e pesquisa primária do tipo *survey* que permitirá também, a realização de uma abordagem qualitativa. A intenção é não somente descrever e medir os fluxos, mas também compreender as causas, as implicações e os atores que constroem esse fenômeno. Lima (2020) após rica investigação teórica e empírica acerca das desigualdades territoriais e educacionais na educação básica identificou que alguns alunos realizavam deslocamentos espaciais para estudar, porém, constatou que “Infelizmente, nenhum dos bancos de dados explorados (Censo Escolar e SAEB) permitiu ir além para desenvolver uma análise mais detalhada sobre os volumes, fluxos de deslocamentos e características destes estudantes.” (LIMA, 2020, p. 178). Ou seja, uma análise pormenorizada se faz necessária para identificar as nuances desse processo.

Como fontes de dados secundários são utilizados o Censo da Educação Superior, organizado pelo INEP e os dados sobre deslocamentos para estudo presentes no Censo Demográfico do IBGE de 2010.

### **3.1 Fonte de dados: O Censo da Educação Superior (INEP)**

O Censo da Educação Superior é um levantamento de âmbito nacional realizado anualmente que reúne informações sobre as instituições de ensino superior públicas e privadas, seus cursos de graduação (presencial ou à distância), número de vagas, inscrições, matrículas, volume de alunos (ingressantes e concluintes), além de informações sobre docentes, nas diferentes formas de organização acadêmica e categorias administrativas, entre outras. Neste trabalho são utilizados os microdados do censo da educação superior referentes ao ano de 2018. As unidades básicas de coleta de dados são as Instituições de Ensino Superior (IES), porém, os dados são disponibilizados também nas dimensões aluno, curso, docente e pelo local de oferta dos cursos. Nesta pesquisa, foram utilizados com maior frequência os dados referentes às IES, aos alunos e aos cursos.

O preenchimento do censo é obrigatório para as IES, que tem um prazo determinado para realizá-lo, a fim de continuar fazendo parte de alguns programas:

O levantamento é pré-requisito para a expedição de atos regulatórios e participação das instituições em programas do Ministério da Educação, como o Programa Universidade para Todos (ProUni), o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e as bolsas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). O censo ainda subsidia a avaliação, a supervisão e o cálculo do conceito preliminar de curso (CPC) e do índice geral de cursos (IGC), indicadores da qualidade da educação superior. As informações também compõem o indicador aluno equivalente – graduação, usado para a distribuição de recursos orçamentários às universidades federais. (MEC, 2017, p. 1).

Vale destacar a importância de orientar às IES quanto ao correto preenchimento dos dados nos formulários, a fim de evitar que erros voluntários ou involuntários sejam registrados como estatísticas oficiais.

### **3.2 Fonte de dados: O Censo Demográfico (IBGE)**

O censo demográfico é uma importante fonte de dados sobre deslocamentos populacionais no Brasil, apesar de suas limitações quanto à periodicidade<sup>99</sup>. A possibilidade de comparação analítica entre os censos realizados permite identificar diversos aspectos da dinâmica populacional, em diversas escalas, do nacional até o setor censitário, que é a menor unidade territorial de divulgação das informações coletadas, sempre de maneira agregada, de modo a não identificar o respondente. Os Censos Demográficos são realizados pelo IBGE a cada dez anos, com abrangência em todo o território nacional. Realizado desde 1872, a pesquisa, contudo, só tratou da temática da mobilidade pendular nos censos de 1970, 1980, 2000 e 2010.

Como se pode perceber, houve uma lacuna na coleta dessa informação no ano de 1991, já que no referido censo a pergunta sobre movimento pendular não foi incluída no questionário. No Censo 2000 a informação voltou a ser coletada, porém com um único quesito, agregando tanto os movimentos para trabalho, quanto para estudo. Em 2010, último censo realizado, novos quesitos foram incorporados ao questionário sobre mobilidade pendular, fazendo o desmembramento da pergunta em dois blocos: um para trabalho; e outro para estudo, o que tornou possível obter a distribuição dos trabalhadores e estudantes que se deslocam entre municípios, possibilitando assim, uma análise mais detalhada desses movimentos.

---

<sup>99</sup> Para uma descrição e análise detalhada dos censos demográficos brasileiros acerca do histórico, conteúdo, pontos positivos e negativos, inclusive com a evolução da investigação sobre mobilidade espacial, ver A. Cunha (2015).

De acordo com Jannuzzi (2018, p. 05), "O Censo brasileiro é, em termos internacionais, um dos mais detalhados". É o que traz o maior volume e melhor qualidade de informações acerca da mobilidade populacional, em particular a partir de 1970, quando os deslocamentos pendulares começaram a refletir o processo de urbanização e o fenômeno de periferização das regiões metropolitanas, e especialmente na atualidade, em que a pendularidade se mostra como um grande vetor da mobilidade populacional. Cabe ressaltar, no entanto, que esse detalhamento do Censo brasileiro é justificável, uma vez que o país ainda não possui registros administrativos e cadastros públicos eficazes para auxiliar no levantamento de informações sobre a população e basear políticas públicas e sociais, como ocorre em outros países.

Porém, o que se apresenta na atualidade, para o Censo 2022 é uma reformulação da pesquisa, com diminuição dos quesitos investigados no censo, em várias áreas. Haverá redução tanto do questionário básico, aplicado em todos os domicílios nos 5.570 municípios do Brasil, quanto no questionário da amostra, mais detalhado, que é aplicado em alguns domicílios selecionados (de acordo com frações amostrais da população), de modo a representar toda a população brasileira por meio da técnica da amostragem.

Na prática, as informações coletadas serão em menor quantidade em comparação ao censo anterior. Após definição e divulgação dos temas abordados e do tamanho da pesquisa para o Censo 2022, sabe-se que o questionário básico será composto de 26 perguntas e o da amostra, 76 (IBGE, 2019a). No último censo, em 2010, o questionário básico contava com 37 quesitos e o da amostra, 108 (IBGE, 2012). Essa redução tem gerado intensas discussões entre estudiosos, pesquisadores, jornalistas e até mesmo servidores do próprio IBGE que divergem em apoiar ou discordar do novo formato proposto para o próximo Censo<sup>100</sup>.

Alguns dos quesitos eliminados foram: emigração internacional, valor dos aluguéis, estado civil, tipo de rede de ensino (pública ou privada), características do domicílio (se tem energia elétrica, televisão, telefone fixo, telefone celular, computador, geladeira, carro ou moto), número de horas trabalhadas por semana, filhos natimortos, entre outros.

Apesar da retirada de algumas questões, outras serão incluídas de maneira inédita, como a pergunta sobre realização de trabalho ocasional remunerado (conhecido popularmente como bico), meio de transporte utilizado para chegar ao trabalho, dificuldade permanente para pegar pequenos objetos, identificação étnico-racial como quilombola, contribuição ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), entre outros, o que é satisfatório uma vez que em

---

<sup>100</sup> Para acompanhar a discussão com pontos de vista favoráveis e contrários, acesse o espaço exclusivo para o debate do Censo 2020 no site da Associação Brasileira de Estudos Populacionais (ABEP, 2020).



dez anos (intervalo intercensitário) a sociedade se modifica e demanda por novas informações.

Entre os temas que serão abordados no Censo 2022 estão: fecundidade, mortalidade, nupcialidade, características dos domicílios, identificação étnico-racial, núcleo familiar, deficiência, religião, trabalho e rendimento, educação, migração, deslocamento para estudo, deslocamento para trabalho, entre outros (IBGE, 2019a).

Especificamente sobre a mobilidade populacional, no Censo 2022 as perguntas sobre deslocamento para trabalho e estudo se mantiveram nos questionários, ao contrário do que havia sido divulgado inicialmente. Permanecem separadas por blocos (trabalho e estudo), como em 2010, permanecendo também uma única pergunta para o deslocamento para estudo: “Em que município ou país estrangeiro estuda?”. Já o quesito deslocamento para trabalho sofreu alteração, porém, diferentemente do total de quesitos dos questionários que foram reduzidos, no tema deslocamento para trabalho haverá acréscimo de uma questão com relação a 2010 (IBGE, 2019a). Além de perguntar 1) Em que município ou país estrangeiro a pessoa trabalha; 2) Se retorna do trabalho para casa diariamente e 3) Qual o tempo despendido nesse deslocamento casa-trabalho, haverá uma quarta pergunta, sobre o principal meio de transporte utilizado para chegar ao local de trabalho, o que, em termos analíticos, permite inúmeras abordagens e reflexões. Essa nova questão, portanto, suprirá a lacuna existente nesse tipo de informação sobre deslocamento para trabalho, que já havia sido salientada por Ervatti e Oliveira (2011), porém, outras questões permanecem suprimidas, como por exemplo, a periodicidade dos deslocamentos realizados.

O fato de não se investigar a periodicidade do deslocamento inibe a possibilidade de se aprofundar a discussão teórica a respeito do conceito de pendularidade [...]. Além disso, ao não se identificar o tipo de transporte utilizado e o horário no qual o deslocamento é realizado suprime informações extremamente relevantes ao planejamento das políticas de transporte urbano (ERVATTI; OLIVEIRA, 2011, p. 96).

Os deslocamentos para estudo, porém, seguem com uma única pergunta, o que dificulta análises detalhadas sobre esse fenômeno. Concorde-se com Jannuzzi (2018) ao evidenciar a importância da informação estatística para a sociedade brasileira:

Não há como não reconhecer que parte das conquistas republicanas de universalização da educação básica, do acesso à água, redução da pobreza, promoção do desenvolvimento regional, ampliação da cobertura do emprego

formal e da previdência pelo vasto território brasileiro deve-se à disponibilidade de informação estatística de boa qualidade e cobertura levantada pelo IBGE e outras instituições como o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, os departamentos de estatísticas e pesquisas dos Ministérios e órgãos subnacionais de planejamento e estatística (JANNUZZI, 2018, p. 01).

Em que pese a importância da realização do Censo Demográfico e a situação de pandemia causada pelo coronavírus (COVID-19), que limitou o deslocamento da população a fim de restringir a propagação da doença, o Censo 2020 foi adiado inicialmente para o ano de 2021, porém, a ausência de recursos orçamentários, os altos índices de contágio da Covid-19, a lenta evolução da cobertura da vacinação, entre outros fatores, levou a um impasse sobre quando seria realizado o censo. Diante disso, o STF decidiu (em maio de 2021) que o governo é obrigado a tomar as medidas necessárias para realizar o censo em 2022. A coleta finalmente teve início no mês de agosto do referido ano.

Apesar de estar no final do período censitário e, portanto, distante temporalmente das informações, os resultados do censo 2010 são o que se tem de mais recente com relação à informação oficial de deslocamentos populacionais em regiões não metropolitanas e, em alguns quesitos, de educação. Portanto, neste trabalho algumas tabulações foram elaboradas a partir dos microdados da amostra do Censo Demográfico 2010, que conteve as seguintes variáveis educacionais, com suas possíveis respostas (Quadro 1):

QUADRO 1 - VARIÁVEIS EDUCACIONAIS E SUAS POSSÍVEIS RESPOSTAS NO CENSO DEMOGRÁFICO 2010

<b>Para pessoa de 5 anos ou mais</b>	
V0627 “Sabe ler e escrever”	01 – Sim 02 – Não
<b>Para todas as pessoas</b>	
V0628 “Frequenta escola ou creche”	01 – Sim, pública 02 – Sim, particular 03 – Não, já frequentou 04 – Não, nunca frequentou
<b>Para pessoa que frequenta escola ou creche</b>	
V0629 “Curso que frequenta”	01 – Creche 02 – Pré-escolar (maternal e jardim de infância) 03 – Classe de alfabetização – CA 04 – Alfabetização de Jovens e Adultos 05 – Regular do Ensino Fundamental 06 – Educação de Jovens e Adultos – EJA ou Supletivo do Ensino Fundamental 07 – Regular do Ensino Médio 08 – Educação de Jovens e Adultos – EJA ou Supletivo do Ensino Médio

	09 – Superior de Graduação 10 – Especialização de Nível Superior (mínimo de 360 horas) 11 – Mestrado 12 – Doutorado
V0630 “Série/ano que frequenta”	01 – Primeiro ano 02 – Primeira série/Segundo ano 03 – Segunda série/Terceiro ano 04 – Terceira série/Quarto ano 05 – Quarta série/Quinto ano 06 – Quinta série/Sexto ano 07 – Sexta série/Sétimo ano 08 – Sétima série/Oitavo ano 09 – Oitava série/Nono ano 10 – Curso não seriado
V0631 “Série que frequenta”	01 – Primeira série 02 – Segunda série 03 – Terceira série 04 – Quarta série 05 – Curso não seriado
V0632 “Conclusão de outro curso superior de graduação”	01 – Sim 02 – Não
<b>Para pessoa que não frequenta escola ou creche, mas já frequentou</b>	
V0633 “Curso mais elevado que frequentou”	01 – Creche, Pré-escolar (Maternal e Jardim de Infância), Classe de alfabetização - CA 02 – Alfabetização de Jovens e Adultos 03 – Antigo Primário (Elementar) 04 – Antigo Ginásio (Médio 1º Ciclo) 05 a 07 – Regular do Ensino Fundamental ou 1º Grau 08 – Supletivo do Ensino Fundamental ou do 1º Grau 09 – Antigo Científico, Clássico, etc. (Médio 2º ciclo) 10 – Regular ou Supletivo do Ensino Médio ou do 2º Grau 11 – Superior de Graduação 12 – Especialização de Nível Superior (mínimo de 360 horas) 13 – Mestrado 14 – Doutorado
V0634 “Conclusão deste curso”	01 – Sim 02 – Não
V0635 “Espécie do curso mais elevado concluído”	01 – Superior de Graduação 02 – Mestrado 03 – Doutorado
V6352 “Curso Superior de Graduação”	Código específico
V6354 “Curso de Mestrado”	Código específico
V6356 “Curso de Doutorado”	Código específico
V6400 “Nível de instrução”	01 – Sem instrução e fundamental incompleto 02 – Fundamental completo e médio incompleto 03 – Médio completo e superior incompleto 04 – Superior completo 05 – Não determinado

Por sua vez, as variáveis referentes à migração e aos deslocamentos no Censo Demográfico 2010, por tema específico e opções de resposta estão discriminadas no Quadro 2. Vale ressaltar que, com exceção da informação sobre emigração internacional que foi colocada no questionário básico, todas as demais perguntas constavam no questionário da amostra.

QUADRO 2 - VARIÁVEIS REFERENTES À MOBILIDADE E SUAS POSSÍVEIS RESPOSTAS - CENSO DEMOGRÁFICO 2010

<b>Não naturais e imigrantes de retorno</b>	
V0618 “Nasceu neste município”	1- Sim e sempre morou 2- Sim, mas morou em outro município ou país estrangeiro 3- Não
V0619 “Nasceu nesta unidade da federação”	1- Sim, e sempre morou 2- Sim, mas morou em outra UF ou país estrangeiro 3- Não Branco
<b>Imigração internacional</b>	
V0620 “Nacionalidade”	1- Brasileiro nato 2- Naturalizado brasileiro 3- Estrangeiro Branco
V0621 “Ano que fixou residência no Brasil”	Branco - 1869 a 2010
V0622 “UF ou país estrangeiro de nascimento”	1- UF 2- País estrangeiro Branco
V6222 “Unidade da federação de nascimento”	Código específico
V6224 “País estrangeiro de nascimento”	Código específico
<b>Migração interna (última etapa e tempo de residência)</b>	
V0623 “Tempo de moradia na UF”	- Branco - 0 a 140
V0624 “Tempo de moradia no município”	- Branco - 0 a 140
V0625 “Unidade da Federação e município ou país estrangeiro de moradia antes de mudar-se para este município”	1- UF/Município 2- País estrangeiro Branco
V6252 “UF de residência anterior”	Código específico
V6254 “Município de residência anterior”	Código específico
V6256 “País de residência anterior”	Código específico
<b>Migração (data fixa)</b>	
V0626 “Residência em 31 de julho de 2005”	1- UF/Município

	2- País estrangeiro Branco
V6262 “UF de residência em 31 de julho de 2005”	Código específico
V6264 “Município de residência em 31 de julho de 2005”	Código específico
V6266 “País de residência em 31 de julho de 2005”	Código específico
<b>Emigração Internacional</b>	
V0301 “Alguma pessoa que morava com você(s) estava morando em outro país em 31 de julho de 2010”	1- Sim 2- Não Branco
<b>Deslocamento para trabalho</b>	
V0660 “Em que município e unidade da federação ou país estrangeiro trabalha”	1- No próprio domicílio 2- Apenas neste município, mas não no próprio domicílio 3- Em outro município 4- Em país estrangeiro 5- Em mais de um município ou país Branco
V6602 “Em que unidade da federação trabalhava”	Código específico
V6604 “Em que município trabalhava”	Código específico
V6606 “Em que país estrangeiro trabalhava”	Código específico
V0661 “Retorna do trabalho para casa diariamente”	1- Sim 2- Não Branco
V0662 “Qual é o tempo habitual gasto de deslocamento de sua casa até o trabalho”	1- Até 05 minutos 2- De 06 minutos até meia hora 3- Mais de meia hora até uma hora 4- Mais de uma hora até duas horas 5- Mais de duas horas Branco
<b>Deslocamento para estudo</b>	
V0636 “Município e Unidade da Federação ou país estrangeiro que frequenta escola ou creche”	01 – Neste município 02 – Em outro município 03 – Em país estrangeiro
V6362 “Unidade da Federação que frequentava escola ou creche”	Código específico
V6364 “Município que frequentava escola ou creche”	Código específico
V6366 “País estrangeiro que frequentava escola ou creche”	Código específico

FONTE: MICRODADOS E QUESTIONÁRIOS DO CENSO DEMOGRÁFICO 2010 (IBGE). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ao fazer cruzamentos entre essas variáveis é possível identificar o estudante pendular por nível de escolaridade, origem e destino dos fluxos, se a escola é pública ou privada, entre outras características. A principal variável utilizada para análises do deslocamento de estudantes é “Município e Unidade da Federação ou País estrangeiro em que a pessoa estuda” (V0636). Essa indagação foi feita a todos os moradores do domicílio que frequentavam escola ou creche.

Considerou-se que frequentava creche a criança que estava matriculada e frequentava estabelecimento, juridicamente regulamentado ou não, destinado a dar assistência diurna às crianças nas primeiras idades. Considerou-se que frequentava escola, ou seja, era estudante, a pessoa que estava matriculada e frequentava curso: pré-escolar (maternal ou jardim de infância); classe de alfabetização - CA; de alfabetização de jovens e adultos - AJA; regular, do ensino fundamental ou do ensino médio; de educação de jovens e adultos - EJA, do ensino fundamental ou do ensino médio; superior; de mestrado; de doutorado; ou de especialização de nível superior (mínimo de 360 horas de duração) (IBGE, 2012, p. 80).

Além dos cursos presenciais, para medir a frequência à escola ou creche, o IBGE considerou também os alunos da modalidade de Educação a Distância (EAD) para qualquer nível de ensino (fundamental, médio ou superior), desde que o estabelecimento de ensino fosse credenciado pelo MEC para este determinado tipo de ensino.

Ao longo do tempo, as informações sobre os deslocamentos populacionais levantadas pelos censos demográficos em todo território nacional foram sendo modificadas, de acordo com as mudanças sociais, econômicas e políticas do país e pela necessidade dos acadêmicos e pesquisadores que trabalham com esses dados. Ainda com relação aos quesitos relativos à mobilidade espacial investigados no censo, foi realizada uma reorganização do quadro desenvolvido por A. Cunha (2015), onde é possível observar as mudanças referentes à forma como os censos demográficos exploram este tema (Quadro 3). A análise se baseou nos censos de 1940 a 2010, destacando se a informação se refere a um registro espacial (E) ou temporal (T), que são dimensões relevantes nos estudos sobre mobilidade. Cabe ressaltar que em 1940 e 1950 a população inteira respondeu às perguntas referentes ao quesito mobilidade, enquanto de 1960 a 2010, algumas perguntas foram feitas apenas a nível amostral, a uma parcela da população (com exceção da pergunta sobre emigração internacional em 2010 que foi feita no questionário básico, englobando todos os municípios do país).

QUADRO 3 - QUESITOS REFERENTES À MOBILIDADE ESPACIAL DA POPULAÇÃO, POR REFERÊNCIAS ESPACIAL OU TEMPORAL NOS CENSOS DEMOGRÁFICOS BRASILEIROS (1940-2010)

	Quesitos	Recorte		Ano do censo							
		Espacial (E)	Temporal (T)	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2000	2010
1	Naturalidade (UF de nascimento)	E	-	x	x	x	x	x	x	x	x
2	Nacionalidade	E	-	x	x	x	x	x	x	x	x
3	Nacionalidade paterna	E	-	x							
4	Nacionalidade materna	E	-	x							
5	Para os estrangeiros ou brasileiro naturalizado, ano em que fixou residência no Brasil	-	T	x					x	x	x
6	Para o morador ausente, Estado do Brasil ou País estrangeiro onde se encontra	E	-	x	x						
7	Para o não morador presente, Estado do Brasil ou País estrangeiro onde reside	E	-	x	x						
8	Não Naturais do Município / Número de anos em que reside neste município	E	T			x	x				
9	Não Naturais do Município / Se anteriormente residia na zona rural	E	-			x					
10	Não Naturais do Município / Unidade da Federação ou País estrangeiro em que residia antes de mudar-se para este município	E	-			x	x				
11	Nasceu neste município	E	-				x	x	x	x	x
12	Não Naturais do Município / Há quantos anos mora sem interrupção nesta unidade da Federação (Tempo de residência sem interrupção na UF)	E	T				x				
13	Não Naturais do Município / Situação da residência no município onde morava anteriormente (cidade ou vila / povoado ou zona rural)	E	-				x				
14	Município onde trabalha ou estuda	E	-				x	x			
15	No município atual já morou (Só na zona urbana, Só na zona rural, Nas zonas urbana e rural)	E	-					x	x		
16	Situação do domicílio no município anterior de residência (Na zona urbana, Na zona rural ou Nasceu e sempre morou neste município)	E	-					x	x		
17	Há quantos anos mora sem interrupção nesta unidade da Federação (Tempo de residência sem interrupção na UF ou Nasceu e sempre morou)	E	T					x	x	x	x
18	Número de anos em que reside neste município (tempo de residência sem interrupção no município ou nasceu e sempre morou)	E	T					x	x	x	x
19	Para aqueles com menos de 10 anos de residência no município: indicar o nome do município e a sigla da UF ou o País estrangeiro em que morava antes	E	-					x			
20	Para aquele que já morou nas zonas urbana e rural, informar a quantos anos se deu a última mudança	-	T						x		

21	Para aqueles com menos de 10 anos de residência no município: indicar a sigla da UF e o nome do município ou do País estrangeiro em que morava antes de mudar-se para este município	E	-							x		x
22	Para aqueles com 5 anos ou mais de idade: indicar a sigla da UF e o nome do município ou do País estrangeiro em que residia há 5 anos	E	T							x	x	x
23	Situação de residência onde residia há 5 anos (na zona urbana ou na Zona rural)	E	T							x	x	
24	Mora neste município desde que nasceu	E	T								x	
25	Nasceu nesta Unidade da federação	E	-								x	
26	Para aqueles com menos de 10 anos de residência na UF: Qual é a Unidade da Federação ou País estrangeiro de residência anterior	E	-								x	
27	Para aqueles com 5 anos ou mais de idade e que residiam neste mesmo município há 5 anos: indicar a situação domiciliar (Na Zona urbana ou Zona rural)	E	T								x	
28	Em que município e Unidade da Federação ou País Estrangeiro trabalha ou estuda	E	-								x	
29	Alguma pessoa que morava com você(s) estava morando em outro país em 31 de julho de 2010 (Nome, Sexo, Ano de nascimento, Ano da última partida para morar em outro país e País de residência em 31 de julho de 2010) – 6 quesitos	E	T									x
30	Em que município e UF ou país estrangeiro frequenta escola (ou creche)	E	-									x
31	Município e Unidade da Federação ou País estrangeiro em que trabalha	E	-									x
32	Retorna do trabalho para casa diariamente	E	T									x
33	Qual é o tempo habitual gasto de deslocamento de sua casa até o trabalho	E	T									x

FONTE: REORGANIZAÇÃO PRÓPRIA COM BASE NO LEVANTAMENTO DE A. CUNHA (2015, p. 57) A PARTIR DOS CENSOS DEMOGRÁFICOS DO IBGE (1940 A 2010).

A utilização de dados secundários possui limitações com a restrição a alguns dados que não são públicos, além da necessidade de se considerar como as variáveis foram construídas, definidas e mensuradas. Porém, as vantagens como a agilidade na coleta de dados e grandes possibilidades de exploração facilitam seu uso.

### 3.3 Pesquisa primária

De forma complementar à análise quantitativa, para compreender de maneira mais aprofundada as iniciativas e articulações individuais e familiares dos estudantes e a formação ou prolongamento de seus espaços de vida, realizou-se uma pesquisa do tipo *survey*, representativa, para levantar dados primários, constituindo-se também em uma proposta



metodológica para coleta de informações, conforme os objetivos da pesquisa e seu desdobramento. A pesquisa *survey* é, segundo Babbie (1999, p. 78), semelhante ao tipo de pesquisa de censo, o que a diferencia é que a “survey examina uma amostra da população, enquanto o censo geralmente implica uma enumeração da população toda”.

Algumas informações relevantes para a compreensão do fenômeno e seu impacto na organização do espaço não podem ser encontradas nos dados secundários. Sendo assim, para se obter dados referentes à frequência e tempo de deslocamento, tipo de transporte utilizado, financiamento dos custos por bolsas de estudos, necessidade de auxílio transporte ou serviço de refeição e alojamento nos estabelecimentos de ensino, influência da família, dificuldades, motivações (escolha ou constrangimento), determinantes dos deslocamentos, impacto econômico e social nas cidades de destino em setores como hospedagem, alimentação, cultura, entre outros, além da identificação dos espaços de vida dos estudantes, faz-se necessário realizar uma pesquisa primária. A partir das entrevistas com estudantes móveis, inclusive, pode-se ter medidas aproximadas do perfil daqueles estudantes imóveis, que são resistentes à mobilidade, ou simplesmente não necessitam dela.

### **3.3.1 Pesquisas por amostragem**

As análises estatísticas são amplamente utilizadas nos estudos e pesquisas para analisar dados, obter resultados e produzir novas compreensões sobre os fenômenos geográficos. Rogerson (2012) trabalha com a definição de estatística segundo funções históricas e modernas como coleta, classificação, apresentação e análise de dados. O autor destaca que:

As definições modernas têm em comum o objetivo de inferir, a partir de uma amostra, a natureza dos dados de uma população maior do que amostra extraída. Em geral, a estatística subdivide-se em duas áreas gerais: *estatística descritiva*, usada para resumir e apresentar informações, e isso está em consonância com a definição mais histórica da área, e *estatística inferencial*, que como o nome indica, permite a inferência sobre uma população maior a partir de uma amostra (ROGERSON, 2012, p. 05).

Inferências mais detalhadas sobre informações coletadas da população em estudo são possíveis por meio de técnicas de amostragem. O município de Campos dos Goytacazes apresentou em 2018, de acordo com o INEP, aproximadamente 20 mil matriculados nos cursos de graduação presenciais, nas doze IES que possui. Esse número representa todo o universo dos estudantes de Ensino Superior do município. Em que pese a riqueza de se

realizar uma pesquisa censitária, exaustiva, com toda a população alvo, aspectos como custo, recursos humanos, agilidade na coleta e tempo disponível são fatores que dificultam tal realização. Nesse sentido, as pesquisas por amostragem se mostram como técnica eficaz de investigação, mais vantajosa para a logística e operacionalização da pesquisa. Com efeito, vale destacar a observação de Babbie (1999, p. 113), ao dizer que “*surveys* por amostragem são muitas vezes mais precisos do que entrevistar todos os componentes de uma população”, uma vez que “a supervisão, os relatórios, o treinamento e assim por diante são muito mais difíceis num grande *survey*, e a qualidade dos dados coletados pode ser menor do que a obtida num trabalho menor e mais manejável” (BABBIE, 1999, p. 113). Ou seja, as pesquisas (*surveys*) por amostragem podem ser muito eficientes.

De acordo com Silva (2015, p. 25), “O levantamento por amostragem permite a obtenção de informações a respeito de valores populacionais desconhecidos, por meio da obtenção de apenas uma parte (amostra) de seu universo de estudo (população)”. Portanto, para se investigar mais profundamente aqueles que são oriundos de outros municípios e suas relações estabelecidas com a cidade, é preciso utilizar algumas técnicas de exploração.

A proposta desse trabalho foi realizar pesquisa primária, com aplicação de entrevistas semiestruturadas com uma amostra de estudantes de graduação do município. A população alvo, ou a “base de amostragem” como descreve Rogerson (2012, p. 134), é composta por todos os alunos matriculados no Ensino Superior no município de Campos dos Goytacazes. Os alunos que participarem, farão parte da amostra. Ou seja, as entrevistas são realizadas com uma amostra dos estudantes de graduação do município, em busca de informações sobre sua mobilidade para estudo e outros aspectos.

Barbetta (2017, p. 43) aponta quatro razões para utilizar levantamentos por amostragem: redução de custos, economia de tempo, confiabilidade dos dados e operacionalidade. Babbie (1999) destaca que as principais razões são a economia de tempo e de custo. Silva (2015), por sua vez, destaca quatro características operacionais das pesquisas amostrais:

1. Aplicam-se à conjuntos reais infinitos, compostos de elementos denominados *população de estudo*.
2. Os elementos podem ser seres humanos, animais, árvores, fichas prontuários, domicílios, áreas ou objetos.
3. As características ou atributos são observados em cada elemento e, posteriormente, agregados por meio de medidas estatísticas chamadas *parâmetros* ou *valores populacionais*.

4. Os dados são coletados em amostras das populações de estudo e as medidas calculadas (estimativas) passam a ser a informação disponível para os valores populacionais desconhecidos (SILVA, 2015, p.18).

Os métodos de amostragem podem ser divididos em dois grandes grupos: probabilístico ou não-probabilístico. A amostragem não-probabilística, que de acordo com Gil (1999, p. 101) se refere às pesquisas que “não apresentam fundamentação matemática ou estatística, dependendo unicamente de critérios do pesquisador”, se aplica a alguns tipos específicos de pesquisa, como aquelas em que a representatividade não é tão necessária, por exemplo, tendo vantagens relacionadas principalmente à economia de tempo, custo e pessoal. A amostragem probabilística, por sua vez, “caracteriza-se por garantir, *a priori*, que todo elemento pertencente ao universo de estudo possua probabilidade *conhecida e diferente de zero* de pertencer à amostra sorteada” (SILVA, 2015, p. 26). Esse será o método utilizado na primeira parte deste trabalho.

Os quatro tipos de amostragem probabilística são: amostras aleatórias simples, sistemática, estratificada e amostragem por conglomerados (BABBIE, 1999; SILVA, 2015; GIL, 1999). A proposta deste trabalho é selecionar a amostra em duas etapas, adotando inicialmente o tipo de amostragem por conglomerados que irá determinar o número de alunos a entrevistar segundo as instituições de ensino. Após a definição dos subgrupos (conglomerados), os estudantes seriam selecionados aleatoriamente dentro de cada camada, como propõe Gil (1999, p. 103), segundo número estabelecido para cada estabelecimento de ensino. Essa era a proposta inicial, porém, a abordagem após a divisão em conglomerados teve que ser alterada mediante o impedimento de se realizar entrevistas presenciais durante a pandemia.

### **3.3.2 Amostragem por Conglomerados**

Conglomerados se referem a um agrupamento de elementos de uma população (BARBETTA, 2017, p. 51). A amostragem por conglomerados é um tipo de amostragem probabilística, apresentada por Silva (2015, p. 75) como aquela em que “os elementos da população são reunidos em grupos e, por sua vez, alguns destes são sorteados para compor a amostra”. Esses elementos podem ser distribuídos em único estágio, ou estágios sucessivos, até chegar aos elementos da população a ser entrevistada, como afirma Barbetta, 2017:

Num primeiro estágio, são selecionados alguns conglomerados. Depois, ou se observam todos os elementos dos conglomerados selecionados no

primeiro estágio (*amostragem de conglomerados em um estágio*), ou, como é mais comum, faz-se nova seleção, tomando amostras de elementos dos conglomerados extraídos no primeiro estágio (*amostragem de conglomerados em dois estágios*). Todas as seleções devem ser aleatórias (BARBETTA, 2017, p. 51).

As principais vantagens do uso desse modelo de amostragem estão relacionadas aos custos de locomoção e acesso à população, já que, no nosso caso, via conglomerados (IES), os estudantes podem ser encontrados mais facilmente.

Um exemplo de pesquisa nacional oficial que utiliza o método de amostragem por conglomerados em dois estágios é a PNAD, que, de forma simplificada, seleciona no primeiro estágio as unidades primárias de amostragem (setores censitários) com probabilidade proporcional ao número de domicílios em cada estrato e no segundo estágio, seleciona um número determinado de domicílios ocupados pelo método da amostragem aleatória simples (IBGE, 2019b).

Babbie (1999, p. 140) afirma que “Pode-se fazer amostragem por conglomerados quando não é possível ou prático compilar uma lista exaustiva dos elementos da população alvo”, como todos os alunos de graduação do município, por exemplo, (aproximadamente 20 mil). “Contudo, muitas vezes os elementos da população já estão agrupados em subpopulações, e uma lista dessas subpopulações existe ou pode ser criada de forma prática” (BABBIE, 1999, p. 141). Por exemplo, os alunos pertencem a instituições específicas e é possível criar uma lista dessas instituições. Como destaca Barbetta (2017, p. 53), a “amostragem de conglomerados não exige uma lista de todos os elementos da população. Basta, no primeiro estágio, uma lista de conglomerados e no segundo estágio, uma lista de elementos, mas somente para os conglomerados previamente selecionados”.

Após o cálculo do tamanho da amostra, na primeira etapa, é realizada uma distribuição de modo que cada IES tenha uma chance de escolha proporcional ao seu número de alunos matriculados, como propõe Babbie (1999, p. 163), com o método de Probabilidade Proporcional ao Tamanho (PPT).

Uma proposta de procedimento seria a seguinte: elaborar a lista dos cursos (ou turmas), sortear os que serão objeto da pesquisa em cada IES (o número seria alterado de acordo com o quantitativo de alunos a entrevistar, definidos para cada instituição) e nesses cursos ou turmas sorteadas proceder à escolha aleatória dos alunos, presencialmente. Ao todo são 12 IES e, portanto, seriam 12 conglomerados iniciais.

Ou seja, a proposta inicial, para pesquisa presencial, seria composta, de maneira simplificada, por quatro etapas: I) cálculo do tamanho da amostra; II) repartição proporcional do número de alunos da amostra pelas Instituições (Conglomerados); III) sorteio das turmas a serem pesquisadas; IV) sorteio dos alunos nas turmas selecionadas. Todavia, mediante as restrições impostas pela pandemia de covid-19, foi necessário modificar o planejamento inicial e aplicar questionários on-line, mantendo somente a primeira e segunda etapas, de cálculo da amostra e distribuição proporcional pelos aglomerados.

### 3.3.3 Tamanho mínimo da amostra e visão geral

Para que uma amostra tenha algum nível de representatividade, ela precisa ter um tamanho mínimo, com um nível de confiança adequado e erro amostral tolerável. O erro amostral refere-se ao “grau de erro a ser esperado num determinado desenho de amostragem” (BABBIE, 1999, p. 124), que não deve ser alto demais, para não invalidar a pesquisa, nem pequeno demais, para não inviabilizar a pesquisa, devido aos custos financeiros, de tempo e da operacionalidade da pesquisa propriamente dita. Gil (1999, p. 106) ressalta que usualmente, o erro máximo permitido nas pesquisas sociais fica entre 3% e 5%. Para o cálculo do tamanho da amostra, seguiremos a proposta de Barbetta (2017), baseado numa amostragem aleatória simples.

Considerando que o erro amostral não exceda 5%, com o nível de confiança de aproximadamente 95% (alta confiança), realiza-se um primeiro cálculo da amostra, usando a seguinte fórmula simplificada (BARBETTA, 2017, p. 58):

$$n_0 = \frac{1}{E_0^2}$$

Em que:

$n$  = número de elementos da amostra (tamanho)

$n_0$  = primeira aproximação para o tamanho da amostra

$E_0$  = Erro amostral tolerável

Sabendo o tamanho  $N$  da população, utiliza-se a fórmula seguinte para encontrar o tamanho mínimo da amostra:

$$n = \frac{N \cdot n_0}{N + n_0}$$

Em que:  $N$  = número de elementos da população (tamanho)

Considerando o erro amostral tolerável de 5%, a primeira aproximação para o tamanho da amostra ( $n_0$ ) seria de 400, de acordo com a aplicação na fórmula proposta:

$$n_0 = \frac{1}{0,05^2} = \frac{1}{0,0025} = 400$$

Inserindo o quantitativo total de estudantes de graduação matriculados no município de Campos (19.818 segundo INEP, em 2018), o número de amostras mínimo ( $n$ ) é então calculado em aproximadamente 393 entrevistas, de acordo com a aplicação abaixo:

$$n = \frac{(19.818) \cdot (400)}{(19.818) + (400)} = 393$$

Desse modo, o tamanho da amostra foi definido em 393 estudantes, atendo-se ao nível de confiança de 95% e tolerando-se um erro amostral de 5%.

Baseado no conceito de amostragem por conglomerados segue a proposta de plano amostral para a pesquisa. As variáveis foram construídas a partir dos microdados do Censo da Educação Superior (INEP), para o ano de 2018, que traz informações sobre a população alvo.

O quantitativo de alunos foi dividido pelas 12 IES com cursos presenciais no município (Quadro 4). O percentual de cada IES com relação ao total de matrículas foi utilizado como base para calcular a amostra de estudantes de cada IES. Por exemplo, 19,6% dos matriculados estão no IFF. Calculou-se 19,6% de 393 (total da amostra), que corresponde a 77, ou seja, 77 estudantes do IFF deverão ser entrevistados e assim por diante.

QUADRO 4 - QUANTITATIVO DE MATRÍCULAS POR IES (ABSOLUTO E PERCENTUAL) E DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA - CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ - 2018

	<b>IES</b>	<b>Matrículas</b>	<b>%</b>	<b>Amostra</b>
1	IFF	3.883	19,6	77
2	ESTÁCIO	3.175	16,0	63
3	UCAM	2.442	12,3	48
4	UFF	2.388	12,0	47
5	ISECENSA	2.003	10,1	40
6	UENF	1.707	8,6	34
7	UNIFLU	1.178	5,9	23
8	UNIVERSO	1.111	5,6	22
9	FMC	798	4,0	16
10	REDENTOR	564	2,8	11
11	ISEPAM	490	2,5	10
12	FABERJ	79	0,4	2
	<i>Total</i>	<i>19.818</i>	<i>100,0</i>	<i>393</i>

FONTE: INEP (2018). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Outra importante observação é com relação aos erros amostrais e não amostrais que podem distorcer a realidade observada. Barbetta (2017, p. 61-62) destaca os principais erros que podem ocorrer durante as pesquisas primárias: a) População amostrada ou acessível diferente da população alvo; b) Falta de resposta de alguns elementos selecionados e c) Erros de mensuração.

Alguns passos da pesquisa primária precisam ser seguidos para um bom andamento das entrevistas, diminuindo tais erros: planejar e delinear a pesquisa, elaborar o questionário, criar o plano de amostragem, definir o tamanho da amostra, o tipo de sorteio, executar e examinar o pré-teste, realizar as entrevistas, tabular e explorar os dados.

Cabe salientar que é preciso buscar um período ideal para aplicação dos questionários, de modo a evitar ausências ou influências nas respostas. Em condições normais de frequência às aulas, por exemplo, para encontrar os alunos em sala é interessante evitar abordagens na sexta-feira, pois, com a proximidade do final de semana a frequência de alunos é reduzida por questões institucionais, religiosas e pessoais. É interessante também investigar se o período escolhido não faz parte de semana de provas, semana acadêmica, eventos, feriados prolongados ou algo semelhante. Dias em que acontecem finais de campeonatos de futebol também devem ser evitados, pois, afastam muitas pessoas das salas de aula (principalmente do sexo masculino). Ademais, as condições atmosféricas também influenciam na frequência às aulas: dias chuvosos tendem a afastar alguns estudantes das salas de aula.

A pesquisa foi feita com estudantes do Ensino Superior das Instituições públicas de Campos – IFF, UENF, UFF e ISEPAM – e das Instituições de Ensino Superior privadas: UCAM e UNIVERSO, ESTÁCIO, REDENTOR, ISECENSA, UNIFLU, FMC e FABERJ. Foi realizado o pré-teste, com a aplicação da versão preliminar do questionário para uma amostra de indivíduos e análise desses resultados a fim de identificar possíveis falhas e/ou ausência de informações no instrumento de pesquisa. O instrumento de coleta, com perguntas abertas e fechadas, buscou obter informações que não podem ser identificadas somente com os dados secundários, permitindo assim, produzir uma análise de caráter quantitativo e qualitativo acerca da distribuição espacial da população no território.

Como afirma Almeida (2016, p. 65), “Por vezes, uma primeira abordagem quantitativa de maneira exploratória é recomendável na circunscrição de um caso específico para posteriormente ele ser submetido a metodologias qualitativas”. Desse modo, após as tabulações e análises dos questionários aplicados, alguns quesitos que apontaram maiores possibilidades de exploração são novamente acionados e mais profundamente examinados. Nesta segunda fase da pesquisa de campo, foi realizada nova entrevista aplicada a um grupo

menor de estudantes selecionados mediante critérios específicos, que investigam aspectos do espaço de vida a ser representado em esquemas imagéticos (mapas e gráficos).

Nessa nova entrevista, de cunho qualitativo, são abordados, entre outros: pontos do espaço de vida, localização desses pontos, tempo de permanência em cada local, frequência de comparecimento, relações estabelecidas e outros detalhes. Assim é possível identificar alguns dos polos e classes dos espaços de vida dos estudantes, como propôs Robette (2012).

O objetivo é criar alguns modelos que permitam maiores discussões e análises. Como forma de ilustração, o Mapa 3 foi elaborado partindo do espaço de vida individual simplificado da autora no ano de 2018, com seus locais de residência, residência da mãe, local de trabalho, estudo, entre outros pontos do espaço de vida. Percebe-se que há deslocamentos intermunicipais e até interestaduais, com a finalidade de trabalho e estudo, o que demonstra uma determinada frequência na mobilidade realizada. É possível, portanto, a partir desse mapeamento, ampliar as análises sobre os espaços de vida individuais.

MAPA 3 - MAPEAMENTO DO ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL - JÉSSICA MONTEIRO - 2018



FONTE: BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A observação dos espaços de vida individuais foi realizada com referência a um momento específico, no momento da pesquisa. Ou seja, não foi acionado o espaço de vida da



memória. Estamos interessados, portanto, no registro espacial dos indivíduos no decorrer de sua trajetória entre residência, instituição de ensino e os demais locais onde eles realizam suas atividades, com as relações que são estabelecidas a partir daí, conformando seu espaço de vida atual.

Nesse caso, torna-se necessário esclarecer mais uma vez a noção de residência principal, baseada no conceito de residência-base fundamentado em Domenach e Picouet (1990), que a consideram como o ponto de partida dos deslocamentos e, ao mesmo tempo, o local de maior probabilidade de retorno dos sujeitos.

A tipologia dos espaços de vida, por sua vez, é construída a partir da perspectiva temporal do deslocamento, ou seja, a partir da frequência de retorno da universidade para a residência principal. Como forma de identificação do espaço de vida individual de alguns alunos representantes de cada tipologia de espaço de vida, é solicitado que, os alunos selecionados na pesquisa de *survey* como representativos do seu grupo participem de uma experiência de mapeamento e detalhamento de seu espaço de vida.

### **3.3.4 Pesquisa on-line**

Como alternativa à pandemia e suas restrições de contato pessoal, procedeu-se à pesquisa em ambiente virtual. Para realizar a pesquisa on-line, com questionários eletrônicos autoadministrados (também chamada de *e-survey* ou *web survey*), foi utilizada uma plataforma simples e gratuita chamada “Formulários Google” ou *Google Forms*, na qual é possível criar questionários on-line com várias opções de perguntas como: múltipla escolha, caixa de seleção (permite selecionar mais de uma resposta) lista suspensa, escala linear, entre outras. Após a criação do questionário, aplicação do pré-teste e edição para melhorias, o link foi divulgado a fim de alcançar a população alvo. O acesso pode ser feito utilizando vários dispositivos como computadores, *tablets* e *smartphones*, o que simplifica a coleta. As respostas são coletadas e armazenadas automaticamente, com a possibilidade de acompanhar a evolução das informações em tempo real em forma de gráficos ou com a exportação dos resultados para planilhas do Excel.

Diversos trabalhos elencam as vantagens e desvantagens das pesquisas on-line (EVANS; MATHUR, 2005; WACHELKE *et al.* 2014; FALEIROS *et al.* 2016; TORINI, 2016; SHISHITO, 2018; SILVEIRA; BASTOS, 2020). Entre as principais vantagens destacadas estão: possibilidade de maior alcance e uso de grandes amostras, possibilidade de receber um grande número de respostas em curto período de tempo, conveniência para ser respondido no horário mais oportuno, redução de custos de preparação e aplicação, maior

agilidade no processamento e tabulação dos dados, facilidade de enviar lembretes para aumentar as taxas de resposta, controle da ordem de resposta, preenchimento obrigatório, redução de erros nas perguntas condicionadas por filtros (erros de fluxo), possibilidade de formação de banco de dados automático e em tempo real, o que diminui erros de digitação na transcrição das respostas, dando uma maior agilidade na tabulação, oportunidade de fazer pequenas correções no questionário, entre outras vantagens.

Entre as limitações ou desvantagens da utilização de questionários on-line, é possível mencionar a baixa taxa de participação e conclusão do questionário, falta de acesso e/ou habilidade com o uso da tecnologia e de formulários on-line para a totalidade do público-alvo (causando conseqüentemente um viés de seleção), incerteza sobre a real identidade do respondente, e-mail cair na caixa de spam e não ser visualizado, impedimento de esclarecimento de dúvidas dos respondentes, impessoalidade, entre outras. Para quem responde fica a impossibilidade de esclarecer possíveis dúvidas, desconfiança sobre os usos da pesquisa, além das questões de privacidade e segurança e excesso de entrevistas que são recebidas pelas vias digitais.

Uma outra limitação do questionário eletrônico *e-survey* é a dificuldade de mensurar o erro resultante das não respostas, uma vez que, apesar de se conhecer o número total de matriculados no ensino superior do município, quando se lança na internet um convite para participar de uma pesquisa, não é possível identificar com precisão o número de potenciais respondentes e, conseqüentemente, não é possível identificar a taxa de não resposta, nem garantir a aleatoriedade.

As limitações apresentadas não são suficientes para desestimular o uso dos questionários on-line, mas servem como orientação para uma condução mais eficaz desse instrumento de coleta. O Trabalho de Evans e Mathur (2005) apresentou os pontos fortes e fracos das pesquisas on-line de forma detalhada, oferecendo soluções para lidar com os principais pontos fracos.

Com relação especificamente à falta de acesso à tecnologia, esse não seria a princípio um problema, haja vista que, em geral, a população alvo (estudantes de graduação) apresenta *know how* suficiente para participar efetivamente da pesquisa. Além disso, de acordo com o IBGE (2021), no ano de 2019, 78,3% da população brasileira de 10 anos ou mais utilizaram a internet em qualquer local. A utilização da internet de acordo com o nível de instrução mostrou que 98,7% da população com ensino superior incompleto e 97,7% dos que tem superior completo, utilizam a internet. Já para as pessoas sem instrução ou com ensino fundamental incompleto, o percentual de utilização da internet cai para 55,7%. Ou seja,

estudantes do ensino superior, em sua grande maioria, tem acesso e utilizam recursos tecnológicos que permitem sua participação no mundo digital, não resultando, portanto, em uma limitação para utilização de *e-survey* com esse público.

Na tentativa de aumentar a taxa de participação, foi adotada a estratégia proposta por alguns autores como Ray e Tabor (2003) e Evans e Mathur (2005) na qual são oferecidos incentivos ou recompensas em forma de brindes, para que o questionário seja respondido até o final e como forma de agradecimento pelo tempo do entrevistado. Optou-se por propor um sorteio de uma cesta de chocolates entre todos os respondentes ao final da análise dos dados. Um possível problema que poderia surgir mediante o sorteio seria o comprometimento da qualidade dos dados, com recebimento de respostas falsas, apenas para concorrer ao prêmio proposto. Como tentativa de evitar essa questão, foi informado que seria solicitado documento de identificação estudantil para a retirada do prêmio.

### 3.3.5 Pré-teste

Antes de iniciar a aplicação do questionário, é necessário verificar se o instrumento é eficaz para alcançar os objetivos. Para isso, recomenda-se realizar o pré-teste, com alguns indivíduos que fazem parte da população alvo.

Somente pela aplicação efetiva do questionário é que podemos detectar algumas falhas que tenham passado despercebidas em sua elaboração, tais como: ambiguidade de alguma pergunta, resposta que não havia sido prevista, não variabilidade de respostas em alguma pergunta, etc. O pré-teste também pode ser usado para estimar o tempo de aplicação do questionário (BARBETTA, 2017, p. 34).

O pré-teste é importante, tanto na pesquisa presencial, quanto na on-line, pois permite solucionar ou diminuir problemas de dúvidas que podem surgir diante das perguntas, permitindo ao pesquisador saber “whether questions make sense, are logically ordered, have biased wording, and will provide the desired information”<sup>101</sup> (EVANS; MATHUR, 2005, p. 210-211). Babbie (1999) afirma que no pré-teste podem ser avaliados: clareza da pergunta, formato do questionário, variância nas respostas, por isso ele é tão relevante em uma pesquisa.

Neste trabalho o pré-teste foi realizado on-line, assim como a pesquisa propriamente dita. Para obter engajamento nas respostas dos questionários de teste, buscou-se (via redes sociais) quatro estudantes de graduação para serem representantes da pesquisa junto a suas

---

<sup>101</sup> se as perguntas fazem sentido, são ordenadas logicamente, têm redação tendenciosa e se fornecerão as informações desejadas. (Tradução nossa).

turmas. Após contato prévio a fim de identificar se naquela determinada turma havia estudantes de outros municípios, para aumentar as chances de obter diferentes tipos de mobilidade estudantil, foi solicitado que eles encaminhassem para suas turmas, via e-mail e grupos em redes sociais, o link do questionário juntamente com um texto explicativo sobre os objetivos da pesquisa e da fase em que se encontrava.

Desse modo, o link do questionário de teste foi enviado para quatro graduandos, representando quatro IES do município, sendo duas públicas e duas privadas. Em cada IES foi selecionado um curso presencial diferente, sendo, portanto, quatro cursos (Letras, Biologia, Fonoaudiologia e Direito) com turmas de diferentes períodos, conforme Quadro 5, abaixo.

QUADRO 5 - DISTRIBUIÇÃO DO PRÉ-TESTE SEGUNDO IES, CATEGORIA, CURSO E PERÍODO - 2020

<b>IES</b>	<b>Categoria</b>	<b>Curso</b>	<b>Período</b>
IFF	Pública	Letras	7º
UENF	Pública	Biologia	do 1º ao 6º
UNIFLU	Privada	Fonoaudiologia	8º
REDENTOR	Privada	Direito	8º

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Alunos da UENF de vários períodos diferentes responderam ao questionário. Isso ocorreu, pois o link foi encaminhado para o grupo geral do curso de Biologia, no qual participam alunos de todos os períodos.

A mensagem enviada para os grupos dos alunos solicitando a participação foi a seguinte:

*Prezado(a), sua turma de graduação foi uma das quatro escolhidas para auxiliar na elaboração de uma pesquisa de doutorado. Basta responder a um questionário simples, on-line. Trata-se de um pré-teste do questionário, ou seja, uma primeira aplicação a fim de avaliar se as perguntas estão claras o suficiente para obter os resultados que precisamos. Portanto, peço que respondam e, caso tenham algum problema, dúvida, comentário ou queiram dar alguma resposta que não esteja entre as opções, escreva no espaço ao final do questionário, por favor.*

*Essa fase é de extrema importância, pois é a partir dela que faremos os ajustes necessários para a aplicação do questionário final com todos os alunos de graduação do município.*

*Cabe ressaltar que futuramente vocês receberão novamente a solicitação para preenchimento da versão final do questionário, este é apenas um teste.*

*Desde já agradeço muito por sua disponibilidade e cooperação.*

*Abraço da também estudante, Jéssica Monteiro.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra Aurélio Hermínia Castiglioni*

As respostas foram aceitas livremente até o momento de sua análise, mas o envio e solicitação de respostas foi feito apenas uma vez. Até o fechamento do questionário de teste, foram obtidas 32 respostas.

Foi possível ativar, no formulário, a coleta do e-mail do respondente, permitindo assim o contato futuro para a segunda fase de entrevistas. Foi solicitado também um número de telefone para aqueles que desejassem participar da segunda fase, de maneira opcional. A maioria dos participantes (90,6%) deixou o telefone, o que indica a boa disponibilidade em participar da pesquisa.

Após o recebimento e análise das respostas, surgiram algumas questões que demandaram atenção:

I) Foram identificadas quatro respostas integralmente repetidas, com horas e até um dia de diferença. Não se sabe se os sujeitos realmente responderam mais de uma vez ou se foi algum erro no sistema. Ao questionar o fato com a central de ajuda do *google*, foi obtida a seguinte resposta:

*Tivemos relatos de casos de usuários que não fecharam os formulários em seus dispositivos móveis. Depois de um tempo as mesmas respostas foram reenviadas automaticamente pelos dispositivos. Pode ser que isso tenha ocorrido com alguns dos respondentes.*

Portanto, foram 28 respostas inéditas e 4 duplicações, totalizando 32 respostas recebidas. Existe a opção no *Google forms* limitar uma resposta por e-mail, porém, vai exigir que os respondentes façam *login* em uma conta Google. Isso pode dificultar e desestimular a participação na pesquisa. Por isso, decidiu-se não limitar a resposta e apagar as respostas duplicadas, se novamente ocorrer o problema.

II) Foi pedido para deixar comentários ao final do questionário. As três respostas com sugestões foram as seguintes:

*“Pesquisa muito bem elaborada, ansiosa para vê-la quando estiver finalizada!”*

*“Excelente questionário!!”*

*“Não sei se entendi bem as questões de marcar.”*

Para sanar as dúvidas do respondente que relatou dúvida quanto às questões de marcar, foi tentado contato via e-mail, mas não houve retorno.

III) Após a análise das respostas, alguns itens foram ajustados, incluídos ou retirados, a fim de melhorar a clareza e a qualidade das informações prestadas.

### 3.3.6 Aplicação do questionário

O público alvo da pesquisa são alunos do ensino superior de todas as instituições do município (públicas e privadas), e posterior seleção de alguns perfis para a segunda fase da pesquisa, com entrevistas individuais ampliadas. Desse modo, o conselho de Chaer *et al.* (2011) foi seguido, ao indicar “a necessidade de escolha de uma amostragem mais volumosa, para que os retornos não sejam insignificantes, em termos de amostragem.”. Esse fato se mostrou relevante para a seleção do número final de respondentes.

A divulgação do link para acesso ao questionário começou no dia 26 de julho de 2021. Foram feitos textos introdutórios curtos para acompanhar o link, informando do que se trata a pesquisa e sobre o sorteio do brinde. Houve um cuidado especial com a escolha das palavras na divulgação, uma vez que o conceito de mobilidade espacial pode não ser conhecido por muitos alunos. Do mesmo modo, o termo “mobilidade” frequentemente é tratado em meio acadêmico associado à mobilidade acadêmica ou estudantil, que está ligada a questões de transferências e/ou intercâmbios de professores e principalmente de alunos, muito frequente entre as instituições, onde os alunos podem obter aproveitamento de créditos, dupla diplomação, estágio, entre outros em instituições de ensino superior no Brasil ou no exterior, diferente de onde está matriculado. Para ter maior clareza e alcançar o público alvo, optou-se por usar o termo “deslocamentos de estudantes” na divulgação. Nas redes sociais, foi publicado da seguinte forma:

*Estudante de Ensino Superior em Campos,  
Participe da pesquisa sobre deslocamentos de estudantes, ajude a  
analisar esse tema e ainda concorra a um super prêmio.  
- é rápido (em média 10min);  
- por lei, o sigilo sobre seus dados e informações é garantido;  
- sua participação contribuirá com uma tese de doutorado da UFES;  
- você pode ajudar também compartilhando o link com outros estudantes  
de graduação.  
Clique no link usando seu celular, tablet ou computador:  
<https://forms.gle/g1pE3Y7zVmdxQSyL9>*

O link foi divulgado por e-mail e redes sociais de todas as instituições, para alguns professores universitários, alguns alunos individuais e de modo geral pelas redes sociais (WhatsApp, Facebook, Instagram), sempre solicitando compartilhamento para aumentar o alcance. A divulgação foi feita institucionalmente, via e-mail da UFES e particularmente, via solicitação aos alunos pelas redes sociais. Também foi solicitado que as IES e suas coordenações e professores divulgassem a pesquisa entre seus alunos, assim como que os

próprios alunos divulguem entre seus pares. O objetivo era alcançar o maior número possível de graduandos. Foi também enviado um texto especial por e-mail aos alunos que participaram do pré-teste, solicitando que participassem novamente, agora da pesquisa final.

A pesquisa foi lançada na segunda quinzena do mês de julho de 2021, uma vez que esse geralmente é o período de recesso escolar e posterior início de novo semestre letivo, quando os estudantes estão, via de regra, mais propensos a participar de pesquisas. Esse foi, portanto, o período de início da coleta de dados.

No último mês de divulgação, foi iniciada a busca ativa dos estudantes, que consistiu em buscar, via perfil das IES na rede social *Instagram*, os alunos que interagiam com as postagens de alguma forma, seja comentando, curtindo ou postando algo referente à faculdade. Nas postagens das IES destinadas aos alunos, buscou-se primeiramente aqueles que comentavam algo, e posteriormente era verificada a lista dos perfis que curtiram aquela postagem. Após visitar o perfil de cada pessoa que comentou ou curtiu o determinado *post*, buscava-se na biografia se havia alguma informação que remetesse ao fato de o dono da conta ter algum vínculo com alguma IES. Identificado o vínculo, foram enviadas mensagens privadas solicitando participação na pesquisa e divulgação entre seus pares.

No texto de apresentação, foi solicitado que os participantes divulgassem a pesquisa para outros estudantes de graduação, para que novos respondentes fossem encontrados a partir do contato dos primeiros entrevistados. O objetivo foi, além de ampliar a cobertura da pesquisa, alcançar aqueles que por algum motivo não tenham acesso às redes sociais ou não tenham tomado conhecimento da pesquisa pelas outras formas de divulgação.

Diante da dificuldade em obter respostas on-line de determinadas IES, pensou-se em estratégias para alcançar as cotas de respondentes (proporcional ao número de matriculados). A Estácio de Sá retomou as aulas presenciais de alguns cursos no segundo semestre de 2021, principalmente aqueles que necessitam de muitas aulas práticas. Sendo assim, foi feita uma visita para solicitar ao diretor da unidade autorização para realizar a pesquisa em algumas turmas da instituição. Autorização concedida, o contato foi realizado no turno noturno. As turmas e cursos foram escolhidas aleatoriamente pela funcionária da instituição que fez o acompanhamento até as salas. Após apresentação pessoal, dos objetivos da pesquisa e do sorteio como forma de incentivo e agradecimento, foi solicitada a participação voluntária. O acesso ao questionário foi feito individualmente por meio de *QR Codes* ou pelo link reduzido<sup>102</sup> que foi distribuído entre os alunos. Para que a falta ou economia de internet em

---

<sup>102</sup> Para reduzir o link original e agilizar o acesso ao questionário, foi utilizado o site [encurtador.com.br](http://encurtador.com.br)

dados móveis no celular dos alunos não fosse motivo de impedimento na participação, foi disponibilizada internet via roteamento de dados móveis da autora, para todos os alunos. Foi necessário abordar três turmas para completar as 63 respostas que faltavam referentes à instituição Estácio de Sá.

Os questionários respondidos foram armazenados na ferramenta *Google Drive*, que permite armazenar, visualizar, editar, sincronizar e compartilhar arquivos.

Torini (2016) expõe alguns cuidados essenciais que devem ser levados em consideração na utilização de questionários on-line. Listou-se no Quadro 6 as sugestões propostas pelo referido autor e se elas foram cumpridas (total ou parcialmente) ou se não foi possível colocá-las em prática.

QUADRO 6 - SUGESTÕES, AÇÕES E OBSERVAÇÕES ACERCA DA ELABORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS ON-LINE - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021

Sugestão	Cumprimento	Observação
Priorizar a objetividade e a concisão	Sim	Buscou-se ao máximo ser objetivo, talvez por isso inclusive tenha ficado algumas dúvidas entre os respondentes.
Evitar perguntas muito longas	Sim	Na medida do possível as perguntas foram curtas.
Utilizar canais institucionais	Parcialmente	Diante da necessidade de amplo alcance, foi feita divulgação institucional via e-mail e também individual, via e-mail e redes sociais.
Enviar carta de apresentação	Parcialmente	Justamente pela tentativa de ser conciso, a apresentação foi resumida.
Disponibilizar os contatos da equipe	Sim	Foi disponibilizado o telefone e e-mail da pesquisadora.
Evitar ferramentas de spam	Parcialmente	Os e-mails foram enviados individualmente para cada instituição, mas em bloco para uma lista de alunos.
Atentar para os dias e horários mais adequados	Sim	Convites foram enviados em dias úteis.
Não enviar sucessivos convites	Sim	Um prazo de um mês foi utilizado para enviar os lembretes.
Utilizar ferramentas de controle de respostas no questionário	Não	O <i>Google Forms</i> permite limitar uma resposta por e-mail, porém, para isso, exige que seja feito login em uma conta Google. Isso pode dificultar e desestimular a participação na pesquisa. Por isso, decidiu-se não limitar e apagar as respostas duplicadas, caso ocorram.

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA A PARTIR DAS ORIENTAÇÕES DE TORINI (2016).

O instrumento de coleta continha 45 questões, distribuídas em sete dimensões: identificação, vinculação acadêmica, perfil, trajetória familiar e escolar, local de residência e



deslocamentos, relação com a cidade, a vida social, além de convite para participar da segunda fase da pesquisa e campo para sugestões e comentários (Apêndice 1).

Após o fechamento do questionário para novas respostas, inicia-se a fase de checagem, crítica e consistência (TORINI, 2016), revisando os dados a fim de identificar possíveis erros ou incoerências, para posteriormente iniciar a análise de dados.

Como a pesquisa foi realizada em período excepcional, com aulas remotas, e as respostas deveriam ser dadas de acordo com a vivência do aluno na instituição e na cidade, foi solicitado que as informações fossem referentes ao início do ano de 2020 ou ano letivo anterior (2019), quando as aulas ainda eram presenciais. Como o questionário foi autoadministrado e on-line, é possível que algumas questões tenham sido respondidas erroneamente, já que não foi possível esclarecer dúvidas durante a realização da entrevista.

Para tentar compreender as práticas residenciais dos estudantes, foi solicitado que levassem em consideração dois tipos de residência: a que o estudante considera principal, aquela de sua origem, onde estão seus laços familiares ou para onde retorna quando não está em período letivo (durante férias, greves, pandemia, etc.) e residência secundária como sendo a casa onde o estudante fica somente para estudar, caso não seja possível permanecer na residência principal. Esse detalhamento foi explicado em texto no início da seção sobre local de moradia e deslocamentos.

A separação entre residência principal e secundária aproxima-se do que Barbary e Dureau (1993) chamaram de espaços residenciais bipolares, ou seja, concentrados em dois polos. Tentou-se, dessa forma, tornar mais claras as práticas residenciais adotadas, porém, perguntas sobre local de moradia são sempre delicadas, principalmente para estudantes, uma vez que a pessoa pode morar em um local somente para estudar, mas não considerar como sua casa efetivamente, ou, ao contrário, estar em uma residência secundária por um período e considerar esta como sua casa principal, além de outras nuances possíveis.

### **3.3.7 Ajustes amostrais**

Como o total de respostas obtidas (536) foi além do mínimo necessário para a amostra (393), e, como o questionário foi divulgado via on-line, não sendo assim possível controlar quem vai responder, foi necessário eliminar algumas respostas, para fins de representatividade das categorias, de modo que não houvesse uma representação muito concentrada de pessoas do mesmo sexo, idade ou instituição, por exemplo, realizando desse modo, um controle por variáveis. Ou seja, foram feitos ajustes de modo que as respostas obtidas fossem representativas por tipo de instituição (pública e privada), por IES, por sexo e por idade,

atendendo a esses critérios simultaneamente. Para isso foi feito o controle de maneira que o perfil dos respondentes se ajustasse às características da população.

A participação feminina, por exemplo teve grande maioria (74% no total). Após o ajuste por sexos, com eliminação de 121 questionários do sexo feminino, a participação foi reduzida para 64%, dentro da margem de erro de 4%. A tabela 1 apresenta de forma resumida como foi feito o ajuste por sexo.

TABELA 1 - AJUSTES POR SEXO - 2022

Sexo	Matrículas	% do total	Quest. aplicados	Novo n° ajustado	Eliminados	% do novo n° ajustado	Margem de erro
Feminino	11.805	59,57	385	264	121	63,61	4,05
Masculino	8.013	40,43	151	151	0	36,39	-4,05
<i>Total</i>	<i>19.818</i>	<i>100,00</i>	<i>536</i>	<i>415</i>	<i>121</i>	<i>100,00</i>	<i>0,00</i>

FONTE: INEP (2018). ELABORAÇÃO PRÓPRIA

As eliminações de respostas femininas tiveram que obedecer a outros critérios, concomitantemente. A tabela 2 apresenta o quantitativo de questionários eliminados de cada IES, garantindo desse modo a representatividade por instituição e por categoria (público e privada). A IES que teve o maior número de reduções foi a UFF, com 43 questionários. A UCAM não teve eliminações pois já estava no limite amostral.

TABELA 2 - AJUSTES POR INSTITUIÇÃO - 2022

IES	Matrículas	% do total	Amostra inicial	Quest. aplicados	Novo n° ajustado	Eliminados	% do novo n° ajustado	Margem de erro
IFF	3.883	19,6	77	95	79	16	19,0	-0,6
ESTÁCIO	3.175	16,0	63	70	65	5	15,7	-0,4
UCAM	2.442	12,3	48	47	47	0	11,3	-1,0
UFF	2.388	12,0	47	95	52	43	12,5	0,5
ISECENSA	2.003	10,1	40	45	41	4	9,9	-0,2
UENF	1.707	8,6	34	51	36	15	8,7	0,1
UNIFLU	1.178	5,9	23	37	26	11	6,3	0,3
UNIVERSO	1.111	5,6	22	44	24	20	5,8	0,2
FMC	798	4,0	16	18	17	1	4,1	0,1
REDENTOR	564	2,8	11	14	12	2	2,9	0,0
ISEPAM	490	2,5	10	11	10	1	2,4	-0,1
FABERJ	79	0,4	2	9	6	3	1,4	1,0
<i>Total</i>	<i>19.818</i>	<i>100,0</i>	<i>393</i>	<i>536</i>	<i>415</i>	<i>121</i>	<i>100,0</i>	<i>0,0</i>

FONTE: INEP (2018). ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Entre os três grandes grupos de idade, a maior quantidade de eliminações foi no maior grupo, o de 16 a 24 anos, com 90 questionários eliminados. De 25 a 39 anos foram 22 e de 40 anos ou mais foram nove eliminações (Tabela 3).

TABELA 3 - AJUSTES POR GRUPOS DE IDADE - 2022

Grupos de idade	Matrículas	% do total	Questionários totais aplicados	Novo n° ajustado	Eliminados	% do novo n° ajustado	Margem de erro
16-24	12.307	62,10	349	259	90	62,41	0,31
25-39	6.438	32,49	156	134	22	32,29	-0,20
40 ou mais	1.073	5,41	31	22	9	5,30	-0,11
<i>Total</i>	<i>19.818</i>	<i>100,00</i>	<i>536</i>	<i>415</i>	<i>121</i>	<i>100,00</i>	<i>0,00</i>

FONTES: INEP (2018). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

### 3.3.8 Mapeamento do Espaço de Vida

A segunda fase da pesquisa se refere ao mapeamento do espaço de vida individual atual de alguns estudantes. A partir da pergunta “Com que frequência retorna a sua residência principal?”, os estudantes foram enquadrados nas seguintes categorias: *Diário* – para os estudantes que realizam deslocamento por quatro ou cinco dias na semana; *Semanal* – pelo menos uma vez na semana; *Quinzenal* - a cada quinze dias; *Mensal* - pelo menos uma vez ao mês; *Anual* - pelo menos uma vez ao ano; *Especial* - sem frequência pré-definida.

De acordo com essa categorização, foram escolhidos dois estudantes dentro de cada categoria. Foram selecionados os perfis aparentemente mais interessantes para a pesquisa, baseados em alguns critérios como: uso de residência secundária; envio do número do telefone no final do questionário, aceitando desse modo, participar de mais uma etapa da pesquisa; preferência por quem não estava em períodos finais, para que não tivesse concluído o curso no momento da abordagem; e preferência por quem comentou algo ao final do questionário, no espaço para críticas e sugestões, indicando que está mais propenso a dar informações e participar ativamente.

Após a escolha dos doze participantes, foi feita uma verificação das características do grupo, de modo a captar a presença variada de homens e mulheres, cursos, instituições, para que não houvesse grande concentração de determinada característica.

Entre os perfis interessantes selecionados inicialmente, foi necessário fazer algumas substituições: I) Um estudante selecionado informou que retornou para casa no estado de Mato Grosso do Sul, abandonando o curso em Campos; II) Um deles estuda na Redentor, instituição que foi totalmente convertida ao ensino remoto, não tendo mais alunos presenciais no município; III) Outros três selecionados ainda não estavam com aulas presenciais

(Instituição IFF); IV) Uma aceitou participar, mas desmarcou a entrevista por duas vezes e não respondeu mais aos chamados, tendo que ser substituída, mesmo após o início dos registros dos outros participantes.

Primeiramente foi realizada uma entrevista (presencial ou on-line, de acordo com a opção do participante), em que foram perguntadas informações acerca da trajetória pessoal e acadêmica dos estudantes, assim como seus locais de mobilidade e permanência, de modo a complementar a experiência de mapeamento.

Foi feito um mini pré-teste, com entrevista e experiência de mapeamento com um participante, para verificar as inconsistências do questionário e possíveis problemas referentes ao mapeamento. A proposta inicial era utilizar fotografias com geolocalização para realizar o mapeamento do espaço de vida, mas o estudante relatou dificuldades. Diante disso, após o feedback recebido, decidiu-se alterar o procedimento de coleta de localizações do espaço de vida para algo mais prático. A ferramenta escolhida foi o *ArcGIS Survey123*, que coleta dados de localização de dispositivos móveis de forma simples e intuitiva, por meio de respostas a um questionário que automaticamente identifica a localização, quando o Sistema de Posicionamento Global (GPS) do aparelho está ligado, permitindo o mapeamento mais simples e exato dos pontos de cada espaço de vida. Trata-se de uma página virtual específica onde, além da localização, são registrados os dados do informante e do local onde ele está. A primeira letra do nome e um sobrenome de cada participante, foi colocado em uma lista suspensa de modo a facilitar a identificação própria, evitando erros na hora de marcar e, ao mesmo tempo, impedindo o reconhecimento dos outros participantes, de modo a manter o sigilo.

Foram listados os locais de frequência mais comuns, levantados na entrevista, além da opção “outros” para descrever algum lugar, caso não esteja na lista. Após ligar o GPS, clicar no link que foi enviado para cada estudante, selecionar a identificação do participante, identificar se o local onde está é na origem (cidade da residência principal) ou destino (cidade onde estuda)<sup>103</sup>, marcar em qual local está, basta enviar o formulário (Apêndice 4). Foi oferecido a todo participante um pacote de redes de dados móveis, para não ser necessário usar sua internet pessoal ao fazer o envio.

A duração de coleta dos registros foi de aproximadamente um mês (abril/2022), alguns um pouco mais, outro (no caso do último participante), um pouco menos. Interessante ressaltar que o período temporal dos registros englobou dois grandes feriados nacionais,

---

<sup>103</sup> Os estudantes de Campos, foram orientados a marcar sempre origem, já que não há destino diferente.

permitindo, desse modo, que os estudantes que utilizam residência secundária, pudessem ir para suas residências principais e realizar o mapeamento dos pontos frequentados, o que foi interessante para a pesquisa. Após o período de registros, foram elaborados os mapas com uso da ferramenta de geoprocessamento *Arc Gis*.

A fim de analisar a distribuição e determinar o grau de variação das distâncias percorridas pelos participantes, foram calculadas as seguintes medidas de tendência central e de dispersão: amplitude, média, mediana, desvio padrão, variância e coeficiente de variação, que serão detalhadas no capítulo cinco.

Para fins comparativos das distâncias percorridas pelos estudantes da mesma categoria, utilizou-se o gráfico do tipo diagrama de caixa, ou *box plot*, uma vez que esse tipo de gráfico é baseado na amplitude e nos quartis, apresentando o resultado da mediana, o que se torna particularmente interessante para distribuições que tenham valores discrepantes, os chamados *outliers*, já que nesses casos, o ideal é utilizar o valor da mediana, por sofrer menos os efeitos dessas diferenças, ao contrário da média e do desvio padrão, por exemplo. Por meio do diagrama de caixa, é possível observar a posição, simetria, dispersão, prolongamentos e valores discrepantes do conjunto de dados. Os gráficos foram construídos utilizando a ferramenta estatística SPSS.

Importante ressaltar que, por se tratar de informações mais íntimas e específicas, o projeto referente à segunda etapa da pesquisa primária foi submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade, tendo sido aprovado sob o parecer nº 5.265.568 em 25 de fevereiro de 2022. O termo de consentimento foi entregue presencialmente para aqueles que fizeram a entrevista presencial e enviado por e-mail para aqueles que optaram pela entrevista on-line. Uma cópia encontra-se no Apêndice 2.

Ciente de que as oportunidades oferecidas na região dialogam com a ampliação e a dinâmica do Ensino Superior do país, faz-se a seguir, um breve levantamento sobre o setor educacional superior brasileiro e no município de Campos dos Goytacazes.

## **4 EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL E AS ESPECIFICIDADES DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE**

A educação superior é a principal ferramenta para transformação da realidade dos indivíduos, sejam eles residentes em países desenvolvidos ou não. Certamente, os efeitos da conclusão de uma graduação em países menos desenvolvidos ou em desenvolvimento são diferentes, principalmente com relação à ascensão social e econômica que pode proporcionar aos indivíduos. Concorde-se com o IBGE, quando destaca em sua Síntese de Indicadores Sociais que: “A educação é amplamente reconhecida como a principal variável de acesso às distintas oportunidades das sociedades democráticas, participando de forma inequívoca na determinação dos rendimentos do trabalho, do *status* da ocupação e da mobilidade social” (IBGE, 2018b, p. 93).

Diante desse cenário de transformação de realidades, em que a educação exerce influência na mobilidade social dos indivíduos, a busca pelo ensino superior produz deslocamentos pelo espaço, já que sua oferta não ocorre de maneira regular e uniforme em todas as Unidades da Federação e municípios. A região Norte do estado do Rio de Janeiro é privilegiada nesse quesito, uma vez que apresenta uma grande oferta de instituições e cursos superiores que atraem estudantes de vários municípios e estados. Neste capítulo serão abordados aspectos educacionais e demográficos e da área de estudo, apresentando seu histórico educacional, as oportunidades recentes (atreladas à expansão do Ensino Superior no Brasil), além de destacar os fluxos populacionais que ocorrem na região por motivo de estudo.

### **4.1 Educação Superior no Brasil**

As diretrizes para educação no Brasil estão registradas na Constituição da República (BRASIL, 1988), em que a educação é tratada como um direito social (Art. 6º), como direito de todos e dever do Estado e da família (Art. 205). Nela são apresentadas normas gerais e específicas sobre os diversos níveis educacionais, com a indicação de elaboração de um Plano Nacional de Educação (PNE). Esse plano foi criado em 2014, pela lei nº 13.005 (MEC, 2014), a fim de delimitar metas e estratégias para a política educacional do país nos 10 anos subsequentes (2014-2024). Entre as 20 metas estabelecidas, duas delas versam especificamente sobre a educação superior, trata-se das metas 12 e 13, que visam:

META 12 Elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% (cinquenta por cento) e a taxa líquida para 33% (trinta e três por cento) da

população de 18 (dezoito) a 24 (vinte e quatro) anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% (quarenta por cento) das novas matrículas, no segmento público.

META 13 Elevar a qualidade da educação superior e ampliar a proporção de mestres e doutores do corpo docente em efetivo exercício no conjunto do sistema de educação superior para 75% (setenta e cinco por cento), sendo, do total, no mínimo, 35% (trinta e cinco por cento) doutores (MEC, 2014).

Para fins de percepção da evolução dos indicadores, buscaram-se os dados referentes ao ano de 2014, quando foi aprovado e criado o PNE. Os dados da PNAD indicam que a taxa bruta de matrículas era de 32,1% em 2014; a taxa líquida de matrícula (ou escolarização) era de 17,4%. Com relação ao percentual de docentes com mestrado ou doutorado no ensino superior, o percentual em 2014 era de 73,4%, englobando os segmentos público e privado, apesar dos maiores percentuais estarem em IES públicas. Já o percentual geral de docentes com título de doutorado no Ensino Superior, estava, em 2014, em 35,5%, dentro da meta estabelecida como mínima (BRASIL, 2019).

Passamos da metade do tempo previsto para vigência do PNE e os resultados do ano de 2017 indicam que a taxa bruta de matrícula no ensino superior está em 34,6%, ou seja, para alcançar a meta de 50% até 2024, será necessário um crescimento de 15,4 pontos percentuais. A taxa líquida de escolarização na graduação, por sua vez, está em 23,2% para o mesmo ano de 2017, também aquém da meta estabelecida de 33% (BRASIL, 2019).

As estratégias pensadas para alcançar a meta 12 englobam, além do aspecto quantitativo da quantidade de matrículas, a preocupação com a assistência estudantil, visando não apenas a entrada, mas também a permanência desse aluno nas instituições, assim como com a democratização do ensino superior para grupos excluídos historicamente, como se pode ver nas estratégias 12.5 e 12.9:

12.5) ampliar as políticas de inclusão e de assistência estudantil dirigidas aos (às) estudantes de instituições públicas, bolsistas de instituições privadas de educação superior e beneficiários do Fundo de Financiamento Estudantil - FIES, [...], na educação superior, de modo a reduzir as desigualdades étnico-raciais e ampliar as taxas de acesso e permanência na educação superior de estudantes egressos da escola pública, afrodescendentes e indígenas e de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, de forma a apoiar seu sucesso acadêmico; [...]  
12.9) ampliar a participação proporcional de grupos historicamente desfavorecidos na educação superior, inclusive mediante a adoção de políticas afirmativas, na forma da lei; (MEC, 2015, p. 01).

Grande parte das IES, principalmente as públicas, adotam algumas políticas nesse sentido, com estabelecimento de auxílio moradia, auxílio permanência, alimentação, transporte, entre outros.

Já com relação à meta 13, a situação atual indica que 77,5% dos docentes na educação superior (público e privado) possuem mestrado ou doutorado, ultrapassando a meta do PNE de 75% do corpo docente como mestre ou doutor. Especificamente sobre o percentual de doutores na educação superior, a meta de 35% também já foi alcançada, estando atualmente com 39,8% dos professores com titulação de doutor atuando nos cursos superiores do país (BRASIL, 2019). Vale ressaltar que os percentuais de docentes com esse nível de formação ainda são maiores em IES públicas.

Além do PNE, a nível nacional, existe uma preocupação mundial com a educação. Tanto que um dos 17 Objetivos Globais propostos pelas Nações Unidas na Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, versa sobre a educação de qualidade. Trata-se do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 4, que pretende, entre outras metas, “Até 2030, assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade” (NAÇÕES UNIDAS, 2015).

Esse é o desafio que se coloca à educação de um país continental como o Brasil, igualdade de acesso e condições de permanência no ensino superior de qualidade. Tradicionalmente, esse acesso era dificultado, tanto em termos de custo nas Instituições de Ensino Superior (IES) privadas, quanto em termos de aprovação nas seleções para as IES públicas, com grande concorrência dos alunos de escolas particulares que recebiam uma preparação prévia específica e direcionada.

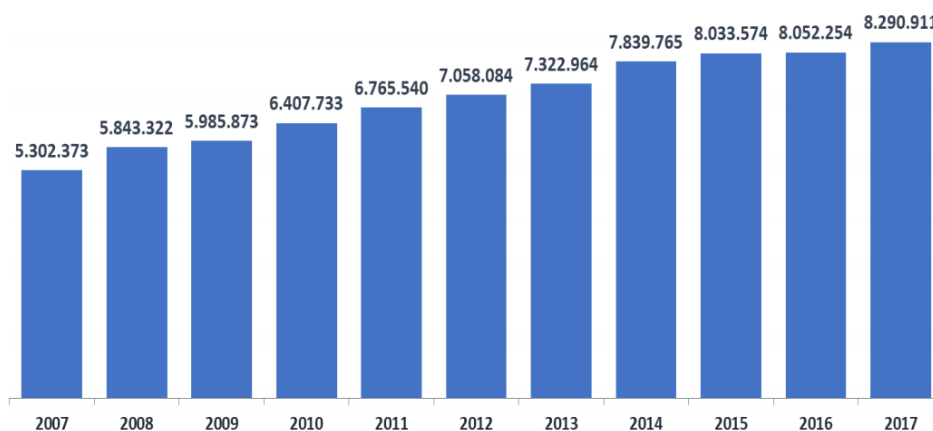
De fato, as últimas décadas foram palco de transformações no setor da educação, principalmente no âmbito da política de expansão das instituições públicas e, conseqüentemente, do número de matriculados<sup>104</sup>. Os resultados do censo da Educação Superior divulgado pelo INEP, referente ao ano de 2017, demonstram que nos dez últimos anos, o número de matrículas na educação superior aumentou 56,36%, com uma média de crescimento de 4,6% a cada ano, passando de 5.302.373 matrículas em 2007, para 8.290.911 matrículas em 2017, somando os cursos presenciais e a distância (INEP, 2018). Em relação a 2016, houve um aumento de 3,0% (Figura 7).

---

<sup>104</sup> Para uma análise sobre a educação superior brasileira, com seus sistemas de universidades públicas e privadas e sua relação com o desenvolvimento social e econômico do país, ver Oliveira *et al.* (2017).



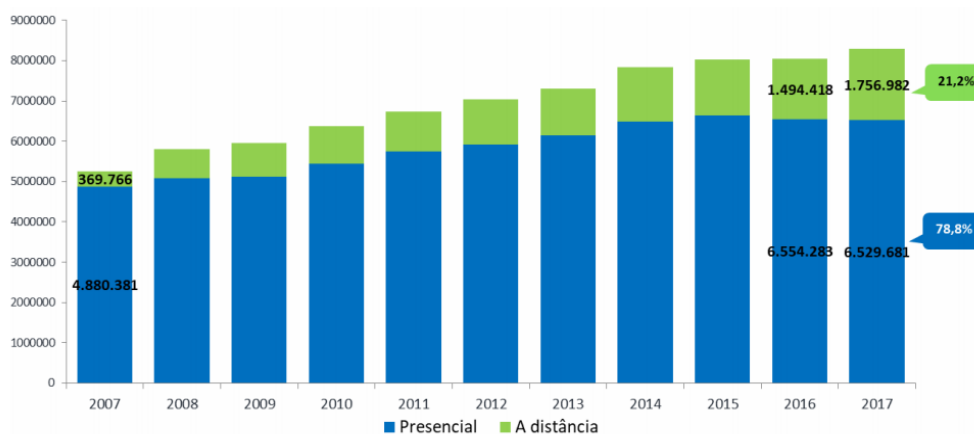
FIGURA 7 - NÚMERO DE MATRÍCULAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR (GRADUAÇÃO E SEQUENCIAL) - BRASIL - 2007 A 2017



FONTE: INEP (2018, p.13).

A maior parte dessas matrículas (78,8%) corresponde ao ensino presencial, apesar dessa modalidade ter diminuído sua participação em 0,4% entre 2016 e 2017, enquanto a modalidade a distância cresceu 17,6% no mesmo período, totalizando 21,2% das matrículas (Figura 8). Fazendo um balanço dos últimos dez anos do Censo da Educação Superior (2007-2017), o número de matrículas na modalidade a distância cresceu 375,2%, enquanto as matrículas presenciais cresceram apenas 33,8% (INEP, 2018).

FIGURA 8 - NÚMERO DE MATRÍCULAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO, POR MODALIDADE DE ENSINO (PRESENCIAL E A DISTÂNCIA) - BRASIL - 2007 A 2017



FONTE: INEP (2018, p.17).

A tendência futura é de expansão ainda maior dessa modalidade on-line já que foi regulamentado o Decreto nº 9.057/2017 (BRASIL, 2017) que flexibiliza o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, possibilitando, por exemplo, a ampliação da oferta de novos cursos e agilidade na liberação para funcionamento. A partir dessa nova

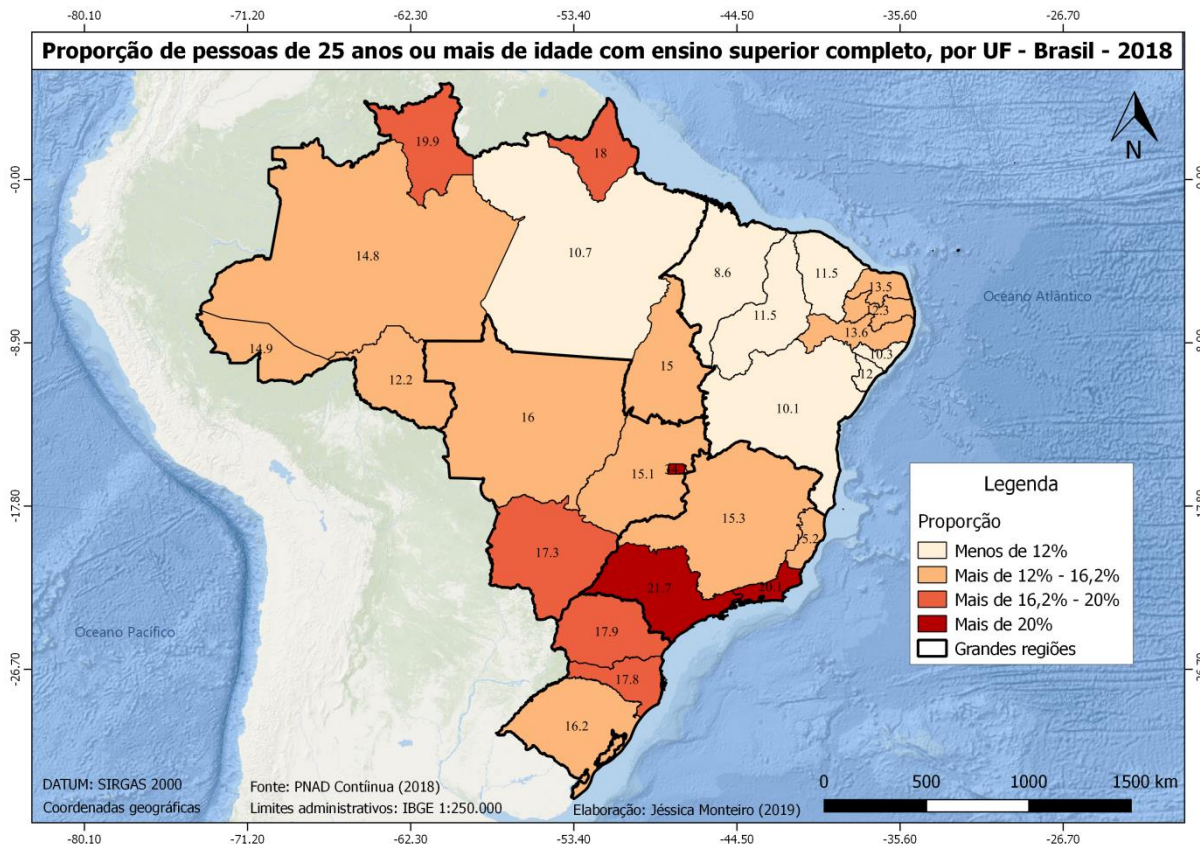
regulamentação, a IES pode ser credenciada para atuar exclusivamente à distância, tanto na graduação como na pós-graduação *lato sensu*, o que não era permitido até então.

A modalidade a distância tende a se ampliar também dentro dos cursos presenciais. A portaria nº 1.428, de 28 de dezembro de 2018 (BRASIL, 2018) autoriza a ampliação da oferta de disciplinas na modalidade à distância até o limite de 40% da carga horária total dos cursos presenciais, de acordo com alguns requisitos, com exceção dos cursos da área de saúde e engenharias, que permanecem com o limite de 20%. Esse fato emana preocupação com a qualidade da educação superior no país e merece ser debatido em estudos posteriores.

Entretanto, apesar da crescente variação positiva no número geral de matrículas, a formação superior dos brasileiros ainda é muito limitada. De acordo com os dados referentes ao ano de 2017 da PNAD Contínua: “Apesar do avanço observado no aumento da população com ensino superior completo, esse nível permanece restrito a 15,3% da população brasileira de 25 anos de idade ou mais” (IBGE, 2018b, p. 92). Para o ano de 2018, o percentual de pessoas com 25 anos ou mais de idade com ensino superior completo aumentou para 16,5%.

Permanece a diferenciação regional, com moradores da Região Nordeste apresentando a menor proporção de graduados. O Distrito Federal foi a UF com maior proporção de jovens com 25 anos de idade ou mais com esse nível de instrução completo (34,3%), acompanhado de São Paulo com 21,7% e Rio de Janeiro, com 20,1% (Mapa 4). Essas três cidades estão no topo da hierarquia urbana brasileira proposta pelo estudo de Região de Influência das Cidades (REGIC), do IBGE, como Metrôpoles Nacionais (Brasília e Rio de Janeiro) e Grande Metrôpole Nacional (São Paulo), correspondendo aos principais centros urbanos do País. A classificação foi baseada no grande porte dessas cidades e por fortes relacionamentos que possuem entre si, além da extensa área de influência direta que possuem. Ou seja, as três cidades com maiores hierarquias urbanas do país são também as que apresentam os maiores quantitativos de pessoas com ensino superior completo.

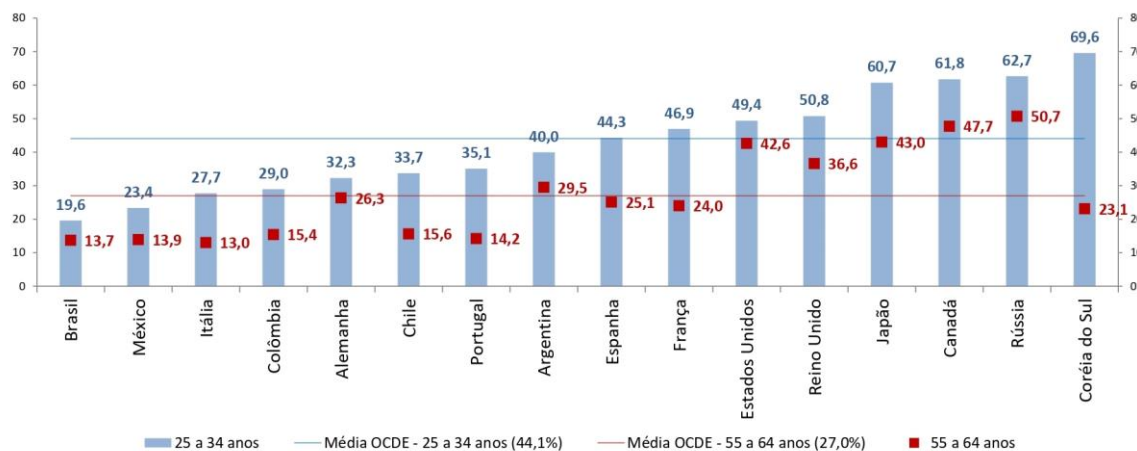
MAPA 4 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DE PESSOAS DE 25 ANOS OU MAIS DE IDADE COM ENSINO SUPERIOR COMPLETO, POR UNIDADE DA FEDERAÇÃO - BRASIL - 2018



FORNE: PNAD CONTÍNUA (2018). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

No contexto internacional, quando comparado à média dos países da OCDE, o Brasil apresenta um resultado muito deficiente, com 19,6% da população do grupo etário de 25 a 34 anos com ensino superior no ano de 2018. A média dos países da OCDE no mesmo período foi de 44,1%. Com relação à faixa etária específica de 55 a 64 anos, a Brasil apresentou 13,7% deles com ensino superior completo em 2018, já a média dos países da OCDE para o mesmo grupo etário e período foi de 27,0% (Figura 9). Ou seja, o Brasil ainda precisa avançar muito na qualificação superior da sua população, em todos os grupos de idade.

FIGURA 9 - PERCENTUAL DA POPULAÇÃO COM EDUCAÇÃO SUPERIOR, POR FAIXA ETÁRIA - BRASIL E OCDE - 2018



FONTE: EDUCATION AT A GLANCE 2019 (OCDE). ELABORAÇÃO: MEC (2019, P. 6).

Chama a atenção também o elevado quantitativo de pessoas com 25 anos ou mais de idade sem instrução ou com o nível fundamental incompleto, que foi de 49,25% da população de 25 anos ou mais de idade de acordo com o censo 2010, totalizando 54.466.106 pessoas, o que representa um elevado quantitativo de adultos sem instrução no Brasil. Ademais, com relação à diferença por sexo, é possível identificar maior escolaridade entre as mulheres, o que rompeu com as tendências do passado de maior nível de escolaridade dos homens (Tabela 4).

TABELA 4 - PESSOAS DE 25 ANOS OU MAIS DE IDADE, POR NÍVEL DE INSTRUÇÃO E SEXO - BRASIL - 2010

Nível de instrução	Sexo					
	Total	(%)	Masculino	(%)	Feminino	(%)
Sem instrução e fundamental incompleto	54.466.106	49,25	26.838.149	24,27	27.627.957	24,98
Fundamental completo e médio incompleto	16.204.251	14,65	7.899.865	7,14	8.304.386	7,51
Médio completo e superior incompleto	27.156.813	24,56	12.717.925	11,50	14.438.888	13,06
Superior completo	12.462.016	11,27	5.256.475	4,75	7.205.541	6,52
Não determinado	297.326	0,27	132.898	0,12	164.427	0,15
<b>Total</b>	<b>110.586.512</b>	<b>100,00</b>	<b>52.845.312</b>	<b>47,79</b>	<b>57.741.199</b>	<b>52,21</b>

FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010, TABELA 3547 (SIDRA). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Dados mais recentes, referentes ao ano de 2018 (IBGE, 1019c), indicam que esse grupo corresponde a 41,8% do total de pessoas de 25 anos ou mais de idade atualmente, um percentual ainda muito elevado, que pode ser considerado um indicador negativo do nível

educacional da população brasileira. Uma possível causa desse baixo nível de instrução, é o menor acesso à educação em décadas passadas no país.

O número de jovens matriculados na escola é também destacado no relatório anual da OCDE que desenvolve e analisa indicadores quantitativos sobre educação dos 35 países membros da OCDE e mais 11 países parceiros, permitindo compará-los internacionalmente. O relatório “*Education at a Glance 2018*<sup>105</sup>” indica que, ao contrário dos demais países e parceiros da OCDE, no Brasil, menos de 80% dos jovens de 17 anos estavam matriculados em algum nível educacional no ano de 2016. Esse número também é semelhante na Costa Rica, Indonésia, Turquia e México, com a taxa mais baixa (52%) na Colômbia (OECD, 2018, p. 154).

O acesso à educação é relevante uma vez que países com maior proporção de pessoas com baixo nível educacional tendem a ter uma desigualdade de renda maior:

Income inequality is largest in countries with a high share of people without upper secondary education, such as Brazil, Costa Rica and Mexico, and lowest in countries with a small share of people without upper secondary education, such as the Czech Republic and the Slovak Republic<sup>106</sup> (OECD, 2018, p. 93).

De acordo com o relatório da OCDE, ao comparar os índices entre países membros e parceiros, em termos de desigualdade de renda o Brasil perde apenas para Costa Rica, ou seja, o Brasil apresenta uma desigualdade de renda muito grande (OECD, 2018).

O IBGE apresenta a desigualdade de renda no Brasil, a partir da utilização do Índice de Gini, que varia de zero a um, indicando que, quanto mais próximo de zero, menor é a desigualdade e, quanto mais próximo de um, maior é a desigualdade apresentada pelo país: “Entre 2016 e 2017, o Índice de Gini do rendimento domiciliar *per capita* oscilou de 0,546 para 0,549 em nível nacional” (IBGE, 2018b, p. 52), sendo o índice maior na Região Nordeste e menor na Região Sul, o que ressalta, além da desigualdade de renda como um todo, as diferenças regionais históricas existentes no país.

---

<sup>105</sup> O relatório *Education at a Glance*, é uma publicação anual da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que faz um panorama da educação no Brasil e em outros 45 países membros e parceiros da OCDE, fornecendo dados sobre a estrutura, finanças e desempenho dos sistemas educacionais. Os dados referentes ao Brasil na última edição do relatório são provenientes do Censo Escolar e do Censo da Educação Superior, organizados pelo INEP, com base nos anos 2015-2016.

<sup>106</sup> A desigualdade de renda é maior em países com alta parcela de pessoas sem ensino médio, como Brasil, Costa Rica e México, e menor em países com pequena parcela de pessoas sem ensino médio, como República Tcheca e Eslováquia. (Tradução nossa).

O investimento em educação é uma das possibilidades para diminuição da desigualdade de renda, uma vez que trabalhadores com ensino superior recebem um salário maior que trabalhadores com apenas o nível médio de instrução. A OCDE identificou que, no Brasil, “adults with a tertiary education earn 150% more than adults with an upper secondary education”<sup>107</sup> (OECD, 2018, p. 90). Apesar do nível educacional não ser o único fator para definição do valor do rendimento recebido, de acordo com a PNAD Contínua do IBGE, o valor do rendimento é diretamente proporcional ao nível de instrução alcançado pelo indivíduo:

As pessoas que não possuíam instrução apresentaram o menor rendimento médio (R\$ 842). Por outro lado, o rendimento das pessoas com ensino fundamental completo ou equivalente foi 67,3% maior, chegando a R\$ 1409. Por fim, aqueles que tinham ensino superior completo registraram rendimento médio aproximadamente 3 vezes maior que o daqueles que tinham somente o ensino médio completo e mais de 6 vezes o daqueles sem instrução (IBGE, 2018c, p. 05).

Além do valor do rendimento médio, o ensino superior pode oferecer vantagens na busca por uma vaga de emprego em vários países do mundo:

For younger adults in Argentina, Brazil, Chile, France, Indonesia, Ireland, Israel, Korea, Latvia, Lithuania, Mexico, Poland, South Africa, Turkey and the United States, a tertiary degree has an employment advantage of 10 percentage points or more compared to younger adults with only upper secondary or post-secondary non-tertiary education<sup>108</sup> (OECD, 2018, p. 72).

Nesse contexto, cabe destacar o trabalho de Ribeiro (2012), que investigou as perspectivas analíticas que relacionam a educação como variável explicativa relevante nos diferenciais de rendimento dos indivíduos e na possibilidade de conseguir uma vaga de emprego, fazendo uma crítica à chamada teoria do capital humano. Após análises teóricas e empíricas no contexto metropolitano brasileiro, o autor concluiu que, apesar de haver correlação positiva entre maiores anos de escolaridade e renda mais elevada, isso não implica necessariamente em uma relação de causalidade. A escolaridade deve ser pensada juntamente

---

<sup>107</sup> Adultos com ensino superior ganham 150% a mais que os adultos com ensino médio. (Tradução nossa).

<sup>108</sup> Para jovens adultos na Argentina, Brasil, Chile, França, Indonésia, Irlanda, Israel, Coreia, Letônia, Lituânia, México, Polônia, África do Sul, Turquia e Estados Unidos, um diploma universitário tem uma vantagem de emprego de 10 pontos percentuais ou mais em comparação com adultos mais jovens apenas com ensino secundário superior ou pós-secundário não superior. (Tradução nossa).

com outros mecanismos que permitem (ou impedem) o acesso à educação, acrescentando a essa discussão: “processos sociais mais amplos que estão relacionados tanto à posição social relativa dos indivíduos na estrutura social quanto a segmentação residencial do território metropolitano, que também pode ser considerado expressão da estrutura social” (RIBEIRO, 2012, p. 286). Ou seja, o status social e o território, por exemplo, também importam no que se refere aos diferenciais educacionais e rendimentos obtidos pelos indivíduos.

Com relação à rede de ensino, de acordo com a PNAD 2018, a maior parte dos estudantes de ensino superior está matriculada na rede privada (74,2%), contrariando os níveis anteriores (fundamental e médio), onde predominam as instituições públicas. Certamente o caráter obrigatório da educação básica leva à necessidade da oferta de escolas públicas por parte dos governos e, conseqüentemente, sua utilização pela maioria da população. Quanto ao Ensino Superior, não é obrigatório, porém, como salientado anteriormente, tem efeitos positivos no trabalho e no rendimento, o que leva muitas pessoas a buscarem esse nível de formação. Além da busca por estabilidade financeira, outros fatores também podem ser motivadores para a realização de uma graduação, como o crescimento pessoal e profissional, realização de sonho pessoal ou familiar, busca por independência, maturidade, entre outros. Como as IES públicas são limitadas em termos de vagas e cursos, as IES privadas ganham espaço no nível superior.

As instituições privadas de ensino superior no Brasil começaram a ganhar mais destaque na década de 1960, após a aprovação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em 1961, que flexibilizou a expansão do setor privado e, principalmente a partir da Lei da Reforma Universitária, em 1968, que, após conflitos entre movimento estudantil e governo militar, modernizou o ensino superior, instituindo um modelo organizacional único para IES públicas e privadas. A demanda por vagas em cursos de graduação era crescente, de modo que as instituições públicas não conseguiam supri-la. Interessados no lucro que esse mercado oportuniza, as instituições privadas, ainda que concentradas em regiões mais desenvolvidas, expandiram sua atuação no setor, fomentadas inclusive por ações do próprio governo (DURHAM, 2003; BORTOLANZA, 2017).

A LDB mais recente, publicada em 1996, gerou novas mudanças normativas no setor educacional, tendo a flexibilização e a avaliação como fundamentos estruturadores da proposta para a educação superior. Uma importante alteração diz respeito à configuração jurídica das instituições de ensino, tornando possível a existência de estabelecimentos educacionais com finalidade lucrativa, o que foi regulamentado por outros decretos do ano

seguinte<sup>109</sup>. Até então, a legislação não permitia o estabelecimento de instituições com essa finalidade explícita. Esse fato, associado a outros, acarretou o que Carvalho (2013, p. 763) chamou de mercantilização da educação superior brasileira, com a “transformação da educação em mercadoria, cujo preço é determinado pelo mercado”.

Outro ponto de destaque na nova LDB se refere à avaliação. Para que as IES pudessem funcionar, como exigência para autorização e credenciamento, seria necessário realizar uma avaliação periódica, de modo que fosse possível corrigir as possíveis falhas no sistema, assim como manter uma qualidade mínima. Os resultados dessas avaliações funcionam inclusive como propaganda das IES privadas, caso obtenham um bom desempenho nos exames, contribuindo com os interesses do mercado.

Nessa perspectiva, o estudante brasileiro enfrenta muitas barreiras. A primeira é o próprio interesse pela graduação, diante de um cenário de tantos jovens fora da escola, do pouco incentivo familiar e da realidade do país como um todo. Ao transpor esse obstáculo e se interessar pelo ensino superior, uma nova e dupla barreira se apresenta: a concorrência na seleção para as IES públicas e o custo para ingresso e permanência nas IES privadas, criando uma espécie de barreira econômica para os mais carentes. Além disso, como apontado por Ribeiro (2012), é preciso superar também os fatores relacionados ao status social e à segmentação residencial que também podem limitar o acesso ao nível superior. Como afirma Durham (2003, p. 22), “sempre houve obstáculos estruturais do próprio Sistema de Educação à ampliação do ensino superior, que estão associados às enormes desigualdades sociais que caracterizam o país”.

Diante desse cenário, a expansão da rede pública de educação superior se mostra importante para democratizar o acesso à educação. Muitos são os trabalhos que apresentam e discutem a expansão e interiorização das universidades públicas e seus efeitos na educação dos indivíduos e no território (SANTOS; SILVEIRA (2000), BRASIL (2012), MARQUES; CEPÊDA (2012), MARTINS (2016), OLIVEIRA *et al.* (2017) entre vários outros).

Cabe aqui destacar as políticas e projetos recentes que modificaram o panorama da educação superior no Brasil: Programas como FIES, PROUNI, REUNI, SISU e a política de cotas, ampliaram as vagas e o acesso à educação superior de maneira geral e específica, como salientado na Síntese de Indicadores Sociais do IBGE (2018b).

O FIES (Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior) foi criado em 1999 pela Medida Provisória (MP) n° 1.827, porém, já funcionava com ideia semelhante

---

<sup>109</sup> Decreto n° 2.207/1997, posteriormente substituído pelo decreto n° 2.306/1997.



desde 1975, com o nome de Programa de Crédito Educativo (CREDUC). É algo, portanto, que não é tão contemporâneo, mas foi constantemente modificado até chegar aos moldes atuais. A MP foi reeditada por várias vezes, até ser revogada e convertida em Lei nº 10.260/2001 (BRASIL, 2001) que também sofreu muitas modificações até ser finalmente alterada pela Lei nº 12.202/2010 (BRASIL, 2010). Trata-se de um financiamento da graduação em IES privadas, assegurado pelo governo federal, com base em critérios pré-determinados. Na prática, “o FIES, empresta recursos a juros mais baixos que o mercado, para o pagamento das mensalidades em IES privadas, começando a pagar imediatamente após conclusão do curso e por prazo definido conforme a renda ao final do curso, mas não podendo ultrapassar 14 anos” (SCHMOELLER, 2019, p. 32). Entre os objetivos está a expansão do ensino Superior no país, mas, as IES privadas acabaram se beneficiando mediante ocupação de vagas ociosas.

O PROUNI (Programa Universidade para Todos)<sup>110</sup>, é um programa criado em 2005, destinado a conceder bolsas de estudos integrais e parciais para estudantes de ensino superior em instituições privadas, de acordo com critérios pré-estabelecidos (BRASIL, 2005). Em que pese alguns pontos questionáveis como o estímulo à privatização e a renúncia fiscal que “beneficia as IES privadas, e diminui a pressão no Governo Federal de arcar com a abertura de novas vagas nas IES públicas”, entre outros, como elencados por Costa e Ferreira (2017, p. 159), há de se ressaltar que o programa contribui para que muitos estudantes de baixa renda consigam acessar o ensino superior privado sem precisar arcar diretamente com os custos das mensalidades.

Já o REUNI (Programa de apoio a planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais)<sup>111</sup>, deu grande contribuição para a remodelagem do sistema de ensino superior no país, principalmente ao ensino público. Refere-se a uma política de governo que tem como objetivo “criar condições para a ampliação do acesso e permanência na educação superior, no nível de graduação, pelo melhor aproveitamento da estrutura física e de recursos humanos existentes nas universidades federais” (BRASIL, 2007). No contexto do REUNI, muitas vagas foram criadas nas universidades públicas federais, o que contribuiu com a democratização do acesso ao ensino superior. Atualmente, vários *filhos e filhas do REUNI*, como são conhecidos os estudantes beneficiados pelo programa, estão espalhados pelo Brasil, formados e em formação.

---

<sup>110</sup> Lei nº 11.096/2005 (BRASIL, 2005).

<sup>111</sup> Decreto nº 6.096/2007 (BRASIL, 2007).

O SISU (Sistema de Seleção Unificada)<sup>112</sup>, sistema informatizado do Ministério da Educação, pelo qual as IES públicas disponibilizam suas vagas, também tem sua contribuição na educação brasileira, e inclusive, na mobilidade para estudo, já que amplia as fronteiras de atuação das universidades. A seleção é feita a partir da nota obtida no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), que é realizado na cidade de origem do estudante. É possível escolher até duas opções de cursos em universidades localizadas em diferentes pontos do país, facilitando assim os processos de seleção, ao permitir o acompanhamento das etapas à distância. O estudante precisa se deslocar até a universidade onde foi selecionado apenas no ato da matrícula, depois de garantida sua aprovação.

Já a política de cotas, regulamentada por várias portarias, decretos e leis<sup>113</sup> corresponde à reserva de vagas para estudantes que tenham cursado ensino médio integralmente em escola pública e que se enquadrem em alguma das seguintes situações: deficiência; vulnerabilidade econômica; cor ou raça preta, parda e indígena. Trata-se de um programa de ações afirmativas que visam reparar momentaneamente e imediatamente, alguma lacuna deixada no processo de ensino-aprendizagem do indivíduo, seja ela biológica, econômica, histórica ou social. A partir das cotas, muitos estudantes que, por questões gerais e específicas alheias à sua vontade não conseguiam ingressar em uma Universidade Pública, passaram a ter essa oportunidade.

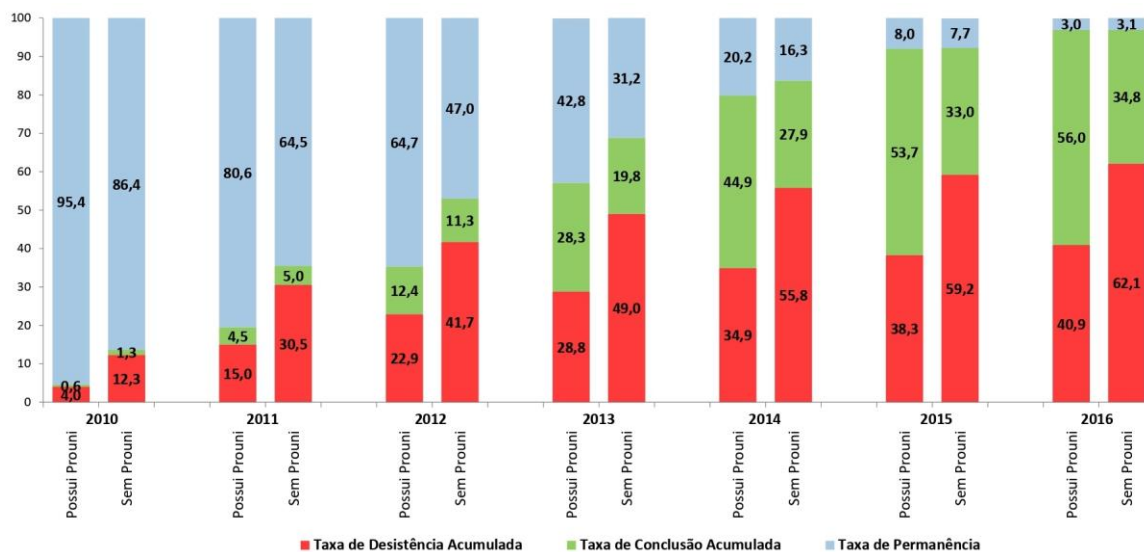
Percebe-se, portanto, que as políticas de governo exercem influência direta no acesso e na permanência do estudante em uma IES, seja ela pública ou privada. Observando a figura 10, é possível perceber esse efeito, uma vez que, para os alunos ingressantes em 2010 (coorte 2010), a taxa de desistência foi sempre menor para os alunos da rede privada que possuíam bolsa do PROUNI, enquanto a taxa de conclusão foi maior entre os bolsistas em praticamente todos os anos. Essa tendência se repetiu para estudantes com FIES (MEC, 2019), o que ratifica os bons resultados dessas políticas nas estatísticas da educação superior do país.

---

<sup>112</sup> Portaria Normativa nº 2/2010 (BRASIL, 2010).

<sup>113</sup> Consultar MEC (2012).

FIGURA 10 - EVOLUÇÃO DOS INDICADORES DE TRAJETÓRIA DOS ESTUDANTES NO CURSO DE INGRESSO EM 2010 - BRASIL - 2019



FONTE: MEC (2019, P. 57).

Como destaca o IBGE (2018b, p. 213) com relação ao Ensino Superior, “Expandir o acesso a esse nível de ensino, ampliando a participação de grupos desfavorecidos, seria uma forma de promover maior igualdade de oportunidades no País”. Essas oportunidades estão distribuídas de maneira irregular no território, inclusive na Região Norte Fluminense, gerando deslocamentos pelo espaço em busca de vagas nas universidades.

Singer (1998) aponta para o caráter historicamente condicionado da mobilidade populacional, e afirma: “Encontrar, portanto, os limites da configuração histórica que dão sentido a um determinado fluxo migratório é o primeiro passo para o seu estudo” (SINGER, 1998, p. 29). Nessa perspectiva, serão apresentados brevemente a seguir os aspectos históricos, socioeconômicos e demográficos da Região Norte Fluminense e de seus deslocamentos populacionais.

#### 4.2 Caracterização da área de estudo

A Região Norte Fluminense, recorte espacial desse estudo, é composta por nove municípios, tendo Campos e Macaé como sede de suas microrregiões. Campos é o maior município do estado do Rio de Janeiro em extensão territorial, e sua população também aparece em destaque, sendo estimada em 507.548 habitantes em 2019 (IBGE), podendo ser considerada, portanto, uma cidade de porte médio<sup>114</sup>. Apesar de Campos apresentar a maior

<sup>114</sup> É sabido que o conceito de cidade média é polissêmico e gera muitas discussões entre os estudiosos da área. Debatê-lo não é o objetivo deste trabalho. No entanto, para além do aspecto quantitativo, o papel que o município exerce na rede urbana também permite incluí-lo na categoria de cidade média.

população, a maior densidade demográfica é registrada no município de Macaé, com 211,2 hab./km<sup>2</sup>, enquanto a menor é registrada em Cardoso Moreira, com 24,5 hab./km<sup>2</sup> (Tabela 5).

TABELA 5 - POPULAÇÃO E ÁREA TERRITORIAL DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE E SEUS MUNICÍPIOS - 2010/2019

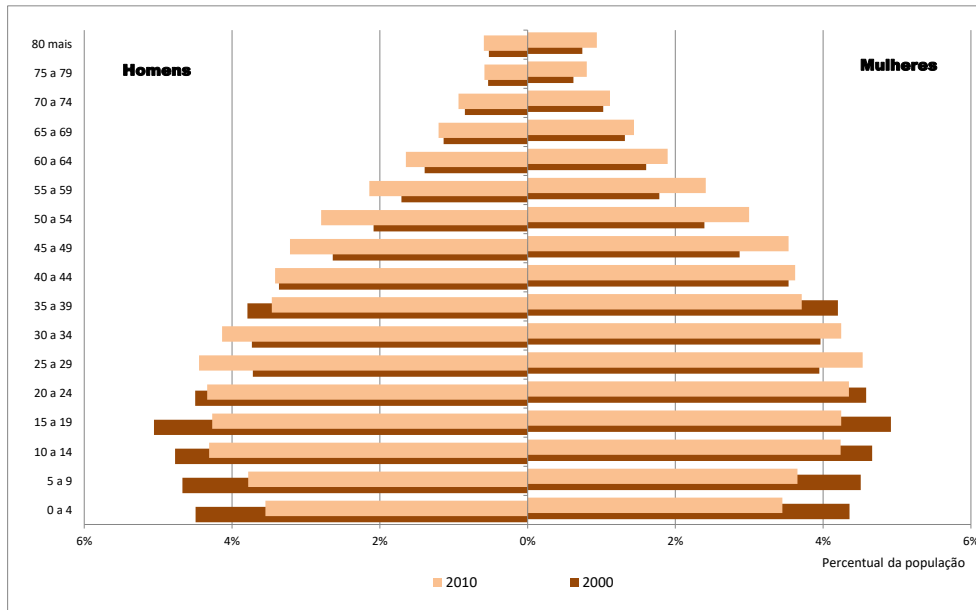
<b>Região Norte Fluminense e municípios</b>	<b>População (2010)</b>	<b>População estimada (2019)</b>	<b>Área (km<sup>2</sup>)</b>	<b>Densidade Demográfica</b>
Campos dos Goytacazes	463.731	507.548	4.032,0	125,9
Carapebus	13.359	16.301	307,4	53,0
Cardoso Moreira	12.600	12.823	522,6	24,5
Conceição de Macabu	21.211	23.228	349,2	66,5
Macaé	206.728	256.672	1.215,5	211,2
Quissamã	20.242	24.700	709,4	34,8
São Fidélis	37.543	38.669	1.034,9	37,4
São Francisco de Itabapoana	41.354	42.205	1.118,0	37,7
São João da Barra	32.747	36.102	452,9	79,7
<i>Região Norte Fluminense</i>	<i>849.515</i>	<i>958.248</i>	<i>9.741,9</i>	<i>98,4</i>

FONTE: IBGE CIDADES (2020). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A distribuição da população da Região Norte Fluminense de acordo com os grupos etários pode ser visualizada na pirâmide etária (Figura 11). A estrutura etária da região segue a apresentada pelo Brasil como um todo, com diminuição da base, que representa o número de crianças e ampliação do centro da pirâmide, que representa a população adulta, em idade ativa. Ao comparar os dados de 2000 a 2010, é possível identificar uma clara redução da fecundidade, com a base estreita e corpo mais largo, revelando o perfil de uma população jovem, com a faixa etária de 15 a 19 anos mais larga em 2000 e conseqüentemente, de 25 a 29 anos como o grupo etário de maior representatividade em 2010, para ambos os sexos. Ao longo da década, é possível observar também o envelhecimento populacional, com o alargamento do topo, que representa o quantitativo de idosos. Entre os sexos, o maior percentual observado é de mulheres, que tem uma esperança de vida média maior em relação aos homens. O sexo masculino é predominante apenas nas crianças e jovens até 20 anos de idade.

Tal comportamento reflete o processo da transição demográfica pelo qual o Brasil está passando, em sua terceira fase, quando as taxas de natalidade e mortalidade apresentam níveis reduzidos.

FIGURA 11 - PIRÂMIDE ETÁRIA - REGIÃO NORTE FLUMINENSE - 2000 E 2010



FONTE: CENSOS DEMOGRÁFICOS 2000 E 2010 (SIDRA, TABELA 200). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Com base nos dados populacionais da última década, calcula-se a taxa média de crescimento populacional para a Região Norte Fluminense e demais unidades territoriais. O *método geométrico* é o mais utilizado para esse cálculo, partindo da hipótese de que a população evolui segundo uma progressão geométrica, a uma razão constante por unidade de tempo. A taxa média geométrica de crescimento anual ( $rg$ ) da população no intervalo de tempo  $n$  pode ser obtida pela seguinte fórmula:

$$rg = \sqrt[n]{\frac{P_{t+n}}{P_t}} - 1$$

Em que:  $P_t$  = população no início do período,  $P_{t+n}$  = População no final do período e  $n$  corresponde ao intervalo de tempo.

De maneira geral, subtraindo-se 1 da raiz enésima da população final, dividida pela população no começo do período considerado e multiplicando-se o resultado por 100 encontra-se a taxa anual de crescimento da população.

Após a realização dos cálculos, observa-se que a média de crescimento do estado do Rio de Janeiro, assim como de toda Região Sudeste não difere muito da apresentada pelo

Brasil, ou seja, acompanha o nível de crescimento do país, de 1,17% ao ano. Com relação às mesorregiões, a Sul Fluminense cresce um pouco mais (1,30%), assim como a Norte Fluminense que se aproxima dos 2% de crescimento médio anual. O grande destaque fica com as baixadas litorâneas, que registram um crescimento significativo de 4,25%, muito influenciado por Rio das Ostras, que foi o município brasileiro que mais cresceu entre 2000 e 2010, com uma taxa de 11,24% ao ano. Esse grande crescimento pode estar relacionado com sua vizinhança à Macaé, sede da Petrobrás na região.

As menores taxas de crescimento foram registradas nas Regiões Centro e Noroeste Fluminense, assim como na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Esses dados demonstram que, apesar da Região Metropolitana ainda concentrar um grande volume populacional, o ritmo de crescimento tem sido menor que o de outras regiões do estado. A tendência a ser identificada com os resultados do Censo 2022 é a de continuidade dessa situação, diante da desconcentração produtiva, associada a maior mobilidade populacional, além de outros fatores.

Com relação aos municípios da Região Norte Fluminense, é possível diferenciá-los a partir da média de crescimento em três agrupamentos: grande crescimento populacional; médio crescimento e crescimento nulo ou negativo. Macaé, Carapebus e Quissamã registram taxas iguais ou acima de quatro pontos percentuais, muito superiores às taxas apresentadas pelo estado, pela Região Sudeste e até mesmo pelo Brasil. Certamente a indústria petrolífera, que faz parte do cotidiano desses municípios exerceu influência nesse crescimento.

Entre o grupo com crescimento considerado médio estão: São João da Barra (1,69%), Campos (1,31%) e Conceição de Macabu (1,22%), mais próximo da realidade apresentada pelo Brasil. A probabilidade é de que as atividades do Porto do Açu em São João da Barra, a importância histórica de Campos e a proximidade geográfica de Conceição de Macabu com Macaé, tenham sustentado esse crescimento na década de 2010.

Já os municípios da Região Norte Fluminense com crescimento praticamente nulo, nulo e negativo estão respectivamente: São Fidélis (0,20%), Cardoso Moreira (0,00%) e São Francisco de Itabapoana (-0,03), municípios de base agrária, com a grande maioria de suas receitas oriundas de fontes externas (IBGE, 2020a). Os valores foram listados na tabela 6.

Esse crescimento e comportamento específico da população dos municípios da Região Norte Fluminense tem relação com importantes atividades econômicas desenvolvidas na região, como será visto na próxima seção.

TABELA 6 - POPULAÇÃO E TAXA MÉDIA GEOMÉTRICA DE CRESCIMENTO ANUAL - BRASIL, REGIÃO SUDESTE, ESTADO DO RIO DE JANEIRO E SUAS REGIÕES E MUNICÍPIOS SELECIONADOS - 2000/2010

Níveis territoriais	População		Taxa média anual (%)
	2000	2010	2000/2010
Brasil	169.872.856	190.755.799	1,17
Sudeste	72.430.193	80.364.410	1,04
Estado do Rio de Janeiro	14.392.106	15.989.929	1,06
Baixadas Litorâneas	462.325	700.842	4,25
Rio das Ostras	36.419	105.676	11,24
Sul Fluminense	933.983	1.062.237	1,30
Metropolitana (RJ)	11.546.023	12.578.485	0,86
Noroeste Fluminense	297.837	317.493	0,64
Centro Fluminense	452.646	481.357	0,62
Norte Fluminense	699.292	849.515	1,97
<b>Municípios da Região Norte Fluminense</b>			
Macaé	132.461	206.728	4,55
Carapebus	8.666	13.359	4,42
Quissamã	13.674	20.242	4,00
São João da Barra	27.682	32.747	1,69
Campos dos Goytacazes	407.168	463.731	1,31
Conceição de Macabu	18.782	21.211	1,22
São Fidélis	36.789	37.543	0,20
Cardoso Moreira	12.595	12.600	0,00
São Francisco de Itabapoana	41.475	41.354	-0,03

FONTE: IBGE (SIDRA, TABELA 136). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

#### 4.2.1 Aspectos econômicos: breves apontamentos

A Região Norte do estado do Rio de Janeiro possui grande riqueza do ponto de vista histórico, social, cultural e econômico, apesar da crise financeira recente<sup>115</sup>. De acordo com Silva e Carvalho (2004, p. 27) “foi uma das primeiras em que se desenvolveram atividades econômicas, desde o limiar do processo de colonização do país”, passando pela pecuária de corte e leiteira, economia agro-açucareira, produção de café, até chegar à atividade petrolífera que movimentou a economia nas últimas décadas.

A produção açucareira conferiu prestígio nacional à Região Norte Fluminense, principalmente ao município de Campos, centro econômico da região. Silva e Carvalho (2004, p. 63) afirmam que Campos foi o “município de maior produção de açúcar do Brasil”. A produção era grande para atender à demanda da então capital (ou corte) que se localizava a quase 300 km de distância: o Rio de Janeiro. Silva e Carvalho (2004, p. 51) também destacam

<sup>115</sup> Para maiores detalhes, informações e reflexões sobre diversas perspectivas da Região Norte Fluminense, principalmente sobre sua rica história, situação atual e possibilidades futuras, consultar as coletâneas de textos organizadas por Pessanha e Neto (2004), Carvalho e Totti (2006) e Bernardes e Silva (2014).

o uso da energia elétrica, em 1883, como “marco representativo da prosperidade e do progresso técnico” em Campos. Até então, nenhuma cidade da América Latina havia utilizado o serviço de iluminação pública por eletricidade. Os autores apontam que é possível caracterizar três ciclos econômicos na região ao longo do tempo:

O primeiro ocorrido no século XIX (1880-1890), que foi impulsionado pela produção açucareira com base nas usinas a vapor; o segundo, que se definiu na primeira metade do século XX (1920-1960), determinado pelos investimentos que contribuíram para a consolidação do parque industrial sucroalcooleiro da região, com plantas de grande porte e economia de escala; e o terceiro grande ciclo expansivo, que se iniciou no final do século XX, impulsionado pelos investimentos da indústria petrolífera na Bacia de Campos (SILVA; CARVALHO, 2004, p. 27-28).

Desde a descoberta e exploração de petróleo, na década de 1950, essa atividade extrativa ganhou papel de destaque na região. A bacia de Campos, que se estende das proximidades do município de Vitória/ES até Arraial do Cabo, no litoral norte do estado do Rio de Janeiro, já foi a maior produtora de petróleo do Brasil, correspondendo, em 2014, a 71% da produção nacional (ANP, 2015), conferindo aos municípios localizados nas áreas de produção, grandes vantagens orçamentárias com o recebimento de *royalties* e participações especiais. Alguns municípios, inclusive, usavam esses recursos oferecendo bolsas de estudo e meios de transporte para seus munícipes cursarem o Ensino Superior em Campos.

A produção, porém, tem perdido espaço com a crise que atingiu o setor petrolífero, além da exploração da camada pré-sal na bacia de Santos (que aumentou a produção nesta área). Sendo assim, em 2018, a produção de petróleo na bacia de Campos representou 44% de todo óleo produzido no país, de acordo com dados do anuário estatístico divulgado pela ANP (2019). Uma grande diminuição em pouco tempo que preocupa gestores públicos e pesquisadores mediante diminuição da arrecadação dos municípios.

Além da diminuição da produção, propriamente dita, outro ponto de inquietação está na possibilidade de distribuição dos recursos recebidos por *royalties* e participações especiais entre todos os municípios e estados do Brasil, com base na Lei 12.734/12, conhecida como lei de Partilha, o que diminuirá consideravelmente a receita nos municípios produtores que hoje recebem esses recursos. Os gestores dos municípios petrorrentistas não aproveitaram o tempo áureo da produção na região para investir em outras atividades e constituir fundos, o que acarretou nessa grande e preocupante dependência do setor petrolífero. A questão seria julgada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em abril de 2020, mas o processo foi retirado



do calendário de julgamentos por tempo indeterminado, devido às demandas ocasionadas pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19).

Atualmente, o setor portuário tem sido apontado como possível novo vetor de desenvolvimento econômico para a região, com a presença do complexo porto-indústria Porto do Açú, no município de São João da Barra, vizinho à Campos. Em operação desde 2014, o Porto do Açú conta com nove terminais, divididos em setores *offshore* e *onshore*, em uma área total de 130 km<sup>2</sup>. Movimenta cargas como granéis sólidos e líquidos, minério de ferro, petróleo e cargas gerais. Em maio de 2018, o terminal multicargas atingiu o marco de um milhão de toneladas movimentadas. De acordo com a Prumo Logística Global, empresa responsável pela gestão do empreendimento, o: “Porto do Açú está se tornando o maior hub energético do Brasil, integrando polos de petróleo, gás, indústria naval e petroquímica” (PRUMO LOGÍSTICA GLOBAL, 2019).

Os efeitos multiplicadores dessas atividades fomentam o crescimento de outros setores. Para seu pleno funcionamento, necessitam de mão de obra altamente qualificada que, por vezes, vem de outros estados e até países. Como afirmam Santos e Silveira (2000):

É na produção e funcionamento de um espaço impregnado de técnica, ciência e informação que a qualificação das pessoas se torna decisiva e as demandas pelo ensino são crescentes. O período atual exige, mais do que os anteriores, camadas de população letrada, apta a desenvolver as atividades modernas e hegemônicas (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 10).

Nesse sentido, Campos, como centro regional histórico e atual, tornou-se polo comercial e de serviços diversos, entre eles, os educacionais, que atendem à demanda por qualificação da indústria petrolífera e agora, da portuária.

Os serviços educacionais oferecidos também movimentam a economia local e até regional. Como salientaram Fusco e Ojima (2017), os estudantes são acompanhados de trabalhadores do setor: professores, técnicos administrativos e demais funcionários das IES também circulam pelo município, pagam aluguéis, consomem serviços de alimentação, cultura e lazer, fazem compras, entre outros. Como também destacam Santos e Silveira (2000):

A educação é um bem a ser consumido, e esse consumo é cada vez mais produtivo. A educação e as atividades que lhe são ligadas, direta ou indiretamente, desempenham um papel na geração da riqueza local, justificando, de um ponto de vista econômico e não apenas cívico ou

cultural, o legítimo interesse das administrações municipais em sua instalação e desenvolvimento (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 60).

Para estimar a atuação do setor educacional na economia do município, buscou-se o quantitativo dos empregos formais por setores de atividade na Região Norte Fluminense, em dezembro de 2019, por meio da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), que é o registro administrativo do Ministério do Trabalho e Emprego, contendo dados sobre o número de empregados e estabelecimentos em cada setor de atividade e região geográfica (Tabela 7).

TABELA 7 - EMPREGO FORMAL POR SETORES DE ATIVIDADE NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE - DEZEMBRO DE 2019

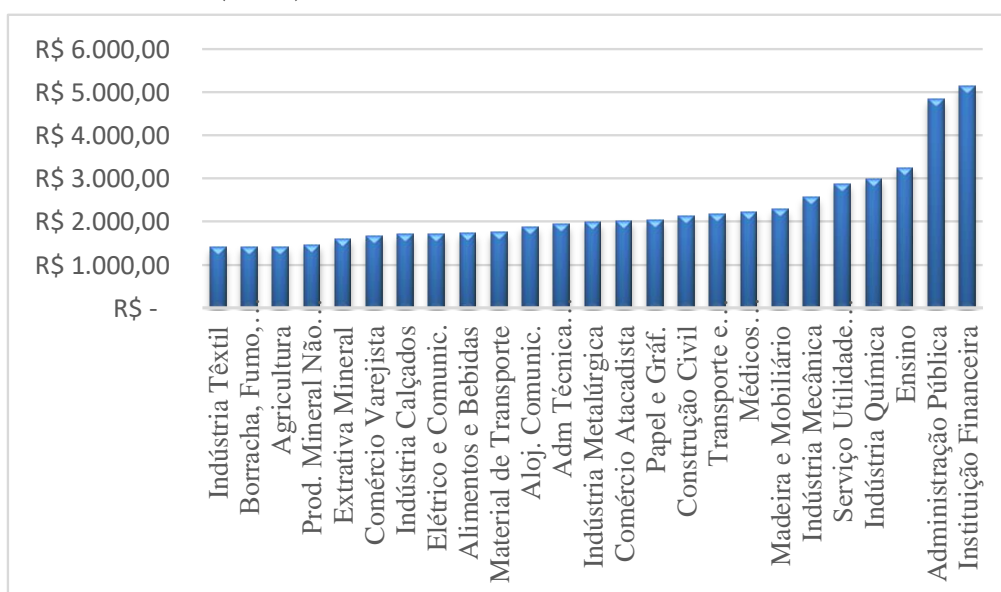
Subsetor (IBGE)	Carapebus	Campos dos Goytacazes	Cardoso Moreira	Conceição de Macabu	Macaé	Quissamã	São Francisco de Itabapoana	São Fidélis	São João da Barra
Extrativa Mineral	0	156	32	2	20.993	4	58	28	282
Prod. Mineral Não Metálico	1	2.011	49	5	63	0	0	22	127
Indústria Metalúrgica	45	280	0	6	684	3	0	5	16
Indústria Mecânica	6	266	0	6	7.153	0	0	1	3
Elétrico e Comunic	0	20	3	0	2	0	2	0	5
Material de Transporte	6	196	0	1	2.799	0	1	39	71
Madeira e Mobiliário	3	318	0	0	26	0	1	9	9
Papel e Gráf	0	126	0	1	55	3	2	10	8
Borracha, Fumo, Couros	0	96	0	3	222	0	0	0	0
Indústria Química	0	289	0	1	102	0	0	0	405
Indústria Têxtil	3	259	3	0	54	2	1	0	2
Indústria Calçados	0	14	0	0	1	0	0	0	0
Alimentos e Bebidas	1	3.119	4	61	5.115	165	106	196	241
Serviço Utilidade Pública	16	1.316	0	0	598	31	5	1	112
Construção Civil	19	3.196	9	4	11.899	39	24	67	4.528
Comércio Varejista	152	20.232	200	470	10.692	363	874	988	746
Comércio Atacadista	8	3.138	116	23	1.760	0	88	222	31
Instituição Financeira	9	1.649	13	35	921	32	63	69	54
Adm Técnica Profissional	28	6.916	16	28	16.269	41	65	109	1.640
Transporte e Comunicações	303	3.881	17	160	14.189	70	44	216	1.847
Aloj Comunic	87	7.804	52	333	5.872	72	63	311	482
Médicos Odontológicos Vet	1	6.459	6	437	3.401	241	35	197	239
Ensino	5	6.394	11	90	3.222	83	54	192	171
Administração Pública	1.855	17.177	958	810	15.894	2.342	1.595	2.025	3.349
Agricultura	52	1.785	172	157	397	126	657	264	101
<b>Total</b>	<b>2.600</b>	<b>87.097</b>	<b>1.661</b>	<b>2.633</b>	<b>122.383</b>	<b>3.617</b>	<b>3.738</b>	<b>4.971</b>	<b>14.469</b>

FONTE: BRASIL/RAIS (2019). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

O município de Campos é o que tem o maior número de empregados no setor de ensino, contando com 6.394 trabalhadores nessa área, no período citado. O setor educacional corresponde a 7,3% do total de empregos formais do município e está em 6º lugar com relação ao quantitativo de empregados, entre os 25 subsetores de atividades classificados pelo IBGE, gerando emprego e renda. O setor que mais emprega no município é o comércio varejista, que tem forte tradição no município como visto na Tabela 7.

Com relação aos valores recebidos pelos trabalhadores, verificou-se a remuneração média nominal (R\$) em 31/12/2019 dos trabalhadores de Campos dos Goytacazes por setor de atividade estabelecido pelo IBGE (Figura 12). Entre os 25 subsetores listados, a maior renda média ficou com os trabalhadores de instituições financeiras (R\$5.138,87), seguido da área de Administração Pública (R\$4.830,14) e do setor do Ensino (R\$3.250,67). Ou seja, os trabalhadores do setor de ensino receberam a terceira maior remuneração média no referido período no município, o que demonstra o forte poder de compra dessa classe e como o setor educacional, apenas pelos seus trabalhadores, tem potencial para movimentar a economia do município. A instituição UENF sozinha, movimentou no mês de junho de 2021, aproximadamente 14 milhões de reais somente em pagamentos com pessoal e encargos sociais, de acordo com o portal da transparência. Esse elevado valor mensal, que contribui com a economia do município, foi confirmado pelo setor de recursos humanos da instituição.

FIGURA 12 - REMUNERAÇÃO MÉDIA NOMINAL (R\$) DOS TRABALHADORES POR SETOR DE ATIVIDADE (IBGE) - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 31/12/2019



FONTE: BRASIL/RAIS (2019). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A educação superior no município movimenta também o mercado imobiliário com os aluguéis de imóveis para estudantes, que são considerados nichos de mercado. Como esse setor foi fortemente afetado pela pandemia a partir de 2020, foi feito contato via e-mail com 21 imobiliárias do município a fim de investigar a influência da pandemia nos alugueis. Duas delas responderam, informando que os estudantes ocupam um espaço significativo nas locações de imóveis: “Até o meado do ano de 2020 os Estudantes correspondiam em até 60% dos imóveis locados. Esses dados caíram praticamente para 10% entre o segundo semestre de 2020 e primeiro semestre de 2021”, informou a imobiliária Meta Imóveis. O percentual pode ser ainda maior já que, muitas vezes, são os pais dos estudantes que realizam a visita e fechamento de contrato para seus filhos, influenciando na identificação final do locatário. A diminuição dos contratos não foi maior, segundo a imobiliária Novo Espaço, devido à indefinição de quando as aulas retornariam e diante dos custos com mudança, multas contratuais, e outros.

Os apartamentos são os tipos de imóveis mais procurados por esse público e os bairros mais procurados são o eixo central e os bairros que ficam nas proximidades das universidades como: Horto, Parque São Caetano e Parque Santo Amaro. Ainda de acordo com a Meta Imóveis, os aluguéis de estudantes movimentam, em média R\$1.000,00 a R\$1.500,00 mensal para cada imóvel, incluindo condomínio e despesas.

Nesse sentido, é possível dizer que as oportunidades educacionais dispostas na Região Norte Fluminense, principalmente no município de Campos dos Goytacazes, contribuem com a economia local e regional. Santos e Silveira (2000, p. 59) destacam que “a posse ou não da função educacional tornou-se um dado importante das desigualdades regionais”, de acordo com a distribuição da oferta de maneira irregular no território.

#### **4.2.2 Centralidade, Deslocamentos e Tipologias: Classificações do IBGE**

De acordo com o IBGE (2017a, p. 21), “A ampliação dos fluxos no espaço geográfico, proveniente da diversificação dos processos na pós-modernidade, gera uma divisão territorial cada vez mais complexa”, o que leva ao órgão discutir constantemente as dinâmicas e formas de divisões regionais e hierarquias urbanas, como forma de contribuir com a análise da dinâmica territorial do país. As diversas publicações fazem parte de um “plano de pesquisas urbanas em desenvolvimento” (IBGE, 2017b, p.07).

Nesse sentido, alguns estudos específicos do IBGE acerca dessa temática no recorte espacial desta tese serão apresentados, a fim de identificar como a Região Norte Fluminense e

seus municípios polo (Campos e Macaé) são conhecidos pelo órgão oficial nacional e qual o papel deles na dinâmica urbana regional, exercendo atração populacional.

Em trabalho sobre a delimitação das Regiões de Influência das Cidades (REGIC) (IBGE, 2008), em que o IBGE trata sobre a hierarquia urbana dos centros urbanos do Brasil, o município de Campos dos Goytacazes foi classificado como Capital Regional, nível imediatamente abaixo das metrópoles e suas subdivisões (grande metrópole nacional, metrópole nacional e metrópole). Entre as subdivisões desse nível (A, B e C), Campos é uma das 39 cidades do grupo Capital Regional C. O município de Macaé, por sua vez, foi classificado com Centro sub-regional A, nível imediatamente posterior ao Capital Regional C, ocupado por Campos.

A cidade de Campos também foi considerada pela REGIC como uma das 40 Áreas de Concentração de População (ACPs), que correspondem a “grandes manchas urbanas de ocupação contínua, caracterizadas pelo tamanho e densidade da população, pelo grau de urbanização e pela coesão interna da área, dada pelos deslocamentos da população para trabalho ou estudo” (CASTELLO BRANCO, 2006 apud IBGE 2008, p. 11). No estado do Rio de Janeiro, são apenas três áreas com essa classificação: Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes e Volta Redonda–Barra Mansa.

Recentemente esse quadro de referência da rede urbana brasileira foi atualizado, com a publicação da REGIC 2018 (IBGE, 2020b). Novas centralidades surgiram e outras permaneceram. O município de Campos dos Goytacazes permaneceu classificado como Capital Regional C, agora ao lado de outros 63 municípios nessa mesma categoria. O interior do estado se destacou no nível de gestão territorial: entre os 1117 centros de gestão do território no país, os arranjos populacionais de Campos, Macaé e Cabo Frio ficaram no segundo nível de centralidade na gestão do território, englobando as categorias pública e empresarial conjuntamente. Esse fato demonstra a importância da região no contexto estadual e nacional, por meio do estabelecimento de redes e relações com diversos locais.

O município de Campos foi destaque principalmente em relação à centralidade definida especificamente por deslocamentos para cursar ensino superior, estando na 14ª colocação no ranking nacional, como é possível ver na figura 13. Ou seja, o município exerce grande atração para esse tipo de serviço.

FIGURA 13 - CIDADES COM CENTRALIDADE DEFINIDA ESPECIFICAMENTE POR DESLOCAMENTOS PARA CURSAR ENSINO SUPERIOR - BRASIL - 2018

Ranking	Cidades	Centralidade temática (IAT - IA)	Ranking	Cidades	Centralidade temática (IAT - IA)
1	AP Sobral/CE	648 131,2	16	AP São Carlos/SP	288 771,1
2	AP Viçosa/MG	549 446,7	17	AP Pelotas/RS	276 210,2
3	AP Santa Maria/RS	479 954,9	18	AP Patos/PB	268 872,0
4	Paripiranga (BA)	460 703,2	19	Montes Claros (MG)	262 483,3
5	AP São Luis/MA	411 765,7	20	Vitória de Santo Antão (PE)	259 093,9
6	AP Juiz de Fora/MG	380 973,3	21	AP São João del Rei/MG	246 153,1
7	Ouro Preto (MG)	330 698,9	22	Quixadá (CE)	245 426,7
8	Alfenas (MG)	315 485,8	23	Feira de Santana (BA)	239 289,7
9	AP Campina Grande/PB	313 906,3	24	AP Teresina/PI	236 434,0
10	AP Maringá/PR	312 947,6	25	AP Itaúna/MG	227 185,2
11	Caruaru (PE)	304 333,4	26	Castanhal (PA)	226 731,7
12	Manaus (AM)	298 778,5	27	AP Aracaju/SE	220 526,5
13	Cajazeiras (PB)	295 595,5	28	Anápolis (GO)	213 860,4
14	AP Campos dos Goytacazes/RJ	291 631,0	29	AP Araraquara/SP	213 504,2
15	Itabuna (BA)	289 410,1	30	AP Itu - Salto/SP	207 946,1

FONTE: IBGE (2020B, p. 98).

Além do nível de influência das cidades, o estudo da mobilidade populacional na região se justifica também pelo grande volume de deslocamentos realizados. Em estudo publicado em 2016, o IBGE utiliza os dados de movimento pendular para trabalho e estudo e de conurbação para designar um novo conceito no relacionamento entre municípios: os *arranjos populacionais*. O deslocamento diário de mais de nove mil indivíduos chamou a atenção do IBGE que trata como um "caso especial" o arranjo existente entre alguns municípios que fazem parte da Região Norte Fluminense e Baixadas Litorâneas, considerando como formas urbanas a serem acompanhadas no cenário futuro:

O Arranjo de "Macaé – Rio das Ostras/RJ" também possui forte ligação com o do "Rio de Janeiro/RJ", alcançando 12 779 pessoas, das quais 81,9% deslocam-se somente a trabalho. No leste fluminense, as ligações entre o Arranjo de "Macaé – Rio das Ostras/RJ" com "Cabo Frio/RJ" e com "Campos dos Goytacazes/RJ" também são significativas, superando 9 000 pessoas em cada ligação. Mais especificamente, entre "Macaé – Rio das Ostras/RJ" e "Campos dos Goytacazes/RJ", a ligação é, majoritariamente, para trabalho (86,1%); com "Cabo Frio/RJ", no entanto, há uma significativa participação do estudo (26,5%) (IBGE, 2016, p. 67).

A movimentação entre os arranjos Campos dos Goytacazes/RJ e Macaé - Rio das Ostras/RJ, é considerado o quinto maior deslocamento do Brasil, entre os casos especiais a serem observados, com 9.100 pessoas circulando entre os municípios. Já o arranjo Macaé - Rio das Ostras/RJ e Rio de Janeiro/RJ, é o segundo maior (13.239), porém bem próximo do primeiro, que é o eixo Rio - São Paulo que apresenta 13.530 pessoas que se deslocam para trabalhar ou estudar. Esse fato merece destaque uma vez que os fluxos populacionais da

região perdem apenas para o grande eixo econômico do país (Rio-São Paulo), entre os casos especiais que foram identificados pelo estudo do IBGE por representarem tendências ou aspectos relevantes da urbanização brasileira.

Já que estamos falando da Região Norte Fluminense e do papel de Campos como um dos municípios-polo, é interessante salientar que o IBGE publicou em 2017 uma atualização do quadro regional do Brasil, propondo uma nova divisão regional do país, que era organizado desde 1990 em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas. No estudo atual, as mesorregiões e microrregiões receberam os nomes de Regiões Geográficas Intermediárias e Regiões Geográficas Imediatas, respectivamente.

Na nova regionalização, o estado do Rio de Janeiro foi dividido em cinco Regiões Intermediárias (Rio de Janeiro, Volta Redonda-Barra Mansa, Petrópolis, Campos dos Goytacazes, Macaé-Rio das Ostras-Cabo Frio), e não mais em seis mesorregiões geográficas como até então era utilizado (Noroeste, Norte, Centro, Baixadas, Sul e Metropolitana). Na prática, apesar de indicar que o uso da nova regionalização fica a critério do usuário, para o IBGE, o nome Região Norte Fluminense é suprimido, sendo seus municípios divididos entre as regiões Intermediárias de “Campos dos Goytacazes”, composta por 18 municípios e “Macaé-Rio das Ostras-Cabo Frio”, com 12 municípios.

Os nomes das regiões geográficas intermediárias e imediatas foram definidos de acordo com a hierarquia urbana, a partir da presença de polos articuladores em seus territórios, ou seja, cidades que tenham maior hierarquia urbana, funções urbanas de maior complexidade, podendo ser um município isolado ou: “No caso de o polo de maior hierarquia urbana ser composto por um arranjo populacional, utilizou-se o nome desse recorte” (IBGE, 2017, p. 34). Sendo assim, nessa nova regionalização, Campos dos Goytacazes corresponde ao nome de uma região intermediária, subdividida em outras três regiões imediatas (Figura 14), o que demonstra o papel central do município na região.

FIGURA 14 - DIVISÃO REGIONAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM REGIÕES GEOGRÁFICAS INTERMEDIÁRIAS E REGIÕES GEOGRÁFICAS IMEDIATAS - 2017

Estado	Região Geográfica Intermediária	Região Geográfica Imediata	Número de municípios por Região Geográfica
33 - Rio de Janeiro	3301 - Rio de Janeiro	330001 - Rio de Janeiro	26
		330002 - Angra dos Reis	21
		330003 - Rio Bonito	2
	3302 - Volta Redonda-Barra Mansa	330004 - Volta Redonda-Barra Mansa	3
		330005 - Resende	17
		330006 - Valença	8
	3303 - Petrópolis	330007 - Petrópolis	4
		330008 - Nova Friburgo	11
		330009 - Três Rios-Paraíba do Sul	4
	3304 - Campos dos Goytacazes	330010 - Campos dos Goytacazes	18
		330011 - Itaperuna	6
		330012 - Santo Antônio de Pádua	7
	3305 - Macaé - Rio das Ostras - Cabo Frio	330013 - Cabo Frio	5
		330014 - Macaé - Rio das Ostras	12
		6	

FONTE: IBGE (2017, p. 46, ADAPTADO).

Apesar de ser uma região com atividades econômicas que envolvem vultosos recursos financeiros, a região também apresenta desigualdades sociais e econômicas, como acontece no país como um todo. Diante das diferentes características socioeconômicas das concentrações urbanas brasileiras, o IBGE elaborou uma classificação das condições de vida da população em onze tipos intraurbanos (de A até K), variando de boas, médias, baixas, baixíssimas e precárias condições de vida da população. De acordo com o instituto, a finalidade deste estudo é: “investigar a vertente intraurbana, de modo a contribuir e aprofundar o conhecimento segundo a diversidade socioeconômica e de infraestrutura nas áreas residenciais. A análise empreendida foca nas 63 maiores Concentrações Urbanas do País” (IBGE, 2017b, p. 08).

As Grandes Concentrações Urbanas classificadas pelo IBGE correspondem aos Arranjos Populacionais e alguns municípios isolados. Além das 63 Concentrações Urbanas, foram selecionadas também outras duas capitais para esse estudo (Palmas/TO e Boa Vista/RR).

Foi construída uma tipologia baseada em dados censitários (Censo 2010) para identificar a melhor e a pior qualidade de vida da população, baseada em informações como: coleta de lixo, distribuição de água, quantidade de moradores por dormitório, presença de máquina de lavar, presença de computador com internet, nível de instrução, rendimento domiciliar *per capita*, entre outros.



No estado do Rio de Janeiro, seis Concentrações Urbanas foram investigadas: Campos dos Goytacazes, Cabo Frio, Macaé - Rio das Ostras, Petrópolis, Rio de Janeiro e Volta Redonda - Barra Mansa. Campos apresentou a maior parte da população classificada entre os tipos intraurbanos H e J (baixas e baixíssima qualidade de vida), seguido pelo E e pelo D (média e boa qualidade de vida) o que, segundo o IBGE (2017b, p. 70), correspondem a áreas de “centros regionais de articulação urbana em seus estados”, ou seja, áreas de exercem uma certa centralidade. De acordo com a forma, Campos foi classificada como: Zonal, espalhada, condicionada pelo rio e alinhada.

Macaé, por sua vez, apresentou a forma litorânea e litorânea de veraneio. O estudo destaca a Concentração Macaé-Rio das Ostras pela presença de economia petrolífera e identifica que a maior parte da população do arranjo está classificada nos tipos H e D (baixa e boa qualidade de vida), principalmente. Desse modo, de acordo com a classificação proposta, é possível perceber que a população da Concentração Macaé-Rio das Ostras apresentou uma melhor qualidade de vida do que a maioria da população do arranjo Campos dos Goytacazes, a partir dos tipos intraurbanos levantados (Tabela 8).

TABELA 8 - PERCENTUAL DA POPULAÇÃO DAS CONCENTRAÇÕES URBANAS POR TIPO INTRAURBANO - REGIÃO NORTE FLUMINENSE - 2010

Concentração Urbana	Pessoas por tipo intraurbano de condições de vida (%)											Total
	Boa				Média		Baixa		Baixíssima		Precária	
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	
Campos dos Goytacazes/RJ	0	0	0	14,3	15,9	3,2	12,7	30,5	0	23,3	0	100,0
Macaé - Rio das Ostras/RJ	0	0	0	26,4	14,4	6,6	11,4	41,3	0	0	0	100,0

FONTE: IBGE (2017B). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Percebe-se assim, que, apesar das desigualdades existentes, a Região Norte Fluminense e principalmente os seus municípios polo (Campos e Macaé), tem adquirido espaço nas publicações e análises do IBGE acerca da dinâmica econômica e regional do país, demonstrando sua dinamicidade e importância no cenário local, estadual e, inclusive, nacional.

### 4.3 Oportunidades Educacionais

A Região Norte Fluminense, principalmente o município de Campos dos Goytacazes, é reconhecida pela grande quantidade de instituições de ensino superior que ofertam diversos cursos de graduação e pós-graduação. Nas próximas seções, serão levantados alguns aspectos

referentes a essas oportunidades educacionais: histórico de instalação das instituições, quantidade de matrículas, deslocamentos para estudo, perfil dos estudantes, tipos de cursos, entre outros.

#### 4.3.1 Histórico de instalação das IES

A organização do Ensino Superior no país teve como base a instalação de escolas de formação básica para atender as elites locais da época que, após se instalarem no Brasil, perderam o acesso às instituições de ensino europeias. Ou seja, como afirma Bortolanza (2017, p. 06), “O ensino superior brasileiro foi precedido por escolas para formação profissional”, que posteriormente se tornaram faculdades e universidades. Dessa maneira também aconteceu na Região Norte Fluminense. Especificamente no município de Campos dos Goytacazes, as primeiras escolas de formação básica instaladas ainda no século XIX, continuam abrigando cursos atualmente, inclusive com cursos superiores em alguns casos, como no ISEPAM (Figura 15), implantado em 1894, IFF (1909), FABERJ (1914) e ISECENSA (1925) (Figura 16).

FIGURA 15 - INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR ALDO MUYLEAERT - CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ - 1967



FONTE: [HTTPS://CIDADES.IBGE.GOV.BR/BRASIL/RJ/CAMPOS-DOS-GOYTACAZES/HISTORICO](https://CIDADES.IBGE.GOV.BR/BRASIL/RJ/CAMPOS-DOS-GOYTACAZES/HISTORICO). ACESSO EM: 21/08/19.

FIGURA 16 - COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA - CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ - 1948



FONTE: [HTTPS://CIDADES.IBGE.GOV.BR/BRASIL/RJ/CAMPOS-DOS-GOYTACAZES/HISTORICO](https://CIDADES.IBGE.GOV.BR/BRASIL/RJ/CAMPOS-DOS-GOYTACAZES/HISTORICO). ACESSO EM: 21/08/19.

A primeira instituição educacional implantada no município foi o Liceu de Humanidades de Campos, em 1880, seguida da Escola Normal de Campos em 1894 (CRESPO, 2009), que abriga atualmente o ISEPAM, com seu curso superior em Pedagogia e outros cursos da educação básica. O Liceu continua com atividades escolares atualmente, dando nome a uma escola básica da rede estadual de educação, atendendo alunos do nível fundamental (2º segmento) e médio, além de atividades de extensão.

Em 1909, foi criada outra importante instituição em Campos, chamada Escola de Aprendizes Artífices. Esse modelo de escola, destinada ao ensino profissional gratuito para qualificar os trabalhadores das classes mais populares, foi pensado para se instalar nas capitais dos estados brasileiros, onde a população estava em crescimento e demandava por qualificação para ocupar vagas de empregos nos espaços urbanos. Assim foi feito, a única exceção foi o estado do Rio de Janeiro, onde a escola não foi implantada na capital, mas sim no interior, em Campos, cidade natal do então presidente Nilo Peçanha, que assinou o decreto de criação<sup>116</sup>. Entre os motivos para a não implantação na capital do RJ estão os interesses políticos e articulações das elites locais à época. De todo modo, Campos nesse início de século estava passando pelo período de modernização urbana, inclusive com a inauguração dos bondes movidos à energia elétrica em 1910, além do desenvolvimento da indústria sucroalcooleira, portanto, tinha grande influência regional e fortes articulações políticas.

Desde esse período, a presença dessa instituição em Campos tem uma grande importância para a região. Atualmente, após diversas transformações e reestruturações, a Escola de Aprendizes Artífices de Campos se tornou o Instituto Federal Fluminense (IFF),

---

<sup>116</sup> Decreto nº 7.566/1909.

que é a Instituição de Ensino Superior do município que apresenta o maior quantitativo de alunos matriculados.

Com relação à graduação, o primeiro curso superior de Campos foi oferecido pela UNIFLU, uma instituição privada. Trata-se do curso de Direito, fundado em 1960 que até os dias atuais se mantém em destaque na instituição, devido a sua grande tradição.

Já com relação às IES públicas, a primeira a oferecer curso superior no município foi a UFF, com o curso único de Serviço Social. A instituição foi criada em 1960 com o nome de Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ), incorporando algumas instituições federais, estaduais e particulares da época:

Originou-se da incorporação das Escolas Federais de Farmácia, Odontologia e Direito (1912), Medicina (1926) e Medicina Veterinária (1936); agregou outras cinco, das quais três eram estaduais, a saber: Enfermagem (1944), Serviço Social (1945), Engenharia (1952), e outras duas, particulares, Ciências Econômicas (1942) e Filosofia (1947).

Após as incorporações e a federalização, passou a se chamar Universidade Federal Fluminense (UFF). A Instituição está presente na região Norte do estado desde 1962, quando foi criado o curso de Serviço Social, ainda vinculado à Escola de Serviço Social de Niterói, atingindo a condição de departamento *a posteriori*. Esse foi o único curso superior gratuito na região por décadas. A sede própria da unidade acadêmica UFF Campos foi adquirida em 1975, já a criação do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), nomenclatura atual da UFF em Campos, aconteceu em 1999, atendendo às novas demandas que surgiam. Atualmente, o ESR oferta nove cursos: Serviço Social, Ciências Sociais, (licenciatura e bacharelado), Ciências Econômicas, História (licenciatura e bacharelado), Psicologia e Geografia (licenciatura e bacharelado).

O Quadro 7 apresenta o ano de criação das Instituições, de abrangência geográfica nacional, em qualquer nível educacional, assim como o ano em que a IES começou a atuar com cursos de graduação no município de Campos. São Instituições de grande porte que atendem milhares de alunos em seus variados cursos. Algumas originárias e exclusivas de Campos, outras criadas em diferentes cidades e transferidas para Campos, e ainda, grandes grupos privados de ensino, como o Estácio, por exemplo, que tem sede em várias cidades do Brasil.

QUADRO 7 - INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR - INÍCIO DE FUNCIONAMENTO (GERAL E GRADUAÇÃO EM CAMPOS), POR LOCAL DE ORIGEM E FONTE DAS INFORMAÇÕES

Instituição	Criação da 1ª unidade	Início graduação em Campos	Origem em Campos?	Fonte das informações (site oficial da IES e outros)
IFF	1909	1998	Sim	<a href="http://portal1.iff.edu.br/desenvolvimento-institucional/arquivos/pdi-2018-2022-com-resolucao-menor.pdf">http://portal1.iff.edu.br/desenvolvimento-institucional/arquivos/pdi-2018-2022-com-resolucao-menor.pdf</a>
UFF	1960	1962	Não	<a href="http://www.campos.uff.br/index.php/institucional/">http://www.campos.uff.br/index.php/institucional/</a>
UENF	1991	1993	Sim	<a href="http://www.uenf.br/portal/index.php/br/historia-da-uenf.html">http://www.uenf.br/portal/index.php/br/historia-da-uenf.html</a>
ISEPAM	1895	2001	Sim	Cartão Postal comemorativo Institucional (2010) <a href="http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/res/trab_1059.htm">http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe6/anais_vi_cbhe/conteudo/res/trab_1059.htm</a>
ESTACIO	1970	2000	Não	<a href="http://portal.estacio.br/unidades/universidade-est%C3%A1cio-de-s%C3%A1/campi/rj/campos-dos-goytacazes/campos-dos-goytacazes/Secretaria%20acad%C3%AAmica%20da%20IES">http://portal.estacio.br/unidades/universidade-est%C3%A1cio-de-s%C3%A1/campi/rj/campos-dos-goytacazes/campos-dos-goytacazes/Secretaria acadêmica da IES</a>
UCAM	1902	1975	Não	<a href="https://www.ucam-campos.br/institucional/Documento%20recebido%20por%20e-mail%20(dia%2026/07/2019)">https://www.ucam-campos.br/institucional/Documento recebido por e-mail (dia 26/07/2019)</a>
UNIVERSO	1976	1996	Não	<a href="https://universo.edu.br/a-universo/historico/">https://universo.edu.br/a-universo/historico/</a>
REDENTOR	1999	2012	Não	<a href="http://redentor.inf.br/institucional">http://redentor.inf.br/institucional</a> Secretaria acadêmica da IES
ISECENSA	1925	2002	Não	<a href="http://www.isecensa.edu.br/quem-somos/mantenedora">http://www.isecensa.edu.br/quem-somos/mantenedora</a>
FABERJ	1914	2015	Não	<a href="http://www.faberj.edu.br/historia/">http://www.faberj.edu.br/historia/</a>
UNIFLU	1960	1960	Sim	<a href="https://www.uniflu.edu.br/historia">https://www.uniflu.edu.br/historia</a>
FMC	1934	1967	Sim	<a href="http://www.fmc.br/historico-fmc/">http://www.fmc.br/historico-fmc/</a>

FONTE: CONTATO VIA TELEFONE, E-MAIL E SITE OFICIAL DAS INSTITUIÇÕES (2019). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

De acordo com os dados do Censo da Educação Superior (variável “DT\_INICIO\_CURSO”), é possível identificar os primeiros cursos de cada IES, assim como a data de início de funcionamento em Campos (Quadro 8). Pode-se observar que em algumas IES, as datas que constam no censo não condizem com as informações das próprias IES. A diferença pode estar no fato da data de início efetivo do curso ser diferente da data do reconhecimento do curso pelo MEC. Além disso, cursos já extintos podem não ser mais registrados pelas IES nos censos atuais. Esse parece ser o caso do Curso Normal Superior, no ISEPAM, que iniciou em 2001 (1º curso superior da IES), mas foi extinto em 2009, quando iniciou o curso de Pedagogia que continua até hoje.

QUADRO 8 - INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR - INÍCIO DE FUNCIONAMENTO NA GRADUAÇÃO (GERAL E EM CAMPOS) E CURSOS INICIAIS

Instituição	Início de funcionamento com graduação (Censo 2018)	Início de funcionamento com graduação (Levantamento pessoal)	Curso(s) inicial(s)
IFF	2000	1998	Ciências da natureza Manutenção industrial
UFF	1969	1962	Serviço Social
UENF	1993	1993	Medicina veterinária Ciências biológicas Engenharia civil Engenharia metalúrgica Agronomia Engenharia de petróleo
ISEPAM	2009	2001	Pedagogia
ESTACIO	1997	2000	Direito
UCAM	1976	1975	Administração Ciências contábeis
UNIVERSO	1996	1996	Educação física Direito
REDENTOR	2012	2012	Engenharia Nutrição Marketing Enfermagem Serviço social Administração
ISECENSA	2002	2002	Administração Fisioterapia
FABERJ	2016	2015	Teologia
UNIFLU	1960	1960/1965	Direito
FMC	1967	1967	Medicina

FONTE: CONTATO VIA TELEFONE E E-MAIL; SITE OFICIAL DAS IES (2019) E INEP (2018). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

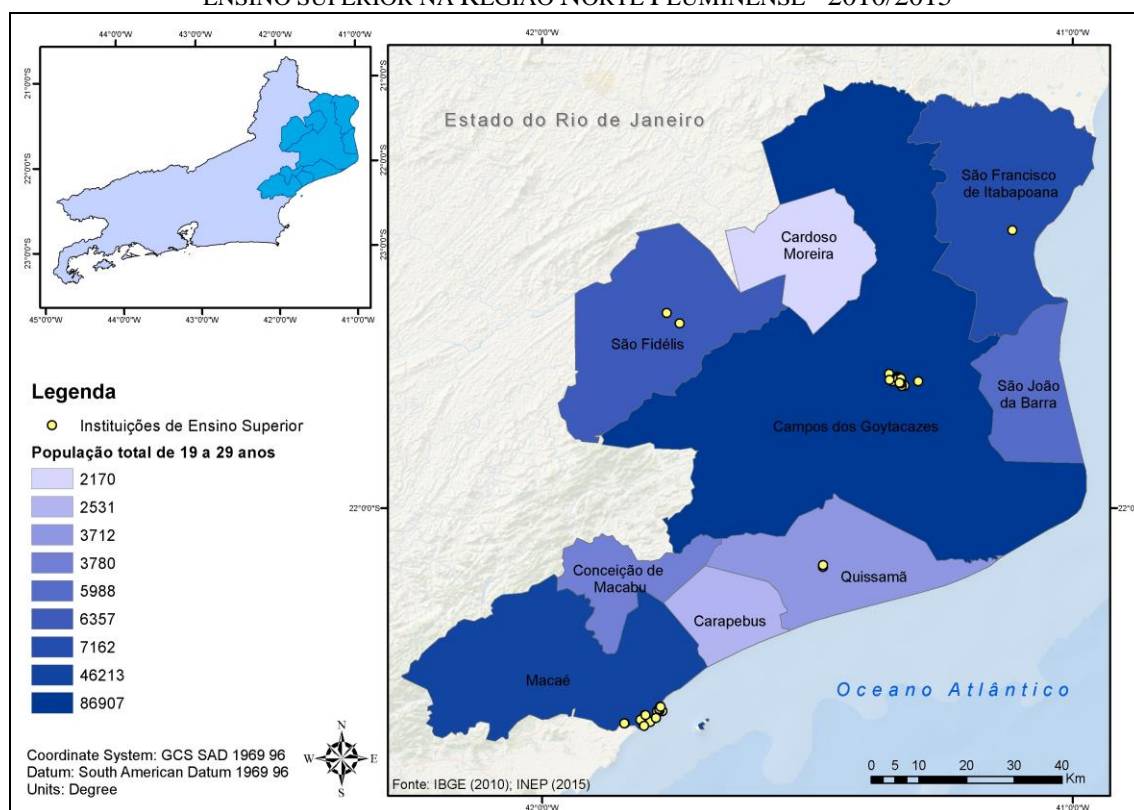
#### 4.3.2 Deslocamento para estudo

A presença de IES gera deslocamentos para estudo que podem atuar na remodelação do território e na dinâmica das cidades, uma vez que as IES são localizadas de maneira irregular pelos municípios, conformando o que Santos e Silveira (2000) chamaram de seletividade sócio-territorial do processo educativo:

A heterogeneidade dos mapas de ofertas e a sua não concordância com a demanda efetiva levam a deslocamentos com motivação educativa. Segundo seus determinantes econômicos, políticos, culturais, as pessoas se movem no território, em busca daquela oferta educativa ausente no seu lugar de origem. Como esse deslocamento significa um custo, ele implica, também, uma seletividade sócio-territorial do processo educativo. Essa lógica do ensino cria, certamente, um movimento e uma remodelação no território (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 61).

A população de jovens entre 19 e 29 anos da Região Norte Fluminense, faixa de idade que predomina na busca pelo ensino superior, encontra-se mais concentrada nos municípios de Campos e Macaé, enquanto os municípios de Carapebus e Cardoso Moreira são os que apresentam as menores proporções de população nessa faixa etária. Quanto à localização das instituições, percebe-se que há uma concentração geográfica nos municípios de Campos e Macaé, com predominância do município de Campos, em sua área central (Figura 17).

FIGURA 17 - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA POPULAÇÃO DE 19 A 29 ANOS E DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE - 2010/2015



FONTE: TAVARES (2016, P. 61).

Essa irregularidade na distribuição da população e das Instituições de Ensino pelo território gera grande volume de deslocamentos para cursar o ensino superior presencial nos municípios onde a oferta é maior e mais diversificada. A concentração da oferta de cursos em determinados espaços possui causas históricas, socioeconômicas, políticas e até mesmo demográficas.

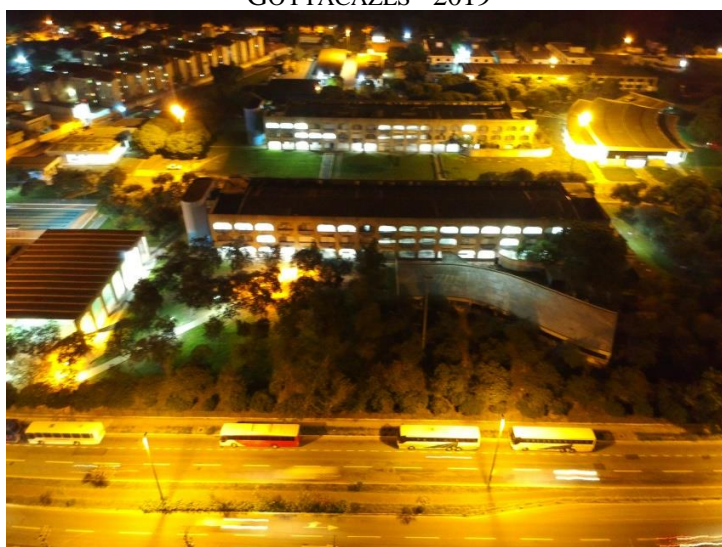
Como afirmam Santos e Silveira (2000, p. 63), “[...] se a oferta é limitada no espaço, isso também cria um problema para demanda, limitando as oportunidades de educação para os cidadãos com menor grau de acessibilidade, não apenas social, mas também geográfica”. Para tentar suprir essa lacuna, alguns municípios disponibilizam ônibus e vans que realizam o transporte diário de estudantes até as IES, principalmente para Campos dos Goytacazes, como

pode ser observado no trabalho de Oliveira e Azevedo (2018), que analisaram o papel do poder público na realização da mobilidade pendular intermunicipal para estudo, relacionado ao transporte estudantil. Ao investigar os deslocamentos entre São Fidélis e Campos, descobriu-se que, no ano de 2017, a prefeitura de São Fidélis disponibilizava nove ônibus que realizavam o transporte diário de 920 estudantes de cursos de nível médio, técnico e superior para as instituições presentes no município de Campos. O transporte gratuito, oferecido desde 2002 pelo município, foi regulamentado por meio de um decreto municipal em 2015, com vistas à organização do transporte escolar universitário. Santos e Silveira (2000, p. 35-36) destacam que esse é um exemplo de “ação pública destinada a atenuar as compartimentações”, uma vez que dependendo de seu local de moradia, o indivíduo pode ter maiores dificuldades em acessar determinados serviços.

Porém, nem todos os municípios oferecem tal apoio, fazendo com que estudantes busquem alternativas para se deslocarem até as instituições, como o fretamento de ônibus pelos próprios estudantes, que dividem as despesas resultantes desse transporte, como apontou Bersot (2019), ao analisar a mobilidade pendular dos residentes no município de Conceição de Macabu que estudam em Campos.

A presença de transporte universitário pode ser observada diariamente durante o período letivo em vários pontos da cidade de Campos, principalmente no período noturno, quando o fluxo é maior. As imediações da UENF estão entre os principais pontos de estacionamento dos ônibus que ficam aguardando o término das aulas para percorrer as universidades do entorno e retornar a seus municípios de origem (Figuras 18 e 19).

FIGURA 18 - ÔNIBUS ESTUDANTIS ESTACIONADOS EM FRENTE À UENF (VISTA AÉREA) – CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2019



FONTE: ACERVO PESSOAL. 13/03/2019, 19H41MIN.



FIGURA 19 - ÔNIBUS QUE TRANSPORTAM ESTUDANTES ESTACIONADOS EM FRENTE À UENF (VISTA TERRESTRE) - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2022



FONTE: ACERVO PESSOAL. 24/05/2022, 19H16MIN.

Em trabalho anterior (TAVARES, 2016) foi relatado o relevante fluxo de estudantes em direção à Campos dos Goytacazes. Considerando todos os níveis de ensino, 8.530 alunos entraram para estudar no município no ano de 2010, com origem até mesmo de outros estados do Brasil como, por exemplo: Bahia, Pernambuco, Minas Gerais e, principalmente, Espírito Santo. Esse quantitativo se refere a quem declarou no Censo 2010 frequentar escola (ou creche) em município diferente ao de sua residência, nesse caso, em Campos.

Ao analisar os dados regionais sobre os deslocamentos para estudo no Censo de 2010, é possível observar que a maior parte dos municípios da região apresenta um elevado percentual de estudantes que declararam frequentar curso superior em município diferente ao de sua residência. Cardoso Moreira e Conceição de Macabu apresentaram o maior percentual de 95,2% e 97,6% respectivamente. Muito provavelmente, o percentual restante se refere a graduandos desses municípios que estudam a distância ou a erros de declaração do entrevistado. Campos dos Goytacazes é o município com o menor percentual de estudantes móveis, com relação ao total de alunos (5,4%), seguido por Macaé (19,1%). Uma vez que as oportunidades se concentram em Campos e Macaé, é de se esperar que os deslocamentos para esses locais sejam bem maiores e que seus munícipes se desloquem menos para este fim. Além disso, o elevado quantitativo de alunos cursando graduação em Campos (12.612 no ano em questão), também influencia no resultado fazendo com que esse município apresente o menor percentual de deslocamentos para cursar ensino superior, conforme Tabela 9.

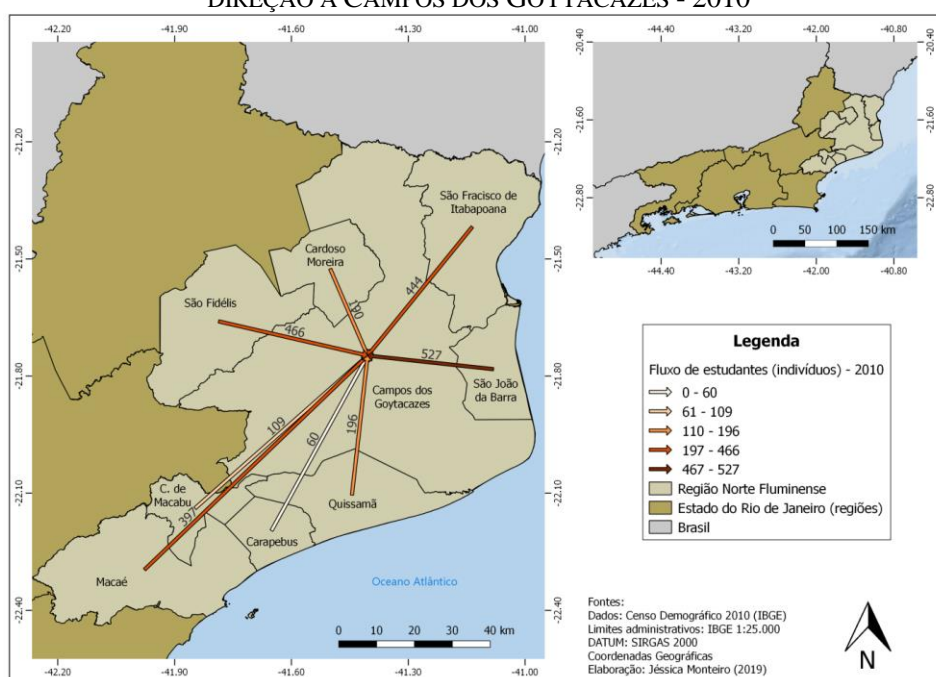
TABELA 9 - TOTAL DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR E DESLOCAMENTO DE ESTUDANTES - REGIÃO NORTE FLUMINENSE E SEUS MUNICÍPIOS - 2010

Municípios	Total de alunos na graduação	Deslocamento para cursar graduação	Deslocamentos sobre total de alunos (%)
Carapebus	290	258	89,0
Campos dos Goytacazes	12.612	678	5,4
Cardoso Moreira	291	277	95,2
Conceição de Macabu	373	364	97,6
Macaé	6.709	1.284	19,1
Quissamã	583	355	60,9
São F. de Itabapoana	723	453	62,7
São Fidélis	786	491	62,5
São João da Barra	671	601	89,6
<i>Região Norte Fluminense</i>	<i>23.038</i>	<i>4.762</i>	<i>20,7</i>

FONTE: IBGE, MICRODADOS DO CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

O grande número de IES e a diversidade de cursos atraem muitos estudantes a Campos, principalmente de municípios vizinhos. Fusco e Ojima (2017, p. 247) destacam que os deslocamentos de estudantes “contribuem significativamente na integração municipal e em aspectos importantes para o desenvolvimento regional”. Desse modo, o fluxo entre os municípios da região é alto. No mapa 5 é possível identificar o fluxo de estudantes de graduação em direção a Campos, com origem na Região Norte Fluminense. São João da Barra é o município que mais envia estudantes para Campos (527 alunos), seguido de São Fidélis (466), São Francisco de Itabapoana (444) e Macaé, que é origem de 397 alunos, de acordo com dados do Censo Demográfico de 2010.

MAPA 5 - DESLOCAMENTO PARA ESTUDO (GRADUAÇÃO) NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE EM DIREÇÃO À CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2010



FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

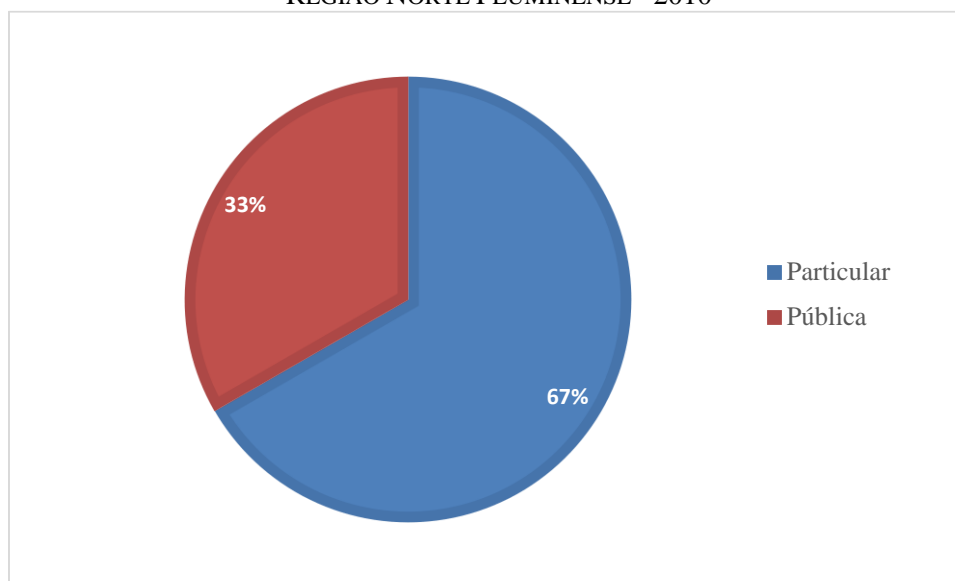
### 4.3.3 Perfil dos estudantes (dados secundários)

Um dos objetivos desse trabalho é identificar o perfil recente dos estudantes móveis, aqueles que se deslocam para cursar o nível superior, a partir dos microdados do Censo da Educação Superior, que é divulgado anualmente. Porém, essa tentativa foi frustrada devido à ausência de informação sobre município de nascimento em grande parte dos registros no referido Censo. Descobriu-se, através de questionamento ao INEP via e-SIC que a informação sobre UF e município de nascimento do aluno não é de preenchimento obrigatório, o que impossibilita análises nesse sentido, já que os registros presentes nos microdados são insuficientes. O município de residência atual do estudante também não é perguntado no censo da educação superior, nem de forma opcional. Dessa forma, mesmo se houvesse o local de nascimento de todos os estudantes nos registros e fossem identificados os alunos oriundos de outros municípios, não há garantia de que esse deslocamento foi recente, muito menos se foi para estudo, ou seja, não seria interessante para nossa análise.

Portanto, para se identificar o município de nascimento e residência dos estudantes por meio de dados secundários, faz-se necessário recorrer ao censo demográfico. Apesar da data de referência das respostas ser longínqua (2010), é a única fonte oficial de informação sobre deslocamentos em áreas não metropolitanas. Pelos dados do censo demográfico é possível traçar o perfil dos estudantes móveis com características gerais, informações sobre tipo de instituição de ensino (pública ou privada), faixa etária, sexo, município de origem, condições socioeconômicas, entre outras características sociodemográficas. Os dados se referem aos indivíduos que declararam cursar o ensino superior em município diferente ao de sua residência, em toda Região Norte Fluminense, que totaliza 4.762 estudantes, chamados aqui de estudantes móveis.

De acordo com os dados, dos estudantes que se deslocam para cursar o nível superior, a maioria, 66,7%, estuda em instituições particulares, contra 33,3% que estão matriculados em IES públicas (Figura 20). A predominância das instituições particulares pode estar relacionada à maior oferta de vagas e cursos, menor concorrência, programas de financiamento estudantil do governo federal, fornecimento de bolsas de estudo pelo município de origem, entre outras possíveis motivações que não são claras em pesquisas secundárias. Mesmo diante da expansão recente do ensino superior público, a rede privada ainda preenche uma importante lacuna na educação superior dos brasileiros.

FIGURA 20 - CATEGORIA ADMINISTRATIVA DAS IES DOS ESTUDANTES MÓVEIS DE NÍVEL SUPERIOR NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE - 2010

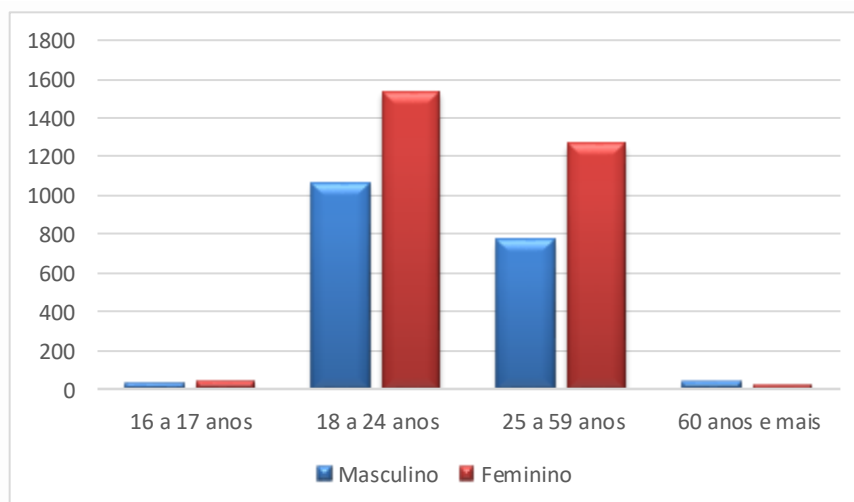


FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Quanto à distribuição por idade e sexo, as mulheres apresentam maior participação em todos os grupos de idade (com exceção do grupo com 60 anos e mais), seguindo a tendência nacional de maior proporção feminina nos cursos de graduação. Em certa medida, as mulheres podem buscar qualificação até mesmo como forma de superar a condição de sujeição a que são historicamente colocadas. Interessante destacar que, apesar das mulheres serem maioria no ensino superior brasileiro, elas ainda recebem uma remuneração mais baixa do que os homens. De acordo com os dados da Pnad Contínua 2020, o rendimento médio mensal real efetivamente recebido em todos os trabalhos, a preços médios do último ano para os homens foi de R\$2.655,00, enquanto para as mulheres, foi de R\$ 2.100,00 (IBGE, 2020c). Problemas estruturais da sociedade como o machismo, influenciam direta e indiretamente nessa questão. Muitas mulheres acabam escolhendo, ou sendo mais facilmente aceitas, nos setores de educação, saúde e serviços, todos ligados ao cuidado com pessoas, que em geral não tem remunerações muito elevadas.

Os jovens entre 18 a 24 anos correspondem à maior parte dos deslocamentos para graduação, o que está de acordo com a meta 12 do PNE, de elevar o número de matrículas de graduação para esse grupo de idade (MEC, 2014). Em seguida, estão os adultos entre 25 a 59 anos. Apesar de pequeno, existe um quantitativo de idosos que estão em busca de formação e também de jovens muito novos que já estão matriculados, o que indica que tanto o nível superior quanto a mobilidade espacial, não são restritas a grupos de idade específicos (Figura 21).

FIGURA 21 - ESTUDANTES MÓVEIS DE NÍVEL SUPERIOR NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE SEGUNDO IDADE E SEXO - 2010

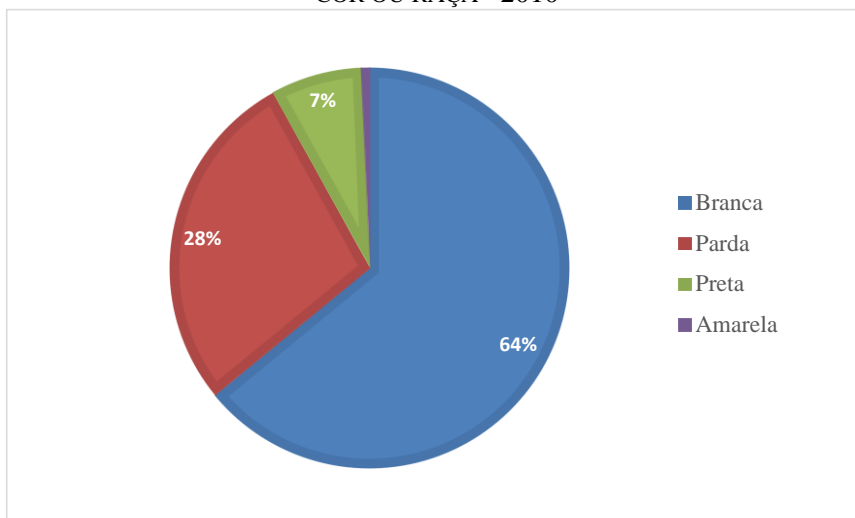


FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Apesar da maioria da população brasileira (52%) se autodeclarar preta, parda ou amarela, 64% dos estudantes móveis na Região Norte Fluminense são da cor ou raça branca, contra 28% de pardos, 8% que se declaram pretos e 0,7% amarelos, o que demonstra que a educação superior ainda não é experimentada pela população de maneira homogênea, segundo a cor (Figura 22). Nesse sentido, Fusco e Ojima (2017) salientam que a ampliação de acesso ao ensino superior realizada nas últimas décadas, contribuiu para diminuir essa diferença, com uma participação de pretos e pardos cada vez maior na educação superior.

Cabe ressaltar os problemas de mensuração desse quesito, uma vez que o registro da cor é feito por autodeclaração, que é algo pessoal e impreciso, variando de indivíduo para indivíduo e envolvendo aspectos subjetivos, podendo ser muito influenciado por preconceitos e estigmas, o que pode levar alguns grupos populacionais a serem subenumerados.

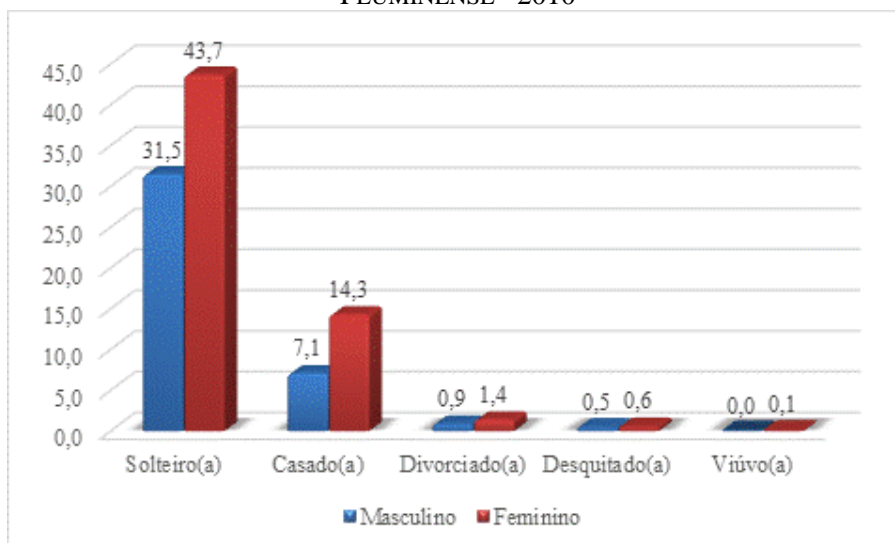
FIGURA 22 - ESTUDANTES MÓVEIS DE NÍVEL SUPERIOR NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE SEGUNDO COR OU RAÇA - 2010



FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Entre os estudantes móveis, 75,2% são solteiros, fato já esperado, uma vez que a mobilidade espacial envolve renúncias que são menos compatíveis com a vida conjugal. A faixa etária dos estudantes é outro fator que se relaciona com o estado civil, já que os jovens são a maioria e o casamento geralmente acontece em outro momento do ciclo de vida. As mulheres são maioria em todos os tipos de estado civil (Figura 23), o que segue a tendência, já que o percentual de respondentes do sexo feminino foi maior (64%). O destaque ficou com as casadas que correspondem ao dobro dos estudantes móveis do sexo masculino. Mulheres que cumprem dupla, tripla ou até mais jornadas para conciliar os estudos (em municípios diferentes) com trabalho, família, cuidados da casa, entre outros afazeres cotidianos.

FIGURA 23 - ESTADO CIVIL E SEXO DOS ESTUDANTES MÓVEIS DE NÍVEL SUPERIOR NA REGIÃO NORTE FLUMINENSE - 2010

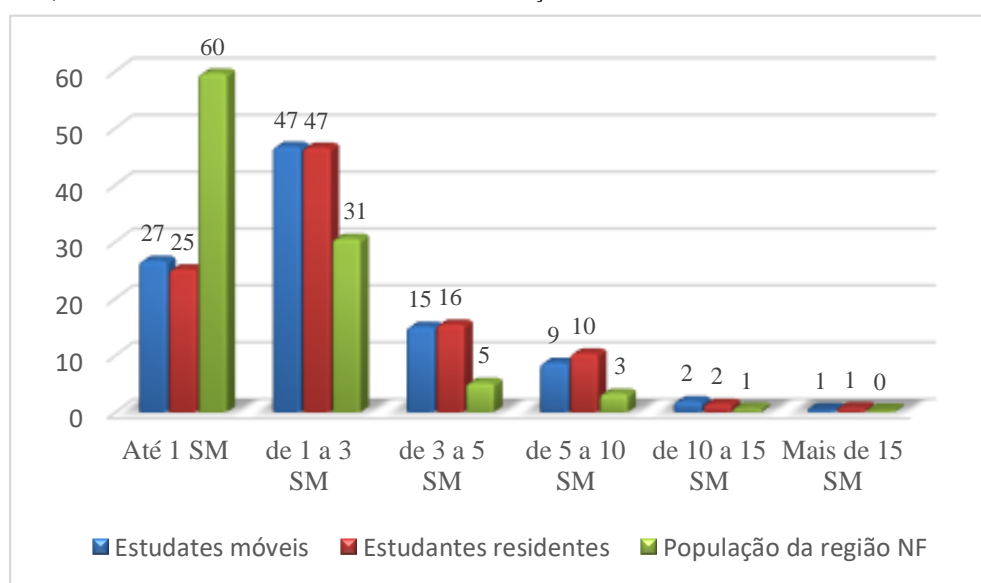


FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Buscou-se a renda domiciliar *per capita* dos estudantes e, para fins comparativos, de toda a população da Região Norte Fluminense, que totaliza 849.515 habitantes, de acordo com o censo 2010. Foi possível identificar que a maioria (46,8%) dos estudantes que se deslocam para estudar (estudantes móveis) apresenta renda domiciliar de um a três salários mínimos<sup>117</sup> por pessoa, seguidos daqueles em que a renda domiciliar é de até 1 salário mínimo (26,7%). Essa, porém também é a realidade dos estudantes de ensino superior que declararam estudar no mesmo município onde residem (estudantes residentes) (Figura 24). Ou seja, a realidade do estudante de ensino superior da região é de rendimento domiciliar limitado. Talvez por isso estejam se qualificando, buscando melhores condições de vida.

Cabe destacar que as classes de maiores rendimentos aparecem com menor incidência também na população brasileira como um todo, portanto, o rendimento domiciliar dos estudantes seguiu a tendência do país. Ao comparar com a totalidade da população residente, é possível identificar que, se o percentual de estudantes com baixo rendimento é alto, o da população da região é ainda mais: 60% vivem com rendimento domiciliar *per capita* de até um salário mínimo, e 31% de um a três salários. O percentual de estudantes com maiores rendimentos também é maior do que a população em geral. Percebe-se, portanto, que a educação superior ainda é um local de privilégio. Nesse sentido, faz-se necessário refletir e discutir o papel das instituições como propulsoras do desenvolvimento econômico regional, que todavia, não compete a esta tese, mas se coloca como agenda de pesquisa.

FIGURA 24 - RENDIMENTO DOMICILIAR *PER CAPITA* EM Nº DE SALÁRIOS MÍNIMOS DOS ESTUDANTES MÓVEIS, ESTUDANTES RESIDENTES E DA POPULAÇÃO TOTAL DA RNF EM JULHO DE 2010 (%)



FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

<sup>117</sup> Salário mínimo em 2010 era de R\$510,00.

A conciliação entre estudo e trabalho faz parte do cotidiano de 58% dos estudantes móveis, fato que pode se tornar um obstáculo ao bom rendimento na faculdade (Tabela 10). Com relação ao setor de atividade, a maior parte deles está empregada no próprio setor educacional (21,4%), seguidos do setor de administração pública, defesa e seguridade social (14,2%).

TABELA 10 - ESTUDANTES MÓVEIS DE NÍVEL SUPERIOR DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE, SEGUNDO OCUPAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE - 2010

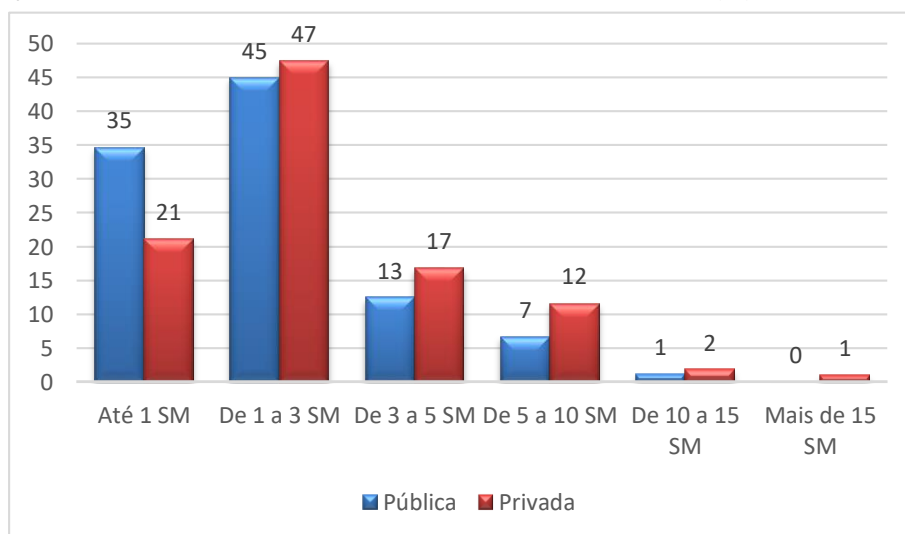
Setor de atividade	Estudantes (abs.)	(%)
Educação	592	21,4
Administração pública, defesa e seguridade social	393	14,2
Comércio; reparação de veículos automotores e motocicletas	306	11,1
Atividades mal definidas	210	7,6
Saúde humana e serviços sociais	211	7,6
Atividades administrativas e serviços complementares	125	4,5
Indústrias de transformação	116	4,2
Indústrias extrativas	107	3,9
Construção	109	3,9
Atividades profissionais, científicas e técnicas	104	3,8
Transporte, armazenagem e correio	102	3,7
Informação e comunicação	91	3,3
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	89	3,2
Outras atividades de serviços	66	2,4
Outros	53	1,9
Artes, cultura, esporte e recreação	43	1,6
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura	44	1,6
<b>Total</b>	<b>2.761</b>	<b>100,0</b>

FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ao relacionar as classes de rendimentos de todos os estudantes de ensino superior da Região Norte Fluminense com a rede de ensino na qual estão matriculados, permanece a predominância dos grupos com níveis salariais mais baixos, em ambas as redes (Figura 25). O destaque ficou para o grupo que apresentou rendimento domiciliar *per capita* de um a três salários mínimos, com leve predominância da rede privada nesse grupo (47%), contra 45% da rede pública. Os estudantes da rede pública se destacaram no grupo que recebe até um salário mínimo, com 35%, contra 21% da rede privada. Em todos os demais grupos, em que a renda *per capita* é de mais de três salários mínimos, a ênfase foi dos estudantes de IES privadas, o que demonstra mais uma vez a importância da educação pública para a melhoria de qualidade de vida da população, em termos de níveis salariais.



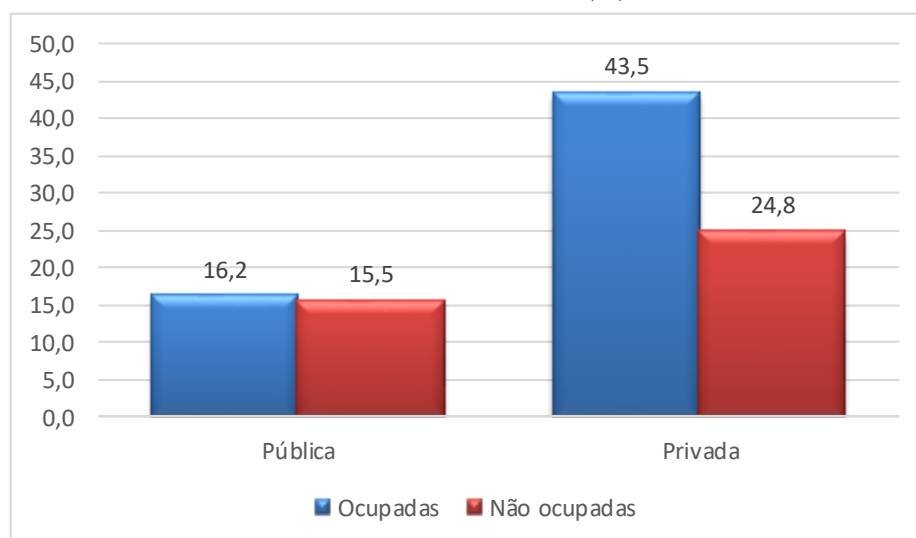
FIGURA 25 - RENDIMENTO DOMICILIAR *PER CAPITA* EM Nº DE SALÁRIOS MÍNIMOS DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE POR REDE DE ENSINO (%) – JULHO/2010



FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ainda com relação à ocupação e renda dos estudantes, é possível identificar na região uma contradição, reflexo do que acontece também em grande parte do país: Os alunos de instituições privadas precisam trabalhar para arcar com os custos da faculdade, enquanto os estudantes de IES públicas por vezes vêm de famílias com maior poder aquisitivo, que podem custear seus filhos na graduação, não necessitando assim, que trabalhem. Desse modo, 43,5% dos estudantes de ensino superior da região são ocupados e estão na rede privada, contra 16,2% dos ocupados que estão matriculados na rede pública (Figura 26).

FIGURA 26 - SITUAÇÃO DE OCUPAÇÃO POR REDE DE ENSINO DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA REGIÃO NORTE FLUMINENSE (%) - 2010



FONTE: IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 2010. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Para se ter informações específicas e mais atualizadas sobre os estudantes de ensino superior, especificamente no município de Campos dos Goytacazes, buscou-se dados do censo da educação superior, que é realizado anualmente pelo INEP. No total, 19.818 alunos estavam matriculados em cursos de graduação em Campos no ano de 2018.

Durante a última etapa da educação básica, o Ensino Médio, a maior parte (67,2%) dos estudantes de graduação do município de Campos estudou em escola pública. Na Tabela 11 foram feitos cruzamentos sobre o tipo de escola de conclusão do ensino médio e o financiamento da graduação para os alunos que cursam ensino superior em instituições privadas (10.491 em números absolutos). Viu-se que mesmo os que estudam em IES privadas, 59,9% são originários de escolas públicas durante o ensino médio, fato que evidencia ainda mais a importância da rede básica de educação pública. Esses alunos originários de escola pública financiaram sua graduação numa proporção maior do que os originários de escolas particulares no ensino médio. Dos que estudaram em pública, 69,6% precisaram de financiamento, contra 52,9% dos que estudaram em privadas, o que demonstra o menor aporte econômico do primeiro grupo para arcar com os custos do ensino superior.

Os tipos de financiamento listados pelo Censo da Educação Superior são: FIES, financiamento estudantil do governo estadual, do governo municipal, administrado pela IES, administrado por entidades externas à IES, administrado por outras entidades ou se o aluno é bolsista integral ou parcial do PROUNI.

TABELA 11 - FINANCIAMENTO DA GRADUAÇÃO E TIPO DE ESCOLA DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2018

Financiamento da graduação	Ensino Médio			Total	% Financiamento
	Pública	Privada	Não resposta		
Não	1.913	1.960	9	3.882	37,0
Sim	4.376	2.200	33	6.609	63,0
<i>Total</i>	<i>6.289</i>	<i>4.160</i>	<i>42</i>	<i>10.491</i>	<i>100,0</i>

FONTE: INEP (2019). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Com relação ao grau acadêmico, a grande maioria (75,8%) está matriculada em cursos do tipo bacharelado (Tabela 12). Nesse grupo estão os tradicionais cursos de Direito, Medicina e as Engenharias, que são muito procuradas na região. Seguidos dos cursos de licenciatura, com 18,4% e tecnológico, com 4,5%.

TABELA 12 - TIPO DE CURSO DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2018

<b>Grau Acadêmico</b>	<b>Abs.</b>	<b>(%)</b>
Bacharelado	15.026	75,8
Licenciatura	3.638	18,4
Tecnológico	890	4,5
Ausente no sistema	264	1,3
<b>Total</b>	<b>19.818</b>	<b>100,0</b>

FONTE: INEP (2019). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Quanto ao turno de estudo, 64,5% dos estudantes escolheram o turno noturno para estudar (Tabela 13). Essa escolha é muito influenciada por fatores de trabalho e renda já que, é durante o dia que se dá a maioria das ofertas de trabalho e muitos estudantes precisam trabalhar para pagar as mensalidades e demais despesas ligadas ao curso e à vida em geral. A LDB, inclusive, destaca a importância dos cursos noturnos, tornando-os obrigatórios em instituições públicas, “nos mesmos padrões de qualidade mantidos no período diurno” (BRASIL, 1996, art. 47, §4º), de modo que possam ser usufruídos pela classe trabalhadora.

Em nível de deslocamentos intermunicipais, é possível identificar pela manhã e principalmente à noite, uma grande quantidade de ônibus e vans pela cidade que fazem o transporte desses estudantes de seus municípios de origem até a faculdade, com retorno após as aulas, diariamente. Esse deslocamento, associado à jornada de trabalho diurna, são fatores dificultadores do bom desempenho dos alunos na faculdade. Os cursos integrais que exigem presença em dois, ou por vezes três turnos, exigem ainda mais dos estudantes. Imagina-se que conciliar a vida pessoal, trabalhista e acadêmica em um curso integral seja ainda mais difícil para os estudantes móveis.

Cabe ressaltar que essa opção pela utilização do transporte diário pode estar ligada à lógica das escolhas ou constrangimentos, quando estudantes demonstram interesse de morar na área central de Campos para estudar, mas a falta de recursos financeiros para arcar com os custos de moradia em uma outra cidade, por exemplo, o impedem. O deslocamento, nesse caso, se torna a única opção para cursar a graduação desejada.

Com relação aos cursos dos estudantes, selecionou-se os três cursos com maior quantitativo de matrículas por tipo de turno ao qual o aluno está vinculado. O predomínio dos cursos do tipo bacharelado se manteve. Pela manhã, os cursos mais buscados são: Direito, Geografia e Odontologia, nessa ordem. No período da tarde, em que a oferta de cursos é bem menor, os mais buscados são Ciências da Natureza, Geografia e Pedagogia. Além desses, apenas outros três cursos têm alguns poucos alunos matriculados no turno vespertino, que é o menos buscado (ou ofertado). No turno da noite, os cursos de Serviço Social, Direito e

Arquitetura e Urbanismo são os mais demandados. E, entre os que estudam em período integral, a maioria está matriculada nos cursos de Medicina, Psicologia e Ciências Econômicas, cursos que, conseqüentemente exigem maior presença dos estudantes.

TABELA 13 - TURNO DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES (ABSOLUTO E PERCENTUAL) E CURSOS MAIS BUSCADOS POR TURNO - 2018

<b>Turno</b>	<b>Matrículas</b>	<b>(%)</b>	<b>Cursos com mais matriculados</b>
Matutino	2.558	12,9	Direito, Geografia, Odontologia
Vespertino	572	2,9	Ciências da Natureza, Geografia, Pedagogia
Noturno	12.779	64,5	Serviço Social, Direito, Arquitetura e Urbanismo
Integral	3.909	19,7	Medicina, Psicologia, Ciências Econômicas
<i>Total</i>	<i>19.818</i>	<i>100,0</i>	-

FONTE: INEP (2019). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Com o intuito de tipificar os deslocamentos realizados pelos estudantes em momentos anteriores, foi feita uma categorização em intervalos de deslocamento, de acordo com a distância de localização entre o município de nascimento e o município de estudo atual (Campos dos Goytacazes). Sabe-se que essa é apenas uma *proxy* sobre os deslocamentos realizados, uma vez que várias outras mudanças podem ter ocorrido nesse intervalo e que os motivos e frequências desses deslocamentos são variados. Sabe-se também que 908 respostas constam como ausentes no sistema no quesito município de nascimento, porém, quando investigado o país de origem desses estudantes, viu-se que dezenove deles tem origem em país estrangeiro, ou seja, os 908 sem informação se tornam 889, já que é possível inferir que o local de origem seja localizado em um país estrangeiro.

Isto posto, identificou-se que 35,9% dos estudantes de ensino superior matriculados em Campos no ano de 2018 são naturais do mesmo município. Em contrapartida, 5,3% dos estudantes são provenientes de outros municípios da própria Região Norte Fluminense. Cabe ressaltar que a região é territorialmente extensa, o que influencia nas diferentes distâncias entre seus municípios e a sede de Campos. São João da Barra, por exemplo, que é o mais próximo, está a aproximadamente 37 km de distância, enquanto Macaé está localizado a aproximadamente 105 km de distância. Ou seja, dentro da mesma região existem distanciamentos variados.

A maioria dos estudantes (46,2%) tem sua origem em outros municípios do estado do Rio de Janeiro. Os naturais de outros estados do país representam 8% do total. Interessante ressaltar que essa categoria apresentou um volume mais expressivo do que os da própria

Região Norte Fluminense, o que demonstra que a população se move pelo território mesmo percorrendo maiores distâncias. Os estudantes originários de outros países representam 0,1% do total (Tabela 14).

TABELA 14 - LOCAL DE NASCIMENTO DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2018

Local de nascimento	Estudantes (abs.)	%
Município de Campos	7.119	35,9
Outros municípios da Região Norte Fluminense	1.057	5,3
Outros municípios do estado do Rio de Janeiro	9.154	46,2
Outros estados do país	1.580	8,0
Outros países	19	0,1
Informação ausente	889	4,5
<i>Total</i>	<i>19.818</i>	<i>100,0</i>

FONTE: INEP (2019). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

#### 4.3.4 Tipos de cursos oferecidos

Como afirmaram Santos e Silveira (2000, p. 49), “Os cursos influenciam a vida da localidade e o seu entorno, pela oferta de saberes vinculados, mais ou menos diretamente, às atividades econômicas consideradas modernas”. Ou seja, os tipos de cursos que são oferecidos, exercem influência no lugar.

A quantidade e a variedade de cursos oferecidos são destaques no município de Campos. A oferta é bem ampla, variando entre os graus acadêmicos de Bacharelado, Licenciatura e Tecnológico, conforme Quadro 9. Ao todo, são oferecidos 115 cursos em Campos, somando todas as IES, públicas e privadas, sendo 62 tipos de cursos, distribuídos da seguinte maneira: 8 cursos de tecnologia, 17 de licenciaturas e 37 de bacharelado. A formação de professores aparece com relevância no município, representando 27% da oferta de cursos. Os cursos de Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Educação Física, Geografia e História são ofertados tanto como licenciatura quanto como bacharelado. Destaca-se também a grande oferta de cursos de Engenharia, nas diversas áreas, assim como a oferta do curso de Medicina, que envolve grande concorrência e atração entre estudantes. As alterações na oferta de cursos das IES são frequentes, como por exemplo, o curso de Direito que já estava presente em cinco instituições da cidade (todas privadas) até 2018, e começou a ser oferecido em uma sexta instituição em 2019, também privada<sup>118</sup>.

Ao realizar o levantamento dos tipos de cursos ofertados no município, algumas inconsistências foram encontradas nos dados sobre do Censo da Educação Superior:

<sup>118</sup> São elas: UNIFLU, UNIVERSO, REDENTOR, UCAM, ESTACIO E ISECENSA.

a) Quando se filtrou pelo nome dos cursos no município de Campos, foram encontrados nomes diferentes para representar o mesmo curso. Por exemplo, havia um curso com nome “ABI - Ciências da Natureza” referente ao Instituto Federal, sem nenhuma especificação de grau acadêmico e, ao mesmo tempo, havia mais três registros com o nome “Ciências da Natureza” para a mesma Instituição. Após conferência no site eletrônico e visita à IES, verificou-se que se trata de apenas um curso, com entrada única (a sigla ABI significa Área Básica de Ingresso), porém, em determinado momento do curso o aluno escolhe em qual ramo seguir sua formação (física, química ou biologia), o que provavelmente explica a diferenciação de nomes no censo.

b) Outra inconsistência se refere ao curso de Educação no Campo, que, de acordo com o registro no censo, está em atividade no ISEPAM, porém, esse curso não é oferecido há cinco anos, de acordo com informações da própria secretaria da IES. O registro de matrículas do censo apresenta apenas um aluno matriculado nesse curso. Uma visita à IES foi feita a fim de verificar tal situação, onde se descobriu que o curso realmente foi cancelado, mas ainda se encontra nos registros devido a trâmites burocráticos como emissão de diplomas pendentes.

c) Havia um curso em determinada IES identificado apenas como “Engenharia”, sendo necessária a conferência no site da IES para verificar a qual tipo de engenharia se referia, constatando-se assim, se referir à Engenharia Civil.

d) Do mesmo modo, havia uma identificação de curso como “Engenharia ambiental e sanitária” e outro como “Engenharia ambiental” em duas IES diferentes. Após conferência nos sites das IES, identificou-se tratar do mesmo curso, a saber, Engenharia ambiental. Assim também aconteceu com a identificação dos cursos de “Sistemas de informação” e “Sistema de informação”, no IFF e na UCAM, respectivamente. No site da UCAM não constava o curso de “Sistema de informação”, somente o de “Análise e Desenvolvimento de Sistemas”. No registro do Censo, consta que o curso está em extinção, o que foi confirmado por e-mail pelo setor responsável da instituição.

e) Curso de “Letras” na UNIFLU está registrado no censo como em extinção, mantendo o curso de “Letras – Inglês” na mesma IES.

f) Alguns cursos foram encontrados nos sites das IES, mas não estão registrados no Censo, como: Engenharia Elétrica na UCAM; Análise e Desenvolvimento de Sistemas no IFF, Direito na REDENTOR e os cursos de Turismo e de Agrimensura na UNIFLU. Esses dois últimos não são oferecidos em nenhuma outra IES.

Sendo assim, dos 62 cursos identificados no censo, diminui-se um pela não existência de educação no Campo no ISEPAM e acrescentam-se dois que a UNIFLU oferece (de acordo

com o site), mas, por algum motivo, não foi identificado pelo Censo da Educação Superior, totalizando, portanto, 63 cursos de graduação diferentes em Campos (Quadro 9).

QUADRO 9 - CURSOS DE GRADUAÇÃO OFERTADOS NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ - 2018

<b>Bacharelado</b>	<b>Licenciatura</b>	<b>Tecnológico</b>
Administração	Artes visuais	Análise e desenvolvimento de sistemas
Administração pública	Ciências biológicas	Design gráfico
Agronomia	Ciências da natureza	Gestão comercial
Arquitetura e urbanismo	Ciências sociais	Gestão de recursos humanos
Ciência da computação	Educação do campo	Logística
Ciências biológicas	Educação física	Manutenção industrial
Ciências contábeis	Física	Marketing
Ciências econômicas	Geografia	Sistemas de telecomunicações
Ciências sociais	História	
Direito	Letras	
Educação física	Letras - inglês	
Enfermagem	Letras - português e literaturas	
Engenharia ambiental	Matemática	
Engenharia civil	Música - educação musical	
Engenharia de computação	Pedagogia	
Engenharia de controle e automação	Química	
Engenharia de petróleo	Teatro	
Engenharia de produção		
Engenharia elétrica		
Engenharia mecânica		
Engenharia metalúrgica		
Farmácia		
Fisioterapia		
Fonoaudiologia		
Geografia		
História		
Jornalismo		
Medicina		
Medicina veterinária		
Nutrição		
Odontologia		
Psicologia		
Relações internacionais		
Serviço social		
Sistemas de informação		
Teologia		
Zootecnia		

FONTE: INEP (2019). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Essa oferta diferenciada de cursos e conseqüentemente o papel dos centros universitários é relevante, pois se torna uma vantagem comparativa da região na atual “era do conhecimento”. Com qualificação de mão de obra e presença de instituições de pesquisa, a região se destaca perante outras (PIQUET, 2004).

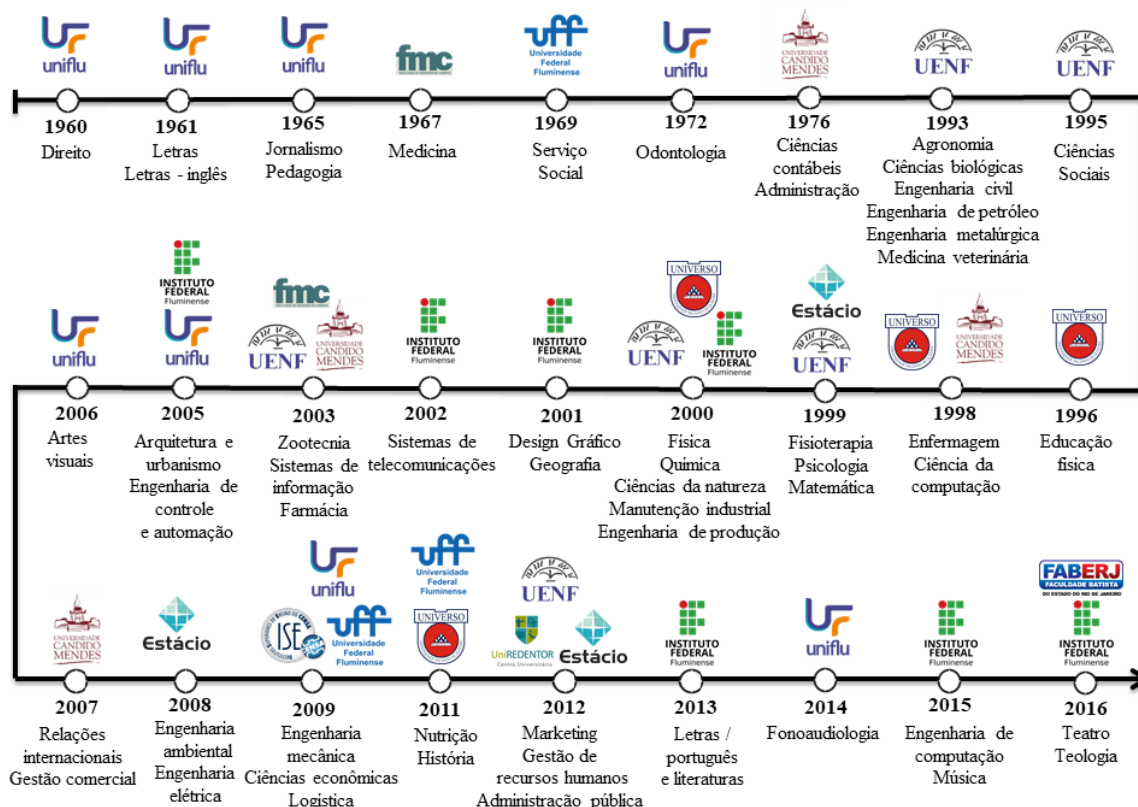
Percebe-se, pela natureza dos cursos, que a orientação de Piquet (2004, p. 04) foi conveniente ao dizer que “seria um engano estruturar o ensino local para servir ao setor petrolífero”, uma vez que os cursos (pelo menos os de graduação) não são concentrados no setor petrolífero, apostando em uma “vocação regional”, tanto criticada pelos estudiosos devido a sua superficialidade (PIQUET, 2004; GIVISIEZ *et al.* 2006; SILVA; SBARDELATI, 2015).

Por meio de uma linha do tempo (Figura 27), é possível visualizar o ano de criação e a IES que ofertou os primeiros cursos em Campos dos Goytacazes. Os dados foram organizados de acordo com a data de início de funcionamento dos cursos, disponibilizada nos microdados do censo da educação superior 2018. Percebe-se que as primeiras graduações, criadas a partir da década de 1960 até o início da década de 1970 no município, eram de cursos tradicionais: Direito, Letras, Jornalismo, Pedagogia, Medicina, Serviço social e Odontologia. Mesmo após a descoberta do petróleo na Bacia de Campos em 1974 e sua posterior produção a partir de 1977, a natureza dos cursos criados não se restringiu à área petrolífera. Na década de 1980, chamada de década perdida devido à grande crise econômica, não houve criação de novos cursos. Em 1993 a UENF é inaugurada, com cursos em várias áreas. Nas décadas seguintes, IES públicas e privadas seguiram criando novos cursos e diversificando a oferta de graduação no município.

Cabe ressaltar algumas observações quanto aos dados: I) algumas IES mudaram de nome ao longo dos anos, como o IFF e o UNIFLU. Optou-se por colocar o nome atual das IES, associando cursos anteriores à nova nomenclatura. II) Alguns cursos podem ter sido criados por outras IES anteriormente, mas, por estarem extintos, não constam nos arquivos da base de dados utilizada (INEP), como parece ser o caso do curso de História, que era oferecido pela FAFIC (atual UNIFLU) antes da UFF. III) O curso de Serviço Social da UFF consta como criado em 1969 nos dados, mas de acordo com a própria IES, o curso foi inaugurado como setor regional da Escola de Serviço Social de Niterói em 1962. Talvez 1969 seja o ano em que o curso atingiu a condição de Departamento em Campos. IV) Os cursos de Análise e Desenvolvimento de Sistemas e de Educação do Campo não tinham registros de data de criação, por isso não foram inseridos na linha do tempo.



FIGURA 27 - LINHA DO TEMPO: ANO DE CRIAÇÃO E IES QUE OFERTOU O PRIMEIRO CURSO DE CADA ÁREA - CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ - 2018



FONTE: INEP (2019). DM CURSO. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Entende-se que a educação deve ser antes de tudo emancipatória, levando em consideração os anseios dos sujeitos, encarada como agente de mudanças, que “pode ajudar a diminuir as alienações sociais e regionais”, como afirmam Santos e Silveira (2000, p. 62) e não apenas como criadora e reprodutora de mão de obra especializada para satisfazer às demandas da indústria. Além disso, a diminuição da produção de petróleo e derivados na Bacia de Campos, assim como as oscilações do preço do barril decorrentes do contexto internacional, evidenciam ainda mais os riscos de se basear a oferta educacional nessa “vocação regional”. Por outro lado, cabe salientar que também deve haver a integração entre as demandas da sociedade e a formação de recursos humanos que nela vão atuar.

Santos e Silveira destacam a inter-relação existente entre educação e economia espacial, a partir da divisão social do trabalho:

Tanto a oferta quanto a demanda de educação superior são dados passivos e ativos dessa divisão social do trabalho, pois a escolha de um curso é, simultaneamente, uma opção social, econômica, política, cultural e territorialmente condicionada. A natureza dos cursos num lugar determinado é, ao mesmo tempo, resultado da demanda de um dado saber e de uma

exigência social. É esta que, em última análise, produz a sua localização, naquele ponto (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 60).

Essa demanda de saber, a exigência social e a oferta de diversos tipos de cursos, produz como resultado um grande número de matrículas nas IES no município de Campos.

#### 4.3.5 Matrículas, centralidade e especialização

Em 2018, as IES de Campos dos Goytacazes somaram 19.818 matriculados na graduação, de acordo dados do Censo da Educação Superior. A maior parte deles (57,3%) está nas instituições privadas, com predominância do grupo Estácio, enquanto 42,7% dos estudantes estão matriculados nas IES públicas, sendo o IFF, a instituição que apresentou o maior quantitativo de matrículas no município (Tabela 15).

TABELA 15 - QUANTITATIVO DE MATRÍCULAS POR IES E CATEGORIA ADMINISTRATIVA (PÚBLICA E PRIVADA) - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2018

<b>Pública</b>	<b>Abs.</b>	<b>(%)</b>
IFF	3.883	19,6
UFF	2.388	12,0
UENF	1.707	8,6
ISEPAM	490	2,5
<i>Total</i>	<i>8.468</i>	<i>42,7</i>
<b>Privada</b>	<b>Abs.</b>	<b>(%)</b>
ESTÁCIO	3.175	16,0
UCAM	2.442	12,3
ISECENSA	2.003	10,1
UNIFLU	1.178	5,9
UNIVERSO	1.111	5,6
FMC	798	4,0
REDENTOR	564	2,8
FABERJ	79	0,4
<i>Total</i>	<i>11.350</i>	<i>57,3</i>
<i>Total geral</i>	<i>19.818</i>	<i>100,0</i>

FONTE: INEP (2019). MICRODADOS (DM\_CURSO). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ao comparar as matrículas em IES públicas e privadas com os deslocamentos para estudo, foi possível observar que a predominância do setor privado também está entre os estudantes de graduação que declararam frequentar curso superior em outro município. Porém, quando se observa a totalidade dos tipos de cursos (educação básica e pós-graduação, por exemplo), de acordo com os dados do Censo Demográfico 2010, a maior parte dos deslocamentos é realizada para estudar em instituições públicas. Essa tendência se mantém na Região Norte Fluminense, no estado do Rio de Janeiro e no Brasil, como um todo. Observa-

se, portanto, que a presença de instituições públicas atrai estudantes de outros municípios, para diversos tipos de cursos.

O grande número de matrículas coloca o município de Campos em destaque no cenário estadual, na quarta colocação entre todos os 39 municípios que ofertaram pelo menos um curso de graduação no estado<sup>119</sup> em 2018 (Tabela 16). A relevância é ainda maior quando se observa que os municípios com melhores colocações são aqueles de grande porte populacional, localizados na Região Metropolitana, incluindo a própria metrópole. O número de matrículas se concentra na capital, Rio de Janeiro, que sozinha, corresponde a 54,6% das matrículas de todo o estado. Se analisarmos a Região Metropolitana como um todo, é possível verificar uma concentração de matrículas ainda maior, chegando a 77,3% entre os 15 primeiros colocados. Desse modo, o número de matrículas nos municípios do interior aponta para possíveis polos regionais de Ensino Superior.

TABELA 16 - MUNICÍPIOS POR Nº DE MATRÍCULAS NO ENSINO SUPERIOR – ESTADO DO RIO DE JANEIRO - 2018

Posição	Município	Matrículas	%
1º	Rio de Janeiro	297.201	54,6
2º	Niterói	58.797	10,8
3º	Nova Iguaçu	24.450	4,5
4º	Campos dos Goytacazes	19.818	3,6
5º	Duque de Caxias	18.364	3,4
6º	Volta Redonda	14.448	2,7
7º	São Gonçalo	11.784	2,2
8º	Petrópolis	10.598	1,9
9º	Seropédica	10.416	1,9
10º	Macaé	9.687	1,8
11º	Itaperuna	8.465	1,6
12º	Cabo Frio	8.436	1,5
13º	Nova Friburgo	6.427	1,2
14º	Resende	6.248	1,1
15º	Barra Mansa	5.259	1,0
-	<i>Estado do Rio de Janeiro</i>	<i>544.727</i>	-

FONTE: INEP (2019). MICRODADOS (DM\_CURSO). ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

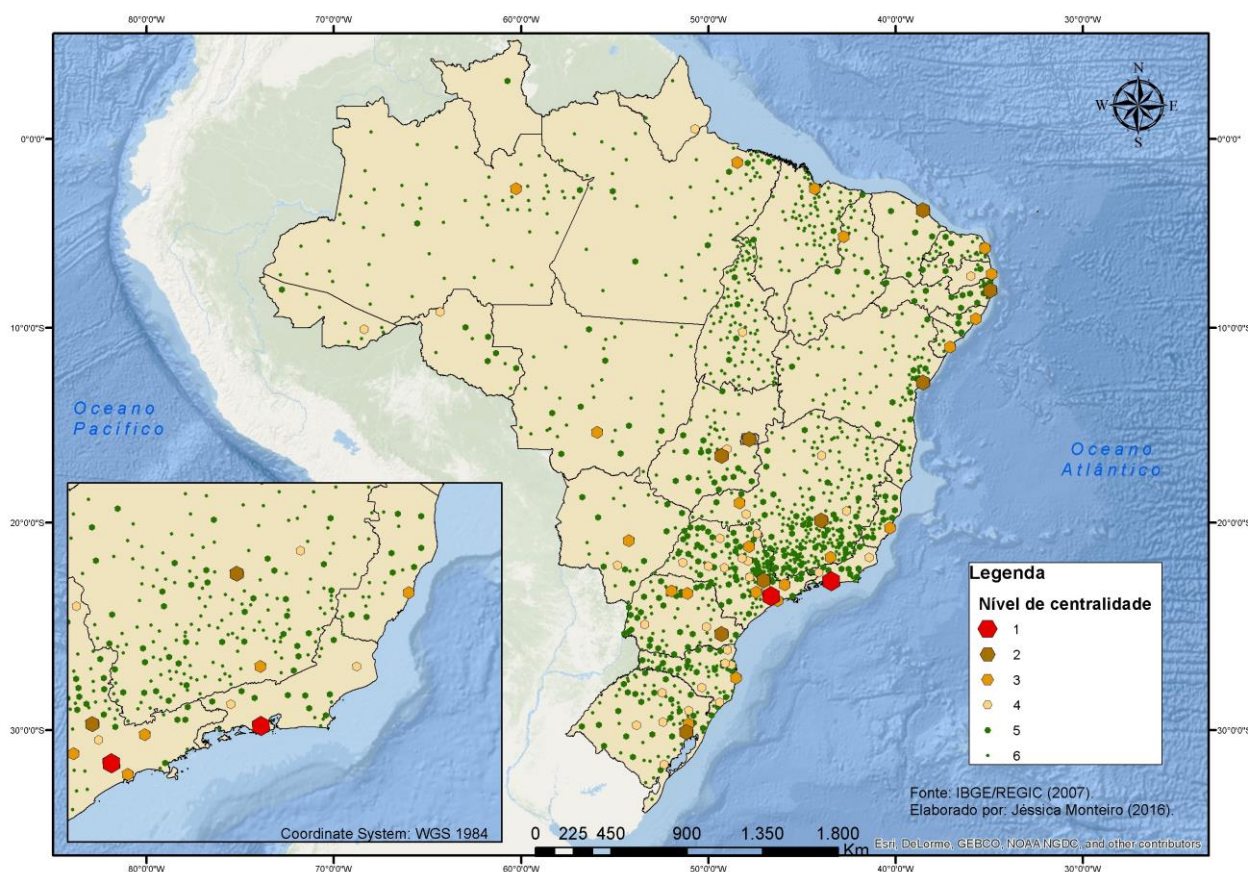
A presença de grande quantidade de IES e de variedade de cursos coloca Campos em destaque no setor educacional, de acordo com o IBGE, em seu estudo sobre as Regiões de Influência das Cidades (REGIC), no ano de 2008. Neste estudo, foi realizada uma hierarquização das cidades brasileiras segundo sua centralidade no Ensino de Graduação, a partir dos dados do Censo da Educação Superior do ano de 2004. Foram estipulados seis

<sup>119</sup> O total de municípios do estado do Rio de Janeiro é de 92.

níveis de centralidade, de acordo com três critérios: “1) o número de alunos matriculados nos cursos presenciais; 2) o número de Grandes Áreas abrangidas pelos cursos oferecidos; e 3) o número de tipos de cursos existentes” (IBGE, 2008, p. 135).

Em estudo anterior (TAVARES, 2016), os dados espacializados, divulgados pelo IBGE, foram reorganizados em um mapa próprio, onde é possível identificar a localização das cidades de acordo com seu nível de centralidade (Mapa 6). No nível 1, mais alto, encontram-se apenas as grandes Metrôpoles Rio de Janeiro e São Paulo, cidades que são destaque na gestão territorial do país (IBGE, 2008). No segundo e terceiro níveis foram identificados nove e 21 centros, respectivamente. Enquanto no quarto nível, foram indicadas 33 cidades, entre elas está Campos dos Goytacazes. Ou seja, o município da região Norte do Rio de Janeiro ocupava papel de destaque no ensino de Graduação no país, alcançando o nível 4, dos 6 identificados, de centralidade no ensino de Graduação.

MAPA 6 - DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DO ENSINO DE GRADUAÇÃO POR NÍVEIS DE CENTRALIDADE - BRASIL - 2008



FORNTE: TAVARES (2016, P. 57).

Os dados utilizados pelo IBGE são referentes ao Censo da Educação Superior de 2004, portanto, de 18 anos atrás, antes de o país passar pelos programas de expansão da Educação

Superior. Todavia, na última REGIC publicada em 2020, que usou os dados referentes ao Censo da Educação Superior do ano de 2015, o nível de centralidade do município permaneceu o mesmo (nível 4), porém, agora foi acrescentado mais um nível, indo do um ao sete. Ou seja, Campos permaneceu no nível 4 de centralidade, porém aumentou seu destaque no levantamento, estando entre as 689 cidades do Brasil que ofertam cursos de graduação presencial e EAD e em 14º lugar no país em centralidade específica para ensino superior (IBGE, 2020b).

Cabe ressaltar a observação feita pelo IBGE diante dessa centralidade existente:

Apesar de, nas últimas décadas, ter havido rápida disseminação do ensino superior no território, o Mapa [...] demonstra o quanto a busca por esse nível de escolaridade ainda gera grande volume de deslocamentos, o que importa em elevados custos dessa formação educacional (IBGE, 2008, p. 163).

Ainda com a intenção de se analisar a centralidade que o setor educacional exerce no município de Campos, em trabalho anterior (TAVARES, 2016), foi utilizado um indicador de especialização de setores de atividade econômica, chamado Quociente Locacional (QL), em três níveis territoriais: regional, estadual e nacional. Os resultados apontam para níveis diferenciados de especialização, de acordo com a escala analisada:

Comparando com os demais municípios da região Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes se destaca como o mais especializado no setor educacional. No âmbito estadual, o QL indicou uma especialização do município no setor, apesar de não ser o mais especializado. Já a nível nacional, nas duas classificações realizadas, Campos não se mostrou mais especializado no setor educacional do que outros de mesmo porte populacional e de mesma posição na hierarquia urbana (TAVARES, 2016, p. 100).

Sendo assim, após a análise dos dados apresentados, é possível afirmar que o município de Campos possui centralidade regional na educação superior, com considerável centralidade também a nível estadual e uma certa participação a nível nacional.

No próximo capítulo serão apresentados os resultados obtidos na primeira fase da pesquisa, com a aplicação dos questionários, assim como o mapeamento do espaço de vida individual de alguns estudantes, realizados na segunda fase da pesquisa primária.

## 5 DESLOCAMENTO DOS ESTUDANTES E SEUS ESPAÇOS DE VIDA

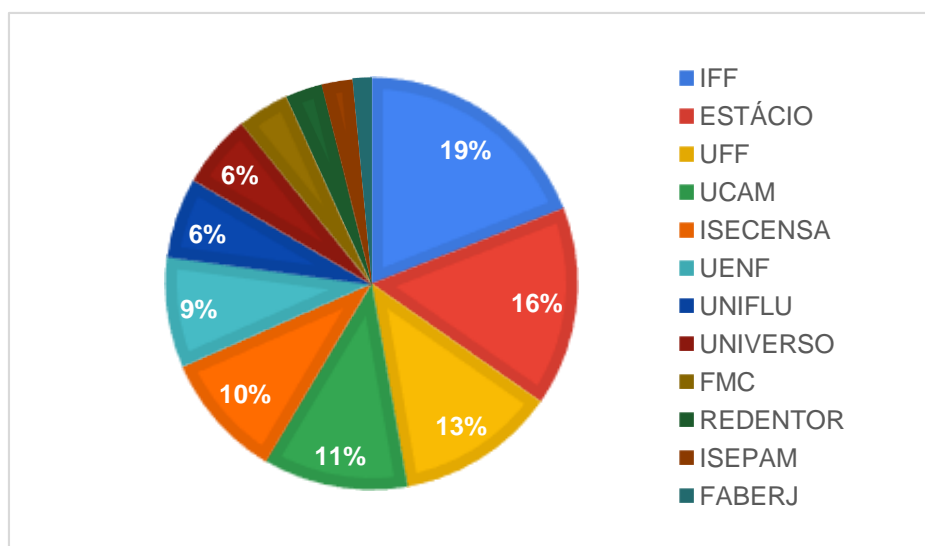
Após o período de coleta de dados on-line, foi iniciada a etapa da análise dos dados obtidos, que segue nas próximas seções. No total, foram obtidas 536 respostas, indo além do número mínimo da amostra que foi de 393 questionários. Após os ajustes com eliminação de alguns questionários para fins de controle de representatividade, o número final passou a ser de 415 respostas.

### 5.1 Primeira etapa: Análise dos questionários

#### 5.1.1 Perfil dos participantes

De acordo com os ajustes realizados, os estudantes de IES privadas corresponderam a 57,3% das respostas; o percentual das públicas totalizou 42,7%. Todas as 12 IES do município tiveram participantes (Figura 28), com participação proporcional à representação das instituições. Desse modo, o maior número de respostas foi de Instituição Federal (IFF), com 79 questionários, representando 19% do total. A IES privada com o maior número de respostas foi a Estácio (16%).

FIGURA 28 - IES DE ESTUDO - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

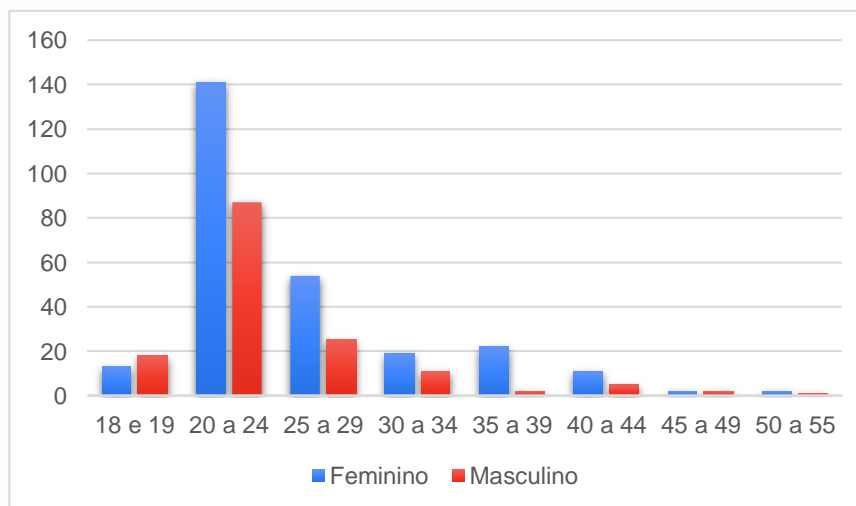
Os dez cursos que mais tiveram respostas foram: Direito, Psicologia, Geografia (licenciatura), Enfermagem, Fisioterapia, Odontologia, História (licenciatura), Fonoaudiologia, Letras e Serviço social.

Alunos do 1º ao 12º período responderam ao questionário. Alguns marcaram a opção “outro” quando perguntado o período, possivelmente porque estavam em fase de conclusão do curso ou cursando alguma disciplina extra ou que tenha ficado retido em semestres anteriores. Para os alunos que estavam matriculados do 1º ao 4º período no semestre em que foi feita a pesquisa (2021.2), algumas perguntas sobre o dia a dia na cidade de estudo talvez não tenham feito tanto sentido, já que desde 2020.1 até 2022.1, as aulas em todas as IES estavam sendo remotas, via ambientes virtuais, com exceção de alguns poucos cursos que retornaram no segundo semestre de 2021.

As mulheres totalizaram 63,6% das respostas, e os homens 36,3%. A margem de erro quanto ao sexo do total dos respondentes foi de 4%. A maior participação feminina segue a tendência nacional e local de maior quantitativo de mulheres nos cursos de graduação.

Sobre a faixa etária, 16 estudantes de 18 anos responderam ao questionário. No extremo oposto, o respondente de maior idade declarou ter 55 anos. O grupo de 20 a 24 anos é predominante, contando com 141 mulheres e 87 homens, seguido do grupo de 25 a 29 anos, com 54 mulheres e 25 homens. O terceiro maior grupo foi dos jovens de 18 e 19 anos, que totalizaram 31 respondentes, sendo 13 do sexo masculino e 18 do sexo feminino, seguido do grupo de 30 a 34 anos com 19 mulheres e 11 homens (Figura 29).

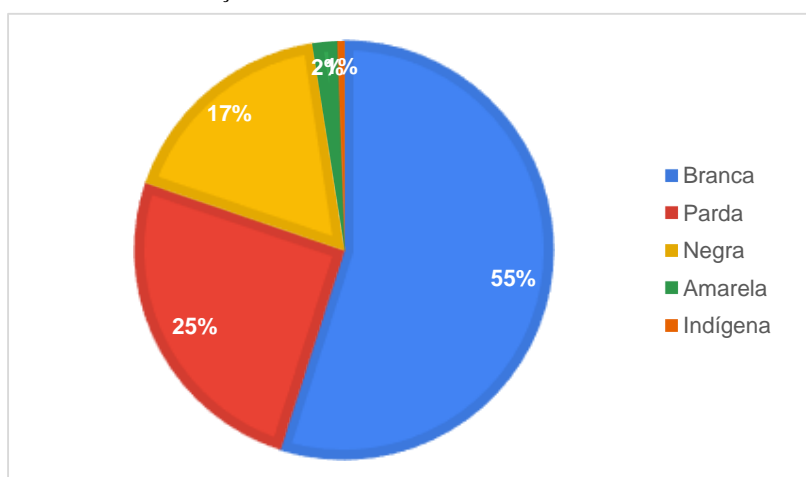
FIGURA 29 - FAIXA DE IDADE E SEXO DOS ESTUDANTES - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

No quesito cor ou raça, 55% declararam ser brancos, 25% pardos, 17% negros. Amarelos e indígenas representaram 2% e 1%, respectivamente (Figura 30). Essa distribuição acompanhou o perfil geral dos estudantes de graduação do município.

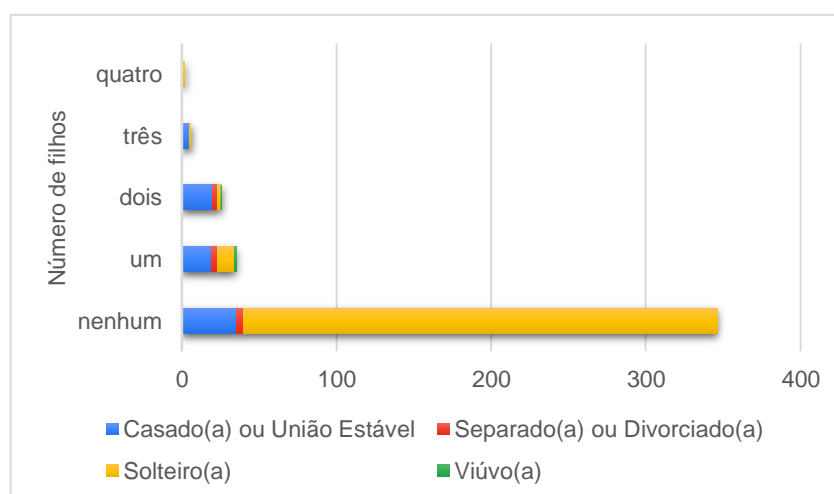
FIGURA 30 - COR OU RAÇA DOS ESTUDANTES - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A grande maioria dos respondentes é solteira (77%) e sem filhos, o que é compatível com o dia a dia de jovens estudantes. Dos que tem filhos, a maior parte tem só um ou dois. Apenas oito respondentes declararam ter três ou quatro filhos (Figura 31). Os casados representam 19%, seguido dos separados com 3% e viúvos com 1%.

FIGURA 31 - ESTADO CIVIL E NÚMERO DE FILHOS - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Do total de respondentes, 48,92% declararam que não trabalham. Sete estudantes trabalham em dois ou mais municípios, ou seja, praticam a mobilidade pendular para trabalho e, em alguns casos, para estudo também.

A fim de investigar se o trabalho exerce influência sobre o fato de residir ou não no município onde estuda, cruzou-se informações sobre estudantes ocupados e não ocupados com a localização da residência principal e o uso ou não de residência secundária (Tabela 17). A residência principal fica em Campos para a maioria dos ocupados (54,11%), contra 45,89%





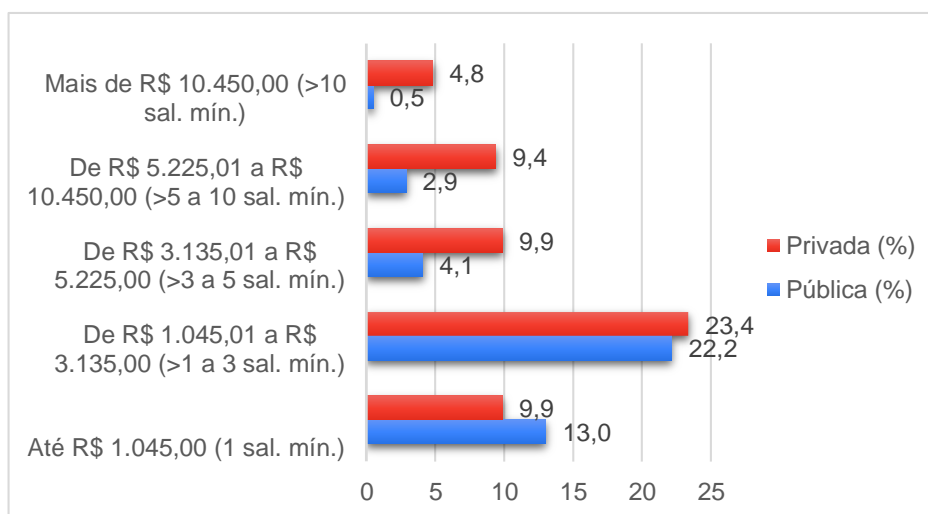
Quanto à renda mensal familiar, a grande maioria dos respondentes assinalou que é de um a três salários mínimos (45,5%), seguidos das famílias que ganham até um salário mínimo (22,9%). Percebe-se que, para aproximadamente 70% dos entrevistados, a família sobrevive com pouco. Não se sabe o número de integrantes de cada família, porém, arcar com os custos da vida cotidiana, mais os custos para manter um (ou mais) estudante no ensino superior, é uma tarefa difícil para quem tem o orçamento mais limitado. Os que ganham de três a cinco salários são 14,0%, mais de cinco a dez salários representam 12,3%, e 5,3% dos estudantes são de famílias com renda mensal acima de dez salários mínimos (Figura 33).

As IES privadas são as preferidas por quem apresenta a renda familiar mais elevada, enquanto as públicas são mais frequentadas por estudantes de famílias de menor renda, o que vai ao encontro dos propósitos das instituições públicas, de incluir todos os segmentos da sociedade e democratizar o ensino, promovendo o desenvolvimento social.

Apesar da renda não ter sido objeto de controle, os resultados encontrados na pesquisa primária foram compatíveis com os dados do censo demográfico 2010 para todas as classes de rendimentos (como visto na Figura 24), o que ratifica as informações apresentadas. Cabe ressaltar que, embora os maiores percentuais tenham ficado com os mesmos níveis de rendimentos, os dados secundários apresentados se referiram à renda *per capita* e, na pesquisa primária, investigou-se a renda familiar total.

Importante destacar também que o assunto renda envolve alguns aspectos que podem deturpar as respostas, como: receio em falar de renda alta, vergonha em declarar renda baixa, falta de conhecimento da renda dos integrantes da família, entre outras possíveis influências.

FIGURA 33 - RENDA MÉDIA FAMILIAR MENSAL POR IES PÚBLICAS OU PRIVADAS (%) - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Percebe-se que o tipo de escola em que o aluno cursou o ensino médio está diretamente relacionado à questão da renda familiar. É possível identificar também uma relação com o município onde se localiza a residência principal. A residência principal fica fora do município onde cursa graduação para 30,9% dos alunos oriundos de escola pública e 26,6% dos alunos de escola particular (com ou sem bolsa).

A faixa de renda também pode ter relação com o deslocamento para estudo e/ou a permanência em Campos para estudar, após o deslocamento inicial. Trata-se daqueles que declararam residir em uma residência secundária, como uma república por exemplo. Percebe-se que, entre os que afirmaram ter uma residência secundária, os maiores percentuais ficaram com as maiores faixas de renda, indicando que esse público tem despesas que demandam maiores recursos financeiros (Tabela 18), confirmando também os dados censitários.

TABELA 18 - FAIXA DE RENDA POR USO DE RESIDÊNCIA SECUNDÁRIA - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021

<b>Faixa de renda</b>	<b>Com resid. secund.</b>	<b>%</b>	<b>Sem resid. secund.</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
Até R\$ 1.045,00 (1 sal. mín.)	20	21,05	75	78,95	95
De R\$ 1.045,01 a R\$ 3.135,00 (>1 a 3 sal. mín.)	34	17,99	155	82,01	189
De R\$ 3.135,01 a R\$ 5.225,00 (>3 a 5 sal. mín.)	9	15,52	49	84,48	58
De R\$ 5.225,01 a R\$ 10.450,00 (>5 a 10 sal. mín.)	13	25,49	38	74,51	51
Mais de R\$ 10.450,00 (>10 sal. mín.)	7	31,82	15	68,18	22
<b>Total</b>	<b>83</b>	<b>20,00</b>	<b>332</b>	<b>80,00</b>	<b>415</b>

Fonte: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

### 5.1.2 Trajetória familiar e escolar

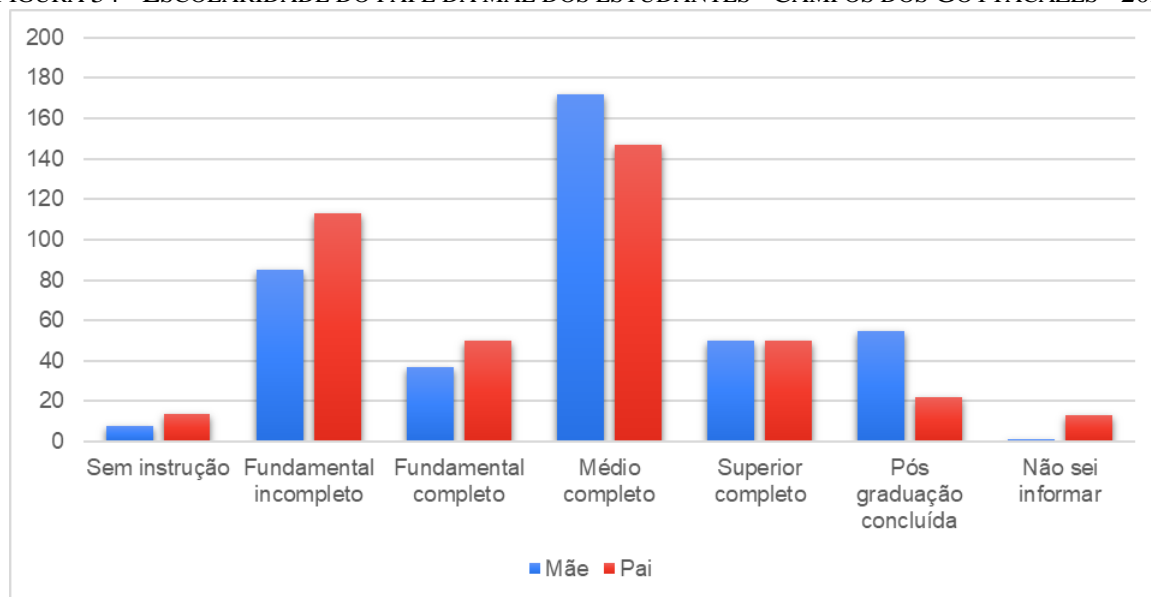
Com relação à trajetória familiar e escolar dos sujeitos e suas famílias, viu-se que, quando perguntado se possuíam irmãos ou cônjuges que estivessem cursando ou já concluído alguma graduação, 54,2% afirmaram que não e 45,8% que sim. O objetivo da pergunta foi investigar uma possível influência de experiências anteriores de familiares com maiores chances de morarem na mesma residência, na decisão por estudar. O resultado, com predominância para ausência de graduados na família, indica que as redes de apoio familiares que se formam são importantes, mas não decisivas na decisão por cursar uma graduação, podendo ou não ser um fator influenciador.

Em que pese a importância da família na construção da trajetória dos indivíduos, como afirma Ribeiro (2012, p. 118): “as condições objetivas e subjetivas da família, além de informar a posição dos indivíduos no começo de sua trajetória pessoal, são também fundamentais para o seu desenvolvimento ao longo da vida”, sobre a escolaridade do pai e da mãe, a maioria não apresentou elevados níveis educacionais, com predominância do ensino

médio completo, quando ao menos o ciclo da educação básica foi concluído. O próximo grupo de escolaridade que mais foi citado foi o ensino fundamental incompleto, principalmente entre os pais (homens), o que demonstra a baixa escolarização de parte das famílias dos estudantes, principalmente dos pais.

Com relação ao nível superior, este foi concluído por 12,3% das mães e também 12,3% dos pais, indicando que o exemplo em cursar graduação não está em parte significativa dos progenitores, ou seja, os discentes estão buscando um nível de escolaridade superior à de seus pais, sugerindo um importante impacto geracional. Percebe-se que as mães em geral, são mais escolarizadas que os pais, seguindo a tendência nacional da maior escolarização das mulheres (Figura 34).

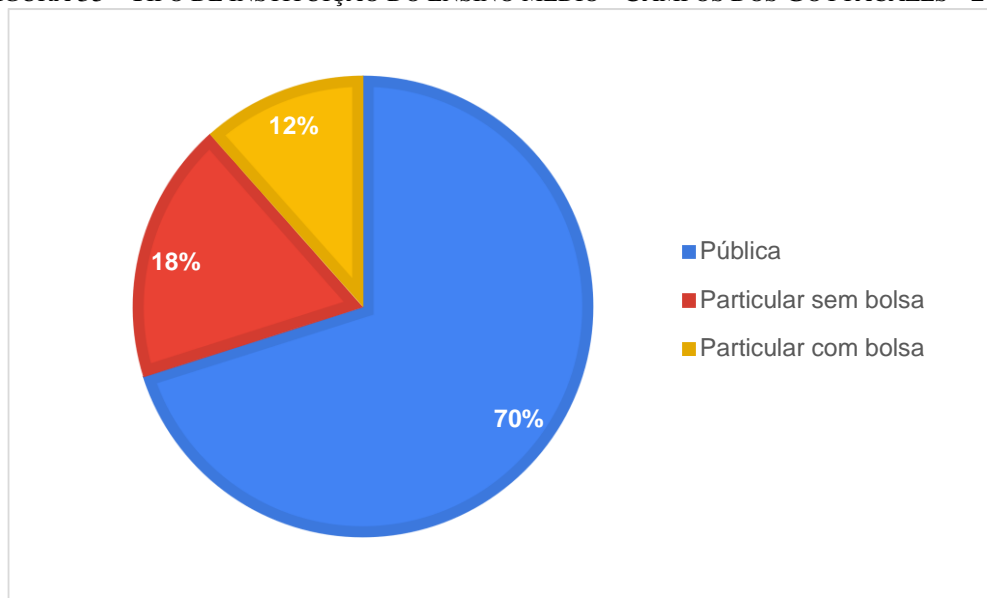
FIGURA 34 - ESCOLARIDADE DO PAI E DA MÃE DOS ESTUDANTES - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Independentemente da predominância de matriculados em IES privadas durante a graduação, a instituição de origem do ensino médio foi a pública para 70% dos entrevistados e particular com bolsa para 12% deles, ou seja, 82% dos sujeitos cursaram a última etapa da educação básica sem ou com poucos custos relacionados ao ensino. Esse total está relativamente próximo do resultado do censo da educação superior, que identificou 67,2% dos estudantes de graduação no município como originários de escola pública, como visto na seção 4.3.3. Os alunos participantes com ensino médio cursado em escola particular sem bolsa totalizaram 18% do total (Figura 35). Esse fato pode indicar a importância da educação pública na região, possibilitando o acesso de seus alunos ao ensino superior e a todas as possibilidades que o acompanham.

FIGURA 35 - TIPO DE INSTITUIÇÃO DO ENSINO MÉDIO - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

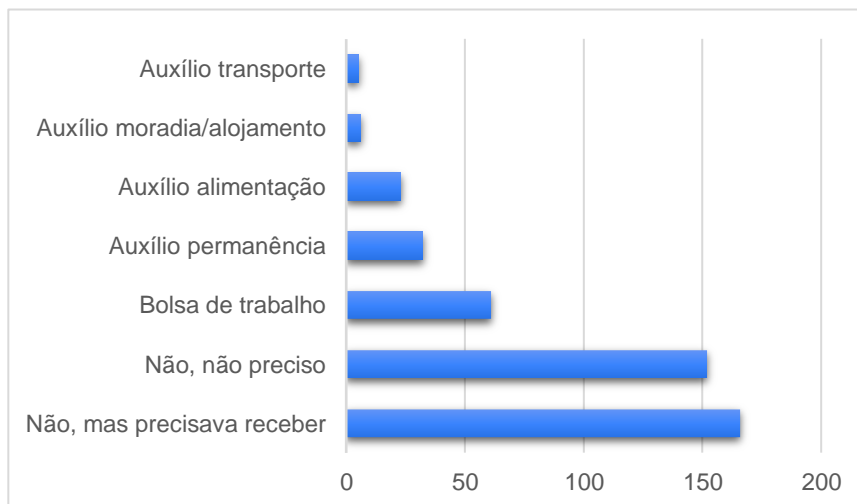
O grande percentual de estudantes provenientes de escola pública ou com bolsa de estudo nas escolas particulares, associado ao baixo rendimento mensal familiar, como visto anteriormente, coloca em pauta a necessidade de apoio estudantil, para que esse aluno tenha algum suporte de modo que consiga se manter matriculado até o final do curso. Esse apoio pode ser financeiro em geral, com ofertas de bolsa permanência ou bolsas de trabalho, quando o aluno presta algum serviço para a IES e recebe um valor em dinheiro, ou apoio mais específico em forma de materiais, alojamento, alimentação ou transporte.

O auxílio no transporte é especialmente importante para aqueles estudantes que residem fora do município em que estudam, ou em localidades mais distantes situadas no próprio município. O auxílio permanência que existe em algumas IES, em geral nas públicas, foi idealizado para contribuir financeiramente com as despesas dos alunos, de modo a evitar a evasão estudantil. O valor em geral não é elevado e é destinado a famílias de baixa renda. Alguns municípios oferecem algum tipo de apoio, outros são oferecidos pelas próprias instituições, que reconhecem a importância da assistência estudantil.

Quando questionados se recebiam algum tipo de apoio da IES para estudar, a maioria respondeu que não, mas precisava receber, indicando que a quantidade da assistência oferecida não é suficiente para suprir a demanda (Figura 36). Alguns recebem dois ou mais apoios paralelamente, como auxílio permanência e auxílio alimentação, por exemplo, enquanto outros que recebem apenas um, podem ter a necessidade de receber mais. Alguns estudantes responderam que não precisam receber nenhuma assistência desse tipo, 71% deles estudam em IES particulares. Quanto à renda, 55% dos que afirmaram não precisar de

nenhum auxílio, apresentam renda média mensal familiar de mais de três salários mínimos, que, aparentemente deve ser suficiente para se manter no curso.

FIGURA 36 - RECEBE ALGUM APOIO DA IES PARA ESTUDAR? - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021

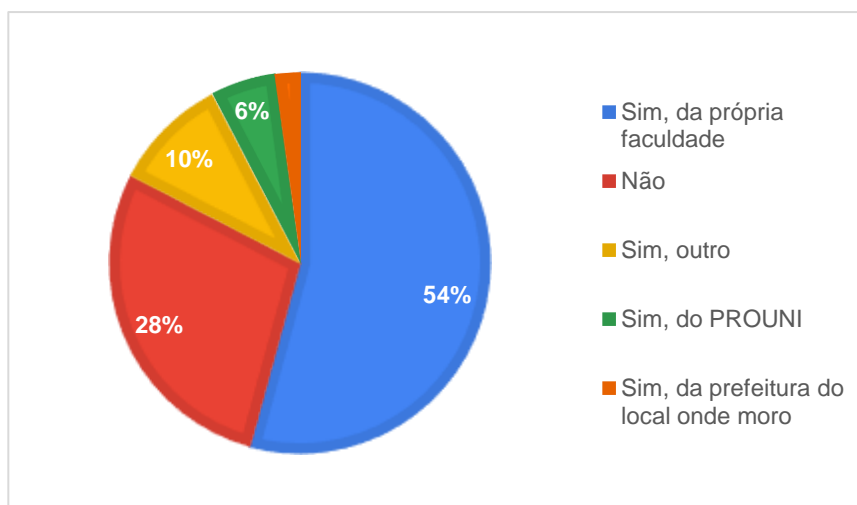


FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ainda no âmbito do apoio estudantil, 54% dos que estudam em IES particulares declararam que recebem alguma bolsa ou desconto da própria instituição para auxiliar nos custos da mensalidade. Além desses, 6% recebem bolsa do PROUNI, 2% recebem da prefeitura do seu município de residência e 10% recebem bolsa ou desconto de outras fontes. Ou seja, a grande maioria (72%) recebe algum tipo de ajuda para pagar a mensalidade, o que vai ao encontro da renda média familiar baixa apresentada pela maior parte dos estudantes, como visto na figura 33. Imagina-se que, para muitos, esse tipo de subsídio seja essencial para conseguir arcar com os custos das mensalidades e demais custos relacionados. Em contrapartida, 28% dos estudantes de IES privadas pagam integralmente suas mensalidades, sem nenhum tipo de auxílio (Figura 37).

A bolsa ou desconto é integral apenas para 18% dos estudantes que a recebem. Para a maioria (82%), a assistência é parcial.

FIGURA 37 - RECEBE ALGUM TIPO DE BOLSA OU DESCONTO PARA PAGAR A MENSALIDADE? - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



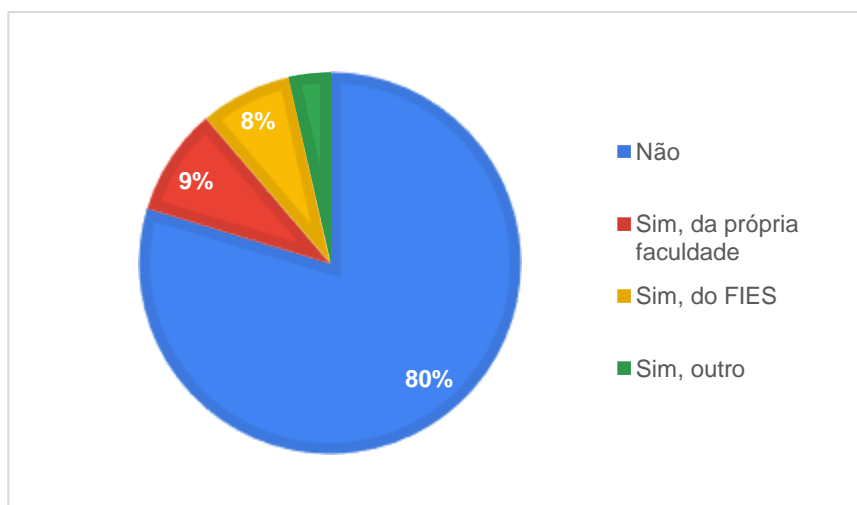
FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ainda com relação ao pagamento da mensalidade, foi questionado se o estudante participa de algum programa de financiamento dos estudos, seja ele da própria faculdade, do FIES ou de outro tipo de programa. Os que não financiam totalizaram 80% (Figura 38). Daqueles 28% dos estudantes que declararam não receber nenhum tipo de bolsa ou desconto, a maioria também não financia a mensalidade. Em números absolutos, 55 alunos entrevistados pagam suas mensalidades integralmente, sem descontos ou financiamentos. Nesse quesito, esse resultado da pesquisa primária não está de acordo com os dados do censo da educação superior, uma vez que os dados secundários indicaram que 63,0% dos estudantes de graduação em IES privadas no município, utilizam algum tipo de financiamento. O fato da maioria dos participantes receber algum tipo de desconto nas mensalidades, como visto na figura anterior, pode ter contribuído para que o financiamento não se mostrasse substancial.

A própria faculdade financia os estudos de 9% dos alunos. O FIES é responsável pelo financiamento de 8%, enquanto outros programas de financiamento, como o Educa Mais Brasil, por exemplo, é responsável pelo financiamento da graduação de 3% dos estudantes.

Para muitos alunos, a possibilidade de receber uma bolsa total ou parcial ou financiar o curso, é a única maneira de conseguir cursar graduação em uma instituição privada. O financiamento por vezes é preterido já que, nesses casos, a vida profissional posterior à graduação necessariamente iniciará com uma dívida a ser paga.

FIGURA 38 - PARTICIPA DE ALGUM PROGRAMA DE FINANCIAMENTO? - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Muitas vezes, as IES privadas são procuradas por estudantes de baixa renda porque o curso desejado não é ofertado em instituições públicas. Quando perguntado quais as três principais motivações para estudar no atual curso superior, por ordem de importância, o desejo pessoal foi destaque como principal motivação, sendo acionado também na segunda e terceira colocação quanto a principal motivação para estudar no curso atual. Ou seja, diante de outras motivações, os alunos informaram que escolheram os cursos de acordo com a área que gostam (Figura 39).

O interesse no mercado de trabalho também foi destaque, principalmente como segunda principal motivação (em geral, após o desejo pessoal). Buscar um curso que ofereça maiores e melhores oportunidades no mercado de trabalho é a aspiração de muitos estudantes.

Outros motivos que não os listados também foram selecionados por uma parte significativa de alunos: 102 deles, em números absolutos, destacaram ter outros motivos como terceira maior motivação para cursar a graduação em que está matriculado.

A vontade ou imposição familiar foi citada como uma das três principais motivações 67 vezes, o que indica que ainda hoje, a família exerce influência na vida acadêmica e profissional dos indivíduos.

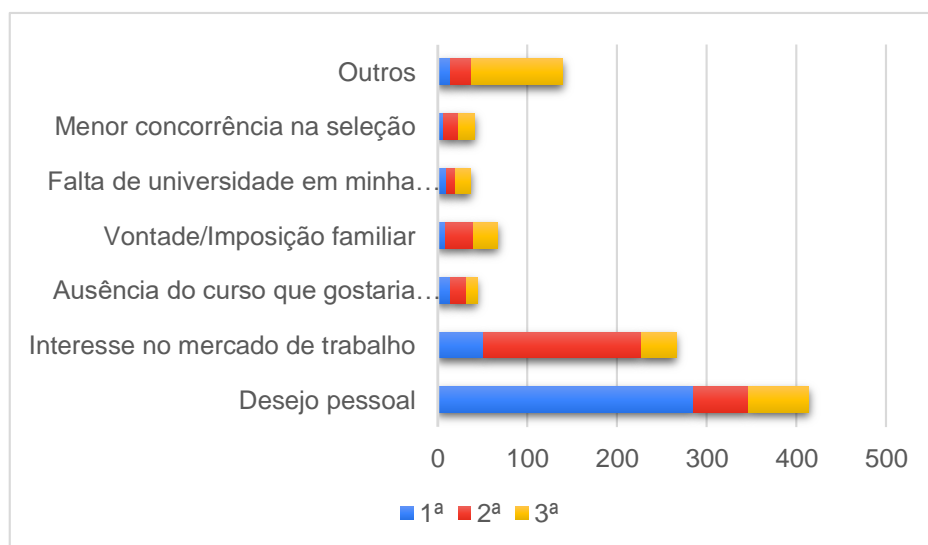
A menor concorrência na seleção foi citada 41 vezes. Alunos inseguros com seus conhecimentos, com receio de deixar de entrar na faculdade naquele ano ou sem outra grande motivação na escolha do curso, acabam optando por cursos com menos inscritos por vaga ou com menor nota de corte, com o objetivo de tornar a aprovação no processo seletivo um pouco mais fácil.



A falta do curso que gostaria na cidade de origem foi citada 44 vezes, acompanhada da falta de uma universidade na cidade de origem, que foi citada 37 vezes. Essa ausência objetiva de oportunidades impossibilita que o aluno estude em seu próprio município, impelindo o estudante a buscar graduação em outro local. Concorde-se, portanto, com Vignoli quando coloca que a hipótese sobre os deslocamentos relacionados à educação nas cidades é a de que: “el diferencial en materia de oferta de educación terciaria (universitaria o técnica) es el relevante para este tipo de migración”<sup>120</sup> (RODRÍGUEZ VIGNOLI, 2011, p. 62). Ou seja, a oferta diferenciada atrai estudantes.

É possível associar essas motivações à lógica de escolha ou constrangimento, e a geografia de oportunidades, que apresenta aspectos objetivos e subjetivos. Por vezes as escolhas estão ligadas a constrangimentos anteriores. Nem sempre o curso almejado existe na instituição pública, ou na cidade em que reside. Assim como, nem sempre é possível realizar o deslocamento ou a migração para frequentar aquele curso, por fatores financeiros, familiares, entre outros. A mobilidade ou a permanência estão ligadas a esses fatores. Nesse sentido, vale relembrar Santos e Silveira ao dizerem que “a escolha de um curso é, simultaneamente, uma opção social, econômica, política, cultural e territorialmente condicionada” (SANTOS; SILVEIRA, 2000, p. 60). Cada motivação envolve escolhas individuais e familiares, assim como restrições impostas pelo local e o contexto no qual as pessoas tomam suas decisões.

FIGURA 39 - TRÊS PRINCIPAIS MOTIVAÇÕES PARA ESTUDAR NO ATUAL CURSO SUPERIOR - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

<sup>120</sup> O diferencial em termos de oferta de ensino superior (universitário ou técnico) é o relevante para esse tipo de migração (Tradução nossa).

### 5.1.3 Naturalidade, local de residência e deslocamentos

A maioria dos estudantes que respondeu à pesquisa é natural do próprio município em que estuda (64,8%). Os naturais dos demais municípios da Região Norte Fluminense representam 12,8%. Já os estudantes nascidos em outros municípios do estado do Rio de Janeiro, representaram 14,9% do total (Tabela 19). Participaram da pesquisa também estudantes naturais de outros estados, que corresponderam a 7,5% do total e são principalmente dos demais estados da Região Sudeste: São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, mas também participaram alunos naturais dos estados da Bahia, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e do Distrito Federal. Nenhum estudante originário de país estrangeiro respondeu ao questionário.

TABELA 19 - LOCAL DE NASCIMENTO DOS RESPONDENTES - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021

<b>Local de nascimento</b>	<b>Quantitativo de estudantes (abs.)</b>	<b>%</b>
Município de Campos	269	64,8
Outros municípios da Região Norte Fluminense	53	12,8
Outros municípios do estado do Rio de Janeiro	62	14,9
Outros estados do país	31	7,5
Outros países	-	-
<i>Total</i>	<i>415</i>	<i>100,0</i>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Cabe ressaltar que, para 18,1% dos respondentes, a atual residência principal não fica no município de nascimento. Ou seja, já mudaram de município pelo menos uma vez ao longo da vida. Desse modo, faz-se necessário analisar o local de residência principal e secundária desses estudantes, como será feito mais adiante.

Os transportes são essenciais nesses deslocamentos. Quando perguntado qual meio de transporte é utilizado para ir até a faculdade diariamente, a maioria respondeu que vai de ônibus/van (Figura 40), ou seja, utilizam o sistema de transporte público do(s) município(s) para chegar até a faculdade. Isso pode sobrecarregar o sistema, principalmente nos horários de pico. Cabe ressaltar que alguns ônibus ou vans utilizadas são fretados pelos municípios de origem, para realizar o transporte universitário, ou pelos próprios estudantes, que dividem os custos do aluguel entre si, para conseguir chegar até a faculdade com mais facilidade, comodidade e pontualidade.

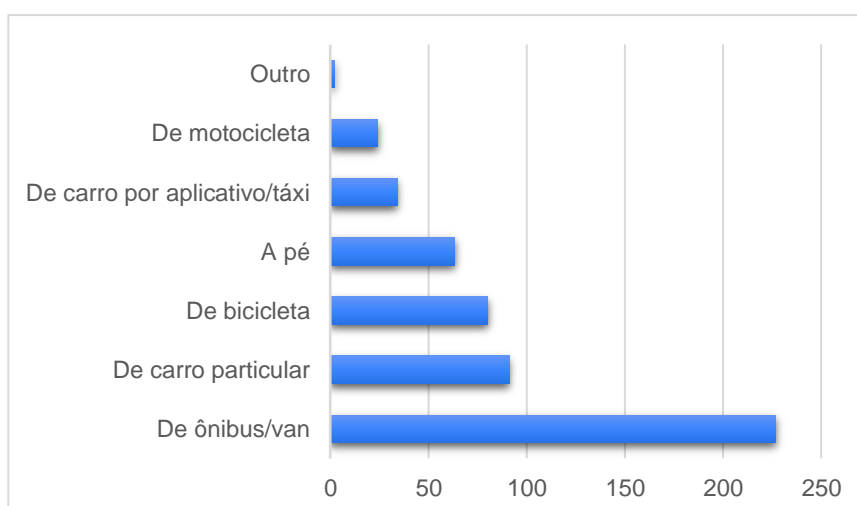
O segundo meio de transporte mais utilizado é o carro particular. Muitos alunos utilizam seus carros para facilitar o deslocamento do trabalho para a faculdade, por exemplo; outros vão de carro, pois familiares auxiliam levando e buscando no final das atividades.

A bicicleta é o terceiro meio de transporte mais usado. Em que pese a carência de faixas exclusivas para ciclistas, a bicicleta é muito usada entre os estudantes que moram em bairros próximos às instituições por ser de baixo custo. Adiciona-se a isso o fato de o município ser uma planície, favorável à prática do ciclismo. Os que moram ainda mais perto, vão caminhando diariamente.

Dos 88 alunos que afirmaram ir para a faculdade exclusivamente caminhando ou pedalando, o que podemos chamar de mobilidade ativa, 42% afirmaram ter residência secundária, sendo a grande maioria constituída por moradores de repúblicas ou imóveis alugados. Ou seja, grande parte dos que usam residências secundárias buscam residir perto o suficiente de modo a não necessitar de meios de transporte motorizados para chegar até a faculdade.

A utilização de motocicletas, carro por aplicativo/taxi e outros meios como caronas, foram menos citadas. Os custos com carros por aplicativo ou taxi são elevados, talvez por isso sua participação tenha sido menor, já que a comodidade de tal meio é bem atrativa. Já a razão da baixa participação da motocicleta pode estar associada ao maior número de respondentes do sexo feminino (63,6%), que, em geral, usam menos as motocicletas do que os homens, além do valor de sua aquisição e manutenção, que pode ser elevado para os que dispõem de renda baixa.

FIGURA 40 - MEIO DE TRANSPORTE DIÁRIO ATÉ A FACULDADE - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021

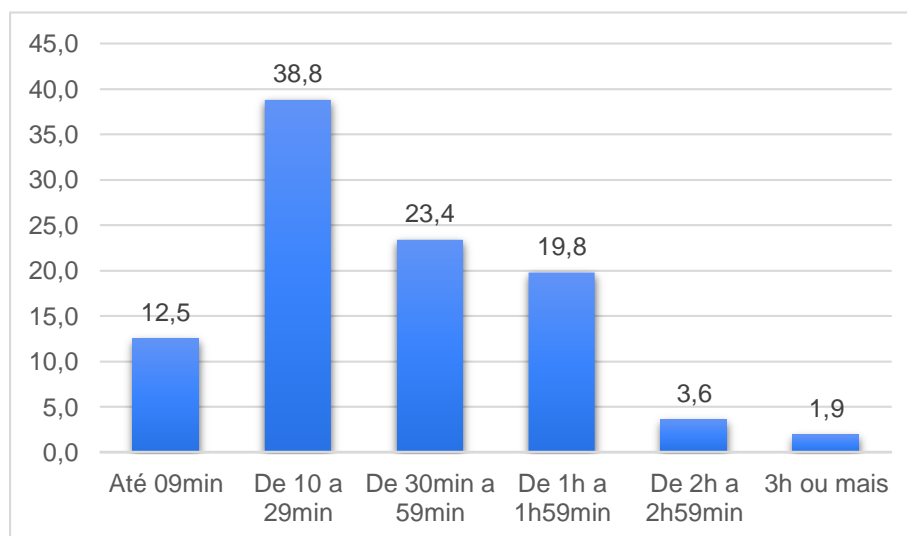


FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Fator associado ao tipo de transporte utilizado é o tempo gasto nesse transporte. Quando perguntado quanto tempo cada estudante levava para chegar até a faculdade diariamente, a maioria (38,8%) respondeu que gasta de 10 a 29 minutos, ou seja, não residem tão distante das IES. Os que residem ainda mais próximos correspondem a 12,5%, gastando

até 09 minutos para chegar à faculdade. Já os que gastam de uma hora a 2h59min totalizaram 23,4%, enquanto 1,9% gastam três horas ou mais (Figura 41). Desses últimos que gastam mais tempo para chegar até faculdade diariamente, apenas um afirmou ter residência principal em Campos (e também residência secundária, ou seja, a residência principal fica em local distante no município), os demais declararam ter residência principal em outros municípios do estado do Rio de Janeiro e um deles afirmou ser do estado do Espírito Santo, o que explica a grande quantidade de tempo necessário para o deslocamento diário.

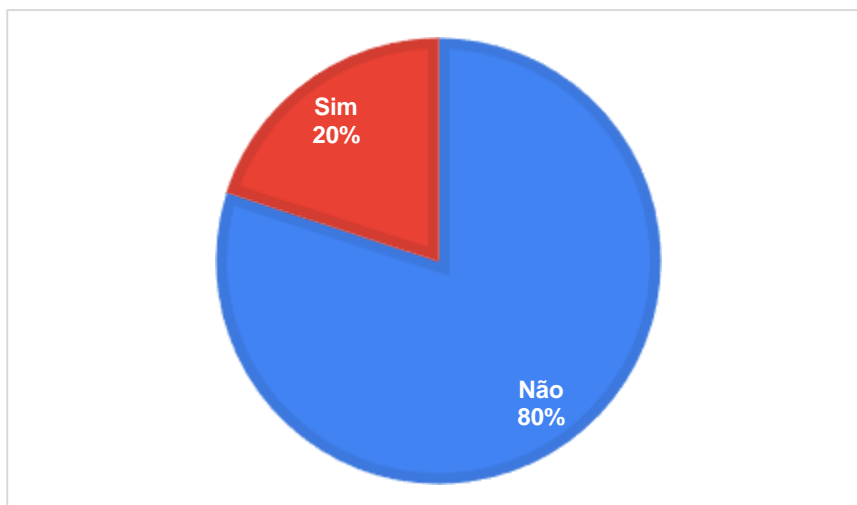
FIGURA 41 - TEMPO GASTO ATÉ A FACULDADE DIARIAMENTE (%) - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

O tipo de transporte utilizado e o tempo gasto nesse transporte dependem diretamente de onde está localizada a moradia do estudante. Nesse caso, a moradia para estudo é aquela para qual ele retorna diariamente após a faculdade, já que, há estudantes que vivem em mais de uma residência, principalmente aqueles que residem em outro município ou em distritos mais distantes do município de estudo. Essa questão foi levantada no questionário e obteve o seguinte resultado: 20% dos alunos relataram que vivem em duas ou mais residências (principal e secundária), enquanto 80% vivem apenas em uma, ou seja, apenas na residência principal (Figura 42).

FIGURA 42 - VIVE EM DUAS OU MAIS RESIDÊNCIAS (PRINCIPAL E SECUNDÁRIA)? (%) - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



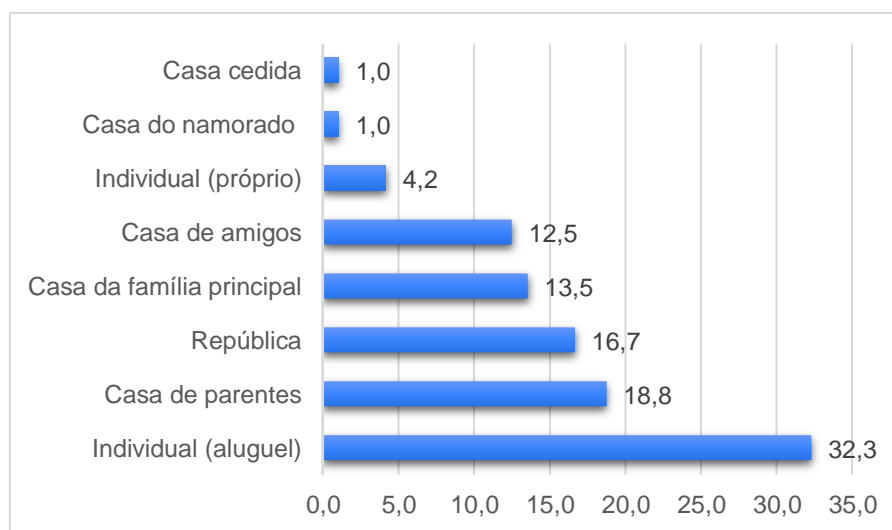
FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Foi perguntado aos 83 alunos que declararam ter residência secundária, qual o tipo dessa residência. Foram obtidas 99 respostas, ou seja, alguns alunos que tinham apenas residência principal não observaram a orientação de pular a questão que não lhes cabia, e responderam sem necessidade. A maioria (32,3%) respondeu que mora sozinho e a residência secundária é alugada, 16,7% moram em república, com outros estudantes, dividindo os custos mensais com aluguel, água, luz, internet, entre outros. Observa-se, portanto, que 49,0% dos estudantes alugam uma residência secundária no município, outros decidem por comprar um imóvel próprio, fatos que movimentam o mercado imobiliário e, conseqüentemente, as finanças públicas (Figura 43).

Como em geral a renda dos estudantes é baixa, muitos buscam alternativas de menor custo para residir na cidade em que estudam, como casas cedidas, casa de parentes e amigos ou da própria família, que por vezes dispõe de um conjunto de locais de residência dos membros da família, o que Barbary e Dureau (1993, p. 413) chamaram de “*systeme résidentiel de la famille*”<sup>121</sup>, que pode auxiliar o estudante em sua necessidade de moradia. São as redes sociais e familiares que são acionadas para essa finalidade, entre outras.

<sup>121</sup> sistema residencial familiar.

FIGURA 43 - TIPO DE RESIDÊNCIA SECUNDÁRIA EM CAMPOS (%) - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Com a pergunta sobre distância percorrida no deslocamento entre residência secundária e faculdade, aconteceu o oposto: deveria ter 83 respostas, mas teve apenas 49. Talvez ela tenha sido desconsiderada por muitos pelo fato dos respondentes não saberem a distância percorrida e de a questão não ser obrigatória, já que não era para a totalidade do público alvo. Sendo assim, a questão foi ignorada por parte do público, outros tiveram a resposta anulada por responderem “não sei”. A média dos que responderam foi de 16,8 km de distância percorrida no deslocamento entre residência secundária e faculdade. Uma distância curta, que pode demonstrar que as residências secundárias se localizam, em sua maioria, próximas à região central e as sedes das IES.

Já quando perguntado qual a distância percorrida no deslocamento entre a residência principal e a faculdade, a média das respostas ficou em 78,73 km, demonstrando que os que recorrem a uma residência secundária para estudar, buscam morar próximos a IES, pelas facilidades que isso proporciona, enquanto os que permanecem em suas residências principais acabam tendo que se deslocar por maiores distâncias diariamente para estudar. A oferta de transporte é outro ponto. Estudantes de outros municípios muitas vezes utilizam transporte universitário para chegar até a faculdade, enquanto os que residem em Campos, principalmente em distritos distantes, não contam com essa oportunidade. Ou seja, nesse quesito, mobilidade a “longa distância” pode ser mais vantajosa fora do que dentro do mesmo município.

Nesse sentido, vale uma reflexão: quem mais sente os efeitos dos deslocamentos, portanto? Aqueles que moram fora e durante a semana ficam em repúblicas, por exemplo, com todas as vantagens temporais e espaciais que isso proporciona, apesar das dificuldades

em estar longe da família e de sua residência principal? Ou aqueles que moram no município ou vizinhança, não tendo a necessidade de buscar uma residência secundária e mudar tanto seu espaço de vida, mas sentindo os efeitos e dificuldades dos deslocamentos diários? Tentar-se-á entender melhor essa questão na segunda fase de entrevistas. De acordo com as análises da pesquisa com estudantes das Instituições Federais, morar no mesmo município onde cursa a graduação torna-se um “distintivo social” (ANDIFES, 2019), com benefícios para esses alunos, apesar desse fato isolado não permitir a mensuração da qualidade de vida e acadêmica dos estudantes.

O morar distante envolve múltiplos aspectos que podem ter efeitos negativos para a vida pessoal, acadêmica e até mesmo para a saúde dos alunos, como afirmou uma estudante de graduação de Campos em uma postagem na rede social, ao destacar a distância da família como um grande ponto negativo:

O preço de estudar fora é caro, e não falo de dinheiro, falo em algo que vai além disso. Sair de casa e ir embora correndo atrás de um sonho, e ao mesmo tempo, deixar pra trás todos que amamos. Falam que passar no vestibular é difícil, mas difícil mesmo é lidar com a saudade e a sanidade mental. E no fim das contas, nenhum diploma vai me devolver os momentos que eu perdi perto da minha família. Esse é o preço de um sonho (ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO, 2019, *via facebook*).

Diversas são as dificuldades enfrentadas pelos estudantes de graduação, principalmente para os que, além das atividades acadêmicas normais, precisam lidar com longos deslocamentos para estudo.

Ao categorizar as distâncias percorridas, foi possível identificar que a residência principal da maior parte dos respondentes (73,01%) dista até 50 km da faculdade, ou seja, a maioria está instalada relativamente próximo às IES. Em ordem crescente de distância, 12,29% residem de 51 a 100 km de distância, 8,92% de 101 a 250 km de distância, 3,86% de 251 a 500 km e 1,93% tem residência principal localizada a mais de 500 km da faculdade (Tabela 20). Vale ressaltar que em geral as maiores distâncias são percorridas poucas vezes ao ano, uma vez que, nesses casos, o estudante busca se manter no município de estudo com uma residência secundária.

À medida que a distância aumenta, o deslocamento diário torna-se mais custoso e cansativo e pode aumentar, inclusive, a possibilidade de desistência do curso. Vale destacar que essa pergunta foi obrigatória no questionário, portanto, foi respondida por todos os participantes, já que todos têm uma residência considerada principal.

TABELA 20 - DISTÂNCIA APROXIMADA PERCORRIDA ENTRE RESIDÊNCIA PRINCIPAL E FACULDADE  
(ABSOLUTO E PERCENTUAL) - 2021

<b>Distância</b>	<b>Abs.</b>	<b>%</b>
0-50 km	303	73,01
51-100 km	51	12,29
101-250 km	37	8,92
251-500 km	16	3,86
Mais de 500 km	8	1,93
<i>Total</i>	<i>415</i>	<i>100,00</i>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

De acordo com a REGIC 2018 (IBGE, 2020b), as distâncias médias dos deslocamentos entre cidades de origem e destino para acesso ao ensino superior no Brasil, apresentam comportamentos regionais distintos, variando de acordo com a oferta de centros intermediários de educação. No país como um todo, com sua grande extensão territorial, a média de deslocamento para cursar graduação foi de 92 km, na Região Sudeste, foi de 63 km e, no estado do Rio de Janeiro, que apresentou uma das menores médias do país, devido a maior distribuição e oferta de educação superior e à pequena extensão de seu território, a média das distâncias a serem percorridas para acesso a cursos de nível superior ficou em 52 km. A média apresentada pelos estudantes de Campos que participaram da pesquisa foi alta (78,73 km), se aproximando da média nacional, indicando que o município exerce uma centralidade para estudo na região, sendo um dos centros do estado do Rio de Janeiro.

A distância da residência principal até a faculdade é proporcional à localização desta em relação àquela. Com o intuito de tipificar os deslocamentos realizados pelos estudantes, foi feita uma categorização em intervalos de deslocamento, de acordo com a distância de localização entre o município de residência principal e o município de estudo atual (Campos dos Goytacazes). Sabe-se que essa é apenas uma *proxy* sobre os deslocamentos realizados, uma vez que várias outras mudanças podem ocorrer nesse intervalo e que os motivos e frequências desses deslocamentos são variados.

Diante da pergunta sobre a localização do município onde se encontra a residência principal, a maioria (47,71%) respondeu que está localizada em Campos mesmo, na região central do município, ou nos bairros vizinhos, seguido daqueles que afirmaram ter a residência principal localizada em Campos, porém em bairros ou distritos mais distantes (22,65%). Essa desagregação foi necessária, pois o município possui uma extensa área territorial (a maior do estado do Rio de Janeiro), sendo assim, alunos que residem em distritos mais distantes do centro podem se deslocar a uma distância maior do que alunos de municípios vizinhos, como São João da Barra, por exemplo. Exatamente por isso, esse grupo



de distritos distantes foi classificado como de distância imediata variável, já que, apesar de ter residência principal no mesmo município em que estudam (considerado como distância imediata de acordo com o intervalo de deslocamento proposto), eles podem percorrer distâncias maiores ou menores de acordo com o local do município em que moram.

Para 16,39% dos estudantes, o deslocamento é classificado como de curta distância, já que a residência principal se localiza nos outros oito municípios da Região Norte Fluminense, que, com exceção de Carapebus e Macaé, compartilham com Campos uma parte de seus limites territoriais. Aqueles de média distância, de outros municípios dentro do estado do Rio de Janeiro, representaram 8,43%, enquanto 4,82% declarou que a residência principal fica em outra Unidade da Federação, a longa distância. Não foram obtidas respostas de estudantes de distâncias intensas, originários de outros países (Tabela 21). Essa localização influencia diretamente no tipo de deslocamento que será necessário realizar para cursar a graduação, e, na quantidade de vezes que o aluno que possui residência secundária, retorna para visitar ou rever a família, amigos, ou realizar outras atividades no local de residência principal.

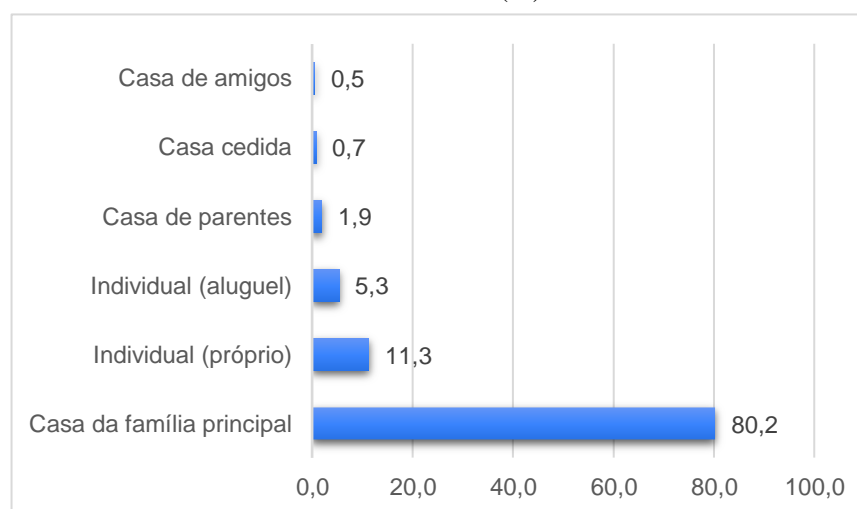
TABELA 21- INTERVALO DE DESLOCAMENTO POR LOCALIZAÇÃO DA RESIDÊNCIA PRINCIPAL - 2021

<b>Intervalo de deslocamento</b>	<b>Local da residência principal</b>	<b>Quantitativo de estudantes (abs.)</b>	<b>%</b>
Distância imediata	Campos (região central ou proximidades)	198	47,71
Distância imediata variável	Campos (distritos mais distantes)	94	22,65
Curta distância	Municípios do Norte Fluminense	68	16,39
Média distância	Outros municípios do RJ	35	8,43
Longa distância	Outras Unidades da Federação	20	4,82
Distância intensa	Outros países	-	-
<i>Total</i>	-	<i>415</i>	<i>100,00</i>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Sobre o tipo de residência principal, como era de se esperar, a maioria (80,2%) dos estudantes selecionou que reside junto à família principal (cônjuges, filhos e/ou pais). A seguir estão os que moram sozinhos (16,6%), em casas próprias ou de aluguel; na casa de parentes estão 1,9% dos participantes e os demais, em casas cedidas (0,7%) ou de amigos (0,5%), conforme Figura 44.

FIGURA 44 - TIPO DE RESIDÊNCIA PRINCIPAL EM CAMPOS (%) - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A frequência de retorno de cada estudante para sua residência principal varia de acordo com a localização da mesma. Os que retornam diariamente são 78,3%, o que vai ao encontro dos 73,01% que afirmaram residir até 50 km da faculdade. Ou seja, quanto mais próximo da IES, maior é a probabilidade de retorno diário. Retornam pelo menos uma vez na semana 6,1% dos respondentes; se enquadram aqui aqueles que passam a semana na área central para estudar e retornam à residência principal nos finais de semana. Os que retornam a cada 15 dias são 2,8%. Não ter uma frequência regular de retorno agrega 4,5%, enquanto 3,8% voltam pelo menos uma vez ao mês e 3,0% pelo menos uma vez ao ano (Figura 45). A periodicidade pode ser influenciada pelos custos com o transporte, que pode diminuir a quantidade de viagens desejadas. Aqueles que têm uma periodicidade de retorno mais longa são os estudantes pendulares, que vivem em residências secundárias, ou migrantes, propriamente ditos, que se mudaram para o município de estudo. A partir dessa classificação, são selecionados os estudantes que participarão da segunda etapa da entrevista.

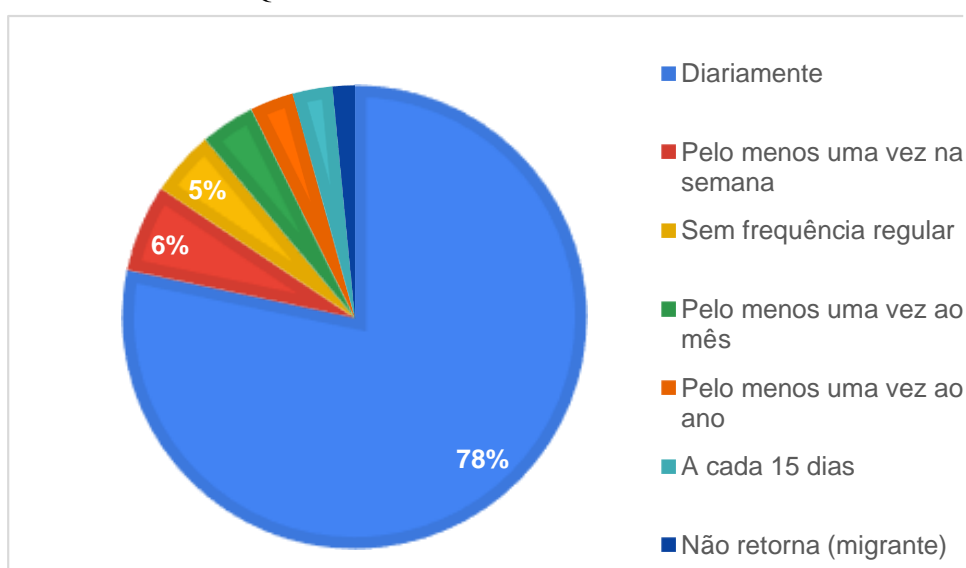
Cabe apontar que alguns dos respondentes não compreenderam bem as opções de resposta propostas para a questão em tela. Após análise dos resultados, identificou-se que, as seis pessoas que responderam “Não retorna (migrante)” à pergunta sobre frequência de retorno à residência principal, provavelmente estavam querendo dizer que sua residência se localiza no centro, portanto, não haveria grandes deslocamentos e conseqüentemente (na visão deles) não se enquadraria como retorno, quando, na verdade, essa opção deveria ser marcada por aqueles que decidiram se mudar “definitivamente” para o município, não havendo retorno, nesse caso. Outro ponto de vista adotado para essas respostas pode ter sido o ensino remoto, que dispensa as idas e vindas para a faculdade. Todos esses informaram que nasceram

em Campos e cinco responderam que a residência principal fica também em Campos, ou seja, não são migrantes. Apenas um respondente declarou ter a residência principal em São Paulo, mas declarou não ter residência secundária. Isso é possível, pois no semestre da pesquisa as aulas estavam acontecendo remotamente, não sendo necessária a presença física no município de Campos e, apesar de ter sido solicitado respostas referentes ao período de aulas presenciais, alguns não o fizeram.

Sobre a frequência de retorno para casa, é possível dizer que, em alguns casos, como nos moradores de repúblicas e afins, há uma espécie de *mobilidade na permanência*, visto que, apesar de permanecerem no município de estudo, eles se movem internamente em seus espaços de vida e também realizam mobilidade espacial mais longa periodicamente para visitar a família nos municípios de origem, independente da frequência.

Além disso, é possível também falar daqueles que vivem uma *imobilidade involuntária*, já que nem todos têm acesso aos recursos necessários para se deslocar pelo espaço como gostariam. Incluem-se aqui aqueles indivíduos que gostariam de cursar o ensino superior, mas não tem acesso às oportunidades próximas de sua residência, nem recursos, estrutura e/ou informações necessárias para realizar o deslocamento para cursar o ensino superior em outros locais de oferta. Ademais, ainda há a possibilidade de “coexistência de uma proximidade espacial e distância social” (LIMA, 2020, p. 32), no sentido de que, por vezes, a oferta até pode existir e estar próxima espacialmente, contudo, as barreiras sociais existentes não permitem sua visibilidade, nem sensação de pertencimento, muito menos a fruição das oportunidades existentes.

FIGURA 45 - FREQUÊNCIA DE RETORNO À RESIDÊNCIA PRINCIPAL - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A frequência de retorno à residência principal também se relaciona com o meio de transporte disponível e possível de ser acionado para realizar esse deslocamento. Ciente de que a utilização combinada de diversos meios de transporte é frequente, foi perguntado qual o principal tipo de transporte utilizado para o deslocamento entre residência principal e Campos. O sistema de transporte coletivo predominou sobre o individual: a maior parte (28,67%) dos entrevistados utiliza ônibus de transporte público (de linha), seguido de 23,86% que afirmaram utilizar ônibus da prefeitura<sup>122</sup> (Figura 46).

Muitos utilizam automóveis, próprios ou da família, assim como os automóveis particulares como táxi ou de transporte por aplicativos. As caronas também são acionadas no transporte, sejam elas gratuitas ou pagas com valores reduzidos, como pelo uso de aplicativos de caronas pagas. As vans ou lotadas, como são popularmente conhecidas, são utilizadas por 5,30% dos alunos. O transporte de baixo (ou nenhum) custo realizado por bicicletas e a pé também foi citado, assim como o transporte rápido das motocicletas. Os ônibus de viagem são usados por 1,69% dos estudantes, aqueles que moram em outros municípios ou estados vizinhos geralmente recorrem a esse tipo de transporte. Foi citado por alguns estudantes que ônibus são fretados pelos próprios alunos para realizar o transporte intermunicipal, pois não recebem esse apoio de sua prefeitura. Há também a utilização de ônibus de viagem com a ID jovem, um documento que permite, além de outros benefícios, descontos ou gratuidade no transporte coletivo interestadual para jovens entre 15 e 29 anos que estão inscritos no Cadastro Único do Governo Federal e têm renda mensal familiar de até dois salários mínimos. Essa é uma importante contribuição para o deslocamento de estudantes de outros estados.

Um entrevistado respondeu que o deslocamento é feito de avião, nesse caso, a utilização desse meio de transporte para a residência principal é necessária, já que ela está localizada em Unidade da Federação muito distante (Distrito Federal). A frequência desse deslocamento foi citada como “pelo menos uma vez ao ano”. Alguns respondentes (3,37%) tiveram sua resposta invalidada mediante outro erro de interpretação na questão, com respostas como: “Não utilizo porque moro em Campos”. Ou seja, não ficou claro que todos deveriam responder essa questão, informando qual meio utiliza para chegar até a faculdade, já que todos possuem uma residência principal. O fato de colocar a palavra Campos no final da pergunta pode ter causado esse erro, levando a crer que seria destinada somente para quem

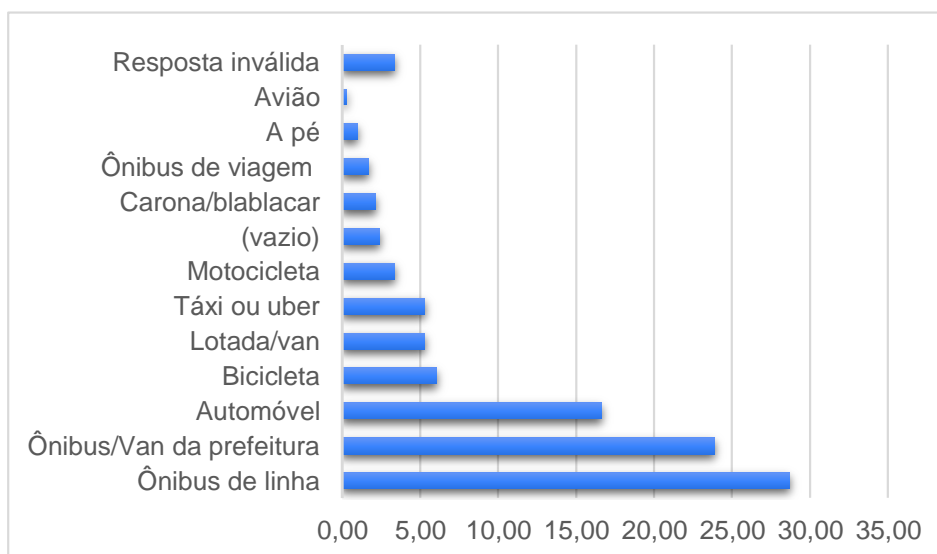
---

<sup>122</sup> Aqui talvez tenha ocorrido um erro de interpretação: alguns respondentes podem ter entendido que “ônibus da prefeitura” seria o transporte público municipal, quando na verdade, está se fazendo referência aos ônibus cedidos pelas prefeituras dos municípios vizinhos para o transporte universitário. Faltou um pouco mais de clareza nesse quesito.

tem residência principal em outro município. Na realidade, realmente deveria ser direcionada para esse público, já que quem declarou residência principal em Campos e conseqüentemente não tem residência secundária para estudo, já respondeu sobre o meio de transporte utilizado diariamente em pergunta anterior: “4.2 Como você vai até a faculdade/universidade diariamente?”, que admitiu múltiplas respostas. Mais uma inconsistência do questionário que não foi identificada no pré-teste.

Alguns que responderam que estavam em ensino remoto também foram invalidados, já que as repostas deveriam ter sido dadas de acordo com o período de aulas presenciais, antes da suspensão das aulas devido à pandemia. Além disso, um participante foi invalidado por digitar um caractere aleatório como resposta.

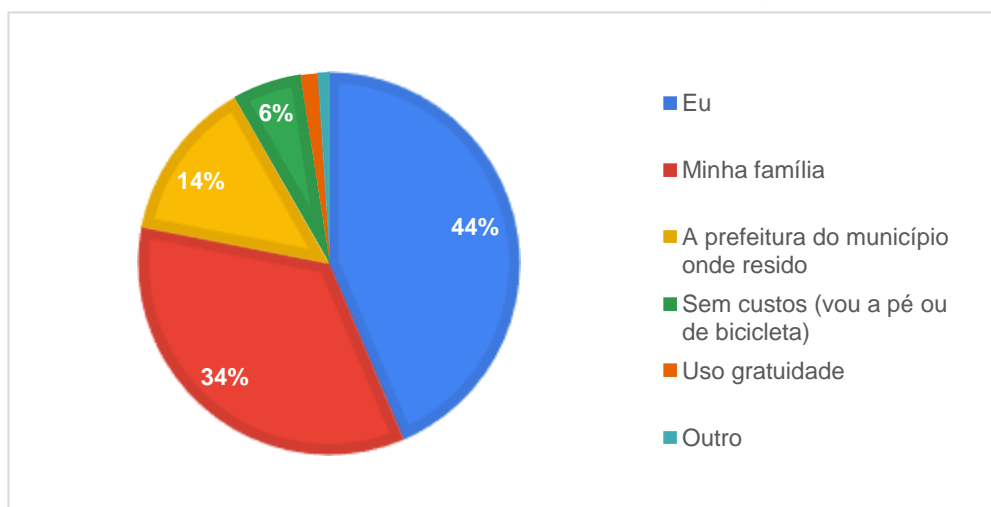
FIGURA 46 - PRINCIPAL MEIO DE TRANSPORTE ENTRE RESIDÊNCIA PRINCIPAL E FACULDADE (%) - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Com relação aos custos com esse transporte, foi perguntado de quem era a responsabilidade principal. Diante disso, 44% responderam que era o próprio responsável pelos custos com o deslocamento, sendo mais um dos custos que fazem parte da graduação, comprometendo parte da renda do trabalho ou da bolsa recebida por esse estudante. Os custos do transporte são mantidos pela família para 34% deles, o que se associa ao dado citado anteriormente em que 49% dos estudantes declararam que não trabalham, necessitando, portanto, do apoio financeiro da família ou de outras organizações, como as prefeituras, por exemplo, que arcam com os custos de transporte de 14% dos participantes da pesquisa. Os demais declararam que não tem custos por usar a gratuidade do transporte público ou por ir até a faculdade a pé ou de bicicleta, além de outros meios (Figura 47).

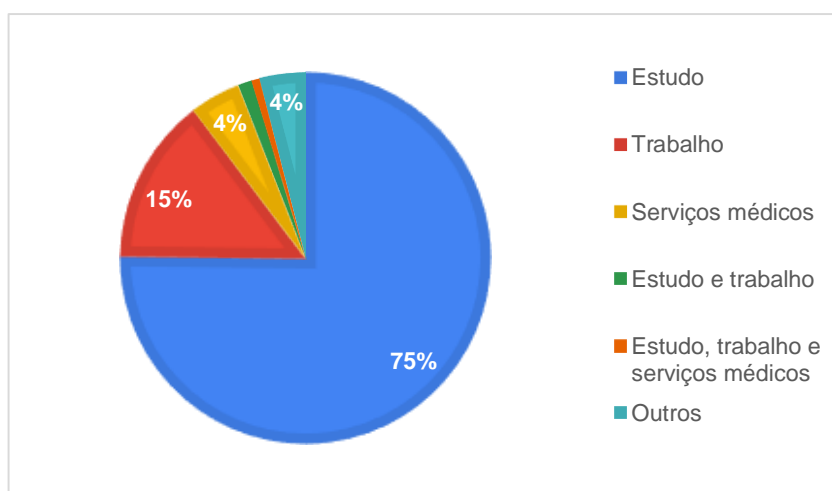
FIGURA 47 - PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELO CUSTO COM TRANSPORTE (RES. PRINCIPAL-IES) - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Como era de se esperar, para os estudantes que responderam à pesquisa, a finalidade principal do deslocamento entre residência principal e a área central do município é o estudo (75%), ou seja, o deslocamento é motivado principalmente por fins educacionais, mesmo que também sejam acionados outros serviços na área central do município (Figura 48). O objetivo principal do deslocamento é o trabalho para 15%, ou seja, trabalham em Campos e estudam no turno disponível. Esse é um dos motivos da maior quantidade de cursos disponíveis no turno da noite, para atender aos trabalhadores. Serviços médicos também exercem considerável atratividade: 4% informou que se deslocam em busca desses serviços na área central. No campo “outros” entraram objetivos como: fazer compras, agir burocracias, ir a bancos, realizar estágio, fazer visitas, entre outros.

FIGURA 48 - FINALIDADE PRINCIPAL DO DESLOCAMENTO ENTRE RESIDÊNCIA PRINCIPAL E ÁREA CENTRAL DE CAMPOS - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

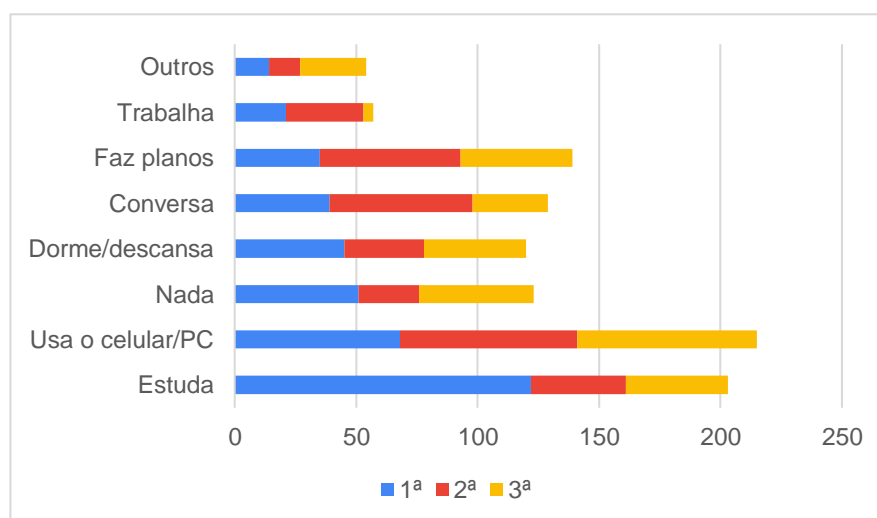
Independente da finalidade do deslocamento, sua duração e meio de transporte utilizado podem limitar a produtividade dos estudantes, ou, potencializar, no contexto de atividades múltiplas que podem ser realizadas. Diante do questionamento sobre quais as três principais atividades que são mais realizadas durante esse trajeto, a maioria elencou o estudo como primeira opção (Figura 49). Significa dizer que, para grande parte dos estudantes, a mobilidade espacial é acompanhada de uma oportunidade para estudar e revisar conteúdos. Outro destaque está no aproveitamento desse tempo usando o celular ou computador para conversar, pagar contas, fazer compras, estudar, trabalhar, entretenimento, entre outras maneiras de aproveitar o tempo perdido, como propõe Balbim (2016), que aponta o papel do *smartphone* como ferramenta para utilizar esse tempo. Diante do uso massivo desses aparelhos durante o trajeto, podem ser formados o que Urry (2007) chamou de *interspaces*, que são espaços preenchidos pela troca de informações entre grupos, usando dispositivos eletrônicos ao longo da viagem.

Observa-se que o trabalho durante o trajeto ficou atrás de opções como conversar, descansar, fazer planos e até mesmo não fazer nada. Talvez pela característica de alguns trabalhos, não seja possível trabalhar remotamente, dentro de um ônibus, por exemplo.

Muitos estudantes entram no que Ascher (1998) chamou de "efeito de túnel", quando não é estabelecida nenhuma relação com o espaço percorrido, nem mesmo visual. Os fluxos que reduzem as distâncias, muitas vezes limitam a vivência dos espaços, como salientou Barbosa (2016). Essa noção de aproveitamento do tempo enquanto se desloca pelo espaço foi também comentada por Marandola Jr e Mello (2005, p. 8516), indicando que não há homogeneidade nos espaços de vida, “possuindo gradações e pontos luminosos e opacos. Os lugares são iluminados, enquanto os itinerários são, em geral, embaçados”, ou seja, são pouco aproveitados.

Os itinerários também limitam a produtividade dos indivíduos, devido às restrições que um meio de transporte em movimento impõe, o que fica evidenciado pelo grande quantitativo de indivíduos que afirmou não fazer “nada” durante o trajeto. A opção pelo descanso ou outra atividade improdutiva por vezes não é opcional, já que algumas pessoas não se sentem bem ao ler ou conversar enquanto viajam. Provavelmente esses estudantes sofrem de cinetose, o chamado enjoo do movimento, que atinge muitos universitários (BORGES, 2021), podendo causar náuseas, mal-estar, tontura, entre outros.

FIGURA 49 - TRÊS ATIVIDADES MAIS REALIZADAS NO TRAJETO CASA-FACULDADE - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Quanto ao histórico de migração, 22,41% dos estudantes afirmaram que já moraram em outro município antes, ou seja, já realizaram migração em alguma etapa da vida. Ao selecionar apenas os estudantes que declararam viver em duas ou mais residências atualmente, ou seja, que utilizam residência secundária além da principal, 31,33% afirmaram que já moraram em outro município antes, incluindo municípios de outros estados e até mesmo de outro país. Ou seja, entre os que dispõem de residência secundária, e, portanto, se deslocam em algum momento para sua residência principal, o percentual de migrantes foi maior, indicando que uma migração anterior pode potencializar os movimentos atuais. É a ideia de mobilidade enquanto projeto na vida dos indivíduos.

#### 5.1.4 Relação com a cidade e a vida social

A concentração de IES no município gera uma demanda pelo uso de equipamentos e serviços por parte dos alunos e, também, dos trabalhadores da educação. Para se ter uma ideia de quais serviços são mais acionados pelos estudantes, foi solicitado que eles selecionassem, em ordem de importância, os quatro lugares que mais frequentam em Campos (além da faculdade), ou seja, quais lugares conformam seus espaços de vida.

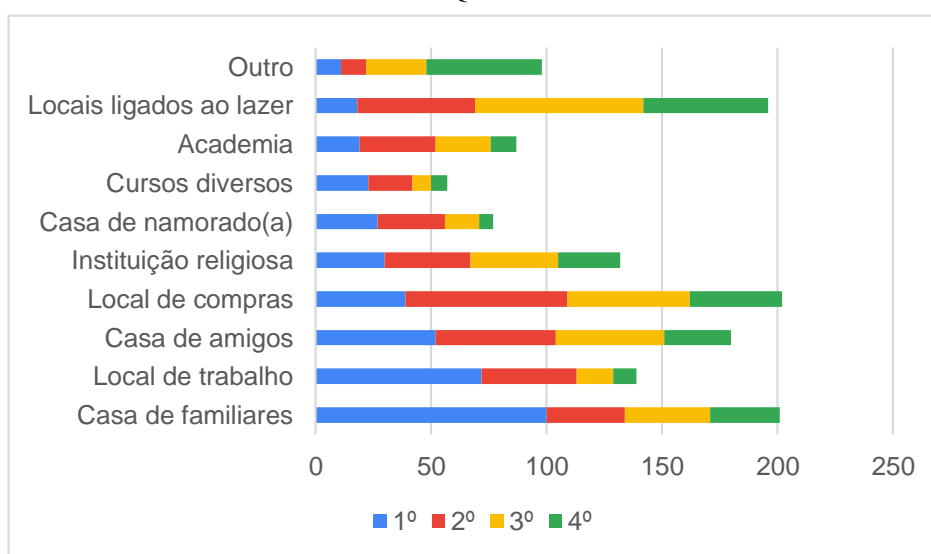
A casa de familiares é o local mais frequentado, destacado como primeira opção pela maioria (Figura 50). Fato que está de acordo com Robette (2012), ao afirmar que a casa dos pais e dos filhos - e de outros familiares - são os locais onde estão estabelecidas maiores ligações pessoais, com maior frequência de visitas. A casa de amigos também é bastante frequentada. Outro destaque está nos locais de compras e de lazer que ficaram em segundo e



terceiro lugares respectivamente, no número total de citações dos estudantes. Como locais de compras, incluem-se supermercados, açougues, padarias, farmácias, que são estabelecimentos destinados a suprir necessidades básicas, além das compras em geral ligadas ao consumo propriamente dito. Ou seja, os estudantes movimentam importante parcela do comércio local. Destaque também foi dado aos locais ligados ao lazer como cinemas, shoppings, estádios, parques, restaurantes, pousadas, praias, entre outros. Grande parte dos estudantes, em sua maioria jovens, buscam opções de entretenimento para aproveitar o tempo livre e amenizar as preocupações acadêmicas.

O local de trabalho também ficou em evidência entre os locais frequentados, indicando que muitos estudantes são também trabalhadores no mesmo município em que estudam. As instituições religiosas foram citadas várias vezes, apontando que a frequência nesses espaços é relevante para um grande número de pessoas, nem que seja uma vez na semana. As academias de musculação e ginástica também estão no ranking, como um serviço utilizado pelos alunos no município, muitas vezes de uso diário. A casa do namorado ou namorada também foi selecionada como local de destaque no cotidiano dos alunos. Entre as opções sugeridas, os locais que oferecem cursos diversos (cursos de idiomas, informática, profissionalizantes, etc.), foram os menos acionados no total, apesar de constarem como primeira opção para alguns estudantes. Outros locais que não estavam dentre as opções propostas também são frequentados. Percebe-se, portanto, que o espaço de vida individual, com seus locais, tempo de permanência e intensidade de frequência, varia de indivíduo para indivíduo, de acordo com suas características, possibilidades e demandas pessoais.

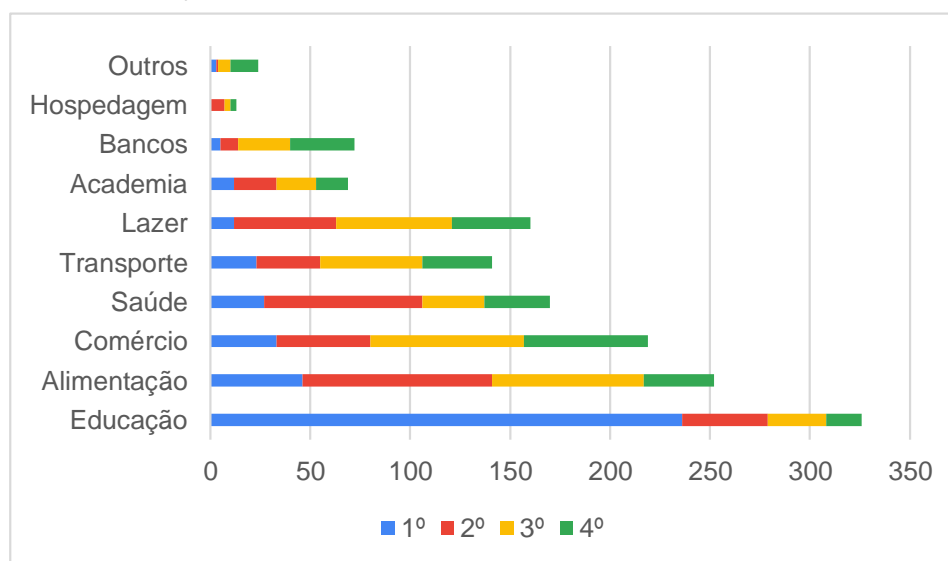
FIGURA 50 - LUGARES DE CAMPOS MAIS FREQUENTADOS - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

De maneira complementar aos lugares mais frequentados, foi perguntado quais os serviços mais utilizados pelos estudantes no município, em ordem de importância. Os resultados revelam o que já era esperado: os serviços de educação e de alimentação foram os mais destacados pelos estudantes, já que todos estão na graduação e, de modo evidente, precisam se alimentar. O comércio em geral também ficou em destaque, principalmente na terceira ordem de importância, o que demonstra a influência dos estudantes na movimentação financeira e comercial do município. Os serviços relacionados à promoção da saúde dos indivíduos também foram acionados com realce, assim como os serviços relacionados ao lazer e entretenimento e aos transportes, que fazem a ligação entre residência, faculdade e os demais serviços. Em menor proporção ficaram os serviços bancários, academia, hospedagem e outros serviços não listados (Figura 51). Interessante notar que, em pergunta anterior, muitos estudantes afirmaram morar de aluguel, de maneira individual, ou república, mas nessa pergunta, não selecionaram a hospedagem como um dos serviços mais utilizados, talvez porque utilizam outros serviços com alta frequência da mesma maneira.

FIGURA 51 - SERVIÇOS MAIS UTILIZADOS EM CAMPOS - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

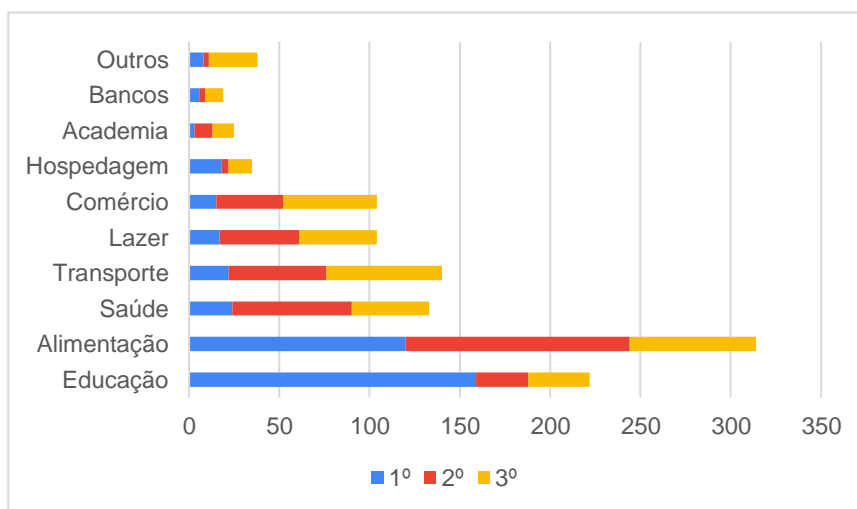
Quando perguntado especificamente quais serviços comprometem a maior parte da renda mensal, é possível observar algumas diferenças. Em que pese a educação ser o serviço mais utilizado, não é o que compromete a maior parte da renda de maneira geral, já que, muitos estudantes são matriculados em instituições públicas ou recebem bolsas de estudos nas instituições particulares. Entretanto, a educação foi o serviço mais selecionado como primeira

opção, o que indica que, para os que necessitam arcar com os custos das mensalidades, os valores pesam no orçamento mensal.

O serviço que mais impacta no orçamento mensal do estudante entrevistado, de maneira geral, é a alimentação, que ficou em destaque na primeira, segunda e terceira colocação, demonstrando a relevância de ações públicas e institucionais com apoio financeiro para a alimentação do estudante e/ou oferta de restaurante universitário, o popular bandejão. O transporte também compromete boa parte da renda dos estudantes, o que está de acordo com a pesquisa POF do IBGE, citada em capítulo anterior, que destaca os gastos com alimentação e transporte como responsáveis por boa parte das despesas mensais das famílias.

Os índices dos serviços bancários e academias ficaram ainda menores nesse quesito, assim como diminuiu a relevância dos setores de lazer e comércio, indicando que, quando se trata da distribuição da renda mensal, os estudantes priorizam o que é essencial. A saúde também apresentou uma discreta redução, ao comparar com o gráfico anterior dos serviços mais usados, enquanto a hospedagem teve maior destaque no gasto mensal do estudante, indicando que, como mencionado anteriormente, os gastos com aluguéis no município são relevantes (Figura 52).

FIGURA 52 - SERVIÇOS QUE COMPROMETEM MAIOR PARTE DA RENDA MENSAL - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

De maneira a investigar a redução ou expansão do espaço de vida do estudante, foi questionado se após ingresso na graduação, alguma atividade social deixou de ser praticada. As respostas foram livres e, para melhor compreensão, ciente de que o espaço de vida compreende deslocamentos que vão além dessas atividades, foi feito um agrupamento de acordo com a natureza da atividade descrita por cada estudante (Figura 53).

Courgeau (1988) classifica os espaços de vida a partir de quatro processos, que posteriormente foram destacados também por Robette (2012): a) *extensão* ou *difusão*: quando um novo local é adicionado, mantendo a estrutura anterior; b) *contração*: algum local deixa de constar entre os espaços de vida; c) *deslizamento*: quando alguns locais são preservados e conjuntamente ocorre extensão e contração, ou seja, parte dos locais é mantido enquanto ganha novas posições e perde algumas antigas; e d) *transplante*: mudança completa do registro espacial, "avec occupation d'un nouveau territoire"<sup>123</sup>.

A maioria dos estudantes respondeu que não deixou de praticar nenhuma atividade. Assim sendo, mantiveram as atividades em seus espaços de vida, inclusive com ampliação após o início das atividades acadêmicas, sendo seu espaço de vida, portanto, enquadrado no tipo *extensão* ou *difusão*, como propôs Courgeau (1988) e Robette (2012). De modo oposto, muitos responderam que deixaram de praticar todas as atividades anteriores à graduação, ou várias delas, devido à redução de tempo e de recursos disponíveis, após o início da graduação. Esses tiveram uma *contração* em seus espaços de vida. No quesito "várias", foram citadas atividades como participação em movimento estudantil, festas e eventos, gerenciamento de páginas pessoais na internet, projetos de extensão, entre outras.

As atividades que mais deixaram de ser praticadas estão relacionadas a atividades físicas como academia e prática de esportes, de modo geral, como o basquete, futebol, dança, montaria, *muay thai*, entre outros. O lazer foi a segunda área que mais perdeu espaço na vida dos estudantes, com redução de passeios, saídas com amigos, entre outras atividades de entretenimento, além das viagens, que também foram reduzidas. Muitos deixaram também de trabalhar, por incompatibilidade de tempo, perdendo conseqüentemente uma parte da renda individual e familiar.

A frequência à igreja e demais atividades relacionadas à religiosidade, importante dimensão da vida pessoal, também foram prejudicadas, assim como a participação em cursos de idiomas, de música, entre outros. O tempo dispensado à família e amigos também foi reduzido para alguns respondentes, assim como a participação em trabalhos voluntários e projetos sociais. Alguns afirmaram que já não tinham vida social muito ativa antes da graduação, portanto, não sentiram redução.

Entende-se que, após ingressar na faculdade, o tempo livre do indivíduo se reduz, já que precisa se dedicar às disciplinas do curso, assim como seu orçamento, já que surgem novos gastos mensais com transporte, alimentação, estadia, gastos específicos de cada curso e

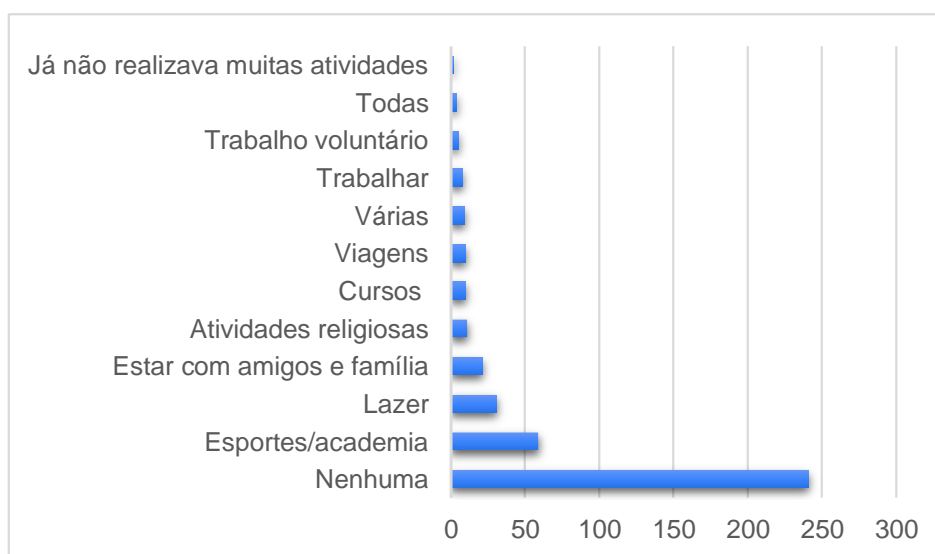
---

<sup>123</sup> com a ocupação de um novo território. (Tradução nossa).

outras demandas financeiras, não restando assim outra opção a não ser reduzir as atividades praticadas anteriormente, logo, reduzindo também seu espaço de vida individual.

Foi possível observar que grande parte dos estudantes tem seu espaço de vida classificado como *deslizamento* (ROBETTE, 2012), que é quando alguns locais são preservados e conjuntamente ocorre extensão e contração, ou seja, parte dos locais é mantido enquanto novos são incorporados.

FIGURA 53 - DEIXOU DE PRATICAR ALGUMA ATIVIDADE SOCIAL APÓS INGRESSAR NA FACULDADE - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Com o objetivo de compreender quais atividades são realizadas e, conseqüentemente, quais locais além da faculdade compõem o espaço de vida dos estudantes, foi questionado o que eles fazem no período em que não estão na faculdade/universidade. As repostas foram abertas, sem limite de caracteres, desse modo, também foi necessário criar um agrupamento para facilitar a visualização dos resultados (Figura 54).

Para os estudantes universitários, mesmo quando estão além dos muros das instituições, é necessário reservar tempo para os estudos. São trabalhos, provas, leituras, revisões de conteúdos e as demais demandas dos cursos que carecem de dedicação mesmo estando em casa, por isso, o estudo teve o maior número de citações entre os estudantes. As atividades laborais ficaram na segunda colocação, seja um trabalho formal, informal, até mesmo ajudando a família a gerir seus próprios negócios, fato é que o trabalho ocupa grande parte do tempo de alguns estudantes.

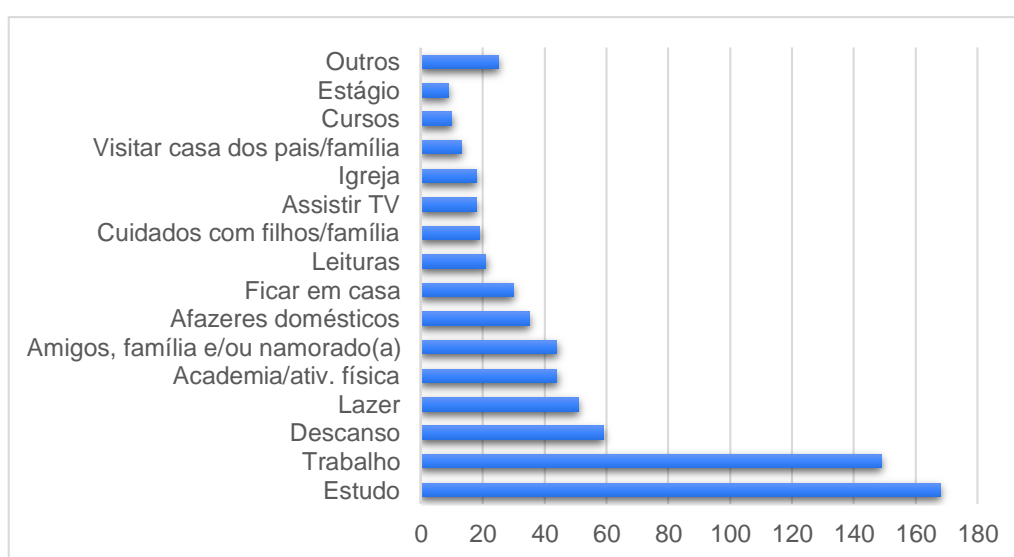
Quatro grupos tiveram desempenho semelhante, porque são também semelhantes na natureza da atividade, relacionados a momentos de descanso, lazer, prática de atividade física

e interação com a vida social que envolve as relações pessoais com amigos e a família. Esses momentos são importantes para manter o equilíbrio e o bem-estar físico, mental e emocional, que influenciam em todas as demais atividades exercidas.

Os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos e a família ocupam grande parte do tempo livre dos estudantes, principalmente para as mulheres. Dos 151 homens que participaram, apenas seis afirmaram realizar atividades relacionadas ao cuidado da casa, e dois relataram que cuidam da família, resultando num percentual de 5,3% de homens que citaram realizar essas atividades em seu tempo livre. Já entre as mulheres, 15,91% relataram expressamente que no período em que não estão na faculdade, cuidam da casa e dos filhos ou de outros membros da família, reproduzindo a predominância das mulheres como cuidadoras do lar e da família em nossa sociedade. Consequentemente, o tempo para descanso, lazer ou outras atividades acaba sendo reduzido para as estudantes do sexo feminino. Há ainda as que também fazem esses serviços, mas não expressaram diretamente em suas respostas, provavelmente por já fazerem parte do cotidiano. Alguns estudantes relataram simplesmente “ficar em casa”, o que pode incluir também esse trabalho com os afazeres domésticos e cuidados com a família, uma vez que são demandas diárias e contínuas.

Demais atividades que tiveram maiores citações foram: assistir TV (principalmente filmes e séries), ler livros de literatura, ir à igreja, fazer estágio, cursos diversos e visitar a casa dos pais ou da família, além de outras atividades.

FIGURA 54 - ATIVIDADES REALIZADOS NO PERÍODO EM QUE O ALUNO NÃO ESTÁ NA FACULDADE - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A fim de identificar quais as dificuldades enfrentadas pelos estudantes durante a graduação, e se os deslocamentos para estudo também prejudicam de alguma forma o aluno, foi solicitado que os respondentes listassem livremente as principais dificuldades enfrentadas no dia a dia da graduação. As inúmeras respostas foram agrupadas em algumas categorias (Figura 55).

As principais queixas estão relacionadas com a questão financeira. Muitos estudantes relataram passar por dificuldades econômicas que desencadeiam uma série de outros problemas. Por necessidade econômica, muitos relataram continuar trabalhando, mesmo quando desejavam ou precisavam focar mais nos estudos. Os altos custos para se manter nas instituições com o pagamento de mensalidades, alimentação, transporte, hospedagem, entre outros, também foram citados, juntamente com a necessidade de apoio estudantil como oferecimento de bolsas, restaurante e transporte universitário, por exemplo, que poderiam diminuir as adversidades enfrentadas por questões financeiras.

A segunda maior dificuldade citada pelos estudantes foi a ausência de tempo, seja para estudar, para lazer, para estar com a família, cuidar da casa, conciliar a vida acadêmica com a vida social e até mesmo para trabalhar. Alguns que não dependem financeiramente do trabalho, citaram que tiveram que deixar de trabalhar ou procurar emprego para conseguir estudar, já que conciliar trabalho e estudo é algo muito difícil, especialmente quando são realizados em municípios diferentes. Essa inclusive foi uma queixa específica de 41 estudantes, que citaram como a carga de trabalho (ou estágio) e estudo pesam quando são concomitantes. O cansaço nesses casos é inevitável e, foi citado por alguns alunos como uma das grandes dificuldades enfrentadas, já que a sobrecarga de atividades gera falta de disposição e fadiga. Além da falta de tempo para se dedicar integralmente ao curso, o que pode influenciar no rendimento geral, os alunos trabalhadores também não têm as mesmas oportunidades de aproveitar tudo que as instituições de ensino oferecem em termos de oportunidades extra curriculares, cursos, palestras, e da própria utilização da estrutura física como bibliotecas e laboratórios da instituição. Desse modo, é possível dizer que a desvantagem econômica pode acarretar desvantagem acadêmica.

Os problemas com transporte e deslocamento até a universidade associados com a distância percorrida e a distância da família, foram a terceira grande dificuldade listada, destacando situações como: superlotação, ausência de transporte público, poucas opções de horários para o transporte, precarização dos serviços, custos, cansaço durante o trajeto, perda de tempo nos transportes, distância da família, amigos e da rede de apoio, que poderiam tornar a carga diária mais leve. Nesse sentido, percebe-se que os longos deslocamentos para

estudo muitas vezes são necessários para alcançar o diploma, mas apresentam uma série de obstáculos, diários ou não, que dificultam o rendimento e aproveitamento do tempo por parte dos indivíduos que, se tivessem oportunidade, talvez optassem por diminuir a distância e a intensidade dos deslocamentos, ou até mesmo deixariam de fazê-lo, alterando conseqüentemente seus espaços de vida. Ressalta-se que o “ser móvel” é importante na sociedade atual, porém, nem todos têm esse desejo de mover-se cotidianamente.

O processo de ensino-aprendizagem em si também está no ranking das dificuldades enfrentadas pelos estudantes. Entraram nesse quesito dificuldades com a alta carga de leituras, conteúdos e cobranças das disciplinas, falta de empatia e didática por parte de alguns professores, falta de concentração e atenção, necessidade de tirar boas notas e organizar rotina de estudos, entre outros.

Alguns alunos citaram passar por problemas específicos de cunho institucional, como: grade não flexível, falta de informações, gestão inábil, falta de opções de disciplinas, oferta de cursos em outros turnos, pouco acesso aos professores, professores não capacitados para lidar com deficiências, entre outros.

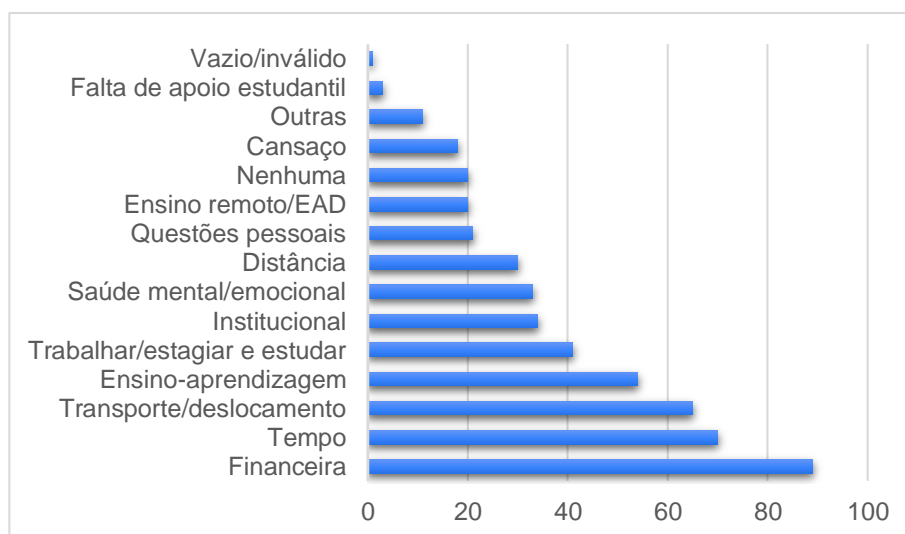
A saúde mental e emocional foi citada por vários alunos que relataram passar por dificuldades psicológicas e problemas de ansiedade, nervosismo, tristeza, decepção, crise de pânico, além de problemas relacionados à concentração, pressão social e familiar, desânimo, falta de apoio, falta de autoconfiança, entre outros. São fatores sérios que precisam ser levados em consideração pelas instituições e seus profissionais, por se tratar de saúde, individual e coletiva.

Algumas questões pessoais também foram citadas como entraves, como por exemplo: falta de disposição, determinação, motivação, foco, estímulo, organização, perspectiva, responsabilidade, além de insegurança, dúvida sobre a área escolhida e empecilhos externos/familiares, dificuldades em fazer amizades, entre outros.

Além disso, críticas ao ensino remoto (on-line) durante a pandemia também foram feitas. Alguns alunos deram respostas inválidas, outros citaram dificuldades que não se enquadraram em nenhuma das categorias anteriores e ficaram no grupo “outras”, como: medo da violência, saúde e deficiência, racismo, falta de equipamentos, dificuldade em conseguir estágio, entre outros. Por fim, um total de 20 alunos relataram não passar por nenhum tipo de dificuldade ao longo da graduação.



FIGURA 55 - DIFICULDADES ENFRENTADAS AO LONGO DO CURSO - CAMPOS DOS GOYTACAZES - 2021



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Diante dos resultados analisados, ressalta-se que a mobilidade é demasiadamente difícil de mensurar, pela própria dimensão do fenômeno. Em questionário on-line torna-se ainda mais desafiador. Algumas questões não foram respondidas corretamente, talvez porque os estudantes desconheciam questionários on-line e seu tipo de *layout*, talvez pela pressa em concluir, talvez por falta de atenção ou compreensão, com o agravante de não ter a presença física do entrevistador para esclarecer as dúvidas. Mas apesar de alguns erros de interpretação, foi possível reconhecer, com a análise dos dados, aspectos relacionados aos estudantes, suas trajetórias e deslocamentos, de modo a produzir diagnósticos e propor políticas que os beneficiem de alguma maneira.

Além das respostas, o campo aberto para comentários deixou ainda mais claro a necessidade de apoio para os estudantes de graduação, em forma de políticas para amenizar as dificuldades com deslocamentos e distâncias, como por exemplo: moradias estudantis, programas de transporte universitário, gratuito ou com tarifa especial, programas de alimentação, auxílio permanência, entre outros.

O uso da cidade por esse público também foi destacado, mostrando que estudantes são parcela importante na utilização de serviços como educação, alimentação, transporte, lazer, e, inclusive, mercado imobiliário.

Cabe ressaltar que, os resultados encontrados após os ajustes, com eliminação de alguns dos questionários recebidos, não apresentaram diferenças significativas dos resultados gerais de todos os participantes. As maiores alterações foram nos seguintes quesitos: I) Renda Média familiar por tipo de instituição. Houve diferenças em todos os níveis de renda, com

alteração maior na renda de mais de um a três salários mínimos, em que a rede privada com 23,4% passou a ser maioria com relação à pública (com 22,2%). Os valores anteriores eram de 20,8% da privada e 24,8% de estudantes da rede pública com esse nível de renda mensal familiar. II) Tipo de residência secundária (república era a segunda colocada, passou a ser a terceira); III) Proporção de estudantes que afirmaram ir para a faculdade caminhando ou pedalando e que utilizam residência secundária (era 66%, passou para 42%); IV) Ordem das dificuldades enfrentadas durante o curso (financeira passou a ser a primeira), entre outras mudanças.

Na próxima seção, são identificados, descritos e analisados os espaços de vida de alguns estudantes selecionados, com seus pontos, classes de lugares e polos, de acordo com a frequência de deslocamentos realizados.

## **5.2 Segunda etapa: mapeando os espaços de vida individuais**

Os espaços de vida que são apresentados e descritos se referem a um conjunto de lugares geograficamente referenciados, escolhidos de acordo com critérios individuais predeterminados, cujas características variam de um indivíduo para outro, de acordo com sua realidade, seu local de moradia e tipo de mobilidade realizada. O espaço de vida captado se refere ao momento em que foi registrado, sendo influenciado por fatores da vida cotidiana, como feriados, doenças na família, período de embarque (para os que trabalham *offshore*), entre outros. Ou seja, o registro espacial real dos indivíduos pelo período de um mês refere-se às atividades praticadas e locais frequentados naquela temporalidade específica e registrados por cada participante utilizando a ferramenta proposta. Desse modo, alguns lugares frequentados pelo indivíduo podem não terem sido incluídos nesse recorte temporal, assim como alguns lugares que são visitados esporadicamente podem estar presentes.

Os estudantes em geral possuem características específicas de mobilidade. A utilização de sites e aplicativos para aquisição de produtos diversos e serviços com entrega em domicílio aumentou muito durante a pandemia (SILVA, 2021), o que, por si só diminuiu a circulação da população, que não precisa mais se deslocar para comprar o que precisa ou deseja. Desse modo, o mundo on-line e tudo que ele oferece pode reduzir o espaço de vida de alguns indivíduos, que diante da possibilidade, comodidade e por vezes economia de escolher, comprar e até mesmo se divertir virtualmente, optam por não sair de casa com tanta frequência. Esse fato foi citado por vários estudantes durante as entrevistas como uma das causas para a quantidade reduzida de lugares que frequentam, já que utilizam frequentemente aplicativos para entrega de lanches, compras de produtos farmacêuticos e até mesmo de

supermercados, além do entretenimento. Além disso, o fato de focarem nos estudos também foi citado como causa para a restrição no número de lugares frequentados.

Considerando que toda modificação do conjunto de lugares com os quais um indivíduo está relacionado, constitui uma mudança no espaço e vida, ao ingressar na faculdade, todos os estudantes têm seus espaços de vida modificados. O tipo de mobilidade “escolhido” pode mudar mais ou menos cada configuração de espaço individual.

De acordo com a periodicidade dos deslocamentos, o uso da residência secundária como uma classe de lugar no espaço de vida, e os polos estabelecidos, propõe-se uma classificação dos grupos de alunos participantes. Considera-se Pendular aquele estudante que vai e volta para a faculdade diariamente, sendo subdividido em intramunicipal e intermunicipal. Intramunicipal, é o aluno que tem sua residência principal na área urbana ou rural do município de Campos. Intermunicipal é o que tem sua residência principal em outros municípios. Ou seja, estudantes que moram dentro dos limites administrativos do município de Campos, mas na área rural, também são considerados pendulares, por se deslocarem diariamente entre pontos específicos de seu espaço de vida. Assim sendo, existem estudantes pendulares intramunicipais e intermunicipais.

Estudante móvel interno é aquele que utiliza residência secundária, mesmo estando próximo de sua residência principal, ambas dentro do mesmo polo do espaço de vida. Estudante móvel externo é aquele que utiliza residência secundária, mas sua residência principal fica em outro município, que pode ou não fazer parte de algum polo em seu espaço de vida. Essa será a classificação proposta, envolvendo não somente o local de residência e os limites administrativos dos municípios, mas o espaço de vida como um todo.

Os espaços de vida são analisados segundo o tipo (extensão, contração, deslizamento, transplante), tamanho (número de lugares), classes (local de residência, local de trabalho, local de estudo, residência de familiares, entre outros), e concentração (formação de polos), além da localização geográfica e frequência de visitas, de acordo com a proposta da bibliografia citada no capítulo dois. Cada classe pode ser composta de um ou mais lugares, de acordo com sua natureza.

Algumas questões a se pensar são: os lugares estão concentrados na mesma área geográfica ou dispersos? A residência do participante é o ponto central de seu espaço de vida ou está isolada em uma das extremidades do espaço? Qual o tempo de deslocamento diário até a faculdade?

Após identificar os espaços de vida, a hierarquia dos lugares será feita a partir das experiências individuais. A concentração será identificada a partir dos polos. Onde há maior

número de lugares e de polos é onde há uma maior importância relativa, ou seja, é o ponto central do espaço, onde há mais locais frequentados. Robette (2012) definiu polo como sendo: “une zone géographique regroupant des lieux de l’espace de vie, en nombre supérieur ou égal à un seuil  $n$ , et situés à une distance inférieure ou égale à un seuil  $d$  les uns des autres<sup>124</sup>”. Desse modo, considera-se como polo o agrupamento de no mínimo três lugares (incluindo a residência), estando pelo menos dois deles com distâncias entre si menores do que o valor da mediana de todas as distâncias percorridas por aquele indivíduo. Cada espaço de vida pode ser formado por um ou mais polos, assim como pode não ter nenhum polo, a depender da distribuição espacial dos lugares que frequenta.

Será possível, assim, desenhar o esquema do espaço de vida individual dos estudantes, com seus polos e suas classes, identificando sua concentração ou dispersão geográfica, como sugeriu Robette (2012). Sabe-se que todos os lugares do espaço de vida não têm a mesma importância. Sendo assim, a importância relativa de cada lugar foi medida a partir da intensidade das relações, analisando a frequência de visitas e duração de permanência em cada ponto, como propôs Poulain (1983). Ou seja, além da frequência, são analisados aspectos temporais na caracterização dos espaços.

Foi calculada a taxa de presença referente aos lugares do espaço de vida de cada participante. Baseado nas informações dadas individualmente durante a entrevista e no mapeamento, foram identificados o número médio de horas diárias que os participantes permanecem em cada local de seu espaço de vida. A partir daí, foram calculadas as horas semanais, baseadas nos dias úteis ou não e, essas horas semanais foram multiplicadas por quatro, referentes ao número de semanas dentro de um mês, que foi o período de duração da pesquisa. Ou seja, cada taxa de presença foi calculada de acordo com as informações particulares dadas por cada participante.

A fim de analisar a distribuição e determinar o grau de variação das distâncias percorridas, foram calculadas medidas de tendência central e dispersão: amplitude, média, mediana, desvio padrão, variância e coeficiente de variação. Para isso, foram feitas matrizes das distâncias em linha reta entre os locais mapeados por todos os participantes. A partir dessa organização, calculou-se as medidas. A média e a mediana medem a tendência central, porém, quando há valores muito discrepantes, o valor da média é influenciado, enquanto a mediana permanece com a medida mais próxima da maioria dos valores. O desvio padrão indica quanto os valores estão afastados da média. A amplitude refere-se a diferença entre a maior e

---

<sup>124</sup> uma área geográfica que agrupa lugares do espaço de vida, em número maior ou igual a um limite  $n$ , e localizados a uma distância menor ou igual a um limite  $d$ , uns dos outros.

a menor distância. Já o coeficiente de variação, corresponde à relação entre o desvio padrão e a média, descrevendo a variação nos dados em relação à média, indicando se o espaço é mais concentrado ou mais disperso.

As distâncias percorridas são comparadas em forma de gráfico do tipo diagrama de caixa. A linha horizontal no interior das caixas representa a mediana (segundo quartil), enquanto as linhas inferior e superior das caixas, representam o primeiro e o terceiro quartis, respectivamente. As barras que se estendem para cima e para baixo das caixas, não representam o maior e o menor valor do conjunto de dados, como pode parecer à primeira vista. São os limites superior e inferior do gráfico, respectivamente, calculados com base no intervalo entre os quartis, localizados entre os quartis e os extremos. Desse modo, valores que ultrapassem esses limites, são os considerados *outliers*, representados no gráfico por pontos, quando houver. Ou seja, as barras indicam os valores mínimos e máximo, com exceção dos *outliers*. O espaçamento dos quartis e das barras em relação a mediana indica se a distribuição tende a ser mais simétrica ou assimétrica. Se o primeiro e o terceiro quartis estiverem na mesma distância da mediana, indica que há simetria.

Para se referir aos participantes sem identificá-los, são usados codinomes. Foram escolhidos nomes de pássaros em alusão à característica típica de serem altamente móveis. Os nomes escolhidos foram: Andorinha, Beija-flor, Bem-te-vi, Canário, Coleiro, Curió, João-de-barro, Pardal, Rouxinol, Sabiá, Sanhaço e Trinca-ferro.

No Quadro 10, foram listados os dados gerais dos doze participantes, para uma apresentação prévia. Com objetivo de fazer comparações, foram selecionados dois estudantes de cada categoria relativa à frequência de retorno à residência principal (de diário a especial). Participaram três homens e nove mulheres, oito na faixa etária de 20 a 24 anos, três de 25 a 39 e um na faixa dos 40 anos ou mais. Estão matriculados a partir do 5º período da graduação, de cursos e instituições diversas, cinco deles de IES privadas e sete de IES públicas. Sobre o turno, a maioria estuda em período integral, durante a manhã, tarde e algumas noites, inclusive. Seis estudam no turno da noite e um no turno da manhã. Suas residências principais estão localizadas nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Oito deles fazem uso de residência secundária para estudo em Campos, seja por morar em outra UF, ou mesmo porque a residência principal se localiza em Campos, porém em distrito mais distante.

QUADRO 10 - DADOS GERAIS DOS PARTICIPANTES DA SEGUNDA ETAPA (MAPEAMENTO DO ESPAÇO DE VIDA) - CAMPOS DOS GOYTACAZES - ABRIL/2022

Codínomes	Categoria	Sexo	Idade	Curso	Período/ turno	Tipo de IES	IES	Município/ UF de residência principal	Município/ UF de residência secundária
Andorinha	Anual	fem.	22	Enfermagem	5° / N	Privada	UNIVERSO	Campos/RJ	-
Beija-flor	Especial	fem.	25	Biologia (Licenciatura)	7° / N	Pública	UENF	Mimoso do Sul/ES	Campos/RJ
Bem-te-vi	Especial	fem.	23	Fisioterapia	9° / N	Privada	ESTÁCIO	Campos/RJ	-
Canário	Anual	fem.	24	Psicologia	8° / I	Pública	UFF	Vitória/ES	Campos/RJ
Coleiro	Mensal	fem.	25	Medicina	12° / I	Privada	FMC	São João da Barra/RJ	Campos/RJ
Curió	Semanal	masc.	22	Ciências Biol. (Bacharelado)	8° / I	Pública	UENF	Campos/RJ	Campos/RJ
João-de-barro	Mensal	fem.	23	Psicologia	7° / I	Pública	UFF	Manhuaçu/MG	Campos/RJ
Pardal	Semanal	masc.	22	Zootecnia	5° / I	Pública	UENF	São Fidélis/RJ	Campos/RJ
Rouxinol	Diário	masc.	24	Jornalismo	7° / N	Privada	UNIFLU	Macaé/RJ	-
Sabiá	Diário	fem.	28	Ciências Sociais (bach.)	8° / N	Pública	UFF	Campos/RJ	-
Sanhaço	Quinzenal	fem.	20	Veterinária	6° / I	Pública	UENF	Araruama/RJ	Campos/RJ
Trinca-ferro	Quinzenal	fem.	41	Direito	10° / M	Privada	UCAM	Conceição de Macabu/RJ	Campos/RJ

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Nas seções a seguir, são apresentados e analisados os espaços de vida dos participantes, a partir das entrevistas realizadas e da posterior coleta de dados por mapeamento próprio individual. A ordem dos participantes seguirá o critério temporal dos deslocamentos, de acordo com as categorias: diário, semanal, quinzenal, mensal, anual e especial.

## 5.2.1 Categoria diária

### 5.2.1.1 Espaço de vida de Rouxinol

Rouxinol tem 24 anos, está cursando Jornalismo na instituição privada UNIFLU, no 7° período, noturno. É do sexo masculino, solteiro, sem filhos. Sua trajetória escolar foi iniciada em escolas da rede pública, com a educação infantil. Já o ensino fundamental e o ensino médio foram cursados em instituição privada.

Mora com a mãe e o tio em sua residência principal localizada no município de Macaé/RJ, onde ele e seus pais nasceram. Com relação ao histórico de mudança de residência, mudou apenas uma vez, dentro do próprio município. Seu local de trabalho fica próximo à sua casa (cerca de sete minutos de bicicleta), onde ele permanece de segunda a sexta, das 8h às 15h.

Rouxinol é um estudante do tipo pendular intermunicipal e seu espaço de vida se enquadra na categoria diário, por ir e vir da residência principal para a faculdade, em Campos dos Goytacazes, diariamente. O trajeto é realizado gratuitamente utilizando o ônibus que é oferecido pela Prefeitura de Macaé, chamado de TSU (Transporte Social Universitário). O tempo total do trajeto casa-faculdade é de aproximadamente cinco horas diárias somando a ida e a volta. Ele sai de casa às 16h, chega na faculdade em Campos em torno de 18h40, sai de Campos às 22h e chega à casa em torno de 0h30, de segunda a sexta.

De acordo com o participante, sua qualidade de vida é diretamente afetada pelo deslocamento diário, que gera um grande cansaço e “perda de tempo” que poderia ser usado para muitas outras coisas. Diariamente são 5h de deslocamento, para uma distância de cerca de 220 km ida e volta. Desse modo, considera que o maior fator dificultador para seus estudos é a falta de tempo para estudar, associado à distância da faculdade à sua casa. Se tivesse o curso de Jornalismo em Macaé, essa certamente seria sua primeira opção, como não havia, foi estudar em Campos. A escolha do município de estudo se deu pela proximidade geográfica com sua casa e possibilidade de usar o transporte gratuito oferecido pela prefeitura, resultando assim em boas condições de atração. O que motivou a escolher o curso foi o fato de ser comunicativo, gostar da área, de ler e escrever e o fato de ter realizado testes vocacionais que o direcionaram para essa área. O que o fez escolher a instituição foi por ter o curso que gostaria e por ser uma instituição tradicional, uma das mais antigas do Brasil.

Além disso, grande parte da família dele já estudou em Campos, próximos a ele tem a tia e o tio com ensino superior completo cursados em Campos, o que de certa forma estimulou seu interesse pela faculdade. Além dos tios com curso superior, outros familiares também já haviam feito o deslocamento pendular diário para estudar em cursos técnicos em Campos. Dessa forma, o caminho já havia sido trilhado inúmeras vezes antes dele, pelos seus familiares, o que o deixou mais confortável de alguma maneira, segundo ele. Percebe-se aqui o papel das redes sociais familiares no incentivo à realização não somente do curso, como também do deslocamento para estudo.

Percebe-se também a importância do auxílio com o transporte, oferecido gratuitamente, que o leva e busca na porta da faculdade, diminuindo assim os custos e alguns transtornos decorrentes do deslocamento. Apesar do cansaço e tempo perdidos, pode-se dizer, que diante das condições e circunstâncias favoráveis ao deslocamento como transporte regular gratuito, Rouxinol optou pela mobilidade. Quando perguntado se há pretensão de mudança de município futuramente, Rouxinol respondeu que tem pretensão de morar em Campos ou no

Rio de Janeiro. Ou seja, a mobilidade também faz parte de seus planos futuros, integrando o que podemos chamar de projeto de mobilidade.

Sobre sua relação com a faculdade, que ocupa boa parte do seu tempo nos últimos anos, Rouxinol considera que a graduação o fez estudar, ler e buscar mais, ser mais crítico, além de aumentar muito sua rede de contatos pessoais e profissionais, principalmente por estudar em uma cidade diferente. Ou seja, além dos conhecimentos técnicos e práticos relativos ao curso, a graduação também propicia a expansão, amadurecimento e aprimoramento de outras áreas da vida dos estudantes.

O espaço de vida de Rouxinol é composto por cinco classes de lugares: local de residência, local de trabalho, local de estudo, local de residência de familiares e outro lugar frequentado no momento da pesquisa, relacionado ao lazer. Como a classe do local de residência de familiares apresentou dois lugares, o número de lugares distintos (tamanho) de seu espaço de vida é de seis lugares, o que está de acordo com a média indicada por Robette (2012). Cinco deles estão no município de origem (Macaé) e somente um em Campos, que é o seu local de estudo. O espaço de vida de rouxinol é, portanto, formado por lugares de funções e naturezas diversas e dispersos espacialmente em dois municípios dentro da Região Norte Fluminense, concentrados no município de origem (Mapa 7).

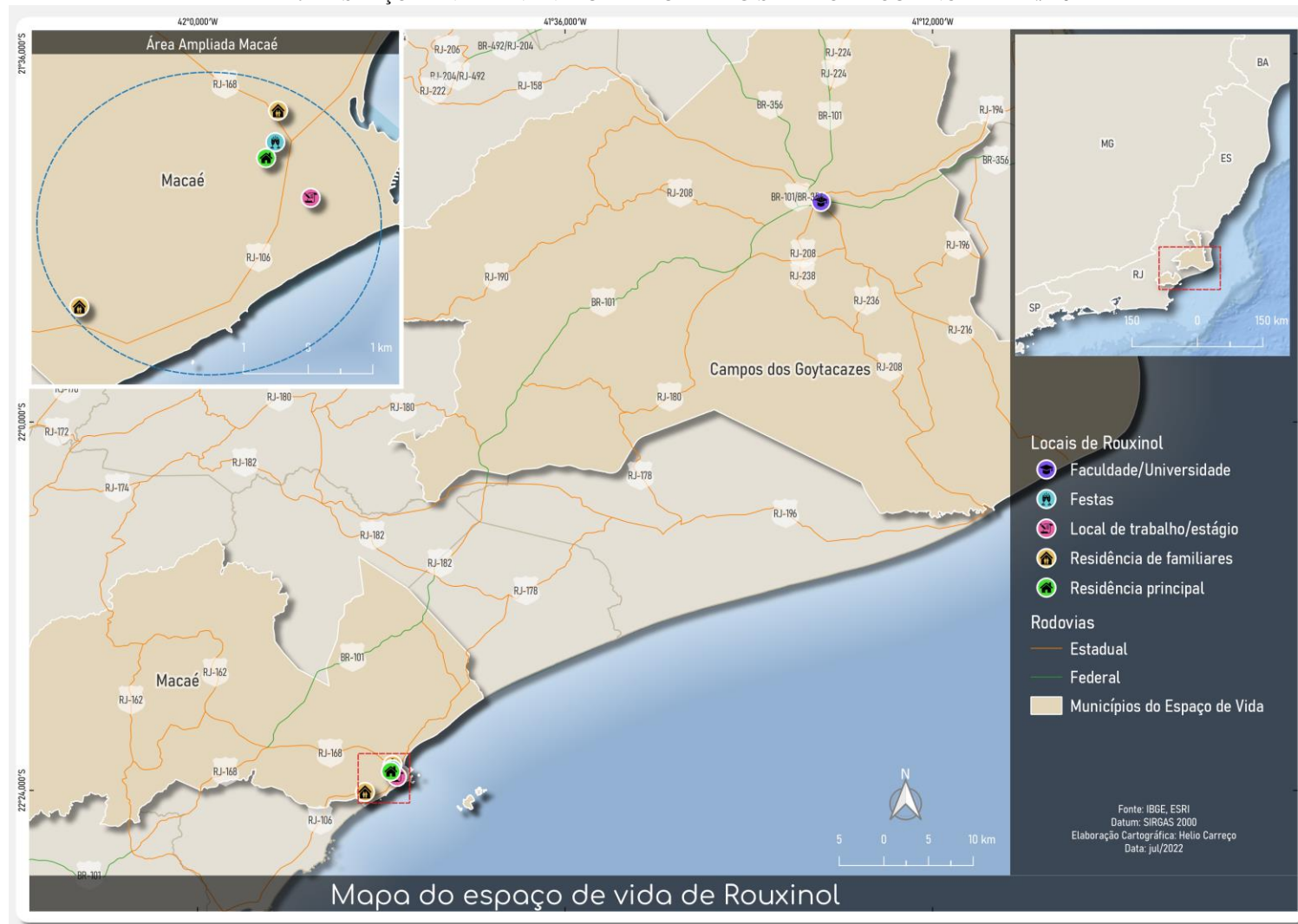
As classes estão representadas na legenda do mapa, enquanto cada local do espaço de vida é apresentado por símbolos próprios distribuídos no mapa, de acordo com sua localização. Observa-se a presença de apenas um polo em seu espaço de vida (identificado no mapa pelo círculo pontilhado), onde estão agrupados espacialmente sua residência principal, a residência de seu irmão, seu local de trabalho e o local de lazer frequentado no período da coleta. Ou seja, esse é o ponto central do espaço de vida de Rouxinol.

Sua residência está localizada em local privilegiado em seu espaço de vida, estando próximo de outros pontos frequentados. Desse modo, ele geralmente utiliza a bicicleta como meio de transporte em seus deslocamentos curtos, como para ir ao trabalho e à casa do irmão, por exemplo.

Além da residência do irmão, em que visita cerca de três a quatro vezes no mês, foi registrado também a visita à casa da tia, onde vai cerca de duas vezes ao mês. Como é um pouco mais distante, para esse deslocamento ele utilizada motocicleta ou automóvel. Durante a entrevista, outros locais foram citados como de frequência irregular: visitar a casa do tio, do avô, de um amigo, ir à praia, pedalar, ir ao supermercado, lanchonetes. Contudo, não foram registrados durante o período de coleta.



MAPA 7 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - ROUXINOL - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

Percebe-se que sua vinculação é mais forte com a cidade de origem do que com a cidade de destino. As relações estabelecidas com o município de estudo se limitam, além da própria faculdade, ao trajeto e alguns poucos lugares relacionados ao mundo acadêmico, como a ida a um barzinho ou lanchonete, que foi citado na entrevista como de frequência esporádica, mas nem chegou a ser visitado durante o período de mapeamento. A não utilização de outros espaços em Campos se justifica até mesmo pelo horário reduzido, já que precisa estar no ponto no horário certo (22h) para não perder o transporte de retorno, tendo inclusive, que sair das aulas mais cedo para isso.

Após começar a faculdade, Rouxinol deixou de frequentar a igreja e algumas festas e eventos como aniversários por exemplo, que acontecem durante a semana. Porém passou a frequentar a instituição de ensino e uma pracinha que fica próxima a ela. Desse modo, seu espaço de vida se caracteriza como sendo do tipo *deslizamento*, quando novos locais são incluídos (faculdade e pracinha) e outros são suprimidos (igreja e eventos).

Destaca-se o forte efeito túnel em seu deslocamento, já que faz mobilidade pendular intermunicipal, mas não se relaciona nem mesmo visualmente com o espaço percorrido, uma vez que muitas vezes está dormindo durante o trajeto.

Com relação à taxa de presença dos lugares do espaço de vida de Rouxinol, a permanência na residência principal é predominante (49,9%) perante os demais pontos do espaço de vida. Porém, de segunda a sexta, a maior parte do tempo que Rouxinol permanece em sua residência é apenas para dormir, ou seja, se for considerado o tempo útil, seu principal lugar de permanência é o trabalho, como ele mesmo destacou durante a entrevista. Interessante ressaltar que, o tempo que Rouxinol passa no trajeto entre casa-faculdade diariamente corresponde a 15% do total passado nos lugares em que ele permanece, maior que o próprio tempo dentro da faculdade, que ficou com 12%, ou seja, o trajeto diário é mais demorado do que o decurso das aulas. A residência de familiares (tia e irmão) está na sequência, com 0,9 e 0,8%, respectivamente. Rouxinol destacou que tem um perfil caseiro, não gosta muito de festas e eventos por exemplo, o que ficou claro ao observar que o local de lazer ocupou o último lugar em seu espaço de vida, com 0,3% da presença total (Tabela 22).

TABELA 22 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE ROUXINOL NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA - ABR./2022

<b>Natureza do lugar</b>	<b>Média de horas nos dias úteis</b>	<b>Média de horas semanais</b>	<b>Média de horas mensais</b>	<b>Taxa de presença (%)</b>
Residência principal	7	83	332	49,9
Local de trabalho	7	35	140	21,1
Deslocamento para estudo	5	25	100	15,0
Local de estudo	4	20	80	12,0
Residência da tia	-	-	6	0,9
Residência do irmão	-	-	5	0,8
Local de lazer	-	-	2	0,3
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>163</b>	<b>665</b>	<b>100,0</b>

FONTA: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A fim de calcular as medidas de tendência central e dispersão dos pontos frequentados pelos participantes, foram feitas matrizes das distâncias entre todos os locais do espaço de vida, como exemplificado na Tabela 23, referente aos pontos de Rouxinol e as distâncias (em linha reta) entre eles.

TABELA 23 - MATRIZ DE DISTÂNCIAS PERCORRIDAS ENTRE OS PONTOS DO ESPAÇO DE VIDA DE ROUXINOL (KM) - ABR./2022

	<b>Resid. da tia</b>	<b>Resid. do irmão</b>	<b>Festas</b>	<b>Local de trabalho</b>	<b>Resid. principal</b>	<b>Faculdade</b>
Resid. da tia	0	4,483	4,086	4,016	3,805	87,515
Resid. do irmão	-	0	0,526	1,533	0,809	83,073
Festas	-	-	0	1,073	0,299	83,525
Local de trabalho	-	-	-	0	0,956	83,966
Residência principal	-	-	-	-	0	83,822
Faculdade	-	-	-	-	-	0

FONTA: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A média das distâncias entre os pontos que compõem o espaço de vida de Rouxinol é de 29,6 km, considerando todos os pontos. A mediana, porém, que representa o valor central das distâncias, é de apenas 4,0 km, ou seja, metade dos pontos estão localizados a menos de 4,0 km e metade estão localizados a mais de 4,0 km de distância uns dos outros. Como o deslocamento entre residência principal e local de estudo de Rouxinol é longo, as distâncias medidas foram assimétricas e, portanto, a média ficou bem maior que a mediana. Nesse caso, tem mais valores próximos à mediana do que da média das distâncias.

A amplitude, ou seja, a diferença entre a maior e a menor distância é de 87,2 km. Como a menor distância é de apenas 300 metros, entre sua residência e um local de festas, sobressai a distância entre a faculdade e a residência de familiares.

O valor do coeficiente de variação de Rouxinol é de 131,2%, indicando que os pontos estão muito dispersos em seu espaço de vida.

#### **5.2.1.2 Espaço de vida de Sabiá**

Sabiá tem 28 anos, sexo feminino, não trabalha, tem duas graduações concluídas e outras duas em andamento, além de três pós-graduações concluídas. Atualmente cursa o 8º período de Bacharelado em Ciências Sociais presencialmente na Universidade Pública UFF, no turno da noite e Pedagogia na modalidade EAD em uma instituição privada. Filha de pai e mãe professores, ela sempre gostou de estudar e se interessou por temas e eventos acadêmicos, antes mesmo de entrar para a faculdade. Sua irmã está concluindo uma faculdade também.

Seu estado civil oficial consta como solteira, mas vive há mais de cinco anos com o companheiro, com quem tem uma filha de dois anos de idade. Reside em um distrito chamado Tócos, localizado na região da Baixada Campista, fora da área urbana do município de Campos, distante cerca de 20 km da IES. Não possui residência secundária. Como vai da residência principal para a faculdade diariamente, se enquadra da categoria de deslocamento diário, sendo uma estudante do tipo pendular intramunicipal, por residir em distrito na área rural do município.

Quando começou a cursar sua primeira faculdade, dividia um aluguel com a irmã para que ela pudesse estudar e a irmã, trabalhar. Depois que o avô faleceu, voltou para casa dos pais para ficar próxima da avó e poder dar uma maior assistência a ela. Atualmente dorme na casa da avó uma vez por semana, mas não considera esta como uma residência secundária. Seus pais nasceram e moram em Campos. Mudaram de residência cerca de seis vezes ao longo da vida, em vários bairros diferentes do município.

O principal lugar de permanência atual elencado por ela é a sua casa. Sobre mobilidade futura, não tem pretensões de mudar de município, mas sim de distrito. Deseja morar em um local tranquilo, porém com mais opções de transporte para facilitar o acesso ao centro, já que, segundo ela, as opções de transporte atuais são muito escassas e desconfortáveis.

Sobre a trajetória escolar, sempre estudou em instituições privadas durante a educação básica, apenas as graduações foram cursadas em IES públicas. Após concluir a faculdade pretende fazer concursos para municípios próximos de modo que não precise se mudar, exceto em caso de salário muito alto, que justifique tamanha alteração em seu espaço de vida. Sabiá é muito apegada à família e esse foi, inclusive, um dos motivos por nunca ter buscado

universidades em outros locais, aproveitando a oferta de cursos e instituições disponíveis em seu município de residência.

Além é claro, do estímulo dos pais, conhecia uma amiga que estudava na UFF que a incentivou a fazer a faculdade. Além disso, escolheu a UFF pela tradição e qualidade, além da proximidade de casa. Relatou que foi aprovada na UERJ, para o curso de Filosofia, pelo qual também tinha interesse, mas não cursou justamente pela distância. Foi aprovada em outros cursos, para outras IES de Campos, mas o curso de Ciências Sociais foi escolhido pela aptidão e identificação com a área.

Sobre apoio estudantil, recebeu um auxílio durante o período da pandemia no valor de R\$250,00 mensais e auxílio emergencial de R\$400,00 por três meses ofertado pela faculdade quando o marido se acidentou, o que considerou de grande ajuda para sua família.

Em seus deslocamentos geralmente utiliza vans, já que não tem ônibus para sua localidade. Sabiá queixa-se muito da pouca oferta de horários e ausência de conforto no transporte coletivo, que sempre anda com lotação além da capacidade. Além disso, precisa sair de casa muito cedo para esperar no ponto, pois não tem regularidade no horário, sem contar o tempo do trajeto de casa até a faculdade que é de aproximadamente três horas diárias de ida e de volta. Durante o trajeto não consegue descansar, já que muitas vezes viaja em pé. As vezes escuta música ou podcasts para aproveitar o tempo do itinerário.

Considera que o grande fator dificultador para seus estudos é a maternidade, uma vez que a filha demanda muita atenção e dedicação. Sabiá afirma que o nascimento da sua filha, associado à pandemia reduziu drasticamente sua mobilidade e seu espaço de vida, limitando seus deslocamentos.

Outro motivo de dificuldade é a questão dos transportes no seu distrito, fato que instiga a vontade de morar em outro bairro, mais próximo ao centro, com mais opções à noite por exemplo. Destaca que os horários servem apenas aos trabalhadores, não facilitando deslocamentos para estudo ou lazer por exemplo, indicando que “pobre só precisa trabalhar”, sendo privado de oferta de transporte em horários alternativos.

Sobre sua relação com a universidade, Sabiá considera que a graduação, principalmente as cursadas em Universidade Públicas, abriram novos horizontes, permitindo que ela desenvolvesse mais empatia, mais tolerância, mudasse hábitos e cultura, além de fazê-la vivenciar novas experiências.

Destaca que utiliza muito a internet para fazer cursos e conversar com amigos. Inclusive, uma vez por semana tem um encontro virtual com os amigos, o que diminui um pouco a presença física em alguns locais. Não tem costume de frequentar nenhum outro

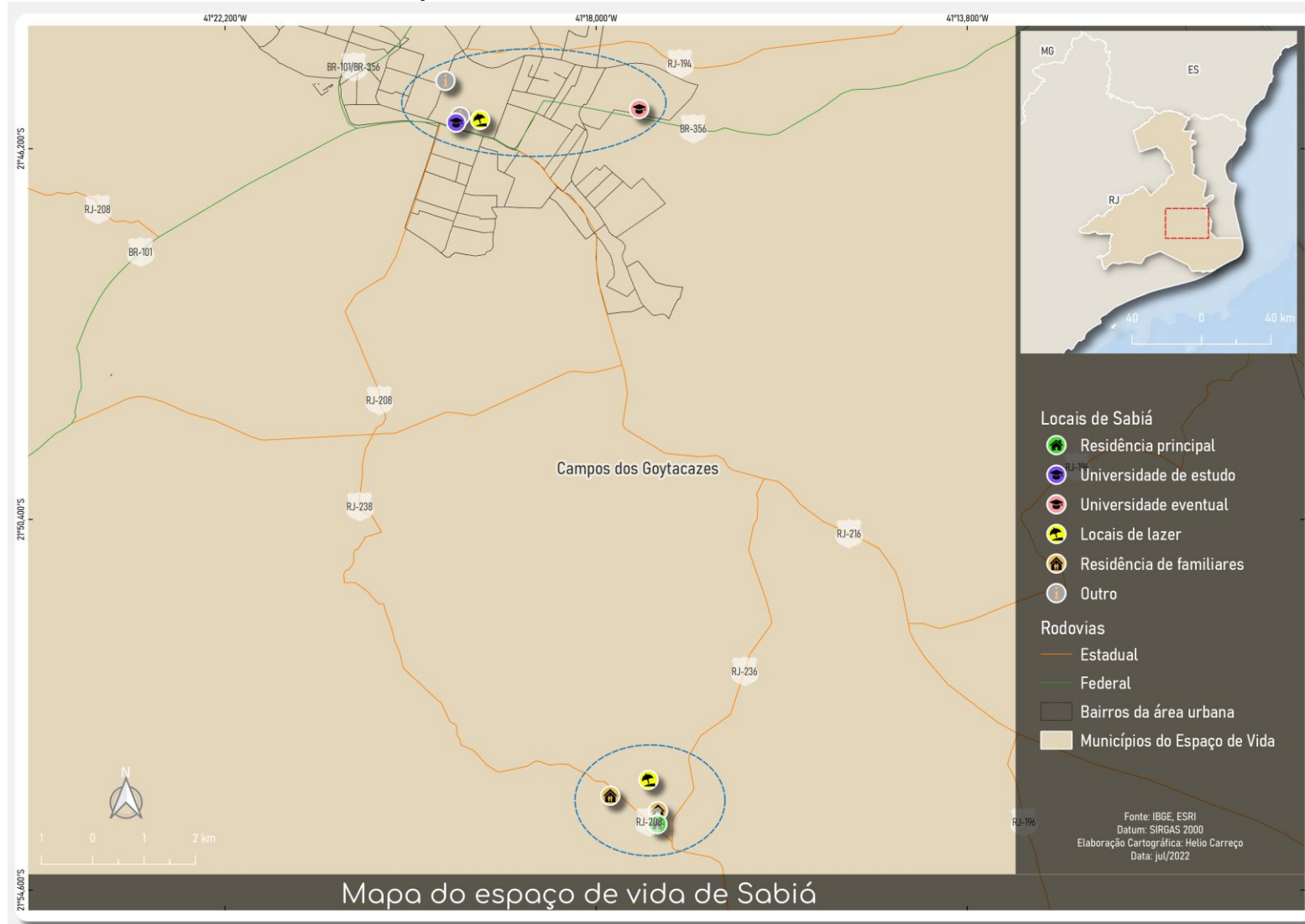
município além de Campos. Após iniciar a faculdade, passou a frequentar mais locais ligados ao lazer e a sociabilidade com amigos, além de frequentar mais eventos acadêmicos em sua universidade e em outras do município. Por outro lado, deixou de frequentar igreja e o curso de teatro por falta de tempo e no primeiro caso, falta de interesse também. Seu espaço de vida, portanto, também é do tipo *deslizamento*, já que novos locais passaram a ser frequentados e outros deixaram de ser.

O Mapa 8 mostra o espaço de vida de Sabiá, com seus nove lugares e seis classes. Além de sua residência principal, no local onde mora ela frequentou a casa da avó, onde passa uma noite na semana, e da mãe, para onde vai cerca de duas a três vezes na semana, permanecendo em torno de quatro horas lá. Uma vez na semana vai a barzinhos próximos de casa para ter “conversas produtivas” com as amigas, como ela mesmo denominou, ficando cerca de três horas. Vai a faculdade quatro vezes na semana, tendo aulas por quatro horas geralmente. Frequenta alguns lugares para lazer próximos à faculdade também. Durante o período de mapeamento, sua filha ficou doente e precisou ficar internada por dez dias em um hospital da região central, por esse motivo sua presença foi constante em locais que ofertam serviços de saúde nesse período.

Além dos lugares registrados espacialmente, durante a entrevista Sabiá relatou que gosta de andar de bicicleta como forma de lazer, vai ao shopping em média uma vez ao mês fazer compras e passear e visita o pai que mora na área central a cada quinze dias, porém, esses locais não foram frequentados durante o período de coleta. Seu espaço de vida é formado por dois polos, um localizado no distrito, contendo sua residência principal como ponto central, residência de familiares e local de lazer, e outro situado no centro da cidade, englobando a universidade em que estuda, universidade que frequenta ocasionalmente, locais de lazer e outros, sendo a Instituição de estudo o ponto central desse polo.

Sobre seu tempo de permanência, Sabiá afirmou em entrevista que passa mais tempo em sua residência, o que foi confirmado pelo levantamento dos dados, em que a residência principal somou 47,3% de sua taxa de presença. Excepcionalmente, a frequência em hospitais e clínicas foi grande no mês da pesquisa, devido ao problema de saúde que sua filha apresentou, necessitando de internação. Como Sabiá ficou de acompanhante, os serviços de saúde ocuparam 32,7% do seu espaço de vida. Pelo mesmo motivo, a frequência às aulas na

MAPA 8 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - SABIÁ - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

Universidade foi comprometida, tendo ido à Instituição apenas durante uma semana e meia, o que representou 3,3% da taxa de presença. A frequência a casa de familiares foi de 13,1%.

Os deslocamentos para a faculdade, assim como para outros locais da região central da cidade ocupam grande parte do tempo de Sabiá, por morar em local mais distante e depender de transporte público. O deslocamento entre casa-faculdade especificamente, correspondeu a 2,4% da taxa de presença no mês, bem próximo ao tempo em que a participante permaneceu na própria IES, ou seja, o tempo gasto no trajeto foi semelhante ao tempo em que ela ficou em aula no mês do registro. Os locais de lazer ocuparam 1,2% de seu tempo, na última colocação (Tabela 24). Percebe-se que, para uma mãe universitária com filha doente, os locais de lazer foram preteridos diante de outras prioridades.

TABELA 24 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE SABIÁ NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA - ABR./2022

<b>Natureza do lugar</b>	<b>Média de horas em dias úteis</b>	<b>Média de horas semanais</b>	<b>Média de horas mensais</b>	<b>Taxa de presença (%)</b>
Residência principal	17	116	348	47,3
Serviços de saúde	-	-	240	32,7
Residência de familiares	-	24	96	13,1
Local de estudo	4	16	24	3,3
Deslocamento até a IES	3	12	18	2,4
Locais de lazer	-	3	9	1,2
<i>Total</i>	<i>21</i>	<i>156</i>	<i>735</i>	<i>100,0</i>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Cabe ressaltar que a predominância do local de residência na taxa de presença dos indivíduos se dá, em grande parte, devido ao tempo que se permanece nela para dormir diariamente. Como afirmou Hagerstrand (1991), as pessoas precisam de um período de tempo, mesmo que seja curto, para estar em casa com a finalidade de dormir e organizar seus itens pessoais, de modo a sair novamente no outro dia para executar as ações da vida cotidiana. Esse tempo de descanso que é necessário, mas não produtivo, ocupa grande parte da média de horas em que os indivíduos permanecem em suas residências, principalmente para aqueles que trabalham e estudam diariamente.

Considerando as distâncias em linha reta dos pontos do espaço de vida de Sabiá, o valor mínimo é de 0,1 km, entre a IES e o hospital, ponto onde passou dias com a filha internada e o máximo é de 16,1 km, entre sua residência e uma clínica médica que frequentou. A amplitude das distâncias, portanto, é de 15,9 km. A média é de 8,5 km, enquanto a mediana, que corresponde ao valor central, é de 14,1 km, indicando que os pontos



frequentados não estão localizados a distâncias muito simétricas. O coeficiente de variação foi de 79,3%.

### 5.2.1.3 Comparações (participantes diários)

Ao comparar o espaço de vida de Rouxinol e Sabiá, ambos da categoria diário, percebe-se que, apesar de Rouxinol viver em outro município (pendular intermunicipal), e Sabiá no mesmo município onde estuda, porém em distrito distante, (pendular intramunicipal), os dois não utilizam residência secundária, fazendo o trajeto e ida e volta diariamente, utilizando o serviço gratuito no caso de Rouxinol, e o transporte público no caso de Sabiá. Apesar de Rouxinol passar duas horas a mais no trajeto diário do que Sabiá, aparentemente Sabiá sente mais as dificuldades relacionadas ao transporte, uma vez que não há horários regulares, o mínimo de conforto, muito menos gratuidade na utilização, gerando bastante cansaço, gasto e perda de tempo. Ou seja, mesmo morando dentro dos limites administrativos do município, os deslocamentos para estudo geram muitas dificuldades.

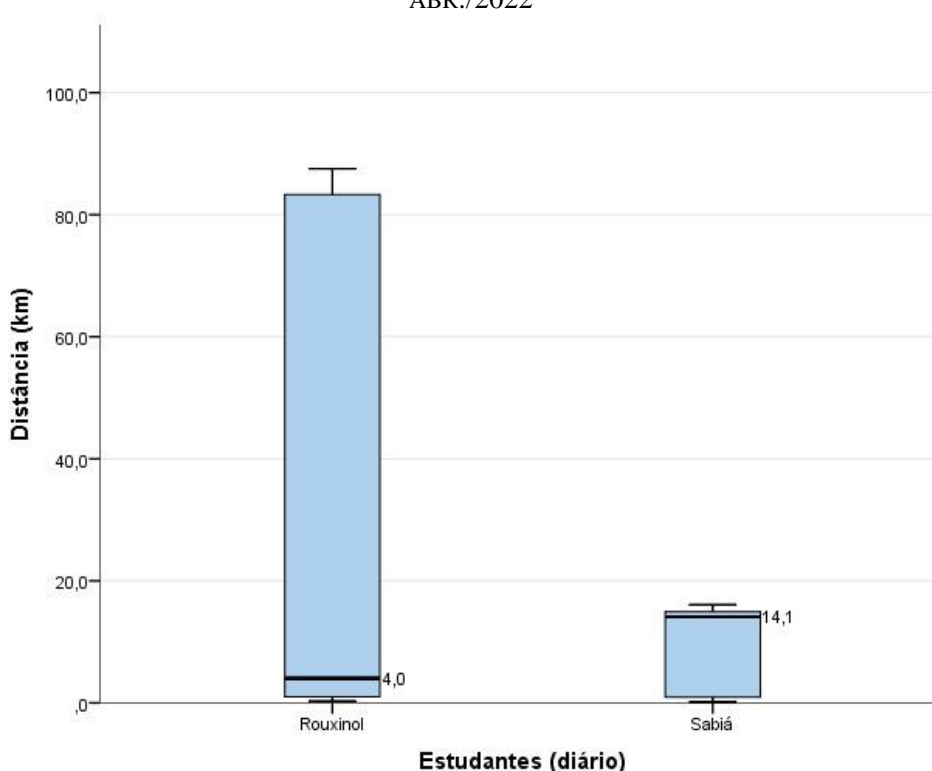
De acordo com a classificação proposta na Tabela 21, anteriormente, Sabiá faz parte dos 22,65% dos participantes que se deslocam no que se considerou distância imediata variável, que é quando a residência principal é localizada em Campos, porém em bairros ou distritos mais distantes. Já Rouxinol, faz parte dos 16,39% dos participantes que fazem deslocamentos de curta distância, cujas residências principais estão localizadas em outros municípios da Região Norte Fluminense.

O espaço de vida dos dois participantes ganhou e perdeu lugares após o início da graduação, se enquadrando no tipo *deslizamento*. Rouxinol apresentou cinco classes, enquanto Sabiá se deslocou entre seis classes de lugares. No total, Sabiá frequentou três lugares a mais do que Rouxinol, ligados em geral, aos cuidados com a sua filha. O único polo do espaço de vida de Rouxinol está em seu município de origem, onde ele também trabalha, não se relacionando muito com a cidade de Campos, até pelo pouco tempo que fica, somente durante as aulas. Já Sabiá apresentou dois polos, um na área central, onde se localiza a IES de estudo, outro em seu distrito de residência. Como Sabiá não trabalha e é residente em Campos, acaba vivenciando mais a cidade.

Ao analisar o diagrama de caixa dos participantes da categoria diário (Figura 56), é possível perceber que Sabiá percorre distâncias bem menores do que Rouxinol, porém, sua mediana é maior, se aproximando mais dos valores mais altos, enquanto em Rouxinol, a mediana se aproxima dos valores mais baixos, uma vez que o polo de seu espaço de vida é mais concentrado. O primeiro quartil tem pouca diferença em favor do terceiro, para

Rouxinol, enquanto para Sabiá o efeito é o inverso. Desse modo, identifica-se que não há uma simetria em nenhum dos dois espaços de vida. Como os valores mínimos dos pontos dos dois participantes são bem baixos, já que se deslocam entre lugares bem próximos dentro de seus espaços de vida, as barras inferiores que identificam esses limites ficam praticamente imperceptíveis no gráfico. Importante ressaltar que a maior amplitude das distâncias percorridas por Rouxinol decorre da localização da Instituição de ensino, que é o único ponto isolado e distante do polo de seu espaço de vida.

FIGURA 56 - DIAGRAMA DE CAIXA DAS DISTÂNCIAS DE DESLOCAMENTO - CATEGORIA DIÁRIO - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

## 5.2.2 Categoria semanal

### 5.2.2.1 Espaço de vida de Curió

Curió tem 22 anos, cursa Biologia em turno integral na instituição pública UENF, 8º período. Sexo masculino, solteiro, sem filhos, não trabalha, tem bolsa de iniciação científica. Sua trajetória escolar foi em instituições privadas antes da graduação, sempre com bolsa parcial, o que reduzia o custo das mensalidades.

Seus pais nasceram em Campos e ele também. Sua residência principal fica em Campos, no distrito de Guarus, onde moram a mãe, o padrasto e duas irmãs, mas fica a maior parte do tempo na residência do namorado na região central, onde considera sua residência

secundária. Desse modo, Curió se enquadra na categoria móvel interno semanal, uma vez que usa residência secundária, mesmo tendo sua residência principal em outro distrito de Campos, indo até lá aos finais de semana visitar a mãe e demais familiares.

Sobre sua trajetória residencial, mudou de residência seis vezes ao longo da vida, dentro do mesmo município. Considera a casa como principal local de permanência, porém, se considerar o tempo útil, passa a maior parte do dia na UENF. Tem pretensão de morar em outro município para fazer mestrado e doutorado, ou seja, inclui a mobilidade como um projeto futuro.

Tem irmão e irmã com curso superior, mas não convive com eles. Tem primos com curso superior que ele convive mais, mas não acha que recebeu influência direta deles. Chegou a pensar em estudar em outro município, mas não foi necessário, pois tinha o curso e a universidade que gostaria em seu município de origem.

A instituição foi escolhida por ofertar o bacharelado, já que ele não queria fazer licenciatura. Outro ponto foi a possibilidade de apoio estudantil que a instituição oferece, o que o ajudaria a se manter na graduação e seguir na carreira científica. Por isso, inclusive, buscou a universidade pública, já que considera as IES privadas muito técnicas, mas com pouca pesquisa. Já a escolha do curso foi motivada pelo método de estudo da área, que é muito interessante para ele.

Recebe apoio estudantil em forma de bandejão e bolsa de iniciação científica. Apesar de não ser tão fácil conseguir bolsas, ele recebe auxílio desde o início da graduação. Primeiramente teve bolsa de apoio, depois de iniciação científica. Declara que não é suficiente para se manter, para isso ele conta com a ajuda financeira da mãe, por meio da renda de aluguel de um imóvel da família que ela repassa para ele.

Sobre seus deslocamentos, utiliza muito ônibus para se deslocar pelo município. Frequenta outros municípios como São João da Barra/RJ, onde vai à praia uma vez a cada três meses e Rio de Janeiro, quando vai visitar familiares e ter consultas médicas. Após iniciar a faculdade passou a frequentar alguns locais como barzinhos, cinema, padaria, supermercado. Em contrapartida, deixou de frequentar alguns locais como o curso de inglês, casa de amigos, academia. Seu espaço de vida, portanto, é caracterizado como *deslizamento*, quando alguns locais são preservados, novos são adicionados e alguns deixam de ser frequentados.

Seu espaço de vida é pequeno, formado por quatro classes com um lugar cada uma: residência principal, residência secundária, local de estudo e residência de amigos. Apesar dos pontos estarem um pouco dispersos, o conjunto desses lugares formou o único polo de seu espaço de vida.

Curió frequenta sua residência principal aos finais de semana. Considera a casa de seu namorado como residência secundária, já que fica os cinco dias úteis da semana lá, de modo a facilitar o deslocamento até a faculdade. De sua residência principal até a faculdade demora cerca de vinte minutos de carro. Se fosse de transporte coletivo, precisaria pegar dois ônibus e demoraria muito mais tempo. Da residência secundária por sua vez, até a UENF ele gasta cerca de doze minutos de carro, indo sempre de carona com o namorado.

Para a universidade vai cinco vezes na semana, no período da manhã e da tarde, e, uma vez na semana vai à noite também. Seu estágio e trabalho com a bolsa de iniciação científica é dentro da própria universidade. Além desses pontos, cerca de duas vezes ao mês vai à casa de uma amiga que fica em frente à UENF, ficando em torno de quatro horas lá.

O espaço de vida mapeado por Curió é, portanto, pequeno, formado por apenas quatro classes com um lugar cada uma, ou seja, com quatro lugares (Mapa 9), todos dentro do mesmo município, na região central e arredores.

Além dos locais mapeados, durante a entrevista Curió relatou que frequenta alguns outros pontos do município, a saber: Jardim São Benedito como local de lazer cerca de três vezes ao ano; locais de compras como o shopping, uma vez ao mês; festas de uma a duas vezes por mês e lanchonetes e barzinhos também de uma a duas vezes por mês; visita a tia uma vez a cada três meses e vai na casa de outros amigos uma vez a cada dois meses. Curió relatou que vai a pé ao supermercado e loja de conveniência distante dois minutos da casa dele, cerca de duas vezes na semana, fica em torno de dez minutos lá, porém, não registrou a localização espacial desses estabelecimentos durante o período de coleta de dados.

Sobre sua relação com a universidade, considera que o curso o deixou mais crítico, mais questionador, com uma formação geral e para a sociedade mais ampliada. Em contrapartida, também gerou ou intensificou nele um processo de depressão e ansiedade. Curió considera que sua qualidade de vida enquanto estudante foi afetada por questões de saúde mental. Além disso, a falta do Bandejão no início do ano letivo dificultou muito. O valor da bolsa poderia melhorar e considera que a instituição poderia dar um apoio maior para incluir estudante de baixa renda, por exemplo, que tem maiores necessidades. Para ele, o maior fator dificultador para os estudos é a questão da depressão e ansiedade, preocupação com a questão financeira, ocupação gerada pelos afazeres da casa e a dificuldade para se deslocar usando transporte público.



A tabela de permanência aproximada de Curió (Tabela 25) revela que o tempo que ele permanece na Universidade diariamente é semelhante ao tempo que permanece em casa, com a diferença de que boa parte do tempo em que está em casa é reservado para o sono noturno. Ou seja, a UENF é, como o participante afirmou, o local que ocupa a maior parte do seu tempo útil, apesar de estar em segundo lugar na taxa de presença, com 29,7% do seu tempo total, contra 40,0% do tempo que passa na sua residência secundária. A residência principal, onde vai aos finais de semana, representa 28,5% de seu espaço de vida e a residência de amigos ocupa 1,2% de seu tempo total. O deslocamento até a IES, realizado frequentemente de carro, também ocupa um pouco o tempo do participante, com 0,6% do total. Caso fosse de transporte público o tempo necessário para chegar à IES seria bem maior. O deslocamento entre residência principal e secundária é feito raramente, o que não ocupa tanto o tempo de Curió, ficando com 0,0% do total.

TABELA 25 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE CURIÓ NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA - ABR./2022

Natureza do lugar	Média de horas em dias úteis	Média de horas semanais	Média de horas mensais	Taxa de presença (%)
Residência secundária	13,5	67,5	270,0	40,0
Faculdade/universidade	10,0	50,0	200,0	29,7
Residência principal	-	48,0	192,0	28,5
Residência de amigos	-	-	8,0	1,2
Deslocamento até a IES	0,2	1,0	4,0	0,6
Deslocamento res. principal-secundária	0,3	0,3	0,3	0,0
<i>Total</i>	<i>24,0</i>	<i>166,8</i>	<i>674,3</i>	<i>100,0</i>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

As medidas de tendência central e de dispersão de Curió foram as seguintes: o valor mínimo percorrido é de 0,6 km, entre a faculdade e a casa de uma amiga que fica bem em frente. Já a distância máxima (medida em linha reta) é de 5,6 km, entre sua residência principal e a casa dessa amiga. Desse modo, a amplitude é baixa, de 5,0 km.

Como o espaço de vida de Curió é bem restrito, a média e a mediana das distâncias apresentam valores semelhantes, 3,7 km e 4,1 km, respectivamente, indicando que os pontos são, de certa forma, equilibrados em seu espaço de vida.

O coeficiente de variação foi de 48,8%, indicando que a variação dos valores em torno da média não é muito elevada, com pouca dispersão dos locais frequentados.

### 5.2.2.2 Espaço de vida de Pardal

Pardal tem 22 anos, sexo masculino, solteiro, sem filhos, estuda Zootecnia na IES pública UENF, 5º período, em turno integral. Sempre estudou em instituições públicas, em toda sua trajetória escolar. Será o primeiro de sua família a ter curso superior. Com exceção dele, apenas uma prima está concluindo a graduação atualmente. Não trabalha, como a maioria dos estudantes de cursos integrais, já que a conciliação entre estudo e trabalho nesses casos é ainda mais difícil.

Pai e mãe nasceram no município de São Fidélis/RJ onde ele também nasceu e onde fica sua residência principal, junto ao pai, mãe e irmã, enquanto a secundária fica na área central de Campos, em frente à faculdade, onde divide um apartamento com outras duas pessoas. Nunca mudou de residência ao longo da vida, não tem, portanto, experiência com deslocamentos anteriores. Atualmente, não costuma frequentar outro município além de São Fidélis e Campos, e não tem pretensão de morar em outro município futuramente, ou seja, a mobilidade é acionada somente quando necessária, para o estudo, mas Pardal é muito ligado ao seu lugar de origem. Acredita que ao concluir o curso, conseguirá alguma vaga na área em seu município de residência principal. Após a conclusão, pretende trabalhar ou cursar graduação em Agronomia para ampliar as suas possibilidades de trabalho em seu município de origem. Ou seja, Pardal tem um projeto de retorno em mente.

Optou por cursar graduação em Campos já que não há faculdade pública em São Fidélis. Já conhecia um amigo que estudava em Campos e considera que ele auxiliou no processo, dando dicas e informações. Escolheu a UENF após pesquisar e conversar com amigos, pois não a conhecia anteriormente, ou seja, as redes tiveram participação no processo de escolha. Sobre o curso, as opções selecionadas no processo seletivo foram áreas que tivessem contato com a natureza, que era o que ele mais gostava. A escolha do curso se deu pela nota de corte mais baixa mediante as demais opções. Não sabia exatamente o que queria fazer na época da seleção, mas ser Universidade Pública era um critério, uma vez que não poderia arcar com os custos de uma graduação em universidade privada.

Pardal é classificado como estudante móvel externo semanal, já que tem residência secundária para estudo, mas sua residência principal fica em outro município, para onde ele retorna aos finais de semana. Esse deslocamento intermunicipal é feito utilizando um transporte (ônibus) sem custos, financiado pela prefeitura de São Fidélis, através da Secretaria de Transportes para transportar estudantes que estão matriculados em cursos técnicos e superiores no município vizinho de Campos. Pardal inclusive, já utilizava o transporte

estudantil anteriormente, quando cursava ensino técnico no IFF, também em Campos dos Goytacazes. Nesse período, fazia o deslocamento pendular intermunicipal diariamente, o que, segundo ele, era extremamente cansativo.

O participante recebe apoio estudantil e destaca que esse apoio é essencial para se manter no curso e na cidade de estudo. Além do ônibus da prefeitura, recebe uma bolsa-cota, que é dada a alunos que entraram na seleção via cotas. Utiliza também o restaurante universitário da universidade, que, apesar de estar sem funcionamento no início do ano letivo, oferece refeições a custo baixo (ou zero) para estudantes da instituição. Pardal destaca que esse serviço faz muita falta, já que aumenta os custos e o tempo gasto na preparação dos alimentos. Pretende tentar no segundo semestre uma bolsa de extensão para trabalhar em projetos e aumentar a renda mensal.

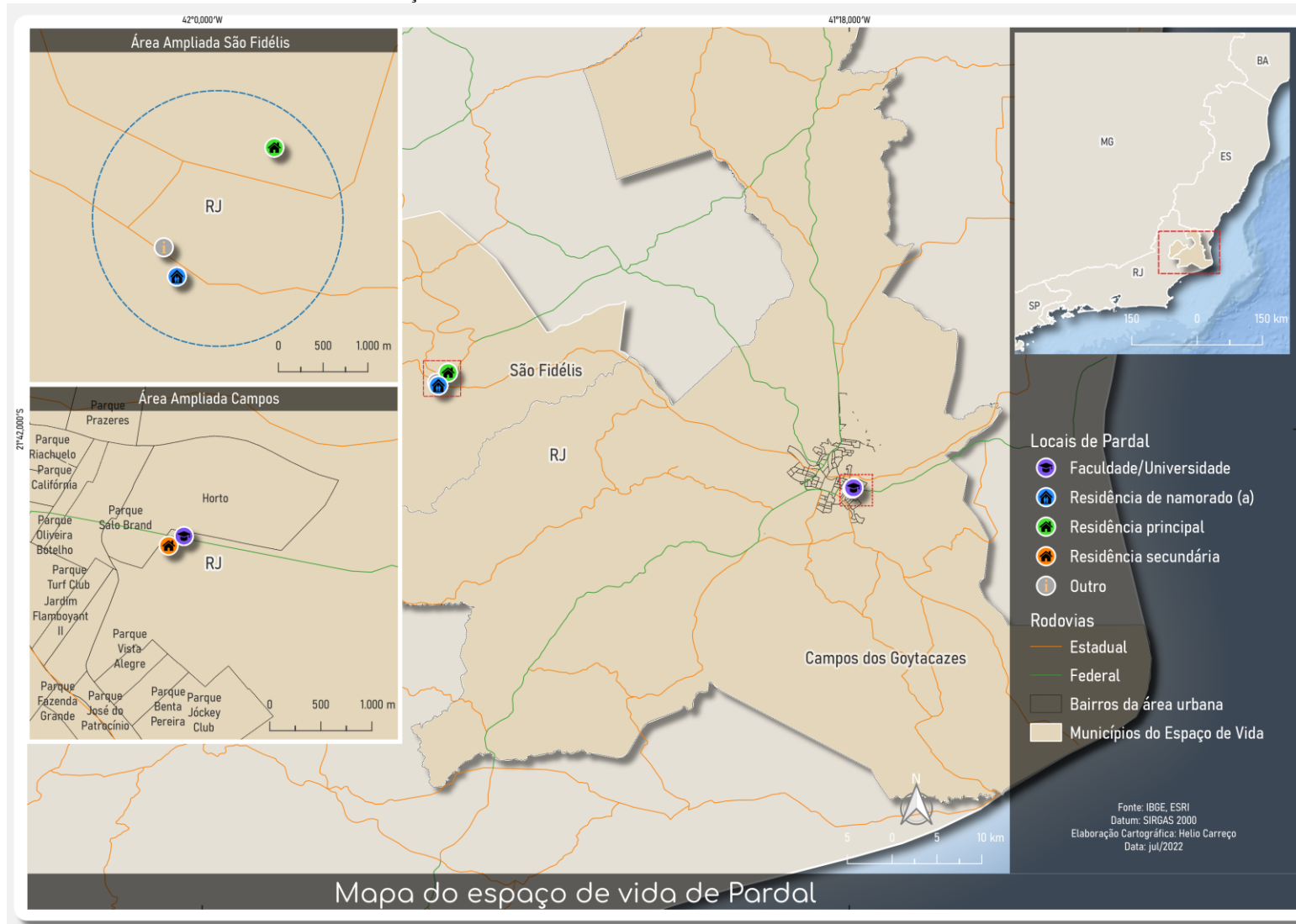
Considera que a vivência na universidade favoreceu a ampliação de sua rede de amizades, que contribuem para deixar a graduação mais leve. Para ele, o principal fator dificultador dos estudos seria o deslocamento diário entre municípios, o que não é mais o caso dele já que permanece em Campos para estudar, mas como usa várias vezes na semana, também sente as adversidades dos deslocamentos. Destaca que frequentemente manifestações fecham estradas por exemplo, o que faz com que estudantes percam aulas e as vezes até provas.

Sobre os locais que frequenta, pardal não considera que passou a frequentar novos lugares após início da faculdade e pondera que diminuiu o tempo e frequência em locais de lazer após o início dos estudos. Desse modo, seu espaço de vida sofreu *extensão*, apenas por ter adicionado a própria faculdade e local de residência secundária e, ao mesmo tempo, sofreu *contração*, por diminuir os locais de lazer frequentados, ou seja, se enquadra no tipo *deslizamento*, quando ocorre *contração* e *extensão* ao mesmo tempo.

Pardal retorna à sua residência principal regularmente aos finais de semana. Além disso, durante férias, feriados e qualquer outra oportunidade, ele também faz o deslocamento intermunicipal. Para isso, utiliza o ônibus da prefeitura exclusivo para transporte de estudantes, o trajeto dura em média 1h20min por viagem. Em São Fidélis frequenta a residência da namorada, cerca de duas vezes por semana, fica em torno de sete horas com ela, o deslocamento é rápido, dura cerca de sete minutos de motocicleta. Frequenta também alguns estabelecimentos comerciais e de serviços, durante o período de coleta registrou a ida à barbearia, que marcou como ponto “outros”, como pode ser visto no Mapa 10.



MAPA 10 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - PARDAL - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

Em Campos, fica na residência secundária de segunda a sexta. As vezes retorna a São Fidelis às quartas-feiras, por não ter aula nesse dia. Frequenta um supermercado perto de sua casa a cada 15 dias. Ou seja, em Campos, os locais que frequenta se resumem a universidade e sua casa que ficam bem próximos, ou seja, Pardal não usufrui a cidade, se ligando somente ao seu objetivo, que é o estudo. Seus deslocamentos são reduzidos.

Percebe-se que o espaço de vida de Pardal é bem restrito, composto por cinco classes, com um lugar de natureza diferente em cada, ou seja, é um espaço formado por cinco lugares, em dois municípios diferentes (Mapa 10). Em Campos se limita à Universidade e a sua residência secundária e em São Fidelis, registrou presença na residência principal, na casa da namorada e em um outro ponto descrito como barbearia. Desse modo, seu espaço de vida apresenta um único polo, no município de São Fidelis, onde há um maior número de relações.

Além dos pontos coletados, durante a entrevista Pardal informou que visita as residências da tia e de um amigo cerca de uma vez ao mês, e um sítio do tio como local de lazer, sem frequência regular, além de lanchonetes e outros locais de compras, porém, não foram registradas presença nesses lugares durante o período de coleta.

Sobre a taxa de permanência, como esperado, a residência secundária é onde permanece maior parte do tempo (50,1%), como o próprio participante relatou em entrevista ao ser perguntado qual o seu principal lugar de permanência. A residência principal é a próxima, ocupando 21,3% do tempo total, somando o tempo útil e o tempo de descanso noturno. Como passa várias horas na faculdade, esta representa 17,5% do seu tempo mensal, ficando em terceiro lugar no ranking. A residência da namorada, onde Pardal passa parte dos finais de semana, representa 8,8%. O deslocamento intermunicipal é longo e ocupa 1,7%. Já o deslocamento diário para a faculdade é menor, uma vez que mora bem próximo, o que representa 0,5% do tempo. O campo “outro” ficou com 0,2%, com a menor taxa (Tabela 26).

TABELA 26 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE PARDAL NOS LOCAIS DO ESPAÇO DE VIDA - ABR./2022

<b>Natureza do lugar</b>	<b>Média de horas em dias úteis</b>	<b>Média de horas de horas semanais</b>	<b>Média de horas mensais</b>	<b>Taxa de presença (%)</b>
Residência secundária	16,0	80,0	320,0	50,1
Residência principal	-	34,0	136,0	21,3
Faculdade/universidade	7,0	28,0	112,0	17,5
Residência da namorada	-	14,0	56,0	8,8
Deslocamento res. principal-secundária	-	2,7	10,8	1,7
Deslocamento até a IES	0,2	0,8	3,2	0,5
Outro (Barbearia)	-	-	1,0	0,2
<b>Total</b>	<b>23,0</b>	<b>159,5</b>	<b>639,0</b>	<b>100,0</b>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

A distância mínima percorrida por Pardal é entre residência secundária e faculdade (0,2 km), o que demonstra como a escolha do local de moradia no município de estudo levou em consideração a proximidade da IES. O valor máximo é de 48,3 km, entre o ponto comercial frequentado no município de origem, e a faculdade, em Campos. Sendo assim, a amplitude é de 48,1 km. A média das distâncias entre os locais do espaço de vida de Pardal é de 29,1 km, enquanto a mediana, ou seja, o ponto médio dos valores, é de 47,4 km. A diferença entre a média e a mediana demonstra certa assimetria do espaço de vida de Pardal, que é distribuído em dois municípios da região.

O coeficiente de variação indica variação de 78,8%, uma vez que os pontos estão de certa forma espalhados pelo espaço de vida de Pardal.

### 5.2.2.3 Comparações (participantes semanais)

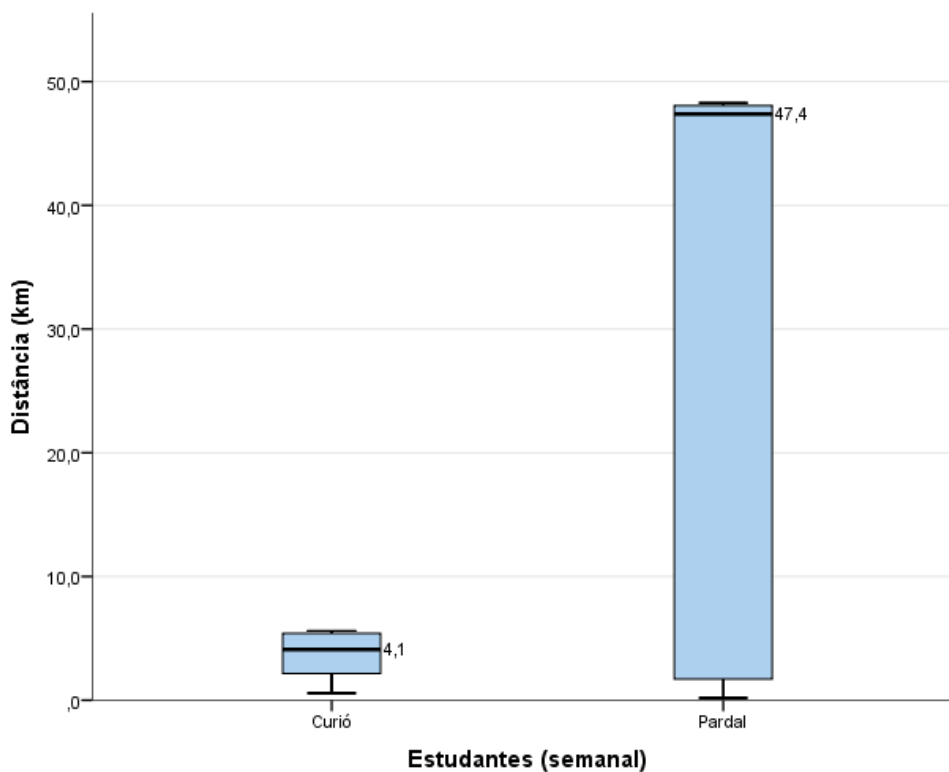
Ao comparar Pardal e Curió, os dois participantes da categoria semanal, que voltam para residência principal aos finais de semana, percebem-se algumas semelhanças e diferenças. Mesmo com a possibilidade de realizar o deslocamento diário, optaram por utilizar residências secundárias para facilitar o ir e vir para estudo. Pardal, mesmo dispondo de transporte universitário gratuito, optou por alugar um apartamento próximo à faculdade de modo que não precise passar pelo desgaste do trajeto, como já havia feito outrora. Curió, mora na residência do namorado, então, não tem custos com aluguel, dividindo apenas as despesas mensais convencionais. Quanto à classificação, Pardal é estudante móvel externo, por ter sua residência principal em São Fidélis, e Curió é considerado móvel interno, por ter a residência principal em outro distrito, mas dentro do mesmo polo de seu espaço de vida. O tempo de deslocamento entre residência principal e secundária é bem maior para Pardal, que gasta 2h40min. para ir e voltar de ônibus, enquanto Curió gasta 40 minutos de carro.

Os dois tem espaços de vida do tipo *deslizamento*, e frequentam poucos lugares: Curió tem quatro classes e quatro lugares e Pardal tem cinco classes e cinco lugares, ambos com um único polo. Justificam seu espaço de vida reduzido pelo foco nos estudos e uso de aplicativos para entrega de produtos.

O diagrama de caixa (Figura 57) dos participantes permite identificar a grande diferença entre os espaços de vida de Curió e Pardal. Curió tem um espaço de vida com menor variação, mais simétrico do que Pardal, que, além de se deslocar por maiores distâncias, apresentou mediana mais próxima ao valor máximo, evidenciando a assimetria de seu espaço de vida. O primeiro quartil de Pardal apresentou grande diferença em relação ao terceiro, indicando em quais distâncias tem o maior número de lugares no espaço de vida. Os

valores máximos ficaram bem próximos ao terceiro quartil e, não foram identificados valores discrepantes (*outliers*).

FIGURA 57 - DIAGRAMA DE CAIXA DAS DISTÂNCIAS DE DESLOCAMENTO - CATEGORIA SEMANAL - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

## 5.2.3 Categoria quinzenal

### 5.2.3.1 Espaço de vida de Sanhaço

Sanhaço tem 20 anos, sexo feminino, solteira, sem filhos, não trabalha. Cursa veterinária na instituição pública UENF, 6º período, turno integral. Durante a educação básica, sempre estudou em escolas da mesma categoria (particular com bolsa).

Seus pais nasceram no município de Araruama/RJ, na região das Baixadas Litorâneas, onde ela também nasceu. Lá fica sua residência principal, onde moram a mãe, o pai e a irmã. Ela nunca mudou de residência ao longo da vida, apenas agora, para cursar ensino superior, quando teve que buscar uma residência secundária em Campos para poder estudar. Atualmente ela aluga um apartamento sozinha, antes da pandemia dividia o aluguel com duas meninas, mas a experiência não foi muito boa, segundo ela, pois atrapalhava seus estudos e descanso. Desse modo, apesar do custo mais alto, ela e a família optaram por permanecer em apartamento individual.

O único tipo de apoio estudantil que recebe é a alimentação a baixo custo oferecida no restaurante universitário, o que a ajuda muito a se alimentar com melhor qualidade. Todos os demais custos são financiados pela família.

A família de Sanhaço já tem experiência com o nível superior, o pai, a mãe e os tios possuem superior completo, o que, de certa forma, a incentivou a buscar a graduação também.

Como não tem IES em seu município de origem, Sanhaço precisou buscar outro município para cursar a graduação. Escolheu a cidade de Campos pelo processo do Enem/Sisu pois foi a pública mais próxima de casa dela com o curso que gostaria. Conhecia alguém que já estudava em Campos, mas não era muito próxima a ela, então não considera que tenha influenciado na decisão. O que a motivou a escolher a UENF foi o curso em si, que era seu desejo desde criança, além da maior proximidade com sua casa, comparando com outras opções que havia visto e por ser instituição pública.

Como retorna para casa em outro município, a cada quinze dias para passar o final de semana, Sanhaço se enquadra na categoria móvel externo quinzenal. Já que não há ônibus direto de Campos até o município de Araruama, onde mora, ela precisa passar por um terceiro município, São Pedro da Aldeia, para de lá pegar outro meio de transporte para Araruama. De Campos à São Pedro da Aldeia o trajeto é feito de ônibus, dura cerca de 4h. De São Pedro até a sua casa vai de carro, já que os pais vão buscá-la na rodoviária. Essa última etapa do trajeto dura cerca de 50 minutos. Percebe-se que Sanhaço gasta muito tempo no deslocamento, o que, segundo ela, a deixa com sensação de tempo perdido, já que não consegue estudar em movimento por que não se sente bem, sofrendo com os sintomas do chamado enjoo do movimento. Sendo assim, Sanhaço geralmente dorme e não faz nenhuma outra atividade enquanto está no trajeto.

Após iniciar a faculdade, passou a frequentar supermercados, igrejas e casa de alguns amigos em Campos. Em contrapartida, deixou de frequentar academia, aula de pilates e a sua igreja que ia regularmente em Araruama. Desse modo, seu espaço de vida também se enquadra no tipo *deslizamento*, com adição e subtração de lugares simultaneamente.

Em Araruama ela frequenta a casa da avó de duas a três vezes por semana; permanece lá em torno de três horas vai caminhando, em torno de 10 minutos de deslocamento. Vai também à casa do irmão com menos regularidade, ficando cerca de duas horas. Considera locais de lazer em seu município de origem os seguintes pontos: cafeteria, praça, shopping, lojas do centro. Quando vai, permanece em torno de cinco horas, vai de carro com a mãe, com trajeto de 10 minutos, geralmente. Frequenta instituição religiosa uma vez na semana, ou mais, quando está de férias. Frequenta lanchonetes, barzinhos e a praia aos finais de semana,

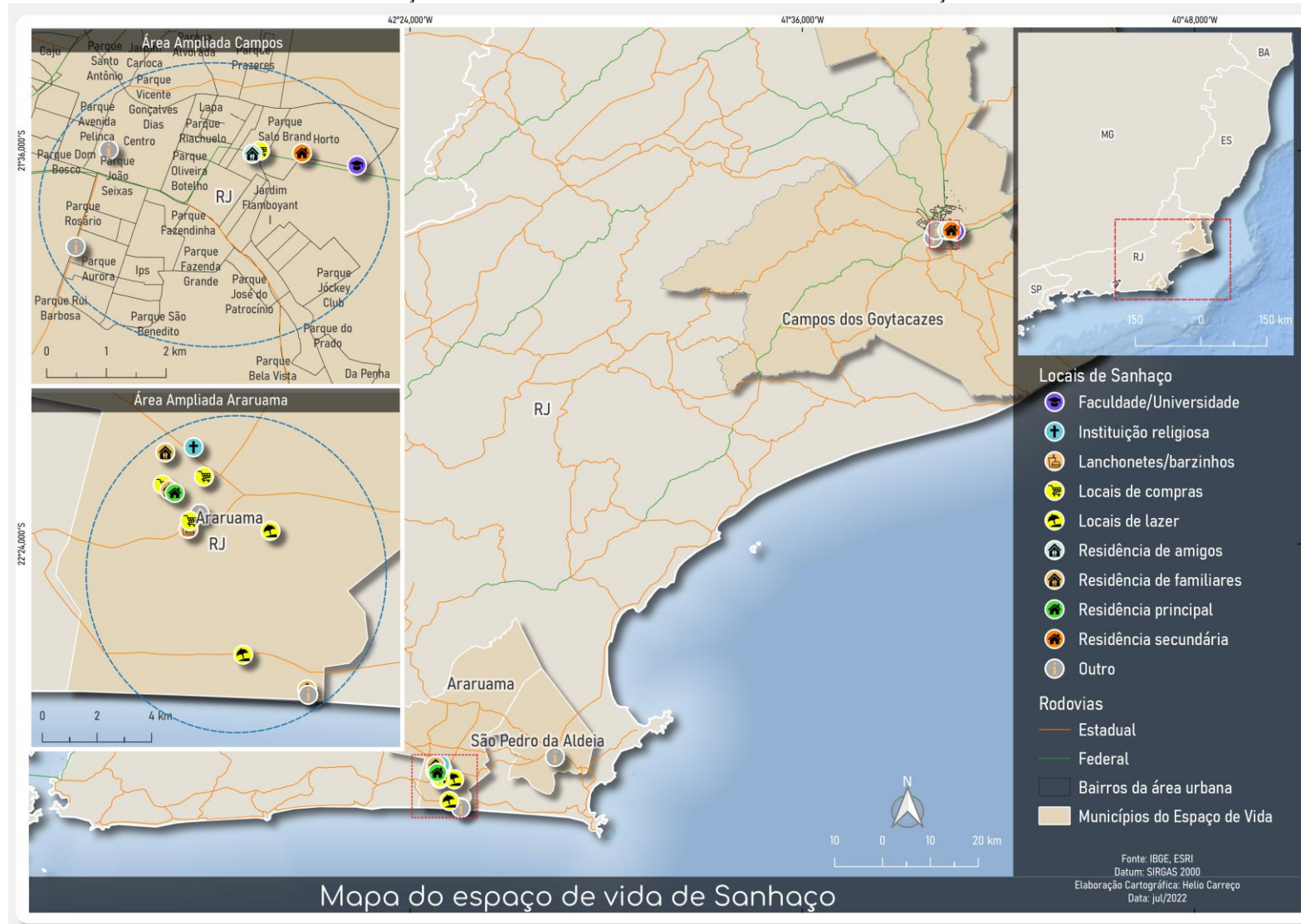
onde seus pais possuem outra residência. Outro ponto frequentado durante o período de coleta foi uma clínica médica, no centro da cidade.

No município de São Pedro da Aldeia frequenta apenas a rodoviária, sendo, portanto, um município de ligação entre o município de origem e o município de estudo.

Em Campos Sanhaço vai à universidade de segunda a sexta, manhã e tarde, permanecendo em média seis horas por dia. Locais de lazer que frequenta situam-se na própria faculdade, onde fica conversando depois da aula com os amigos. As vezes vai à casa de alguma amiga também. Frequenta locais de compras cotidianas como padaria, mercado, açougue. Vai a lanchonetes e barzinhos com pouca regularidade, pois geralmente pede lanche em casa. Frequenta também as rodoviárias do município para pegar o ônibus de volta para casa.

O espaço de vida registrado por Sanhaço é composto por 10 classes e 20 lugares, como pode ser visto no Mapa 11. As classes se referem a: Universidade, Instituição religiosa, lanchonete, locais de compras (quatro lugares diferentes), locais de lazer (dois lugares), residência de amigos, residência de familiares (três lugares), residência principal, residência secundária e outros (5 lugares). Esses pontos estão distribuídos em três municípios diferentes e formam dois polos, um no local de residência secundária e um no local de residência principal.

MAPA 11 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - SANHAÇO - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

Sanhaço considera que o seu principal lugar de permanência é a casa onde mora. Ao analisar sua taxa aproximada de presença, realmente é na residência secundária que ela passa a maior parte do seu tempo (41,4%), durante os dias úteis e finais de semana que não retorna para a residência principal. Durante o mês do mapeamento (abril), a participante passou dez dias em seu município de origem, aproveitando o período de folga oportunizado pelos feriados. Desse modo, a residência principal, ocupou 29,8% da taxa de presença. Como vai a universidade todos os dias úteis, esta representa 13,8%, seguido do tempo que ela passa dentro dos meios de transporte quando faz o deslocamento intermunicipal e, nesse caso, inter-regional também, que ocupa 4,6% do total. O tempo que Sanhaço passou visitando familiares representou 2,3%, acompanhado do tempo em que passou em instituição religiosa, que foi de 1,5%. A visita a casa de amigos ocupou 1,2%, assim como o deslocamento entre a residência secundária e a instituição de ensino (1,2%). Outros lugares tiveram uma menor participação, a saber: locais de lazer (0,9%), praia (0,9%), locais de compras (0,8%), clínica médica (0,6%), lanchonete (0,5%) e tempo de espera pelos transportes nas rodoviárias, com 0,5% (Tabela 27).

TABELA 27 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE SANHAÇO NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA - ABR./2022

<b>Natureza do lugar</b>	<b>Média de horas em dias úteis</b>	<b>Média de horas semanais</b>	<b>Média de horas mensais</b>	<b>Taxa de presença (%)</b>
Residência secundária	18,0	90,0	270,0	41,4
Residência principal	-	-	194,0	29,8
Faculdade/universidade	6,0	30,0	90,0	13,8
Deslocamento res. principal-secundária	-	-	30,0	4,6
Residência de familiares	-	-	15,0	2,3
Instituição religiosa	-	-	10,0	1,5
Residência de amigos	-	4,0	8,0	1,2
Deslocamento até a IES	0,5	2,5	7,5	1,2
Locais de lazer	-	-	6,0	0,9
Praia (outro)	-	-	6,0	0,9
Locais de compras	-	-	5,0	0,8
Clínica médica (outro)	-	-	4,0	0,6
Lanchonete	-	-	3,0	0,5
Rodoviárias (outro)	-	-	3,0	0,5
<b>Total</b>	<b>24,0</b>	<b>126,5</b>	<b>651,5</b>	<b>100,0</b>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Com relação às distâncias que Sanhaço percorre, a menor delas vai da lanchonete ao local de compras. Provavelmente eram lojas vizinhas. Já o valor máximo é de 166,7 km, que é



a distância entre locais de lazer frequentados no município de origem e a faculdade, no município de estudo. A amplitude, portanto, é de 116,7 km.

A média das distâncias dos pontos do espaço de vida é de 74,8 km, bem diferente da mediana, com valor de 22,8 km. A mediana representa melhor o centro da distribuição dos dados. O coeficiente de variação elevado (102,9%) indica que ocorre uma grande variação dos dados com relação à média das distâncias.

Como comentários finais, Sanhaço destacou que cursar graduação em outra cidade aumentou sua independência. Além disso, a beleza da universidade, com suas áreas verdes, contribuiu para sua sanidade mental. O maior fator dificultador para os estudos é estar sozinha e longe da família, além do cansaço, enjoos, atrasos nos horários e medo gerados pelos deslocamentos. Além disso, destaca também que sabe como os custos com sua estadia pesam no orçamento familiar e se mostra agradecida pela oportunidade de estudar. Depois que concluir a graduação, pretende trabalhar no município de origem e fazer uma pós-graduação. Ou seja, não está nos planos migrar para Campos definitivamente, e sim um projeto de retorno.

### **5.2.3.2 Espaço de vida de Trinca-ferro**

Trinca-ferro tem 41 anos, sexo feminino, estado civil casada (atualmente separada do companheiro), não tem filhos. Cursa Direito na instituição privada UCAM, no turno da manhã, 10º período. Trabalha *offshore* durante 16 dias no mês. Seus pais nasceram em Conceição de Macabu/RJ, município pertencente à Região Norte Fluminense, onde ela também nasceu e onde fica sua residência principal. Em Campos mora de aluguel próximo à Universidade. Já mudou de residência três vezes ao longo da vida, depois de adulta. Destacou que é a 10ª filha de pais analfabetos, com infância muito pobre e com muitas dificuldades, o que a fez de certa forma desacreditar que poderia conquistar algo bom um dia.

Sempre estudou em instituições públicas, avalia que, por isso, a sua base educacional não seja boa. Possui graduação de Tecnólogo em Petróleo e Gás cursada no município de Macaé. Na época da escolha da atual graduação, visitou instituições de Macaé, mas não gostou da estrutura, atendimento e valor do curso. Em Campos, visitou outras duas instituições, mas se identificou com UCAM. A graduação teria que ser necessariamente em Campos ou Macaé por conta da logística com seu trabalho, já que embarca em Campos.

Trinca-ferro tem primas e sobrinhos próximos com curso superior completo e já conhecia colegas da igreja e do dia a dia que estudavam na UCAM, mas não foram eles que influenciaram a escolha do curso, nem da instituição. Quem a incentivou foi um gerente que a

convenceu sobre seu potencial para alcançar novas áreas. Portanto, o primeiro incentivo foi externo, porém, ela se identificou muito com o curso.

Sobre apoio estudantil, o único que recebe é o desconto de 10% na mensalidade por ser originária de escola pública, mas consegue se manter com seu salário. Seus deslocamentos em geral são feitos a pé ou por carro de aplicativo. Além de Campos, frequenta os municípios de Macaé, Conceição de Macabu e Rio de Janeiro. Após iniciar a faculdade, passou a frequentar shoppings e o centro da cidade, sem muitos outros lugares. Sua vida é restrita à faculdade, casa, trabalho e casa da família, para onde vai a cada quinze dias, quando não está trabalhando. Após iniciar a faculdade, porém, deixou de frequentar alguns lugares pois o tempo diminuiu, mas não abriu mão de ir à igreja junto com a sua mãe na sua cidade natal.

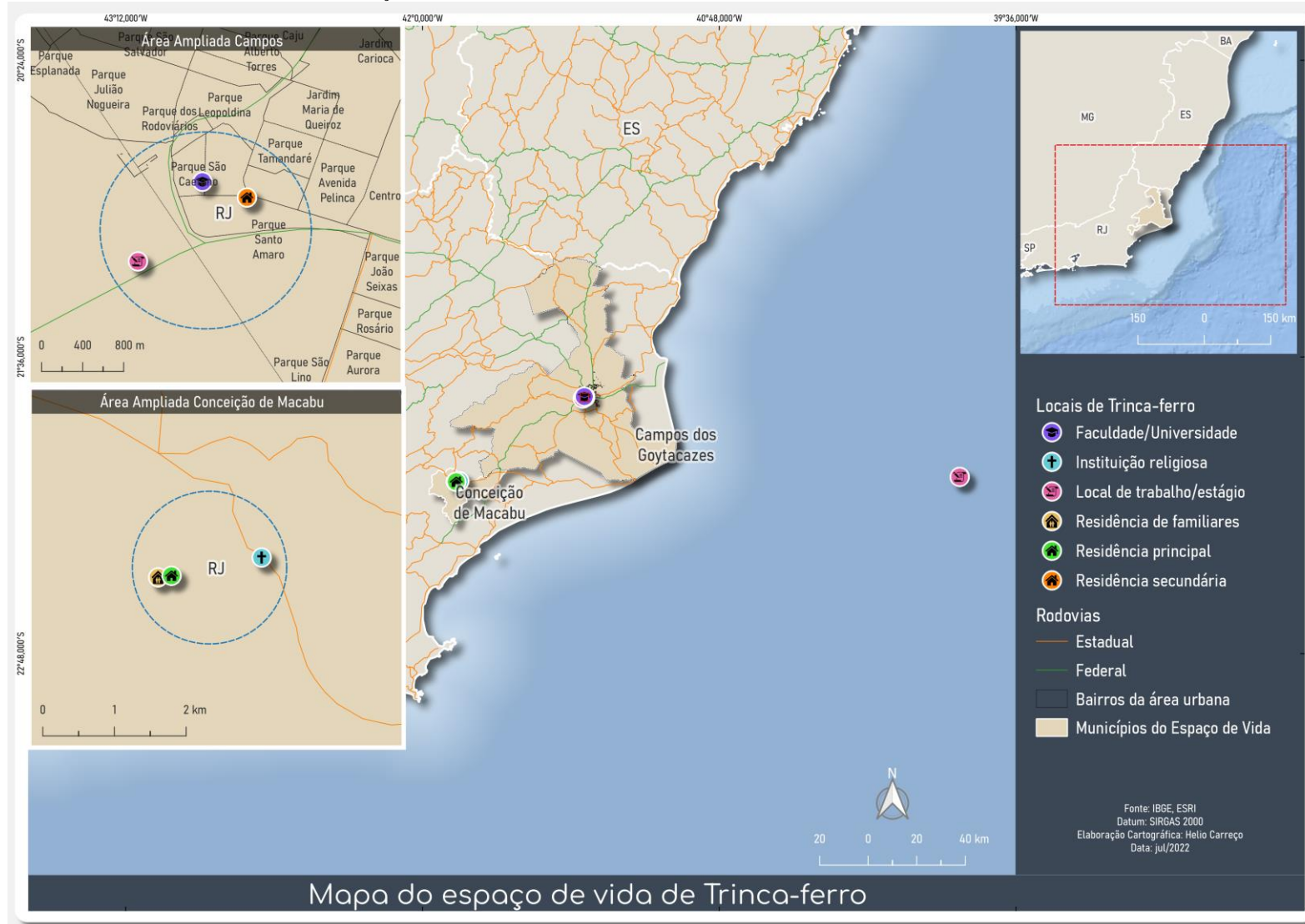
O espaço de vida de Trinca-ferro, portanto, é do tipo *deslizamento*, com aumento e diminuição de pontos simultaneamente e se enquadra na categoria móvel externo quinzenal, já que tem residência secundária em Campos para estudar, mas sua residência principal fica em outro município, para onde vai quinzenalmente, durante o final de semana.

Apesar de ter uma residência em Conceição de Macabu, quando vai, ela fica na casa da mãe, localizada no mesmo quintal. Geralmente vai sexta-feira e volta segunda. Visita a casa das irmãs e algumas amigas que moram próximas. Frequenta igreja aos domingos, permanecendo lá em torno de uma hora e meia. Frequenta eventos no município de origem apenas quando tem algum aniversário da família e de amigos, por exemplo.

Em Campos ela fica na residência secundária de segunda a sexta, por cerca de 12 dias no mês, já que trabalha offshore. Atualmente, está indo para faculdade uma vez na semana apenas, já que está finalizando seu curso, permanecendo duas horas lá. Vai também ao local de estágio, relacionado à faculdade. A instituição fica a cinco minutos a pé da sua casa secundária. Faz curso de idiomas on-line, buscando material presencialmente a cada 15 dias. Faz academia de segunda a sexta, dentro da própria Universidade, permanecendo lá por uma hora. Como lazer, vai ao shopping uma vez a cada quinzena, ficando cerca de duas horas lá. Frequenta lanchonetes e barzinhos também, cerca de uma vez por quinzena ou menos.

O espaço de vida registrado por Trinca-ferro é composto por seis classes, e sete lugares, a saber: residência secundária, residência principal, faculdade, residência de familiares, local de trabalho/estágio (dois lugares) e instituição religiosa. O conjunto desses lugares formam dois polos, um no município de origem, outro no município de destino (Mapa 12).

MAPA 12 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - TRINCA-FERRO - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

Os lugares estão distribuídos em dois municípios da região Norte Fluminense, além da plataforma continental, onde trabalha em plataforma petrolífera. O trabalho *offshore* é especialmente interessante em termos de mobilidade, uma vez que o indivíduo tem mais liberdade para morar onde lhe convier, já que o deslocamento para o trabalho precisa ser feito uma única vez ao mês. Alguns dos locais descritos na entrevista não foram frequentados durante o período da coleta, como a academia por exemplo, uma vez que estava fazendo provas da faculdade e por isso o tempo ficou reduzido.

Sobre o tempo de permanência em cada um dos locais, a maior parte do tempo mensal de Trinca-ferro é ocupado por atividades laborais (57,2%), devido principalmente ao fato de passar 16 dias inteiros no local de trabalho, inclusive para dormir. A residência secundária é onde ela passa a maior parte do tempo quando não está trabalhando (34,1%), seguida da residência de familiares, onde fica aos finais de semana (7,1%). Em sua residência principal ela só vai para observar o local, o que corresponde a 0,1% do tempo. Como tem ido pouco à faculdade no período atual, esta teve uma taxa de presença de apenas 0,9%. A instituição religiosa ocupou 0,2% e os deslocamentos entre residência principal e secundária e entre residência secundária e IES, tiveram uma taxa de presença de 0,4% e 0,0%, respectivamente, já que Trinca-ferro mora bem próximo da IES em que estuda (Tabela 28).

TABELA 28 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE TRINCA-FERRO NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA - ABR./2022

Natureza do lugar	Média de horas em dias úteis	Média de horas semanais	Média de horas mensais	Taxa de presença (%)
Locais de trabalho/estágio	-	2,0	386,0	57,2
Residência secundária	23,0	115,0	230,0	34,1
Residência de familiares	-	-	48,0	7,1
Faculdade/universidade	-	2,0	6,0	0,9
Deslocamento res. principal-secundária	-	-	3,0	0,4
Instituição religiosa	-	1,5	1,5	0,2
Residência principal	-	-	0,5	0,1
Deslocamento até a IES	-	-	0,2	0,0
<i>Total</i>	<i>23,0</i>	<i>120,5</i>	<i>675,2</i>	<i>100,0</i>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Sobre as distâncias existentes entre os pontos coletados, o valor mínimo é de 0,2 km, referente à distância entre sua residência principal e residência da mãe, que fica no mesmo quintal. Já o valor máximo é de 278,0 km, referente à distância entre a igreja que frequenta e seu local de trabalho, em alto mar. Desse modo, a amplitude encontrada nos dados de Trinca-ferro foi bem grande: 277,8 km.

A média das distâncias de 84,4 km é influenciada pelas grandes distâncias do espaço de vida, e o valor da mediana é menor, 64,9 km, ou seja, metade dos pontos estão acima de 64,9 km e a outra metade está abaixo dessa distância.

O coeficiente de variação de 93,9%, indica a dispersão dos pontos em análise e a heterogeneidade do espaço de vida de Trinca-ferro.

Trinca-ferro relata que a universidade transformou por completo a sua vida. Ela afirma que trazia uma bagagem bem complicada e na faculdade encontrou leveza, apesar da carga pesada de estudos. Sua turma a recepcionou bem, havia muito jovens, com quem aprendeu muitas coisas, mudou sua forma de falar, fez novos amigos e teve mudanças culturais, se tornando uma pessoa melhor, em sua avaliação. Maior fator dificultador para os estudos, segundo ela, é a falta de tempo, pois não consegue estudar no trabalho, falta tempo para se dedicar e isso inclusive afetou o seu casamento, levando a sua separação. Depois de cursar a graduação, pretende abandonar o trabalho e ficar dois anos no Canadá ou nos Estados Unidos, para aprender o idioma e vivenciar novas experiências. Existe, portanto, planos de mobilidade internacional futura.

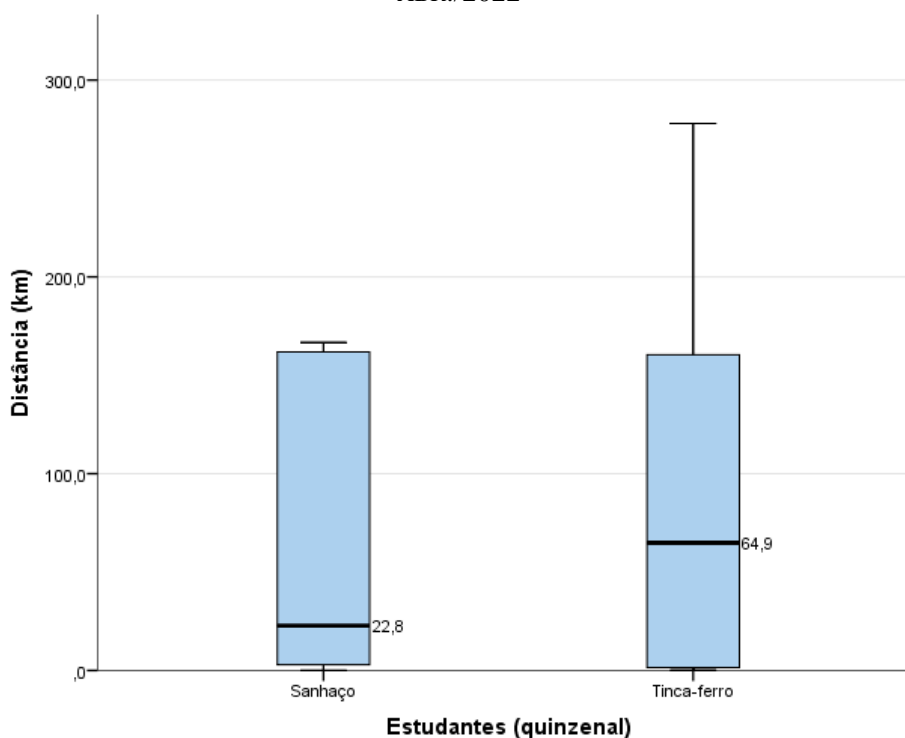
### **5.2.3.3 Comparações (participantes quinzenais)**

Ao comparar as duas participantes da categoria quinzenal (Sanhaço e Trinca-ferro), percebe-se que as duas são classificadas como estudantes móveis externas, já que possuem residência secundária para estudo em Campos e residência principal em outros municípios. O tipo de espaço e vida também é o mesmo (deslizamento), com aumento e diminuição de pontos frequentados após o início da graduação. Sanhaço volta para residência principal a cada 15 dias, utilizando ônibus no início do trajeto e carro no final, passando pela rodoviária de um terceiro município, até conseguir chegar à casa. O tempo total de ida e volta é de aproximadamente 10h, muito além do tempo gasto por Trinca-ferro, que é de três horas, também de ônibus. Isso se deve ao fato de o município de residência principal de Trinca-ferro ser mais próximo de Campos do que o de Sanhaço.

Com relação ao tamanho do espaço de vida, Trinca-ferro apresentou um espaço com seis classes e sete lugares, distribuídos em dois polos, um no município de origem, outro no município de destino. Já Sanhaço, fez um registro completo de seu espaço de vida, mapeando seus 20 lugares distribuídos em 10 classes, também com dois polos. O fato de trabalhar pode ser um influenciador do menor tamanho de espaço de vida de Trinca-ferro, já que não resta muito tempo para estudar e organizar sua vida cotidiana quando não está trabalhando.

O diagrama de caixa (Figura 58) demonstra que, apesar de Trinca-ferro apresentar um espaço de vida menor, as distâncias percorridas são semelhantes, exceto pelo valor máximo de Trinca-ferro, que corresponde ao seu local de trabalho em alto mar, o que puxou a barra para cima. Apesar disso, esse não foi considerado um valor discrepante, baseado no total das distâncias entre os pontos do espaço de vida de Trinca-ferro. Os valores mínimos são baixos nos dois casos, uma vez que se deslocam entre lugares muito próximos, mesmo que por vezes os deslocamentos sejam feitos para lugares muito distantes. Para Sanhaço, o valor da mediana está mais próximo do valor mínimo, enquanto para Trinca-ferro, a mediana está localizada mais próximo ao centro da caixa, indicando uma simetria maior do que a apresentada por Sanhaço.

FIGURA 58 - DIAGRAMA DE CAIXA DAS DISTÂNCIAS DE DESLOCAMENTO - CATEGORIA QUINZENAL - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

## 5.2.4 Categoria mensal

### 5.2.4.1 Espaço de vida de Coleiro

Coleiro tem 25 anos, cursa Medicina na instituição privada FMC, turno integral, 12º período, estando em fase de conclusão do curso. Sexo feminino, solteira, sem filhos, trabalha como médica estagiária em dois hospitais de Campos. Até o ensino fundamental estudou em escola particular, depois foi para instituição pública federal fazer o ensino médio.

Pai e mãe nasceram em Campos e ela também. Moravam no distrito de Travessão durante o 1º, 2º e 3º períodos da faculdade, quando se deslocava diariamente para a faculdade, o que, segundo ela, é muito cansativo. Após isso, ela ficou morando em uma pensão para estudante na região central de Campos e os pais e irmãos se mudaram para a localidade de Grussaí, no litoral do município vizinho de São João da Barra. Desse modo, Coleiro apresenta uma peculiaridade com relação à moradia: ela nunca morou, de fato, em sua residência principal, que é a casa atual de sua família, apenas passa algumas horas quando vai visitá-los aos finais de semana. Seu espaço de vida, portanto, é do tipo móvel externo mensal, já que vai a residência principal uma vez ao mês, em outro município.

Seu principal local de permanência (onde passa a maior parte do tempo), segundo ela, é o hospital onde tem aula e trabalha como estagiária. Futuramente pretende morar em outros municípios como Macaé ou no Rio de Janeiro, ou seja, a mobilidade faz parte de seus planos futuros.

Tem familiares com curso superior completo, a saber: mãe, tio e primos. Decidiu estudar em Campos pelas facilidades inerentes ao município de residência. Desejava ser médica desde criança. Tentou a seleção em outros municípios como Rio de Janeiro/RJ, Petrópolis/RJ, Itaperuna/RJ, Vassouras/RJ, Vila Velha/ES e Campos/RJ, tendo sido aprovada em algumas outras, mas decidiu ficar em Campos porque teria o custo de vida mais barato e seria mais simples, já que era o local onde morava. Conhecia alguns amigos que faziam medicina e a auxiliaram para ter certeza do que ela queria e com dicas para aprovação nos vestibulares.

Quanto ao apoio estudantil, recebeu bolsa da própria faculdade. Durante o 1º e 2º períodos, a bolsa foi de 50%, depois conseguiu chegar aos 100% de custeio. Apesar de envolver muita burocracia, com a necessidade de renovar a documentação todo semestre, a bolsa foi essencial para viabilizar sua formação, que possui um custo muito elevado. Sobre sua qualidade de vida enquanto estudante, o que poderia melhorar, segundo ela, seriam questões estruturais, como por exemplo, ter uma mesa para estudar no quarto que aluga, que não tem por falta de espaço.

Após iniciar a faculdade, os lugares que frequenta mudaram um pouco. Além dos locais ligados ao curso, propriamente dito, passou a frequentar casa de amigos e deixou de frequentar a igreja com a mesma frequência, já que antes de iniciar a faculdade participava de missas toda semana, porém, ainda vai cerca de uma vez ao mês. Desse modo, seu espaço de vida pode ser caracterizado como de *extensão*, quando um novo local é adicionado, mantendo a estrutura anterior.

Como está no final dos estudos e o curso de Medicina exige práticas em locais específicos (hospitais), Coleiro não está mais tendo aulas dentro da IES, e sim em seus locais de estágio. A frequência à IES atualmente, portanto, é restrita a assuntos burocráticos.

Durante a semana faz estágio e trabalha em dois lugares. No Hospital Plantadores de Cana, na área central de Campos, trabalha uma vez por semana, de 7h às 19h. Fica distante cinco minutos a pé da casa secundária. O outro local de estágio é a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Guarus, onde vai quatro vezes na semana, ficando em média quatro horas por dia. Vai para a UPA de ônibus, demorando cerca de quinze minutos para chegar. Academia vai de segunda a sexta, ficando cerca de uma hora e meia, porém, se localiza no próprio prédio onde mora, não havendo assim, grande deslocamento.

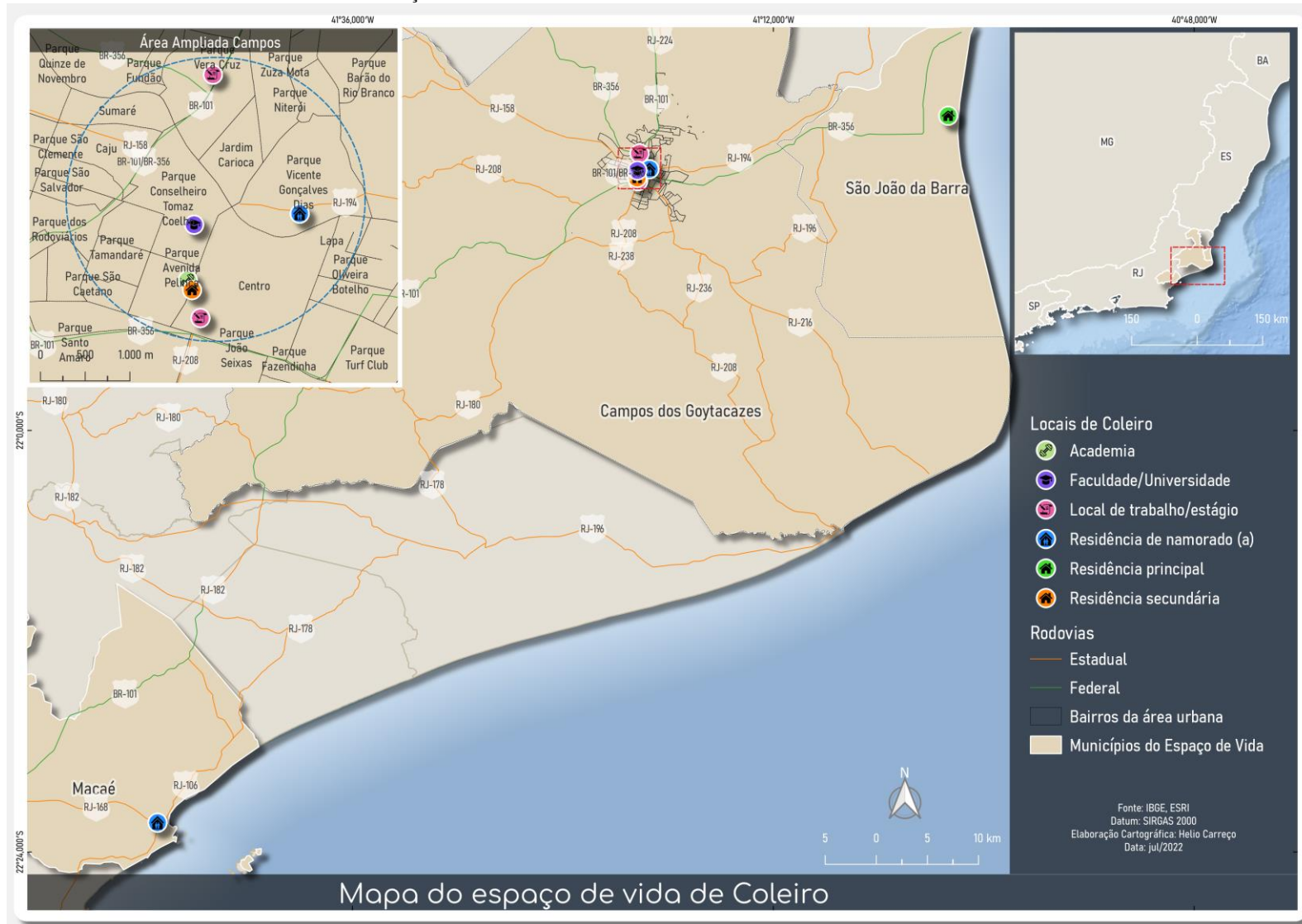
Aos finais de semana, geralmente fica na residência secundária do namorado, no distrito de Guarus, distante dez minutos de carro de casa dela, ou vai até o município de Macaé, onde fica a residência principal do namorado. No município de São João da Barra ela vai apenas na casa dos pais, passar um final de semana no mês. O deslocamento de ida e volta leva em torno de 1h20min quando vai de carro com o namorado. Quando vai de ônibus, leva aproximadamente três horas no trajeto de ida e volta. O espaço de vida de Coleiro, portanto, é distribuído em três municípios dentro da Região Norte Fluminense: Campos dos Goytacazes/RJ, São João da Barra/RJ e Macaé/RJ.

O espaço de vida de Coleiro é formado por seis classes, sendo duas delas (residência do namorado e local de trabalho/estágio) com dois lugares cada uma. Desse modo, o tamanho total de seu espaço de vida é de oito lugares. Há apenas um polo formado por seis lugares: residência secundária, residência do namorado, local de estudo, locais de trabalho e academia. Os outros dois locais estão localizados em dois municípios diferentes, a saber: sua residência principal em São João da Barra e a residência principal do namorado em Macaé (Mapa 13).

Além desses pontos registrados, durante a entrevista Coleiro relatou que em Campos, visita a casa da avó no distrito de Travessão muito esporadicamente. Frequenta residência de amigos cerca de duas vezes por mês. Faz compras em supermercados e farmácias com regularidade. Cerca de uma vez na semana frequenta barzinhos com amigos. No município de São João da Barra, além da casa dos pais, relatou que também frequenta a igreja com a família, porém, como não foram registrados no período da coleta, não foram levados em consideração para análise da taxa de presença.



MAPA 13 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - COLEIRO - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

Como os demais, a maior parte do tempo mensal total de Coleiro é passado em sua residência secundária (47,1%), no município de Campos, onde estão seus locais de trabalho e de estudo. Como passa vários dias na companhia de seu namorado aos finais de semana nas residências dele, esse local representa 20,6% da sua taxa de presença, seguido dos locais de estágio/trabalho, com 17,1%, onde, inclusive Coleiro dá plantão de 12h semanais. A residência principal, onde estão seus familiares ocupa 10,3% do espaço de vida de Coleiro, seguido da academia, com 4,3%. O deslocamento entre residência secundária e residência principal ocupou 0,2% do espaço de vida, já que é realizado apenas uma vez ao mês, em média. A instituição de estudo ficou com 0,4% da frequência no espaço de vida atual de Coleiro e o deslocamento da residência secundária até lá, 0,1%, conforme Tabela 29. Caso a pesquisa fosse realizada em meses anteriores, esse percentual seria bem maior, o que retrata como o espaço de vida dos indivíduos está sujeito a variações.

TABELA 29 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE COLEIRO NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA - ABR./2022

<b>Natureza do lugar</b>	<b>Média de horas em dias úteis</b>	<b>Média de horas semanais</b>	<b>Média de horas mensais</b>	<b>Taxa de presença (%)</b>
Residência secundária	16,5	82,5	330,0	47,1
Residência do namorado	-	48,0	144,0	20,6
Locais de estágio/trabalho	6,0	30,0	120,0	17,1
Residência principal	-	-	72,0	10,3
Academia	1,5	7,5	30,0	4,3
Faculdade/universidade	-	-	3,0	0,4
Deslocamento res. principal-secundária	-	-	1,3	0,2
Deslocamento até a IES	-	-	0,4	0,1
<b>Total</b>	<b>24,0</b>	<b>168,0</b>	<b>700,7</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Pesquisa Primária. Elaboração Própria.

Sobre as distâncias percorridas entre os pontos, o valor mínimo de Coleiro foi de 0,1 km, entre a residência secundária e academia que frequenta, que fica no mesmo prédio. Já o valor máximo foi de 84,7 km, que é a distância em linha reta de seu local de trabalho, em Campos, até a casa do namorado, no município de Macaé. A amplitude, portanto, foi de 84,6 km.

A média das distâncias percorridas por Coleiro é de 21,6 km, valor muito diferente do encontrado para a mediana, de 2,5 km. Percebe-se como os pontos frequentados estão distribuídos de maneira assimétrica, já que o valor central dos dados, indicado pela mediana, está bem abaixo da média de todas as distâncias entre os pontos.

O coeficiente de variação apresenta valor de 137,1%, o maior entre todos os participantes. Desse modo, pode-se dizer que os locais de frequência de Coleiro estão bem dispersos em seu espaço de vida, que é composto por três municípios diferentes.

Após concluir a graduação, Coleiro relatou que pretende trabalhar e fazer residência médica. Sobre sua experiência com a universidade, ela considera que cresceu muito como pessoa, começou a pensar em coisas que realmente importam, relacionadas principalmente à área de saúde. Viu realidades diferentes da dela que a fez se transformar um pouco a cada dia. Ou seja, a universidade contribuiu para seu crescimento pessoal, e não somente acadêmico.

#### **5.2.4.2 Espaço de vida de João-de-barro**

João-de-barro tem 23 anos, cursa Psicologia na instituição pública UFF, em turno integral, 7º período. Sexo feminino, solteira, sem filhos, não trabalha. Seu pai nasceu no município de São João do Manhuaçu/MG e sua mãe nasceu em Abre Campo/MG. Ela, por sua vez, nasceu no município de Manhuaçu, também em Minas Gerais, onde fica sua residência principal em que residem seu pai, sua mãe e sua irmã, que também tem residência secundária em outro município para estudar. Nunca mudou de residência principal ao longo da vida, portanto, não tinha histórico de mudanças anteriores. Percebe-se assim que o deslocamento para estudo é a estratégia adotada pela família para acessar o ensino superior. Quanto à deslocamentos futuros, ela tem pretensão de morar em outro município após concluir a graduação, mas ainda não decidiu qual.

A residência secundária de João-de-barro fica em Campos, na área central, próximo à UFF. Divide o apartamento e os custos do aluguel e demais contas mensais com uma amiga. Apesar de seu município de residência principal estar localizado em distâncias relativamente semelhantes de capitais que têm grandes Universidades como Belo Horizonte/MG e Vitória/ES, e polos educacionais como Viçosa/MG e Campos dos Goytacazes/RJ, a participante escolheu estudar em Campos por alguns motivos: I) tinha o curso de Psicologia que era de seu interesse; II) tinha Universidade Pública Federal, com a qualidade que ela buscava; III) foi a instituição mais próxima da casa dela em que foi aprovada na seleção. Não conhecia a cidade, nem ninguém que estudava em Campos antes de se matricular. Fez todo processo via Sisu, tendo que vir à UFF somente para fazer a matrícula, quando já começou a buscar local para moradia.

João-de-barro é estudante do tipo móvel externo, uma vez que possui residência secundária, mas sua residência principal fica em outro município. Seu espaço de vida se enquadra na categoria mensal, por ir e vir da residência principal para a faculdade pelo menos

uma vez ao mês, passando um final de semana no município de origem. O trajeto é realizado com ônibus de linha e dura cerca de cinco horas.

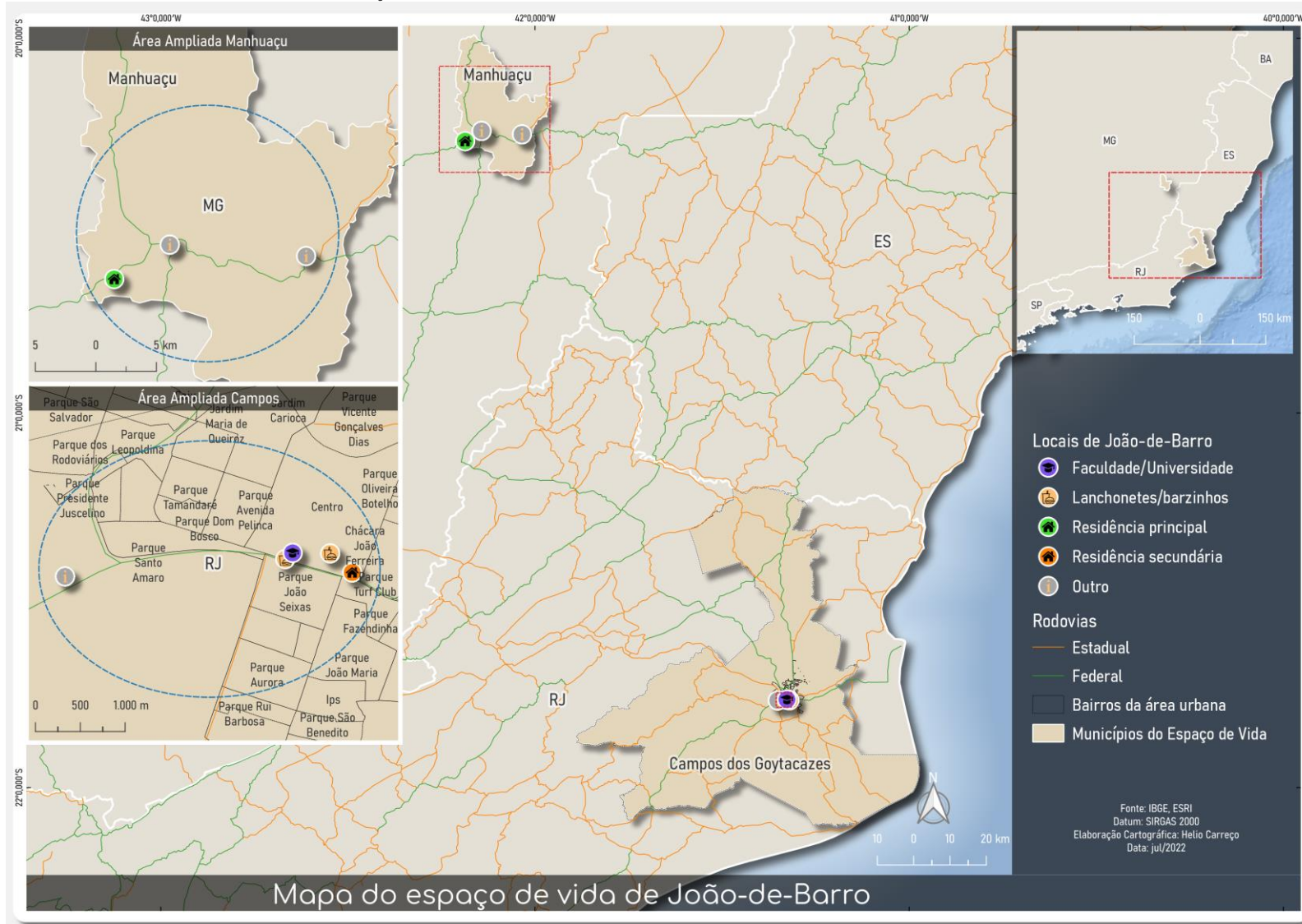
Sobre sua trajetória escolar, sempre estudou em instituição pública, desde a educação básica. Pai, mãe, tios e tias já possuem ensino superior completo e a irmã está cursando também, o que pode ter contribuído no desejo de cursar graduação. Considera que a faculdade mudou sua vida pessoal, abriu novos horizontes, a tornou mais crítica, com novas amizades, mais atenta às causas sociais, ou seja, despertou nela interesses e aprendizados além dos acadêmicos. Avalia sua qualidade de vida estudantil como boa, apesar de destacar que estudar muito e se privar de descanso e lazer é difícil. O desafio, segundo ela, é tentar manter o equilíbrio e não procrastinar para a realização das tarefas.

Não recebe nenhum apoio estudantil e afirma que não é necessário pois sua família consegue arcar com os custos de sua graduação. Não frequenta nenhum outro município atualmente além do município de residência principal e o de residência secundária. Após começar a faculdade passou a frequentar locais de Campos que em seu município de origem não tinha, como o shopping, por exemplo. Por outro lado, o lazer, assim como a visita à casa de familiares em seu município de origem passou a acontecer com menos frequência. Seu espaço de vida, portanto, se enquadra na categoria *extensão*, quando novos locais são incluídos (faculdade e shopping), mantendo a estrutura anterior, apesar de ser acionada com menor frequência.

Seu espaço de vida de vida é formado por oito lugares, sendo três deles no município de origem (Manhuaçu/MG) e cinco no município de destino (Campos), conforme Mapa 14. Apesar de haver oito lugares, é formado por sete classes, uma vez que dois locais diferentes com a mesma finalidade foram citados (lazer). Há dois polos em seu espaço de vida atual, um localizado no município de origem, junto à residência principal, outro localizado no município de estudo, junto à sua residência secundária, onde também estão seus locais de lazer e a faculdade. Como o local de moradia foi escolhido de acordo com a proximidade da universidade, para facilitar o dia a dia, pode-se dizer que um dos polos de seu espaço de vida é diretamente influenciado pela localização da IES, sendo, portanto, dinâmico. Ou seja, assim que concluir a faculdade, provavelmente um dos polos de seu espaço de vida mudará de lugar, ou, deixará de existir.

O espaço de vida de João-de-barro é formado por lugares de funções e naturezas diversas e dispersos espacialmente em dois municípios, um no estado do Rio de Janeiro (Campos dos Goytacazes) e outro no estado de Minas Gerais (Manhuaçu).

MAPA 14 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - JOÃO-DE-BARRO - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

Além do retorno mensal à residência principal, durante o período de férias ou feriados prolongados a frequência de visitas e o tempo de permanência junto à família é maior. Além da casa dos pais, geralmente passa um dia na casa da avó e outro na casa dos tios quando vai com mais tempo. As residências de cada um desses familiares ficam a 20 minutos de distância de carro de sua casa.

Outros lugares que frequenta na origem quando permanece por mais dias lá são a casa de amigos, barzinhos e lanchonetes. Frequenta instituição religiosa uma vez por semana, e vai à academia cinco vezes na semana.

Durante o período de mapeamento, os lugares frequentados na origem, além da residência principal foram: a rodoviária do município, ponto de partida e de chegada dos ônibus e um consultório odontológico, onde a participante faz tratamento contínuo.

No município de destino, além da rodoviária, que é a porta de entrada, durante o mapeamento foram registrados também a universidade, onde tem aulas três vezes por semana atualmente, durante cerca de quatro horas por dia, sua residência principal e locais de lazer frequentados com amigos. Além desses pontos, a participante relatou em entrevista que frequenta alguns outros, como academia, casa de amigos, supermercados, farmácias, padarias e instituição religiosa, porém, por algum motivo não foram registrados no mapeamento.

Percebe-se que há um certo equilíbrio nas relações com cada um dos municípios, uma vez que, apesar de sua família estar no município de origem, a quantidade de relações estabelecidas com o município de destino também é considerável, até porque é onde ela passa a maior parte do seu tempo.

Considerando que a participante passou uma semana em seu município de origem, durante um período de feriado nacional, foi calculada a taxa de presença nos locais de seu espaço de vida durante o mapeamento. Os locais de residência são os principais lugares de permanência de João-de-barro, sendo a residência secundária, o local em que ficou cerca de 65,4% do seu tempo mensal, seguido da residência principal, com 26,8%.

Com exceção de suas residências, o local de estudo foi onde João-de-barro mais permaneceu, com 5,0% do seu tempo mensal. O deslocamento entre residência principal e residência secundária, que ficam em duas Unidades da Federação diferentes, teve duração aproximada de dez horas e também ocupou parte de seu tempo (1,4%), sendo maior inclusive que o tempo em que ela teve de lazer (0,8%), o que indica como a mobilidade em si ocupa um lugar na vida dos indivíduos. Na sequência, aparece o deslocamento diário até a IES que, apesar de curto, apenas 10 minutos caminhando, quando somados representa 0,4% do tempo mensal da participante. Seu tempo de permanência em outros locais foi menor, como o

consultório dentário (0,3%) e as rodoviárias em que faz o embarque e desembarque para os trajetos de ida e de volta (0,2%), conforme Tabela 30.

TABELA 30 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE JOÃO-DE-BARRO NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA DURANTE O MAPEAMENTO - ABR./2022

Natureza do lugar	Média de horas em dias úteis	Média de horas semanais	Média de horas mensais	Taxa de presença (%)
Residência secundária	20,0	156,0	468,0	65,1
Residência principal	-	-	192,0	26,7
Local de estudo	4,0	12,0	36,0	5,0
Deslocamento res. principal-secundária	-	-	10,0	1,4
Locais de lazer	-	-	6,0	0,8
Deslocamento até a IES	0,3	1,0	3,0	0,4
Consultório odontológico	-	-	2,0	0,3
Rodoviárias	-	-	1,5	0,2
<i>Total</i>	<i>24,3</i>	<i>169,0</i>	<i>718,5</i>	<i>100,0</i>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ao analisar as medidas centrais e de dispersão dos pontos do espaço de vida de João-de-barro, distribuído em duas Unidades da Federação, identificou-se uma grande variação. A menor distância percorrida é de apenas 0,1 km, que é o trajeto entre a lanchonete que frequenta e a faculdade. A distância máxima é de 188,7 km, partindo da rodoviária, no município de Manhuaçu/MG para a residência secundária, em Campos. A amplitude, portanto, é muito alta, de 188,6 km, já que existe uma grande variação das distâncias.

A média, como era de se esperar, também é alta, de 101,4 km, e a mediana é ainda maior, 182,2 km, indicando que o ponto médio de distribuição das distâncias é alto. O desvio padrão de 91,1 km, é o mais alto entre todos os participantes, assinalando que os locais estão bem dispersos em torno da média das distâncias do seu espaço de vida. A variação dos dados em relação à sua média, expressa pelo coeficiente de variação também foi alta, 89,9%, ratificando a alta dispersão dos locais frequentados.

#### 5.2.4.3 Comparações (participantes mensais)

João-de-barro e Coleiro são estudantes de categoria mensal, ou seja, retornam para a residência principal em média uma vez ao mês. Desse modo, as duas utilizam residência secundária em Campos. João-de-barro, como morava mais longe (em outra Unidade da Federação) necessitou da residência secundária desde o início da graduação. Coleiro, por sua vez, lançou mão dessa alternativa somente alguns semestres depois, quando seus pais se

mudaram para outro município, o que causaria maiores transtornos no deslocamento cotidiano até a IES.

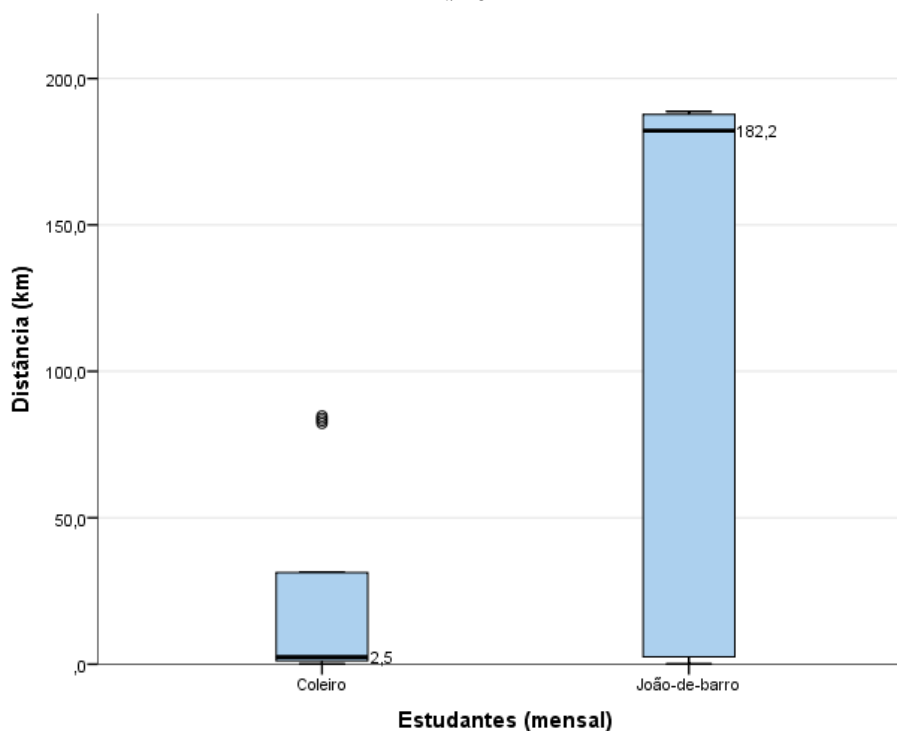
Os tamanhos do espaço de vida das duas é semelhante, Coleiro com seis classes e oito lugares e João-de-barro com sete classes e oito lugares. Quem tem o maior número de lugares é também quem tem a maior quantidade de polos: dois. Os polos são em Campos, junto à IES de estudo. Os espaços de vida delas também são do mesmo tipo, *extensão*, quando novos pontos são adicionados, mantendo a organização anterior.

Apesar de Coleiro transitar entre mais municípios (três), como eles são todos na mesma região do estado, o tempo de deslocamento dela é menor. O deslocamento entre residência secundária e principal, por exemplo, representa apenas 0,2% do total da taxa de presença de seu espaço de vida, enquanto João-de-barro compromete 1,4% de seu tempo para fazer esse deslocamento, transitando entre dois municípios de Unidades da Federação diferentes.

Com relação às distâncias que percorrem, o diagrama de caixa (Figura 59) demonstra a grande diferença entre as duas participantes da mesma categoria. Apesar de Coleiro frequentar três municípios, todos ficam localizados na mesma mesorregião, sendo, portanto, relativamente próximos. João-de-barro por sua vez, frequenta dois municípios, porém muito distantes um do outro, o que reflete no intervalo entre os quartis (tamanho da caixa), que foi bem maior para João-de-barro, com grandes distâncias e alto valor da mediana. Ambas apresentaram diferenças entre os quartis, com maior distância interquartilica para João-de-barro, indicando que a distribuição dos pontos é bastante assimétrica, devido ao grande espaçamento dos quartis em relação à mediana. No caso de Coleiro, foram identificados alguns pontos discrepantes ou extremos, com distâncias acima do limite máximo da caixa do gráfico.



FIGURA 59 - DIAGRAMA DE CAIXA DAS DISTÂNCIAS DE DESLOCAMENTO - CATEGORIA MENSAL - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

## 5.2.5 Categoria anual

### 5.2.5.1 Espaço de vida de Canário

Canário tem 24 anos, é do sexo feminino, solteira, sem filhos, cursa Psicologia na instituição pública UFF, 8º período, turno integral, não trabalha. Sua mãe nasceu no município de Itueta/MG, pai nasceu em Vitória/ES. Ela nasceu em Vitória, onde fica a sua residência principal em que moram seu pai e sua avó. Sua residência secundária fica em Campos na área Central, próximo à UFF em apartamento de aluguel que divide com uma amiga. Já mudou de residência cinco vezes ao longo da vida, a última vez foi há quatro anos, quando veio de Vitória para Campos.

Fez o ensino fundamental em escola pública e o ensino médio em instituição particular com bolsa. Tem familiares próximos com ensino superior, a saber: a mãe e dois primos. A mãe foi a grande incentivadora. A escolha da IES se deu por ser pública, federal, relativamente próxima à Vitória, com o curso desejado. Já conhecia uma pessoa de Vitória que estudava na Faculdade de Medicina de Campos, o que a fez conhecer a cidade, mesmo que superficialmente. Iniciou um curso de graduação em Letras na UFES, mas, quando estava no 3º período, percebeu que não gostava do curso e se inscreveu no SISU com a nota do

último ENEM que havia feito para tentar outra graduação. A UFF foi a IES que tinha o curso desejado e que era mais próximo de Vitória.

Não tem familiares em Campos, mesmo assim, com o apoio da mãe, criou as estratégias necessárias para se mudar para este município e cursar a graduação que desejava. Volta para sua casa principal, em Vitória, cerca de uma vez ao ano, durante as férias, se enquadrando na categoria anual, por esse motivo. Sua classificação é como móvel externo, já que tem residência secundária em Campos, mas sua residência principal fica em outro município e, no caso dela, em outra Unidade da Federação. A mobilidade está também em seus planos futuros, já que pretende morar no município do Rio de Janeiro futuramente.

Recebe apoio estudantil em forma de auxílio-moradia, auxílio covid e empréstimo de equipamentos da Universidade (notebook). Considera que sua qualidade de alimentação reduziu na graduação, já que tem que cozinhar a própria comida, acaba sempre optando pelo que é mais prático ou mais barato. Na universidade não tem restaurante universitário, o que dificulta a alimentação. Sente dificuldade também em realizar trabalhos em grupo e em estar sem computador pessoal, além da própria procrastinação.

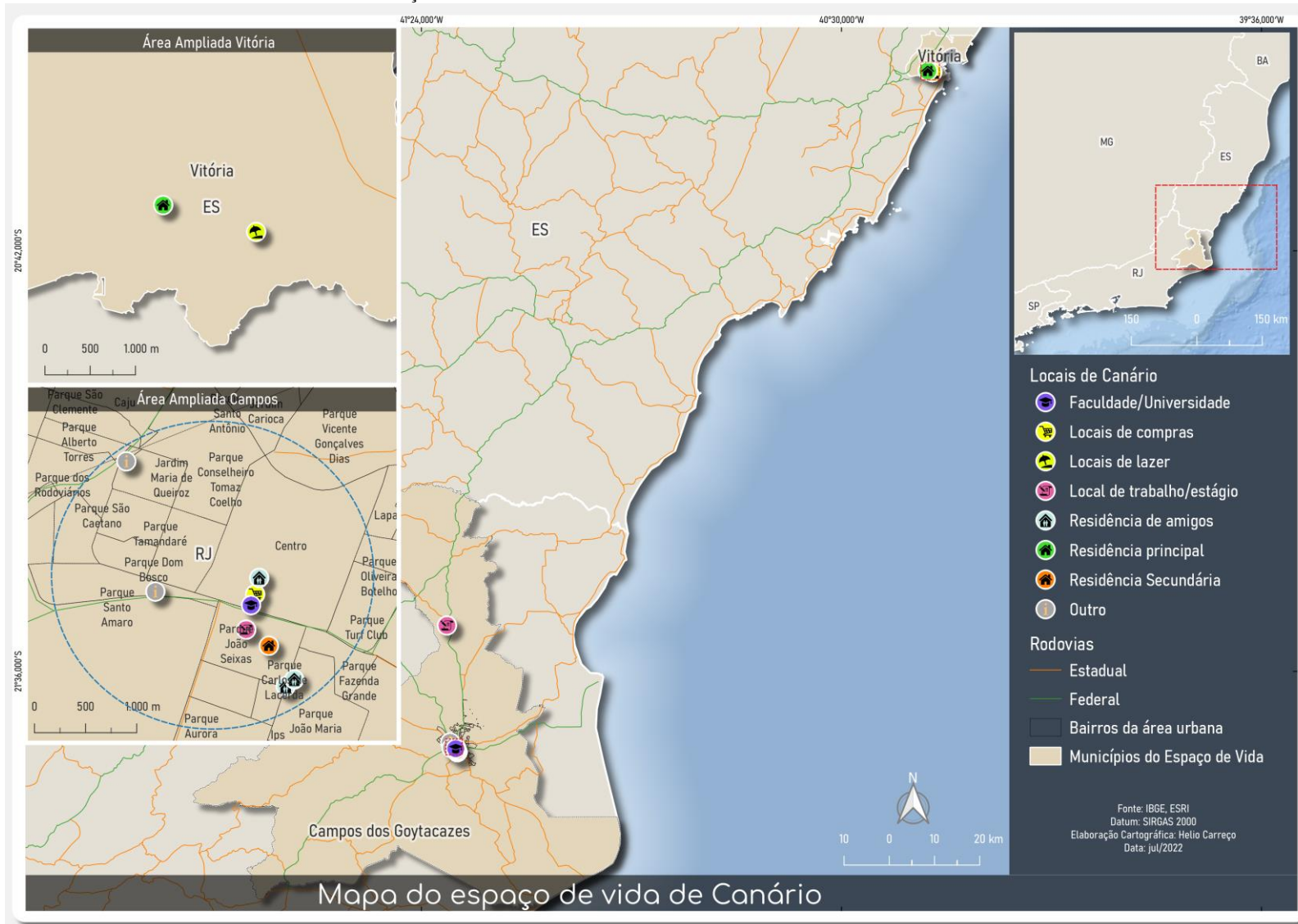
Após iniciar a faculdade, passou a frequentar casa de amigos e a participar de eventos em geral. Deixou de frequentar a praia, pois no município de residência secundária fica mais distante e é menos atrativa. Seu espaço de vida se enquadra, portanto, no tipo *deslizamento*, quando aumentam e diminuem lugares ao mesmo tempo.

Em Vitória fica na residência principal para onde vai uma ou duas vezes ao ano. O trajeto Campos-Vitória dura oito horas (ida e volta), geralmente vai de carro pago via aplicativo de carona. Durante as férias ela geralmente passa um final de semana na casa da mãe que fica no município vizinho de Viana/ES, distante uma hora e meia de ônibus. Esporadicamente visita a tia que mora em outro bairro de Vitória, que fica distante 15 minutos de ônibus da sua casa, permanecendo em torno de quatro horas lá. Vai à praia a cada 15 dias. Como lazer, frequenta o shopping, principalmente a praça de alimentação, uma vez na semana. Vai a lanchonetes e barzinhos uma vez na semana também.

Em Campos frequenta residência de amigos duas ou três vezes por semana, passa o dia lá. Faculdade ela tem ido duas vezes na semana apenas, o restante tem sido aula on-line. Locais de compras frequenta supermercados, farmácia, duas vezes na semana. Frequenta festas uma vez ao mês. Lanchonetes e barzinhos próximos de sua casa, frequenta uma ou duas vezes por semana. Esporadicamente vai a eventos na UENF.

Seu espaço de vida é restrito aos municípios de residência principal e de estudo. Na origem ela registrou frequência na residência principal e locais de lazer (Mapa 15).

MAPA 15 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - CANÁRIO - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

No destino, onde passa a maior parte do tempo, além da faculdade onde estuda, frequenta lugares como: residência secundária, residências de amigos, locais de compras, local de estágio e relacionados a ele. Seu espaço de vida, portanto, é formado por oito classes e doze lugares, como pode ser visto no Mapa 15. A centralidade de seus pontos está no município de estudo, onde fica o único polo registrado em seu espaço de vida. Cabe ressaltar que, os pontos foram registrados fora do período de férias, quando Canário passa mais tempo no município de origem. Os registros foram feitos durante alguns dias de feriado, o que pode ter comprometido a quantidade de lugares visitados diante do menor tempo disponível.

Canário considera que seu principal lugar de permanência é a casa. De fato, como pode ser observado na tabela de permanência nos locais em seu espaço de vida. A residência secundária corresponde a 47,6% de presença durante o período de mapeamento, seguido do seu local de estágio, onde fica 30 horas semanalmente, corresponde a 19,4%. A residência de amigos ocupou a terceira colocação, com 13,6%, onde Canário passa algumas horas do final de semana. A faculdade representa 9,1% do total mensal, seguido pelos dias que passou em sua residência principal, com 6,5%. O deslocamento entre residência secundária e residência principal, apesar de ter sido realizado somente uma vez durante o período registrado, correspondeu a 1,3%, mesmo quantitativo do local de lazer (1,3%). Os locais de compras ficaram com 0,8% e o deslocamento a pé até a IES ocupou 0,3% do total. Os outros locais (secretaria de educação e prefeitura) representaram 0,2% do total de presença de Canário em seus locais (Tabela 31).

TABELA 31 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE CANÁRIO NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA DURANTE O MAPEAMENTO - ABR./2022

<b>Natureza do lugar</b>	<b>Média de horas em dias úteis</b>	<b>Média de horas semanais</b>	<b>Média de horas mensais</b>	<b>Taxa de presença (%)</b>
Residência secundária	14,0	84,0	294,0	47,6
Local de estágio	6,0	30,0	120,0	19,4
Residência de amigos	-	21,0	84,0	13,6
Faculdade/universidade	3,5	14,0	56,0	9,1
Residência principal	-	-	40,0	6,5
Deslocamento res. principal-secundária	-	-	8,0	1,3
Locais de lazer	-	-	8,0	1,3
Local de compras	-	1,2	4,8	0,8
Deslocamento até a IES	0,2	0,4	1,6	0,3
Outros	-	-	1,0	0,2
<i>Total</i>	<i>23,5</i>	<i>149,0</i>	<i>617,4</i>	<i>100,0</i>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Com relação às distâncias percorridas, o valor mínimo apresentado pelos pontos do espaço de vida de Canário é de 0,1 km, entre a residência de um amigo e outro. O valor da distância máxima é de 192,8 km entre o local de lazer no município de Vitória (ponto mais ao Norte) e a residência de amigos em Campos (ponto mais ao Sul do espaço de vida). Desse modo, a amplitude é bem alta, de 192,6 km, demonstrando a grande variação entre os pontos registrados.

A média é de 63,1 km, e a mediana, 2,1 km. A grande diferença entre essas medidas de tendência central demonstra a assimetria entre a maior e a menor distâncias percorridas por Canário em seu espaço de vida. O coeficiente de variação de 135,0%, muito alto, indica a ocorrência de grande dispersão nos dados, que são distribuídos entre dois municípios, de duas Unidades da Federação diferentes.

Para além do aprendizado acadêmico, Canário considera que a Universidade a ajuda com a ampliação dos seus círculos sociais. Com a conclusão da faculdade, pretende fazer concursos na área e tentar o mestrado, seguindo na carreira acadêmica.

#### **5.2.5.2 Espaço de vida de Andorinha**

Andorinha tem 22 anos, Sexo feminino, estado civil oficial é solteira (apesar de morar com o companheiro), sem filhos, trabalha como auxiliar de saúde bucal no centro de Campos. Cursa o 5º período de Enfermagem na instituição privada Universo. Seu pai nasceu em Vitória/ES, sua mãe em Campos/RJ, onde ela também nasceu. Tem duas irmãs, uma tem 19 anos e mora com o pai em Vitória, outra tem 25 anos, mora em Campos com o filho. Andorinha mudou de residência cinco vezes ao longo da vida. Morou em Vitória até os cinco anos de idade e pretende morar em Vitória novamente no futuro.

Atualmente mora em Campos, mas visita o pai uma vez ao ano em Vitória. Por esse motivo, Andorinha foi inserida na categoria anual, já que frequenta a residência da família base (paterna) pelo menos uma vez ao ano. A viagem é feita de ônibus, que dura em média quatro horas por trajeto, permanecendo em torno de uma semana por lá. Quanto à classificação, Andorinha é uma estudante do tipo pendular intramunicipal, já que sua residência principal fica em Campos.

Estudou em instituição pública até quinto ano e após, particular com bolsa. Possui tias e tios com ensino superior completo. Escolheu cursar faculdade em Campos, pois era mais próximo e melhor financeiramente. Chegou a tentar UFRJ, na capital, mas não foi aprovada na seleção. O curso era sonho de criança. Escolheu a IES devido ao menor valor da mensalidade. Inicialmente ficou pensativa sobre a qualidade da faculdade, mas seguiu e ficou

satisfeita. Destacou a satisfação pessoal como algo que tem ganhado além do conhecimento acadêmico. Recebe apoio estudantil em forma de bolsa de 65% de desconto na mensalidade, vinda da própria faculdade, além do recebimento da pensão do pai que continua sendo paga enquanto ela estiver estudando e tiver menos de 24 anos.

Em seus deslocamentos, utiliza carro e ônibus. Além de Campos, frequenta apenas os municípios de Vitória e de Cariacica no ES. Após o início da graduação, Andorinha declara que não passou a frequentar novos lugares, além da própria faculdade. Deixou de frequentar alguns lugares de lazer, principalmente à noite. Desse modo, apesar do número de lugares acrescentados e suprimidos ter sido pequeno, seu espaço de vida também se classifica como *deslizamento*, já que houve mudanças.

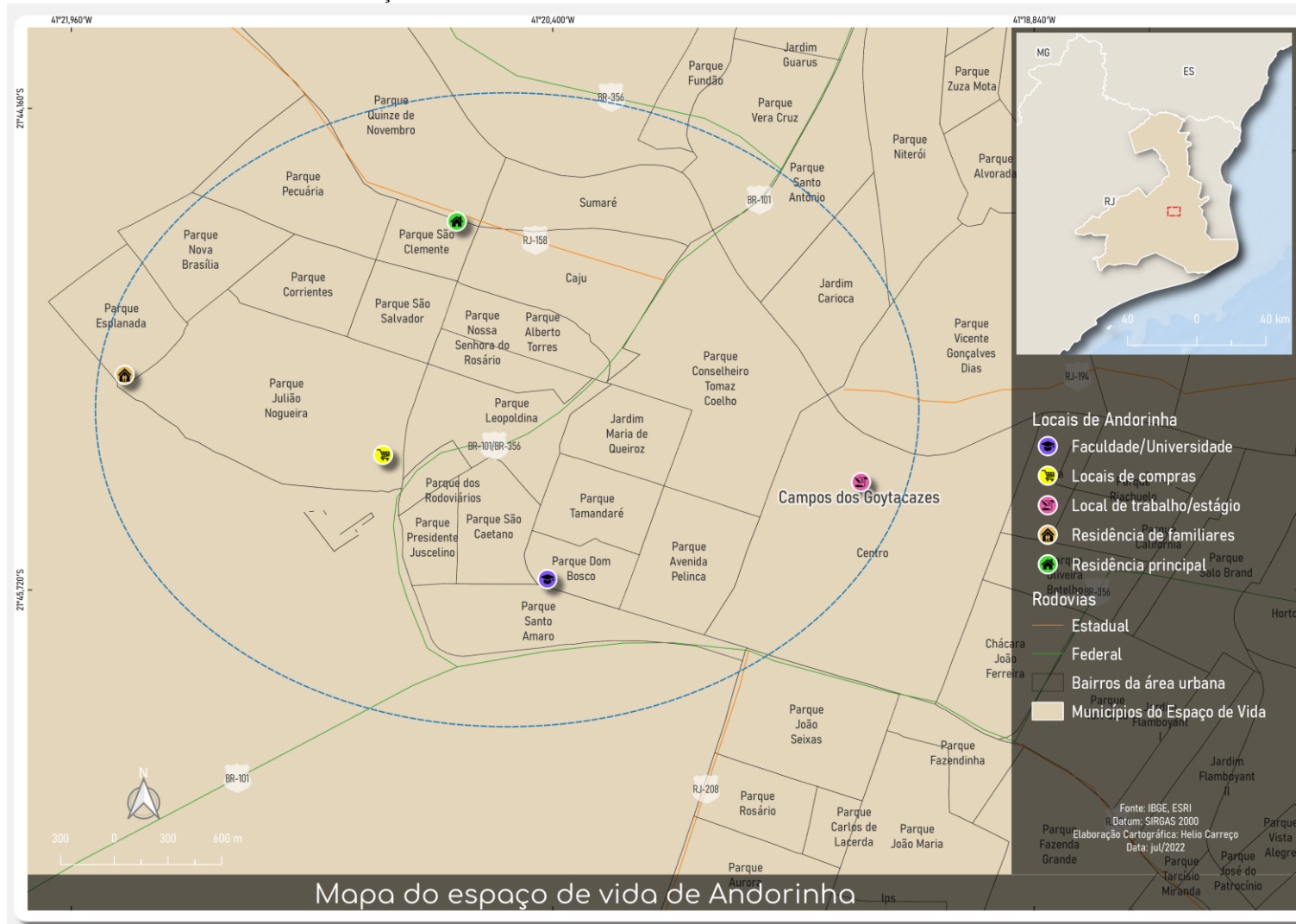
De acordo com Andorinha, sua qualidade de vida enquanto estudante poderia melhorar caso tivesse um ambiente físico mais adequado para estudar, como um escritório em casa, por exemplo. O maior fator dificultador para seus estudos é a falta de tempo e de ambiente adequado. Após concluir a graduação, pretende fazer pós-graduação e trabalhar na área.

Em Campos, Andorinha frequenta a casa da mãe uma vez ao mês, que fica a cinco minutos de carro de sua casa, permanecendo em média três horas no local. Geralmente vai também à casa da avó que fica ao lado da mãe. Vai ao trabalho de segunda a sexta, de 8h às 17h, fica a cinco minutos de carro da casa dela. Vai à universidade de segunda a sexta (exceto quinta), que fica localizada há 15 minutos de carro, permanecendo lá de 19h às 22h. Frequenta locais de compras do cotidiano como supermercados, padarias, entre outros e vai em algumas lojas do centro após o trabalho, porém, a frequência não é maior porque utiliza muitos aplicativos que fazem entregas à domicílio, como lanchonetes, farmácias e até supermercados.

O espaço de vida registrado por Andorinha é restrito, formado por cinco classes com um lugar cada uma, e composto por um único polo, na área central do município, que engloba todos esses lugares, como pode ser visto no Mapa 16.

Além dos locais demarcados, Andorinha declarou durante a entrevista que frequenta a casa de um amigo, casa dos familiares do marido (pai, mãe, vó), que moram nas proximidades, shopping, festas e barzinhos, porém, por algum motivo, não foram frequentados ou registrados no momento da pesquisa. Quando vai à Vitória, além da casa do pai, frequenta a casa da madrinha, praias, shoppings e alguns pontos turísticos.

MAPA 16 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - ANDORINHA - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

O principal lugar de permanência considerado por ela é o trabalho, porém, ao calcular a taxa de presença, o local em que ela permanece a maior parte do tempo é a sua residência (59,9%). Se for considerado, porém, somente o tempo útil, é realmente o trabalho que a ocupa, já que no total ele está em segundo lugar, com 30,6%. Na sequência está a faculdade, responsável por 7,3% do tempo da taxa de presença no espaço de vida de Andorinha, atrás apenas da casa e do trabalho. Além da própria faculdade, o deslocamento diário até ela ocupa cerca de 1,2% do tempo total. Esse tempo é diminuto, considerando que o trajeto é feito de automóvel próprio. Caso fosse utilizado o transporte coletivo, seria um tempo ainda maior. A residência de familiares e o local de compras encerram os locais frequentados durante o mapeamento com 0,6% e 0,3%, respectivamente, conforme Tabela 32.

TABELA 32 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE ANDORINHA NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA DURANTE O MAPEAMENTO - ABR./2022

<b>Natureza do lugar</b>	<b>Média de horas em dias úteis</b>	<b>Média de horas semanais</b>	<b>Média de horas mensais</b>	<b>Taxa de presença (%)</b>
Residência principal	10,0	98,0	392,0	59,9
Local de trabalho	10,0	50,0	200,0	30,6
Faculdade/universidade	3,0	12,0	48,0	7,3
Deslocamento até a IES	0,5	2,0	8,0	1,2
Residência de familiares	-	-	4,0	0,6
Locais de compras	-	-	2,0	0,3
<i>Total</i>	<i>23,5</i>	<i>162,0</i>	<i>654,0</i>	<i>100,0</i>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

As medidas de tendência central e dispersão, calculadas a partir das distâncias em linha reta entre os pontos do espaço de vida de Andorinha, indicam que seus pontos estão de certa forma agrupados em seu espaço de vida. A distância mínima percorrida corresponde ao trajeto entre local de compras e a faculdade (11,8 km). A distância máxima é registrada para o trajeto entre a residência de familiares, até o local de trabalho (41,6 km). Desse modo, a amplitude fica em 29,8 km.

A média das distâncias percorridas é de 22,5 km, valor próximo da mediana, de 21,3 km, indicando que a distribuição dos pontos pode ser considerada simétrica.

O coeficiente de variação é de 36,5%, o menor entre todos os participantes, indicando que os dados não têm uma grande variação em relação à média.



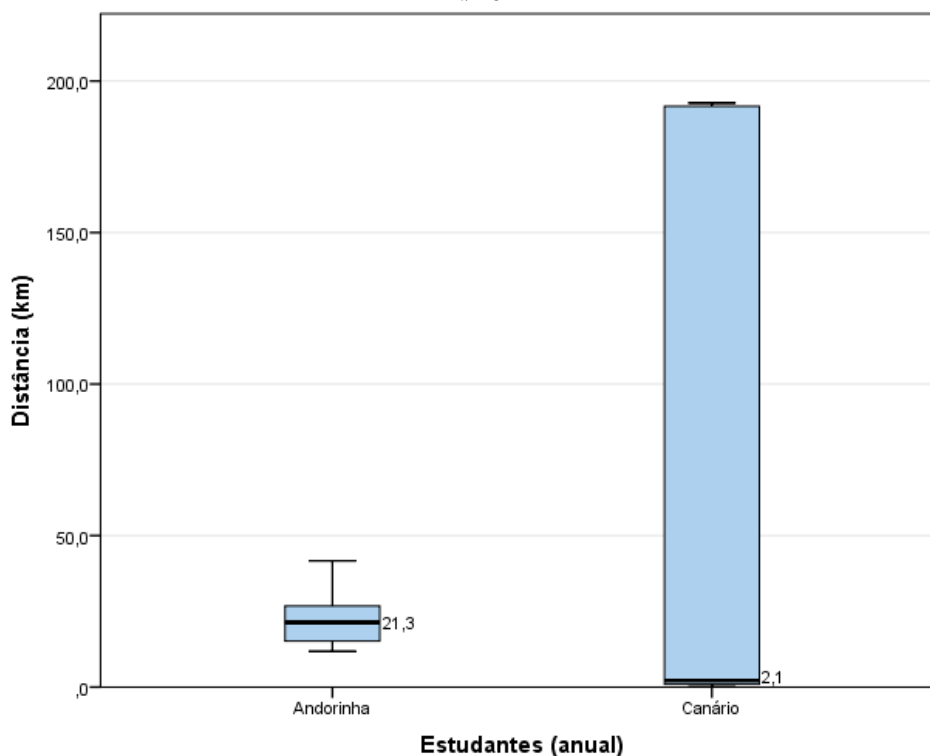
### 5.2.5.3 Comparações (participantes anuais)

Canário e Andorinha são participantes que se enquadram na categoria anual. Ao fazer o comparativo, percebe-se algumas diferenças, principalmente com relação às medidas centrais e de dispersão, já que Canário apresentou pontos localizados em áreas muito distantes, e o espaço de vida de Andorinha se resumiu à área central da cidade de Campos, onde mora, trabalha e estuda. As duas apresentam um único polo, envolvendo a residência secundária e local de estudo, no caso de Canário e envolvendo todos os pontos no caso de Andorinha.

O espaço de vida de Canário tem um tamanho maior e uma maior média de distâncias percorridas e dispersão. A mediana, porém, foi menor para Canário, o que indica que os pontos de seu espaço de vida estão mais concentrados na área do polo, onde as menores distâncias estão mais próximas dos valores do meio. Apesar do município de origem das duas participantes ser o mesmo (Vitória/ES), Canário precisou lançar mão de uma residência secundária para estudar, enquanto Andorinha, como já vivia na cidade de estudo com sua mãe, continuou morando na cidade após se casar, o que a classifica como pendular intramunicipal, enquanto Canário foi classificada como móvel externa.

O diagrama de caixas (Figura 60) demonstra essas diferenças. A mediana de Andorinha está próxima ao centro da caixa, indicando que a distribuição é mais simétrica. Para Canário, porém, a mediana ficou bem próxima ao valor mínimo, com maior destaque para o terceiro quartil. O tamanho das caixas deixa evidente como as distâncias percorridas por Canário são maiores do que as percorridas por Andorinha, que tem um espaço de vida mais reduzido. O valor mínimo de Canário é menor, já que mora bem próximo à IES, por exemplo, ocasionando deslocamentos mais curtos.

FIGURA 60 - DIAGRAMA DE CAIXA DAS DISTÂNCIAS DE DESLOCAMENTO - CATEGORIA ANUAL - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

## 5.2.6 Categoria especial

### 5.2.6.1 Espaço de vida de Bem-te-vi

Bem-te-vi tem 23 anos, sexo feminino, cursa o 9º período de Fisioterapia na instituição privada Estácio no turno da noite. Estado civil solteira, mas mora com marido e o filho de 2 anos de idade em um bairro próximo à área central do município de Campos. É autônoma, trabalha com a mãe como proprietária de loja on-line. O estoque da loja fica na casa da mãe, onde ela passa a maior parte do dia, sendo, portanto, considerada por ela como sua casa secundária. Por esse motivo, Bem-te-vi entrou na categoria especial, já que não há uma frequência regular de idas e vindas entre a casa principal, a casa secundária e a faculdade.

Seus pais e ela são naturais de Campos. Já mudou de residência duas vezes ao longo da vida, ambas recentemente. Não tem pretensão de morar em outro município. Em sua família, tem irmão, prima e tia com curso superior completo. Considera que as conversas com a melhor amiga foram incentivo para sua matrícula na graduação, já que a mesma havia começado o mesmo curso um ano antes. Estuda em Campos, devido à maior facilidade de logística. É classificada como móvel interna, já que sua residência principal e secundária estão localizadas dentro do mesmo polo em seu espaço de vida.

Nunca pensou em estudar em outro município, já que tinha o curso que desejava em sua cidade. Escolheu a Estácio pelo valor das mensalidades e localização. A escolha do curso se deu por sempre gostar da área da saúde e do cuidado, principalmente com crianças.

O único apoio estudantil que recebe é o desconto de 40% na mensalidade através da empresa do pai (Petrobrás).

Não considera que deixou de frequentar nenhum lugar após o início da faculdade, nem passou a frequentar novos, além da própria faculdade. Seu espaço de vida, portanto, se enquadra como do tipo *extensão*, já que a faculdade passou a fazer parte do seu cotidiano.

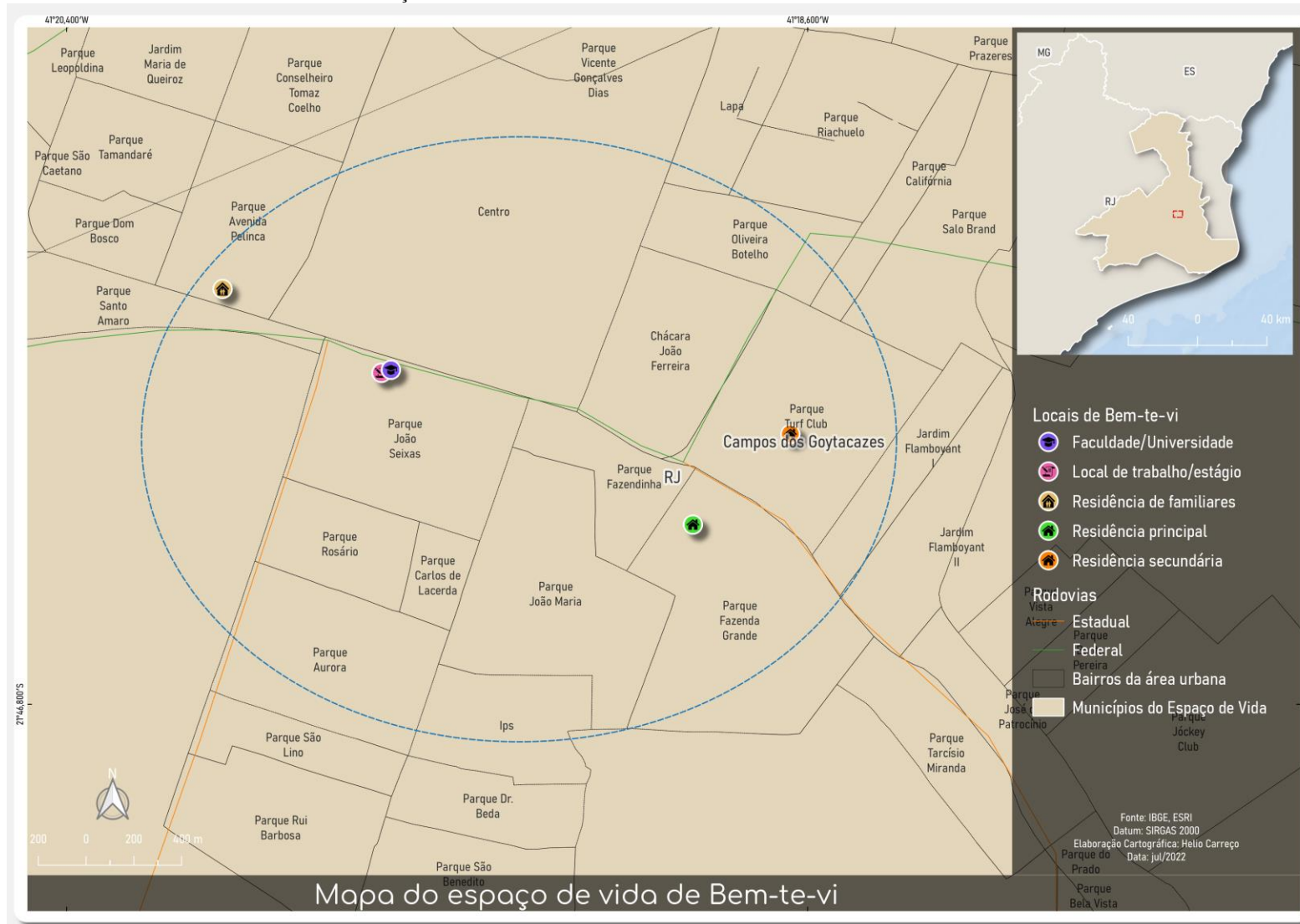
Considera que tem uma boa qualidade de vida estudantil, destacando apenas a falta de computador como uma dificuldade. Após concluir a graduação pretende trabalhar na área pediátrica e/ou fazer uma pós-graduação.

Durante a entrevista, destacou que, além de sua residência principal, frequenta a residência da sua mãe constantemente, inclusive aos finais de semana, passando cerca de 6h diárias por lá. Fica a cinco minutos a pé de sua residência principal. Uma vez por semana vai à casa da avó que mora junto com a madrinha, para visitá-las, passando cerca de quatro horas com elas. O trajeto é feito de carro e dura cerca de 20 minutos. Visita também a casa de uma tia e de um tio, ambas de carro, sendo que a da tia demora cerca de 20 minutos no trajeto e para o tio, gasta uns 15 minutos. Uma vez ao mês vai à casa de uma amiga que mora próximo, cerca de cinco minutos a pé e fica cerca de cinco horas por lá. Vai a faculdade quatro vezes por semana, ficando cerca de quatro horas em aula. O trajeto de sua casa até a faculdade é de 15 minutos de carro.

Atualmente também faz estágio obrigatório na própria faculdade, três vezes por semana, ficando quatro horas por dia. Locais de lazer que frequenta é a casa de praia dos pais, no município vizinho de São João da Barra. Fora do verão, vai no máximo duas vezes ao mês passar o final de semana. O meio de transporte utilizado é o carro, levando cerca de 40 minutos para chegar. Vai na pracinha perto de casa com o filho a cada 15 dias, ficando cerca de duas horas. Locais de compras são o supermercado uma vez na semana e o centro, onde vai uma vez a cada dois meses comprar alguma coisa.

Apesar dos locais descritos, durante o período de captação dos dados, a participante não frequentou muitos locais. Seu espaço de vida registrado ficou composto por cinco classes e cinco lugares cada uma: faculdade, residência principal, residência secundária e residência de familiares. O agrupamento desses lugares deu origem a um único polo (Mapa 17).

MAPA 17 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - BEM-TE-VI - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.

Bem-te-vi tem um espaço de vida reduzido considerando o perfil mais reservado e a boa localização do bairro onde mora, próximo à universidade e aos locais de compras e lazer que frequenta, além disso, mora próximo à casa da mãe que é onde fica para fazer os atendimentos da loja on-line que administra, não fazendo assim grandes deslocamentos para ir trabalhar, por exemplo.

Em seu espaço de vida, a residência principal é onde fica durante a maior parte do tempo, com 44,4% da taxa de presença, enquanto a residência secundária, que também é seu local de trabalho, ficou com 30,0% do total, seguido da faculdade, com 10,4% e do local do estágio, com 7,8%. Além desses locais mais frequentados, Bem-te-vi também passa parte de seu tempo (5,2%) visitando casa de familiares. O deslocamento entre residências e entre estas e a faculdade também ocupa o tempo da participante, em menor proporção, com 1,3% e 0,8%, respectivamente (Tabela 33).

TABELA 33 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE BEM-TE-VI NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA DURANTE O MAPEAMENTO - ABR./2022

<b>Natureza do lugar</b>	<b>Média de horas em dias úteis</b>	<b>Média de horas semanais</b>	<b>Média de horas mensais</b>	<b>Taxa de presença (%)</b>
Residência principal	9,0	68,0	272,0	44,4
Residência secundária	6,0	46,0	184,0	30,0
Faculdade/universidade	4,0	16,0	64,0	10,4
Locais de estágio	4,0	12,0	48,0	7,8
Residência de familiares	-	8,0	32,0	5,2
Deslocamento até a IES	0,5	2,0	8,0	1,3
Deslocamento res. principal-secundária	0,2	1,2	4,8	0,8
<b>Total</b>	<b>23,7</b>	<b>153,2</b>	<b>612,8</b>	<b>100,0</b>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Como o espaço de vida de Bem-te-vi é bem restrito, as distâncias percorridas entre os seus pontos são pequenas. O valor mínimo registrado entre o local de estágio e a faculdade, não alcança nem um quilômetro, já que o estágio é em um prédio anexo à faculdade. O valor máximo de 2,5 km, liga a residência de familiares e a casa secundária. Desse modo, o valor da amplitude é baixo, 2,4 km, indicando a pouca variação entre os pontos.

A média das distâncias, de 1,3 km, é praticamente a mesma da mediana (1,4 km), indicando que os valores são simétricos e equilibrados. O desvio padrão é muito baixo, o menor entre todos os participantes (0,7 km), indicando a pouca dispersão dos pontos. O coeficiente de variação, por sua vez, ficou em 55,0%.

### 5.2.6.2 Espaço de vida de Beija-flor

Beija-flor tem 25 anos, sexo feminino, solteira, sem filhos, não trabalha. Cursa Licenciatura em Biologia na instituição pública UENF, 7º período, turno noturno.

Seus pais nasceram em Mimoso do Sul no Espírito Santo onde ela também nasceu e onde fica sua residência principal em que moram mãe, sobrinho e tia. Em Campos, tem uma residência secundária em que divide o aluguel com uma amiga. Desde o início da faculdade já morou em quatro lugares diferentes de Campos, uma vez morou sozinha, mas, os custos foram altos, então sempre buscou dividir o aluguel. Nunca mudou de residência principal ao longo da vida, mas já fez deslocamento pendular para estudo, pois cursou o ensino médio no Instituto Federal do município próximo de sua residência principal, em Cachoeiro de Itapemirim, também no ES. Como não há regularidade em seu retorno para a residência principal, Beija-flor entrou na categoria especial, quanto ao retorno à residência principal. Já quanto à classificação, é uma estudante móvel externa, já que tem residência secundária e sua residência principal fica em outro município.

Futuramente pretende morar em São Paulo/SP ou em Vitória/ES, continuando assim sua experiência de mobilidade. Sempre estudou em instituições públicas ao longo de sua trajetória escolar. Não tem familiares próximos com ensino superior completo, então não é possível dizer que o desejo de cursar graduação foi pelo exemplo familiar.

Passou na seleção de várias faculdades públicas e privadas, mas escolheu estudar em Campos porquê das públicas, era mais próxima de casa com o custo de vida mais barato. Privada ela só poderia cursar se fosse com bolsa de 100%. Financiamento também não era uma opção, pois não queria ficar com essa dívida. Não conhecia a IES, mas o que motivou a escolher a instituição foi por ser próximo e ter apoio estudantil. Somente depois de ingressar descobriu que a UENF é uma das melhores universidades do Brasil. O curso foi escolhido porque ela sempre gostou da área, desde criança. Fez a seleção via Sisu, só veio a Campos para fazer a matrícula e procurar apartamento para morar. Essa não necessidade de deslocamento para participar das etapas do processo de seleção facilita a opção por instituições fora de seu espaço de vida, uma vez que só é necessária presença no ato na matrícula, após a aprovação já estar garantida.

Beija-flor possui primos que estudavam em Campos, mas fazem deslocamento pendular diário em ônibus particular fretado pelos estudantes. Porém o ônibus não passava na UENF, sendo assim, teria um transtorno maior no deslocamento, chegaria atrasada e teria que sair mais cedo no final da aula, por isso optou pelo aluguel em Campos.

Sobre sua experiência na universidade, destaca que aprende muita coisa como universitária, não somente conhecimentos técnicos do curso, mas também conhecimentos para a vida, aprendizados gerais. No início foi difícil, depois se acostumou. Não ampliou muito a vida social, pois seu perfil é de poucas amizades mesmo.

Recebe apoio estudantil em forma de bolsa cotista da universidade e o restaurante universitário, além de bolsa de iniciação científica. Os valores recebidos não são suficientes para se manter precisa contar com ajuda da avó para aluguel e a mãe ajuda com plano de saúde e demais contas, mas, o apoio estudantil a ajuda muito.

Seus deslocamentos são feitos a pé ou de bicicleta, principalmente durante o dia pois a noite tem medo de ser assaltada. Além de Mimoso do Sul/ES e Campos/RJ, frequenta também o município de Cachoeiro de Itapemirim/ES para serviços médicos. Após iniciar a faculdade, passou a frequentar cinema e shopping, pois a sua cidade de origem não tem, além de ir ao centro da cidade. Deixou de frequentar a igreja. Seu espaço de vida é, desse modo, do tipo *deslizamento*, quando novos lugares são acrescentados e alguns são retirados.

Avalia que tem uma boa qualidade de vida enquanto estudante em Campos. O maior fator dificultador para ela é estar longe da família, devido principalmente a seus problemas psicológicos, que são agravados pela distância, segundo ela.

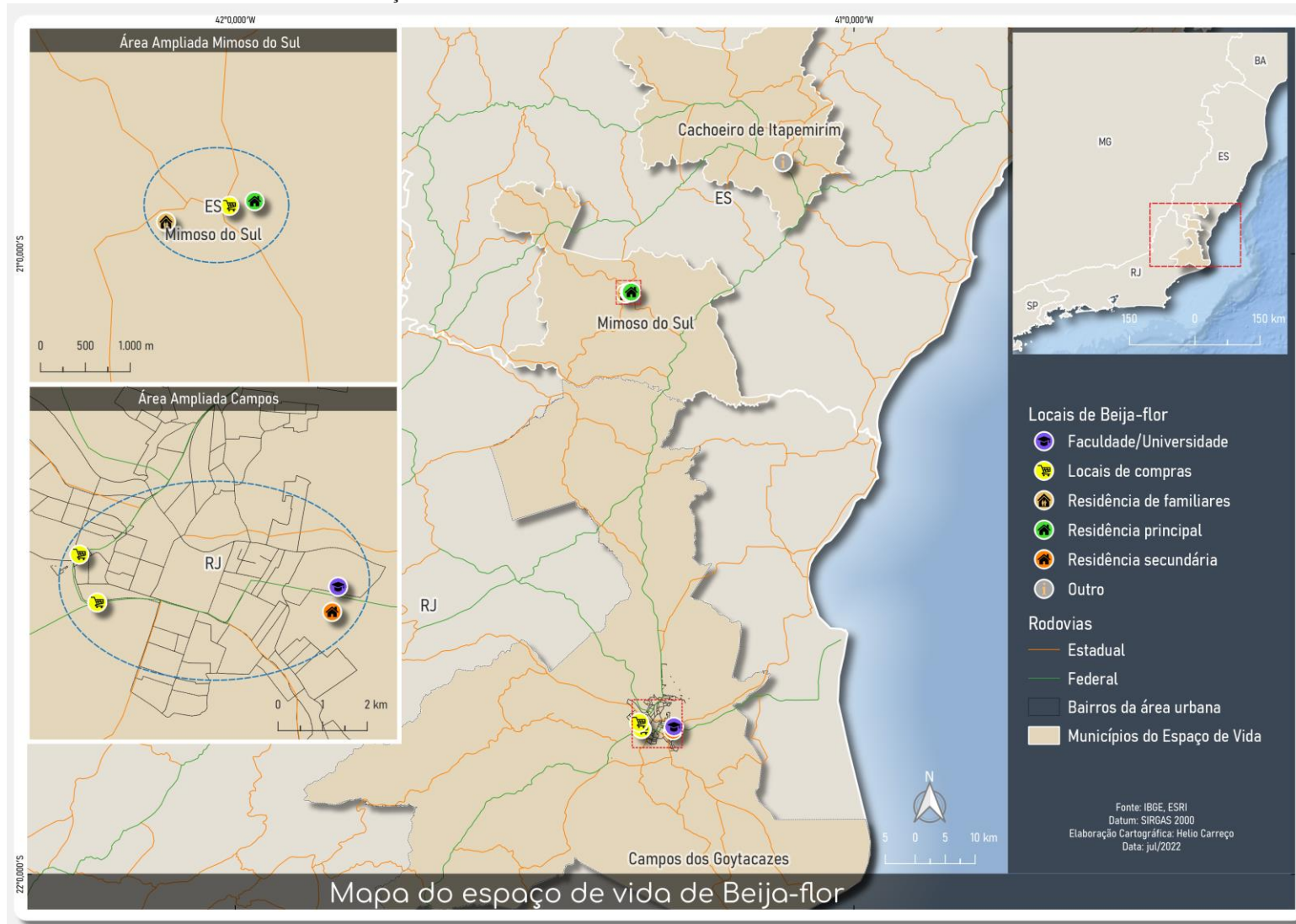
Após concluir a graduação pretende fazer mestrado, caso consiga uma bolsa para se manter no curso. Caso ganhe um intercâmbio do seu curso inglês, vai se dedicar a ele.

Esporadicamente ela retorna para Mimoso do Sul/ES, cerca de quatro ou cinco vezes ao ano. A viagem dura três horas de carro. Além de sua residência principal, quando está lá ela frequenta residência de familiares como a avó, pai e prima. Passa a tarde ou um dia inteiro na casa da avó que fica 10 minutos a pé de sua casa. Na casa do pai ela passa o dia, fica a 15 minutos a pé. A casa da prima fica mais próximo, cinco minutos a pé, passa duas horas quando vai. Às vezes vai na casa de uma amiga que fica 30 minutos a pé da sua casa. Como locais de lazer, frequenta lanchonetes e sorveterias com a família. Vai à igreja todos os domingos quando está lá, ficando cerca de uma hora e meia no local, que fica distante cerca de 15 minutos a pé de sua residência.

Em Campos ela fica na universidade de segunda a sexta, de 8 às 18h. Duas vezes na semana fica de 8 às 22 horas. Fica a 10 minutos a pé do seu apartamento alugado. Locais de lazer que frequenta em Campos são o Boulevard Shopping e o centro da cidade. Faz compras em um supermercado que vai uma vez na semana de ônibus, e em uma loja Pet Shop.

O espaço de vida mapeado por Beija-flor é composto de seis classes, com um lugar em cada uma, a saber: faculdade, residência principal, residência secundária, residência do pai,

MAPA 18 - ESPAÇO DE VIDA INDIVIDUAL ATUAL REGISTRADO - BEIJA-FLORES - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. BASE CARTOGRÁFICA DO IBGE. ELABORAÇÃO CARTOGRÁFICA: HELIO CARREÇO.



outros (hospital), exceto pelo local de compras, que apresentou três lugares, um no município de residência principal, outros dois no município de residência secundária (Mapa 18). Ou seja, o tamanho é de oito lugares, distribuídos em três municípios de duas Unidades da Federação diferentes. Apresenta dois polos, um em seu município de residência principal e outro no município de residência secundária e estudo, com apenas três classes em cada um dos polos, sendo o local de compras, a classe comum entre eles.

Assim como os outros participantes, Beija-flor destacou na entrevista vários lugares que frequenta, mas que não foram registrados durante a experiência de mapeamento proposta.

Com relação à taxa de presença ou de permanência nos locais do espaço de vida, a residência secundária é onde Beija-flor mais permanece (46,7%), principalmente aos finais de semana, quando não vai à faculdade. Durante a semana, passa a maior parte do dia na universidade, até algumas noites, o que fez com que a universidade fosse responsável por 25,1% do seu tempo.

Durante o mês de abril, Beija-flor aproveitou o feriado prolongado para passar um tempo em sua casa principal, o que representou 24,2% da sua permanência naquele mês. Lá ela visitou o pai, passando o dia com ele, o que representou 2,2% do tempo. O deslocamento diário até a IES, apesar de curto, foi responsável por 0,6% e o deslocamento entre a residência principal e secundária, apesar de ser mais longo, teve menor participação (0,6%) por ter sido feito apenas uma vez.

No município de Cachoeiro de Itapemirim/ES, Beija-flor tem consulta com a médica que a acompanha, o que representou 0,4% do total. E fez compras em seu município de residência secundária, que totalizou 0,3% de sua permanência total (Tabela 34).

TABELA 34 - PERMANÊNCIA APROXIMADA DE BEIJA-FLOR NOS LOCAIS DE SEU ESPAÇO DE VIDA DURANTE O MAPEAMENTO - ABR./2022

<b>Natureza do lugar</b>	<b>Média de horas em dias úteis</b>	<b>Média de horas semanais</b>	<b>Média de horas mensais</b>	<b>Taxa de presença (%)</b>
Residência secundária	12,0	108,0	324,0	46,7
Faculdade/universidade	12,0	58,0	174,0	25,1
Residência principal	-	-	168,0	24,2
Residência de familiares	-	-	15,0	2,2
Deslocamento até a IES	0,3	1,5	4,5	0,6
Locais de compras	-	-	4,0	0,6
Deslocamento res. principal-secundária	-	-	3,0	0,4
Outro (hospital)	-	-	2,0	0,3
<b>Total</b>	<b>24,0</b>	<b>167,5</b>	<b>694,5</b>	<b>100,0</b>

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Sobre as distâncias entre os pontos dos espaços de vida, o valor mínimo é de 0,3 km, percorridos entre a residência principal e o local de compras, próximo de sua casa. O valor máximo registrado é de 104,0 km, entre a residência secundária, em Campos/RJ e o hospital em que foi a uma consulta médica, no município de Cachoeiro de Itapemirim/ES. A diferença entre esses pontos, portanto, foi alta, de 103,7 km.

A média entre as distâncias é de 56,4 km. A mediana, de 77,3 km, indica que as distâncias apresentam uma certa assimetria. O coeficiente de variação de 66,2% aponta para variação dos dados com relação à sua média, com pontos dispersos ao longo do espaço de vida.

### **5.2.6.3 Comparações (participantes especiais)**

As duas participantes da categoria “especial”, ou seja, que frequentam as residências da família principal sem uma frequência pré-determinada, tem algumas semelhanças e algumas diferenças.

Beija-flor apresentou dois polos, o que era esperado por estabelecer relações espaciais em mais de um município, inclusive de Unidades da Federação diferentes, enquanto Bem-te-vi tem apenas um. O tamanho do espaço de vida de Beija-flor também foi maior, com oito lugares, e Bem-te-vi com cinco. O tipo também foi diferente. Enquanto Bem-te-vi é móvel interna, uma vez que mora em Campos, mas sua residência secundária está localizada no mesmo polo da principal, Beija-flor é móvel externa, já que sua residência principal está em outro município, inclusive em outro polo de seu espaço de vida.

Beija-flor acrescentou e diminuiu lugares de seu espaço de vida após a entrada na faculdade (tipo deslizamento), enquanto Bem-te-vi, manteve seus locais e ampliou (tipo extensão), com a própria frequência na graduação. Claro que, para uma estudante móvel externa, é praticamente impossível manter todos os lugares de seu espaço de vida, a depender da distância de sua residência principal. Essa é uma das explicações para esse fato.

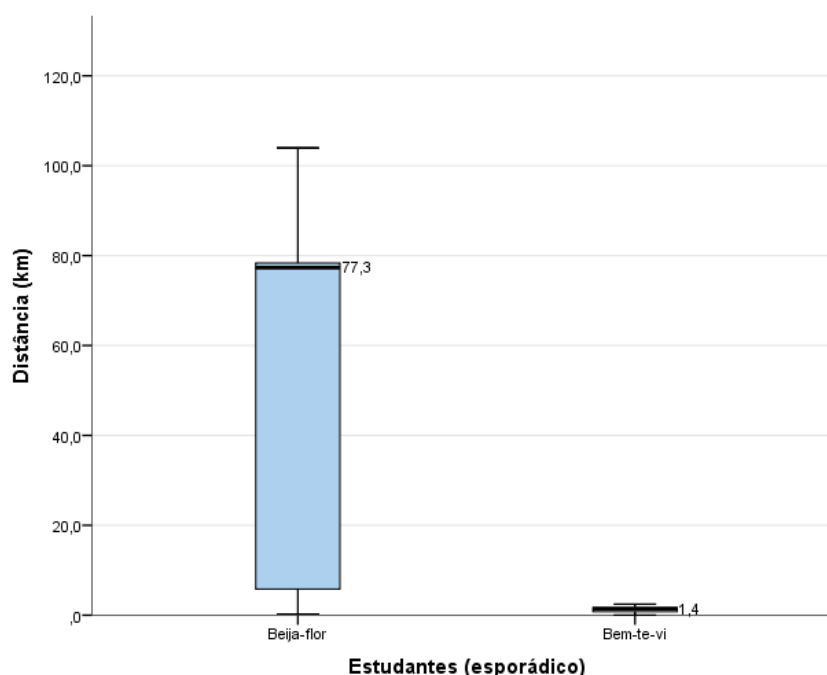
Mesmo transitando por diferentes distâncias, os lugares em que as duas participantes passam a maior parte do seu tempo são a residência secundária, residência principal e a instituição de ensino em que estudam.

A média e a mediana foram praticamente as mesmas para Bem-te-vi, indicando que a distribuição dos pontos é simétrica em seu espaço de vida. Já os valores de Beija-flor, refletem a assimetria na distribuição dos pontos pelo seu espaço de vida.

Além dessas medidas, o diagrama de caixa (Figura 61) também mostra a maior simetria de Bem-te-vi, que, devido aos baixos valores, quase não apareceu no gráfico

comparativo. Já Beija-flor tem sua mediana bem próxima ao limite máximo, apresentando uma caixa mais alongada, com predominância do primeiro quartil. Foi identificado também uma considerável amplitude em Beija-flor, com grande variação entre as distâncias.

FIGURA 61 - DIAGRAMA DE CAIXA DAS DISTÂNCIAS DE DESLOCAMENTO - CATEGORIA ESPECIAL - ABR./2022



FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

### 5.2.7 Análise comparativa geral

Ao comparar as medidas de tendência central e de dispersão de todos os participantes, é possível identificar aqueles que apresentam espaços de vida mais ou menos concentrados.

A média é a medida que representa o valor central dos dados. As maiores médias ficaram com Trinca-ferro (84,4 km) e João-de-Barro (101,4 km), já que elas se deslocam a longas distâncias para frequentar determinado ponto, o que afeta o valor da média. As menores ficaram com Bem-te-vi (1,3 km) e Curió (3,7 km), que possuem espaços de vida muito concentrados, em torno da residência e da faculdade, em apenas um município.

A mediana se refere ao ponto a partir do qual os demais valores estão repartidos igualmente acima ou abaixo dela. As maiores medianas ficaram com João-de-barro (182,2 km) e Beija-flor (77,3 km), que possuem espaços de vida compartilhado entre municípios do RJ e do ES. As menores ficaram com Bem-te-vi (1,4 km) e Canário (2,1 km), indicando que há uma concentração de locais com distâncias próximas.

O valor mínimo do conjunto ficou com Sanhaço e Bem-te-vi, que se deslocaram apenas alguns metros para chegar de um ponto a outro. Já os maiores valores máximos foram registrados para os espaços de vida de Trinca-ferro (278,0 km) e Canário (192,8 km), que, conseqüentemente, foram também os que apresentaram as maiores amplitudes, Trinca-ferro com 277,8 km, e Canário com amplitude de 192,6 km. O fato de trabalhar em área bem afastada, dentro do oceano, elevou sobremaneira a amplitude dos pontos de Trinca-ferro. As altas amplitudes identificadas em alguns participantes, indicam que as distâncias mínimas, dos lugares do cotidiano são frequentes, apesar de lançar mão da mobilidade a longas distâncias em momentos específicos. As menores amplitudes ficaram também com os que apresentaram as menores médias: Bem-te-vi (2,4 km), acompanhado de Curió, com 5,0 km de amplitude.

Com relação ao desvio padrão, a maior variação em torno da média ficou com João-de-barro (91,1 km) e Canário (85,2 km). Canário apresentou desvios entre lugares maiores do que a média, indicando que os pontos estão localizados em locais esparsos. Os menores desvios estão com Bem-te-vi (0,7 km) e Curió (1,8 km), os mesmos que também apresentaram as menores médias e menores amplitudes, ou seja, os pontos do espaço de vida deles são pouco dispersos, bem concentrados em torno da média.

O coeficiente de variação, que é o desvio padrão expresso como uma porcentagem média, indica que, comparativamente, a maior variação de distâncias foi encontrada em Coleiro (137,1%) e em Canário (135,0%). Significa dizer que há grande variabilidade na distribuição dos pontos, caracterizando espaços de vida bem dispersos. Já a menor variação ficou com Curió, com 48,8% e Bem-te-vi, com 55,0%, indicando a menor dispersão dos seus pontos, como já indicado anteriormente, com a presença desses participantes nos menores valores de praticamente todas as demais medidas. Os valores de cada participante foram listados na Tabela 35.

A média de deslocamento dos participantes para cursar graduação (entre residência principal e faculdade), ficou em 74,42 km, equivalente ao valor encontrado para todos os participantes da pesquisa que foi de 78,73 km, como citado na seção 5.1.3. Ou seja, os deslocamentos dos participantes selecionados estão de acordo com os demais estudantes de graduação do município que participaram na pesquisa.

TABELA 35 - MEDIDAS DE TENDÊNCIA CENTRAL E DE DISPERSÃO DE CADA PARTICIPANTE - ABR./2022

Codinomes	Medidas						
	Média (km)	Mediana (km)	Valor mínimo (km)	Valor máximo (km)	Amplitude (km)	Desvio Padrão (km)	Coefficiente de variação (%)
Andorinha	22,5	21,3	11,8	41,6	29,8	8,2	36,5
Beija-flor	56,4	77,3	0,3	104,0	103,7	37,3	66,2
Bem-te-vi	1,3	1,4	0,0	2,5	2,4	0,7	55,0
Canário	63,1	2,1	0,1	192,8	192,6	85,2	135,0
Coleiro	21,6	2,5	0,1	84,7	84,6	29,7	137,1
Curió	3,7	4,1	0,6	5,6	5,0	1,8	48,8
João-de-barro	101,4	182,2	0,1	188,7	188,6	91,1	89,9
Pardal	29,1	47,4	0,2	48,3	48,1	22,9	78,8
Rouxinol	29,6	4,0	0,3	87,5	87,2	38,8	131,2
Sabiá	8,5	14,1	0,1	16,1	15,9	6,8	79,3
Sanhaço	74,8	22,8	0,0	166,7	166,7	77,0	102,9
Trinca-ferro	84,4	64,9	0,2	278,0	277,8	79,2	93,9

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Ao analisar conjuntamente as categorias criadas a partir da periodicidade de retorno à residência principal (diário, semanal, e as demais), não foi possível observar semelhanças marcantes entre os participantes da mesma categoria, o que demonstra como cada espaço de vida é formado a partir da experiência individual e familiar, sem um formato engessado, se construindo a partir das lógicas de escolha e constrangimento, a partir dos desejos, possibilidades e necessidades de cada indivíduo e/ou família, associado à oferta de serviços nos espaços e demais estratégias adotadas para cursar o ensino superior.

Desse modo, o tamanho do espaço de vida de cada estudante reflete não só os lugares que frequenta e sua relação com esses espaços, mas como esse estudante se organiza, a partir dos apoios que recebe e de suas estratégias de mobilidade, para sua manutenção na universidade e no curso de graduação, sejam eles no seu estado de residência, em seu município de residência, em seu distrito de residência, ou não.

Como visto, a grande maioria dos participantes permanece a maior parte do seu tempo nas residências (principal e/ou secundária) e na faculdade, o que demonstra como as estratégias de moradia, estrutura das instituições e oferta de apoio estudantil são importantes para a permanência do aluno na graduação, além, é claro, de refletir diretamente em sua qualidade de vida e saúde enquanto estudante.

Sobre a utilização das residências secundárias, essa foi a estratégia adotada pela maioria dos participantes da segunda etapa, para estudar no município de Campos, por motivos diversos: seja pela necessidade diante do impedimento de retornar para sua residência

principal devido à distância (caso de Canário, João-de-barro e Sanhaço), seja pela comodidade e facilidade no deslocamento até a IES, com economia de tempo e dinheiro (caso de Beija-flor, Coleiro, Curió, Pardal e Trinca-ferro), ou por relações familiares e de trabalho (Bem-te-vi). Para os outros três participantes, a residência principal é a única utilizada, uma vez que: se localiza próximo da região central (Andorinha), se localiza no município de trabalho e tem opção de transporte gratuito e direto para o município de estudo (Rouxinol) e, apesar de estar localizada em distrito mais afastado, é onde está a família e, apesar das dificuldades, é possível realizar o deslocamento diário (Sabiá). Percebe-se, portanto, que a estratégia de moradia adotada reflete o conceito de Geografia de Oportunidades, motivada por oportunidades objetivas e subjetivas, ligadas à processos de escolha e de constrangimentos a que são submetidos, de acordo com a realidade individual e familiar de cada estudante.

Associado aos tipos de residência utilizados e ao conceito de espaço de vida, está a classificação proposta para cada aluno. Dos doze participantes, sete (Beija-flor, Canário, Coleiro, João-de-barro, Pardal, Sanhaço e Trinca-ferro) foram considerados estudantes móveis externos, com residência secundária em Campos e principal em outro município, fazendo ou não parte de algum polo do espaço de vida. Dois móveis internos, que possuem residência secundária e principal dentro do mesmo polo do espaço de vida (Bem-te-vi e Curió). Dois são pendulares intramunicipais (Andorinha e Sabiá), ou seja, estudante que vai e volta de sua residência principal diariamente, e um pendular intermunicipal, que vai e volta diariamente, mas reside em outro município, onde fica o polo de seu espaço de vida (Rouxinol).

O número e tipo de classes e lugares citados indicam os espaços frequentados pelos estudantes. A média de classes de lugares citadas pelos participantes foi de seis classes, com lugares variados. A Tabela 36, indica o tipo de classe com o número de lugares frequentados em cada uma. A instituição de estudo foi a classe mais citada, com 13,0% e acompanhada da residência principal, com 12,0%. A residência de familiares foi a terceira classe de lugar mais citada, com 11,0%, o que demonstra como a família tem peso significativo na vivência dos estudantes, mesmo quando eles não residem mais tão próximos. Os locais de compras também foram responsáveis por 11,0% das citações. Essa colocação está de acordo com o apresentado na figura 50, anteriormente, onde a casa de familiares foi destacada como primeira opção entre os locais mais frequentados em Campos pela maioria dos 415 participantes da primeira etapa (com exceção da residência e local de estudo), seguido pelo local de compras. Ou seja, os dados mapeados na segunda etapa estão de acordo com os obtidos na primeira etapa da pesquisa.

A residência secundária, é acionada por nove dos doze participantes, totalizando 9,0%, assim como o local de trabalho e/ou estágio. Como a maioria dos participantes estudam em turno integral, o trabalho regular não se encaixa em suas rotinas, em geral. A residência de amigos e os locais de lazer ficaram com 5,0% cada uma, enquanto a frequência na residência do namorado e em lanchonetes e/ou barzinhos foi de 3,0% cada. Academia e instituição religiosa totalizaram 2,0% cada uma e, por fim, a frequência em festas foi citada por um participante, ficando com 1,0% do total.

A classe “outros” ficou com grande percentual de citações (14,0%), uma vez que englobou a soma de todos os lugares que não estavam na lista pré-definida no formulário de coleta. Os lugares classificados como outros foram: clínicas médicas e odontológicas, Secretaria de Educação, Prefeitura Municipal, barbearia, praias e rodoviárias.

TABELA 36 - NÚMERO DE LUGARES CITADOS EM CADA CLASSE (ABS. E PERCENTUAL) - ABR./2022

<b>Classes</b>	<b>Nº de lugares</b>	<b>%</b>
Faculdade/Universidade	13	13,0
Residência principal	12	12,0
Residência de familiares	11	11,0
Locais de compras	11	11,0
Residência secundária	9	9,0
Local de trabalho/estágio	9	9,0
Residência de amigos	5	5,0
Locais de lazer	5	5,0
Residência de namorado (a)	3	3,0
Lanchonetes/barzinhos	3	3,0
Academia	2	2,0
Instituição religiosa	2	2,0
Festas	1	1,0
Outros	14	14,0
<i>Total</i>	<i>100</i>	<i>100,0</i>

Fonte: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

Percebe-se que, diante da grande quantidade de tempo que os estudantes precisam para se dedicar aos estudos, trabalho, e até mesmo o tempo perdido durante os deslocamentos, os estudantes de graduação acabam abrindo mão de importantes atividades que poderiam contribuir para sua saúde física e emocional, como a frequência em academias, instituições religiosas e eventos de lazer, por exemplo, que foram os menos citados.

A maioria apresenta apenas um polo, onde se reúnem no mínimo três lugares próximos. Dois polos foram registrados apenas no espaço de Beija-flor, João-de-barro, Sabiá, Sanhaço e Trinca-ferro. Destes, Sabiá é o único em os dois polos estão localizados no mesmo município, porém em distritos diferentes. Em contrapartida, há outros participantes que

frequentam mais de um município, inclusive de UFs diferentes, mas que não formaram mais de um polo, como é o caso de Coleiro, Canário, Pardal e Rouxinol, o que indica que o número de relações e concentrações estabelecidas varia de acordo com vários critérios, não somente a distância ou os limites administrativos dos municípios. Ainda com relação à noção de polo, foi questionado onde o estudante ficou durante o início da pandemia de Covid-19, quando a orientação era permanecer em isolamento social, sem sair de casa. Nenhum deles sinalizou que permaneceu em local diferente de onde foi considerado polo(s) de seu espaço de vida. Ou seja, o critério adotado na classificação dos polos está de acordo com os critérios subjetivos de cada participante, quando da escolha do local central em seu espaço de vida.

Sobre a existência de um “projeto migratório continuado” como afirma Peixoto (2007, p. 459), 75% dos participantes da segunda etapa afirmaram que sim, pretendem se mudar de distrito, município e até de país, ou seja, a mobilidade também está presente nos planos futuros, seja como projeto de mobilidade continuada ou de retorno ao local de origem. Apenas três participantes (Bem-te-vi, Pardal e Sanhaço) informaram que pretendem permanecer em seus polos dos espaços de vida após a conclusão da faculdade. No caso de Sanhaço, que apresentou dois polos, o local onde pretende permanecer é o polo relacionado a seu local de origem, até porque, ao concluir o curso, com o retorno para residência principal, seu atual polo localizado no local de estudo será desfeito.

Com relação ao tipo, a grande maioria (nove) foi classificada como *deslizamento*, com manutenção de alguns lugares enquanto novos são adicionados e outros são suprimidos. Os outros três apresentaram o tipo *extensão*, quando novos locais são adicionados ao espaço de vida. Ou seja, não houve nenhum espaço de vida do tipo *contração*, apenas com diminuição de lugares, até porque, a própria adição da universidade impede a contração total. Não houve também nenhum do tipo *transplante*, com a mudança completa do registro espacial, todos mantiveram vínculos com seus lugares de origem. O espaço de vida atual mapeado, reflete um momento da trajetória individual, podendo ser alterado de acordo com o momento do curso, a natureza dos lugares que o compõem e das estratégias adotadas por cada estudante para se manter, enquanto constrói as bases necessárias para alicerçar sua vida profissional.

O Quadro 11 sintetiza as características gerais do espaço de vida dos participantes, detalhadas nas seções anteriores, apresentando: categoria, classes, tamanho, número de polos, coeficiente de variação, tipo, classificação, tempo de deslocamento entre residência secundária e faculdade e entre residência secundária e principal (ida e volta), meio de transporte utilizados nesses deslocamentos, números de municípios que fazem parte do espaço de vida, município de residência principal e, caso exista, município de residência secundária.



QUADRO 11 - QUADRO COMPARATIVO - ESPAÇO DE VIDA DOS PARTICIPANTES - ABR./2022

Codínomes	Categoria	Classes	Tamanho	Polos	Coefficiente de Variação	Tipo	Classificação	Tempo de deslocamento (facul./princ.)	Meio de transporte (facul./princ.)	Nº de municípios	Residência principal	Residência secundária
Andorinha	Anual	5	5	1	36,5%	Deslizamento	Pendular intramunicipal	15min. / 8h	Carro / ônibus	1	Campos/RJ	-
Beija-flor	Especial	6	8	2	66,2%	Deslizamento	Móvel externo	20min. / 3h	A pé / carro	3	Mimoso do Sul/ES	Campos/RJ
Bem-te-vi	Especial	5	5	1	55,0%	Extensão	Móvel interno	15min. / -	Carro / -	1	Campos/RJ	Campos/RJ
Canário	Anual	8	12	1	135,0%	Deslizamento	Móvel externo	14 min. / 8h	A pé / carro	2	Vitória/ES	Campos/RJ
Coleiro	Mensal	6	8	1	137,1%	Extensão	Móvel externo	24min. / 1h20	A pé / carro	3	São João da Barra/RJ	Campos/RJ
Curió	Semanal	4	4	1	48,8%	Deslizamento	Móvel interno	10min. / 20min.	Carro / carro	1	Campos/RJ	Campos/RJ
João-de-barro	Mensal	7	8	2	89,9%	Extensão	Móvel externo	20min. / 10h	A pé / ônibus	2	Manhuaçu/MG	Campos/RJ
Pardal	Semanal	5	5	1	78,8%	Deslizamento	Móvel externo	10min. / 2h40	A pé / Ônibus estudantil	2	São Fidélis/RJ	Campos/RJ
Rouxinol	Diário	5	6	1	131,2%	Deslizamento	Pendular intermunicipal	5h / -	Ônibus estudantil	2	Macaé/RJ	-
Sabiá	Diário	6	9	2	79,3%	Deslizamento	Pendular intramunicipal	3h / -	Van / -	1	Campos/RJ	-
Sanhaço	Quinzenal	10	20	2	102,9%	deslizamento	Móvel externo	30min. / 10h	A pé / ônibus	3	Araruama/RJ	Campos/RJ
Trinca-ferro	Quinzenal	6	7	2	93,9%	deslizamento	Móvel externo	10min. / 3h	A pé / ônibus	2	Conceição de Macabu/RJ	Campos/RJ

FONTE: PESQUISA PRIMÁRIA. ELABORAÇÃO PRÓPRIA.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, buscou-se demonstrar como a educação superior é relevante para os indivíduos, a sociedade em geral e, para os locais onde se localizam as instituições, principalmente quando estão concentradas em um município como é o caso de Campos dos Goytacazes, na Região Norte do estado do Rio de Janeiro, que historicamente é considerado polo de educação superior na região. A presença das IES reflete a centralidade do município na região, muito ligada ao setor de serviços, e movimenta a economia do município, com o consumo de produtos e serviços por estudantes e profissionais da educação por exemplo, como pela própria circulação de valores fomentada pelos salários pagos ao setor educacional.

Foi visto que trabalhadores com ensino superior recebem um salário maior que trabalhadores com apenas o nível médio de instrução e que os deslocamentos para estudo são acionados para acesso ao ensino superior, logo, a mobilidade espacial (deslocamentos) pode levar a uma mobilidade social (ascensão), evidenciando a educação como ferramenta para diminuição das desigualdades, embora essa redução envolva inúmeros outros fenômenos sociais.

O Brasil está muito abaixo da média dos países da OCDE no quesito população com ensino superior. Devem ser adotadas estratégias territoriais que diminuam essa diferença, já que as IES não são igualmente distribuídas pelo território. Porém, não se trata somente de ampliar a oferta de IES. A mobilidade pode ser acionada como estratégia para acesso à graduação, pois, como foi visto, os deslocamentos, apesar de causarem algumas dificuldades, são eficazes e necessários para esse acesso. Cabe, portanto, que essas estratégias envolvam melhorias das condições da mobilidade e apoio aos sujeitos estudantes, de modo que os deslocamentos não provoquem tantos impactos negativos.

É preciso promover a própria mobilidade como estratégia, já que há uma espécie de *imobilidade involuntária*, que, por razões ligadas à geografia objetiva ou subjetiva de oportunidades, pode estar “prendendo” pessoas em seus lugares de origem, sem condições materiais ou imateriais de realizar o deslocamento. Por vezes, até há proximidade espacial com as instituições, porém, a distância social não permite sua utilização. Em contrapartida, muitos dos que já se deslocam, incluem a mobilidade em seus planos futuros, quando almejam se mudar de distrito, município, estado e até país futuramente, usando a mobilidade como projeto. Ou seja, cada estudante adota estratégias que são possíveis diante de suas condições individuais e familiares, e diante da oferta objetiva e subjetiva de oportunidades, explorando ou não a mobilidade enquanto ferramenta para conquistar o curso superior. Essa

mobilidade, que inicialmente é adotada como estratégia, por vezes se torna um projeto, seja ele de retorno ou de mobilidade continuada, que pode mudar de acordo com a experiência vivida e as condições postas.

Os deslocamentos e seus desdobramentos devem ser observados não apenas dentro ou fora dos limites administrativos dos municípios, pois, como visto, estudantes de distritos distantes dentro do mesmo município sofrem os efeitos negativos da mobilidade tanto ou mais do que estudantes de outros municípios vizinhos, por exemplo. Desse modo, os espaços de vida são ampliados e devem ser levados em consideração. Há uma demanda por transporte e deslocamento e o poder público tem o dever de oferecer mobilidade urbana à população, de modo que ocorra a mobilidade espacial e, possivelmente, a mobilidade social.

Entende-se que o planejamento governamental para além das fronteiras administrativas como propõe o espaço de vida é um desafio, como afirmaram Marandola JR. e Mello (2005), mas, extremamente necessário em tempos de sociedade móvel e fluida. Sendo assim, mesmo ciente do dilema que essa questão envolve, as políticas públicas sobre essa temática precisam abranger dois grandes aspectos: promover a mobilidade como estratégia e, ao mesmo tempo, ofertar equipamentos nas proximidades.

Como foi visto, a mobilidade para estudo apresenta vantagens e desvantagens. Ao mesmo tempo que provoca cansaço, reduz tempo de família e até mesmo de estudo, aumenta a independência, as relações sociais, as vivências socioespaciais e as possibilidades do estudante, além de muitas vezes ser a única maneira de cursar o ensino superior.

Apesar da grande quantidade de matrículas e conseqüentemente de formados que as instituições de ensino superior do município e no país como um todo produzem anualmente, ainda é necessário ampliar a formação da população, de modo que diminua a desigualdade de renda pelo trabalho, visto que “os indivíduos procuram aumentar seu nível de instrução para melhorar sua posição relativa na fila por emprego, uma vez que os mais escolarizados tendem a ter preferência pelas oportunidades de trabalho” (RIBEIRO, 2012, p. 78). Desse modo, deve haver sempre uma oferta de educação superior de qualidade, para que a população possa se qualificar e usufruir de todas as possibilidades de crescimento que uma universidade oferece, para além do conhecimento acadêmico.

Além da oferta de vagas, é imprescindível preocupar-se também com a permanência dos estudantes na graduação, uma vez que durante os anos de estudo, os graduandos (e suas famílias) precisam arcar com custos de alimentação, transporte, moradia, aquisição de materiais relativos ao próprio curso, gastos com mensalidades, caso estudem em instituições privadas, além dos demais custos da vida cotidiana. A pesquisa demonstrou como o apoio

estudantil é importante nesse quesito, uma vez que a maior parte dos alunos apresenta uma renda média mensal familiar baixa e declarou que não recebia nenhum tipo de apoio da IES para estudar, mas que precisavam receber.

Como a desvantagem econômica pode acarretar desvantagem acadêmica, faz-se necessário apoio em forma de, por exemplo, restaurante universitário, transporte universitário, auxílio moradia, moradia estudantil, programas de bolsas, apoio à saúde física e psicológica, entre outros, que permitam a manutenção do estudante na universidade. As moradias ou alojamentos estudantis por exemplo, inexistentes no município de Campos, são adotadas em alguns polos educacionais pelo país, que possuem moradias específicas para os estudantes dentro ou fora dos limites físicos dos campi. Essa é uma proposta de ação que, baseado nos dados, relatos e análises apresentadas ao longo deste trabalho acerca do importante papel da localização e estratégias de residências, contribuiria de maneira efetiva e significativa na melhoria da qualidade de estudo e de vida do estudante, de maneira geral, e inclusive, no próprio acesso e permanência na universidade, já que diminuiriam as dificuldades relacionadas ao “onde morar” durante o período de graduação para os que residem em locais mais distantes, dentro ou fora dos limites administrativos do município.

A mobilidade espacial, que envolve movimentos cotidianos (pendularidade) e de caráter *a priori* permanente (migração), foi abordada nesse trabalho a luz do conceito de espaço de vida, buscando problematizar o conceito de mobilidade espacial para além dessas fronteiras administrativas. Nesse sentido, apesar da explícita importância do local de residência para os deslocamentos, sua relevância passa a ser de certa forma dividida com os demais locais frequentados para realização das atividades cotidianas, que juntos, formam os polos, ou os lugares centrais do espaço de vida dos indivíduos. Ou seja, considera-se que os indivíduos estão ligados a um conjunto de lugares e não apenas a um único lugar. Para os estudantes de graduação, isso se torna ainda mais evidente.

O objetivo foi focar no indivíduo, colocando-o em seu contexto espacial, analisando os deslocamentos na escala individual, onde, apesar de serem influenciados pelas macro condições, a escala micro foi privilegiada, priorizando assim o indivíduo sobre o fluxo, colocando os sujeitos não apenas no local de origem e destino, mas também no contexto relacional e social que acompanha cada deslocamento, como sugeriu Lelièvre (1999).

Realizar uma classificação dos indivíduos segundo local de residência não é uma tarefa fácil, já que o que se considera residência varia de acordo com critérios subjetivos e pessoais. Para a população de estudantes, essa classificação se torna ainda mais difícil, uma vez que o onde, como e com quem morar podem envolver características ainda mais

variáveis, como a estadia por tempo determinado em algum local somente para estudar, local esse que pode ser mudado a qualquer momento, de acordo com as condições materiais (ligadas aos custos, por exemplo) e imateriais (ligadas aos relacionamentos, por exemplo).

A mobilidade para estudo tem a característica de ser por tempo determinado, até alcançar o objetivo que é a conclusão do curso, sendo assim, os mecanismos acionados para sua realização não são (ou não tem a pretensão de serem) definitivos. São muitas as variáveis envolvidas no processo e a diversidade de perfis e condições é grande, não cabendo em um modelo único. A vida humana e suas relações não pode ser tomada como algo fixo, dada a sua dinamicidade constante. Pode-se, portanto, fazer uma aproximação das possibilidades de deslocamentos e permanências, sabendo-se que esgotá-los não é possível.

Desse modo, a classificação em residência principal e secundária foi proposta, na tentativa de abranger os principais locais de permanência nos espaços de vida dos estudantes e identificar as estratégias de moradia adotadas durante o período de graduação. Identificou-se que as moradias secundárias são acionadas por grande parte dos estudantes para ter acesso à IES propriamente dita ou facilitar seu dia a dia, reduzindo os deslocamentos diários, mesmo que isso implique em maiores investimentos financeiros.

A classificação dos estudantes em pendulares intramunicipais e intermunicipais e móveis internos e externos, também seguiu essa tendência, em que, apesar de reconhecer a variedade de padrões de mobilidade existentes, permitiu a análise da configuração do espaço de vida individual e sua relação com as infraestruturas de ensino no território.

Relembramos Urry (2007) ao afirmar que a mobilidade é um fenômeno social que ultrapassa as dimensões físicas e econômicas, envolvendo também os aspectos culturais, afetivos, individuais além, é claro, da dimensão espacial. Em que pese fatores externos e impessoais, cada indivíduo percebe, concebe e exerce uma mobilidade particular, possível e adaptável, de acordo com as condições que lhe são impostas, permitindo mudanças maiores ou menores em seu espaço de vida, de acordo com a distância de deslocamento e as demais condições de reprodução da sua vida social.

Apesar das particularidades de cada espaço de vida observado, foi possível identificar semelhanças, principalmente ligadas à adoção da mobilidade não somente como estratégia momentânea para acesso à educação, mas aparecendo também no projeto de vida dos sujeitos, como grande possibilidade de acesso a outras oportunidades, muito influenciada também pelas questões subjetivas que envolvem as decisões.

Sobre a formação de polos, que são os lugares centrais do espaço de vida, viu-se que, por vezes, pode haver mais de um polo dentro do mesmo município, como foi o caso de

Sabiá, que reside em distrito mais afastado do centro. Utilizou-se esse exemplo para demonstrar como a mobilidade vai além dos limites administrativos e marcos conceituais tradicionalmente estabelecidos.

Viu-se também que estudantes que se deslocam dentro do próprio município enfrentam as mesmas ou até maiores dificuldades do que estudantes residentes em outros municípios. A oferta de transporte universitário é um exemplo, em que graduandos de municípios vizinhos são por vezes atendidos por esse transporte gratuito, enquanto no próprio município não existe essa oferta. A mobilidade a longas distâncias às vezes pode ser mais vantajosa do que dentro do mesmo município.

Em que pese a relevância das redes sociais (pessoal e migratória) para os deslocamentos para estudo, não foi possível afirmar que elas são imprescindíveis ou determinantes para a matrícula na graduação, nem para o deslocamento para estudo. Por exemplo, a escolaridade dos pais está, em geral, a um nível menor do que os graduandos estão buscando, indicando que a influência para cursar graduação também pode não ter vindo do exemplo familiar, de maneira direta. Entretanto, onde há esse exemplo, geralmente ocorre essa relação, ou seja, famílias com capital escolar tendem a propagar esse capital. Cabe ressaltar que, os dados evidenciaram a entrada significativa de estudantes das famílias da classe trabalhadora nas universidades públicas e privadas. O fato de ter estudantes oriundos de famílias com baixa escolaridade nas universidades é um fator relevante e positivo para redução das desigualdades, diante da situação educacional do país.

Pela análise do espaço de vida dos indivíduos é possível identificar as motivações de seus deslocamentos, assim como os pontos centrais de cada espaço. O mapeamento do espaço de vida dos participantes foi um retrato do momento da pesquisa, identificando a localização e dispersão espacial dos pontos frequentados, com suas classes e lugares centrais (polos), não sendo, portanto, único e invariável. Cada espaço de vida é configurado de acordo com as relações espaciais e vivências atuais e cotidianas dos indivíduos, com seus aspectos particulares, circunstanciais e experienciais.

A hipótese inicial de que, os deslocamentos para estudo alteram a qualidade de vida e de estudo, propriamente dito, se confirmou com os resultados da pesquisa, assim como a hipótese de que a mobilidade é adotada como estratégia para acesso e permanência no ensino superior, acompanhada também da utilização de residências secundárias no município. Para além da mobilidade enquanto estratégia, foi possível observá-la também enquanto projeto de vida dos estudantes, envolvendo o desejo de retorno ao local de origem ou uma continuação da situação de mobilidade.

Por sua vez, a hipótese de que à medida que aumentam as distâncias dos deslocamentos, as dificuldades também aumentam, deve ser problematizada. Ao olhar para o nível individual, percebe-se que deslocamentos podem gerar transtornos independente das distâncias percorridas. Porém, a questão estrutural deve ser levada em consideração, além dos aspectos individuais, uma vez que há grande relevância da Geografia de Oportunidades para acesso ao ensino superior.

Os indivíduos desenvolvem estratégias para diminuir essas dificuldades e ter a oportunidade de superá-las. A mobilidade é uma dessas estratégias. A ideia de trabalhar com o conceito de Espaço de Vida para discutir a mobilidade, além dos conceitos neoclássicos e neomarxistas, como foi proposto, se mostrou eficaz, uma vez que tanto as questões individuais como as estruturais e conjunturais mostraram-se relevantes no contexto da mobilidade dos estudantes.

A noção de espaço de vida permite associar dados quantitativos e qualitativos, caracterizando a mobilidade para estudo, ao mesmo tempo que permite aprofundar os conhecimentos acerca dos mecanismos e elementos que interferem nas dificuldades enfrentadas pelos estudantes. Compreender esses mecanismos é importante para auxiliar na elaboração de políticas que minimizem as dificuldades enfrentadas pelos estudantes em seu ir e vir diário.

Ressalta-se ainda que existe uma distância simbólica no que diz respeito ao acesso ao ensino superior. Os resultados expostos consideram entrevistas realizadas com indivíduos que estão no ensino superior, porém, há pessoas que, podem estar espacialmente localizadas ao lado das instituições, por exemplo, mas estão separadas por uma grande distância simbólica, quase que intransponível, que não permite sua apropriação desse espaço. São os aspectos subjetivos das oportunidades.

A pesquisa primária possibilitou o levantamento de dados e análises importantes, que devem ser destacados, como por exemplo: a identificação da entrada de estudantes de famílias com baixa escolaridade na universidade; perfil de baixa renda familiar dos estudantes; a importância das estratégias familiares para o acesso à educação; a escola pública como principal origem; a relação do uso da residência secundária com as condições econômicas das famílias; a extrema necessidade das políticas de assistência estudantil, nas suas mais variadas formas; as estratégias de organização ao residir na cidade de estudo; o perfil de acesso ao mercado de bens e serviços locais; as dificuldades enfrentadas pelos estudantes; a importância das questões emocionais, afetivas e de saúde mental; e o uso da mobilidade enquanto projeto.

Muitas dificuldades foram enfrentadas para realizar este trabalho, como o próprio deslocamento para estudo, principalmente durante os primeiros semestres quando fazia viagens semanais, o cansaço e o despendimento de tempo e de dinheiro foram grandes. O fato de conciliar as viagens e os estudos e com a grande carga horária de trabalho foi outra grande dificuldade. A literatura em francês também foi um desafio. Além disso, outra adversidade enfrentada foi a necessidade de alteração da metodologia devido à COVID-19, às vésperas de iniciar a pesquisa de campo. Destaco ainda a maternidade como grande fator dificultador para a conclusão do trabalho, já que a demanda de tempo e dedicação na vida pessoal se tornou ainda maior.

Independentemente das dificuldades enfrentadas, espera-se que este trabalho contribua com os debates teóricos e metodológicos acerca da mobilidade espacial da população. Espera-se também que seja útil para planejamento e implantação de investimentos públicos e privados que levem em consideração as relações espaciais que afetam o funcionamento das instituições de educação superior e a vida de seus estudantes. Além disso, espera-se que sirva como avaliação das condições de acesso e permanência dos alunos a esse serviço fundamental que é a educação, que faz parte dos lugares centrais dos espaços de vida dos estudantes.

Diante das questões levantadas e dos resultados encontrados, conclui-se que há elementos para aprofundamento do trabalho. Ciente de que o tema não se encerra aqui e de que ainda há muito a ser explorado, destaca-se alguns pontos para investigação futura, posto como agenda de pesquisa, com a certeza de que muitos outros temas relacionados não chegam a ser elencados aqui.

São propostas para pesquisas futuras: a) Analisar os resultados do Censo 2022 sobre deslocamentos para estudo; b) Realizar análises longitudinais com uma coorte de alunos, investigando sua trajetória de deslocamentos, caso a informação sobre município de origem e de moradia atual se torne obrigatória nos próximos censos da educação superior; c) Discutir o papel das instituições como propulsoras do desenvolvimento econômico regional; d) Investigar se a permissão recente de ampliação da educação à distância pode influenciar na qualidade dos cursos de graduação; e) Levantar o perfil e situação do egresso; f) Investigar os reflexos da mobilidade nas cidades de origem; g) Observar crescimento de matrículas de graduação em municípios próximos como Macaé, Itaperuna e Cabo Frio; h) Analisar quais são as relações entre a mobilidade para estudo de um integrante da família e as demais práticas espaciais dos demais membros da família; i) Averiguar como a mobilidade se desenvolve ao longo da vida; j) Observar os espaços de vida numa perspectiva longitudinal para identificar como os polos aparecem, desaparecem ou se transformam e, como as



estratégias residenciais mobilizam ou não a rede de locais com os quais estamos relacionados em determinado momento; k) Problematizar o elemento da “escolha” sobre o fato de cursar ou não uma universidade, mediante as condições sociais, familiares, culturais, territoriais e políticas de cada indivíduo; l) Realizar pesquisa primária com indivíduos que não estão ingressaram na universidade, investigando os possíveis motivos da ausência de interesse.

## REFERÊNCIAS

ABEP (Associação Brasileira de Estudos Populacionais). **Anais do I Encontro Nacional de Estudos Populacionais** [s.d.]. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/21/showToc>>. Acesso em 03 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Programação Científica do XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. 2018. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/xxiencontro/programacao>>. Acesso em 03 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo 2020**. 2020. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/site/index.php/noticias-censo-2020>>. Acesso em 18 jan. 2019.

ADAMS, John. S. Classifying settled areas of the United States: conceptual issues and proposals for new approaches. *In*: DAHMAN, D.C.; FITZSIMMONS, J.D. (Ed.). **Metropolitan and nonmetropolitan areas: new approaches to geographical definition**. Washington: Population Division/US Bureau of the Census, p. 9-83, 1995.

AGÊNCIA NACIONAL DO PETRÓLEO, GÁS NATURAL E BIOCOMBUSTÍVEIS (ANP). Anuário Estatístico 2015. **Anuário Estatístico Brasileiro do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis 2015**. 2015. Disponível em: <[http://www.anp.gov.br/?pg=76798#Se\\_\\_o2](http://www.anp.gov.br/?pg=76798#Se__o2)>. Acesso em: 29 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Anuário Estatístico 2019. **Anuário Estatístico Brasileiro do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis 2019**. 2019. Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/publicacoes/anuario-estatistico/5237-anuario-estatistico-2019>>. Acesso em: 07 nov. 2019.

ALAP (Associação Latino-Americana de População). **I Congresso da ALAP**. Programa Completo. 2004. Disponível em: <[http://www.alapop.org/alap/index.php?option=com\\_content&view=article&id=162&Itemid=41](http://www.alapop.org/alap/index.php?option=com_content&view=article&id=162&Itemid=41)>. Acesso em 03 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Sesiones Regulares - Programación Preliminar del VIII Congreso de la ALAP**. 2018. Disponível em: <<http://www.alapop.org/alap/8ALAP/index.php/programacion/10-programacion/57-sesiones-tematicas2>>. Acesso em 03 jan. 2019.

ALMEIDA, Ronaldo. Estudo de Caso: foco temático e diversidade metodológica. *In*: CEBRAP. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc/CEBRAP, p. 60-72, 2016.

ALVES, F.; LANGE, W.; BONAMINO, A. A Geografia Objetiva de Oportunidades Educacionais na Cidade do Rio de Janeiro. *In*: RIBEIRO, L. C. Q.; KOSLINSKI, M. C.; ALVES, F.; LASMAR, C. (Orgs.). **Desigualdades urbanas, desigualdades escolares**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles: IPPUR/UFRJ, p. 67-89, 2010.

ANDIFES (Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior). **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as)**

**Graduandos (as) das IFES** – 2018. Brasília: Fonaprace, 318p. 2019. Disponível em: <<https://www.andifes.org.br/?p=79639>>. Acesso em 04 fev. 2022.

ARROYO, Mónica. X Encontro de Geógrafos da América Latina Por uma Geografia Latino-Americana. Do Labirinto da Solidão ao Espaço da Solidariedade. **Cadernos PROLAM/USP** 4 (1), p. 119-123. 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/prolam/article/view/81788/85096>>. Acesso em 18 abr. 2019.

ASCHER, François. **Metapolis**: acerca do futuro da cidade. Oeiras: Celta, 1998. 240p.

BAENINGER, Rosana. Movimentos migratórios no contexto paulista: tendências da década de 80. *In*: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 10., 1996, Caxambu. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ABEP, p. 675-704, 1996.

BAENINGER, Rosana. Migrações internas no Brasil século 21: evidências empíricas e desafios conceituais. *In*: CUNHA, José Marcos Pinto da (Org.). **Mobilidade espacial da população**: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2011.

BAENINGER, Rosana. Migrações internas no Brasil: tendências para o século XXI. **Revista NECAT**. Ano 4, n.7, p. 9-22, Jan- Jun de 2015.

BABBIE, Earl. **Métodos de Pesquisas de Survey**. Tradução Guilherme Cezarino. 3. reimpr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 519 p.

BAILEY, Adrian. **Making Population Geography**. London: Hodder Arnold, 2005.

BALBIM, Renato. Mobilidade: uma abordagem sistêmica. *In*: BALBIM, Renato; KRAUSSE, Cleandro; LINKE, Clarisse (Orgs.), **Cidade e Movimento**: Mobilidades e interações no desenvolvimento urbano. Brasília: IPEA/ITDP, p. 23-42, 2016.

BARBARY, Olivier; DUREAU, Françoise. Des citadins en mouvement, analyse des pratiques résidentielles à Quito (Equateur). **Cahiers des Sciences Humaines**, 29, p. 395-418, 1993.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 9. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017. 315 p.

BARBOSA, Jorge Luiz. O significado de mobilidade na construção democrática da cidade. *In*: BALBIM, Renato; KRAUSSE, Cleandro; LINKE, Clarisse (Orgs.), **Cidade e Movimento**: Mobilidades e interações no desenvolvimento urbano. Brasília: IPEA/ITDP, p. 43-56, 2016.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Demogeografia**: los grandes problemas de la población mundial. Tradução: Nuria Bozzo Durán. Volume 15 - Biblioteca Universitaria Labor. Barcelona: Editorial Labor, 1972. 420 p.

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia da população**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2 ed., 1980.

BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade Espacial da População: Conceitos, Tipologias, Contextos. *In*: CASTRO, I.E. de; GOMES, P.C. da C.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 319-367, 1997.

BERGER, Martine. **Les périurbains de Paris**: De la ville dense à la métropole éclatée ? Nouvelle édition [en ligne]. Paris: CNRS Éditions, 2004. Disponível em: <<http://books.openedition.org/editions-cnrs/9397>>. Acesso em: 04 jan. 2019.

BERNARDES, Júlia Adão; SILVA, Catia Antonia da. (Orgs.). **Modernização e território**: Entre o passado e o presente do Norte Fluminense. Rio de Janeiro: Lamparina, CAPES, 2014.

BERSOT, Irla Farah. Movimento pendular: o deslocamento diário dos estudantes universitários de Conceição de Macabu com destino a Campos dos Goytacazes no Norte Fluminense. *In*: Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 16., 2019, XVI SIMPURB. **Anais [...]**. Vitória: UFES, p. 1367-1384, 2019.

BILSBORROW, Richard E. (Org.). **Migration, Urbanization, and Development**: New Directions and Issues. New York: UNFPA/Kluwer, 1998.

BILSBORROW, Richard E. Temas metodológicos claves en el estudio de la migración en países en desarrollo: teoría, recolección de datos y políticas. *In*: CUNHA, José Marcos (Org.) **Mobilidade espacial da população**: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: Nepo/Unicamp, p. 17-31, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, p. 133-144. 2013.

BORGES, Vyctoria de Lima. **Prevalência de Tontura e fatores associados em universitários** - 2021. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Graduação em Fonoaudiologia - Universidade Federal de São Paulo / Escola Paulista de Medicina, São Paulo, 2021.

BORTOLANZA, Juarez. **Trajetória do ensino superior brasileiro** - Uma busca da origem até a atualidade. *In*: XVII Colóquio internacional de gestão universitária, Argentina, p. 01-16. 2017. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181204/101\\_00125.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/181204/101_00125.pdf?sequence=1). Acesso em 21 ago. 2019.

BRAGA, Fernando; MATOS, Ralfo. Quem são os migrantes das metrópoles? Uma análise comparativa das pessoas que entraram e saíram das regiões metropolitanas brasileiras. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, Portugal, n. 11, p. 59-81, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/got/n11/n11a04.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em 11 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional (LDB). Brasília, 20/dez/1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em: 24 out. 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001.** Dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior e dá outras providências. Brasília, 12 de julho de 2001. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/110260.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110260.htm)>. Acesso em 06 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005.** Institui o Programa Universidade para Todos – PROUNI [...]. Brasília, 13 de janeiro de 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11096.htm)>. Acesso em 06 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 6.096/2007, de 24 de abril de 2007.** Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Brasília, 24 de abril de 2007. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm)>. Acesso em 06 nov. 2019.

BRASIL. **Portaria Normativa nº 2, de 26 de janeiro de 2010.** Brasília, 2010. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=2704-sisuportarianormativa2&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=2704-sisuportarianormativa2&Itemid=30192)>. Acesso em 06 nov. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.202, de 14 de janeiro de 2010.** Altera a Lei no 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES. Brasília, 14 de janeiro de 2010. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12202.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12202.htm)>. Acesso em 06 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Análise sobre a Expansão das Universidades Federais 2003 a 2012.** Relatório da Comissão Constituída pela Portaria nº 126/2012. Brasília, 2012. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/docman/janeiro-2013-pdf/12386-analise-expansao-universidade-federais-2003-2012-pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007.** Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6096.htm). Acesso em: 6 nov. 2019.

BRASIL. **Decreto-lei nº 9.057, de 25 de maio de 2017.** Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [2017]. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm)>. Acesso em: 14 ago. 2019.

BRASIL. Portaria nº 1.428, de 28 de dezembro de 2018. Dispõe sobre a oferta, por Instituições de Educação Superior - IES, de disciplinas na modalidade a distância em cursos de graduação presencial. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 31 dez. 2018. Disponível em: <[http://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57496468/do1-](http://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/57496468/do1-)

[2018-12-31-portaria-n-1-428-de-28-de-dezembro-de-2018-57496251](http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6725829)>. Acesso em 11 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). **Relatório do 2º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação** – 2018. 2. ed. – Brasília, DF: Inep, 2019. Disponível em: <[http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset\\_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6725829](http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6725829)>. Acesso em 19 nov. 2019.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho (PDET). **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Acesso on-line a base de dados, Brasília: 2019. Disponível em: <<https://bi.mte.gov.br/bgcaged/login.php>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

BRUNET R., 1975, Pour une nouvelle définition de la migration, in **4ème colloque de démographie**, Paris, CNRS, p. 527-529.

CAMPOS, Marden Barbosa de. Repensando as migrações a partir de um arcabouço processual multiescalar. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.** [on-line]. Brasília, v. 27, n. 57, p. 123-139, 2019.

CARDOSO, Adalberto. Juventude, Trabalho e Desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 293-314, 2013.

CARDOSO, Rodrigo. Cidades principais e secundárias na Europa: uma caracterização dos contrastes à escala da região urbana. **Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)**, Porto, n. 7, p. 85-109, jun. 2015.

CARDOSO, Haroldo Junior Martins; LOBO, Carlos Fernando. Mobilidade Espacial de populações: definições, tipologias e conceitos. In: 4ª Jornada Científica da Geografia Unifal, 2016. **Anais** [...]. Alfenas: UNIFAL, p. 476-482, 2016.

CARVALHO, Ailton Mota de; TOTTI, Maria Eugênia Ferreira (Orgs.). **Formação histórica e econômica do Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. A mercantilização da educação superior brasileira e as estratégias de mercado das instituições lucrativas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 54, p. 761-776, 2013.

CASTELLS, Manuel (1972). **A questão urbana**. Trad. Arlene Caetano. 3.ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2006.

CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia. Migração: abordagens teóricas. In: ARAGÓN, Luís E. **Migração Internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFGA, v. 1, p. 39-57, 2009.

CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia. Transição migratória e urbana no estado do Espírito Santo - 1950 a 2010. **Caminhos de Geografia**, v. 20, n. 72, p. 33-53, dez. 2019.

CASTILLO, Ricardo Abid. Mobilidade geográfica e acessibilidade: uma proposição teórica. **Geosp – Espaço e Tempo** (On-line), v. 21, n. 3, p. 644-649, dez. 2017.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CHEVALIER, Jacques. Espace de vie ou espace vécu? L'ambiguïté et les fondements du concept d'espace vécu. **L'Espace Géographique**, n.1, p. 68. 1974.

CORRÊA, Roberto Lobato. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P.C. da C.; CORRÊA, R.L. (Org.). **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1997.

CORRÊA, Roberto Lobato. Processos, formas e interações espaciais. **Revista Brasileira de Geografia**, v. 61, n. 1, p. 127-134, 2016.

COSTA, Danielle Dias da; FERREIRA, Norma-Iracema de Barros. O PROUNI na educação superior brasileira: indicadores de acesso e permanência. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 22, n. 1, p. 141-163, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v22n1/1982-5765-aval-22-01-00141.pdf>>. Acesso em 06 nov. 2019.

COURGÉAU, Daniel. **Le concept de migration**, Migrations, état civil, recensements administratifs, actes du IVème colloque de démographie africaine, Ouagadougou, Institut national de la statistique et de la démographie, p. 27-32, 1975.

COURGÉAU, Daniel. **Analyse quantitative des migrations humaines**, Paris, New-York, Barcelone, Milan, 1980, 230 p.

COURGÉAU, Daniel. **Méthodes de Mesure de la Mobilité Spatiale**: migrations internes, mobilité temporaire, navettes. Paris: Éditions de L'Institut National d'Études Démographiques. 1988. 306 p.

COURGÉAU, Daniel; LELIÈVRE, Eva. **Analyse démographique des biographies**. Collection: Manuels et Textes fondamentaux, 1989, 268 p.

COURGÉAU, Daniel; LELIÈVRE, Eva. Individual and Social Motivations for Migration. In: **Demography: Analysis and Synthesis**. p. 345-357, 2006.

CRESSWELL, Tim. **On the move**: mobility in the modern western world. New York: Routledge, 2006.

CRESPO, Regina Márcia Gomes. **Políticas Educacionais e Magistério em Terras Fluminenses**: Itinerário Socio-histórico no Curso de Formação de Professores no Instituto de Educação de Campos, nas Décadas de 1950-1960. 2009. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.

CUNHA, Aparecido Soares. **A migração na Região Metropolitana de São Paulo e os espaços da mobilidade intrametropolitana - 1980/2010**. 2015. 376f. Tese (Doutorado em Demografia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281263>>. Acesso em: 07 out. 2019.

CUNHA, José Marcos Pinto da (Org.). **Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo** (Apresentação). Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2011.

CUNHA, José Marcos Pinto da (Org.). Retratos da mobilidade espacial no Brasil: os censos demográficos como fonte de dados. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**. [on-line], v.20, n.39, p. 29-50, 2012.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Demografia e Políticas Públicas: uma combinação sugestiva e necessária. *In*: MARQUES, E. e FARIA, C.A.P. (org.). **A política pública como campo multidisciplinar**. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, p. 201-223, 2013.

CUNHA, José Marcos Pinto da (Org.). Informação Verbal. *In*: XXI Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 21., 2018, Poços de Caldas. **Sessão Temática 11: Migração de retorno e mobilidade pendular**. Minas Gerais: ABEP, 2018.

CUNHA, José Marcos Pinto da; JAKOB, A. A. E. ; JIMENEZ, Maren Andrea ; TRAD, I. L. . Expansão metropolitana, mobilidade espacial e segregação nos anos 90: o caso da RM de Campinas. *In*: CUNHA, José Marcos Pinto da (Org.). **Novas Metrôpoles Paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp, v. 1, p. 337-363, 2006.

CUNHA, J. M. P.; STOCO, S.; DOTA, E. M.; NEGREIROS, R.; MIRANDA, Z. A. I. de. A mobilidade pendular na Macrometrópole Paulista: diferenciação e complementaridade socioespacial. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, SP, v. 15, n. 30, p. 433-459, 2013.

DAMIANI, Amélia. **População e geografia**. 9. ed., 1ª reimp, São Paulo: Contexto, 2008.

DELGADO, Paulo Roberto; DESCHAMPS, Marley Vanice; MOURA, Rosa; CINTRA, Anael Pinheiro de Ulhôa. Mobilidades nas Regiões Metropolitanas Brasileiras: Processos Migratórios e Deslocamentos Pendulares. *In*: BALBIM, Renato; KRAUSSE, Cleandro; LINKE, Clarisse (Orgs.), **Cidade e Movimento: Mobilidades e interações no desenvolvimento urbano**. Brasília: IPEA/ITDP, p. 223-245, 2016.

DERRUAU, Max. **Geografia Humana I**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

DI MÉO, G. De l'espace subjectif à l'espace objectif: l'itinéraire du labyrinthe. **L'Espace Géographique**, n.4, p. 359-373, 1990.

DOMENACH, Hervé; PICOUET, Michel. **El carácter de reversibilidad en el estudio de la migración**. Notas de población, año 18, n. 49. Santiago, p. 49-69, 1990.

DOTA, Ednelson Mariano. **Mobilidade residencial intrametropolitana na RM de Campinas: uma abordagem a partir da distribuição espacial dos migrantes**. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015.

DOTA, Ednelson Mariano; QUEIROZ, Silvana Nunes de. Migração interna em tempos de crise no Brasil. **Rev. Bras. Estud. Urb anos Reg.**, São Paulo, v.21, n.2, p. 415-430, 2019.



DURHAM, Eunice R. **O ensino superior no Brasil: público e privado**. São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior (NUPES)/USP, 2003.

EGAL (Encuentro de Geógrafos de América Latina). **Agenda XVII EGAL**. Disponível em: <<https://egal19.puce.edu.ec/cronograma>>. Acesso em 18 abr. 2019.

ERVATTI, Leila Regina; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Perspectivas para a mensuração do fenômeno migratório no Brasil. In: **Reflexões sobre os Deslocamentos Populacionais no Brasil**. OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto de; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de (Orgs.). Rio de Janeiro: IBGE. Estudos e Análises. Informação demográfica e socioeconômica, n. 1. 110p. p. 89-105, 2011.

EVANS, J. R.; MATHUR, A. The value of on-line surveys. **Internet Research**, v. 15, n. 2, p. 195-219, 2005.

FALEIROS, Fabiana; KAPPLER, Christoph; SILVA, Simone Souza da Costa; PONTES, Fernando Augusto Ramos; GOES, Fernanda dos Santos Nogueira de; CUCICK, Cibele Dias. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto & Contexto Enfermagem**. UFSC, v. 25, p. 01-06, 2016.

FREITAS, Patrícia Ponte de. Geografia da População: Novas Abordagens e Possibilidades de Estudo. In: Congresso Brasileiro de Geógrafos (CBG), 7., 2014, Vitória. **Anais eletrônicos [...]**. Vitória: AGB, 2014. Disponível em: <[http://www.cb2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403926483\\_ARQUIVO\\_GEOGRAFIAD\\_APOPULACAO\\_artigo\\_PatriciaPonte.pdf](http://www.cb2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403926483_ARQUIVO_GEOGRAFIAD_APOPULACAO_artigo_PatriciaPonte.pdf)>. Acesso em: 28 dez. 2018.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares**. 2000. 120p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000220589>>. Acesso em: 12 out. 2022.

FUSCO, Wilson; OJIMA, Ricardo. Educação e desenvolvimento regional: os efeitos indiretos da política de descentralização do ensino superior e a mobilidade pendular no estado de Pernambuco. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 13, p. 247-263, 2017.

GALINDO, Filipe Soto; FERNANDEZ, Elaine Costa; DENOUX, Patrick. Influência do contexto cultural na escolha de estratégias identitárias individuais e coletivas em situação de mobilidade. In: Simpósio de Pesquisa sobre Migrações: Cadernos de resumos, 5.; 2017, Rio de Janeiro. **Resumos [...]**. Rio de Janeiro: UFRJ, Périplos, p. 237-242, 2017.

GALSTER, G. C.; KILLEN, S. P. **The Geography of Metropolitan Opportunity: A Reconnaissance and Conceptual Framework**. Housing Policy Debate 6, n.1, p. 7-43, 1995.

GEORGE, Pierre. Demogeografia: Introduction à l'étude géographique de la population du monde. In: Panorama da Geografia, vol. III, Livro Quatro: **Demogeografia**. Lisboa, Ed. Cosmos, 288 p., 1955.

GEORGE, Pierre. **Geografia da População**. 2ª ed. Coleção Saber atual. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. 5. ed, São Paulo: Atlas, 1999.

GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves; OLIVEIRA, Elzira Lúcia de; PIQUET, Rosélia. Educação e cidades médias: a nova centralidade de Campos dos Goytacazes – RJ. In: II Simpósio Internacional sobre Cidades Médias Universidade Federal de Uberlândia. **Anais...** Uberlândia - Minas Gerais, p. 1-16, 2006.

GOLGHER, André Braz. **Fundamentos da migração**. Texto para discussão nº 231. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2004.

GOMES, Marleide da Mota. A neurologia no Brasil: considerações geodemográficas. **Rev Bras Neurol**. v. 50, n.4, p. 83-87, 2014.

GOTTDIENER, Mark. **A produção Social do Espaço Urbano**. São Paulo: EDUSP, 1993.

GOULD, W. T. S. **Population and development**. Routledge, New York, 2009. 299 p.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 10 ed. 2016. 396 p.

HÄGERSTRAND, Torsten. ¿Que hay acerca de las personas em la ciência regional? **Série Geográfica**, n. 1, Geografias Personales – Universidad de Alcalá de Henares, 1991.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança social**. São Paulo: Loyola, 1992. 349p.

ICPG (International Conference on Population Geographies). **9th International Conference on Population Geographies**. 2017. Disponível em: <<https://depts.washington.edu/icpg2017/>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Regiões de influência das cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. 201 p. Disponível em: <[http://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/\\_arquivos/regic\\_28.pdf](http://www.mma.gov.br/estruturas/PZEE/_arquivos/regic_28.pdf)>. Acesso em: 31 out. 2019.

\_\_\_\_\_. **Manual do Recenseador: Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos\\_de\\_coleta/doc2374.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/instrumentos_de_coleta/doc2374.pdf)>. Acesso em: 08 jan. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo Demográfico 2010: Educação e deslocamento. Resultados da amostra**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2012. ISSN 0104-3145. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/545/cd\\_2010\\_educacao\\_e\\_deslocamento.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/545/cd_2010_educacao_e_deslocamento.pdf)>. Acesso em 07 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2015**. Estudos e pesquisas. n. 35. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 137p. ISSN 1516-3296.

\_\_\_\_\_. **Arranjos Populacionais e Concentrações Urbanas do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99700.pdf>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Divisão regional do Brasil em Regiões Geográficas Imediatas e Regiões Geográficas Intermediárias**: 2017/IBGE, Coordenação de Geografia – Rio de Janeiro: IBGE, 2017a.

\_\_\_\_\_. **Tipologia Intraurbana**: espaços de diferenciação socioeconômica nas concentrações urbanas do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE, 2017b. 164p.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. Educação 2017. IBGE: 2018a. ISBN 978-85-240-4458-8. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101576_informativo.pdf)>. Acesso em 19 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Síntese de Indicadores Sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira - 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018b. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>>. Acesso em 19 abr. 2019.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. Rendimento de todas as fontes 2016-2017. IBGE: 2018c. ISBN 978-85-240-4453-3. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101559\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101559_informativo.pdf)>. Acesso em 15 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo 2020**: Com questionário definido, conheça as perguntas que serão feitas no Censo 2020. 2019a. <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24914-com-questionario-definido-conheca-as-perguntas-que-serao-feitas-no-censo-2020>>. Acesso em 07 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: Notas técnicas. Versão 1.6. Rio de Janeiro: IBGE, 2019b. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101674\\_notas\\_tecnicas.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101674_notas_tecnicas.pdf)>. Acesso em 19 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. Educação 2018. IBGE: 2019c. ISBN 978-85-240-4495-3. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101657_informativo.pdf)>. Acesso em 20 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa de Orçamentos Familiares**: 2017-2018: primeiros resultados. Rio de Janeiro: IBGE, 2019d. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101670.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **Sistema IBGE de Recuperação Automática – SIDRA**. Tabela 200; Tabela 2093. [s.d.]. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/200>. Acesso em: 12 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Cidades**. 2020a. População, Território e Ambiente. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

\_\_\_\_\_. **Regiões de influência das cidades: 2018** / IBGE, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2020b. 192 p. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101728.pdf>>. Acesso em 19 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. Rendimento médio mensal real das pessoas de 14 anos ou mais de idade, de todos os trabalhos, a preços médios do último ano, por sexo. SIDRA, Tabela 7444. IBGE: 2020c. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7444>>. Acesso em 13 dez. 2021.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua)**. Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2019. Tabela 7336. PNAD contínua anual. IBGE: 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnad-continua.html?edicao=30362&t=resultados>>. Acesso em 08 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. **Manual do Recenseador: Censo Demográfico 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <<https://censos.ibge.gov.br/sobre/treinamento/manuais.html>>. Acesso em: 12 out. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo da Educação Superior, Notas Estatísticas 2017**. Brasília: INEP, 2018. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2018/censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2017-notas\\_estatisticas2.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf)>. Acesso em 13 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. Censo da Educação Superior 2018, Microdados. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/censo-da-educacao-superior>>. Acesso em 14 dez. 2021.

IPC (International Population Conference). **Sessões IPC2021 visíveis online**. 2021. Disponível em: <<https://iussp.org/en/ipc2021-sessions-viewable-online>>. Acesso em 10 mar. 2022.

JAKOB AAE, YOUNG AF. O uso de métodos de interpolação espacial de dados nas análises sociodemográficas. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 15, 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ABEP, 2006.

JANNUZZI, Paulo de Martino. A importância da informação estatística para as políticas sociais no Brasil: breve reflexão sobre a experiência do passado para considerar no presente. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 35, n.1, p. 01-10, 2018.

JARDIM, Antonio de Ponte; ERVATTI, Leila Regina. Migração pendular intrametropolitana no Rio de Janeiro: a condição de vida das pessoas que trabalham ou estudam fora do município de residência em 1980 e 2000. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 15., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ABEP, 2006.

JARDIM, Antonio de Ponte. Reflexões sobre a mobilidade pendular. *In: Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto de; OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de (Orgs.). IBGE. **Estudos e Análises**, nº1, p. 58-70, 2011.

KAUFMANN, Vincent. **Re-thinking Mobility**. Contemporary Sociology, Aldershot: Ashgate. 2002.

LAMAS, Carlos. **La Geodemografía Y la investigación de medios**. In: IV Seminario de AEDEMO sobre Medios Impresos, Radio y Publicidad Exterior. Bilbao, Noviembre de 1994. 12p.

LEE, Everett S. Uma teoria sobre a migração. In: MOURA, H. A. de (Coord.). **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE, p. 89-114, 1980.

LELIÈVRE, Eva. Collecter des données de mobilité: des histoires migratoires aux biographies d'entourage. **Espace, populations, sociétés**, n.2, p. 195-205, 1999.

LELIÈVRE Eva; ROBETTE Nicolas. **Les espaces de référence des individus**: définir et mesurer les espaces de vie. Congrès International de la Population, IUSSP, Tours, 2005.

LÉVY, Jacques. Os novos espaços da mobilidade. **GEOgraphia**, Niterói, v.3, n.6, p.7-17, jul./dez. 2001. Disponível em: <<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/62/60>>. Acesso em: 18 dez. 2017.

LÉVY, Jacques; LUSSAULT, Michel. **Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés**. 2. ed. Paris: Belin, 2003. 1033 p.

LIMA, William de Mendonça. **Novas mobilidades, espaço de vida e desempenho escolar**: o caso dos estudantes de ensino médio no município de Natal – RN. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, 2015.

LIMA, William de Mendonça; FREIRE, Flavio Henrique Miranda de Araujo; OJIMA, Ricardo. Mobilidade e rendimento escolar dos estudantes de ensino médio em Natal (RN, Brasil). **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 10, n. 2, p. 346-356, 2018.

LIMA, William de Mendonça. **Desigualdades territoriais e educacionais**: estudar lá é melhor do que aqui? 2020. 221f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2020.

LIRA, Jonatha Rodrigo de Oliveira. **Migração e mobilidade na fronteira**: concentração de imigrantes internacionais e formação de espaços de vida na Amazônia brasileira. 2017. 154 f. Tese (Doutorado em Demografia). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

LIRA, Pablo; CASTIGLIONI, Aurélia Hermínia; JABOR, Pablo; COLATTO, Fábio. Transformações, Permanências e Desafios na Mobilidade Espacial Metropolitana: Movimentos Pendulares na Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV). **Geografares**, [S. l.], n. 24, p. 58–80, 2017.

LIRA, Pablo Silva. Movimentos pendulares e a (i) mobilidade urbana. **Revista ES Brasil**, Vitória, p. 86 - 86, 21 dez. 2018.

LIVI-BACCI, M. **Introducción a la demografía**. Barcelona: Ariel, 1993.

MACIEL, Lidiane; ALMEIDA, Gisele Maria Ribeiro de. As potencialidades da perspectiva qualitativa nas pesquisas sobre as identidades sociais e os projetos de mobilidade. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 21., 2018, Poços de Caldas. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ABEP, 2018.

MARANDOLA JR., Eduardo. Mobilidade e vulnerabilidade nos espaços de vida de Campinas. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 15, 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ABEP, 2006.

MARANDOLA JR, Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. 2008. 278f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, SP, 2008.

MARANDOLA JR, Eduardo. Mobilidades contemporâneas: distribuição espacial da população, vulnerabilidade e espaços de vida nas aglomerações urbanas. *In: CUNHA, J. M. (Org.) Mobilidade espacial da população: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo*. Campinas: Nepo/Unicamp, p. 95-115, 2011.

MARANDOLA JR, Eduardo.; HOGAN, Daniel Joseph. Vulnerabilidades e riscos: entre geografia e demografia. **R. bras. Est. Pop.**, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 29-53, jan./jun. 2005.

MARANDOLA JR, Eduardo. Vulnerabilidade do lugar vs. vulnerabilidade sociodemográfica: implicações metodológicas de uma velha questão. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 161-181, jul./dez. 2009.

MARANDOLA JR, Eduardo e MELLO, Leonardo F. de. “Lugar” e “espaço de vida”: novos enfoques para o planejamento e a participação? *In: Encontro Latino-Americano de Geógrafos*, 10, 2005, São Paulo. **Anais e Contribuições Científicas**. São Paulo: Depto. de Geografia, FFLCH/USP, p. 8502-8522, 2005.

MARANDOLA JR, Eduardo; OJIMA, Ricardo. Pendularidade e vulnerabilidade na Região Metropolitana de Campinas: repercussões na estrutura e no habitar urbano. **R. B. Estudos Urbanos e Regionais**, v.16, n.2, p.185-204, 2014.

MARQUES, César. Desafios teóricos e tendências recentes na demografia espacial e ambiental brasileira. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 18., 2012, Águas de Lindóia, **Anais [...]**. São Paulo: ABEP, 2012.

MARQUES, Antonio Carlos Henriques; CEPÊDA, Vera Alves. Um Perfil Sobre a Expansão do Ensino Superior Recente no Brasil: aspectos democráticos e inclusivos. **Perspectivas**, São Paulo, v. 42, p. 161-192, 2012.

MARTINS, Bibiana Volkmer. **Expansão e Diversificação do Ensino Superior no Brasil: a mobilidade social e a inserção profissional dos jovens estudantes e egressos de cursos superiores da região metropolitana de Porto Alegre-RS**. 2016. Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Trad. Florestan Fernandes. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MATOS, Ralfo; BRAGA, Fernando. Redes Sociais, Redes Territoriais e Migrações. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 14, 2004, Caxambu. **Anais [...]**. Minas Gerais: ABEP, 2004.

MATOS, Ralfo (Org.). **Espacialidades em rede**: População, urbanização e migração no Brasil contemporâneo. Belo Horizonte: C/ Arte, 2005.

MEC. Ministério da Educação. Cotas. **Legislação**. 2012. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cotas/legislacao.html>>. Acesso em 06 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação - Lei nº 13.005/2014**. 2014. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>>. Acesso em 12 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. PNE em movimento. Situação das Metas dos Planos de educação. **Meta 12 – Educação Superior**. 2015. Disponível em: <[http://simec.mec.gov.br/pde/grafico\\_pne.php](http://simec.mec.gov.br/pde/grafico_pne.php)>. Acesso em 12 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Levantamento**. Censo da Educação Superior. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/57711-inep-divulga-cronograma-do-censo-da-educacao-superior-deste-ano>>. Acesso em: 07 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. **Censo da Educação Superior 2018**: Divulgação dos resultados. Brasília-DF, set/2019. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2019/apresentacao\\_censo\\_superior2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/apresentacao_censo_superior2018.pdf)>. Acesso em: 07 maio 2020.

MELLO, L.F. de; PIRES, M.C.S.; OJIMA, R.; MARANDOLA JR. E. A busca do lugar: mobilidade e riscos no espaço metropolitano de Campinas. *In: Seminário Questão ambiental urbana: experiências e perspectivas*, 2004, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Neur, p. 1 – 25, 2004.

MÓDENES, Juan. A. Movilidad espacial, habitantes y lugares: retos conceptuales y metodológicos para la geodemografía. **Estudios Geográficos**, LXIX, n.264, p. 157-178, 2008.

MOURA, Rosa; BRANCO, Maria Luisa G. Castello; FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **Revista São Paulo em Perspectiva**. v.19, n.4, p. 121-133, 2005.

NACIONES UNIDAS, **Métodos de Medición de la Migración Interna**, Manual VI, Nueva York, 1972.

NACIONES UNIDAS. Organización Internacional para las Migraciones (OIM). **Informe sobre las migraciones en el mundo 2018**. Ginebra, 2018. Disponível em: <[https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr\\_2018\\_sp.pdf](https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2018_sp.pdf)>. Acesso em: 08 jan. 2019.

NAÇÕES UNIDAS. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. **Objetivo 4 – Educação de Qualidade**. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/ods4/>>. Acesso em 12 ago. 2019.

NOVELLA, Rafael; REPETTO, Andrea; ROBINO, Carolina; RUCCI, Graciana (Ed.). **Millennials en América Latina y el Caribe: ¿trabajar o estudiar?** Banco Interamericano de Desarrollo: 2018. ISBN: 978-1-59782-339-5. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18235/0001410>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

OECD. **Education at a Glance 2018: OECD Indicators**. Paris: Organisation for Economic Co-Operation and Development - OECD, 2018. 458 p. ISBN 978-92-64-30339-3. Disponível em: <<https://doi.org/10.1787/eag-2018-en>>. Acesso em 10 abr. 2019.

OJIMA, Ricardo; MONTEIRO, Felipe Ferreira; NASCIMENTO, Tiago Carlos Lima do. Urbanização dispersa e mobilidade no contexto metropolitano de Natal: a dinâmica da população e a ampliação do espaço de vida. **URBE - Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v. 7, n. 1, p. 9-20, 2015.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. **Administração On line**, São Paulo, v. 3, n. 2, p.1-15, 2001.

OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de; Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. *In*: Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. Luiz Antonio Pinto de Oliveira; Antônio Tadeu Ribeiro de Oliveira (Orgs.). IBGE. **Estudos e Análises**, nº1. p. 11-27, 2011.

OLIVEIRA, Elzira Lúcia de; GIVISIEZ, Gustavo Henrique Naves. Mobilidade espacial, demografia e desigualdade no Norte Fluminense. **Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política**. V. 4, n. 1, p. 65-92, 2015.

OLIVEIRA, Jennifer C.; *et al.* Uma análise sobre o sistema de ensino superior brasileiro: o modelo de universidades privadas e públicas e sua relação com o desenvolvimento. *In*: XVI Congresso Internacional FOMERCO. Salvador, set. 2017. **Anais [...]**. Disponível em: [http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1508100553\\_ARQUIVO\\_FOMERCO\\_versaofinal\\_FORMATADO.pdf](http://www.congresso2017.fomerco.com.br/resources/anais/8/1508100553_ARQUIVO_FOMERCO_versaofinal_FORMATADO.pdf)>. Acesso em 16 ago. 2019.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil: padrões etários, por sexo e origem/destino. *In*: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 14, 2004, Caxambu. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ABEP, 2004.

OLIVEIRA, Ramon Carrilho Corrêa de; AZEREDO, Thalía Machado de. **Deslocamentos populacionais cotidianos na região Norte Fluminense**: o movimento pendular de estudantes fidelenses com destino a Campos dos Goytacazes, R.J. (2017). 2018. 73f. Monografia (Licenciatura em Geografia) – Instituto federal Fluminense (IFF), Campos dos Goytacazes, 2018.

PATARRA, Neide; CUNHA, José Marcos Pinto. Migração um tema complexo. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 1, n. 2, p. 32-35, 1987.

PEIXOTO, João. Dinâmicas e regimes migratórios: o caso das migrações internacionais em Portugal. **Análise Social**, v. XLII (183), p. 445-469. 2007.



PEREIRA, Rafael Henrique Moraes. Polarização urbana e mobilidade da população: O caso dos deslocamentos pendulares na rede pública de ensino médio do Distrito Federal. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 15., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ABEP, 2006.

PEREIRA, Rafael Henrique Moraes. **Processos sócioespaciais, reestruturação urbana e deslocamentos pendulares na Região Metropolitana de Campinas**. 2008. 165 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PEREIRA, Rafael Henrique Moraes; HERRERO, Verónica. **Mobilidade pendular: uma proposta teórico-metodológica**. *In: IX Jornada Argentina de Estudios de Población*. Huerta Grande (COR), Argentina, 2007. Texto para discussão nº 1395. Rio de Janeiro: INEA, 2009.

PÉREZ, Cristóbal Mendoza. Geografía de la población: cuantitativos versus teóricos. *Cuadernos de Geografía - Revista Colombiana de Geografía*. Bogotá, n. 19, p. 9-25, 2010.

PESSANHA, Roberto Moraes; NETO, Romeu e Silva (Orgs.). **Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo**. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC, 2004.

PIQUET, Rosélia. **Ensino Superior e vocação regional: uma análise referida ao Norte Fluminense**. *In: Boletim Técnico do SENAC*. Rio de Janeiro, vol. 30, n.2, 2004. Disponível em: <<http://www.bts.senac.br/index.php/bts/article/view/517>>. Acesso em: 14 out. 2019.

POPULATION REFERENCE BUREAU. **Guia Rápida de Población**. 4. ed. Washington: PRB, 2003. Disponível em: <[http://www.prb.org/pdf/PopHandbook\\_Sp.pdf](http://www.prb.org/pdf/PopHandbook_Sp.pdf)>. Acesso em 08 jan. 2019.

POULAIN, Michel. **Contribution à l'analyse spatiale d'une matrice de migration interne**. Recherches démographiques, cahier n.3, Département de démographie, Université Catholique de Louvain, Cabay, Louvain-la-Neuve, Belgique, 1980.

POULAIN, Michel. **La migration: Concepts et méthodes de mesure, communication à la Chaire Quételet, Migrations internes**, Université Catholique De Louvain, Louvain-la-Neuve, 1983, 34 p.

PRUMO LOGÍSTICA GLOBAL. **Porto do Açú. 2015**. Disponível em: <<https://www.prumologistica.com.br/porto-do-acu/>>. Acesso em: 08 nov. 2019.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMALHO, Hilton Martins de Brito; BRITO, Danyella Juliana Martins de. Migração intrametropolitana e mobilidade pendular: evidências para a região metropolitana do Recife. **Estudos Econômicos** [on-line]. v. 46, n.4, p. 823-877, 2016.

RAVENSTEIN, Ernst Georg. The Laws of Migration. **Journal of the Statistical Society of London**, v. 48. n.2, p. 167-235, Jun, 1885.

RAY, Nina M.; TABOR, Sharon W. Cyber surveys come of age. *Marketing Research*, Spring, pp. 32-37, 2003.

RIBEIRO, Marcelo Gomes. **Educação, Estrutura Social e Segmentação Residencial do Território Metropolitano**: análise das desigualdades de renda do trabalho em regiões metropolitanas do Brasil. 2012. 325f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2012.

ROBAINA, Igor Martins Medeiros. **Entre mobilidades e permanências**: uma análise das espacialidades cotidianas da população em situação de rua na área central da cidade do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

ROBETTE, Nicolas. **De l'espace de vie à l'espace d'une vie**: décrire les espaces de vie individuels. 438f. Tese (Doutorado em Demografia) - Histoire, Philosophie et Sociologie des sciences. Université Panthéon-Sorbonne - Paris I, França, 2009.

ROBETTE, Nicolas. Les espaces de vie individuels: de la géographie à une application empirique en démographie. **Cybergeo**: Revue européenne de géographie / European journal of geography, UMR 8504 Géographie-cités, p.1-22, 2012.

ROCA, Maria de Nazaré Oliveira. Espaço-Tempo e Mobilidade Territorial. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, n. 12, Lisboa, Edições Colibri, p.255-266, 1998.

RODRÍGUEZ VIGNOLI, Jorge. Qué definiciones, que teorías, qué fuentes y qué metodologías precisamos para el estudio de la migración interna em la actualidad. *In*: CUNHA, J. M. (Org.) **Mobilidade espacial da população**: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: Nepo/Unicamp, p. 45-70, 2011.

RODRÍGUEZ VIGNOLI, Jorge. Intensidad e impacto redistributivo territorial de la migración interna em América Latina: tendencia y desafíos. **Coyuntura demográfica**, n. 3, p. 85-89, 2013.

ROGERSON, Peter A. **Métodos estatísticos para a geografia**: um guia para o estudante. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2012. 348 p.

ROSARIO, Dina. Um véu estatístico sobre as circulações dos estudantes brasileiros. Reflexões sobre o deslocamento para estudos nos questionários do Censo Demográfico 2010. *In*: Seminário do Grupo de Pesquisa Educação Ciência e Tecnologia, 2, 2012, Valença. **Anais [...]**. Bahia, 2012.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia. 6. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 9. reimpr. São Paulo: Edusp, 2017.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, María Laura. **O Ensino Superior Público e Particular e o Território Brasileiro**. Brasília: ABMES, 2000. 163 p.

SCHMIDT, Christian. Optimal Commuting and Migration Decisions under Commuting Cost Uncertainty. **Urban Studies**. [on-line], v. 51, n. 3, p. 477-492, 2014.

SCHMOELLER, Andréa Pavei. **Avaliação de impacto dos programas FIES e PROUNI**. 2019. 88 p. Dissertação de Mestrado (Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila), Foz do Iguaçu, 2019.

SHISHITO, Katiani Tatíe. **Pesquisa Aplicada às Ciências Sociais**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2018. 208p. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/158729985-Pesquisa-aplicada-as-ciencias-sociais.html>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

SILVA, Érica Tavares. **Estrutura urbana e mobilidade espacial nas metrópoles**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

SILVA, Jamile Delagnelo Fagundes da; SBARDELATI, Cristiane. Regionalização, vocação regional e educação profissional: uma discussão acerca do território. In: VII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, 2015, Santa Cruz do Sul, RS. **Anais[...]** VII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional Globalização em tempos de regionalização, 2015.

SILVA, Maicon Roger Guedes da. **O crescimento das empresas de delivery no contexto da pandemia**. 2021. 46 f. Monografia (Especialização em Gestão de Estratégia). Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Ciências Econômicas, Belo Horizonte, 2021.

SILVA, Nilza Nunes da. **Amostragem probabilística: Um curso introdutório**. 3. ed. - São Paulo: EDUSP, 2015.

SILVA, Roberto Cezar Rosendo Saraiva da; CARVALHO, Ailton Mota de. Formação econômica da Região Norte Fluminense. In: PESSANHA, Roberto Moraes; NETO, Romeu e Silva (Orgs.). **Economia e desenvolvimento no Norte Fluminense: da cana-de-açúcar aos royalties do petróleo**. Campos dos Goytacazes, RJ: WTC, 2004. p. 27-75.

SILVA, Romerito Valeriano da. **Por que, apesar da crise, alguns voltam e outros ficam?** Uma análise comparativa da imigração de retorno de Portugal para o Brasil. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2015.

SILVA, Romerito Valeriano da; FERNANDES, Duval Magalhães. Geografia da População: Origens e Perspectivas. In: Encontro Nacional de Geógrafos, 18, 2016, São Luís. **Anais [...]**. Maranhão, 2016. Disponível em: <[http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467052999\\_ARQUIVO\\_Artigo\\_Geograf\\_iadapopulacao.pdf](http://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1467052999_ARQUIVO_Artigo_Geograf_iadapopulacao.pdf)>. Acesso em: 01 jan. 2019.

SILVEIRA, Andrea César da; BASTOS, Frederico de Holanda. Impactos da pandemia de covid-19 nos trabalhos de campo das pesquisas geográficas. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 19, n. 2, p. 152-165. 2020. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/15727/12044>>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. 14. ed. rev. São Paulo: Contexto, 1998.

SINGLETON, Alexander; SPIELMAN, Seth. The Past, Present and Future of Geodemographic Research in the USA and UK. **The Professional Geographer**, v. 66, n. 4. p. 558-567, 2014.

SIQUEIRA, Juliana; FAZITO, Dimitri; MONTE-MÓR, Roberto Luís. Rumbos (des)encaminhados hacia una frontera demográfica: repensando las contribuciones de la demografía a los estudios de frontera. **Notas de Población**, v. 42, n. 100, Cepal, p. 125-144, 2015.

SJAASTAD, Larry A. The Costs and returns of human migration. **Journal of political economy**, v. 70, n. 5 (parte 2), p. 80-93, 1962.

SOARES, Weber. **Da metáfora a substância: Redes Sociais, Redes Migratórias e Migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. 2002. 344f. Tese (Doutorando em Demografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2002.

SOLANA, Miguel Solana. 1st International Conference on Population Geographies (del 19 al 23 de julio de 2002) Universitat de Saint Andrews (Escòcia). *In: Documents d'anàlisi Geogràfica*, n. 41, p. 171-175, 2002. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/DocumentsAnalisi/article/viewFile/31778/31612>>. Acesso em: 01 jan. 2019.

SOUSA, Adriano Amaro de. **Território e mobilidade social: o nikkei como profissional liberal no município de Presidente Prudente/SP**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, SP, 2019.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GUIMARÃES, Raul Borges. **Por que a circulação de pessoas tem peso na difusão da pandemia**. 2020. Disponível em: <<https://www2.unesp.br/sharer.php?noticia=35626>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

STAMM, Cristiano; STADUTO, Jefferson Andronio Ramundo. Movimentos pendulares das cidades interioranas de porte médio de Cascavel e Toledo, no Paraná. **Revista brasileira de estudos populacionais** [on-line]. v. 25, n.1, p. 131-149. 2008.

SZMRECSÁNYI, Tamas. Retrospecto histórico de um debate. *In: SANTOS, J. L. F; LEVY, M. S. F.; SZMRECSÁNYI, T. (org.). Dinâmica da população: teoria, métodos e técnicas de análise*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

TAVARES, Jéssica Monteiro da Silva. **Movimentos Pendulares de Estudantes na Região Norte Fluminense**. 2016. 110f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Campos dos Goytacazes, 2016.

TAVARES, Érica; TAVARES, Jéssica Monteiro da Silva. A transição entre categorias de mobilidade nos movimentos populacionais para estudo: migrações e deslocamentos pendulares. *In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, 21., 2018, Poços de Caldas. **Anais** [...]. Minas Gerais: ABEP, 2018. Disponível em: <<http://www.abep.org.br/xxiencontro/arquivos/R0135-1.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

TORINI, Danilo. Questionários on-line. In: CEBRAP. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Quantitativo**. São Paulo: Sesc/CEBRAP, p. 52-75, 2016.

TREWARTHA, Glenn Thomas. A Case for Population Geography. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 43, n. 2, p. 71-97, jun., 1953. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/2561088>>. Acesso em 19 nov. 2018.

TREWARTHA, Glenn Thomas. **Geografia da população: padrão mundial / 1896**. São Paulo: Atlas, 1974.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1, p. 199-218, 2008.

UNITED NATIONS. United Nations Economic Commission for Europe (UNECE). **Conference of European Statisticians Recommendations for the 2020 Censuses of Population and Housing**. UNITED NATIONS: New York and Geneva, 2015. Disponível em: <<https://www.unece.org/publications/2020recomm.html>>. Acesso em: 08 jan. 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). Programa de Pós-Graduação em Demografia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH. **Sobre: Missão**. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/pos/demografia/missao>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

UNFPA. **Relatório da Conferência Internacional sobre população e Desenvolvimento - Plataforma de Cairo, 1994**. Instrumentos Internacionais de Direitos das Mulheres. Fundo de População das Nações Unidas. 2007. 105 p. Disponível em: <<http://www.unfpa.org.br/Arquivos/relatorio-cairo.pdf>>. Acesso em 23 abr. 2019.

URRY, John. **Mobilities**. London: Polity, 2007.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. Como estudar a cidade na longa duração (a noção do tempo na Geografia). **Formação** (on-line), v. 1, n. 6, p. 75-90, 1999.

VOSS, Paul. R. Demography as a spatial social science. **Population Research and Policy Review**, v.26, n.5-6, p. 457-476, 2007.

WACHELKE, João; NATIVIDADE, Jean; ANDRADE, Alexsandro; WOLTER, Rafael; CAMARGO, Brígido. Caracterização e Avaliação de um Procedimento de Coleta de Dados On-line (CORP). **Avaliação Psicológica**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 1, p. 143-146, 2014. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3350/335030683017.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

WELLMAN, Barry. **The persistence and transformation of Community: form neighbourhood groups to social networks**. Report to the Law Commission of Canada. Toronto: 2001.

WUNSCH, Guillaume; TERMOTE, Marc G. **Introduction to Demographic Analysis: principles and Methods**. Plenum Press, New York, 1978.

ZELINSKY, Wilbur. The hypothesis of the mobility transition. **The Geographical Review**, v. 61, n. 2, p. 219-249, 1971.

ZELINSKY, Wilbur. **Introdução à Geografia da População**. Tradução de Fausto Guimarães. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974.

## APÊNDICE

*Apêndice 1* - Questionário da pesquisa on-line (Primeira etapa)

*Apêndice 2* - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

*Apêndice 3* - Questionário semiestruturado (Segunda etapa)

*Apêndice 4* - Página para mapeamento do espaço de vida individual

*Apêndice 1 - Questionário da pesquisa on-line (Primeira etapa)*

## Pesquisa: Mobilidade de Estudantes do Ensino Superior em Campos dos Goytacazes

Prezado(a) estudante de graduação, solicitamos sua participação nesta pesquisa, que dura aproximadamente 10 minutos.

Você concorrerá a um sorteio de uma cesta de chocolates, após responder todas as perguntas.

Como as perguntas se referem ao dia a dia na cidade, em suas respostas, considere o período antes do isolamento social imposto pela pandemia, ou seja, o início de 2020 ou o ano letivo anterior, quando as aulas eram presenciais.

Os dados obtidos contribuirão para uma tese de Doutorado em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O objetivo é analisar o deslocamento de estudantes de nível superior na região Norte Fluminense, principalmente em direção a Campos dos Goytacazes, e seus reflexos no espaço e nos indivíduos, a luz do conceito de Espaço de Vida.

Sua colaboração é essencial para a conclusão da pesquisa. Você pode ajudar também compartilhando o link com outros estudantes de graduação.

Na análise dos resultados, os dados serão apresentados de forma agregada, garantindo assim o sigilo assegurado por lei. Os resultados gerais serão disponibilizados on-line após a conclusão. Ao responder, você concorda em participar da pesquisa. Agradeço muito por sua valiosa participação!

Att, Jéssica Monteiro. Contato: [jessicamonteirost@gmail.com](mailto:jessicamonteirost@gmail.com) / (22)999732129. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Aurélia Hermínia Castiglioni

---

**\*Obrigatório**

### 1. E-mail \*

---

#### 1. Vinculação acadêmica



## 2. 1.1 Em qual Instituição você estuda? \*

*Marcar apenas uma oval.*

ESTÁCIO

FABERJ

FMC

IFF

ISECENSA

ISEPAM

REDENTOR

UCAM

UENF

UFF UNIFLU

UNIVERSO

## 3. 1.2 Em qual curso está matriculado? \*

Marcar apenas uma oval.

- Administração
- Administração pública
- Agronomia
- Análise e desenvolvimento de sistemasArquitetura e
- urbanismo
- Artes visuais
- Ciência da computação
- Ciências biológicas (bacharelado)
- Ciências biológicas (licenciatura)
- Ciências contábeis
- Ciências da natureza
- Ciências econômicas
- Ciências sociais (bacharelado)
- Ciências sociais (licenciatura)Design
- gráfico
- Direito
- Educação do campo Educação
- física (bacharelado)Educação
- física (licenciatura)Enfermagem
- Engenharia ambiental
- Engenharia civil Engenharia
- de computação
- Engenharia de controle e automação
- Engenharia de petróleo
- Engenharia de produção
- Engenharia elétrica
- Engenharia mecânica
- Engenharia metalúrgica
- Farmácia
- Física (licenciatura)
- Fisioterapia

- Fonoaudiologia Geografia
- (bacharelado)Geografia
- (licenciatura) Gestão
- comercial
- Gestão de recursos humanos
- História (bacharelado) História
- (licenciatura) Jornalismo
- Letras
- Letras - inglês
- Letras - português e literaturas
- Logística
- Manutenção industrial
- Marketing
- Matemática (licenciatura)
- Medicina
- Medicina veterinária Música
- educação musicalNutrição
- Odontologia
- Pedagogia Psicologia
- Química (licenciatura)
- Relações internacionais
- Serviço social
- Sistemas de informação Sistemas
- de telecomunicaçõesTeatro
- Teologia
- Zootecnia
- Outro

## 4. 1.3 Qual período atual? \*

*Marcar apenas uma oval.*

1°

2°

3°

4°

5°

6°

7°

8°

9°

10°

11°

12°

Outro

## 2. Perfil

## 5. 2.1 Qual a sua idade em anos completos? \*

---

## 6. 2.2 Sexo? \*

*Marcar apenas uma oval.*

Feminino

Masculino

## 7. 2.3 Como você define sua cor ou raça? \*

Marcar apenas uma oval.

- Amarela
- Branca
- Indígena
- Negra
- Parda

## 8. 2.4 Estado civil? \*

Marcar apenas uma oval.

- Solteiro(a)
- Casado(a) ou União Estável
- Separado(a) ou Divorciado(a)
- Viúvo(a)

## 9. 2.5 Quantos filhos você tem? \*

Marcar apenas uma oval.

- nenhum
- um
- dois
- três
- quatro
- cinco ou mais
- 
-

## 10. 2.6 Trabalha em qual município atualmente? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Campos
- No meu município de residência
- Em dois ou mais municípios Não
- trabalho (vá para 2.8) Outro:
- \_\_\_\_\_

## 11. 2.7 Qual sua ocupação atual?

\_\_\_\_\_

## 12. 2.8 Indique a renda média mensal de sua família: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Até R\$ 1.045,00 (1 sal. mín.)
- De R\$ 1.045,01 a R\$ 3.135,00 (>1 a 3 sal. mín.)
- De R\$ 3.135,01 a R\$ 5.225,00 (>3 a 5 sal. mín.)
- De R\$ 5.225,01 a R\$ 10.450,00 (>5 a 10 sal. mín.)
- Mais de R\$ 10.450,00 (>10 sal. mín.)

## 3. Trajetória familiar e escolar

## 13. 3.1 Possui irmãos ou cônjuge que cursam ou já cursaram Ensino Superior? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não

## 14. 3.2 Qual a escolaridade do seu pai e da sua mãe?

Marque todas que se aplicam.

	Pai	Mãe
Sem instrução	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Fundamental incompleto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Fundamental completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ensino Médio completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Superior completo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pós-graduação concluída	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não sei informar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## 15. 3.3 Sua instituição de Ensino Médio foi: \*

Marcar apenas uma oval.

- Pública
- Particular sem bolsa
- Particular com bolsa

## 16. 3.4 Quais as três principais motivações para estudar no atual curso superior?

Admite até três respostas (em ordem de importância)

*Marque todas que se aplicam.*

	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>
Desejo pessoal	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vontade/Imposição familiar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Menor concorrência na seleção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Interesse no mercado de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Falta de universidade em minha cidade de origem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ausência do curso que gostaria em minha cidade de origem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## 17. 3.5 Recebe algum dos seguintes apoios da Instituição para estudar? \*

Admite múltiplas respostas

*Marque todas que se aplicam.*

- Auxílio transporte
- Auxílio permanência
- Auxílio alimentação/bandejão
- Auxílio moradia/alojamento Bolsa
- de trabalho (qualquer tipo) Não,
- não preciso.
- Não, mas precisava receber.



## 18. 3.6 Como você avalia seu desempenho na faculdade/universidade? \*

(provas, trabalhos, participação, notas)

*Marcar apenas uma oval.*

Péssimo

Ruim

Mediano

Bom

Ótimo

## 19. 3.7 Qual destas atividades extracurriculares você participa geralmente? \*

Admite múltiplas respostas

*Marque todas que se aplicam.*

Estágio

Projetos de pesquisa/extensão

Monitoria

Curso de idioma

Grupos de estudo

Eventos científicos

Minicursos e workshops

Trabalho voluntário Nenhuma

Outro:  \_\_\_\_\_

Se estuda em instituição particular, prossiga. Se pública, vá para questão 4.1

20. 3.8 Quanto ao pagamento da mensalidade, recebe algum tipo de bolsa ou desconto?

*Marcar apenas uma oval.*

- Não. (vá para questão 3.10)
- Sim, da prefeitura do local onde moro
- Sim, do PROUNI
- Sim, da própria faculdade
- Sim, outro.

21. 3.9 Qual o tipo de bolsa/desconto?

*Marcar apenas uma oval.*

- Integral
- Parcial

22. 3.10 Quanto ao pagamento da mensalidade, faz parte de algum programa de financiamento?

*Marcar apenas uma oval.*

- Não
- Sim, da própria faculdade
- Sim, do FIES
- Sim, outro.

#### 4. Local de residência e deslocamentos

23. 4.1 Município/UF de nascimento \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Campos dos Goytacazes/RJOutro:
- \_\_\_\_\_

## 24. 4.2 Como você vai até a faculdade/universidade diariamente? \*

Admite múltiplas respostas

*Marque todas que se aplicam.*

- A pé
- De bicicleta
- De motocicleta
- Ônibus/van
- De carro particular
- De carro por aplicativo/táxi

Outro:  \_\_\_\_\_

## 25. 4.3 Quanto tempo você leva para chegar até a faculdade/universidade diariamente? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Até 09min
- De 10 a 29min
- De 30min a 59min
- De 1h a 1h59min
- De 2h a 2h59min 3h ou
- mais

Muitos alunos instalam-se em Campos para estudar, em alguma residência secundária, porém, sua residência principal fica em outro lugar. Para as próximas perguntas, considere como residência principal aquela de sua origem, onde estão seus laços familiares ou para onde você volta quando não está em período letivo (durante férias, greves, pandemia, etc.) e residência secundária como sendo a casa onde você fica para estudar.

26. 4.4 Você considera que vive em duas ou mais residências (principal e secundária)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não (vá para questão 4.7)

27. 4.5 Sua residência Secundária em Campos é:

*Marcar apenas uma oval.*

- República
- Casa da família principal
- Casa de parentes
- Casa de amigos
- Individual (próprio)
- Individual (aluguel)
- Outro: \_\_\_\_\_

28. 4.6 Qual a distância aproximada (em km) percorrida no deslocamento entre residência secundária e faculdade? \*

\_\_\_\_\_

29. 4.7 Sua residência Principal é: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Casa da família principal
- Casa de parentes
- Casa de amigos
- Individual (próprio)
- Individual (aluguel)
- Outro: \_\_\_\_\_

30. 4.8 Sua residência principal fica em qual município? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Em Campos, em distritos mais distantes
- Em Campos, na região central ou proximidades
- Outro: \_\_\_\_\_

31. 4.9 Qual a distância aproximada (em km) percorrida no deslocamento entre residência principal e faculdade? \*

\_\_\_\_\_

32. 4.10 Com que frequência retorna a sua residência principal? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Diariamente
- Pelo menos uma vez na semanaA
- cada 15 dias
- Pelo menos uma vez ao mês
- Pelo menos uma vez ao ano
- Sem frequência regular
- Não retorna (migrante)

33. 4.11 Qual é o principal tipo de transporte utilizado para o deslocamento entre residência principal e Campos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ônibus de linha Ônibus/van
- da prefeitura Lotada/van
- Automóvel próprio
- Táxi ou uber
- Motocicleta Outro:
- \_\_\_\_\_

34. 4.12 Quem é o principal responsável pelos custos com esse transporte? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Eu
- Minha família
- A prefeitura do município onde resido
- Uso gratuidade
- Sem custos (vou a pé ou de bicicleta)
- Outro: \_\_\_\_\_

35. 4.13 Qual a finalidade principal do seu atual deslocamento entre residência principal e área central de Campos? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Estudo
- Trabalho
- Serviços médicos Outro:
- \_\_\_\_\_

36. 4.14 Marque as três atividades que você mais realiza durante o trajeto casa-faculdade.

admite até três respostas (em ordem de importância)

Marque todas que se aplicam.

	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>
Estuda	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trabalha	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conversa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Faz planos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Dorme/descansa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Utiliza o celular ou computador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Nada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outros...	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

37. 4.15 Já morou em outro município antes? \*

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não (vá para 5.1)

38. 4.16 Qual o último município em que morou e em que ano saiu dele?

\_\_\_\_\_

5. Relação com a cidade e a vida social

39. 5.1 Marque os quatro lugares de Campos que você vai com mais frequência(além da faculdade).

(Em ordem de importância)

Marque todas que se aplicam.

	1°	2°	3°	4°
Casa de familiares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Casa de amigos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Casa de namorado(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Cursos diversos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Academia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Local de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Local de compras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Locais ligados ao lazer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Instituição religiosa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



## 40. 5.2 Marque os quatro serviços que você mais utiliza em Campos.

(Em ordem de importância)

*Marque todas que se aplicam.*

	1°	2°	3°	4°
Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Saúde	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lazerr	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Allimenttação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comérrcio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Academiia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bancos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trransportte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Hospedagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outtrros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

41. 5.3 Marque os três serviços que comprometem a maior parte da sua renda mensal em Campos.

Admite três respostas

Marque todas que se aplicam.

	1°	2°	3°
Educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Saúde	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Lazerr	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Allimenttação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comérrciio	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Academiia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Bancos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Trransporrtte	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Hospedagem	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outtrros...	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

42. 5.4 Existe alguma atividade social que você deixou de praticar após ingressar na faculdade/universidade? Qual? \*

---



---



---



---



---

43. 5.5 O que você faz no período em que não está na faculdade/universidade? \*

---

---

---

---

---

44. 5.6 Quais são as maiores dificuldades que você enfrenta ao longo do curso? \*

---

---

---

---

---

Estamos em busca de alguns perfis específicos para fazer apenas mais algumas perguntas, de forma virtual. Poderia contribuir ainda mais, com a garantia de sigilo de suas informações? Deixe seu contato!

Seu contato não será usado para nenhuma outra finalidade, nem será divulgado em qualquer meio.

45. DDD + Telefone

---

46. Espaço para expor algum problema, dúvida ou comentário sobre a pesquisa e/ou sobre seu deslocamento para estudo.

---

---

---

Ao concluir o questionário, você concorrerá a uma cesta de chocolates! O sorteio será realizado ao final da pesquisa, eletronicamente. O resultado será enviado por e-mail e o prêmio será entregue mediante apresentação do comprovante de matrícula do aluno. Agradecemos muito por sua colaboração e desejamos sucesso em seus estudos.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

## Apêndice 2 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO(TCLE)**

Prezado estudante, você está sendo convidado a fazer parte da Pesquisa intitulada: “Mobilidade de Estudantes do Ensino Superior em Campos dos Goytacazes”. Trata-se de uma pesquisa de doutorado em geografia, que tem como objetivo analisar o deslocamento de estudantes de nível superior na região Norte Fluminense, e se justifica pela carência de estudos que explorem de maneira exclusiva a mobilidade espacial para fins educacionais, principalmente no aspecto qualitativo. Esse estudo poderá auxiliar ainda na discussão sobre a necessidade de formulação de políticas públicas que amparem e auxiliem os estudantes de graduação em suas dificuldades cotidianas.

Sua participação será mediante respostas a uma entrevista que ocorrerá em local público previamente combinado ou, se preferir, de maneira virtual. O tempo previsto é de 30 a 60 minutos. Sua entrevista será gravada, mas eu, pesquisadora, só usarei a transcrição das informações que você cedeu, afim de registro da informação, sem divulgar a sua voz.

Você não terá nenhum gasto para participar da pesquisa.

Sua identidade e os dados coletados serão mantidos em sigilo em todas as fases da pesquisa, sendo os mesmos utilizados somente para o desenvolvimento da pesquisa e os possíveis artigos científicos que posteriormente poderão ser elaborados a partir dela.

Conforme Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, caso ele vier a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação da pesquisa terá resguardado o direito a assistência e a buscar indenização.

Este termo possui duas vias, que serão assinadas e rubricadas em todas as páginas pelo participante e pela pesquisadora, sendo que cada um receberá uma via.

Sua participação é voluntária, sendo assim você poderá desistir e/ou se retirar desta no momento que desejar.

Os eventuais riscos desta pesquisa são: constrangimento ao falar do assunto, exaustão física/mental pelo tempo gasto com os procedimentos, incômodo por relembrar situações desagradáveis. Nestes casos, a pesquisadora irá: prestar assistência psicológica, fazer pausa, etc.

Quanto aos benefícios, espera-se que os resultados da pesquisa possam proporcionar melhorias na qualidade de vida dos estudantes de ensino superior do município de Campos dos Goytacazes.

Caso o participante tenha algum gasto com a participação na pesquisa, o ressarcimento será garantido.

Todos os cuidados sanitários contra a Covid-19 serão tomados, mediante distanciamento físico, uso e disponibilização para os participantes de máscaras e álcool gel.

Em Caso de dúvidas e/ou maiores esclarecimentos sobre a pesquisa o contato será com a pesquisadora responsável: Jéssica Monteiro da Silva Tavares, e-mail: jessicamonteirost@gmail.com, telefone: (22)999732129.

Em caso de denúncias e/ou intercorrências na pesquisa o participante poderá contatar o Comitê de Ética e Pesquisa da UFES por meio do telefone: (27) 3145-9820, pelo e-mail: cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, através do endereço: Av. Fernando Ferrari, 514; Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Eu, \_\_\_\_\_ abaixo assinado, concordo voluntariamente em participar do estudo: “exemplo de pesquisa” (no caso de responsável, concordo com a participação do menor FULANO DE TAL), declaro ainda que fui devidamente informado e esclarecido pela Pesquisadora Responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Local e data: Campos dos Goytacazes, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2022.

Caso o participante tenha preferência por entrevista on-line, o termo assinado pela pesquisadora será enviado por e-mail, solicitando que o participante responda informando que leu, compreendeu e aceita participar da pesquisa.

Cabe ressaltar que, existem alguns riscos inerentes ao ambiente virtual com relação à segurança na transferência e no armazenamento dos dados, resultando na impossibilidade de a pesquisadora assegurar a integridade total dos dados. Como alternativa para evitar esse tipo de risco, será adotado o seguinte procedimento: após concluída a coleta de dados, será feito o download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem", de acordo com o ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24 de fevereiro de 2021.

A **pesquisadora responsável declara** que esta pesquisa foi avaliada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFES e que todos os procedimentos experimentais estão de acordo e obedecendo aos princípios éticos, conforme Resoluções nº 466/12 e 510/16 do CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, que estabelecem as diretrizes e normas regulamentadoras para as pesquisas envolvendo seres humanos no país.

Pesquisadora Responsável: Jéssica Monteiro da Silva Tavares

Local e data: Campos dos Goytacazes, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ de 2022.

Assinatura: \_\_\_\_\_



Apêndice 3 - Questionário semiestruturado (Segunda etapa)

Pesquisa: Mobilidade Espacial de Estudantes do Ensino Superior em Campos dos Goytacazes

2ª fase

Data: \_\_\_\_\_ Categoria: \_\_\_\_\_ Residência secundária?  Não  Sim

Identificação: \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_ Curso: \_\_\_\_\_ Período/turno: \_\_\_\_\_

1. Qual a sua idade em anos completos? \_\_ \_\_ anos
2. Sexo? 1.  Feminino 2.  Masculino 3.  Outro
3. Estado civil?
  1.  Solteira/o
  2.  Casada/o ou União Estável
  3.  Separada/o ou Divorciada/o
  4.  Viúva/o
4. Você tem filhos? 1.  Não 2.  Sim. Quantos? \_\_\_\_\_
5. Você trabalha atualmente? 1.  Não 2.  Sim. Ocupação? \_\_\_\_\_
6. Trabalha em qual município?
  1.  Campos
  2.  Outro(s). Qual(s) \_\_\_\_\_
7. Indique a renda familiar *per capita* mensal de sua família:
  1.  Até R\$ 1.045,00 (1 sal. mín.)
  2.  De R\$ 1.045,01 a R\$ 3.135,00 (>1 a 3 sal. mín.)
  3.  De R\$ 3.135,01 a R\$ 5.225,00 (>3 a 5 sal. mín.)
  4.  De R\$ 5.225,01 a R\$ 10.450,00 (>5 a 10 sal. mín.)
  5.  Mais de R\$ 10.450,00 (>10 sal. mín.)
8. Em que município/UF nasceram seus pais? \_\_\_\_\_
9. Em que município/UF você nasceu? \_\_\_\_\_
10. Em que município/UF fica sua residência principal? \_\_\_\_\_
11. Em que município fica sua residência secundária (se houver)?
  1.  Campos central
  2.  Campos distante. Qual? \_\_\_\_\_
  3.  Outro: \_\_\_\_\_
12. Com quem você mora na residência principal? \_\_\_\_\_
13. Com quem você mora na residência secundária (se houver)? \_\_\_\_\_
14. Mudou de residência ao longo da vida? 1.  Não 2.  Sim...
  1. Quantas vezes? \_\_\_\_\_
  2. Para qual município mudou da última vez? \_\_\_\_\_
  3. Quantos anos tinha aproximadamente nessa última mudança? \_\_\_\_\_
15. Qual seu principal lugar de permanência? [Onde você fica a maior parte do seu tempo] \_\_\_\_\_
16. Quanto tempo da semana você fica fora do município de residência principal? \_\_\_\_\_
17. Pretende morar em outro município futuramente? 1.  Não 2.  Sim. Qual? \_\_\_\_\_
18. Você visita seus familiares? 1.  Não 2.  Sim.
  1. Com que frequência? \_\_\_\_\_

2. *Qual grau de parentesco?* \_\_\_\_\_
3. *Onde eles moram?* \_\_\_\_\_
19. Sempre estudou em instituição da mesma categoria (público ou privada)?  
1.  Sim. Qual? \_\_\_\_\_ 2.  Não. \_\_\_\_\_
20. Já possui alguma graduação completa?  
1.  Não  
2.  Sim. Qual curso? \_\_\_\_\_ Em que município cursou? \_\_\_\_\_
21. Tem familiares próximos com ensino superior completo?  
1.  Não 2.  Sim. Quem? \_\_\_\_\_
22. Por que escolheu estudar em Campos?
23. Já conhecia alguém que estudava em Campos antes de se matricular?  
1.  Não 2.  Sim. Quem? \_\_\_\_\_  
1. *Essa pessoa (ou grupo de pessoas) ajudou você de alguma forma no processo de deslocamento/permanência ou com os estudos de alguma maneira?* \_\_\_\_\_
24. O que motivou você a escolher essa instituição?
25. O que motivou você a escolher esse curso?
26. Conseguiu o que queria em termos de curso/universidade? Como foi esse processo?
27. Como você descreve sua experiência na universidade? [Mudou seus hábitos de lazer e cultura? Ampliou sua rede de amizades e contatos?]  
  
Recebe algum apoio estudantil? 1.  Não 2.  Sim. Qual? \_\_\_\_\_  
1. *Quem o oferece? (universidade, município, governo federal, iniciativa privada...).* \_\_\_\_\_  
2. *Foi fácil conseguir?* \_\_\_\_\_  
3. *É suficiente para se manter?* \_\_\_\_\_
28. Qual meio de transporte mais usado em seus deslocamentos curtos? \_\_\_\_\_  
1. *E nos longos?* \_\_\_\_\_
29. Em quais horários esses deslocamentos são realizados?  
1.  Curtos: \_\_\_\_\_ 2.  Longos: \_\_\_\_\_
30. Frequenta algum outro município? 1.  Não 2.  Sim. Qual? \_\_\_\_\_
31. Após iniciar a faculdade, quais lugares você passou a frequentar?
32. Após iniciar a faculdade, quais lugares você deixou de frequentar?
33. Como você avalia sua qualidade de vida enquanto estudante? Como poderia melhorar?
34. Qual é o maior fator dificultador para seus estudos?

35. O que pretende fazer depois que concluir sua graduação?

36. Vamos montar seu espaço de vida, para isso, precisamos saber de algumas informações, para complementar o mapeamento.

a) *Quais lugares você frequenta no município de origem e no de destino. [Se for de Campos, só origem].*

b) *Quantas vezes você vai até cada um desses lugares por semana (ou outra frequência).*

c) *Quanto tempo permanece em cada um desses lugares?*

d) *Qual o tempo médio de duração desse deslocamento?*

e) *Alguma observação que achar pertinente.*

***Locais que frequenta na ORIGEM***

<b>Locais - ORIGEM</b>	<b>S/N</b>	<b>Quantidade de visitas (por semana)</b>	<b>Quantidade de visitas (outras frequências)</b>	<b>Tempo médio de permanência no local</b>	<b>Tempo médio de duração do deslocamento</b>	<b>Meio de transporte</b>
Residência principal						
Residência secundária						
Residência de familiares (descrever se familiares diferentes)						
Residência de amigos (descrever se amigos diferentes)						
Residência de namorado (a)						
Local de trabalho/Estágio						
Faculdade/Universidade						
Cursinho de idiomas						
Cursos diversos						
Academia						
Prática de esporte/Atividade física						
Locais de lazer						
Locais de compras (descrever)						
Instituição religiosa						
Festas						
Lanchonetes/barzinhos						
Outros. Quais?						



*Locais que frequenta no DESTINO*


<b>Locais - DESTINO</b>	<b>S/N</b>	<b>Quantidade de visitas (por semana)</b>	<b>Quantidade de visitas (outras frequências)</b>	<b>Tempo médio de permanência no local</b>	<b>Tempo médio de duração do deslocamento</b>	<b>Meio de transporte</b>
Residência principal						
Residência secundária						
Residência de familiares (descrever se familiares diferentes)						
Residência de amigos (descrever se amigos diferentes)						
Residência de namorado (a)						
Local de trabalho/Estágio						
Faculdade/Universidade						
Cursinho de idiomas						
Cursos diversos						
Academia						
Prática de esporte/Atividade física						
Locais de lazer						
Locais de compras (descrever)						
Instituição religiosa						
Festas						
Lanchonetes/barzinhos						
Outros. Quais?						

## Apêndice 4 - Página para mapeamento do espaço de vida individual

### Espaço de Vida

Locais frequentados no dia a dia.

**Localização\***



Nenhuma geometria ainda capturada.

**Nome\***

**Origem ou Destino?\***

**Onde você está agora?\***

Residência principal

Residência secundária

Residência de familiares

Residência de amigos

Residência de namorado (a)

Local de trabalho/estágio

Faculdade/Universidade

Cursinho de idiomas

Cursos diversos

Academia

Prática de esporte/atividade física

Locais de lazer

Locais de compras

Instituição religiosa

Festas

Lanchonetes/barzinhos

Outro

### Foto do local

Envie uma fotografia do local onde você está (opcional)

Selecionar arquivo imagem



Enviar